This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

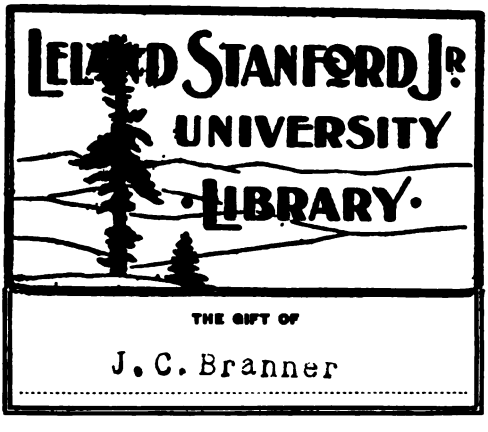
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

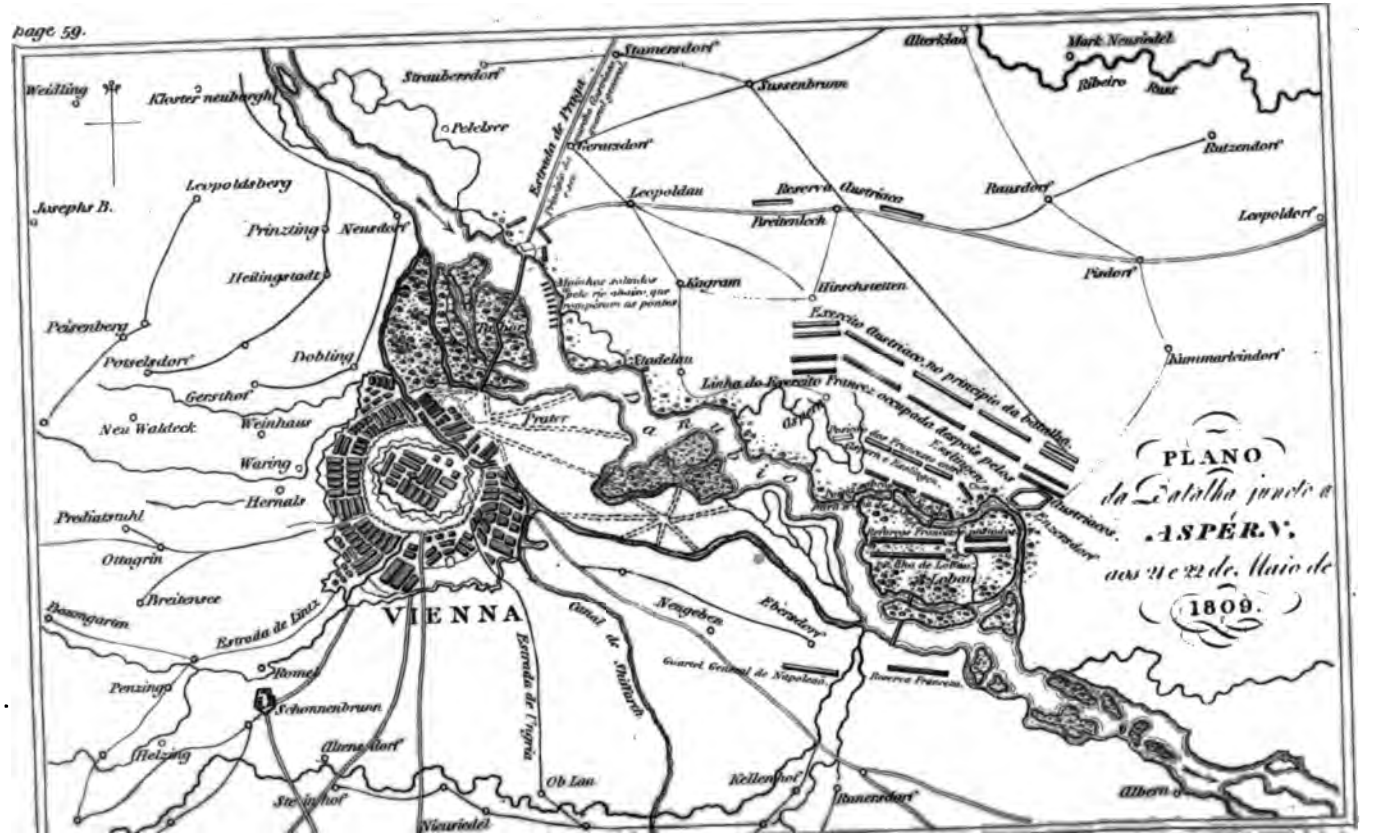
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

056.8
C824


LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY
THE GIFT OF
J. C. Branner


PLANO
da Batalha junto a
ASPERN.
aos 21 e 22 de Maio de
1809.
VIENNA
Stammersdorf
Allerklan
Mark Neusiedel
Weidling
Kloster neuburgh
Straubersdorf
Sussenbrunn
Pelcelrer
Gerausdorf
Leopoldsberg
Josephs B.
Leopoldau
Reserva Austriaca
Prinzling
Neustadt
Heiligenstadt
Kagram
Hirschstetten
Pötzendorf
Pötzleinsdorf
Dobling
Gersthof
Neu Waldeck
Weinhaus
Prater
Waring
Hernals
Ottagrin
Breitensee
Penzing
Schonnenbrun
Hetzing
Stadelau
Kummarleindorf
Ebersdorf
Neugebau
Kellenhof
Albern
Aspern
Essling

CORREIO BRAZILIENSE

OU

ARMAZEM LITERARIO.

VOL. III.

LONDRES:

IMPRESSO POR W. LEWIS, PATERNOSTER-ROW.

1809.

265717

de munições, augmentar os seus soldos, organisar e manter as Milicias, e armar toda a Naçaõ, ao mesmo tempo que a rapacidade dos Generaes Francezes, e a invasaõ das suas Tropas, haviaõ deixado inteiramente exhaustos os Cofres do Real Erario, os Públicos, e os Arsenaes, e diminuido as Rendas do Estado, com a suspenção da Industria, Commercio, e Navegaçaõ, a qual obrigou a apromptar huma Esquadra, e sustenta-la no Estreito, para conter a pirataria dos Corsarios Argelinos: que tendo feito taõ extraordinarios esforços, sem novas Contribuições, para naõ vexar os meus amados Vassallos, que desejo alliviar das que se achaõ estabelecidas: que faltando já os recursos do Real Erario para a manutençaõ dos meus Exercitos, os quaes ajudados dos valorosos de Sua Magestade Britanica, meu bom Amigo e Alliado, expulsáraõ ultimamente as Tropas Francezas da Cidade do Porto, e Provincias do Norte; e licenciados por falta de meios, chamáraõ sobre estes Reinos a sua total devastaçaõ, de que perpetuamente conservaraõ huma dolorosa memoria os Póvos das Terras, onde tem entrado a ferocidade, e tyrannia das mesmas Tropas: sou obrigado, bem a meu pezar, a fazer uso da Lei Suprema, que superior a todas as outras Leis, só contempla a salvaçaõ do Estado, e da sua Sancta Religiaõ; mas confiado nas repetidas provas de amor, zelo e patriotismo dos meus leaes Vassallos, Ecclesiasticos, e Seculares, que nesta cruel guerra, que tambem he guerra de Religiaõ, voluntariamente se prestaraõ a hum novo sacrificio, que tanto os interessa, e consiste em dar por huma vez sómente a parte das suas rendas, que for necessaria para defender a Religiaõ, e o Throno, e salvar as mesmas rendas, os proprios bens, vidas, e liberdade pública e individual, que inteiramente se perderaõ, se naõ houverem forças para a devida resistencia: Querendo com tudo usar sempre dos meios mais suaves para supprir as despezas extraordinarias e indispensaveis: mandei con-

regulando-se a cobrança pelos lançamentos do anno proximo passado, á excepçaõ do que respeita ás cavalgaduras, sobre que se fara novo lançamento, visto o patriotismo, com que muitos dos meus Vas-allos as tem dado gratuitamente para os serviços dos Exercitos. As Decimas porém dos pagamentos, que dependerem do Real Erario, e Juncta dos Juros, se descontaraõ, como se descontaõ as Ordinarias, quando se fizerem os pagamentos respectivos.

Desta Contribuiçaõ extraordinaria de defensa hei por bem izentar os Predios Urbanos, e Rusticos, ultimamente incendiados, ou assollados pelo Inimigo commum, especialmente os da Villa d'Amarante, e seu Termo, que tanto padecêraõ pela lealdade, e constancia dos seus Moradores, os quaes ficaõ muito na Minha Real contemplaçaõ e lembrança, para lhes fazer outras mercês. E mando aos Provedores das Comarcas, que de acordo com as Camaras respectivas façaõ cobrir as casas dos pobres, e seareiros, e auxiliem quanto possivel for os que naõ tivessem meios, para fazerem as sementeiras dos milhos no presente anno, com os sobejos das Sizas dos districtos dos mesmos Predios.

O Corpo do Commercio, e Capitalistas pagaraõ para esta mesma Contribuiçaõ de defensa, quatrocentos contos de réis, distribuidos, e arrecadados, dentro dos ditos dois mezes, pela Real Juncta do Commercio, e Meza do Bem Commum, com assistencia de alguns Negociantes de notoria probidade.

Os Advogados, Escriváes, Tabelliães, e Solicitadores; os Medicos, Cirurgiões, e Boticarios pagaraõ dos seus honorarios e emolumentos as quotas, que lhes forem arbitradas pelos Superintendentes, e Ministros respectivos, com Louvados competentes, na forma do Mappa junctо, e da consideraçaõ dos mesmos honorarios e emolumentos.

Os dictos Ministros arbitraraõ da mesma sorte o que

deve pagar cada huma das Lojas, e Casas publicas, declaradas no dicto Mappa.

Ficaraõ suspensas pelo tempo de hum anno naõ só todas as liberdades de Direitos, que se possaõ conceder por qualquer via e titulo que seja, mas tambem as Lealdações de todas as pessoas privilegiadas, e naõ privilegiadas.

E este se cumpirá taõ inteiramente como nelle se contem, sem dúvida ou embargo algum. Pelo que: mando ao Secretario do Governo, Encarregado da Inspecçaõ e Presidencia do Real Erario; Meza do Desembargo do Paço; Junta dos Tres Estados; Chanceller da Casa da Supplicaçaõ, que serve de Regedor; Conselheiros da Minha Fazenda, e do Conselho Ultramarino; Meza da Consciencia e Ordens; Junta do Tabaco; Senado da Camara; Relaçaõ e Casa do Porto; Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegaçaõ destes Reinos e seus Dominios; Desembargadores, Corregedores, Provedores, Juizes de Fóra, e mais Magistrados; Officiaes de Justiça, ou Fazenda, a quem o conhecimento deste pertencer, o cumpraõ e guardem, e façaõ inteiramente guardar, como nelle se contem, naõ obstante quaesquer Leis, Ordenações, Regimentos, Alvaras, Provisões, ou Estilos contrarios, que todas e todos para estes effeitos sómente hei por derogados, como se de todos e cada hum delles fizesse especial e expressa menção, ficando alias sempre em seu vigor. E ao Doutor Manoel Nicolao Esteves Negraõ, do meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chanceller Mor do Reino, mando que o faça publicar na Chancellaria, e que delle se remettaõ Cópias a todos os Tribunaes, Cabeças de Comarca, e Villas destes Reinos, registando-se em todos os Lugares, onde se costumaõ registar similhantes Alvarás, e mandando-se o Original para a Torre do Tombo. Dado no Palacio do Governo aos 7 de Junho, de 1809.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Mappa da Contribuiçaõ Extraordinaria, que deverá pagar sómente no presente anno de 1809, *e no preciso e improrogavel termo de dois mezes, os Empregos e Lojas abaixo declararadas.*

Empregos.

Advogados - - -	de	19.200	a 48.000
Escrivães - - -		9.600	a 28.800
Tabelliães - - -		9.600	a 28.800
Solicitadores - - -		4.800	a 19.200
Medicos - - -		14.400	a 48.000
Cirurgiões - - -		6.400	a 24.000
Boticarios - - -		9.600	a 28.800

Lojas.

Bacalhoeiro - - -	de	19.200	a 96.000
Mercearia - - - -		9.600	a 96.000
Tabernas e Armazens - -		4.800	a 96.000
Tendeiros - - -		2.400	a 48.000
Lojas de Bebidas e Liquores -		4.800	a 28.800
Ditas de Vinhos do Porto -		9.600	a 24.000
Casas de Cambio - -		24.000	a 96.000
a Cambistas - -			24.000
Casas de Bilhar - -		9.600	a 24.000
Padeiros - - -		14.400	a 48.000
Lojas de Ferragem - -		9.600	a 48.000
Estanceiros, e Carvoarias -		14.400	a 96.000
Estalagens - - -		24.000	a 96.000
- - -		19.200	a 48.000
- -		14.400	a 48.000
Loges naõ designadas - -		2.400	a 14.400

Palacio do Governo, em 7 de Junho, de 1809.

João Antonio Salter de Mendonça.

traçaõ das nossas tropas por aquelle ponto, e fôra mandado em Parlamentario o segundo Commandante da Fragata Ingleza Mr. Macleter, e naõ obstante este character, recebido ali, contra todas as Leis da Guerra, a repetidas descargas de fuzillaria, que por consequencia desta informaçaõ sendo aquelle Posto entaõ levado agolpes de sabre, e posta em fuga a tropa que o defendia, teve de soffrer por consequencia o destroço, que sobre si desafiara, segundo encontro nas participaçoens e combates, que tiveraõ lugar nos dias 7 e 8 do sobre dicto mez.

2.° Que a condiçaõ do 1.° Artigo em que a guarniçaõ se empenha a naõ servir contra S. A. O Principe Regente e Seus alliados durante hum anno, deve entender-se este prazo acontar desde a epoca em que a mesma guarniçaõ entrar nos Dominios de S. M. o Imperador e Rey, no continente da Europa, havendo tambem de contar-se indubitavelmente com toda a possivel brevidade na execuçaõ deste artigo pela nossa parte.

3.° Que os Artigos 11.° e 12.° tendo a unica intelligencia, de que os habitantes da Colonia, se lhe concede a manutençaõ e formulas na Administraçaõ das Leis Civis debaixo das quaes até alî se lhe administrava a justiça, he igualmente bem entendido que todos os Processos e julgados seraõ em nome do Principe Regente de Portugal, como seu Soberano, pelo absoluto Dominio que justamente lhe devolve o direito da Conquista, e das Armas, naõ podendo nunca pela conhecida preponderancia destes principios deduzirse qualquer interpretaçaõ literal de dictos Artigos, que se opunha a toda a livre acçaõ em que fica o mesmo Augusto Senhor de ampliar ou restringuir o que lhe parecér conveniente a respeito dos seus interesses, e daquelles dos seus novos sugeitos.

4.° Que o Artigo 14.° deve sér comprehendido na declaraçaõ acima, sobre os artigos 11.° e 12.° Elle será

Documentos officiaes relativos á revoluçaõ de Hespanha.

Carta do Auditor do Conselho de Navarra ao Presidente do Conselho.

ILLUSTRISSIMO SENHOR! A folhas 33 das minutas do Conselho, se diz; que um auditor do Conselho de Navarra se apresentára disfarçado, e fôra admittido á residencia de Fernando VII; e trouxe instrucçoens verbaes de S. M., limitadas a estrictas ordens, e desejos, de que se seguisse um systema de amizade e harmonia com os Francezes. As obrigaçoens que devo áquelle Supremo Tribunal, por haver supprimido o meu nome, e a mais importante parte da minha commissaõ, somente com as vistas de segurança da minha pessoa, sugeita, no tempo daquella publicaçaõ, ao poder Francez, exigem a minha gratidaõ e reconhecimento; e portanto rogo a V. A. o exprimir o mesmo. Mas agora que á custa de difficuldades, e incertezas me acho neste lugar, livre de todo o temor; penso ser necessario, que o publico saiba da minha missaõ em toda a sua extensaõ.

Eu estava em Bayonna, com outros Ministros dos Tribunaes de Navarra, quando El Rey chegou áquella Cidade. O Imperador dos Francezes naõ differio, por muitas horas, o lançar fora o veo com que cubria os seus máos procedimentos. Significou abertamente a S. M. o escandaloso, e inexperado projecto de lhe extorquir violentamente a corôa de Hespanha; e persuadido sem duvida de que, para obter promptamente as suas vistas, era necessario apertar a El Rey por todos os meios, um dos primeiros, que poz em execuçaõ, foi a intercepçaõ dos correios. Despachávam-se estes diariamente, mas o direito das gentes naõ éra garantia bastante sagrada, para os proteger contra os insultos de um governo, acustumado a naõ hesitar na escolha dos meios, para preencher os seus malvados fins. Nestas circumstancias, julgou-se S. M. obrigado a abrir novos, e secretos canaes de communicaçaõ com a

fantes em seu poder, vantagens demasiado grandes para esperar, que tornassem a succeder para o futuro. Com as vistas de demorar, e tirar daqui a maior vantagem possivel, se mandou uma nota, requerendo que fosse authorizada alguma pessoa, para explicar as suas pretensoens por escripto, porem que, se o Imperador insistisse em naõ ceder, S. M. estava resolvido a perder a sua vida antes, doque submetter-se a taõ iniqua renuncia. Com ésta segurança, e informaçaõ positiva, devia a Juncta continuar em seus procedimentos. Tendo perguntado a D. Pedro Cevallos, quando me despedi de S. Exª. se devîa communicar alguma cousa á Juncta, sobre a conducta, que devîam seguir a respeito dos Francezes, respondeo-me; que ainda que a commissaõ naõ incluia este ponto, eu podia dizer, que se tinha concordado, em geral; que naquelle tempo naõ houvesse alteraçaõ alguma; porque do contrario éra para temer que resultassem consequencias serias, a El Rey e aos Infantes, e a quantos Hespanhoes acompanhavam a S. M., e o Rey ficarîa em perigo, manifestando disposiçoens hostis, antes de estar prompto para sacudir o jugo da oppressaõ. V. Exª. sabe, que, nestas ou similhantes expressoens, me expliquei na noite de 29 de Abril, e na manhaã de 30, em que S. A. o Infante D. Antonio quiz, que eu assistisse á secçaõ, que consistio da maior parte dos membros da suprema Juncta, de todos os presidentes dos Tribunaes, e de dous Ministros de cada um; com os dous objectos de explicar a minha missaõ, e de me informar das novidades do dia e outros negocios, que se houvessem de discutir, em ordem a que eu pudesse informar a S. M. de tudo, em Bayonna, para onde voltei, na noite de 6 de Maio, despois de continuos perigos e apprehensoens, que augmentáram a minha pressa; e pois he mui proprio, na minha opiniaõ, que estes heroicos traços, no firme character do meu Soberano, naõ fiquem ocultos, tanto mais, quanto elles se confirmam, *da maneira* a mais authentica, pelo exacto pre-

enchimento das obrigaçoens da minha missaõ, em todas as suas partes; rogo a V. Exª. e ao Conselho, que, se naõ for improprio, se sirvam mandar inserir este papel, na gazeta e diario desta Cidade. Deus guarde e a V. Ex. muitos annos. Madrid, 27 de Septembro, de 1808.

L. M. J. NAVARRO.

Illmo. Sñr. D. Arias Mon y Velarde.

Formula da participaçaõ da inauguraçaõ da Suprema Juncta Central, dirigida aos Presidentes dos Tribunaes.

Illmo. e Exmo. Sñr. Com a mesma uniformidade de opiniaõ, com que se celebrou hontem a solemne inauguraçaõ da Juncta Central de Governo para os Reynos da Hespanha e Indias, se determinou hoje, por ella, communicar ao Conselho a resoluçaõ e encargo, de que os seus diversos membros houvessem de prestar o mesmo juramento, que a Juncta tem prestado, e de que vos mandei uma copia authentica, na minha carta precedente; e em segundo lugar que o dicto tribunal despache as suas scedulas, provisoens, e ordens, a todas as Junctas subordinadas, nas provincias, aos Juizes, Magistrados, Vice-Reys, e Governadores quaesquer, a fim de que em todas as materias relativas ao Governo destes Reynos, em administracçaõ de Justiça, elles obedêçam exactamente, e com promptidaõ, a esta Suprema Juncta Governante, como depositaria da authoridade soberana de nosso amado Rey Fernando VII até que tenhamos alcançado o vello restabelecido ao pleno poder e esplendor de sua augusta dignidade; sob pena, aos desobedientes, de serem tractados e punidos como traidores.—O conselho, porem, continuará a exercitar as suas funcçoens ordinarias, como estaõ reguladas por direito, referindo-se, segundo as leis, a ésta suprema Juncta, quando exceder os seus poderes em todas aquellas materias, sobre que, segundo a sua constituiçaõ, devem consultar *o Soberano.—V. Exª.* communicará esta resoluçaõ

ao Conselho, e Camara, e terá a bondade informar-me da sua execuçaõ, para informaçaõ da Juncta.

Conde de FLORIDA BLANCA, Presid. inter.
MARTIN DE GARAI, Sec. geral inter.

Aranjuez, 27 Sept. 1809.

Decreto da Juncta Central.

Entre os abusos, que se introduziram no Governo passado, um, enaõ o menos ruinoso, foi a inconsiderada precipitaçaõ e caprixo, com que de muitos annos a esta parte, se dispunham dos officios civis e ecclesiasticos, sem dar occasiaõ á Camara, e aos outros tribunaes Supremos, nas suas respectivas repartiçoens, de propor as pessoas que julgassem mais capazes de os preencher. Daqui nasceo o desgosto universal com que a naçaõ tem visto muitas pessoas de merecimento despresadas, e esquecidas, e muitos fracos, e malvados parasitas cheios de honras, e pensoens, lamentavel remuneraçaõ da baixeza e do crime. A Suprema Juncta Central, desejando impedir o ulterior progresso de taõ sério mal, e offerecer á virtude e aos talentos uma bem fundada, e segura expectaçaõ, de que os seus serviços seraõ examinados, comparados, e devidamente compensados, especialmente os que fôrem feitos em defensa de nosso amado Rey Fernando VII, e da Patria; ordena, que, nas Secretarîas de Estado e de Gabinete, se naõ attenda nem faça uso de memoriaes, para nomeaçoens de empregos; visto que, segundo as leis do Reyno, e uso antigo, antes de se conferîrem estes lugares, deve haver uma recommendaçaõ da Camara, ou outro algum dos tribunaes respectivos; todos os quaes daqui em diante devem entrar no exercicio (até agora interrompido) das importantes funcçoens, para que fôram originariamente instituidos. A Juncta, estando segura da integridade e lealdade destes respeitaveis tribunaes, naõ tem a menor duvida de que, em suas recommendaçoens, elles daraõ a pre-

ferencia aquellas pessoas, que nas presentes circumstancias se em distinguido, por um animado zelo e affeiçaõ ao seu Rey, e á sua Patria.

(Assignado) O Conde de FLORIDA BLANCA.

Aranjuez, 26 de Outubro, 1808.

Decreto Real dirigido pela suprema Juncta Governante do Reyno a todos os Conselhos.

Desde que a Hespanha, no anno de 1795, depôs as armas, que havia tomado contra o partido revolucionario, e regicida, em França; e estreitou mais as suas relaçoens com a quella Potencia, pelo tractado de alliança de 1796; tem sido naõ menos observadora religiosa das estipulaçoens daquella alliança; do que paciente no soffrimento dos innumeraveis males, que dahi lhe tem resultado. Em todas as alteraçoens do Governo Francez, que lhe mudaram o nome sem alterar a essencia de sua ambiçaõ, e systema destruidor; bem assim como, no tempo do directorio, e durante o Consulado, e Imperio, tem a Hespanha, reconhecido e respeitado os direitos de uma naçaõ independente; e a sua alliança contribuio para a gloria da França; esperando sempre que, com este generoso procedimento, venceria a illimitada ambiçaõ do Gabinete Francez, e veria chegar o momento, taõ desejado por toda a humanidade, em que se estabelecesse naquelle paiz um governo menos turbulento. Nenhum dos acontecimentos subsequentes causáram mudança na resoluçaõ da Hespanha; nem as usurpaçoens do Imperador dos Francezes na Europa, nem o desprezo total com que os interesses da Hespanha éram tractados pela França, nas suas convençoens com outras Potencias; nem as indignidades pessoaes feitas a Principes alliados ou parentes da Familia Real; nem finalmente a preponderancia, e falta de justa reciprocidade, que se manifestava, em retribuiçaõ da incessante condescendemia do Governo Hespanhol.—Seria empreza

demaziado laboriosa, e prolixa, enumerar todos os motivos de queixa que tinha a Hespanha. No decurso de poucos annos vio ella o Rey das duas Sicilias, o irmaõ do seu Soberano, dethronizado; vio os seus mesmos interesses abandonados em Amiens, consentindo o Gabinete de Paris, que ella perdesse a ilha de Trinidad, naõ obstante a promessa em contrario; em recompensa de sua fiel cooperaçaõ, em uma guerra ruinosa, emprehendida somente por causa de França: tem ella repetidas vezes visto a independencia de Portugal ameaçada, em a ordem a haver occasiaõ de extorquir pezados subsidios, involvendo em suas querellas, com aquella Potencia, a Hespanha, que resolveo, com grande magoa, seguir uma linha de conducta, contraria aos verdadeiros sentimentos de seu Soberano, em ordem a obviar a ruina total daquelle Reyno. Tem ella visto o Governo Francez exigir imperiosamente a cessaõ da Louisiana, com a intençaõ, como ao depois se manifestou, de a transferir por uma consideraçaõ pecuniaria, a uma terceira Potencia, sem o conhecimento, nem consentimento da Hespanha. Tem visto, como recompensa destes, e d'outros custosos sacrificios, e pelos Estados de Parma de que um Infante de Hespanha foi despojado, a precaria posse da Toscana ao Principe de Parma, com a intençaõ de o privar tambem daquillo pelo tempo adiante, debaixo do pretexto de lhe procurar nova compensaçaõ no Norte de Portugal, que França nem tinha o poder, nem a intençaõ de realizar. Finalmente em periodo mais recente quando um valido, odioso, governava a Monarchia despoticamente, tem a Hespanha visto a louca ambiçaõ deste homem lisongeada com illusivas, e plausiveis promessas, em ordem a desmembrar, ou subjugar o Reyno. Por outra parte os direitos, impostos sobre o commercio Hespanhol, nos portos de França, tem sido *augmentados* alem de todo o limite; em quanto as in*demnizaçoens devidas á corôa*, tem sido constantemente

texto de proceder para as costas vizinhas de Africa, a executar planos de attaque, contra outro inimigo. As suas tropas, pela mais notoria falta de fé, occupáram as fortalezas fronteiras, com o pretexto de precauçaõ, e medidas de policia, de natureza puramente militar, e em quanto se adiantáva um tractado em Paris, com um Plenipotenciario, confidente do valido, para a desmembraçaõ da Hespanha, as tropas do usurpador avançáram para a Capital, em ordem a intimidar, ou desencaminhar os Soberanos, e obrigallos a seguir o exemplo da casa de Bragança. Estes perversos designios abortáram, pela inesperada revoluçaõ de Aranjuez, aos 17, e 19 de Março; e apenas a espontanea abdicaçaõ de Carlos IV. elevou ao throno de seus antepassados seu filho mais velho, o principe herdeiro, amado pelo povo por suas virtudes, e infortunios, e o objecto de sua fidelidade jurada; quando o atroz inimigo da independencia de Hespanha, mudou o systema, e resolveo pôr a naçaõ no estado da mais deploravel orphandade, em ordem a apoderar-se ao despois della, como presa de sua ambiçaõ. Com o auxilio de seus dignos satelites, e pelos meios da mais baixa intriga elle aliciou o moço e adorado Rey de Hespanha, fazendo-o ir a Bayonna, sob pretexto de querer abraça-lo como amigo, e reconhecello como Soberano. Tambem fez ir para aquella Cidade El Rey, e a Raynha Pais, os irmaõs, e parentes do actual Rey, e, involvendo todos em uma proscripçaõ igualmente arrevida, e sem exêmplo, os forçou a assignar uma renuncia illegal, e illusoria; e loucamente se julgou senhor de um throno, que elle profanou, com o seu nome, e com o de seu irmaõ José Napoleaõ.—As suas tropas compostas de assassinos, os seus generaes obrando como vis bandidos, cubriram a infeliz Hespanha de sangue e desolaçaõ, e com uma arrogancia, que lhes he peculiar, tractáram o patriotismo como insubordinaçaõ, a honra nacional como estupidez e barbarismo, e a affeiçaõ ao Sobe-

nano, como rebeliaõ e perjurio. Roubáram as nossas Cidades, violáram as nossas virgens, profanáram os nossos templos e sagradas imagens, tractáram com desrespeito o mesmo Deus que pretendîam adorar, e que impiamente arremessavam a seus sacrilegos pés; fallávam ao povo Hespanhol, de felicidades, e regeneraçaõ, ao mesmo tempo em que devastávam os seus campos, roubávam as suas igrejas, saqueávam as suas casas, e trabalhávam por destruir a sua constituiçaõ, as suas leis, os seus usos, e intentávam fazer comque a mocidade Hespanhola servisse em cadêas, e empregasse a riqueza da naçaõ, contra outras *Potencias* pacificas, e amigas. Mas o patriotismo, e valor nacional, confundîram o orgulho do usurpador, derrotáram o seu exercito, e com a frente levantada, e cuberto de louros perseguem os seus implacaveis inimigos. Todas as provincias se armáram em defeza de taõ justa causa, Algumas dellas antes da inauguraçaõ do Governo Supremo, declaráram formalmente a guerra contra a França. Actualmente todas ellas a tem começado, e continûam as hostilidades com o maior ardor; e naõ existe um so Hespanhol, que naõ tenha jurado no seu coraçaõ, vencer ou morrer em dezeſa de sua Patria, seu Rey, e sua Religiaõ.—A Suprema Juncta Central Governante destes Reynos da Hespanha e das Indias, exercitando a authoridade Soberana em nome de seu amado Rey e Senhor D. Fernando VII, e como tal reconhecida por toda a naçaõ, declara, que despois dos 20 de Abril do presente anno, dia em que a Soberania d'El Rey Fernando VII, sua liberdade e independencia, e a augusta dignidade de toda a naçaõ fôram infamemente insultadas, e violadas em Bayonna, todos os laços que unîam a Hespanha ao Governo Francez estaõ dissolvidos, assim como todos os tractados de qualquer descripçaõ que sejam, antigos e modernos; que existîam com a França; e por consequencia declaram-se validas, e legitimas, todas as capturas, e outras medidas, que se te-

nham tomado desde aquelle periodo, e todos os actos authorizados pelo direito das gentes no estado de guerra; e tambem toda e qualquer descripçaõ de hostilidade commettida pelas provincias colectivamente, ou por individuos particulares, na contenda, que tiveram, para manter-se separadamente, até o feliz momento da uniaõ nacional; e declara a Juncta, da maneira mais solemne, que a naçaõ Hespanhola está em guerra com a França, desde a sobredicta epocha de 20 de Abril, e que ésta guerra, a mais justa que a naçaõ talvez manteve, será continuada, por mar e por terra, contra o Imperador dos Francezes, e Rey da Italia, e contra os seus Estados, e vassallos, em quanto estes, durante a oppressaõ debaixo de que se acham, ajudarem e favorecerem os designios do oppressor universal; porque a Hespanha, que foi obrigada a tomar as armas para defender a augusta dignidade de seu amado Rey, e a sua independencia nacional, naõ pode fazer a distincçaõ que desejaria fazer, entre o Governo aggressor do Imperador Napoleaõ, e a naçaõ Franceza, até que elles tenham aberto os seus olhos e recobrem a sua antiga dignidade. A Suprema Juncta central tambem declara, que as potencias, que agora gemem debaixo do oppressivo jugo do Imperador dos Francezes, podem conservar com Hespanha aquellas relaçoens, que naõ forem incompativeis com os seus justos interesses, e forem conformes aos principios da equidade natural; em quanto ellas naõ commetterem contra a Hespanha nenhum acto de hostilidade directo, ou indirecto.—Finalmente declara, que tem prestado juramento, da maneira mais solemne de naõ ouvir nem admittir proposiçaõ alguma de paz, a menos que o seu amado Soberano Fernando VII seja restituido ao seu throno, e a menos que a integridade da Hespanha, e suas Americas, seja estipulada como uma condiçaõ indispensavel sem o desmembramento da menor porçaõ do seu territorio. Consequentemente ordena que sejam communicadas

a todas as partes e dominios da Hespanha, as provisoens e regulamentos necessarios para pôr em execucaõ operaçoens offensivas contra o inimigo. O Conselho attenderá a isto, e o porá em effeito, no que lhe diz respeito. Aranjuez, 14 de Novembro, de 1808.

(*Assignado*) FLORIDA BLANCA.

Austria.

Manifesto da Corte de Vienna em 1809.

(*Continuado de p.* 553, *Vol. II.*)

Naõ podia haver duvida sobre o fim destes procedimentos, e as consequencias, que se deviam esperar delles, éram taõ palpaveis, que naõ se precizava da occurrencia de uma triste experiencia, para se conhecerem perfeitamente. S. M. conheceo de uma vez a lamentavel sorte, que se destinava a toda a Alemanha; conheceo o augmentado, e apressado perigo, que ameaçava os Estados *hereditarios* Austriacos, de um systema, que punha todos os paizes vizinhos na immediata dependencia da França. Ninguem poderia disputar ao Imperador o direito de se proteger, contra a introducçaõ de tal systema, com a maior resistencia. Mas por mais poderosos que fossem os motivos que S. M. tinha para defender este direito, uma consideraçaõ que pezava mais que todos elles, o decidio a seguir uma conducta opposta. A conservaçaõ immediata da Monarchia Austriaca, éra o primeiro e mais sagrado dever do Imperador; e na triste occurrencia dos acontecimentos que tivéram lugar, veio este a ser o interesse commum de todos os regentes e naçoens, que naõ tinham renunciado de todo, e para sempre, a sua felicidade, e existencia independente. Na situaçaõ em que o Imperador se achava naquella epocha, o arriscar a existencia da Austria a um jacto, seria obrar em contradicçaõ com o que *S. M. devia a si mesmo, e aos seus* fieis vassallos; e

alem disto, seria, destruir por uma vez todos os prospectos e esperanças dos seus companheiros em soffrimento, em se remir juntamente com elle.

S. M. se julgou tanto mais authorizado a adoptar como baze de sua politica, um systema de renunciár temporariamente a toda a resistencia, que podia comprometter o socego da Monarchia, em taõ perigoso momento; quanto, a historia primitiva, e character uniforme, e consistente de seu Governo, devîam absolver para sempre a S. M. da menor suspeita, de considerar exclusivamente o seu interesse particular; e aprazer-se, com uma indifferença de egoista, vendo á guerra nos Estados vizinhos. Era bem sabido o que o Imperador tinha feito durante uma longa série de annos, para oppor uma barreira á torrente da ruina universal, que tudo acomettia; nem era menos notorio, o que havia frustrado os seus esforços. Agora era de importancia o ceder á necessidade. Uma resistencia solitaria, e intempestiva, terîa sido taõ segura e essencialmente calamitosa á Austria, Alemanha, e Europa, como o foi em um periodo anterior, a inactividade de outras Potencias, e o seu deploravel systema de separaçaõ.

Pelo que resolveo S. M. prevenir toda a inutil e penosa discuçaõ de uma materia, cujos pontos essenciaes, alem disto, naõ admittîam controversia. Esta resoluçaõ foi facilitada, pela submissaõ e servilidade sem limites, que parecia promoverem de toda a parte o bom successo de uma taõ violenta revoluçaõ; pelo silencio de todas as outras potencias; e especialmente pela notavel indifferença com que uma parte consideravel da Alemanha vio a destruiçaõ de suas antigas instituiçoens. Ser obrigado a sustentar pelas armas uma corôa, que lhe fôra confiada pela eleiçaõ legal dos Estados Imperiaes; e que tinha sido trazida com gloria, ha seculos, pôr seus illustres antepassados, para a protecçaõ, e beneficio do Imperio, seria, em circumstancias menos oppressivas, pôr a dignidade, e

nesta situaçaõ das cousas, o manter uma falsa ou meia neutralidade; e a exactidaõ com que, desde o principio da guerra, elle se manteve nesta resoluçaõ, forçou o Imperador Napoleaõ a ser o seu involuntario panegirista.

Fez-se a paz, sem a intervençaõ de S. M., posto que a mediaçaõ, que elle havia pouco tempo propuzéra ás Potencias belligerentes, merecêra reciproca attençaõ. As condiçoens naõ eram, de forma alguma, de natureza capaz de acalmar, nem ainda de mitigar as apprehensoens que o Imperador formára desde o principio. Mas como S. M. invariavel nos seus projectos pacificos, naõ tinha resistido ás mudanças, no Governo, que se effectuaram em Napoles, e na Hollanda, taõbem se acommodou a estas, que se ajustáram em Tilsit. Terîa sido em vaõ para elle tentar enganar-se a si mesmo, a respeito da temivel e perigosa extençaõ das vantagens, que se seguráram ao Imperador Napoleaõ pela paz de Tilsit; e com tudo contempladas de certo ponto de vista, parecia, que a mesma extençaõ destas vantagens offereceria algum prospecto de descanço, pela gratificaçaõ de certos desejós, que facilmente se previo deverem seguir-se. Se esta scintila de esperança se desvaneceo brevemente, naõ pode, ao menos, o Gabinete Francez queixar-se, que S. M. attendesse a ella por um só momento. Entretanto todos os subterfugios, que se empregáram, para demorar a execuçaõ do tractado de Presburg, até Outubro de 1837, perdêram ate o sentido apparente. A evacuaçaõ de certos pontos do territorio Austriaco, possuido pelas tropas Francezas, naõ podia pospor-se mais, com alguma decencia. Principiou-se uma negociaçaõ. Devîa reentregar-se a fortaleza de Braunau. Perdêram-se as possessoens da margem direita do Isonzo. Debaixo da arbitraria denominaçaõ de uma troca, o Condado de Monte-Falcone, na margem esquerda daquelle rio, foi cedido á Austria, como indemnizaçaõ, mas isto

toda communicaçaõ reciproca; diminuio os meios de defeza, que possuiam os Estados maiores, e completou a condiçaõ abjecta dos menores: e em quanto cooperávam os motivos de hostilidade pessoaal, que naõ tinham nada de commum com a Austria, naõ podìa isto deixar de ser mui sensivel ao Imperador. Quando se estava para fazer este sacrificio, sentio S. M. ainda mais profundamente do que antes, o quam difficil era fixar limites alguns internos á pacifica submissaõ, que se oppunha ás pretensoens do Gabinete Francez, que constantemente îam em augmento.

Logo despois desta negociaçaõ, se manifestou a inquieta ambiçaõ deste Gabinete, em nova figura, apparentemente menos hostil á Austria. Fizeram-se proposiçoens a S. M. que diziam respeito á dissoluçaõ, e divisaõ de um grande imperio vizinho. A palpavel injustiça de tal empreza (que fez uma impressaõ tanto mais forte em S. M.; quanto o mesmo Gabinete, que fez a proposicaõ, naõ havìa até aqui deixado escapar opportunidade alguma de declarar, que a conservaçaõ, e integridade daquelle Imperio, éra uma das maximas fundamentaes do seu systema de politica) terîa sido sufficiente para que o Imperador se abstivesse, de lhe dar approvaçaõ: mas, alem, disto, a solida politica, e os verdadeiros interesses de sua monarchia nunca lhe permittirîam ter parte nisto. O offerecido augmento de territorio terîa sido quando muito, um ganho illusivo a S. M.; por outra parte, a unica consequencia segura serîa a introduçaõ de um exercito Francez no interior de seus Estados. E a consequencia, que desta circumstancia podìa ter resultado, se exhibio em outro theatro da politica Franceza, com temivel e instructiva perspicuidade. As transacçoens alem dos Pyrineos, pelas quaes uma dynastia, taõ intimamente ligada por laços de familia, com a casa de Austria, foi roubada do throno e liberdade, terîam, sem nenhuma referencia pessoal, tocado profundamente a S. M. Imperial. Naõ menos se terîa S. M. affligido, com a naõ

éra mais natural doque a expectaçaõ de que se destinasse á Austria um golpe mortal. As apprehensoens, e presentimentos do Mundo, îam de acordo com ésta expectaçaõ. O que acontecia ao mesmo tempo na Italia, deo nova força a estes ameaçadores agouros. Aquelle largo circulo de dominio, que umas vezes éra designado com o nome de *Novo Systema Federal*, outras vezes tinha a mais expressiva denominaçaõ de *Grande Imperio*, havîa muito tempo que tinha abraçado os Estados Italianos. Naõ foi isto bastante. A subjugaçaõ devia ser circumstanciada; devia ser mais immediata e completa. O Papá, conhecendo o seu dever, tinha resistido a uma serie de pretensoens, que terîam ferido a sua dignidade, como cabeça da Igregia, e os seus direitos antigos, como Soberano. Em um instante se desattendeo tudo o que a reverencia por sua sublime pessoa, e a estimaçaõ pela maior parte da christiandade, que vê nelle o pay commum, parece prescerever, até á mais desapiadada violencia. Tiráram-se ao Papa as provincias, que lhe havîam ficado ao tempo das primeiras usurpaçoens. A mesma Roma veio a ser a séde de uma Prefectura militar, e naõ podia occultar-se ao Mundo, que S. Santidade soffria, na sua Capital, a sorte de um prezo. As provincias pertencentes á Igreja, assim como aos Principados de Parma e Placencia, e do Reyno de Etruria, que a mesma França tinha erigido, e agora repentina e tyrannicamente destruido, fôram incorporadas ou com a França, ou com o Reyno da Italia; e a Austria soube, nesta occasiaõ, por uma oraçaõ solemne no Senado Francez, que, *he a vontade do Imperador Napoleaõ, que toda a costa do Mediterraneo e mar Adriatico se únam, ou com o territorio Francez, ou com o do Grande Imperio.* Em taes circumstancias, descançar na esperança de uma naõ interrompida continuaçaõ da paz; por mais forte que pudesse ser a resoluçaõ de fazer tudo o possivel para o obter, serîa certamente uma grande infatuaçaõ. De dia

em dia podia occurrer a necessidade de reivindicar a independencia da Monarchia, de pretençoens inteiramente inadmissiveis, ou de um attaque immediato; de dia em dia se fez mais evidente a approximaçaõ deste critico momento. Se ha meio de afastar de nós estes males, he elle um perfeito systema de defensa. Somente em uma constituiçaõ militar, que ponha limites, os mais efficazes possiveis, á esperança de subjugar facilmente a Monarchia. Neste sentido, e sómente com este designio, adoptou S. M. estas medidas, que deverîam estabelecer uma baze mais extensa para o reforço, e complemento de seu exercito. O illuminado patriotismo de seus fieis vassallos promoveo o bom successo destas medidas. Todos ficáram convencidos de que S. M. naõ buscava mais nada senaõ um bem garantido descanço; que nada éra mais alheio de seu coraçaõ do que desejar a guerra; e que somente a inevitavel necessidade o poderia induzir a exigir de seu povo nóvos sacrificios. As paternaes providencias do Imperador se puzéram por toda a parte em execuçaõ, com uma confiança igualmente honrosa ao Governo, e ao Cidadaõ.

O verdadeiro character destas medidas naõ podia ser desentendido, nem mal interpretado pelas Potencias estrangeiras, excepto no caso de que ellas estivessem preresolvidas a negar á Austria o direito da propria conservaçaõ. Tudo quanto se estabelecco, na quelle periodo, ficou dentro dos estrictos limites de um justo systema de defensa. Restringio-se tudo á organizaçaõ e complemento do poder militar da naçaõ; e havia tanto menos razaõ para temer que isto desse offensa a Estado algum; quanto similhantes, e mais extensos estabelicimentos se haviam ja feito muitos annos antes, e diariamente se fazem, naõ só em França, mas em outros paizes vizinhos. O Reyno estáva cercado de exercitos estrangeiros, que se punham no estabelecimento de guerra, e se aprontàvam a marchar

á primeira ordem. As tropas Austriacas estávam no estabelicimento de paz, e dispersas pelas suas guarniçoens ordinarias, e em parte nenhuma colligidas em grande numero. Posiçaõ ésta que excitava menor suspeita, e causava menos susto, do que se podia esperar de um grande Estado.

Nem havia razaõ da parte do Gabinete Francez, para esperar queixas; pois S. M., em todas as occasioens, que se apresentáram deo provas de immutavel apego ao systema pacifico que até aquî seguîra. Entretanto para evitar discussoens desagradaveis, manteve S. M. um constante silencio sobre algumas materias de quiexa mui essenciaes; e ao mesmo tempo, por virtude de um decreto arbitrario, fôram tomados mais de oitenta vasos Austriacos, pelos corsarios Francezes; procedimento este que naõ offerecia um bom prognostico da liberdade dos mares. A Corte Austriaca estava incessantemente occupada a repelir de si, e de seus agentes subordinados, as accusaçoens imaginadas, ou fingidas, que os inquietos agentes Francezes produziaõ, principalmente em Trieste. Nenhuma destas accuzaçoens se pudéram verificar. Todas ellas fôram victoriosamente refutadas. S. M. porém naõ parou aqui. Em ordem a extinguir a origem destas queixas, que se renovávam constantemente, e dar, ao mesmo tempo, ao Governo Francez uma prova da promptidaõ com que até anticipava, os seus desejos; e que, como o Imperador se lisongeava, naõ deixaria duvidas a respeito dos seus reaes sentimentos; S. M., por mais sevéra, que ésta restricçaõ aos ultimos restos do Commercio fosse sentida pelas suas provincias maritimas, naõ hesitou S. M. em fechar os seus portos á bandeira dos Estados Unidos da America; ainda que se lhe naõ requereo, que assim o fizesse.

Porem cousa nenhuma poderîa agora induzir a França a estimar com mais justiça a conducta de S. M. Os passos que S. M. déra, para segurar a existencia, e indepen-

mandando-se acampar essas forças, estando promptas a marchar ao primeiro avizo. Assignou-se, como razaõ destas medidas, o que se chamou, com perversa intenção "armamentos de Austria." Os mesmos exercitos Francezes fizéram movimentos, cuja direcçaõ e objecto estivéram por longo tempo ocultos debaixo do veo de obscuridade. Por varias semanas se suscitáram as mais fortes apprehensoens em varios boatos das fronteiras Austriacas; e numerosos agentes Francezes, desde Lisboa até Constantinopola, annunciáram a ruina immediata desta monarchia.

Esparzio-se porém ésta tempestade por algum tempo; mas o Gabinete Francez, naõ querendo deixar o escarmento sem tirar delle algum partido, requereo o immediato e naõ condicional reconhecimento do principe Francez, que fóra nomeado Rey da Hespanha, no meio da mais determinada resistencia da naçaõ Hespanhola. O preço que se fixou a este reconhecimento foi a retirada das tropas Francezas, das até aqui apertadas fronteiras Austriacas, para outra posiçaõ ainda que mais remota naõ menos perigosa. Porém S. M. sabia muito bem, que esta alteraçaõ, da posiçaõ das tropas Francezas, éra devida meramente á necessidade de as empregar em outro theatro, e de nenhuma maneira em consideraçaõ da Austria. O reconhecimento naõ condicional do novo Rey de Hespanha era, nestas circumstancias, um procedimento que se podia dispensar; e a demais S. M. se julgou justificado em naõ executar ésta medida, vistas as poderosas objecçoens que se offerecêram. Mas, até nas negociaçoens sobre estas proposiçoens, mostrou S. M. uma clareza, que se naõ podia desentender, o seu invariavel desejo de evitar tudo que pudesse dar ao governo Francez justo motivo de naõ estar satisfeito.

A residencia do Imperador Napoleaõ em Erfurth, lançou nova, mas naõ aprazivel luz, sobre o estado actual das cousas. O que ali se mencionou, o que dali se requereo,

S. M. I. havia trabalhado com sincera, e indefatigavel perseverança para manter a paz. Por tres longos annos se submetteo a muito sevéras e injustas pretensoens do Gabinete Francez, sem fazer uma simples queixa. Trouxe uma longa serié de custosos sacrificios, para os seus grandes desejos de descanço. E atè houve tempos em que se lisongeou com a idea de formar, por meio le novos tractados, relaçoens mais precisas, com a França; idea ésta que, de facto, nunca se pôde realizar; porque S. M. naõ buscava outra cousa, senaõ penhores de um descanço permamente, e segurança para si, e para seus vizinhos; isto he, buscava e queria condiçoens aque o Governo Francez necessariamente se havia de oppor, nem podia acceder a ellas, segundo os seus projectos de uma naturesa inteiramente differente. Por fim, quando se pensava, que, estava exhausto tudo quanto se podia imaginar, para experimentar os sentimentos amigaveis de Austria, com as mais severas provas; conseguio o governo Francez impelir a S. M. I. a que resistisse, insistindo na desistencia da quellas medidas, que formávam uma parte essencial da defeza do paiz. Era impossivel comprar a paz por similhante preço. Desde o momento em que as pessoas incumbidas da conservaçaõ da Monarchia se sugeitassem a destruir, com suas proprias maõs, o ultimo baluarte de sua existencia; se devia considerar a Monarchia extincta. O Imperador Napoleaõ naõ se podia enganar, sobre a importancia de seus desejos, nem teria jamais formado similhantes pretensoens, se naõ tivesse constituido parte de seus planos, aquillo que devia ser uma consequencia necessaria de suas demandas. Faça-se o que se fizer agora, óu para o futuro, a fim de ocultar o ponto de vista em que se devem olhar as presentes relaçoens, restará sempre uma accusaçaõ contra que a Austria naõ terá nada a dizer. Reclamar uma existencia independente, em uma crise em que os Estados, uns apoz dos outros, perdem as suas antigas con-

do de moderaçáõ, de reciproca independencia de cada Estado, da inviolabilidade dos tractados, e a preponderancia dos conselhos pacificos, tomar o lugar de um systema arrogante, de dominio unico e exclusivo. S. M. deixa nas maõs da Providencia os meios e a extensaõ a que os seus desejos se poderaõ realizar. Só se aventura a prometter confiadamente, que elle, nem pelos seus supremos interesses, nem pela integra preservaçaõ de sua Monarchia adoptara jamais, ou requererá medidas, que possam usurpar os bem adquiridos direitos, independencia, e segurança de outros Estados, e que se o bom successo de suas armas, conresponder á justiça de suas vistas, os mesmos resultados da guerra de que a Austria espéra uma garantia cabal de sua independencia, e do seu futuro descanço, estaraõ em perfeita harmonia com os verdadeiros interesses de seus vizinhos; e bem da Europa.

Suecia.

Communicaçaõ official, entre os Ministros, Sueco e Russiano.

S. Petersburgo, 9—21 de Abril, de 1809.

O Abaixo-assignado Ministro dos Negocios estrangeiros referio a S. M. o Imperador, seu Amo, a conversaçaõ que teve com o Baraõ Schewerin, Estribeiro Mor, e Gram Mestre de cerimonias da Ordem de Suecia; e recebeo ordem de S. M. para lhe declarar, em resposta, que S. M. Imperial está animado pelo mais vivo desejo de concluir uma paz prompta com a Suecia. A interrupçaõ das operaçoens militares, ao momento em que as vantagens que se obtivéram dávam as mais lisongeiras esperanças de ganhar ainda maiores vantagens, naõ pode deixar de provar de um modo o mais inquestionavel; que S. M. se sente extremamente tocado, vendo claramente que o Governo Sueeco naõ está influido pelos mesmos desejos, mas unicamente trabalha por delongar o negocio, e remover assim, para maior distancia, a saudavel obra da paz. S. M. tem igualmente fortes razoens, pelas noticias que recebeo de Suecia, para desconfiar da situaçaõ do Governo actual de Súecia. Todas éstas consideraçoens lhe impoem a penosa obrigaçaõ de recusar o armisticio proposto, e continuar as hostilidades até o periodo em que um legitimo Governo, ha Suecia;

o informe de que está sincera e firmemente determinado a concluir a paz, com as unicas condiçoens, que S. M. I. pode aceitar, e que saõ ja sabidas em Suecia. Esta resoluçaõ de S. M. naõ he por forma nenhuma dictada por um desejo de fazer novas acquisiçoens, e se declara prompto a restituir tudo quanto tem sido occupado por suas tropas, no outro lado de Kalix.—O Abaixo-assignado se aproveita desta occasiõ, &c. &c.

Assignado Conde Nicholáõ de Romanzoff.

Ao Baraõ de Schewerin.

S. Petersburgo, 22 de Abril, de 1809.

Senhor! O Baraõ de Schewerin me entregou a carta, que me fizestes a honra escrever-me, datada de Stockholmo, 6 de Abril, pela *qual fosteis* servido informar-me de se haver aceitado á resignaçaõ do Baraõ Ehrenheim, como Secretario dos Negocios Estrangeiros, cuja repartiçaõ vos foi confiada. Eu anticipo o praser que ésta nomeaçaõ me causará algum dia de entreter-me com vosco para o restabelicimento da paz, e relaçoens beneficas a ambos os Estados; e que eu reasumirei com a maior satisfacçaõ.

O Imperador, meu amo, deseja sinceramente a paz, influido tanto pelos sentimentos de seu coraçaõ, como pelo respeito ao Reyno de Suecia. Elle tem ja declarado que limitando-se á conservaçaõ do que tem adqtirido pela sorte das armas, naõ deseja mais; e quanto ás relaçoens da Suecia com a Inglaterra, elle naõ deseja senaõ salvar o Estado, e livrallo das calamidades aque estava exposto, pelo falso systema politico, até aqui seguido; que pode a Suecia fazer melhor, doque mudallo por uma vez? Um armisticio pareceo a S. M. inadmissivel, e á nota que apresentei ao Baraõ Schewerin, e de que ajuncto aqui uma copia, contem á opiniaõ do Imperador, nesta materia. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) Conde Nicholáõ de Romanzoff.

Proclamaçaõ do novo Rey de Suecia.

Nós Carlos XIII. pela graça de Deus Rey de Suecia, &c. a todos os nossos fieis vassallos, &c. &c. saude.

Quando por Providencia Divina, tomamos, ha algum tempo, o governo provisional do nosso amado paiz natal, que nos foi commettido pelos Estados do Reyno; chamamos immediatamente a attençaõ da Dieta, á indispensavel e importante obrigaçaõ de organizar uma nova Constitui-

çaõ, calculada a promover a prosperidade, tranquilidade, e felicidade do paiz, por meio de uma irrevogavel uniaõ entre os mutuos direitos e deveres do Rey e povo de Suecia. Havendo-nos informado os Estados de que elles naõ só tinham executado a importante tarefa, que lhes encarregamos, e desempenhado a confiança que nelles puzéram os seus compatriotas; mas tambem que nos tinham escolhido Rey de Suecia, e dos Godos e Vandalos, requerendo-nos a nossa approvaçaõ a ésta escolha; a cordeal, e leal maneira, em que ésta elleiçaõ se fez, nos naõ permittio que deixassemos de aceitar. Confiando no Omnipotente, que vê o mais abscondito do coraçaõ humano, e sabe a sinceridade e pureza de nossos sentimentos: movidos pelo mais fervente amor, e zelo pelo nosso paiz natal, o que só pode acabár com a nossa existencia; e confiando em que séremos poderosamente apoiados pela leal affeiçaõ da nobre naçaõ Sueca; temos por tanto accitado a Coroa e Sceptro de Suecia. He muito mais agradavel aos nossos sentimentos o ser assim chamado pela livre e naõ restricta voz do povo para ser-mos seu Rey, seu protector, e seu defensor, do que se tivessemos subido ao antigo throno de Suecia, meramente pelo direito de Successaõ hereditaria. Nos governaremos o Reyno e o povo de Suecia como um indulgente pai governa os seus filhos, com implicita confiança nos homens honrados, e com clemencia para aquelles que erram sem deliberaçaõ, e com rectidaõ para todos: e quando chegar o dia, cuja proximidade annuncia a nossa avançada idade, que porá fim aos nossos cuidados mundanos; nós receberemos alegremente nossos ultimos instantes, com a pia resignaçaõ do justo, e acabaremos com abençoar-vos.

CARLOS.

GUSTAVO SINJDSJELKE, Chanceller Aulico.

Salla do Conselho, Castello de Stockholmo, 6 de Junho, *1809.*

Roma.

Decreto de extinçaõ das temporalidades do Papa.

Napoleaõ Imperador dos Francezes, &c. Tomando em consideraçaõ que, quando Carlos Magno Imperador dos Francezes, e nosso sublime predecessor, dotou os bispos de Roma com varias terras, fôram-lhe ellas dadas como feudos para manter a paz dos seus subditos; e, por tanto, que Roma naõ deixou de continuar a ser parte do seu Imperio. Considerando mais, que, despois daquelle tempo a uniaõ do poder espiritual e temporal tem sido, e ainda he, origem de dissensoens; que os papas tem, mui frequentemente, lançado maõ de um para apoiar as suas pretensoens em outro; e que com os negocios espirituaes, que saõ de sua natureza immutaveis, se tem confundido os negocios mundanos, que môdam com as circumstancias e politica dos tempos.—Considerando finalmente, que he em vaõ tentar reconciliar, com as pretensoens temporaes do Papa, tudo o que temos concertado para a segurança do nosso exercito, descanço e prosperidade das naçoens, sobre que reynamos, e a dignidade, e inviolabilidade do nosso Imperio; Nos temos decretado, e decretamos o seguinte.

Art. I. O territorio Papal he unido ao Imperio Francez.

2. A *Cidade* de Roma, illustre pelo que nos traz á lembrança, e pelos monumentos, que contem, he declarada *cidade livre e imperial.* O seu governo e administraçaõ seraõ fixados por um decreto particular.

3. Os monumentos da grandeza Romana seraõ mantidos e conservados á custa do nosso Thesouro.

4. A divida publica he declarada ser divida do Imperio.

5. As rendas do papa seraõ fixadas em dous milhoens de francos, livres de todos os encargos, e contribuiçoens.

6. A propriedade e palacios de S. Sanctidade naõ seraõ sugeitos a imposiçaõ alguma, jurisdicçaõ, ou visita, e alem disto gozaraõ prerogativas especiaes.

7. Uma *Consulta* extraordinaria, no primeiro de Junho, tomará posse dos dominios Papaes, em nosso nome; e adoptará medidas para que, no primeiro de Janeiro de 1810, tenha effeito o governo Constitutional. Dado em Vienna aos 17 de Maio, de 1809.

(*Assignado*) Napoleaõ.

Outro decreto da mesma data nomea os membros da Consulta extraordinaria, que saõ.—Miollis, Governador

general, Presidente, Salcete; ministro d'El Rey de Napoles; Degerando, Jannet, Del Pozzo, e Debalde, Secretarios.

Proclamaçaõ da Consulta.

Romanos! A vontade do maior dos heroes vos une com o maior dos Imperios. Era justo que o primeiro povo do Mundo communicasse as bençaõs de suas leis, e a honra de seu nome, ao povo que o precedeo, em idades antigas no caminho da gloria; quando os vossos ántepassados conquistáram o Mundo. Taes éram as relosuçoens de sua magnanimidade, e o effeito de sua gloria. O desejo de promover a vossa prosperidade foi somente quem dictou este decreto de reuniaõ. O momento escolhido, para a sua adopçaõ, descobre os motivos que o produziram.—Vos sois parte do Imperio Francez; ao momento em que todos os sacrificios, que se requerem para o estabelecer estaõ feitos, Vos sois chamados para o triumpho sem participar do perigo. — Olhai para os annaes de vossa historia: ha muito que naõ contem senaõ a relaçaõ de vossas desgraças.—A vossa natural fraqueza vos constituio uma preza facil, para todo o guerreiro que quizesse cruzar os Alpes.—Unidos com a França o seu poder he o vosso; e cessa toda a miséria que provem de vossa fraqueza.—Miseraveis, como naçaõ, vós naõ ereis menos como Cidadaõs. A miseria, e a molestia, que reynava entre as vossa cidades, e villas ha muito tempo que ensináram a Europa, e a vos mesmos, que os vossos princípes, distrahidos por cuidados oppostos, estávam ínhabeis para segurar-vos a felicidade, que vós agora obteis.—Romanos! Naõ conquistados mas unidos; concidadaõs e naõ vassallos, o nosso poder naõ sómente se faz vosso; mas as nossas leis vos seguram o descanso, que nos tem tambem ja seguro.—Ao mesmo tempo que ésta reuniaõ vos dá todas as vantagens, que vos precizaveis, naõ vos tira nenhuma das que possuieis.—Roma continua a ser a séde do cabeça visivel da Igreja; e o Vaticano ricamente dotado, elevado acima de toda a influencia estrangeira, e naõ menos acima de todas as vaãs consideraçoens mundanas, apresentará ao Universo o culto de Deus mais puro, e mais esplendido. A herança de nossa antiga gloria será preservada em vossos monumentos; e as artes debaixo da protecçaõ de um grande homem, e enriquecidas por todos os modelos; naõ precizaraõ de procurar em outra parte, quem anime, empregue, ou remunere sua inspiraçaõ divina.—Este, Romanos, he o futuro que se vos patentea; cuja baze deve ser estabelecida por esta *Consulta* extraordinaria.—Garantir a vossa divida publica; reviver a

agricultura, e as artes; melhorar de todos os modos a vossa condiçaõ; e finalmente reformar todos os abusos, e anticipar os vossos desejos; saõ éstas as ordens, he ésta a meta de vosso illustre Soberano.— Romanos, ajudando os nossos esforços, vos podeis assegurar-vos mais facil e mais rapidamente, das bençaõs que nos estamos encarregados procurarvos, e que desejamos obtervos.

(Assignado) CONDE DE MIOLLIS.

Roma, 16 de Junho, 1809.

Turquia.

Firman do Gram Senhor, dirigido ao Bacha de Romelia.

Quando vos chegar ésta ordem Imperial sabereis, pelo seu theor; que, segundo um acordo feito entre a minha augusta corte e a Russia, se nomeáram dous plenipotenciarios pela sublime Porta para restabelecer a paz entre as duas Potencias: tinham ja chegado ao lugar do Congresso; e apenas tinham começado as conferencias, quando fôram informados, por avisos particulares, que a Russia intentava passar, com força armada, ás fronteiras da Turquia. Despois do conhecimento destas intençoens hostis, deve rebentar outravez a guerra, entre a minha augusta Corte, e a de Russia. Eu fiz immediatamente com que todas as fortalezas, e fortes, que tinham necessidade de se por em estado de defensa, fossem propriamente supridas, demaneira que naõ possa o exercito Russiano effectuar a sua passagem. Eu estou empregado em, reforçar todos os postos, que se devem guardar; e tenho dado ordens, tanto na Asia como na Europa, para que marchem as tropas, as quaes marcharaõ de uma vez para os pontos mencionados. Vos, o Vizir, no momento em que recebereis a minha veneravel ordem, portando-vos com aquella firmeza e conhecimento que vos characterizam, passareis as mais apertadas ordens para que tanto de noite como de dia, estejam as fronteiras guardadas; e que o paiz debaixo do vosso governo naõ fique um so momento na innaçaõ. Quem tem zelo pela religiaõ, e pelo Sancto

Propheta, deve, desde este momento, renunciar ao descanço, e ao sonno, para debellar o inimigo. Dado em constantinopla no 1º da lua Sipher (18 de Março) de 1809.—

COMMERCIO E ARTES.

Ukase do Imperador da Russia.

TODO o mundo conhece a firmeza com que o commercio dos neutraes tem sido protegido na Russia, quando as Potencias da Europa estávam em guerra: he bem sabida a constancia com que respeitou os interesses das naçoens em tempo de paz, contra os acontecimentos da guerra. Seguindo este invariavel principio, tambem durante a presente contenda com a Gram Bretanha, nós conservamos as mais plenas esperanças de que o commercio, com as Potencias amigas, naõ seria feito por meios prohibidos; mas a experiencia nos tem provado, durante a estaçaõ passada, que o inimigo achou que éra practicavel, por meio de navios neutraes, suprir-se com os productos de que necessitava, e ganhar fortaleza trocando suas producçoens; fomos agora obrigados a mandar aprehender dous vazos. Por estas razoens e para prevenir varios subterfugios e artificios, temos julgado necessario estabelecer algumas regras; e por esta ordenamos.

1. Que todos os mestres de navios neutraes que chegarem aos nossos portos, sejam obrigados a provar que a propriedade he neutral, pelos seguintes documentos do navio; a saber: um passaporte; registro do navio, rol de equipagem; livro de derrota, despacho da alfandega, manifesto da carga, carta de fretamento, conhecimentos, certificados de origem, se a carga, ou parte da mesma, pertence ao capitaõ; e pelas facturas dos vasos que vierem da America, ou das Indias, ou para ali se destinarem. No caso porem de que o Mestre

não esteja munido com algum destes documentos, será o navio mandado sahir dos nossos portos, e não terá permissão de descarregar.

2. No caso em que os navios neutraes estejam carregados em parte com mercadorias que se possa provar ser de manufactura ou producto do inimigo, será o mesmo arrestado, os bens apprehendidos, e vendidos em hasta publica, em proveito do Governo; porém se mais do que metade da carga consistir em taes bens, então não somente a carga, mas tambem o navio será apprehendido.

3. O passaporte do navio dado por uma Potencia neutral, amiga, ou alliada, não será considerado legal, logo que se mostrar que o mestre obrou contrariamente ao mesmo; ou se o navio tem differente nome nos outros papeis do mencionado no passaporte; a menos que se prove a alteração por documentos attestados pela authoridade legal, *do lugar donde* o vaso sahio, e apresentados perante o magistrado do lugar; neste caso se não considerará o mestre criminoso.

4. Não se considerará válido o passaporte se apparecer que o vaso aquem se concedeo, não estáva, ao tempo da data, em um dos portos da Potencia porquem he dado.

5. Se o sobre-carga, ou mestre, ou mais do que um terço da equipagem, de um vaso neutral, forem subditos de Potencias em guerra com nosco, ou se tal vaso não estiver provido com rol de equipagem, devidamente attestado pelo magistrado de tal porto neutral, donde partira; então navio e carga serão apprehendidos mas a equipagem posta em liberdade.

6. Se apparecer que o passaporte, apresentado pelo mestre, foi falsificado, ou alterado, navio e carga serão apprehendidos a beneficio do Governo, e o mestre será processado e sentenciado, como as leis prescrevem aos que fazem documentos falsos; a equipagem será posta em liberdade.

7. Se apparecer que um vaso esta munido com documentos dobrados, com differentes destinos; tal vaso e sua carga serão apprehendidos em beneficio do Governo. No caso de que o mestre deseje justificar-se, por haver perdido os seus documentos, e não puder produzir provas algumas; o seo vazo será detido, e se lhe concederá tempo, proporcionado ás distancias, para obter as provas que desejar: de outra maneira, se o mestre não puder esperar, o navio e carga serão immediatamente mandados sahir. Porem se á expiração do periodo fixado, o mestre não produzir as provas necessarias, o navio e carga serão apprehendidos a beneficio do Governo.

8. Nenhum navio, construido pelo inimigo, se ha de considerar neutral, amenos que entre os outros documentos se não ache um

devidamente attestado, provando que a venda ou trespasse actualmente existio, antes da declaraçaõ de guerra; de outra maneira o navio e carga seraõ aprehendidos em beneficio do Governo.

9. Se o dono ou commandante de um navio neutral for natural de alguma naçaõ que esteja em guerra com nosco, e munido de passaportes de uma Potencia neutral; em tal caso o passaporte naõ servirá, como despacho, em quanto se naõ póder provar que éram subditos, e residentes daquellas Potencias, antes da declaraçaõ da guerra; de outra maneira seraõ mandados sahir, com os seus navios; naõ se lhes concedendo tomar carga alguma.

S. Petersburgo, 7 de Maio, de 1809.

França.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rey da Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno—Temos decretado e decretamos os seguinte:

ART. I. As relaçoens entre França e Hollanda seraõ restabelecidas no mesmo pé em que estávam, antes do nosso decreto de 16 de Septembro, de 1808.

ART. II. O nosso ministro de Finanças he encarregado de pôr este decreto em execuçaõ.

Dado no nosso campo Imperial em Ebetsdoff, 4 de Junho, 1809.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Hollanda.

(Um Decreto de 30 de Junho, estabelece o seguinte.)

Os navios Americanos que chegarem dentro em tres mezes, da data deste, naõ seraõ sugeitos aos regulamentos de bloqueio, com tanto que os mesmos naõ tenham estado em Inglaterra, nem tenham sido vizitados pelo inimigo. Todos os capitaens daraõ declaraçoens conformes a este artigo; em caso de prevaricaçaõ, seraõ confiscados o navio e carga.—Aquella parte da carga que se mostrar está conforme aos regulamentos existentes, será posta á disposiçaõ dos proprietarios ou consignatarios, o resto será sequestrada, e depositada nos armazens d'El Rey.

tencia de um partido no Brazil, que seja contrario ao franqueamento do commercio daquelle paiz com a Inglaterra. Se existe um tal partido deve elle ser composto de pessoas ou mui ignorantes, ou mal intencionadas; mas nem por isso me parece que se deve de todo approvar, o argumento de comparaçaõ do Imperador de Calecut e Vasco da Gama. He sem duvida, que se deve patentear o commercio do Brazil aos Inglezes, e ás outras naçoens, mas naõ certamente pelo temor de que Sir Sidney faça, no Rio de Janeiro, o papel de Vasco da Gama em Calecut; e naõ he demasiado decente, ainda que isso seja possivel, o ser alegado como motivo; por um natural do paiz.

O author passa despois a mostrar, o que faz com bastante clareza, que a Inglaterra tem a sua agricultura, artes, e commercio, elevadas a um grande ponto de perfeiçaõ, e daqui deduz, com muita rázaõ, que o seu commercio deve ser summamente importante ao Brazil; naõ só pôr que os Inglezes podem consumir mais que as outras naçoens os productos do Brazil, mas porque as suas luzes nestes differentes ramos da civilizaçaõ, se participaraõ naturalmente ao Brazil, com a mutua communicaçaõ. Mas poderia duvidar-se o effeito que terîa, em muitos espiritos, a enumeraçaõ que faz o author das grandes, e exclusivas vantagens, que os Inglezes gozam no commercio do Mundo; porque como o interesse do comprador está na razaõ inversa do do vendedor, he mui possivel, que á vista do muito que os Inglezes sabem tirar partido do commercio, se amedrontem os negociantes do Brazil de negociar com elles; e se assim for achará o author que provou demaziado na defensa de sua justa causa.

O author, a p. 40; resume as vantagens que deve tirar o Brazil de admittir os fundos, que os Inglezes levam para aquelle paiz; primeiro a saîda dos seus generos; segundo a extensaõ de sua industria; e terceiro a introducçaõ

do estudo da lingua Ingleza, e imitaçaõ do espirito publico Inglez.

Passando a primeira, e segunda vantagem; he de notar, na demonstraçaõ da terceira, uma citaçaõ que o author faz da opiniaõ de Mr. Tailleyrand, exministro dos negocios estrangeiros na França; em que mostra a preferencia que os Americanos, nos Estados Unidos, daõ ao Commercio de Inglaterra; e, a p. 47, diz o Author que deixa aos leitores o fazer a applicaçaõ daquellas observaçoens ao caso do Brazil; e acrescenta. " O parallelo entre nós e os Anglo-Americanos em as relaçoens commerciaes com a Inglaterra, deve dar resultados ainda mais fortes a favor do Brazil, que naõ tem razaõ de queixa contra aquelle paiz e seu governo."

O author permittirá que alguem tire uma conclusaõ directamente oposta á sua, dando as razoens que para isso occorrem. A prosperidade dos Estados Unidos naõ he devida ao commercio de Inglaterra, mas sim e principalmente á sua forma livre de Governo. E da liberdade illimitadissima, que o commercio Americano goza, se segue que os Inglezes naõ podem ali tirar vantagens demasiadas; posto que tirem as que saõ racionaveis; no Brazil porém, onde o filho do lavrador, ou do mechanico pode ser preso para soldado, quer seu pay precise delle quer naõ, para levar a diante o seu trafico; onde o negociante, que se acha muitas vezes sem outro capital senaõ o seu credito, pode ser mandado a entrar para o Erario com um emprestimo forçado, que lhe arruina inteiramente a suas especulaçoens; onde o magistrado a titulo de policia, e o Governador militar, sem titulo algum, podem mandar prender um homem de segredo, sem lhe importar os contractos e obrigaçoens que elle tem de preencher; onde &c. &c. &c. naõ he possivel que os naturaes do paiz possam fazer com os Inglezes, nem com outra alguma potencia, um commercio taõ vantajoso como fazem os Anglo-Americanos; que prote-

gidos por leis inalteraveis, que ninguem tem o direito de dispensar, gozam da plenitude de sua industria, e de seu credito.

A fonte primaria da prosperidade dos Estados Unidos provém do grande augmento de população, occasionada pelo concurso de emigrados, que de toda a parte da Europa; ainda dos climas mais bellos, fogem a procurar nas doentias Regioens dos Estados Unidos o azylo das leys, que em seus paizes não encontráyam. O clima e terreno do Brazil, geralmente fallando, he muito melhor que o dos Estados Unidos; mas ¿ ha no Brazil os mesmos attractivos para uma imigração, que os Europeos encontram nos Estados Unidos? Todo o mundo convirá com o author, na verdade da encantadora, e exacta descripçaõ que faz (p. 49) da riqueza natural do terreno do Brazil; mas o author naõ poderá negar, que tudo isto que o paiz offerece he inutil, quando naõ ha braços que recolham os bens, que a natureza lhe patentea. Nos Estados Unidos naõ ha monopolio algum de diamantes, de pao Brazil, de cartas de jogar, de urzela, &c, naõ ha privilegios de qualidade alguma, para ninguem; naõ ha direitos alguns de exportaçaõ; mas pelo contrario ha tal differença de direitos de tonellada, entre os navios nacionaes, e estrangeiros, que daõ uma decidida vantagem aos seus. Donde se segue, que o grande commercio, que fazem com a Inglaterra, e que he mui util aos Inglezes; he consequencia, e naõ causa primaria, da prosperidade dos Estados Unidos.

A p. 49, no fim, o author faz voltar os olhos para o commercio da Africa; seria melhor naõ fallar nisto, logo depois de lembrar a prosperidade dos Estados Unidos onde a escravidaõ está abolida; seguindo o conselho; guardo tambem nisto o silencio. Se o Governo do Brazil remediar este mal; os philantropos lhe perdoaraõ todos os mais.

A p. 52, diz o author: "Como S. M. o Rey da Gram

sequencia no tractado de commercio, que se vai a formar entre as duas naçoens.

Todo o mundo conhece, que a Inglaterra he a potencia mais adequada para ter uma intima amizade, e alliança com o Brazil. Este paiz nascente, e falto de experiencia, só da Inglaterra póde, nas actuaes circumstancias, aprender a organizar as suas instituiçoens politicas, a dirigir as suas operaçoens commerciaes; a dispor e tirar vantagem dos seus recursos de finanças, &c., e por isso he mui louvavel o panegirico que, em toda ésta segunda parte, o author tece á Gram Bretanha; e seria para desejar que elle apontasse a seus compatriotas aquellas causas intrinsecas, inherentes ao governo Inglez, que tem produzido taõ beneficos effeitos para a naçaõ. Sem duvida se author se applicasse a desenvolver bem estes principios propondo-os á imitaçaõ de seus compatriotas, teriam os seus conhecidos talentos sido mais bem succedidos do que na defensa que faz (a p. 63) do tractado de Methuen. Smith he um excellente economista mas a sua authoridade, neste caso, apresenta ao nosso author um mao apoio, debilitado pela conhecida parcialidade de um Inglez, que se propunha justificar este tractado, taõ favoravel á sua naçaõ.

Concede-se de boa vontade ao author, que: " nem entre particulares e amigos se deixam de relevar algumas asperezas de genio, e differenças de obrar, e pensar; e que he chiméra querer perfeiçaõ ideal nos homens; optimo he o que tem menos defeitos." (p. 67.) Mas por isso mesmo naõ he precizo occultar, antes se deve notar como uma falta, em nosso aliás bom amigo, que tomasse Goa e Madeira, nas circumstancias em que o fez. Outra vez repito que nenhuma amizade he taõ util ao Brazil como a da Inglaterra, que se deve comprar mesmo á custa de sacrificios, porém as cousas tem termos; a honra, a independencia nacional nunca deve ser sacrificada, nesse caso he me-

lhor ser colonia do que alliado de uma potencia, que sem permissaõ do governo manda guarnecer-lhe as suas praças. Como colonia este acto he de justiça, como naçaõ independente, he ignominioso.

O author (a p. 69) passa á demonstrar que; "Quando naõ tivessemos a antiga alliança com o Governo Britanico para, na crise actual, se fazer recta escolha do partido politico, bastaria advertir, que a França se propoem, sem mascara, nem rebuço, á universal *conquista, e dominaçaõ*; e a Gram Bretanha simplesmente *Commercio e riqueza.*" He o author justo em seus principios, e concludente em seus racionios a este respeito; e se recommenda a meditaçaõ de suas razoens a todos os que tiverem a mania de querer sustentar a opiniaõ opposta. E ao mesmo tempo damos o parabem ao Brazil de que a faculdade da imprensa chegue lá ao ponto de que o nosso author pudesse dizer (p. 77) *Espirito de commercio, e regimen militar saõ incompativeis. Dizer-se á industria e commercio, que se vaõ abrigar aonde prevalece um Poder, que faz a sua vontade a suprema Lei, que prohibe, ou paralyza a seu arbitrio o trabalho humano. he o mesmo que dizer á pomba e ao cordeiro, que vaõ descançar na vizinhança do açor, e do Lobo.*" Praza a Deus que estas maximas do author sêjam attendidas por seus compatriotas, com a attençaõ que merecem; e veremos abolido o governo despotico militar das capitanias do Brazil.

O restante da segunda parte deste folheto, he empregado em justificar a Inglaterra contra as accusaçoens da França sobre o attaque de Compenhagen, desrespeito das bandeiras neutras, &c.; o author he taõ feliz em seus raciocinios quanto he justa a causa que defende; mas naõ diremos nada a esse respeito, pela pouca connexaõ que isso tem com o commercio franco do Brazil, pelo qual nós entendemos o commercio com todas as naçoens, e naõ só com a Inglaterra.

Concluimos com advertir, que se notáram algumas pequenas inexactidoens neste interessante folheto, não com o fim sómente de rectificar algumas das proposiçoens não de todo correctas; mas tambem para mostrar que se leo, com a attençaõ que merece, um opusculo taõ util, e taõ cheio de observaçoens dignas de serem lidas por todos os compatriotas do Author.

MISCELLANEA.

Bulletins Austriacos.

Quartel general de Wolckersdorf, Junho 6, 1809.

Despois da grande batalha de Aspern nada de importancia tem occorrido, nem de uma nem de outra parte, mas tem havido escaramuças, e algumas acçoens insignificantes, nas quaes se tem mostrado o espirito e coragem das tropas de S. M. Defronte de Krems, o Gen. Schusteck passou á margem direita do Danubio, com uma divisaõ, e tomou prisioneiros alguns Francezes, O inimigo quiz vingar-se disso abrindo uma canhonada contra Kreims e Stein. —Defronte de Presburgo, na margem direita do Danubio, mandou o Generalissimo erigir uma cabeça de ponte; o corpo do inimigo, commandado pelo marechal Davoust, fez tres attaques vigorosos contra a cabeça de ponte; alguns batalhoens de milicia Landwehr, se distinguiram muito, em sua defeza. Antes disto tinham as tropas Landwehr, em Ebersberg, Nusdorff, e na grande batalha de Aspern, obrado em emulaçaõ das tropas veteranas, e se cubriram de gloria. A insurrecçaõ Hungara se está adiantando para reforçar o grande exercito. Dentro em poucos dias 40.000 homens estaraõ nas fronteiras, e formaraõ uma juncçaõ com o exercito debaixo do commando do Archiduque Joaõ, que communica com o grande exer-

cito por Presburgo.—Em toda a parte se manifesta um grande zelo. S. M. recebe todos os dias as mais decisivas provas da affeiçaõ de seus subditos. A naçaõ Ungara se tem voluntariamente declarado, que está prompta para os maiores sacrificios. No exercito ha fartura, e unanimidade.

Buletim do exercito Imperial. Grafin Neusidd, 11 de Junho. O Cap. Meniger dos courasseires do Archiduque Francisco cruzou o Danubio aos 31 de Maio, e dispersou, em Langenstein, um destacamento de dragoens Saxonicos do Regimento do duque Alberto. Avançou no mesmo dia para Amslatten, onde encontrou com um corpo de Saxonios, e outras tropas inimigas, com quem entrou em acçaõ, e matou 200 homens, entre os quaes havia 7 officiaes, e aprissonou 11.—Aos 9 do corrente tentou o inimigo apoderar-se do porto de Theben, situado defronte de Heimburg, provavelmente com as vistas de tomar Presburgo e a cabeça de ponte, construida na margem direita do Danubio. Approximáram-se á nossa margem 500 homens, em 5 visos, mas um batalhaõ Austriaco de Landwehr, que ali estava postado, fez ao inimigo taõ quente recepçaõ, que elle se vio obrigado a retirar-se com a maior promptidaõ.—O batalhaõ de milicia de Bohemia, que he commandado pelo Conde Huntmeun, aprehendeo, nas vizinhancas da aldea de Obermied, dous barcos grandes carregados de arroz, e agoardente, e destinados para o exercito inimigo.

Quartel Imperial de Wolversdorf, 12 de Junho.

S. M. o Imperador de Austria recebeo o seguinte relatorio, por um correio que foi despachado de Inspruck aos 30 de Maio.—Despois que o marechal de campo Chasteler, que commandava no Tyrol, marchou para Lientz, em Pusterdale, em ordem a attacar o exercito Italiano, que estava avançando para a Stiria, e Carinthia, com parte do seu corpo, o Major general Austriaco Buol ficou, com parte do seu corpo, na forte posiçaõ ao pe do monte Brenner, no Lueg; em ordem a cubrir o sul do Tyrol dos attaques das tropas Bavaras; que haviam

entrado Inspruck.—Em quanto os habitantes das cidades de Inspruch e Hall depunham as armas, em ordem a aleviar os seus districtos das calamidades, que soffriam, novos ajunctamentos de paizanos armados se formávam no vale do Inn superior, e em Lech, e no Vinsigau, com a assistencia do major Teimer, e em Dale no Inn inferior, e no Wipp, principalmente pelo bem conhecido Sandworth e Anduro Hofer, que commanda os fusileiros. Já aos 27 de Maio, tinha o primeiro chegado, com 2,000 homens, ás vizinhanças de Schonberg, e o major Teimer, com um maior numero, ao Telf. Schonberg está situado a 3 horas, e Telf a 4 horas de marcha de Inspruch.—Aos 26 houve uma acçaõ com as tropas Bavaras, que éram de 6 a 8.000 homens, e se concluio um armisticio por 12 horas. Os Bavaros tinham evacuado Inspruch, mas alcançados juncto a Vomp, onde houve outro renhido conflicto. Segundo a mesma conta as tropas Imperiaes Austriacas fazem incursoens nas partes Meridionaes de Tyrol, até Verona.

Bulletim Imperial do exercito Austriaco. Wolhersdorff, 18 de Junho de 1809.

Aos 15 do corrente o corpo commandado por S. A. Imperial e Real o archiduque Joaõ, composto de 20.000 homens de linha, e 16.000 da insurreiçaõ Hungara, fôi attacado nas vizinhanças de Raab, por um exercito Francez avaluado em 50.000 homens.—As tropas de linha pelejáram todo o dia com o melhor successo; e o inimigo soffreo a perca de 2.000 homens mortos ou feridos. Mas como a ala direita consistia, pela maior parte, de gente da insurrecçaõ, de quem se naõ podia esperar a coragem de tropas veteranas, naõ pudéram igualar o inimigo; e S. A. I. e R. julgou mais conveniente, para obter o seu objecto, retroceder a uma posiçaõ juncto a Comorn, e segurar deste modo a facilidade de sua juncçaõ com o exercito principal.—Isto porém naõ causou mudança essencial nas posiçoens do exercito Imperial e Real; e o archiduque Joaõ louva altamente a excellente disposiçaõ, e patriotica promptidaõ da insurrecçaõ Hungara.—As tropas Imperiaes e Reaes soffrêram nesta acçaõ a perca de 1.300

homens em mortos, feridos, e alguns poucos prisioneiros. Cousa de 400 Francezes ficáram prisioneiros dos Austriacos. O exercito, longe de perseguir as tropas Austriacas, retirou-se para detraz de Raab. Dalmacia está outravez no poder das tropas Imperiaes e Reaes. O inimigo foi obrigado a abandonar Zeng, e Fiume, e as ilhas ao longo da costa de Dalmacia. O gen. Marmont retirou-se com tal pressa, que os Austriacos fizéram um grande numero de prisioneiros. O inimigo deixou tambem nos hospitaes, grande numero de feridos, entre os quaes ha tres generaes Francezes, um delles he Launay. Trieste deve a este tempo estar livre dos inimigos. Os Inglezes por uma parte, e os Turcos pela outra, fazem causa commum com as tropas Austriacas.—O corpo do inimigo, commandado pelo gen. Marmont está reduzido a 6.000 homens, e está postado ao presente entre Laybach e Klagenfurth. Mas o gen. Conde Giulay, está outravez senhor do paiz de Cilley, e communica immediatamente com o gen. Chastellar. As tropas Austriacas se tem estendido para o sul do Tyrol, até Verona e Bassano.

Relaçaõ da batalha juncto de Aspern aos 21 *e* 22 *de Maio de* 1809: *Entre o Archiduque Carlos de Austria Generalissimo dos Exercitos Imperiaes Austriacos: e o Imperador Napoleaõ, commandante em chefe dos exercitos Francezes e Alliados.*

(*Com um plano do campo da batalha.*)

Havendo o Imperador Napoleaõ conseguido, depois de alguns sanguinarios attaques, juncto a Abensberg, Hausen, e Dinllingen, em que a fortuna da guerra favorecco as Armas Austriacas, ao ponto de obrigar a guarniçaõ Franceza de Ratisbonna a render-se; e cortar a ala esquerda do exercito Austriaco; e repellilla para Landshut; e ao depois avançando por Eckmul, com um corpo superior de cavallaria, tomado o caminho de Eglofsheim, forçando á retirar-se aquelles corpos Austriacos, que estávam postados nas alturas de Leikepoint e Talmessing: o Archiduque aos 23 de Abril cruzou o Danubio,

juncto a Ratisbonna, e se unio ao corpo de Bellegarde, que tinha aberto a campanha por varias acçoens bem succedidas, no Palatinado superior, e chegado a Amberg, Newmarkt, e Heman, e se approximára por este tempo a Stadt-am-Hof, em ordem a executar a sua juncçaõ immediata com o Archiduque.

O Imperador Napoleaõ ordenou o bombardeamento de Ratisbonna, occupada por alguns poucos batalhoens, que devíam cubrir a passagem do Danubio: Aos 23 pela tarde, se apoderou della, e immediatamente se apressou ao longo da margem direita do Danubio, para entrar nos Estados Austriacos, a fim, como elle abertamente declarou, de dictar a paz em Vienna.—O exercito Austriaco tinha tomado uma posiçaõ juncto a Cham, por detraz do rio Regen, que estava observado por algumas divisoens do inimigo, em quanto o Imperador Napoleaõ lançou maõ de todas as tropas de que podia dispor, e a marchas forçadas do norte da Alemanha, para o Danubio; e reforçou consideravelmente o seu exercito, com as tropas de Wurtemburg, Hessia, Baden, e algum tempo despois com as de Saxonja.—Juncto a Kirn e Nittenau, houvéram algumas acçoens, entre os postos avançados, as quaes porém naõ tivéram influencia nos exercitos. Por mais facil que houvera sido ao Archiduque, o continuar as suas operaçoens offensivas, sobre a margem esquerda do Danubio, sem resistencia consideravel; e por mais que lhe fosse grata a idea de aleviar as provincias, que gemiam debaixo da oppressaõ de dominio estrangeiro, a conservaçaõ do seu paiz natal lhe naõ permittio soffrer, que o inimigo devastasse impunemente as entranhas da monarchia, nem render as ricas fontes de sua independencia, nem expor a felicidade dos subditos ás devastaçoens de conquistadores inimigos.—Estes motivos induziram o Archiduque a conduzir o seu exercito para a Bohemia, pelo caminho de Klentsch e Neumarkt, para occupar os bosques de Bohemia, com as tropas ligeiras e parte da milicia; dirigindo a sua marcha para Budweis, onde chegou aos 3 de Maio; esperando recolher, juncto a Lintz a sua ala esquerda que se tinha separado delle, e éra commandada pelo Ten. gen. Baraõ Hiller.—Mas este tinha sido taõ apertado pelas forças unidas dos exercitos Francezes, que, despois de varios attaques mui vivos, e mesmo uma acçaõ brilhante, em que as tropas fizéram tudo quanto éra possivel, contra a desproporcionada superioridade de numero do inimigo, póde elle chegar até Lintz, mas incapacitado de cruzar o Danubio, e obrigado a contentar-se com destruir a communicaçaõ com a margem esquerda, tomando uma posiçaõ por detraz do Traun, juncto a Ebersberg. Foi ésta a *occasiaõ de uma* mui sanguinaria peleja, durante a qual o inimigo,

assaltando a ponte, perdeo 4.000 homens. Lançou-se fogo a Ebersberg, e o ten. gen. Hiller continuou a sua retirada ganhando tanto em avanço ao inimigo, que passou o Danubio juncto a Stain, sem ser disturbado pelo inimigo; e esperou a chegada do Archiduque, que depois de haver em vaõ tentado a juncçaõ do exercito, em Lintz, marchou de Budweis para Zwettel; esperando ainda poder, com uma rapida passagem do Danubio, arrestar os progressos do inimigo para a Metropole.

Entre tanto um corpo de Wurtemberguezes avançou de Passau ao longo de ambas as margens do Danubio, occupou Lintz, e a margem opposta, restabeleceo a ponte, e se assignalou destruindo aldeas indefezas, e habitaçoens que naõ podiám ser protegidas pela pequena guarda avançada, que marchava ao lado do exercito principal. O inimigo caminhando pelo vale do Danubio em linha recta se adiantou tanto, que se perderam absolutamente as esperanças de o alcançar em frente de Vienna. Com tudo se aquella Cidade se pudesse ter defendido por cinco dias, seria soccorrida; e o archiduque resolveo arriscar tudo para salvar ésta boa Cidade, que pela excellente disposiçaõ de seus Cidadaõs, e fiel affeiçaõ a seu Soberano, tem erigido a si mesma um eterno monumento nos annaes de Austria. Todos os seus planos se dirigiram agora para ganhar as pontes que crûzam o Danubio, juncto a Vienna, trabalhando por salvar a residencia Imperial, por um combate debaixo de seus muros.

Vienna, antigamente uma fortaleza importante, foi em vaõ cercada pelos Turcos, e mesmo agora, pela solidez de seus muros, forte profil de suas obras, e extenso systema de suas minas, poderia fazer uma dilatada resistencia, se, por mais de um seculo a ésta parte, o luxo de uma grande Metropole, a falta de commodos, o confluxo de todos os Magnates do Imperio, e a pompa de uma Corte esplendida, naõ tivessem inteiramente apagado todas as consideraçoens de defeza militar. Palacios adornávam os muros, as casamatas, e fossos estávam convertidos em loges e officinas de trabalhadores; as contraescarpas eram conhecidas por plantaçoens, e lamedas de arvores atravessavam a esplanada, unindo ao corpo da praça os mais bellos suburbios do mundo. Ainda que, nestas circunstancias se naõ podia esperar uma obstinada resistencia na capital, com tudo, da incomparavel lealdade dos habitantes, se seguio uma confiança de que Vienna poderia, por poucos dias servir como de cabeça de ponte, para cubir a passagem do rio; daqui vem que todas as preparaçoens naõ montávam a mais do que segurar a praça, contra um golpe de maõ; e por ésta razaõ tinha o Archiduque algum tempo antes ordenado ao marechal de campo

Hiller, que enviasse parte do seu corpo ao longo da margem direita, na direcçaõ da capital, no caso que o Archiduque passasse para a margem esquerda.

O marechal de campo Hiller recebeo agora ordens para queimar a ponte juncto a Stain, na sua retaguarda, e deixar um pequeno corpo de observaçaõ juncto a Krems, e dirigir-se a marchas forçadas, com o forte do seu exercito, para os orredores de Vienna; e, se as circumstancias o permittissem, occupar as pequenas ilhas, e conservar a communicaçaõ com a cidade, e sahida das pontes. O exercito do Archiduque avançou agora sem interrupçaõ, por Neupolla, Horn, e Weikendorf, sobre Stakerau; e, em ordem a frustrar as entrepezas que o inimigo pudesse projectar dos orredores de Linz, parte do corpo do gen. de artilheria, Conde Kollowrath, que até entaõ estivéra juncto a Pilsen, com as vistas de segurar a fronteira do norte e léste de Bohemia, teve ordem de marchar para Budweis. Napoleaõ deo-se tal pressa, nesta marcha para Vienna, que, aos 9 de Maio appareceram as suas tropas avançadas sobre a esplanada da fortaleza, donde foram expulsados com alguns tiros de canhaõ. Defendiam a cidade 3 ou 4 mil homens de tropa regular, outros tantos cidadaõs armados, e alguns batalhoens da milicia do paiz: assestou-se nos muros artilheria de varios calibres; abandonáram-se os suburbios, por causa de sua grande extensaõ; e as numerosas ilhas e terreno baixo, e de mato por detraz da cidade se occupáram com algumas tropas ligeiras do corpo de Hiller, e de milicia. O corpo em massa, estava postado no que se chama "a Ponta," na margem esquerda do rio, esperando a chegada do exercito que se avançava a toda a pressa.

A occupaçaõ de Vienna formava taõ essencial parte dos extensos planos do Imperador dos Francezes; a sua conquista fôra por elle annunciada com tanta confidencia, e êra de tanta importancia para confirmar o prejuizo do seu poder irresistivel, que elle naõ podia deixar de empregar todos os methodos de a tomar, antes que chegasse o soccorro, que estava taõ perto. Por espaço de 24 horas jogáram os obuzes sobre a cidade; e ainda que se pegou fogo a varias casas, a coragem dos habitantes ficou inalteravel. Mas uma devastaçaõ geral ameaçava a sua preciosa propriedade, e quando, por fim, o inimigo se apoderou dos numerosos barcos que achou, cruzou os pequenos braços do Danubio, desalojou as tropas das ilhas mais proximas, e ameaçou a sua communicaçaõ com a margem esquerda, a cidade foi justificada em capitular, em quanto as tropas se retirávam pela grande ponte de Tabor, que ao depois queimáram. O Archiduque recebeo *informaçaõ disto* no seu quartel general, entre Horn e Meissau;

e posto que apenas se pudesse esperar que ésta cidade cercada como estava continuasse a sua resistencia, procedeo o Archiduque em sua marcha, sem interrupçaõ, lisongeando-se de que poderia executar o seu projecto valido com uma tentativa atrevida de passar o Danubio juncto a Vienna.—A cidade capitulou aos 13 de Maio, assim naõ houve parque expor o exercito ao risco de cruzar o Danubio, para o que se naõ tinham feito preparaçoens; devendo isto fazer-se á vista do inimigo, e em circumstancias locaes de grande desvantagem. Pelo rendimento de Vienna perdeo tambem o exercito um ponto de apoio sobre que se fundavam as suas operaçoens militares. Nesta situaçaõ dos negocios resolveo o archiduque ajunctar o seu exercito ao pe do monte de Bisamberg; e dar-lhe alguns dias de descanço, que elle necessitava, depois de tantos dias de marchas forçadas. A cavallaria, pela conveniencia da agoa, se postou ao longo do Russ, um pequeno ribeiro, que fica cuberto com matos; e as guardas avançadas se adiantáram até o Danubio, em ordem a observar os movimentos do inimigo, e impedir que passasse o rio, o que ja havia tentado fazer, de Nussdorf, para o que se chama o lago negro: mas com taõ mao successo, que foi tomado um batalhaõ de sua guarda avançada. A cadea de postos exteriores se extendia, pela margem esquerda, até o March e pela direita até Krems: este lugar e Presburgo estávam occupados por alguns batalhoens, e o quartel general do Archiduque, aos 16 de Maio, estava em Ebersdorf, juncto á estrada grande que vai para Brunn. Aos 19 déram parte os postos exteriores de que o inimigo tinha tomado posse da grande ilha de Lobau, seis milhas de Vienna; que o seu numero crescia a todas as horas, e que parecia empregar-se em lançar uma ponte sobre o grande braço do Danubio por detraz da ilha. Da sumidade de Bisemberg, todo o paiz em frente, parecia estar envolvido em uma nuvem de poeira; e o luzido das armas mostrou um movimento geral das tropas, alem de Sumering, para a banda de Kaiser-Ebersdorf, para onde, segundo as ultimas noticias, tinha movido o Imperador Napoleaõ o seu quartel general; e com a sua presença accelerava as preparaçoens para passar o rio.

Na seguinte manhaã ao amanhecer resolveo o Archiduque reconhecer a ilha, e empregou, para este fim, parte de sua guarda avançada, debaixo do commando, do marechal de campo Conde Rhenau, apoiado por alguns regimentos de cavallaria.—A ilha de Lobau forma uma conveniente praça d'armas, terá cousa de cinco milhas de comprido, e quatro e meia de largo; he separada da terra firme na margem direita pelo braço maior do Danubio; nada obsta a construcçaõ de uma ponte *que ésta occulta por* terreno cuberto de ma-

tos; e a grande extensaõ da ilha offrece a vantagem de mandar tropas, e artilheria de tantos pontes della, que a passagem do braço menor para a planicie de Marchfield se pode effectuar á força d'armas.—Conheceo-se logo pela força das columnas do inimigo que avançávam para a ilha, e plantávam a sua artilheria de maneira que protegesse segunda passagem; que elle meditava um attaque sério. A guarda avançada manteve uma boa acçaõ, e a cavallaria derrotou a primeira divisaõ do inimigo, que sahio do terreno baixo, para a margem do rio, naquella noite: pelo que o Archiduque, cuja intençaõ êra naõ impedir a passagem do inimigo, mas attacallo no dia seguinte, se retirou com a sua cavallaria para Anderklaa, e ordenou as tropas avançadas, que retrocedessem para Maass, segundo o inimigo se extendesse.

Aos 21 ao amanhecer mandou o Archiduque pôr o seu exercito em armas, e o formou em duas linhas, no terreno que se eleva por détraz de Gerasdorf, e entre Bisam-hill, e o ribeiro Russ. O corpo do Ten. gen. Hiller formava a ala direita, juncto a Stamersdorf; na esquerda estava o corpo do gen. de cav. Conde Bellegarde; e juncto a este o corpo do ten. gen. Principe Hohenzollern, no alinhamento de Teutsch-Wagram. O corpo do Principe Rosemberg estava postado por batalhoens em columna sobre o Russbach, e sobre o ribeiro Russ, conservando Teutsch-Wagram bem guarnecido; e, para segurança da ala esquerda, se postou nas alturas, alem daquelle lugar, uma divisaõ em reserva. Toda a cavallaria, que no dia antes avançára por Anderklaa, commandada pelo principe Lichtenstein, foi chamada para a linha enchendo, em duas linhas, o espaço que ficava entre a esquerda do principe Hohenzollern, e a direita do principe Rosenberg.—A vasta planicie de Marchfield estendida como um tapete em frente da linha, parecia, naõ offerecendo o menor obstaculo, que era destinada a formar o theatro de algum grande acontecimento. Os granadeiros ficáram de reserva, junto a Seiering, e o corpo do gen. de artilheria Principe de Reuss, guardou o monte de Bissam, e o mato baixo alongo do Danubio: parte deste corpo foi deixado juncto a Krems, havendo-se enfraquecido com as muitas divisoens que destacára para grandes distancias.—As 9 horas mandou o Archiduque por as armas em sarilho, e que a tropa jantasse. O piquete de observaçaõ no monte Bisam deo parte de que a ponte sobre o Danubio, por detraz da ilha de Lobau, estava acabada, e podia ver-se claramemente, e que as tropas desfilavam sem interrupçaõ, e passávam em botes para a ilha. Os postos *exteriores* tambem deram avizo do augmento gradual do inimigo na *cidade de Enzersdorf*, e nas aldeas de Essling e Aspern; e o do seu

avanço para Hirschenstetten.—O Archiduque Carlos pensou agora, que estava chegado o momento da batalha, e partio para Gerarsdorf, onde o chefe de seu estado maior quartel-meste-general Baraõ Wimpfen, esboçou o seguinte plano.

Plano do attaque sobre o exercito inimigo em sua marcha entre Aspern e Essling, para Hirschenstetten.

O attaque se fará em 5 columnas. A primeira, ou columna da direita, he formada pelo corpo do Ten. gen. Hiller; avançará de sua actual posiçaõ, na direcçaõ de entre Ponta, e Leopoldau, ao longo do braço mais proximo do Danubio; passará ao longo da margem esquerda para Stadelau, e Aspern, conservando-se sempre juncto ao Danubio, e prados, que lhe saõ contiguos; e deve repulsar vigorosamente o inimigo, que provavelmente encontrará no mesmo caminho; e o repellirá para a margem esquerda. Esta columna naõ soffrerá que o seu progresso seja impedido, pelas batterias que o inimigo talvez tenha erigido, nas ilhas, mas deve trabalhar pelas fazer callar, com os seus canhoens, e continuar espirituosamente a avançar.

A segunda columna consistirá do corpo do gen. de cav. Conde Bellegarde; deixando Gerarsdorf á esquerda, marchará para Leopoldau; e trabalhará por unir-se á primeira columna da direita, avançará sobre Kagran, e entaõ junctamente com a terceira columna, na esquerda, marchará para Hirschstetten.

A terceira columna he composta dos Corpos do ten. gen. principe de Hohenzollern. Marchará por Sussenbrunn para Breitenlech, e dahi para Aspern, e trabalhará por se ajunctar, na sua direita, com a segunda columna, e na esquerda com a quarta.

A quarta columna, commandada pelo ten. gen. Principe Rosenberg; he composta da parte do seu corpo, que está postado na margem direita do ribeiro Russ; e deve avançar por Anderklaa, e Rachdorff, para Essling.

A quinta columna he formada por aquella parte do corpo do Principe Rosemberg, que está entre Teutch-Wagram, e Beaumersdorf. Cruzará o Russ juncto a Blaumersdorf deixando a direita Raschdorf, e Bichdorf, trabalhará por passar para a esquerda ao render do lugar de Enzersdorf, e segurar o seu flanco esquerdo, com o regimento de hussares do Archiduque Fernando.

A cavallaria de reserva commandada pelo gen. principe Lichtenstein, marchará pelo caminho de Anderklaa, sem vir a contacto com a quarta columna, entre Raschdorf, e Breitenlech, e direito a New

lan, conservando sempre tal distancia, entre as testas da terceira e quarta columnas, que, no caso de necessidade, possa estar á mão, para repellir o corpo principal da cavallaria inimiga.

O corpo de reserva de granadeiros marchará de Seioning, para a posiçaõ que as tropas de Bellegarde tomáram por traz de Gerarsdorf. Todas as columnas e corpos marcharaõ ao meio dia em ponto; As suas segundas linhas seguiraõ a marcha, em proprias distancias, Cada columna formará a sua guarda avançada. A ordem da marcha, e a distribuiçaõ das peças de campanha, se deixará ao juizo dos commandantes dos respectivos corpos; e o todo marchará por meias divisoens. O ten. gen. Klenau formará a guarda avançada da quarta, e quinta columna; e antes que avance, esperará que as testas destas columnas estejam contiguas a elle, em ordem a que tenha perto sufficiente soccorro de infanteria. O Corpo de cavallaria da brigada commandada por Veesey, sera aggregado á segunda columna, e o regimento O'Reilly á terceira: e ambas éstas brigadas iraõ ter immediatamente, a primeira a Gerarsdorf, e a segunda a Sussenbrunn. O objecto principal que se tem em vista he repellir o inimigo inteiramente para o primeiro braço do Danubio, destruir as pontes que elle ali pôz, e occupar a margem de Lobau com numerosa artilheria, especialmente obuzes. A infanteria se formará na planicie em batalhoens, com meias divisoens do centro.—S. A. Imperial o General em Chefe recommenda ordem, que estejam cerrados durante a avançada; e um uso conveniente de cada especie de arma. O seu posto será com a segunda columna.

Gerarsdorf, 21 de Maio, de 1809.

A 1ª. columna consistirá de	19 batalhoens,	e 22 esquadroens.
2ª. - -	20 - -	16
3ª. - -	22 - -	8
4ª. - -	13 - -	8
5ª. - -	13 - -	16
Corpo de cavallaria -	- -	78
Corpo de granadeiros -	16	
Total	103 batal.	148 esquad.

Montando tudo a 75.000 homens de tropas effectivas.

De artilheria havia 18 batterias de brigada, treze de posiçaõ, e onze de cavallo; formando um total de 188 peças de differentes calibres.

O inimigo se havia aproveitado, mui bem, das vantagens do terreno, para cubrir a sua passagem. As grandes aldeas de Essling e Aspern, compostas, pela maior parte, de casas de tijolo; e cercadas todo em redor por montes de terra, se assemelhávam a dous bastiões, entre os quaes uma linha dobrada de fossos naturaes, destinados a esgotar as agoas, servia como de curtina, e dava toda a segurança possivel ás columnas, que passávam da ilha de Lobau. Essling tinha um celeiro, com buraços, e éra de tres andares de alto; e continha muitos centos de homens; Aspern estava provido com um forte cemiterio. O lado esquerdo desta aldea chega ao Danubio. Ambas as aldeas tinham uma communicaçaõ facil com a terra de matos juncto ao Danubio, donde podia o inimigo despachar, sem ser visto, consentes reforços. A ilha de Lobau servia de praça d'armas, e ao mesmo tempo de cabeça de ponte, á ponte que lhe ficava na retaguarda sobre o braço maior do rio.

O inimigo com as divisoens dos generaes Molitor, Boudet, Nansouty, Legrand, Espagne, Lassdale, e Ferrand, commandadas pelos marechaes Massena e Lasnes, e pelo marechal Bessieres, juntamente com as guardaas de Wurtemburg, Hesse-Darmstadt, e Baden, tinha ja deixado a sua posiçaõ, e dirigia a sua marcha para Hirschstetten, quando a primeira guarda Austriaca lhe sahio ao encontro.—Se he permittido na guerra o conceber presentimentos favoraveis, certamente saõ dignos estes de escusa no momento em que, aos 21 de Maio, precisamente ao meio dia, principiaram as columnas a moverse para o attaque. As tropas estávam possuidas de um enthusiasmo geral: alegres cantigas de guerra, acompanhadas por musica Turca, resoávam pelo ar e éram interrompidas por gritos de "viva o Imperador; viva o Archiduque Carlos," em toda a parte onde o General Imperial apparecia; estando este postado na frente da segunda columna. Todos os coraçoens anhelávam com um anxioso desejo, e alta confiança, pelo momento decisivo; e o mais bello tempo favoreceo esta terrivel scena.

BATALHA DE 21 DE MAIO.

Primeira columna.

A guarda avançada, commandada pelo gen. Nordman, e composta de dous batalhoens e Gyulay e Hussares Lichtenstein, se formou juncto a ponte destruida de Tabor, deixando as aldeas de Kagran e Hirschstetten á esquerda; e Stadlau á direita, e marchou para as planicies de Aspern.—Foi seguida pela columna, que tendo a esquerda da grande estrada diante do correio de Stammersdorff, marchára da direita, por meias *divisoens*. *O flanco esquerdo*, ao longo o Danubio,

estava cuberto por um batalhaõ de S. Georgians, pelo primeiro batalhaõ de voluntarios de Vienna, e por um batalhaõ de milicia, commandado pelo major Conde Colloredo.—A tiro de peça de Stadelau, encontráram-se os postos avançados, com os piquetes do inimigo, que gradualmente se retiráram ás suas divisoens originarias. A este tempo o gen. Nordman ordenou a dous batalhoens de Gyulay, que se formassem em *echelon*, a fim de favorecer o avanço da columna. O inimigo formou-se em grandes divisoens, parou immediatamente diante de Aspern, tendo occupado, para cubrir a sua frente, todos os valados dos campos, que subministravam mui bons parapeitos. A sua direita estava cuberta por uma batteria, e a esquerda por um fosso largo e profundo, (um dos que servíam de egotar as agoas do Danubio, quando trasbordava) e tambem por um terreno de mato, que estava occupado por varios corpos em ordem cerrada.—Ainda que o inimigo tinha a vantagem da posiçaõ, visto que os ramos do Danubio somente se podiam cruzar em uma pequena ponte, em que elle conservava um vigoroso fogo, por detraz dos fossos, tanto com a artilheria, como com as armas menores, naõ impedio isto que o segundo batalhaõ de Gyulay, e immediatamente despois o primeiro, naõ penetrassem até os prados de matos, e passassem a ponte, em uma columna, formando-se, sem demora, e attacando, á bayoneta calada, o inimigo, que se retirou precipitadamente para Aspern; e nesta occasiaõ foi tomada pela primeira vez aquella aldea, despois de uma vigorosa mas naõ obstinada resistencia. Naõ tardou muito porém, que o inimigo naõ tivesse em seu poder, pela chegada de novos reforços, o expellir outra vez os batalhoens da columna; os caçadores do major Schneider, da segunda columna, se uníram á guarda avançada do primeiro. Gyulay formou-se outravez; e o inimigo foi segunda vez repellido para o fim da aldea; assim conseguio recuperar o que havia perdido.—Ambas as partes conheciam a necessidade de se manterem em Aspern, de toda a forma que fosse, o que produzio successivamente os mais obstinados esforços tanto de attaque como de defensa; pelejava-se nas ruas, nas casas, nos celeiros; carros, arados, grades, eraõ movidos de um lugar para outro, durante um fogo continuado, a fim de alcançar o inimigo; cada muro de persi éra um impedimento aos assaltantes, e uma muralha para os attacados. A forre, arvores altas, aguas furtadas, adegas, tudo tinha de ser conquistado, antes que alguma das partes se pudesse dizer senhora do lugar; e com tudo ésta posse éra de breve duraçaõ; porque apenas tinhamos tomado uma rua ou casa, quando o inimigo ganhava outra, forçando-nos a abandonar a primeira. Este sanguinario conflicto durou por sette

horas; e os batalhoens Alemaens fôram sustendados pelos Ungaros; que fôram assistidos despois pelos voluntarios de Vienna, rivalizando-se uns aos outros em coragem, e perserverança. Ao mesmo tempo combinou a segunda columna os seus attaques, com os da primeira, tendo de superar as mesmas difficuldades; porque o inimigo trazia constantemente novas tropas para o fogo. Por fim o Gen. Wacquant, da segunda columna, alcançou o asenhorear-se da parte superior da aldea; e ahi se manteve durante toda a noite. As bombas de ambas as partes incendiáram muitas casas, e illuminâram todo o paiz em redor. Na extremidade da ala direita, no prado matoso, naõ fôram menos severos os combates. O flanco esquerdo do inimigo estava seguro por um braço do Danubio; e cubria á sua frente um bosque impenetravel, intersectado somente por caminhos ou veredas de pé; e por um fosso largo, e palissadas, que lhe davam a vantagem de uma muralha natural. Aqui pelejou, ao principio da batalha, o primeiro batalhaõ de Gyulay, commandando o coronel Mariassy; despois o batalhaõ de caçadores, sob o major Schneider; dahi os St. Georgians, sob o major Mihailovich; e finalmente os dous batalhoens de voluntarios de Vienna, sob o ten. coronel Steigentesch, e St. Quintin. Aqui tambem foi derrotado o inimigo, e terminou o primeiro dia deste sanguinario combate, pela occupaçaõ de Aspern, que executou o gen. Wacquant, á frente de 8 batalhoens da segunda columna, em quanto o ten. marechal de campo Hiller retirou as suas tropas da aldea e as formou de novo em ordem de batalha, passando a noite debaixo d'armas.

Segunda Columna.

A guarda avançada, commandada pelo ten. gen. Fresnel, marchou por Leopoldau e Kagran, para Hirschstetten; compunha-se ésta guarda de um batalhaõ de caçadores, e dous batalhoens de Anton *Mitsowsky*, sob o gen. Winzingerode; e tambem das brigadas de cavallaria Klenau, e Vincent, debaixo do commando de gen. Veesey; era seguida, na mesma direcçaõ, pela columna, que partira de sua posiçaõ, juncto a Gerarsdorf.—Foi o inimigo descuberto das eminencias juncto a Hirschstetten; e se vio que estáva juncto a Aspern, e Esslingen, contra este lugar se destacou a brigada de Veesey; e a brigada de Winzingerode foi mandada desalojar o inimigo de Aspern. Desdobrou esta columna ante Hirschstetten, em duas linhas, a fim de sustentar a guarda avançada, e deixando Aspern á direita, seguir sobre a planicie, a propria distancia.—A brigada de Winzingerode, pórem, encontrou taõ forte opposiçaõ na sua tentativa sobre Aspern, que um

attaque só, pela frente, naõ poderia ser bem succedido. Pelo que, se mandou á cavallaria da guarda avançada, que se adiantasse de Aspern para a esquerda, em ordem a sustentar o attaque do flanco com as duas batterias de cavallo; e tambem para facilitar a junccaõ com a terceira columna, que estáva avançando por Breitenlech. Ao mesmo tempo o regimento de Reuss Plauen teve ordem para dirigir-se ao lado direito de Aspern, com as vistas de attacar a aldea; o resto do corpo se formou em columna cerrada, por batalhoens. Entretanto formou o inimigo a sua ala esquerda, que encostou em Aspern, tendo a direita em Esslingen. Assim avançou com columnas de infanteria e cavallaria sobre o corpo principal do exercito; sendo auxiliado por uma canhonada extremamente forte. Uma linha de 12 regimentos de cuirasseiros formavam o centro de segunda linha do inimigo; dando ao todo um aspecto respeitavel. A este tempo foi repulsado o attaque de um batalhaõ de Reuss Plauen, sobre Aspern, cedendo pela consternaçaõ em que ficára com a perca de seu commandante, mas reorganisou-se logo despois. O conde de Bellegarde ordenou ao gen. Bacquant, que renovasse o attaque sobre o regimento de Vogelsang, e que tomasse a aldea a todo o custo. Obedecêram-se éstas ordens, com o mais brilhante successo; e Aspern, posto que defendido por 12,000 homens, das melhores tropas do inimigo foi tomado por assalto, sendo Bacquant auxiliado pelo regimento de Reuss-Plauen; por um batalhaõ do archiduque Ranier, e pela brigada de Maier da terceira columna.—Para frustrar este attaque avançou o inimigo, com duas columnas de infanteria, sustentado pela sua cavallaria ligeira, dirigindo-se ao corpo principal do exercito, repulsou os dous regimentos de Klenau, e a cavallaria ligeira de Vincent, e cahio sobre a infanteria.—Esta o esperou com as espingardas promptas, e, com socegada intrepidez, fez fogo a 10 passos de distancia, e com taõ bom effeito, que derrotou inteiramente o inimigo; ao que, o gen. Veesey, á frente da divisaõ de Klenau, attacou os cuirasseiros do inimigo com tal energia, que a sua retirada foi seguida pela da infanteria.—Com isto, o exercito, ao longo de toda a sua linha, ficou desembaraçado do inimigo, obteve communicaçaõ com a margem esquerda do corpo do príncipe Hohenzollern, e ficou de posse do importante posto de Aspern. Estando o inimigo em plena retirada, naõ tentou outro attaque, e se limitou meramente a uma canhonada. Os corpos estivéram em armas toda a noite. O inimigo he verdade que repetio o seus attaques sobre Aspern; mas empre foi mal succedido.

Terceira columna.

Esta columna, conforme ao seu destino, principiou a marcha da sua posiçaõ em Seiering, pelo caminho de Sissenbrunn, e Breitenlech. Algumas divisoens de cavallaria ligeira de O'Reilly e caçadores formáram a guarda avançada da columna; e ás tres horas da tarde encontráram, juncto a Hirschstetten, a alà esquerda do inimigo, que consistia, pela maior parte, em cavallaria. Cerca deste tempo avançáram intrepidamente a primeira e segunda colùmnas, sobre Aspern, e o inimigo começou a retrogradar para a sua posiçaõ juncto a Esslingen, e Aspern. O ten gen. Hohenzollèrn mandou as suas batterias que avançassem, e começou uma forte canhonada de ambas as partes. A primeira linha formou-se em columnas cerradas de batalhoens, e avançou com a maior resoluçaõ, sobre o inimigo; quando a sua cavallaria fez uma carga com tal rapidez, e taõ desproporcionado numero, que apenas houve tempo de salvar a artilheria, que se adiantára, e fôram os batalhoens deixados a defenderem-se e protegerem-se a si mesmos. Foi este o momento notavel, em que os regimentos de Rach, Joseph Colloredo, Zettwitz, Froon, um batalhaõ de Steins, e o segundo batalhaõ da legiaõ do archiduque Carlos, debaixo do commando do ten. gen. Brady, e gen. Buresch, Maier, e Koller, demonstráram, com incompraravel fortaleza, quanto a determinaçaõ fixa de vencer ou morrer he capaz de effectuar, contra os mais impetuosos attaques. A cavallaria do inimigo voltou estes batalhoens em ambos os flancos, penetrou entre-elles, repulsou os esquadrons da cavallaria ligeira de O'Reilly, que naõ pudéram sustentar-se contra uma força taõ superior e na confiança da victoria, intimou a estes corpos de heroes, que depuzessem as armas. Um fogo bem dirigido e destructor foi a resposta a esta humiliante proposiçaõ, e a cavallaria do inimigo abandonou o campo, deixando atraz de si um consideravel numero de mortos.— Este corpo, assim como os demais, passou a noite no campo de batalha.

Quarta, e Quinta Columnas.

Eram ambas estas compostas dos corpos do ten. gen. principe Rosemberg, em uma e outra margem do Russbach, e dirigio a sua marcha da posiçaõ que tinha, para a direita e esquerda de Teutsch-Wagram. A quarta procedeo por Roschdorf, direito a Esslingen. O coronel Hardegg dos Hulans de Schwarzemberg commandava a guarda avançada. A quinta dirigio a sua marcha para a esquerda, em ordem a circumdar o pequeno lugar de Enzersdorf, e expulsar o inimigo daquelle lugar. Foi reforçada pelos Hussares de Stipsic, sob o coronel

Frolich. O ten. gen. Klenau commandou a vanguarda de ambas as columnas.—Como este rodeio por Enzersdorf obrigou a quinta a descrever uma linha maior, foi necessario que a quarta avançasse vagarosamente. Enzersdorf porém ficou, em breve, na posse de um destamento de Hussares de Stipsic, e do regimento fronteiro Wallacho-Illirico; havendo o inimigo evacuado em grande parte, naõ se pudéram tomar senaõ 20 prisioneiros.—Ambas as columnas recebêram agora ordem para avançar sobre Esslingen.—A quarta em columna cerrada de batalhoens de Czartorisky, archiduque Luiz, e Coburg, que foram duas vezes attacados por mais de 2,000 cavallos pezados do inimigo, puséram em derrota o inimigo, de ambas as vezes, com muito valor, causando-lhe consideravel perca. Na quinta columna, avançaram dous batalhoens de Chasteller, directamente sobre Esslingen; a tempo que dous batalhoens de Bellegarde tivéram ordem para penetrar o flanco esquerdo da aldea, e o pequeno mato que lhe ficava contiguo. Dous batalhoens de Hiller e Sztarray, alem dos regimentos de Hussares do archiduque Fernando e Stipic, e duas divisoens da cavallaria ligeira de Rosemberg estivéram na planicie, promptos para os auxiliar.—Estes attaques combinados fôram repetidos duas vezes, com muita celeridade. As tropas do inimigo fôram repulsadas, em todos os pontos, e lançadas na aldea de Esslingen, que se tinha incendiado. Mas como o exercito do inimigo estava arranjado em varias linhas entre Esslingen e Aspern, e se oppunham a cada um dos novos attaques com tropas de refresco; porque a segurança de sua retirada dependia da posse desta aldea; fôram as nossas tropas obrigadas a abandonalla ao principio da noite, e a esperar, debaixo d'armas, a chegada da manhaã.—O corpo de reserva de cavallaria marchou em duas columnas, debaixo do commando do gen. Principe de Lichtenstein, e avançou sobre New Inn, entre Raschdorf e Breitenlech. O gen. Conde Wartensleben, com os Hussares de Blankenstein, conduzio a guarda avançada.—Logo que o inimigo percebeo o avanço geral do exercito, postou o forte de sua cavallaria, sustentada por alguns batalhoens de infanteria, em ordem de batalha, entre Esslingen e Aspern, e principiou uma canhonada violenta, sobre as columnas da cavallaria Austriaca, quando estas se approximáram.—O principe Lichtenstein dirigo a marcha da sua columna em duas linhas; e o inimigo destacou, de sua posiçaõ 4 ou 5.000 cavallos, para a direita de Esslingen; e excitou alguma apprehensaõ, de que impediria o progresso da quarta columna, ou mesmo que a romperia. Pelo que ordenou o Principe 4 regimentos para a esquerda, e conservou a segunda columna formada em duas linhas, até ficar convencido de *que a quarta naõ encontrava* impedimento em sua marcha. Durante

este movimento, avançou tambem o resto da cavallaria inimiga, com grande confiança, dirigindo-se á ala esquerda dos Austriacos. Foram recebidos com uma firmeza, que provavelmente elles naõ esperávam. A intrepidez da cavallaria que marchara a diante, principalmente o regimento Mauricio Lichtenstein, e os couraceiros do Archiduque Francisco; aquelle commandado pelo seu valoroso coronel Rousel; frustrou os repetidos assaltos do inimigo por contra-attaques, e por este meio conseguio finalmente pôr um termo ao seu impetuoso avanço e o repulsou completamente com perda consideravel. Nestes conflictos o gen. de divisaõ Francez Durosnel, Estribeiro do Imperador, foi feito prisioneiro a poucos passos delle; assim como o foi tambem o gen. Fouler, estribeiro da Imperatriz, havendo sido levemente ferido. Naõ obstante o fogo da musqueteria, ordenou o Principe, agora, um avanço geral, pelo qual o inimigo foi apertado no alinhamento entre Esslingen e Aspern; mas, por causa do fogo de flanco de Esslingen, se naõ pode proceder adiante. A artilheria de cavallo respondeo espirituosamente ao fogo de suas peças. Cerca das 7 horas da tarde se destacáram 3.000 cavallos para o ponto de uniaõ entre a cavallaria, do corpo de reserva, e a esquerda do principe Hohenzollern; e cahiram em massa sobre as brigadas de couraceiros dos generaes Kroyher, Klary, e Siegenthal; mas pela firme intrepidez dos regimentos de Blankenstein e Riesch, que, com a maior valentia fizéram um attaque repentino, nos flancos do inimigo, foi a sua cavallaria outra vez repulsada; e parte della que tinha cahido sobre os regimentos de recrutas novas, postados na terceira linha, foi cortada e tomada.—No entanto chegou a noite, a qual se passou conservando-se o principe, no melhor estado de preparaçaõ, sobre o terreno que tinha ganhado ao inimigo.

Pela primeira vez susteve Napoleaõ uma derrota em Alemanha.—Desde este momento ficou reduzido á classe dos audaces e venturosos generaes, que, como elle, despois de uma longa serie de emprezas destructoras, experimentam os revezes da fortuna. Desfez-se o encanto de sua invincibilidade. Ja naõ he o filho valido da Fortuna, e será characterizado pela posteridade, como o brinco daquella inconstante deoza. Novas esperanças principiam a animar ás naçoens opprimidas. O dia 21 de Maio foi, para o exercito Austriaco, uma epocha grande, e gloriosa, que lhe deve inspirar a consciencia de sua fortaleza, e a confiança em sua energia. Sobrecarregados pela nossa irresistivel infanteria, se extendiam os seus opponentes na poeira, e o seu atéaqui inconquistavel Imperador, ja naõ poderá arrancar aos heroes de Austria os louros, que alcançaram.—A gloria de Napoleõ estava aqui empenhada. Novos esforços *se deviam esperar* no dia seguinte; porém

elle foi tambem obrigado a pelejar pela sua existencia. Por meio de barcas incendiadoras, que se mandáram pelo Danubio abaixo, fez o Archiduque romper as pontes do inimigo sobre Lobau; e a sua reparaçaõ devia occupar algumas horas. Entretanto Napoleaõ tinha, já de noite, recebido o corpo do gen. Oudinot, e todas as tropas, de que se podia dispor, seguíram de Vienna, e do Danubio superior, e fôram transportadas ao outro lado do Danubio, em barcos, assim que chegavam. O Archiduque de sua parte ordenou aos corpos de granadeiros, que naõ tivéram parte na primeira acçaõ, que avançassem de sua posiçaõ juncto a Gerarsdorf para Breitenlech; e a breve noite foi apenas bastante para completar as respectivas preparaçoens, para o princípio da segunda tragedia.

BATALHA DE 22 DE MAIO.

Corpo do Tn. Gen. Hiller.

Ao romper do dia renovou o inimigo os seus attaques, que, em impetuosidade, fôram muito alem dos do dia precedente. Foi um conflicto de valor, e exasperaçaõ mutua. Apenas haviam as guardas Francezas sido obrigadas a abandonar Aspern, quando o regimento de Klebek tornou a penetrar para a aldea queimada, expulsou as mais escolhidas tropas do inimigo, e se empenhou em nova contenda, no meio do incendio, até que, passada uma hora, foi tambem obrigado a retirar-se. O regimento de Benjovsky, acometteo agora, e na primeira avançada tomou posse do cemiterio, cujos muros mandou immediatamente o ten. marechal de campo Hiller que fossem arrazados pela primeira divisaõ de gastadores, e que se puzesse fogo á Igreja, junctamente com a casa do cura. Assim foi este regimento sustentado por alguns batalhoens commandados pelo gen. Bianchi, habilitado a manter-se á entrada da aldea, despois de superar uma resistencia similhante a desesperaçaõ, opposta pela flor do exercito Francez.—Nem o inimigo podia produzir mais effeito sobre os prados de mato, despois que o ten. gen. Hiller ordenou que a força, que ali se achava fosse reforçada por dous batalhoens de Anton Mittrowsky, e uma batteria; ao que os Jagers, St. George, e dous batalhoens dos voluntarios de Vienna, o expulsáram de sua vantajosa posiçaõ, que elle nunca mais tentou recobrar.—Por este tempo a ala esquerda do corpo foi posta em seguraça por tres batterias, mandadas pelo general de Cavallaria Conde Bellegarde, que manteve o seu terreno contra os mais desesperados *attaques do inimigo*: o ten. gen. Hiller conservou a sua posiçaõ

ao flanco esquerdo do inimigo; e, nesta parte, foi a victoria decidida. Formou-se outravez o corpo em duas linhas, e esperou assim a chegada dos acontecimentos.

Corpo do general de Cavallaria Conde Bellegarde.

Recebéra o Conde Bellegarde uma mensagem do gen. Wacquant, que lhe informou de se estar o inimigo ajunctando em força, diante de Aspern, na direcçaõ do prado de mato, e apparentemente tinha em vista um assalto naquelle ponto; estáva o Conde, em consequencia disto, enviando para Aspern outro batalhaõ de Argenteau, quando o inimigo, em columnas pezadas de infanteria e cavallaria, sustentadas por numerosa artilheria, principiou a avançar sobre o centro do corpo, na planicie.—As tropas postadas em Aspern, exhaustas como estávam, com o incessante fogo, mantido durante toda a noite estavam inhabeis para resistir á impetuosidade do attaque; as munições, tanto de artilheria como de infanteria, principiávam a faltar, e o gen. Wacquant se retirou em boa ordem para o cemiterio. Este posto ganhado a tanto custo foi-lhe outra vez tomado, despois de varios attaques, que susteve em conjuncçaõ com o ten. gen. Hiller: o lugar foi alternadamente tomado e perdido, até que por fim a superioridade do nosso fogo obrigou o inimigo a abandonar as casas, e o ultimo assalto do corpo de Hiller prevenio outra alguma tentativa.—Desde o momento em que se retomou Aspern, veio a ser possivel oppor um movimento offensivo ao inimigo, avançando no centro, é operar no seu flanco esquerdo, e communicaçaõ. Peloque se deixou inteiramente a defensa de Aspern ao corpo de Hiller, e em quanto o conde Bellegarde apoiou a sua direita em Aspern, formou a esquerda e centro na direcçaõ de Esslingen; demaneira que, gradualmente ganhou o flanco direito do inimigo, obrigou-o a retirar-se, e pelo completo effeito da artilheria o obrigou a inclinar-se para a ala esquerda, que commandava todo o espaço de Aspern até Esslingen, e o dorrotou severamente.

Corpo do ten. gen. principe Hohenzollern.

O romper da aurora foi para este corpo o signal para a renovaçaõ de um conflicto gigantesco. A infanteria do inimigo formou-se em varias divisoens, e entre ellas toda a cavallaria em massas. O gen. de cavallaria, principe Lichtenstein, observando esta ordem de batalha, conheceo a necessidade de conservar estreita communicaçaõ com a infanteria, que lhe ficara proxima, e por tanto formou a sua ala di-

reita em xadres, por detraz do corpo de infanteria; porém conservou a ala esquerda cerrada, com as reservas postadas na retaguarda.—Cubria a frente do inimigo uma prodigiosa quantidade de artilheria, que parecia querer annihilar os nossos corpos, pelo destruidor fogo de seus canhoens, e obuzes. Mais de 200 peças de artilheria jogavam de ambos os lados; e os mais antigos soldados senaõ lembram de haver jamais visto um fogo taõ tremendo. Em vaõ se fizéram esforços para abalar a intrepidez das tropas Austriacas. Napoleaõ correo de cavallo os seus renques; e, segundo a relaçaõ dos prisioneiros os informou da destruiçaõ da ponte; mas, acrescentou elle, que elle assim o ordenara; porque neste caso naõ houvesse outra alternativa senaõ a morte, ou a victoria. Logo despois se poz em movimento toda a linha do inimigo, e a cavallaria fez o seu attaque principal, no ponto em que o corpo de cavallaria do principe Lichtenstein communicava com a ala esquerda do ten. gen. principe Hohenzollern. Fez-se agora o attaque geral; os regimentos de Rohan, D'Aspre, Joseph Colloredo, e Stain, repelliram todos os attaques do inimigo. Em toda a parte estavam os generaes a frente de suas tropas, e lhes inspiravam coragem e perserverança. O mesmo Archiduque tomou as bandeiras de Zach, e o batalhaõ, que ja principiava a ceder, seguio, com novo enthusiasmo, o seu heroico exemplo. A maior parte dos que o cercavam ficáram feridos; o seu ajudante general, Conde Colloredo, recebeo uma bala na cabeça, ao principio julgou-se perigosa a ferida, o seu commandante lhe significou a sympathia com que soffria o seu mal; mas cheio do desprezo da morte pelejava agora por gloria, e pela patria.—Os attaques de nossos impenetraveis corpos, tanto de sabre como de bayoneta, se repetiram taõ rapidamente e com tanto impeto; que naõ acham parallelo nos annaes militares, e frustráram todas as intençoens do inimigo.—Foi elle vencido em todos os pontos; e admirado da inconcussa intrepidez que observou, foi obrigado a abondonar o campo de batalha.—Cerca deste tempo o ten. gen. principe Hohenzollern observou, na sua alla esquerda, juncto a Esslingen, uma abertura, que se tinha formado durante o calor da acçaõ, e offerecia um ponto de attaque vantajoso. O regimento de Frolic, commandado pelo coronel Mecsery teve ordem de marchar para alì em tres corpos; e repulsou quatro regimentos de cavallaria, acompanhados de infanteria e artilheria. Os corpos ficáram na posiçaõ que haviam tomado, até que chegáram os granadeiros de reserva, que o Archiduque mandara de Brietenlech para render os batalhoens exhaustos com o sanguinario conflicto; e continuáram *o attaque sobre o centro* da posiçaõ do inimigo. O ten. gen. D'As-

pre penetrou, com os quatro batalhoens de granadeiros de Przezinsky, Puteany, Scovaux, e Scharbach, sem dar fogo a uma so espingarda, chegando a artilheria do inimigo, onde foi flanqueado por um taõ destructivo fogo de Esslingen; que nenhuma outra cousa senaõ a presença do Archiduque, que se apresson para a quelle lugar poderia induzir os seus granadeiros a manter o terreno. O capitaõ conde Dombasle tinha ja chegado á batteria inimiga, quando foi ferido por duas balas, e deixou o campo.—Cerca do meio dia ordenou o Archiduque novo assalto sobre Esslingen, que emprehendeo immediatamente o ten. marechal de campo D'Aspre, com os batalhoens de granadeiros de Kirchenbetter, e Scovaux sobre a esquerda; e Scharbach e Georgy, em frente. Cinco vezes acomettêram estas valentes tropas as paredes das casas, ardendo ao interior, e postas em estado de defeza: alguns dos granadeiros mêtteram as bayonetas pelos buracos d'onde o inimigo fazia fogo; mas todos os seus esforços fôram inuteis; porque os seus antagonistas pelejávam á desesperaçaõ. O Archiduque ordenou aos granadeiros, que tomassem a sua primeira posiçaõ; e offerecendo-se elles voluntariamente para renovar o attaque, naõ lho permittio; por estar o inimigo em plena retirada.

Corpo do ten. marechal de campo Principe Rosenberg.

Ambas as divisoens deste corpo, que na avançada para o attaque compunham a quarta e quinta columna; se formáram antes de amanhecer para novo combate; fazendo o inimigo igualmente, de sua parte, preparaçoens, mas com manifesta superioridade de numero.—O principe Rosenberg resolveo attacar a aldea de Esslingen com o regimento de infanteria do Archiduque Carlos; adiantando as outras tropas em batalhoens; e particularmente encontrar o inimigo que avançava em campo aberto entre Esslingen, e o braço mais proximo do Danubio.—Estava ja ganhada a aldea, e os batalhoens, avançando para a esquerda, obrigáram o inimigo, formado em varias linhas, a ceder. Continuou-se sempre a mais violenta canhonada de ambas as partes, o que as tropas justivéram com a maior fortaleza.—Favorecida por uma nevoa, que veio de repente, se attreveo a cavallaria pezada do inimigo a attacar por todos os lados o corpo formado pelos regimentos de infanteria Sztarray e Hiller. Estes valorosos soldados recebêram o inimigo com a bayoneta callada, e no ultimo momento descaregáram o seu fogo com taõ bom effeito, que o inimigo foi obrigado a fugir com perca consideravel. Cinco vezes se repetiram estes attaques, sobre os regimentos Sztarray e Hiller, e todas as vezes fôram repulsados *com igual coragem e resoluçaõ*. A cavallaria contri-

buio, quanto esteve em seu poder para perseguir o inimigo, e sustentar a infanteria.—Os regimentos de Coburg, Archiduque Louis, Czartorisky, pertencentes á divisaõ do ten. gen. Dedovich, postada na direita, renováram os seus esforços do dia precedente, com a mesma distincçaõ, e bom successo. Depois deste severo conflicto pareceo, que o inimigo naõ tinha inclinaçaõ de expor-se a novo desastre, e se limitou meramente á operaçaõ de sua artilheria superior.—Cerca das 11 horas da manhaã, recebeo o principe Rosenberg ordens do Archiduque, commandante em chefe, para fazer novo attaque sobre Esslingen; e se mandou uma mensagem para o memo fim ao ten. gen. Dedovich, que commandava a divisiaõ da direita deste corpo.—O principe Rosenberg formou immediatamente duas columnas de attaque, commandadas pelos ten. gen. principes Hohenloe e Rohan, em quanto o ten. gen. Dedovich avançou contra a cidadella do lugar, e o armazem cercado de muros, e fossos. Fez-se o attaque com redobrado valor, e as nossas tropas entráram a aldea com irresistivel impetuosidade. E naõ obstante acháram que éra impracticavel manter este posto, para onde o inimigo mandava continuamente soccorros, e lhe éra da maior importancia para cubrir a retirada, que tinham resolvido fazer, e assim defendêram o posto com immenso sacrificio de vidas. O principe Rosemberg resolveo, portanto, limitar-se á obstinada mantença da sua posiçaõ, para segurar o flanco esquerdo do exercito, e augmentar o embaraço do inimigo, com um incessante fogo de todas as batterias. —Na noite de 22 para 23 completou o inimigo a sua retirada para o Lobau; e ás 3 da manhaã evacuou a sua retaguarda Esslingen, e todos os pontos que tinha occupado na margem esquerda do Danubio. Algumas divisoens o perseguíram apertadamente, e se apossáram o mais proximo que foi possivel dos pontos necessarios de observaçaõ.— Assim terminou um conflicto de dous dias, que será para sempre memoravel nos annaes do mundo, e na historia da guerra. Foi o mais obstinado e sanguinolento, que occurreo, desde o principio da revoluçaõ Franceza.—Foi decisivo para a gloria das armas Austriacas, para a conservaçaõ da monarchia, e para a correcçaõ da opiniaõ publica. —A infanteria entrou em uma nova e brilhante carreira; e pela firme confiança que manifestou em sua propria energia, alhanou o caminho para novas victorias. A cavallaria do inimigo vio a sua adquirida, mas naõ experimentada, gloria, dissipada pelas massas de nossos batalhoens, cuja fria intrepidez, o inimigo naõ podia supportar.—A cavallaria e artilheria, se tem sobreexcedido em valor; e, no espaço de [redacted] dias, tem feito acçoens sufficientes para toda uma campanha. [redacted] carros de municaõ, 17.000 espingardas

Francezas, e cousa de 3.000 couraças, cahiram nas maõs do conquistador. A perca de ambas as partes he muito grande; isto e a circumstancia dos poucos prisioneiros que houve de uma parte e d'outra, prova a determinaçaõ dos combatentes de vencer, ou morrer.—Os Austriacos lamentam a morte de 87 officiaes superiores, e 4.199 subalternos e soldados. Ficáram feridos, os ten. gen. Principe Rohan, Dedovich, Weker, e Frœlich; gen. Winzingerode, Grill, Neustadter, Siegenthal, Colloredo, May Hohenfeld, e Buresch; 663 officiaes, e 15.651 subalternos e soldados. Destes o ten. marechal de campo Weber, 8 officiaes e 829 soldados fôram aprisionados pelo inimigo. A perca do inimigo foi prodigiosa, e excede toda a expectaçaõ. So se pode explicar pelo effeito do nosso fogo concentrico, em um estreito campo de batalha, onde todas as batterias se cruzávam umas as outras; e se pode calcular pelos séguintes dados.—Mortos os generaes Lasnes, D'Espagne, St. Hilaire, e Abuquerque. Feridos Massena, Bessieres, Molitor, Boudet, Legrand, Lasalle, e os dous irmãos Lagrange. Aprisionados Durosnel, e Foular.—Mais de 1.000 homens, e immenso numero de cavallos se enterráram no campo de batalha. Mais de 5.000 se acham feridos nos nossos hospitaes. Em Vienna e nos suburbios ha 29.773 feridos; muitos fôram levados para St. Polten, Enns, e até para Lintz: 2.300 fôram tomados. Aboiáram pelo Danubio abaixo muitos centos de corpos, e muitos mais vem ainda ter ás praias; muitos morrêram na ilha de Lobau, e ao despois que descêram as aguas, nos braços menores dos rios, innumeraveis corpos, assim entregues por seus camaradas a um eterno esquecimento, ficáram viziveis. Ainda se naõ acabou o enterro dos que padecéram, e do theatro da morte exhãla um ar pestilento.—S. A. I. o generallissimo tem tomado sobre si a agradavel tarefa de informar o monarcha, e a patria, dos nomes daquelles que tivéram uma parte mais activa nos feitos destes gloriosos dias, mas reconhece, com profunda dôr, que entre a rivalidade das mais sublimes virtudes militares, apenas he possivel distinguir os mais valorosos, e declara *todos os soldados de Aspern dignos da gratidaõ publica.*

(Segnia-se porém uma longa enumeraçaõ dos officiaes que mais se distinguiram, a qual se omitte por brevidade.)

Carta de S. M. o Imperador e Rey ao archiduque Generalissimo por occasião da battalha do Danubio.

Charo Irmaõ Carlos! He verdade que hontem vos exprimi pessoalmente os meus cordeaes agradecimentos, pela gloriosa victoria, que alcançasteis; mas isto naõ he sufficiente para o meu coraçaõ. Eu agora digo, e o repetirei em toda a occasiaõ; porque Eu, a quem a divina Providencia fez soberano de uma grande monarchia; estou inteiramente inhabil para vos remunerar, meu charo irmaõ, e aos vossos merecimentos. Estava reservado para vós, irmaõ do meu coraçaõ, apoio primario do meu throno, interromper, pela primeira vez nestes quinze annos, a boa fortuna do adversario. Vós sois o salvador da patria, a qual, assim como o monarcha eternamente vos agradecerá, e abençoará.—Com a mais profunda sensibilidade observei hontem, a elevada coragem, e enthusiasmo das tropas; a sua varonil resoluçaõ de segurar, pela victoria, a independencia da monarchia. Foi o mais doce momento de minha vida; raro, e capaz de alegrar o coraçaõ foi o espataculo, e um que jamais se pode eradicar de minha lembrança. Peço-vos, charo irmaõ, que declareis isto ao meu valoroso exercito; e que façais tudo quanto for possivel, para conservar, entre elles este raro espirito.

Continuaçaõ da serie de Buletins do Exercito Francez na Alemanha.

Buletim 9. Vienna, 15 de Maio, de 1809.

Em quanto o exercito descançava algum tanto em Vienna, e que se ajunctávam os seus corpos, e o Imperador passava revistas para distribuir recompensas aos valorosos, que se havíam distinguido, e fazer nomeaçoens para os empregos vagos, se preparava tudo o que éra necessario para a importante operaçaõ da passagem do Danubio.—O Principe Carlos, despois da batalha de Eckmuhl, lançado á outra margem do Danubio naõ teve outro refugio senaõ as montanhas de Bohemia.—Se o Imperador houvesse seguido os restos do exercito do Principe Carlos, para o interior da Bohemia, ter-lhe-hia tomado a sua artilheria e bagagens; mas ésta vantagem naõ valia o incon-

veniente de fazer caminhar o exercito, por 15 dias, em paizes pobres, montanhosos e devastados.—O Imperador naõ adoptou plano algum, que pudesse retardar por um só dia a sua entrada em Vienna; pensando bem, que no estado de irritaçaõ que se tinha excitado, tratarîam de defender esta Cidáde, que tem um excellente muro de bastioens, e alguns obstaculos que oppôr. Por outra parte o seu exercito de Italia lhe attrahia a attençaõ, e a idea de que os Austriacos occupassem as suas bellas provincias do Frioul e de Piava, naõ lhe permittia algum descanço.—O Marechal Duque de Auerstadt, ficou na posiçaõ ante Ratisbonna, durante o tempo que o Principe Carlos se empregou em sahir á Bohemia; e immediatamente despois se dirigio, por Passau e Lintz, á margem esquerda do Danubio, ganhando 4 marchas sobre aquelle Principe. O Corpo do Principe de Ponte Corvo foi dirigido no mesmo systema. Primeiramente fez um movimento sobre Egra, o que obrigou ao Principe Carlos a destacar para ali o corpo do General Bellegarde; mas por uma contra marcha se lançou rapidamente sobre Lintz, aonde chegou antes do Gen. Bellegarde, que, sabendo desta contra marcha, se dirigio tambem para o Danubio.—Estas manobras habeis feitas de um dia para o outro, segundo as circumstancias, desembaraçáram a Italia, deixáram sem defensa as barreiras do Inn, do Salza, do Traunn, e todos os armazens inimigos, submetteo Vienna, desorganizou as milicias, e a Landwher, acabou a derrota dos Corpos do Archiduque Luiz, e do Gen. Hiller, e acabou de perder a reputaçaõ do Gen. inimigo. Este, vendo a marcha do Imperador, devîa pensar em passar-se a Lintz, cruzar a ponte, e reunir-se aos Corpos do Archiduque Luiz, e Gen. Hiller; mas o exercito Francez se havia reunido naquelle lugar, muitos dias antes, que elle pudesse chegar. Elle poderîa esperar o fazer a sua juncçaõ em Krems, e esperava em fim reunir-se juncto a

Vienna; estava ainda retardado muitos dias.—O Imperador fez lançar uma ponte sobre o Danubio, defronte da aldea de Eberndorf, duas legoas abaixo de Vienna: o rio se divide neste lugar em muitos braços, e tem de largo 400 toesas. Começou a operaçaõ hontem, 18, ás quatro horas despois do meio dia. A divisaõ de Molitor se lançou sobre a margem esquerda, e derrotou os fracos destacamentos, que lhe queriam disputar o terreno, e cubrir o ultimo braço do rio.—Os Gen. Bertrand e Pernetti, fizéram trabalhar em duas pontes, uma de mais de 240, e outra de mais de 130 toezas, communicando entre si por uma ilha. Espera-se que os trabalhos se acabaraõ á manhaã. Todas as informaçoens que temos obtido nos fazem crer que o Imperador de Austria está em Znain.—Na Ungria ainda naõ ha leva alguma. Sem armas, sem sellas, sem dinheiro, e pouco affeiçoada á casa de Austria, ésta naçaõ parece que tem recusado toda a especie de soccorro.—O Gen. Lauriston Ajudante de campo de S. M., á frente de uma brigada de infanteria de linha, e da brigada de cavallaria ligeira do Gen. Colbert, foi de Neustadt para Bruck, e Simerimberg, alta montanha, que separa as aguas que correm para o mar negro, das que correm para o Mediterraneo. Nesta difficil passagem fez alguns centos de prisioneiros. O Gen. Dupellin marchou para Mariazell, onde desarmou um milhar de Landwehrs, e fez alguns centos de prisioneiros.—O marechal duque de Dantzick marchou sobre Inspruch; aos 14 encontrou, em Vorgel, o General Chasteller, com os seus Tyrolezes; derrotou-o, e tomou-lhe 100 homens, e 11 peças de artilheria. —Aos 12 se levantou o bloqueio de Kufstein. O camarista de S. M., Germain, que estáva encerrado nesta praça, se portou muitou bem.—Eisqui qual he a posiçaõ do exercito hoje em dia.—Os corpos dos marechaes duques de Rivoli e Montebello, e o corpo de granadeiros do general Oudinot, estaõ em Vienna, assim como a guarda Impe-

rial. O corpo do marechal duque de Auerstadt está repartido entre S. Polten, e Vienna. O marechal principe de Pontecorvo está em Lintz, com os Saxonios e Wurtemburguezes; ha uma reserva em Passau. O marechal duque de Dantzick, está, com os Bavarezes, em Saltzburgo e Inspruch.—O Coronel Conde de Czernicheu, ajudante de campo do Imperador da Russia, que fôra expedido a Paris, chegou ao momento em que o exercito entrava em Vienna. Desde este momento elle faz o serviço, e segue a S. M. Trouxe novidades do exercito Russiano, o qual naõ podéra ter sahido dos seus acantonamentos se naõ nos 10, ou 12 de Maio.

No. I.

Proclamaçaõ do Conde de Wallis aos habitantes de Bohemia.

O exito inesperado da sanguinolenta batalha de 22 de Abril he ja bem conhecido; a derrota de uma grande parte da cavallaria, despois de um combate, que durou cinco dias, quasi sem interrupçaõ, foi, em parte, causa dos revezes, que soffrêram os nossos exercitos.—Os accidentes infelizes da guerra saõ inevitaveis, mas elles nem devem enfraquecer a vossa coragem, nem afrouxar as medidas, que se devem tomar para vossa defensa, ou diminuir a vossa confiança em vos mesmos, ou o amor que deveis aos vossos principes, e á vossa patria. He precizamente no momento da degraça, que se devem redobrar os esforços, e que a nenhum bom cidadaõ lhe deve custar o fazer sacrificios; deve isto olhar-se como um dever. A firme resoluçaõ de nosso amado Soberano, he oppor-se, com todo o seu poder, ás intençoens perfidas do inimigo: tem elle o direito de esperar, da parte de seus fieis subditos, que elles corresponderaõ igualmente ás suas vistas e ás suas intençoens. S. M. nomeando-me commissario geral, em Bohemia, me revestio dos mesmos poderes, que tinha no anno de 1805; naõ sómente para pôr em actividade, por todos os meios possiveis, os corpos d'exercito, cujo commando elle me confiou, mas tambem para ajunctar, com a rapidez do relampago, em todos os pontos, ésta valorosa milicia, cuja boa vontade, e coragem, devem servir de muralha aos habitantes de Bohemia.—S. M. Conhece, e aprecia, este character de firmeza, e perseverança para chegar ao fim commum; character que distingue particularmente, e em um taõ alto gráo os habitantes da Bohemia. S. M. está *plenamente convencido*, que, por esta vez, elles

estaõ persuadidos de que, o mais seguro meio de se oppôr ao perigo, e fazer o mal menor, he a mesma coragem no meio do perigo, e da adversidade. Estas sublimes virtudes nos animam ainda; nós naõ temos degenerado; o mesmo sangue corre em nossas veias; he o mais precioso da nossa herança, e nosso mais estimavel bem.—Que naõ póde um povo fiel, em uma posiçaõ taõ critica! Os habitantes do Tyrol, bem dignos de toda a nossa admiraçaõ acabam de dar-nos um exemplo recente.....Convem-nos imitallos, e ultrapassallos se he possivel, naõ em palavras, mas em factos; dignos de nós e da nossa honra nacional. Habitantes da Bohemia; está nisto a salvaçaõ do nosso amado Imperador, do seu throno, da honra da naçaõ, e de toda a patria ¿que mais he precizo para nos inflamar, e para fazer nullos todos os sacrificios?—Eu, Bohemez de nascença, me ensoberbeço, e me julgo feliz de que se me puzesse, em tal epocha, á frente déste reyno, e de entrar, pela minha nomeaçaõ ao Commissariato geral do paiz, em ligaçoens mais intimas, com os meus amados compatriotas, e de lhe dár uma prova, e ainda o exemplo, de que nenhum sacrificio me séra custoso, feito ao melhor, ao mais justo, e ao mais virtuoso dos principes.—Povo de Bohemia nós vivemos felizes debaixo do mais suave de todos os sceptros; os recursos do nosso reyno saõ grandes; empreguemollos de maneira nobre: dinheiro, viveres, cavallos, armas; tudo devemos consagrar com alegria á defensa de nossa patria; de toda a parte se levantaraõ legioens de nossa valorosa milicia; assistamos-lhe pois de toda a parte, com dinheiro, fructos, cavallos, e tudo quanto he necessario á vida, Que um só sentimento nos anime; a uniaõ he o unico meio de chegarmos ao nosso fim, e de esperar com tranquilidade os acontecimentos.—Em poucos dias irei ter ao exercito, segundo as ordens de S. M. que com paternal cuidado tem providenciado a minha substituiçaõ á cabeça dos negocios: e no meu novo posto me consagrarei sempre, assim como aqui, à felicidade do meu paiz; seguro que, da vossa parte, seraõ offerecidos soccorros tanto de dinheiro, com o de toda a outra especie; eu faço o meu relatorio, e dou parte ao Sñr. Conde de Kolowrath, a quem confiei a presidencia da regencia do paiz.—Habitantes de Bohemia, o nosso famoso heroe, o nosso Archiduque Carlos, está á frente do exercito; augmente isto a nossia coragem: Deus protegerá a nossa causa. Este pensamento deve fazer-nos esperar o futuro com tranquilidade. Por Deus e pelo Imperador Francisco, nada he impossivel. Penetremonos desta idea, seja ella a nossa mais chara esperança, e a mola mais poderoza, que nos excite a empregar todos os meios de defensa, em

nosso poder, para a manutençaõ de um governo justo, suave, e paternal.—Praga 28 de Abril, 1809.—Assignado—O Conde de Wallis.

No. II.

Carta de Conde Goess, Intendente General do Exercito da Italia, ao Conde Carlos de Zichi. Datada de Corneglia-no, 22 de Abril, 1809.

Senhor Conde! Até aqui tenho sido fiel aos meus bem conhecidos principios, de naõ empregar nos negocios outras pessoas, senaõ as que o governo Francez tinha ja empregado; a menos que estes naõ tivessem abandonado seus postos; por ésta mesma razaõ sou obrigado a empregar o commandante da ordem de Malta Sñr. Antonio Miari, como prefeito em Belluno, visto que elle tem a seu favor o voto das pessoas bem intencionadas, que elle goza de uma consideraçaõ publica, e que, pela aceitaçaõ deste lugar augmentará seguramente as disposiçoens favoraveis ao nosso governo. Mas os progressos rapidos do exercito exigiraõ bem depressa o augmento de empregos superiores, para fazer ir os negocios para diante. Eu julgo que, quando tivermos passado o Mincio, poremos um destes empregados por Intendente dos paizes áquem do Mincio; eu ja me occupo com os Intendentes, que se devem empregar na Lombardia, no paiz de Parma, Modena, Genova, Piemonte, Toscana, e Estados Ecclesiasticos. Espera-se que nenhumas pessoas poderaõ servir utilmente em similhantes lugares, senaõ homens de merecimento conhecido, dotados de conhecimentos profundos sobre os negocios em geral, e sobre as provincias occupadas. Naõ apearei jamais, senaõ na ultima necessidade, preposito algum dos Circulos; ei prefiro escolhellos entre a gente do paiz, aquem possa dar, com segurança, maior influencia nos negocios: porém se V. Exª. me permittir obrar neste ultimo caso com a maior circumspecçaõ, e conhecimento perfeito dos individuos, que se haõ de empregar; conheço que he da primeira importancia ganhar a opiniaõ publica, pela escolha de pessoas capazes para os empregos superiores; mas se naõ os achar sufficientemente bons, julgo mais conveniente privar momentaneamente o interior, de alguns homens habeis nos negocios, podendo-se estes substituir mais facilmente, do que correr o risco de fazer impressoens perigosas, por uma escolha infeliz.

(*Assignado*) Conde de Goess, Intendente Gen.

O Vice-rey, commandante em chefe do exercito da

Italia, escreve ao Ministro da guerra, que aos 10 de Abril mandara o Archiduque Joaõ aos postos avançados a carta aqui juncta (N. 1.;) e apenas ella se recebeo soubese logo que todos os postos tinham sido attacados, e uma duzia de hussares levados prisioneiros.—No outro dia pela manhaã publicou o Archiduque a proclamaçaõ aqui juncta (N. 11.)—Naõ ha no Frioul senaõ as divisoens de Boussier e Seras. O vice-rey pensa, que se devia renconcentrar, para ir ao encontro das divisoens: achou a de Grenier e a divisaõ Italiana de Sevaroli em Sacile; e julgou conveniente, aos 16, empenhar uma acçaõ, entre Pardenone e Sacile. A soberba cavallaria do exercito Italiano, muito mais numerosa que a do inimigo, deveria ter chegado; mas o crescimento dos rios, e o trasbordamento dos ribeiros retardáram a sua marcha, e as ordens do Vice rey naõ chegáram a tempo para contramandar os movimentos; as tropas tinham ja entrado em acçaõ, e a cavallaria se achava uma marcha para a retaguarda. Toda esta jornada se pelejou com vantagem; mas pela tarde, havendo a cavallaria inimiga feito um movimento sobre o Livenza, julgou o Vice rey que tinham por objecto cortarlhe a retirada, e repassou o Livenza, e Piava. A perca do inimigo devia ser consideravel, e a nossa teria sido igual á delles, se o general Sahuc, commandante da guarda avançada, se naõ houvesse deixado surprender com os cavallos dos seus hussares, sem sellas nem freios, deixando cercar por todas as partes o regimento de infanteria, que tinha com sigo. O Imperador ordenou que ésta negligencia fosse objecto de um exame particular. Um general de uma guarda avançada, que se deita na cama, em vez de se deitar sobre a palha na sua guarda de bivouac, he culpavel. Nos tivemos a dôr de perder 3 batalhoens do regimento 35, que fóram quasi todos feitos prisioneiros. O exercito se queixa dos hussares do 6, e dos caçadores do 8, que, amolecidos pelas delicias da

Italia, ja naó sabem fazer o serviço dos postos avançados. —Uma divisaõ de dez mil homens, partindo da Toscana, devia chegar a Verona aos 25; éra composta de tropas excellentes: julgou o Vice rey, que devia tomar a posiçaõ de Caldero, e do Adije, deixando guarniçoens em Palma nuova, em Osopo, e em Veneza. Entretanto o Archiduque Joaõ foi chamado para o soccorro da sua capital e começou a sua retirada aos 30 de Abril.—O Vice rey, que tinha o seu exercito em bom estado, e perfeitamente organizado; e que das alturas da excellente posiçaõ de Caldero ameaçava o inimigo, á vista, logo que observou a sua retirada cahiõ sobre elle. Aos 30, em um reconhecimento em que o Gen. Sorbier foi gravemente ferido, havia este morto muitos do inimigo e tomado 600 prisioneiros.——Vicenza, Treviso, Padua, fôram retomados em um instante; e repassou-se o Brenta com a maior actividade, fazendo soffrer ao inimigo uma perca de 300 homens mortos, e 1.100 prisioneiros. O inimigo perseguido mais promptamente do que esperava; e repulsado com maior pressa do que viera, poz-se em batalha alem do Piava, tendo a esquerda nas montanhas, e a direita no caminho de Cornegliano. O Vicerey se aproveitou rapidamente do defeito desta posiçaõ; formou uma guarda avançada de 5.000 volteadores, commandados pelo Gen. Dessaix, fella sustentar pela sua cavallaria, composta de 10.000 homens, passou o Piava, aos 8, e attacou o inimigo entre o caminho de Conegliano eo mar. A guarda avançada foi apoiada pelos corpos dos Generaes Grenier e Mackdonald, e todo o exercito inimigo foi posto na maior desordem. Dezeseis peças de artilheria apetrechadas, 30 caixoens, o Gen. Wolfski, commandante da cavallaria morto, dous outros generaes mortos de suas feridas, e 4.000 prisioneiros, fóram os tropheos desta jornada.—Aos 9 estava o quartel general em Conegliano, e marchava apasso dobre sobre Tagliamento.—Esta nu-

vem que obscureceo momentaneamente os negocios da Italia, deo occasiaõ ao Imperador de conhecer os sentimentos secretos dos Italianos. O inimigo, nas cartas que se interceptáram, se queixa de ter achado todos os vassallos do reyno da Italia affeiçoados a Napoleaõ. Vicenza, Trevizo, Udina, se tem rivalizado nos testemunhos de sua affeiçaõ; ellas acolhêram friamente o inimigo; e naõ mostráram em um só momento, que duvidavam de ser promptamente libertadas. Dizem que só alguns maos sugeitos de Padua merecem ser excluidos deste honroso testemunho.—Quando se soube em Milaõ a primeira noticia da batalha de Abensberg, logo que o escudeiro de S. M., Cavaletti, annunciou as victorias de Eckmuhl, e de Ratisbonna, a alegria dos povos foi tal, que naõ he possivel descrevella.

N. I.

Ao senhor commandante dos postos avançados Francezes.

Segundo uma declaraçaõ de S. M. o Imperador de Austria ao Imperador Napoleaõ, eu avizo ao Sñr. Commandante dos postos avançados Francezes, que tenho ordem de me adiantar, com todas as tropas do meu commando, e de tractar como inimigos todos os que me fizerem resistencia. Quartel General de Malborgete, aos 9 de Abril de 1809.

(*Assignado*) JOAÕ, Archiduque de Austria.

N. II.

Proclamaçaõ.

Italianos ouvi a verdade e a razaõ. Ellas vos dizem que sois escravos da França, que vos prodigais por ella o vosso ouro, o vosso sangue.....O reyno de Italia he um sonho, um nome vaõ. A conscripçaõ, os impostos, as opressoens de todo o genero, a nulidade de vossa existencia politica, exaqui os factos. A razaõ vos diz mais, que, n'um tal estado de abatimento, vos naõ podeis ser nem respeitados, nem tranquilos, nem Italianos. ¿Quereis séllo uma vez mais? Uni as vossas forças, vossos braços, vossos coraçoens ás armas generosas do Imperador Francisco. A este momento faz elle descer um respeitavel exercito para a Italia. Elle o envia naõ para satisfazer uma sede vaã de conquistas mas para se defender a si mesmo, e assegurar a indepen-

dencia de todas as naçoens da Europa; ameaçadas por uma serie de aperaçoens consecutivas, que naõ permittem duvidar de uma escravidaõ inevitavel. Se Deus protege os virtuosos esforços do Imperador Francisco, e os de seus poderosos alliados, a Italia tornará a ser feliz, e respeitada na Europa. O chefe da religiaõ recobrará a sua liberdade, os seus estados, e uma constituiçaõ fundada na verdadeira politica; fara o chaõ Italiano feliz, e inacessivel a toda a força estrangeira.—He Francisco quem vos promette uma taõ feliz existencia. A Europa sabe que a palavra deste principe he sagrada, e taõ immutavel como pura: he o ceo que falla pela sua boca; acordai pois Italianos; levantai-vos: de qualquer partido que tenhaes sido, ou que sejaes, naõ temais cousa alguma. Nós naõ vimos para vos examinar, para vos punir mas para vos soccorrer para vos libertar; quereis vos ficar no estado abjecto em que vos achaes? fareis vos menos que os Hespanhoes, que esta naçaõ de heroes, onde os feitos corespondem ás palavras? amaõ vós menos que ella os vossos filhos, a vossa sancta religiaõ, a honra, e o nome de vossa naçaõ; abherreceis vós menos que ella a vergonhosa servidaõ, que se vos tem querido impor com palavras doces, e disposiçoens directamente contrarias a essas palavras? Italianos; a verdade, e a razaõ vos dizem, que uma occasiaõ taõ favoravel de sacudir o jugo da Italia naõ tornará a vir outra vez; ellas vos dizem que se vos naõ as escutais correis o risco, qualquer que seja o exercito victorioso, de naõ ser outra cousa senaõ um povo conquistado, um povo sem nome, e sem direitos; que se, pelo contrario, vós unisseis fortemente a vossos libertadores, que se vós foreis, com elles, victoriosos, a Italia renascerá, tornará a occupar o seu lugar entre as grandes naçoens do Mundo, e talvez vir aser, o que ja foi, a primeira.—Italianos a melhor sorte está em vossas maõs! nessas maõs que leváram a tocha das luzes a todas as partes do Mundo, e déram á Europa, submergida na ignorancia, as sciencias, as artes, e os costumes.—Milanezes, Toscanos, Venezianos, Piamontezes, e vós póvos de toda a Italia, lembrais-vos do tempo de vossa antiga existencia. Estes dias de paz, e de prosperidade podem voltar mais brilhantes que nunca, se a vossa conducta vos faz dignos desta feliz mudança.—Italianos, he bastante que vos o queirais, e vos sereis Italianos, felizes, e satisfeitos, taõ glorioses como vossos antepassados, e mais do que nunca o fosteis na mais bella epocha de vossa historia.

(*Assignado*) JOAÕ, Archiduque de Austria.

Eis aqui uma relaçaõ succinta dos acontecimentos militares, que se passáram no gram Ducado de Warsovia. O archiduque Fernando fez notificar, aos 14 de Abril a carta aqui juncta (N. 1.) ao principe José Poniatowski, commandante do corpo de exercito do Gram Ducado. No mesmo dia publicou a proclamaçaõ N. 11. Aos 16 entrou no territorio no granducado. Aos 19 fez attacar as tropas do granducado, juncto a Fallenti; foi tres vezes repulsado; e o Principe Poniatowski ficou senhor do Campo de batalha; durante a noite naõ julgando que as suas forças fossem sufficientes, se retirou este principe para Warsovia.—O Archiduque Fernando pedio uma entrevista, mostrando-se disposto a consentir em um arranjamento, para reconhecer a neutralidade da cidade de Warsovia. Aos 20 conveio em um armisticio de 24 horas; e aos 21 se assignou a convençaõ aqui juncta (N. III.) Despois desta singular convençaõ, em que a vantagem ficou inteiramente ao principe Poniatowski, pois assim conservou elle Praga, Sierock, Modlin, toda a sua artilheria, o seu exercito, e as excellentes posiçoens da margem direita do Vistula, imaginou este principe manobras aos 25 pela margem esquerda; attacou o inimigo sobre todos os pontos, matou-lhe muita gente, e tomou obra de 700 prisioneiros. Aos 3 de Maio, pelas duas horas da manhaã, attacou a cabeça da ponte, que o inimigo tinha construido em Gora, tomou-a á ponta da bayoneta, com dous mil prisioneiros, tres peças de artilheira, e duas bandeiras. O tenente-general Schaurott, que commandava, apenas teve tempo de salvar-se. As tropas do gram ducado se acháram assim senhoras da margem direita do Vistula, e entráram em Galicia, onde occupáram os circulos de Stanislavon, Salce, e Biala. O principe Poniatowski mostrou muita habilidade, e actividade em suas disposiçoens. —Poucos dias despois chegáram noticias das victorias alcançadas pelo Imperador Napoleaõ sobre os Austriacos,

O General Conde Bronikoski, commandante de Praga, para informar destas noticias a cidade de Warsovia, elevou ao anoitecer um transparente, em que ellas estávam escriptas. Os habitantes foram em multidaõ á ribanceira; e em toda a noite ouviram os Austriacos retumbar na cidade os gritos de "viva o Imperador Napoleaõ," e a pezár das violencias que elles faziam ao povo, muitas casas púzéram luminarias. Reynava o melhor espirito em todo o gramducado: effectuavam-se novas levas com rapidez, e já a retaguarda se punha em marcha. O exercito naõ fazia mais que imitar os sentimentos dos outros cidadaõs de todas as classes. Havendo um official sido mandado como parlamentario, para a troca de alguns prisioneiros, o general Austriaco naõ lhe quiz fallar senaõ em Alemaõ: elle sabia esta lingua; mas dice que a ignorava. O general respondeo-lhe; que a Alemanha estava mais proxima ao gramducado do que a França. Naõ senhor, replicou o official, a França está mais perto de nós; porque ella enche os nossos coraçoens, e o Imperador Napoleaõ he a nossa alma, e o nosso Deus protector.—A invasaõ do archiduque Fernando dobrou o exercito do gramducado, e enfraqueceo consideravelmente o seu. Naõ pode partir senaõ aos 12, para retrogradar e vir soccorrer Vienna, e havia ja dous dias, que o exercito Francez occupava ésta capital. Naõ poderá unir-se ao archiduque Carlos senaõ aos 4 de Junho; e entaõ haverá outros acontecimentos.

N. I.

Ao Principe de Poniatowski, Ministro da guerra, General, &c.

Quartel general de Wisokin, 14 de Abril, 1809: 7 hor. da tarde. Segundo uma declaraçaõ de S. M. o Imperador de Austria, a S. M. o Imperador Napoleaõ, informo ao Principe de Poniatowski, que tenho ordem de passar ao ducado de Warsovia, com as tropas do meu commando, e de tractar como inimigos todos os que se oppozérem á

minha marcha. Recebei, Príncipe, as seguranças da minha mais distincta consideraçaõ.

(*Assignado*) FERNANDO, General.

No. II.

Proclamaçaõ do Archiduque Fernando.

Habitantes do ducado de Warsovia! Entro com as armas na maõ no vosso territorio, mas naõ como vosso inimigo; sois vós quem hade determinar; pela vossa conducta, o uso das forças militares, que eu commando. Venho proteger-vos, ou combater-vos; a escolha he vossa.—Eu vos declaro que S. M. o Imperador de Austria naõ faz a guerra senaõ ao Imperador Napoleaõ; e que nos somos amigos de todos aquelles que naõ defendem a sua causa.—Nós combatemos o Imperador Napoleaõ; porque achamos na guerra uma segurança que inutilmente esperamos obter de uma paz, que sempre facilita as suas vistas ambiciosas; fazemos-lhe a guerra, porque cada dia augmenta o numero de suas usurpaçoens, que parece querer reduzir a systema de politica; fazemos-lhe a guerra; porque as suas forças augmentadas com a de todos os povos que elle tem subjugado, e vilipendiado até ao ponto de os fazer cegos instrumentos de seu despotismo; ameáçam a nossa independencia, e as nossas propriedades; porque, em fim, queremos, segurando-nos de nossa propria existencia, dalla tambem aos que a tem perdido, e restabelecendo cada um nos direitos, que lhe fôram roubados, tornar a pôr, na Europa, a ordem, dando-lhe o descanço que ella solicita.—Mas de que serve dizer as razoens que temos de fazer a guerra ao Imperador Napoleaõ? O mundo bem as conhece. A Alemanha, a Italia, Portugal, Hespanha, ésta alliada sempre fiel da França, todos attéstam, e sentem os motivos, que nos obrigam a pegar em armas.—Dirijo-me a vós em particular, a vós habitantes do ducado de Warsovia: e pergunto-vos *¿go*zais vós da felicidade que vos prometteo o Imperador dos Francezes? o vosso sangue que se derramou juncto aos muros de Madrid derramou-se pelos vossos interésses? Respondei. Que tem de commum o Tejo com o Vistula? Servio o valor dos soldados para fazer mais feliz o vosso destino? A sua coragem mereceo elogios; mas vos naõ vos deixais enganar com isso: estes elogios por serem justos e merecidos, nem por isso deixam de ser menos enganadores. O Imperador Napoleaõ tem necessidade de vossas tropas, para elle, e naõ para vós. Vos fazeis o sacrificio de vossas propriedades, e de vossos soldados, a *interesses, que longe de* serem os vossos, lhe saõ inteiramente oppos-

tes; e neste momento vós sois, como seus alliados entregues, sem defensa, á superioridade de nossas armas, entretanto que o primor de vossas tropas regam com o seu sangue os campos de Castella e Aragaõ. —Habitantes do Ducado de Warsovia; eu vollo repito, nós naõ somos vossos inimigos; naõ vos entreguois a uma defensa inutil, nem o vosso paiz a todos os rigores da guerra; porque vos declaro que, se resistirdis, vos tratarei com todos os direitos que dá a guerra.—Se, pelo contrario, fieis aos vossos verdadeiros interesses, vós me recebereis como amigo, S. M.ª o Imperador de Austria, vos tomará debaixo de sua especial protecçaõ, e eu naõ exigirei de vós senaõ os objectos necessarios á segurança de minhas armas, e á subsistencia do meu exercito.—Feita no quartel general de Odrygeot aos 16 de Abril de 1809.

Archiduque Fernando, Gen. em chefe.

Convençaõ.

N. II.

Havendo V. A. I. e Real manifestado o desejo de estabelecer e reconhecer a neutralidade da Cidade de Warsovia, e naõ podendo effeituar-se ésta neutralidade senaõ pela evacuaçaõ livre que executassem os corpos de tropas alliadas e combinadas, que estaõ debaixo das minhas ordens, podia este arranjamento encerrar-se nos seguintes artigos. Art. I. Haverá uma suspençaõ de hostilidades durante dez dias. —*Art. II.* Durante este intervalo, este corpo de exercito evacuará, com o pessoal e material, a cidade de Warsovia.—Art. III. Durante este intervalo o exercito Austriaco conservará as mesmas posiçoens, que occupa agora; e para prevenir todo o pretexto que pudesse provenir a harmonia, naõ poderaõ vir a Warsovia senaõ os officiaes parlamentarios do exercito Austriaco.—Art. IV. Despois deste intervalo, senaõ poderá impor á cidade contribuiçaõ alguma extraordinaria.

Resposta. Aos art. I. II. III. e IV. Haverá suspensaõ de hostilidades, durante duas vezes 24 horas.—Durante este intervalo, o exercito combinado, combatente, evacuará a cidade de Warsovia. Concede-se, a datár da mesma epocha, uma espera de cinco vezes 24 horas a todos os empregados, e naõ combatentes, deste exercito, para deixar a cidade.—O Snr. Principe de Poniatowski se servirá commutar a denominaçaõ.

V. As pessoas, propriedades, e cultos, serão respeitados.—Acordado.

VI. Os enfermos e convalescentes Saxonios, Polacos, e Francezes, serão confiados á lealdade do exercito Austriaco; e estando curados receberaõ as suas cartas de guia, e meios de transporte para se unirem aos seus respectivos corpos.—*Acordado.*

VII. Será concedido, por S. A. I. o archiduque commandante das

forças Austriacas, ao ministro Residente da França, acreditado junto do duque e governo do ducado, passaportes e salva guarda, para a sua pessoa, papeis e effeitos, e pessoas addidas á sua missaõ, para ir ter aonde elle julgar conveniente retirar-se.—Acordado.

VIII. Os officiaes, soldados, e empregados Francezes, que se acham em Warsovia, teraõ liberdade de seguir a Presidencia Franceza, com os seus effeitos e bagagens; e receberaõ os passaportes, e meios de segurança, assim como viveres forragens, e transportes.—Acordado.

Artigo condicional. Ao momento da troca dos presentes artigos, se daraõ de uma parte e d'outra officiaes superiores, como refens, até a expiraçaõ do armisticio.

Feito e acordado entre os abaixo assignados generaes em chefe dos dous exercitos, sobre a linha dos respectivos postos avançados, aos 21 de Abril de 1809 a horas damanhaã.

O Gen. commandante em chefe do exercito Austriaco.

(*Assignado*) A. D. Fernando, Gen. em chefe.

O Gen. Commandante em chefe dos corpos d'exercito das tropas alliadas e combinadas no ducado de Warsovia.

(*Assignado*) Joseph, Principe Poniatowski.

Buletim 10. Ebersdorf, 23 de Maio, de 1809.

Defronte de Ebersdorf, se divide o Danubio em 3 braços, separados por duas ilhas. Da margem direita á primeira ilha ha 250 toezas; ésta ilha terá obra de 1.000 toezas de circumferencia. Desta ilha á grande, por onde passa a principal corrente ha um canal de 120 toezas. A ilha grande, chamada *In-der-Lobau*, tem 7.000 toezas de circumferencia, e o canal, que a separa do Continente, tem 70 toezas. As primeiras aldeas que se encontram ao despois saõ Gross-Aspern, Esslingen, e Enzersdorf. A passagem de um rio como o Danubio á vista de um inimigo, que conhece perfeitamente bem as localidades, e que tem os habitantes por si, he uma das mais grandes operaçoens da guerra que he possivel conceber. A ponte da margem direita até a primeira ilha, e a desta á ilha de In-der-Lobau, fôram feitas no dia 19; e aos 18 a divisaõ Molitor tinha sido levada, em bateis de remo, para a ilha grande. —Aos 20 passou o Imperador a esta ilha, e estabeleceo

uma ponte no ultimo braço, entre Gross-Aspern e Essling. Tendo neste braço, somente 70 toezas, naõ precizava a ponte senaõ 15 pontoens, e em 3 horas a lançou o Coronel de Artilheria Aubry. O Cor. Sainte-Croix, ajudante de campo do marechal duque de Rivoli; foi o primeiro que passou em um batel, para a margem esquerda. A divisaõ de Cavallaria ligeira do Gen. Lassale, e as divisoens Molitor, e Boudet, passáram na noite. Aos 21, o Imperador, acompanhado do Principe de Neufchatel, e dos marechaes duques de Rivoli e Montebello, reconheceo a posiçaõ da margem esquerda, e estabeleceo o seu campo de batalha, a direita na aldea de Essling, e a esquerda na de Gross-Aspern, que fôram logo occupadas.—Aos 21, ás 4 horas despois do meio dia, appareceo o exercito inimigo, e mostrou intençaõ de carregar a nossa guarda avançada, e atirar com ella ao rio: vaõ projecto! O marechal duque de Rivoli foi o primeiro que attacou Gross-Aspern, com o corpo do Gen. Bellegarde. Manobrou com as divisoens Molitor e Legrand, e por toda a noite fez voltar em confuzaõ do inimigo todos os attaques que elle emprehendeo. O duque de Montebello defendeo a aldea de Essling, e o marechal duque de Istria, com a cavallaria ligeira e a divisaõ de Courasseiros de Espagne, cubrio a planicie, e protegeo Enzersdorf: a acçaõ foi viva; o inimigo jogou com 200 peças de artilheria, e cousa de 90.000 homens, compostos das ruinas de todos os corpos do exercito Austriaco, a divisaõ de courasseiros Espagne deo muitas bellas cargas, penetrou dous quadrados, e tomou 14 peças de artilheria. Uma bala matou o gen. Espagne, combatendo gloriosamente á frente das tropas: official valoroso, distincto, e recommendavel, em todos os pontos de vista. O gen. de brigada Foulers foi morto em uma carga. O Gen. Saint Germain chegou ao campo de batalha no fim do dia. Esta brigada se distinguio por muitas bellas cargas. A's 8 horas da noite cessou o com-

bate; e nós ficamos inteiramente senhores do campo de batalha. Durante a noite o corpo do gen. Oudinot, a divisaõ Saint-Hilaire, duas brigadas de cavallaria ligeira, e o trem de artilheria passáram as tres pontes.

Aos 22, ás 4 horas da manhaã, o duque Rivoli foi o primeiro, que entrou em acçaõ. O inimigo fez successivamente muitos attaques para retomar a aldea. Em fim, o Duque de Rivoli, aborrecido de estar na defensiva, attacou tambem o inimigo, e o derrotou. O gèn. de divisaõ Legrand fez-se notavel pelo sangue frio, e intrepidez, que o distinguem. O gen. de divisaõ Boudet, postado na aldea de Esslingen, estava encarregado de defender ésta importante posiçaõ: vendo que o inimigo occupava um grande espaço da direita á esquerda, concebeo o projecto de o penetrar pelo centro. O duque de Montebello poz-se á frente do attaque, tendo o gen. Oudinot á esquerda, a divisaõ Saint Hilaire no centro, e a divisaõ Boudet á direita. O centro do exercito inimigo, naõ pôde soffrer a vista das nossas tropas. Em um um momento tudo ficou derrotado. O duque de Istria fez muitas bellas cargas, que todas fôram mui bem succedidas. Tres columnas de Infanteria inimiga fôram carregadas pelos cuirasseiros, e passadas a espada. Estava acabado o exercito Austriaco, senaõ quando, as 7 horas da manhaã um ajudante de campo veio annunciar ao Imperador, que a repentina enchente do Danubio arrebatára grande numero de madeiros, e arvores que se tinham cortado, e lançado nas ribanceiras durante os acontecimentos, que tivéram lugar na tomada de Vienna; e este successo quebrou as pontes que communicávam a margem direita com a pequena ilha, e ésta com a de Inder-Lobau. Esta cheia periodica, que ordinariamente só tem lugar ao meio de Junho, quando re derretem as neves, foi accelerada pelo calor prematuro, que se fez sentir ha alguns dias a ésta parte. Todos os parques de reserva, que desfilávam, se acháram retidos na margem direitta

pela ruptura das pontes, assim como uma parte da nossa cavallaria pezada; e o corpo inteiro do marechal duque de Auerstadt. Este terrivel contratempo decidio o Imperador a fazer parar o movimento em avançada; ordenou ao duque de Montebello, que guardasse o campo de batalha, que tinha sido reconhecido, e que tomasse a sua posiçaõ apoyando a esquerda em uma curtina, que cubria o duque de Rivoli, e a direita em Esslingen.—Naõ podiam já passar os cartuchos da artilheria, e infanteria, que trazia o nosso parque de reserva. O inimigo estava na mais estupenda derrota quado soube que se havîam quebrado as nossas pontes. A diminuiçaõ do nosso fogo, e o movimento concentrado que fazia o nosso exercito, naõ lhe deixávam duvida sobre este acontecimento imprevisto. Todos os seus canhoens, e equipagem de artilheria, que estávam em retirada, se tornáram a apresentar em linha, e desde as 9 horas da manhaã até as 7 da tarde, fez elle esforços inauditos, ajudados pelo fogo de 200 peças de artilheria, para derrotar o exercito Francez. Estes esforços se tornáram em vergonha sua: attacou as aldeas de Esslingen, e de Gross Aspern, e tres vezes as encheo com os seus mortos. Os fuzileiros da guarda, commandados pelo Gen. Mouton, cubrîram-se de gloria, e derrotáram a reserva, composta de todos os granadeiros do exercito Austriaco, unicas tropas de reserva, que restávam ao inimigo. O Gen. Gross fez passar á espada 700 Hungaros, que se havîam alojado no cemiterio da igreja de Essling. Os attiradores debaixo das ordens do General Curial, fizéram a sua primeira acçaõ de armas nesta jornada; e mostráram vigor. O gen. Dorsenne, coronel commandante da guarda velha, a colocou na terceira linha, formando um muro de bronze, capaz, só por si, de fazer esbarrar todos os esforços do exercito Austriaco. O inimigo atirou 40.000 tiros de canhaõ ao mesmo tempo que nós, privados dos nossos parques de reserva, estavamos na necessi-

dade de poupar as nossas muniçoens, por algumas circumstancias imprevistas.—A' noite tornou o inimigo a tomar as suas primeiras posiçoens, que elle tinha deixado para o attaque, e nos ficamos senhores do campo de batalha. A sua perca he immensa. Os militares que tem o golpe de vista mais exercitado, tem avaluado em mais de 12.000 os mortos, que elle deixou no campo de batalha. Segundo a relaçaõ dos prisioneiros, houve 23 generaes, e 60 officiaes superiores mortos ou feridos. O tenente marchal de campo Weber, 1.500 homens, e 4 bandeiras ficáram em nosso poder. A perca da nossa parte foi consideravel; nós tivemos 1.100 mortos, e 3.000 feridos. O duque de Montebello perdeo uma perna com uma bala, aos 22, ás 6 horas da tarde. Fez-se a amputaçaõ, e está fóra de perigo: no primeiro momento julgou-se que estáva morto; transportado em uma paviola para juncto do Imperador os seus adeozes fôram tocantes; no meio dos cuidados desta jornada, se entregou o Imperador á terna amizade, que tem á tantos annos a este valoroso companheiro em armas. Corrêram de seus olhos algumas lagrimas, e voltando-se para os que o cercavam dice, " era preciso que nesta jornada fosse o meu coraçaõ ferido por um golpe taõ sensivel, para que eu me pudesse abandonar a outros cuidados sem serem os de meu exercito." O duque de Montebello tinha perdido os sentidos; a presença do Imperador os fez recobrar; lançou-se-lhe ao pescoço dizendo-lhe." Daqui a uma hora tendes perdido aquelle, que morre com a gloria, e na convicçaõ de ter sido, e ser, o vosso melhor amigo."—O general de divisaõ Saint Hilaire foi ferido; he um dos generaes mais distinctos da França. O general Durosnel, ajudante de campo do Imperador foi levado por uma bala, indo dar uma ordem.—O soldado mostrou um sangue frio, e uma intrepidez, que naõ pertencem senaõ aos Francezes.—As agoas do Danubio, continuando a crescer, naõ deixáram restabelecer as pontes durante a

hoite. O Imperador fez que o exercito repassasse, aos 23, o pequeno braço da margem esquerda, e se postasse na ilha de In-der-Lobau, guardando as cabeças da ponte. Trabalha-se no restabelicimento das pontes, naõ se empreenderá nada até que ellas naõ estejam seguras dos accidentes das agoas, e até de tudo quanto se pudesse tentar contra ellas: a elevaçaõ do rio, e a rapidez da corrente obrigam a trabalhos consideraveis, e a grandes precauçoens.—Quando se soube no exercito, aos 23 pela manhaã, que o Imperador tinha mandado que tornasse a passar para a grande ilha, a admiraçaõ destes valorosos soldados foi extrema. Vencedores em duas jornadas, criam que o resto do exercito se lhes ia a unir; e quando se lhes disse que as grandes agoas tinham quebrado as pontes, e que augmentando-se sem cessar tornávam impossivel o prover muniçoens e viveres, e que todo o movimento em avançada seria insensato, houve um grande trabalho em persuadillos disso.—He uma infelicidade grandissima, e totalmente imprevista, que éstas pontes formadas com os maiores bateis do Danubio, amarradas com anchoras dobradas, fossem assim levadas pela corrente: mas he uma grande felicidade, que o Imperador naõ o soubesse duas horas mais tarde; o exercito perseguindo o inimigo teria exhaurido as suas muniçoens, e se acharia sem meios de as renovar.—Aos 23 se fez passar uma grande quantidade de viveres ao campo de In-der-Lobau.—A batalha de Esslingen (de que se dará uma relaçaõ mais circumstanciada, por onde se conhecerá os valentes que se distinguiram) será aos olhos da posteridade um novo monumento da gloria, e da inconcussa firmeza do exercito Francez. Os marechaes duques de Montebello e de Rivoli mostráram nesta jornada toda a força do seu character militar.—O Imperador tem dado o commando do segundo corpo ao Conde Oudinot, general experimentado em cem combates, em que mostrou tanta intrepidez como sciencia.

Hespanha.

Decreto para o chamamento de Cortes.

He justo que o povo Hespanhol finalize a presente contenda, com a certeza de ter deixado á sua posteridade uma herança de prosperidade, e de gloria, digna de seus poderosos esforços, e do sangue, que tem derramado. A Suprema Juncta jamais perdeo de vista este objecto, que, entre a continua agitaçaõ, causada pelos acontecimentos da guerra, tem sempre sido o seu principal desejo. As vantagens ganhadas pelo inimigo, e que elle deve menos ao seu valor do que á superioridade do seu numero, rereqneriam exclusivamente a attençaõ do Governo; mas ao mesmo, tempo se fazia a penosa, e amarga reflexaõ, de que os desastres que a naçaõ soffre tem sido *unicamente* occasionados por haverem cahido em desuso estas instituiçoens saudaveis, que em tempos mais felizes estabeleceêram a prosperidade, e fortaleza do Estado.

A usurpadora ambiçaõ de algumas, a indolente frouxidaõ de outras, as reduzio a nada: mas a Juncta desde o momento da sua instalaçaõ, incurreo solemnemente na obrigaçaõ de as restabelecer. Agora he chegado o tempo de metter maõs a esta grande obra, e projectar as reformas que se deviam fazer na nossa administracçaõ; estabelecendo-as nas leis fundamentaes da monarchia, que he somente quem a pode consolidar; e ouvindo o conselho, como ja se annunciou, do publico, dos homens sabios, que pensam com rectidaõ sobre o estado de suas opinoens.— El Rey nosso Soberano, D. Fernando VII, e em seu Real nome a Suprema Juncta Governante do Reyno, desejando que a naçaõ Hespanhola possa apparecer aos olhos do Mundo, com a dignidade devida aos seus heroicos esforços; e que os direitos e privilegios dos cidadaõs fiquem seguros de novos attaques; e que as fontes da felicidade publica, removidos os impedimentos, que até aqui obstruiam o seu

curso, possam correr livremente quando tiver cessado a guerra, e reparado o que *o inveterado despotismo*, e a presente devastaçaõ tem destruido; decreta o seguinte.

I. Que a legal, e conhecida, representaçaõ da Monarchia, em suas antigas Cortes, será restabelecida, para ser convocada no anno proximo futuro, ou mais cedo se as circumstancias o permittirem.

II. Que a Juncta se occupará, immediatamente, em verificar o modo, numero, e classe, segundo o que, nas actuaes circumstancias, dos tempos presentes, o ajunctamento dos Deputados desta augusta assemblea deve ter lugar. E para este fim se nomeará uma commissaõ de cinco membros, os quaes, com a attençaõ e diligencia que este grande negocio requer, examinaraõ, e prepararaõ todos os projectos e planos, que, depois de serem examinados, e approvados pela Juncta, podem ser empregados para a convocaçaõ, e formaçaõ das primeiras Cortes.

III. Que, alem deste objecto, que pela sua urgencia requer a primeira attençaõ, a Juncta extenderá as suas investigaçoens aos seguintes pontos, em ordem a propollos successivamente á naçaõ, unida em Cortes:—Os meios e recursos de manter a guerra sancta, em que com tanta justiça está a naçaõ envolvida, até o alcance do glorioso fim, a que se tem proposto.—Os meios de segurar a observancia das leis fundamentaes do reyno.—Os meios de melhorar a nossa legislaçaõ, de arrancar abusos, que nella se tem introduzido, e de facilitar a sua reforma.—A collecta, administraçaõ, e distribuiçaõ das rendas.—As reformas necessarias no systema de instrucçaõ e educaçaõ publica.—Os meios de regular e manter um exercito permanente, em tempo de paz e guerra, segundo a condiçaõ e rendas do Estado.—Os meios de conservar uma marinha adequada aos mesmos objectos.—*A parte* que a America deve ter na uniaõ das Cortes.

IV. Em ordem a colligir a informaçaõ necessaria, para taõ importantes discussoens, a Juncta consultará as Junctas Superiores provinciaes, os Tribunaes, Corporaçoens, Cabidos, Bispos, e Universidades, e ouvirá todos os homens sabios e illustres. Este Decreto será impresso, publico, e circulado, com as devidas formalidades, para que chegue á noticia de toda a Naçaõ. Castello Real de Sevilha 22 de Maio, 1809.

O Marquez de Astorga, Presidente.

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

Alemanha e França.

O Leitor achará, neste Numero, as relaçoens Austriaca, e Franceza da batalha de Aspern; e se lhe ajunctou um plano do campo da acção, para ajudar a sua intelligencia; assim, comparando o que ambas as partes dizem, se poderá tirar um resultado mui proximo á verdade. Parece cérto que Bonaparte tentou passar o Danubio com todo o seu exercito, e falhou completamente, na tentativa. Os Francezes imputam isto á destruiçaõ das pontes, que lhe impedio o passar o resto do exercito, e munições; e ésta destruiçaõ das pontes dizem ser occasionada por um accidente das cheias do Danubio. O Austriacos attribuem a desfeita dos Francezes á coragem, e boa disposiçaõ das tropas Austriacas? e o rompimento das pontes dizem ser devido e um estratagema do Archiduque Generalissimo, que fez largar, pelo rio abaixo, moinhos e barcos incendiadores, que cortáram as pontes, e deixáram sem soccorros a parte do exercito Francez, que tinha passado á margem esquerda do Danubio. Esta relaçaõ parece ser a mais provavel, até por muitas expressoens, que se acham nos buletins Francezes subsequentes. Mas fosse devido ao que fosse ésta interrupçaõ na carreira victoriosa de Bonaparte, o successo deo uma coragem e espiritos aos Austriacos, que deverïam produzir effeitos mui ponderosos; principalmente quando se considéra, que os buletins Francezes tinham ja dado por annihilados estes exercitos, por quem agora fôram batidos, ao menos em parte; porque, se o Archiduque naõ conseguio todo o objecto principal que tinha em vista, que éra repellir o inimigo, destruir-lhes as pontes, e occupar a margem do Lobau com a sua artilheria; ao menos conseguio parte disto; e os Francezes naõ obtivéram o seu ponto que éra cruzar o Danubio, e soffrêram uma perca considerabilissima.

Os buletins posteriores porém nos informam, que Bonaparte, despois de immensos preparativos, passou o Danubio, neste mesmo ponto, e tendo uma batalha assaz renhida, conseguio que o Archiduque se retiraisse. Estas contas se publicaraõ, no numero seguinte, com a narraçaõ Austriaca; porque nem se pode dar credito implicito aos buletins Francezes, vistas as exageraçoens, e até falsidades palpaveis, que contem; nem he possivel acreditar os rumores do dia, que representam ésta passagem do Danubio, como de nenhuma utilidade para o exercito Francez; muito principalmente porque os buletins 27 e 28 fazem mençaõ de um armisticio, de um mez, concluido entre os Impe-

tadores de Austria e França. O acôrdo de similhante armisticio, naõ próva mais nada do que o estárem ambas as partes belligerantes incapacitadas de continuar a guerra, pelas grandes perças que soffrêram; mas quanto aos resultados do armisticio, isso depende da habilidade dos negociadores. Na situaçaõ actual das cousas uma paz só póde servir ao Imperador de Austria de salvar a sua *pessoa*, perdendo os seus Estados, e consideraçaõ politica, para passar a vida em triste obscuridade; e o que mais he sacrificando, á vingança de seus inimigos, os seus mais zelosos partidistas; e apenas se pode suppor que este Soberano, seja capaz de commetter tal baixeza.

Quanto ás victorias de Napoleaõ nada pode entristecer mais um coraçaõ bem formado, quando se considérat que este *novo* Attila, está pondo em practica os costumes que os barbaros tinhaõ, e que a introducçaõ da Religiaõ Christaã havia extinguido, suavizando os males da guerra. Com atrocidade inaudita obrigou este homem os prisioneiros Austriacos a alistar-se nas tropas Bavaras, para pelejar contra os seus mesmos nacionaes; e com iguaes principios de barbaridade, fez que outros prisioneiros fossem distribuidos pelos agricultores da França para trabalharem nas terras, dando assim o primeiro passo para a introduçaõ do cativeiro, que alguns povos barbaros irrógam, como pena, aos prisioneiros de guerra. Eis o refordnador dos abuzos!!!

Hespanha.

As operaçoens recentes da guerra neste paiz saõ mui insignificantes. Os Francezes obtivéram algumas vantagens em Aragaõ; mas retirâram das fronteiras de Portugal as suas tropas, ou fosse com o designio de puxar o Gen. Cuesta para fóra da Serra Morena; onde o naõ podem attacar com vantagem, ou fosse para concentrarem as suas forças sobre Toledo, e esperar assim os resultados da Alemanha. Mas o General Wellesley, havendo ja feito a sua juncçaõ com os Hespanhoes, naõ deixará continuar as cousas na inacçaõ.

Os regulamentos civis da Hespanha, porém, saõ muito mais importantes, que os militares; porque a Juncta Suprema tem declarado ao Mundo; o que até aqui só se dizia por algumas pessoas, cujo patriotismo excedia o temor de ser perseguido, por qualquer governo da Europa em que se achassem. O decreto da Juncta Central (vide p. 16 deste No.) naõ escrupuliza de dizer authenticamente, que o desgosto universal da naçaõ procedia, entre outras causas, do capricho com que a Corte de Hespanha distribuia os empregos publicos a homens sem merecimentos; e no outro (vide p. 100) diz claramente

que o desuzo das *Cortes* causara a ruina da Monarchia. Despois de similhantes declaraçoens ¿pode haver quem naõ conheça a causa das vantagens dos Francezes, nos paizes que invadem? Remediassem os governos, estes males que agora se confessam, e nunca os Francezes seriam bem recebidos pelos povos, só pelas promessas que a França tem feito, e nunca realizado, de remediar os abusos. Eu sempre quizéra ver, quem contradiz agora a authoridade da Junta Central.

As forças que os Hespanhoes tem em armas se avalûam, agora ao seguinte. Com o Gen. Cuesta 66.000 homens; com Blake 44.000; Duque del Parque 6.500; Romana 20.000; Balasteros 10.000; Total 147.200 homens.

Por noticias de Marselha de 28 de Março se soube que o ex-Rey Carlos IV, a Raynha, e o Principe da paz existem ainda naquella Cidade, e vivem mui dispendiosamente. El Rey vai quasi todos os dias até o porto, e frequentemente vai ao theatro Francez de que muito gosta. Esta noticia parece ser invençaõ Franceza; porque apenas se pode suppor que o Ex Monarcha de Hespanha, havendo feito tantos sacrificios por salvar o seu infame valido, com quem vive, seja indiferente aos males que a sua patria soffre, principalmente pela perversidade daquelle homem.

Inglaterra.

Este paiz, gozando de uma indizivel prosperidade, e perfeitamente livre até dos mais pequenos attaques do tyranno do Continente, continua, pela bondade de suas leys, e systema de governo, a prestar aos seus habitantes aquella tranquilidade interna, e commodidades da vida, que a perversidade humana, e ignorancia dos povos denega as outras naçoens Européas. O que ha simplesmente de novo he uma poderosa expediçaõ, que, segundo o rumor, se destina a destruir a esquadra inimiga, que se prepára no Scheldt, tomando a ilha de Walcheren. Do bom successo desta expediçaõ ninguem duvida; assim os negocios de Austria nos permittissem agourar, deste armamento, consequencias beneficas á causa da Europa.

A Expediçaõ consta de 50.000 homens, commandados pelo Lord Chatham. Alem disto vaõ 40 náos de linha; e 200 velas de guerra, por tudo.

Brazil.

Deste lugar se publica uma interpretaçaõ (ou sabe Deus que nome se lhe póde dar) do Capitaõ General do Pará, sobre a Capitulaçaõ de *Cayenna*. A capitulaçaõ com effeito está miseravel, e até abaixo de

criticismo; mas o Governador do Pará, em vez de tomar sobre si o revogalla em parte, e interpretalla, no todo, a seu modo, sem o consentimento da outra Parte Contractante, melhor fizéra se houvesse mandado lá, naõ um official taõ inferior em patente, como o que mandou, mas o Commandante das tropas do Pará, aquem ésta expedlçaõ competia, pois ficou ali sem fazer nada, em quanto o Official que foi, por falta de ordens precizas, fez uma capitulaçaõ, que agora foi necessario revogar.

Tenho uma noticia que dar (naõ ao publico mas ao Governo do Brazil) e he que os Anglo-Americanos estabelecêram ja, na Carolina do Sul, plantaçoens da Cochinilha, que obtivéram do Mexico, e se tem mostrado excellente. O Governo Portuguez mandou, em 1798, um sugeito a buscar este insecto e planta, que se obteve a muito custo, e muito trabalho. As plantas e insecto, fôram para a Madeira para de la se transportarem ao Brazil; mas deixáram-se morrer; porque o homem empregado nesta diligencia foi mandado guardar nas prisoens da Inquisiçaõ, por ser Framaçon, perdendo-se assim este importante ramo de commercio, antes do que ter cochinilha infestada pela Maçoneria. Se o Governo do Brazil quizesse condescender em dizer-nos a quem temos de agradecer este seu rasgo de politica, com todo o gosto apareceria o parallelo desse Solon, com os legisladores dos Estados Unidos, e de boa vontade se fariam os devidos elogios a quem competissem.

Portugal.

A grande concurrencia de noticias, que foi necessario inserir neste numero, naõ deram lugar ao interessante jornal das operaçoens do Gen. Silveira, que será publicado no No. seguinte; quanto ao mais, a inactividade em que o Reyno está naõ offerece outra cousa de novo, senaõ a contribuiçaõ forçada, a que os Governadores do Reyno recorréram agora, e que á muito mais tempo deveriam ter feito, visto que as contribuiçoens voluntarias paráram quasi de todo, logo que elles começáram a governar.

A falta de noticias modernas será compensada com uma, posto que de data antiga, mui interessante. Os Governadores do Reyno julgáram conveniente mandar prender, *nas prizoens da* Inquisiçaõ, muitos homens respeitaveis por suas luzes, seus talentos, e seu patriotismo, e (ao menos alguns bem conhecidos) pela sua irreprehensivel moral; e estas innocentes victimas, acham-se ha muitos mezes naquellas abominaveis masmorras, sem se lhe fazer processo. Tinha-se de proposito até qui omittido mencionar este facto, no Correio Brazilienſe,

por motivos de puro Patriotismo, e respeito ao credito da Naçaõ; esperando-se que as representaçoens feitas, tanto em Lisboa como aqui em Londres, teriam produzido a justiça requerida, sem ser necessario publicar mais este ferrete da naçaõ. Todo o Mundo sabe que Bonaparte, para conciliar o partido dos homens bem pensantes da naçaõ Hespanhola, abolio a Inquisiçaõ, em Hespanha, por um decreto solemne; este acto he benefico, proceda elle de Satanaz, ou de Bonaparte. Os fins deste uzurpador naõ saõ fazer aquelle bem á humanidade, por principios de justiça, mas por vistas ambiciosas, e os que revivem agora a Inquisiçaõ em Portugal, séja maldade séja móra ignorancia, naõ fazem mais que irritar o povo Portuguez, contra o seu systema de governo; e por consequencia accrescentam partidistas a um homem malvado, como he Bonaparte, cujo systema iniquo, senaõ fôr atalhado, reduzirá a Europa ao estado de barbaridade, a que esses mesmos Francos, e seus associados, ja uma vez a reduziram.— Os Inglezes, que no seu paiz estaõ seguros da liberdade pessoal, e do gozo pleno de sua propriedade, apenas fazem clara idea do horror que causa aos homens sensatos de Portugal, o ver muitas pessoas inocentes mettidas nas prisoens da Inquisiçaõ, no seculo XIX; mas ainda assim tem se feito muito por diminuir estes males. O Governo Inglez tem feito fortissimas representaçoens a favor destes presos; o Ministro de S. A. R. em Londres, tem feito officios para o mesmo fim, o Patriarcha eleito de Lisboa se tem, com a mais honrosa humanidade, opposto a estes procedimentos; o Marquez das Minas tem mostrado a sua desapprovaçaõ destas iniquidades, até naõ querendo assistir ás sessoens da Regencia, e nada disto tem aproveitado. Motivos de justiça, a respeito da naçaõ Ingleza me obrigam a fazer aqui ésta declaraçaõ; porque em Portugal queixam-se geralmente, que os Inglezes vaõ lá só para soccorrer o despotismo, e naõ para introduzir na naçaõ, a bem dos povos, as suas instituiçoens uteis. Já se publicaram documentos authenticos no Correio Braziliense, por onde se mostrou, que a primeira idea do restabellecimento dos Governadores do Reyno, naõ veio dos Inglezes; agora neste facto digo, que o Governo Inglez fez o que coube na sua alçada. Poderia talvez, á força armada, mandar soltar os prezos, e remediar outros males; mas ¿que diria a naçaõ Portugueza? ¿que diria o Mundo? Todos diriam que isto éra um acto de despotismo da parte da Inglaterra, que naõ tinha direito de assim obrar em uma naçaõ estrangeira. He logo necessario que os Portuguezes indaguem de quem procede este mal, e que elles lá por si o remedeiem; do contrario, naõ será de admirar que a naçaõ Ingleza, conhecendo que está derramando o seu sangue, e esper-

diçando os seus thesouros, em favorecer um Governo, que só cuida em se fazer odioso ao povo, mande retirar as suas tropas, e deixe a naçaõ Portugueza entregue ao seu infeliz destino.—He triste cousa para um Jornalista, que deseja o bem de sua Patria, ser obrigado a revelar ao Mundo verdades taõ humiliantes para a sua naçaõ; mas uma vez que todos os meios empregados, para remediar o mal sem escandalo, naõ produziram effeito, he obvio que ésta appellaçaõ ao publico vem a ser um dever sagrado.

Juncto a este numero verá o Leitor um dialogo, communicado de Lisboa ao Edictor, que se ajuncta aqui naõ só para mostrar a imparcialidade com que se desejam publicar as ideas dos outros; mas taõ bem para refutar alguma couza, que naõ parece correcta. Primeiramente os factos que se referem podem ou naõ podem ser verdades: he muito possivel, que, em tempos calamitosos, alguns malvados se aproveitem dos seus empregos, para roubar um carro de paõ de muniçaõ, &c. Mas isto naõ tem nada de commum com a causa da guerra; ésta he necessario, que vá adiante: pelejar e fazer todos os sacrificios da pessoa e dos bens, para expulsar o inimigo commum, para salvar a honra da naçaõ; e para ver se restabelece o credito das armas Portuguezas outrora taõ admirado. Quanto á opiniaõ, sobre os ecclesiasticos pegarem em armas, pensamos, que as pessoas dedicadas aos altares só podem ser ministros de paz: mas o author deste dialogo admitte, que elles devem brigar em um caso urgente, quando a patria está em perigo. ¿E que maior urgencia, que a presente? Agora estaõ invadidos pelos Francezes a liberdade do Cidadaõ, a independencia do Governo, a honra das familias, o direito de propriedade, a Religiaõ do paiz, &c. &c. ¿Naõ he pois agora o ecclesiastico authorizado a pegar d'uma arma para defender até a sua propria vida? Esta naõ he uma das guerras communs, que dous Soberanos tem entre si para disputar uma herança, ou para adquirir mais uma porçaõ de territorio; he uma guerra defensiva, contra uma Potencia, que tracta de desorganizar todos os vinculos, e ordem da sociedade, que o ecclesiastico, como cidadaõ, he obrigado a defender. Quanto ao Author ridicularizar a sua apparencia pouco militar, acho isto taõ indecente, que até hesitei se devia unir similhante passagem ás paginas do Correio Braziliense. O naõ saberem aquelles ecclesiasticos manejar as armas he-lhes honroso; o desejarem usar dellas para defender a patria, he digno de todo o louvor.

Rio da Prata.

Aqui circulou em Londres uma Proclamaçaõ de Linieres, que se naõ julga authentica, por conter demasiadamente claros os principios politicos daquelle official, que até aqui cubrira sempre a suas intençoens com o profundo véo do segredo. Como quer que seja tudo presagia, que o territorio de Buenos Aires vai a formar um Estado independente; e que o fermento dos espiritos preciza esforços naõ ordinarios para o regular. O Governo de Hespanha nomeou o Marquez de Casa Yrujo, para residir juncto á Corte do Rio de Janeiro, como Ministro de Fernando VII, e D. Alexandre Calhariz foi nomeado, pelo Principe Regente de Portugal, para residir juncto ao Governo de Hespanha. Os principios deste a respeito da America saõ bem declarados na sua expressaõ de que o Brazil éra um perigoso gigante que estava no berço, e se devia tractar como tal; Alem da sua expressaõ dos tres III. Os principios do Marquez de Yrujo, saõ taõbem mui patentes, pois durante a sua residencia, nos Estados Unidos da America trabalhou com todas as suas forças por extinguir a revoluçaõ, que se apontou em Caracas. Eu, que estou persuadido de que a separaçaõ total da America, pelo que respeita a Europa, he um acontecimento que impreterivelmente deve succeder mais mez ou menos mez, cuido que os talentos destes homens em ambas as partes do Atlantico, seriam mais bem empregados em excogitar os meios de tirar a luz aquelle acontecimento necessario, sem effusaõ de sangue; do que em oppor-lhes obstaculos, que naõ podendo fazer outra cousa senaõ retroceder a corrente, lhe augmentaraõ a impulsaõ a um ponto, que até tremo de o considerar; muito principalmente, quando me lembro, que os poucos conhecimentos politicos, que ha naquelles pazes da America, daraõ aos que tem por si a força phisica, uma preponderancia, e influencia, verdeiramente temivel. A obstinaçaõ em que se está na Europa de querer considerar aquellas importantes, e poderosas regioens, como pequenas colonias em sua infancia, he um erro que a experiencia dos Estados Unidos da America devia ter ensinado a rectificar; mas tal he a força dos prejuizos e da educaçaõ; que a mesma experiencia mal pode remediar os seus effeitos.

DIÁLOGO

ENTRE BRÁGA E O PORTO.

EM DEZEMBRO,
de 1808.

IMPRESSO POR W. LEWIS, PATERNOSTER-ROW, LONDRES.

INTRODUCCAÕ.

O PEQUENO Quadro, que hoje offerêço aos verdadeiros Patriotas, debaixo da fórma de Diálogo, he hum retráto fiel das desórdens acontecidas em Brága, por occaziaõ da feliz Restauraçaõ do Reyno, e Acclamaçaõ do Amável Principe Regente, Nosso Senhôr. Este opusculo, a que eu poderia dar maior extençaõ; se quizésse dár maior tormento aos Coraçoens sensiveis, he quasi huma copia de Memórias; que dáquella Cidade me enviou hum Amigo de experimentada probidade, taõ verdadeiro nas suas relaçoens, como imparciál, e exacto nos seus juizos; e que debaixo de huma representaçaõ vulgár, encobre a perspicacia de Theophrásto, ou la Bruyere, em penetrár nos coraçoens, a travêz da Hypocrizia, e da Impostúra. Estas Memorias saõ antes hum Diário, escripto sobre os lugáres, e á fáce dos succéssos, á medida que elles hiaõ acontecendo. Eu lhe mudei a fórma, mas sem lhe alterár a substancia; como o seu proprio Auctôr se convencerá pela leitura d'esta Obra, cujo estillo hé simples, e quál convem á natureza de Diálogo. Omitti da mesma sorte os nomes das Personagens; algumas das quaes por aqui giraõ, mendigando do Governo o Salario dos seus Serviços; e os omitti, receando, que o Publico instruido sobre os verdadeiros Mottores de tantas torpêzas, quizesse antecipár no seu furôr hum castigo, que elle déve esperár da reflectida animadversaõ das Leys, e da rectidaõ do Governo.

E direi eu agóra, qual foi o motivo, que me animou, taõ longe dos Successos, a interessar-me por elles, e a incorporarme com as Victimas de tantas iniquidádes, para orar a sua Cauza? Almas bem formadas, advinhai-o vós; (ou antes) lêde as Memorias, que eu tenho diante dos olhos, e vêde, se hum movimento de indignaçaõ, e o Genio da Humanidade, vos naõ fazem lançar involuntariamente maõ da pêna, ordenando-vos escrever; e promettendo-vos huma lagrima de cada Leitor Patrióta em Gratidaõ do vosso trabalho! Possa esta leitura, por mais pequena que seja, e indifferente, que parêça, acordar o remórso na Alma dos Sediciozos; e provár-lhe, que para os novos Catilinas, há novos Ciceros, que os delátem; fazendo scintillar diante d'elles a Espáda da Vingança, o Claraõ da Justiça e da Verdade; e acabrunhando-os com todo o valôr, que a Razaõ emprésta na Deffeza da Patria revolvida, e da Innocencia calumniada.

DIÁLOGO

Entre Braga e o Porto.

P. VEM cá Irmãa: quanto fólgo de poder inda abraçar-te! Nunca esperei, que te veria mais, ao que por aqui se contou de ti!

B. He verdade, que eu estive a dous dedos da minha ruina: sei quem me queria perder; mas ainda hoje ignoro, a quem devo o meu Salvamento.

P. He para que saibas, o que deves a teus filhos!

B. Naõ lhe devo ingratidoens, e baixêzas, como tu deves aos teus: naõ tiveste tu traidores, que te quizeram vender? Pois eu naõ tive hum só, que naõ estivesse prompto a sacrificar-se por mim: cuidáram em desacreditár alguns; mas a sua fidelidade era muito constante, para haver de merecer suspeitas. A Calumnia triunfou no tumulto; mas passado o frenezi, appareceo a Verdáde.

P. Muito acodes pelos teus filhos! Elles culparam innocentes, como tu dizes; proclamaram-nos por traidores; talvez naõ faltou muito, que os naõ assassinassem; e saõ bons filhos?

B. E saõ bons filhos; porque elles naõ foram os Auctores d'estas atrocidades. Eu devo esse obzequio a alguns, que nascendo em outra Patria, vieram achar no meu seyo, o que sua May lhes negou; a Subsistencia, a Consideraçaõ, a Fortuna; e que em premio d'este amor, naõ só quizéram dilacerár alguns dos meus filhos, mas athe conseguí-

ram descaminhár os outros; fazendo-os entrár em huma Conspiraçaõ contra seus proprios Irmaõs.

P. Isso hé custozo para huma May; mas como tu dizes, que a Verdade prevalesceo, tens ao menos essa gloria.

B. Eu quizera ter antes a gloria, de os ver mortos todos, se elles me fossem infieis, do que o desgosto de ver hum só culpado por traidor injustamente. Tu sabes a boa fáma, que eu tenho gozádo de-Fiel-em todos os tempos da Monarchia: faltava, que na minha velhice viésse agora hum bando de estranhos denigrir-me esta fáma, e enxovalhar a minha vasta familia!

P. Mas que faziam entaõ os teus Ministros, as Justiças, todos os Homens constituidos em Dignidáde?

B. Estes Homens, as Justiças, e os Ministros, huns dormiam, outros entravam na Conspiraçaõ, e outros finalmente foram involvidos n'ella.

P. Que terrivel Situaçaõ! Mas áo menos ainda te restava o recurso de poderes interessar o Céo em teu favor, por meyo dos Ministros do Altár.

B. Esse mesmo recurso foi, o de que se valêram os meus Inimigos, para acreditár melhor a sua Cauza! Elles assalariáram hum Sacerdote, que todos os dias no Pulpito fazia resoár a Igreja com palavras de Sangue, e de perseguiçaõ; naõ contra os Francezes, mas contra os meus proprios filhos. O perigo da Patria exigia a Uniaõ entre os Cidadáos; e o Orador dos Assassinos pregava a Discordia; semeáva a Desconfiança; fazia esquecêr o perigo commum, para naõ fallár, senaõ dos imaginarios; e achava finalmente hum traidôr em cada hum dos individuos, que lhe tinham sido designádos.

P. Tu me fazes tremer; porque quando a Tribuna da Igreja se prostitue a essas escandalózas declamaçoens, *está dado o* ultimo passo para hum incendio geral.

P. Ah! Eu o esperava de instante a instante. As

Victimas ja estávam em ról; os Chefes da Sublevaçaõ se offereciam para Sacrificadores; cada expressaõ sua era hum tiçaõ accêzo, que se movia em todos os sentidos; escolhendo o lado mais proprio de fazer atear a fogueira: em fim nunca se copiáram melhor as Scenas da Revoluçaõ Franceza, ao mesmo passo que se procurava fazer detestár esta Naçaõ, e fazer odiôzo athe o seu Nome!

P. Mas todos os teus filhos saõ estupidos, ou naõ sabem lêr? Naõ viam elles pelas Esquinas, e Lugares publicos, fixádos os Editáes, e as Proclamaçoens, que eu fiz espalhár, em que se recomendava o Socego, e a tranquilidade; em que se fazia ver o perigo da desuniaõ; e em que cheguei mesmo a ameaçar com penas severas os Transgressores d'estas Ordens?

B. Tudo o que tu dizes, he para mim huma novidáde! He pois verdade, que tu recommendaste o Socêgo ás Provincias? Oh! Naõ o creio.....

P. Naõ o crês? Pergunta as tuas Villas lemitrophes; pergunta a Barcéllos, a Vianna, a Guimaráens, se naõ viram fixadas nas suas Praças Publicas—estas recommendaçoens da Páz, e da Harmonia.—Hé possivel que Braga ignorásse estes esforços, que eu empreguei para Salvár a Patria de huma guerra civil?

B. O que hé possivel, he que tu me estejas enganando. Naõ sabes tu, que eu tinha huma Juncta intitulada —da Segurança Publica—e que para a restabelescer, seria a primeira em lançar maõ d'esses Papeis, e espalha-los, se fosse verdade, que elles existissem? A Juncta existío: o Socego e a Segurança Publica foram o motivo da sua Creaçaõ: este socego perturbou-se: os teus papeis ninguem os vio.—Que devo eu crêr, se naõ que elles nunca existiram?

P. Mizeravel! Como viveste enganada! Mas as Junctas das outras Cidades e Villas, naõ satisfeitas com os meus Editáes, *ellas mesmas* fizeram Proclamaçoens,

ajunctaram as suas vozes ás minhas, para ser indubitavel, e mais seguro o Succésso. E os Editáes da tua Juncta naõ valeram nada?

B. Naõ valeram nada, porque naõ foram nenhuns. Eu naõ vi senaõ papeis, que em Nome de Jezus Christo excitavam á revólta; e que adormecendo o Povo em huma fatál Seguridade a respeito do inimigo, que se avizinháva, só lhe despertavam o furor contra os seus proprios Concidadaõs.

P. Mas esses papeis sediciózos naõ podiam dimanár da tua Juncta.

B. Será melhór, que mudemos de Assumpto. Que interesse tens tu em me fazer recordár as minhas disgraças? (1)

P. Ja te entendo: escuzas de te explicar mais. Amiga, torna a culpa a ti mesma; naõ conhecias tu os Individuos, que ellegeste?

B. Eu? Ellego-los? Eu naõ fui senaõ huma muda Espectadora d'esta Elleiçaõ! Os Elleitos ellegeram-se elles a si mesmos; e apenas, para naõ fazêr taõ escandalozo este procedimento, se dignaram elles de o colorar,

---

(1) Hum dos Membros d'esta Juncta dizia abertamente n'ella, e fora d'ella.—Que o Povo era sabio: que se devia deixá-lo obrar; e que o cástigár os seus excéssos, era tirar-lhe a energia.—Este mesmo foi o Principio fundamental da 3ª. Constituiçaõ aprezentada á Convençaõ pelo feróz Robespierre: (veja se o Monitor de 12 de Mayo, de 1793) cujo Principio por outras palavras quer dizer.—Que o Povo, em quem rezide o força phizica, naõ deve encontrár nunca freio no seu frenezi; que as Contra-forças moráes, que a Politica estabeleceo para o reprimir e conter, devem ficár nullas, e calládas; que aquelle, que se naõ sabe governar, he quem deve governár; e que aquelles, cujas luzes os chamam áo Governo, devem ser governádos.—Exaqui os Principios Politicos, que professáva aquelle Jacobino; ao quál estava *confiádo o* Socego Publico! Quem despois disto, admiraria as desordens, *e insultos do Povo?*

fingindo, que eram elleitos pelo Povo; quando realmente o Povo, que os ellegeo, foram quatro dezenvoltos, a quem elles tinham comprado d'antemaõ, para serem por elles dezignados em altas vózes para Membros da Juncta.

P. E Braga que fazia á vista de taés torpezas?

B. Braga erguia os Olhos áo Ceo; suspirava, e callava-se!

P. Dezespera-me essa tua cobarde Condescendencia! Naõ tinhas tu bôca, para gritar taõ alto; que eu te podesse ouvir? Naõ tinhas tu maõs, com que despedaçar esses tyrannos?

B. Eu antes quiz soffrer, do que abrir o exemplo de derramar sangue. Huma morte trarîa mil com sigo; e o Povo affeito a este espectaculo, correrîa de assassinato em assassinato: a innocencia se confundirîa com o crime; e o remedio seria peior, que o mal.

P. Mas porque te naõ fizeste ouvir? Taõ longe estava eu, que te naõ acodisse logo, com os auxilios necessarios?

B. E porque meio te podia eu fazer saber as minhas queixas, se os mesmos Membros da Juncta, receózos, de que eu me queixasse das suas iniquidades, pozeram Espias, para embaraçar qualquer queixa, que eu te dirigisse; pretextando, que as Espias eram por evitar alguma sorprêza dos Francezes?—(Tu bem ves a futilidade d'este pretexto; pela minha posiçaõ; pelo rumo, que tomavam os Francezes; e athe por que elles se naõ levantavam debaixo do chaõ, nem cahiam do Ar, para apparecer subitamente entre a Gente.) Com tudo os mesmos da Juncta passavam os dias inteiros na estrada; e com o pretexto de sabêr novidades dos Passageiros, elles inquiriam exactamente tudo, o que viam; suppondo huma queixa, em cada Carta indifferente, que encontrávam, e que elles ja mais deixavam de abrir, para Socego das suas bem fundadas suspeitas.

P. Visto isso, naõ podias tu sentir hum gosto perfeito, pela Acclamaçaõ do teu legitimo Soberano! O Jugo Francez pouco menos insoffrivel era do que essa Anarchia tumultuóza!

B. Eu esperava dar áo Reyno todo o exemplo do maior contentamento, por hum motivo o mais digno, que ha Seculos, naõ tive; mas logo que eu vi, que esta Acclamaçaõ parecia mais huma festa de Cannibáes, (2) do que hum Triumfo Patriotico; quando eu vi o Odio e a Vingança, revestidos em Patriotismo, discorrerem as ruas, insultando, em Nome do Principe Regente, os pacificos Cidadaõs, 'inda absortos com a subita mudança, que lhes restituia a perdida liberdade; quando eu vi finalmente desconhecido o Braço do Omnipotente n'este Resgate; e que em lugar de se caminhar logo ao Templo a render-lhe fervorózas Graças, pelo mayor dos beneficios, se cuidou somente em atacar com pedradas as Janellas dos Habitantes, destroçar-lhe os vidros, e infamar-lhe a reputaçaõ, athe que elles se lembrassem pacificar o bando de Mendigos, para esse fim assalariádos, por meyo de punhados de dinheiro lançádo á rebatinha.—Irmaõ, quando eu vi tudo isto, descôrei, e tremi com as consequencias de taõ horrorozos Principios!

P. Esse frenezi hé proprio do Povo, que se arrebata, e excede sempre os limites de hum justo enthuziasmo: mas os Nobres, mas o Clero, e o seu Pastor?

B. Alguns d'elles tinham antigos resentimentos, que vingar; antigos odios; offensas (talvez imaginarias;) e a occaziaõ naõ podia ser mais opportuna para saciar estas Paixoens! Elles naõ tinham mais, que invocár o Nome

---

(2) Cannibaes: Selvagens do Archipelago da América, que instituiam Festas Publicas, no meyo das quaes matavam, e comiam os Prizioneiros, que tomavam na Guerra.

Sagrado do Principe, para reputar justificados todos os excéssos! Eram os Sectarios frenéticos de Mahomet, perseguindo a Humanidáde, em nome de Deos, e do seu Profèta.

P. Com tudo no meyo d'essas vertigens nunca se extinguio o Patriotismo de teus filhos; porque foi bem constante a intrepidez, com que elles partiram todos para hum monte vizinho, a esperar o Inimigo, quando se espalhou, que elle se aproximáva!

B. Irmaõ, eu sou sincera; e hoje estou disposta a dizer Verdádes, que talvez tu naõ saibas: verdádes duras; mas que nem por isso saõ menos verdades. A minha felicidade toda consistio pois, em ser falso o rebate do Inimigo. Havia muita gente; mas nem huma só Cabeça, que a dirigisse. Haviam algumas espingardas de Particulàres, mas naõ haviam seis arrateis de polvora em toda aquella Multidaõ. (Foi hum esquecimento dos Membros da mesma Juncta o naõ fazerem aprovizionar do necessario as poucas Armas, que existiam.) Com tudo elles se aprezentaram lá, bem montados; e mais confiádos nos pes dos seus Cavallos, do que em hum valôr, que naõ tinham, e que realmente seria sem fundamento. Haviam algumas Chuças; e Lavradores armados de instrumentos Aratorios; em fim havia Povo em Massa, quanto bastava para assustár de longe hum Inimigo froxo; mas incapaz de arrostar-se com Tropa, ou de soffrer huma descarga, sob pena de ser todo sacrificádo á coragem dos Sceleradados, que se avizinhassem.

P. Aqui constou, que Braga ficou deserta n'esse dia!

B. Naõ taõ dezerta, que muitos Individuos se naõ occultassem em suas Cazas. Naõ taõ dezerta, que alguns naõ tivessem ja promptas as Liteiras, para n'ellas fugirem á primeira noticia da Chegada do Inimigo!

P. Essa rezoluçaõ hé digna de hum Portuguêz! Mas vejo, que tu me calas as Virtudes de algumas Pessoas,

para mê naõ fallárés, se naõ das torpezas de outros. Cuidas tu, que eu naõ sei do immenso Paõ cozido, que as Familias de Braga mandáram de esmólla em carros para o monte, ónde o Povo se achava desprovido de Subsistencia? Cuidas, que eu ignóro o numero de Carros de Paõ cozido, e de Pipas de Vinho, que alguns Particulares deram ali gratuitamente áo Povo? Eisaqui Acçoens heroicas; e eisaqui no que tu me naõ fallas!

B. Eu naõ te queria fallár nisso, para ver se podia occultár-te os roubos, que tantas generozidades fizêram ainda mais palpaveis. Mas emfim tu me obrigas a huma Confissaõ, que ainda hoje me confunde! Tu sabes dos carros de Paõ, e das Pipas de Vinho, que alguns Particulares alí enviaram gratuitamente. Sabe mais ainda. Sabe, que ao meio dia ja todas as Pessoas da Cidade tinham no Monte o seu Jantar, mandado pelas suas respectivas Familias. Sabe, que cada huma d'estas Pessôas repartia do seu Jantar com aquellas, que o naõ tinham. Que diras tu agora em sabendo, que hum dos Membros da Juncta, constituido em Mordomo do Povo, deu em ról huma despêza enormissima, feita em paõ e vinho, huma Carga de mao peixe, e azeite para o molhár. Eisaqui o que eu te queria occultár; e eisaqui o que tu me obrigas a dizer! Reflecte na immensa quantidade de Viveres, que acabo de te expôr; lembra-te, que o Monte estava coberto de Vivandeiros, que ali acodiram a vender Paõ, Vinho, e outros generos; e vê se podes conciliar com isto aquella despeza, ou achar-lhe fundamento? (3)

P. Essas sangue-sugas do Povo, esses Exactores escandalózos, como olhava para elles a Cidade?

B. As Pessoas Sensatas, aquellas, que naõ se illudiam

(3) A despeza d'esse dia foi reputada por elles em 900.000 rs.: parêce que depois a abateram alguma couza.

com falsas apparencias, viam a impostura, conheciam a fraude; mas callavam-se; porque o Povo rustico (de que se compoem sempre o mayor numero em todos os Payzes do Mundo) estava á força persuadido, de que as Pessoas, que se tinham imcumbido da sua Segurança, e interesses, naõ podiam faltár áo seu devêr. Demais; estes homens tanto pregáram áo Povo, que eram os Seus Salvadores, que por fim o Povo se sentio, como por encanto, obrigado a acredita-los. Os Agentes Subalternos da Concussaõ firmavam ainda mais o Povo n'esta crença de sorte, que por fim se converteo em artigo de fé o acreditar purêza e Patriotismo n'estas manobras, sob pena de se passar por Francêz.

P. A Revoluçaõ foi para esses homens hum Brazil; e quem sabe assim tirár partido da desgraça, hé impossivel que folgásse com o inteiro restabalescimento da Monarchia! Quem pagou porem essas despezas? Quem forneceo dinheiros; ou quem nomeou os Dispensadores d'elles?

B. Tudo se fez amigavelmente, e sem estrepito. Hum erigio-se em Juiz da Inconfidencia; outro em Gastador dos Dinheiros Publicos; outro emfim foi Thezoureiro; e o resto, incapaz de ser alguma couza, limitava-se a achar razaõ a tudo, o que se fazia.

P. Assim o destino do Povo he de ser por toda a parte Victima, de quem o quer illudir, ou Subjugár!

B. Os dinheiros foram pois dados pelo Povo, que de boa mente se prestou a huma Contribuiçaõ voluntaria; e com tanto mais ardôr, quanto elle estava persuadido, que esta prestaçaõ era essencial para o Seu resgáte. A Collecta se fêz pelos respectivos Parochos de cada Freguezia. As Freguezias de todo o extenso Arcebispádo foram comprehendidas n'esta Contribuiçaõ. Naõ houve hum individuo, que naõ contribuisse; e houveram taes, que se pres-

taram com 480.000 rs.; despois que se appareceo hum donativo de 2:000.000 rs. (4)

P. Eisahi rasgos de Patriotismo Nacionál, que as Gazetas por tanto tempo nos occultaram; publicando aliás os donativos de todas outras Terras. Porque motivo se callaram estes tanto?

B. Tu me perguntas isso a mim? Foi talvez para imittar a moderaçaõ dáquelles Administradores, que querem deixar esquecer, o que receberam; fallando somente, no que dispendem.

P. Seria!....Mas naõ: hé melhor suppor-lhe hum motivo mais digno. He melhor conjecturar, que occupados de cuidados mais interessantes elles desprezaram entrétersé em fazer huma—Lista de Nomes—(5) O Tempo naõ sobráva; e tu foste testemunha, de que elle naõ chegou mesmo para deixar assistir alguns Membros da tua Juncta ás Precés Publicas, que em nome da Naçaõ se celebraram por trez dias consecutivos na tua Cathedral.

---

(4) A Prestaçaõ passou de 33:000.000 rs.; dos quaes se subtrahiram 20:000.000.

(5) Ainda que esta lista da proscripçaõ e desbonra de muitos bons Cidadaõs; naõ se fizesse inteiramente publica, ninguem com tudo deixou de saber, que ella existio, abrangendo todas as pessôas, que eram desaffeiçoádas áo seu Author; que este, na qualidade de Membro da—Chamada Juncta—a aprezentou n'ella, como hum Compendio dos Inconfidentes daquella Cidade; que pertendeo consecutivamente a faculdade para encarcerár, como taes, os indicados, e os que pelo tempo descobrisse; e em huma palavra, que hia a por-se em execuçaõ este novo methodo de atraiçoár, se lhe naõ obstassem as prudentes reflexoens de hum só sensáto. Mas que devia esperár-se daquêlle filho das herbas traidor, por natureza, que em tom de Dictador ordenáva; e os outros tremendo obedeciam? Isto era pouco; elles tinham mais a baixêza de lizongeár ás suas Sinistras prepoziçoens com esta Sentença—fidalga, e sapientissimamente tem V. discorrido.—

B. Oh! Mas eu me lembro de os ver andar passeando em todos esses dias: eu me lembro de ouvir murmurar o Povo—de que os seus chamados Chefes naõ tomavam parte, nem interesse na restauraçaõ, visto que se recuzavam a orar tambem áo Ceo, pelo resgate geral.—A tua Juncta, ou algum Membro d'ella, teve o mesmo descuido?

P. A minha Juncta tinha alguma desculpa no meio dos cuidados da Defeza Geral, que sobre ella carregavam; mas a minha Juncta implorou primeiro á força do Céo, antes de empregar a dos Homens; e naõ perdeo a sua Dignidade, por entrar no Templo, e mixturar as suas supplicas com as de todo o Povo.

B. Emfim, Irmaõ, tu me venceste em tudo, athe nas provas de Religiaõ, em que foi sempre affamada a minha delicadeza. Nesta occaziaõ, ay de mim! eu dei, a meu pezar, provas da mais estupida brutalidade, deixando-me exceder em Moral pelos Pagaõs, e athe pelos Turcos.

P. Entaõ como foi isso? Que demencia te alienou?

B. Foi que eu vi prohibidas as Procisçoens de Penitencia, mal que na primeira se lembrou hum Pregador de recomendar o esquecimento dos Odios, e o perdaõ das Injurias! Tu sabes, que os Antigos Filozofos adoptaram estas Maximas, e as pregaram: tu sabes, que o Alcoraõ as recomenda, como preceitos da sua Religiaõ, aliás intolerante: pois eu as proscrevi; eu, que me glorîo de Christaã, e de Orthodoxa! Visto que esta prohibiçaõ foi taõ publica, como o seu motivo, por isso seria inutil occultar-to. Estou certa porém, que tu me naõ culpas, pois que eu me achei em hum estado de Paralyzia; inhabil para me movêr, e sugeita àos movimentos, que me quizéram communicar; mas que dizes tu a isto?

P. Eu? Que digo? Eu naõ digo nada; mas o meu silencio diz tudo: que Religiaõ professaste tu entaõ, n'esses tempos de Agonia Politica?

B. Creyo, que naõ professei nenhuma; ou se há alguma,

em que se permitta o furto, e a desenvoltúra; em que se ordene diffamar o Proximo; em que se mande perturbar o Socego Publico e attentár á Segurança dos Cidadaõs; entaõ proffessei essa.

P. Infeliz! 'Inda Povo nenhum, por mais selvagem, se lembrou infamar-se com huma immoralidade d'esse genero. Livra-te, que o teu Principe saiba, que depois de perseguires os seus léáes Vassallos, tu te arrojaste ainda a desmentir, a profanár, e a prohibir os preceitos da sua Religiaõ.

B. Eu quero que elle o saiba: eu naõ me estou denunciando a ti, senaõ para me ensayar, no que devo denunciár, perante elle: parte d'stes attentados ja lhe saõ conhecidos; eu proponho-me a manifestar-lhe o resto, e manifestar-lhe de hum modo, que lhe naõ deixe duvida sobre os authores de tantas iniquidades. Eu naõ fallo embuçáda, nem receio ser desmentida: os males, que eu senti, foram muito publicos; as minhas queixas o devem ser outro tanto: as queixas saõ o unico meyo de desafogo, que me resta, e de que eu vivi por tanto tempo privada. Hoje (Graças áo Céo!) ja naõ tenho Junctas, que me suffoquem os suspiros, e que por meyo de espias, me prohibam de expor as minhas desgraças áo Pay commum da Patria.

P. Ah! Elles podem oppôr em contrapoziçaõ ás tuas queixas—a Perspectiva do Corpo de Voluntarios, que se erigio na Cidade; o qual elles organizáram, a quem elles ministraram o Soldo, e o paõ diario; e a quem finalmente ensinaram o manejo.—Que tens tu, que responder a ¡sto?

B. Tenho de responder a Verdáde: tenho de fazer apparecer a Ambiçaõ, e a Rapina em toda a sua deformidade; arrancando-lhe a mascara do Patriotismo, com que se disfarçavam. Deixemos pretextos, (lhe direi eu na prezença do Soberano) o tempo das illuzoens está pas-

sado: este dia, hé o vosso dia de Juizo: confessas culpas, que já se naõ podem encobrir; e ouvi a sentença, que já se naõ pode differir, nem revogár. A erecçaõ d'este Corpo, foi o Chefe d'Obra das vossas Especulaçoens anti-sociáes. Vós naõ abraçastes a sua Organizaçaõ, senaõ como hum meyo de disfarçár as vossas dissipaçoens, e como hum novo invento de impor de Patriotas para a multidaõ, áo mesmo pásso, que abuzaveis da sua sinceridade, para vender indignamente as Baixas, a quem podia pagá-las. Vós vos erigistes seus Chefes, sem authoridade alguma, so a fim de vender a vossa Protecçaõ, e a vossa Sonhada Authoridade. Vos circunscrevestes nas vossas Cazas os Postos, em que se podiam desviár os dinheiros Publicos, nomeando-vos a vós mesmos por Assentistas d'esta trópa, e empregando depois n'esta melindroza occupaçaõ a—Creados, cujo comportamento foi sempre o escandalo da Cidade.— Vós vistes estes mesmos Creados vossos, exigirem publicamente dos Soldados o tratamento de—Senhoria—á força de pancadas; e naõ os Soubestes reprehender. Vós ameaçastes publicamente com prizoens aós Lavradores, que com lagrimas nos Olhos vos pediam o emporte do Paõ, que lhe embargastes, e que elles perderam. Os furtos no pezo do mesmo Paõ, e no modo de o fabricár, foram motivo de huma especie de insurreiçaõ na tropa, que athe se queixáva de desvio no Soldo, para o qual ella mesma tinha contribuido nas suas prestaçoens voluntarias. A dezordem, e as extorçoens chegaram a ponto de mover a Juncta Provizional do Governo do Porto a fazer marchár para ali' aquelle Corpo, e arrancá-lo assim a huma Administraçaõ, que naõ tinha em vista, se naõ enriquecer-se, pretextando levantar hum Corpo de Defensores da Patria. Principe, (direi eu entaõ ao Soberáno) eis-aqui os que fingiam abraçár com tanto calor a vossa Cauza; eisaqui o motivo, que os animava, e a mola, que os movia! A sua boca gritava—Patriotismo,— mas o seu

coraçaõ gritava—Interesse—, e o seu coraçaõ foi, demais, obedecido. Ei-los, pedindo ainda sem pejo o premio de suas fadigas; e mostrando por este modo, que as recompensas foram sempre o alvo dos seus freneticos serviços.

P. Básta; tu tens assás razaõ; mas essa razaõ hé necessario rezervá-la para a expôr aó teu Principe, do que a mim, que em nada posso valer-te. Queres tu empregár no primeiro sulco da terra a semente destinada a occupár hum Campo inteiro?

B. Tu te engánas: eu naõ exponho, se naõ a menor parte dos meus males. Quando tu leres hum dia a historia das minhas desgraças, tu te convencerás, de que a minha conversaçaõ naõ foi senaõ hum esbôço do grande Quadro, e materiáes izoládos para o edificio, de que se imcumbirá algum Genio Vindouro, Amante da Patria, e Vingador da minha infamia. Elle será eloquente, á força de ser verdadeiro: a sua obra interessará, mesmo sem deleitár; e o Leitor devorando as paginas taciturno, se julgará transportado áo Seculo das Proscripçoens Triumviráes, ou das Festas estrepitózas das Bachantes.

P. Tu estás hum pouco exaltáda pela dôr. A recordaçaõ dos teus assassinos parece, que abrio de novo as tuas Chagas. Cessêmos pois da Conversaçaõ; naõ hé justo, que eu satisfaça o meu gosto á custa da tua indispoziçaõ, e do teu tormento.

B. Naõ; as magoas saõ como os licores espirituózos, que se consommem, exhallando-se. A distracçaõ hé o antidoto da dôr; assim como a Reflexaõ solitaria he o veneno, que a exaspéra.

P. Eu de nada me lembro, com que possa distrahir-te o espirito, e divertir-te, a naõ ser a Tropa Eccleziastica, que se erigio na tua Cidáde. Que qualidade de Legioens saõ estas? Qual hé o Seu Uniforme? Qual a Sua Tactica? E que fim foi o da Sua Instituiçaõ?

B. Tantas perguntas reduzem-se a esta unica Resposta.—He huma especie de Entremez diario; hypocrita pelo seu pretexto; ridiculo pelo seu objecto; e infame pelos seus Rezultados—.

P. Eu julguei, que o seu pretexto naõ era differente do Seu Objecto!

B. Taõ differente, quanto hé o Particulár differente do Publico, e o Vassállo do Soberáno. Eu me explico. O pretexto da Sua Organizaçaõ foi a defeza da Patria; e o seu emprego, e verdadeiro objecto foi para metter guarda ão Prelado Bracharense; que se julgou Credor das mesmas honras, que compettem a hum Soberáno, occupando em defêza da sua pessóa a força armada de hum Corpo arregimentádo. Eisaqui porque eu chamo a esta Milicia—Hypocrita pelo seu pretexto, e ridicula pelo seu objecto—. E se eu accrescento, que esta Instituiçaõ hé tambem infame pelos seus rezultádos, creio, que naõ arrisco a expressaõ, nem preciso justificá-la. Lendo os Canones, e as Constituiçoens; abrindo os Concilios, e as Epistolas dos Sanctos Padres, eu acho por toda a parte severas prohibiçoens contra o uzo das armas nos Ministros de Jezus Christo.—A Religiaõ do Christianismo (diz hum d'estes Oraculos Sagrados) naõ hé a Religiaõ de Mahomet; élla naõ tem a sua força na espada, mas na persuazaõ: as suas armas naõ saõ a violencia, mas a brandura e a Charidáde—. Aõ vêr pois os Sacerdotes do Deos da Páz, armados em Guerra; ao vêlos manejár successivamente o Thuribulo, e o Alfanje; passar do Altar; para as fileiras; e das maximas doces do Evangelho, para a escólla da Carnagem; eu espero ver transtornádas todas as ideas de Disciplina; insultado o decôro; enxovalháda a Religiaõ nas pessoas dos Seus Ministros; perdido o character sacerdotál; confundidas as classes; e por consequencia, confundidos tambem os vicios. Eu o espéro; e o Exemplo quotidiano, desgraça-

damente me faz vêr, que me naõ engano na minha esperança! Se o Estado exigisse estes esfórços, eu sei muito bem, que os Clerigos saõ Vassallos do Principe, primeiro que sejam Subditos da Igreja; e que disfructando os commodos da Sociedáde, devem carregar com as suas pênas, e soffrer os seus incommodos; mas quaes saõ as circunstancias, em que hé licito verificar estes principios? Este passo hé o ultimo de todos os recursos. " Os Exercitos foram desbaratádos; as Guarniçoens surprendidas, e assassinadas; hum diluvio de inimigos vem innundando os Campos, incendiando as Villas, e ja batem ás Portas das Cidades—. Correi, Meus filhos, (grita entaõ a Patria indistinctamente a todos os individuos) a vossa Salvaçaõ, a minha está no vosso valor e rezistencia. A vossa honra atacáda, ameaçáda a vossa liberdáde, a vossa vida em perigo, justificam a vossa rezoluçaõ." Eisaqui quando todos os Individuos saõ Cidadaõs, e todos os Cidadaõs Soldádos. Entaõ a Natureza; entaõ os deveres da Sociedáde se ligam para hum mesmo fim, e deffendem huma mesma Cauza. Entaõ se acabam as distinçoens; e a força Publica começa a obrár na razaõ directa da igualdade, e do interesse commum. Mas o entreter os Sacerdotes em frivolas Guardas de hum mêro luxo; faze-los o alvo da derizaõ Publica; as Aulas sem Discipulos; as Igrejas sem Parochos; todos os vicios da Tropa, e nemhuma só das suas qualidádes uteis; a dissoluçaõ, e a libertinagem fazendo as vezes de Patriotismo; abaládo o respeito devido á Dignidade do Sacerdocio——. Eisaqui em poucas palavras a Milicia Eccleziastica da minha Cidade, que estando armada em suas cazas, tinha satisfeito talvez áo seu devêr. (6.)

(6.) O Tenente Coronel d'esta Tropa tem dado áquella Cidade muito divertimento, quando lhe sobrevem a nova maniá de por-se á testa das sua Legioens. Elle tem mandado abrir fileiras, quando a

P. A Deos, Irmaã; naõ sei, que dôr me atacou a cabeça, que me vejo obrigado a deixar-te por hum pouco.

B. Boa Noite.

Tropa se acha em huma só linha de batalha; tirár o Chapéo ás Ave Marias, e ter áo mesmo tempo as Armas aprezentadas; e outras raras evoluçoens, que, pela sua novidade, deixam a tráz—Laudon, e Condé—

FIM.

Impresso por W. LEWIS, Paternoster-row, Londres.

CORREIO BRAZILIENSE

DE AGOSTO, 1809.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra lá chegára.

CAMOENS, C. VII. e. 14.

POLITICA.

Documentos Officiaes Relativos a Portugal.

Diario Official das operações militares do General Francisco da Silveira, desde a invasaõ dos Francezes até a sua total expulsaõ destes Reinos.

NO dia 24 de Fevereiro tomou o General Silveira o Commando da Provincia de Tras-os-Montes, e com elle o do Exercito da mesma, que constava de dois regimentos de Infanteria de linha, que entaõ teriaõ 2.800 praças; de cinco Regimentos de Milicias, dos quaes estavaõ sómente armados 2.500 homens; de 50 cavallos, que dentro de poucos dias quasi se inhabilitaraõ pela actividade do serviço; e de alguma artilheria.

O inimigo se aproximava á raia; o que fazia recear uma invasaõ a cada momento; e guarnecendo por este motivo, para cobrir a Provincia do Minho, e facilitar os soccorros, que della lhe podiaõ vir, os postos desde Tourem até Villarelho da raia; foraõ estes postos atacados desde o dia 25 de Fevereiro até 4 de Março, e sempre repellidos com vantagem nossa, e perda consideravel do inimigo.

A força do Exercito Francez se acliava entaõ nas mar-

gens do Minho, ameaçando aquella Provincia; mas o dito Exercito nos principios de Março retrocedeo para Orense, e adiantou a sua vanguarda composta de 1.400 cavallos, e 6.000 infantes para Ginço; e nos dias 2 e 3 de Março se unio a esta o grosso do Exercito. Neste tempo se achava o Marquez da Romana com as suas Tropas postado na margem dircita do Tamega desde Monte Rei até esta Praça (Chaves); mas no dia 4 as mandou passar para a margem esquerda, postando-as desde Tamaguelos até Lama-d'Arcos. Os dois Generaes, segundo as noticias, que tiveraõ, de marchar o inimigo contra Chaves, convencionáraõ em o esperar: o Exercito Hespanhol fazendo a direita, guarnecendo Monte Rei; e o Portuguez postando-se desde a ponte de Villaça até Villarelho. No dia 6 de Março tinha o General Silveira postado a sua vanguarda nas montanhas, que dominaõ a ponte de Villaça, e o resto do Exercito na Atalaya de Villarelho: ás 8 da manhá se apresentou o inimigo na frente da avançada da ponte de Villaça com 1.800 cavallos, 6.000 infantes, e alguma artilheria, passou a Monte Rei sem resistencia, por se ter retirado nessa manhaã o Exercito Hespanhol: mandou instantaneamente o inimigo um forte reconhecimento de 800 cavallos pela margem esquerda do Tamega até abaixo de Tamaguelos, ficando a vanguarda do General Silveira já rodeada, ao tempo que era attacada na ponte de Villaça por um Corpo de Infanteria: principiou o ataque ao meio dia, e acabou com a noite com pouca perda nossa, á excepçaõ de uma peça de pequeno calibre que foi abandonada: soffrendo o inimigo uma perda de mais de 80 mortos, e bastantes feridos.

Retirou-se a vanguarda ao Corpo do Exercito, e ás 8 da noite mandou o General Silveira retira-lo sobre Chaves; pois tendo descoberta toda a sua direita, pela retirada do Exercito Hespanhol, pela falta de Cavallaria e pelo grande nûmero da do inimigo, naõ podia suster-se em posições,

onde aquella arma podia operar taõ vantajosamente. No dia 7 de manhaã soube o General Silveira, que o Exercito Hespanhol já marchava em retirada 7 legoas distante de Chavés; vendo se pois na impossibilidade de se poder sustentar na sua veiga, e menos defender a dita praça de Chaves, que pela sua total ruina naõ tinha defensa alguma, a mandou evacuar, e se retirou com o Exercito (á excepçaõ da vanguarda, que a tinha deixado em Villarelho a observar o inimigo) para as montanhas de Outeiro Joaõ, e S. Pedro de Agostem. Neste dia alguns paisanos, e até Officiaes principiáraõ no indiscreto enthusiasmo de querer defender Chaves; de que o General Silveira os tentou dissuadir com fortes razoes, mas inutilmente; elle se retirou para as mencionadas montanhas, e os outros se recolhéraõ a Chaves, dando principio á projectada defensa. O General tinha mandado retirar a vanguarda para se reunir ao Exercito; mas ella em lugar de o executar, entrou em Chaves, e tomou parte na dita defensa.

No dia 8 foi o General reconhecer o inimigo, e achou a sua infanteria acampada entre Oimbra e Villarelho na margem direita do Tamega; e a Cavallaria em Tamaguelos na margem esquerda: a sua força era de 18 ou 20:000 homens, dos quaes 3.000 eraõ de Cavallaria. Neste dia as avançadas inimigas chegáraõ á vista da Praça.

No dia 9 foi o General Silveira á Praça, e quiz novamente convencer a todos da impossibilidade da sua defensa; mas as suas reflexões naõ foraõ attendidas. Depois foi reconhecer o inimigo, e vio que marchava com todas as forças contra Chaves: a Infanteria pela margem direita, a Cavallaria pela esquerda do Tamega.

No dia 10 tornou o General Silveira á Praça, e convocou um Conselho militar de todos os Officiaes superiores: protestou contra a defensa della, e mostrou a sua inutilidade, ainda sendo possivel: todos os officiaes foraõ deste mesmo voto, á excepçaõ dos que se tinhaõ encarregado

ensa: ás dez horas da manhaã foi a praça formal-
da por tres lados, e então lhe fez o Marechal Soult
açaõ, á qual respondeo verbalmente o General Sil-
e nada tinha com a defensa de Chaves, e só sim com
ito que commandava: recolheo-se para o Campo;
tempo se lhe apresentou uma Carta do Marechal
na qual lhe pedia em nome de Napoleaõ quizesse
nar a Provincia, e o Exercito em nome do mesmo;
o reconhecesse, e poupasse a effusaõ de sangue, que
a haver: a cuja proposiçaõ respondeo de palavra o Ge-
ral Silveira, que quem tinha a honra de commandar Portu-
uezes naõ ouvia taes proposições; e que jámais ouviria al-
uma, que naõ fosse a de ficar elle Soult prisioneiro de guer-
ra. Em todos estes dias os paisanos e partidas tinhaõ feito
fogo ao inimigo, e lhe tinhaõ causado bastante damno.

No dia 11 se fez nova intimaçaõ á Praça, a qual o seu intruso Governador mandou participar ao Campo de Santa Barbara ao General Silveira; pedindo-lhe determinasse o que se devia fazer. Foi lhe respondido, que o General Silveira nada tinha com a defensa de Chaves; e quem dela se encarregara, contra as ordens do mesmo, respondesse á dita intimaçaõ a seu arbitrio. Com tudo o General Silveira mandou dizer aos officiaes, que estavaõ dentro da Praça, que se retirassem della essa noite com toda a Tropa que elle lhes cobriria a retirada, fazendo baixar maior fogo sobre Outeiro Joaõ; assim se executou; mas ainda se esperasse toda a noite, ninguem se quiz retirar.

No dia 12 ás oito da manhaã se rendeo a Praça sem sistencia alguma, e ficáraõ prisioneiras de guerra to Companhias graduadas dos Regimentos do Exerci tentou o General Soult sitiar a posiçaõ de Santa fazendo passar uma grande porçaõ de infanteria gem direita do Tamega até ao sitio do Polder passando ahi o Tamega, tomasse o camin ao Povo de Redeal; e no mesm

á noite fingio o inimigo um attaque nas montanhas de Nantes, para subir a estas, sem que o General Silveira o presentisse, e pode-lo rodear pelas montanhas da direita por S. Pedro de Agostem: conheceo tudo isto o General Silveira, e ás 10 horas da noite se retirou para as montanhas de Oura, e Reigaz. O inimigo verificou o seu projecto pela uma da noite, mas já em vaõ: adiantou as suas avançadas até Villa Verde.

No dia 13 de Março se retirou o General Silveira para Villa Pouca: cuidou em se fortificar, e esperar ahi o Inimigo; mas nos dias 14, 15 e 16 naõ foraõ avistadas as suas avançadas pelas Portuguezas; nem passáraõ de Villa Verde. No dia 17 fez o inimigo um reconhecimento forte, fazendo adiantar uma avançada de 200 cavallos, e 300 a 400 infantes até á Veiga de Villa Pouca. No dia 18 fez marchar o General Silveira 800 homens a fazer um reconhecimento desta avançada inimiga; marchou atéSoutelinho duas legoas distante de Villa Pouca, e o inimigo naõ appareceo, antes se retirou do campo que tinha ao pé do Redeal.

No dia 19 marchou o General Silveira com os 800 homens até Santa Barbara, e mandou que o resto do Exercito o seguisse; nesse dia appareceo sómente uma partida de 20 cavallos em distancia. No dia 20 foi reconhecido na posiçaõ de Santa Barbara por uma partida de 16 cavallos, que logo se retirou apenas vio marchar sobre si algumas partidas de infanteria. Mandou entaõ o General Silveira que se marchasse sobre Chaves, e que se tomasse a Praça de assalto, desde o Cavalleiro da Amoreira até á brecha dos Açougues, o que se verificou com muito pouca perda nossa, sendo a do inimigo de mais de 300 mortos, e 290 prisioneiros. Entráraõ em Chaves os regimentos de infanteria N.º 12 e 24; alguns Corpos de Milicias e Caçadores do monte: os inimigos restantes se recolhêraõ ao Forte de S. Francisco.

Nos dias 21, 22, 23 e 24 se fez um fogo vivo de parte a parte com a vantagem de terem os inimigos 12 peças montadas, e algumas de grande calibre, e nós nenhuma, por naõ terem chegado os Parques d'Artilheria.

No dia 25 destinou o General Silveira que o Forte fosse tomado por escalada; para o que o regimento de infantaria N.º 12 o havia atacar pelo Picadeiro do regimento de cavallaria N.º 6, o de infantaria N.º 24 pelas Portas, e os de milicias de Moncorvo e Miranda pela Senhora da Lappa. Estando tudo prompto, fez uma intimaçaõ o General Silveira ao Commandante do Forte, o qual lhe pedio uma hora para responder; suspendeo-se o fogo, e tendo passado o prazo, novamente intimou o General Silveira dentro em cinco minutos se rendesse á descripçaõ, quando naõ se verificava o attaque; a esta intimaçaõ veio o official Francez com uma carta do Commandante, na qual propunha a entrega do forte, deixando-o sahir com a guarniçaõ, com armas e bagagens a unir-se ao exercito do General Soult: ao que respondeo o General Silveira, que nenhuma das proposições era admissivel, e nenhuma outra o era senaõ a de se entregar á descripçaõ, para o que mandava um Official a fim de trazer a decisaõ dentro de cinco minutos.

A resposta foi de que elles acceitavaõ a proposta com todas as condições que o General Silveira lhes quizesse impôr. Mandou o General Silveira tomar conta do forte, e entaõ lhes concedeo as condições, que se mostraõ da Capitulaçaõ já impressa: ficáraõ prisioneiros mil duzentos setenta o tantos soldados, 25 Officiaes, 23 Empregados Civis, e 13 Cirurgiões; acháraõ-se muitas munições, 12 peças, mil e tantas armas em bom estado, muitas mais quebradas e arruinadas, noventa e tantos cavallos, e trinta e tantas bestas de transporte.

No dia 26 fez marchar o General Silveira para as alturas os Regimentos de Milicias de Lamego e Bragança, e o

Batalhaõ de Caçadores do monte, de Monte Alegre para Salamonde. No dia 27 os Regimentos das Milicias de Villa Real e Miranda para a ponte de Cabez. No dia 29 fez marchar com o mesmo destino os regimentos de infantaria N.° 12 e 24 com o designio de dar um golpe de maõ sobre Braga, aonde sabia o inimigo tinha deixado bastantes bagagens, e uma guarniçaõ de dois a tres mil homens. Tinha destinado o dia 2 de Abril para esta surpreza, quando no dia 30 teve a noticia de que o Porto tinha cedido, e os inimigos entrado naquella cidade: com esta noticia fez marchar no dia 1 todas as tropas em direcçaõ a Villa Real.

No dia 3 teve noticia o General Silveira que as avançadas inimigas tinhaõ apparecido á vista de Canavezes; e que intentavaõ passar a esta Provincia por aquelle ponto, ou por entre ambos os rios: mandou logo marchar para Canavezes os regimentos de milicias de Chaves e Villa Real; para entre ambos os rios o de Miranda; e o resto do exercito para Amarante.

No dia 7 estavaõ estes pontos guarnecidos, tendo sido Canavezes por duas vezes atacada, cujos ataques repellio sempre com bastante perda do inimigo. No dia 9 marchou o General Silveira para Amarante, e a tempo que chegava a esta villa, baixava o inimigo sobre ella, tendo já incendiado os pôvos de Villa Meã, Manhufe e Pildre: marchou o General Silveira a ataca-los, os quaes se retiráraõ precipitadamente para Penafiel, e ficáraõ essa noite postadas as nosssas avançadas em Manhufe.

No dia 10 foi este ponto occupado pelo exercito, e as nossas avançadas passáraõ a Villa Meã, desalojando dahi o inimigo. No dia 11 houve bastante fogo; e no dia 12 foi o inimigo perseguido até Penafiel. No dia 13 foi desamparada pelo inimigo aquella Cidade, e occupada pelo General Silveira. No dia 14 se retirou o inimigo a Baltar, e as nossas avançadas se postáraõ em Paredes, ha-

vendo em todos estes dias um fogo vivissimo com bastante perda do inimigo, neste dia foi elle reforçado com 3.500 homens e 6 peças. O General Silveira mandou retirar as suas avançadas de Penafiel para o campo de Manhufe, ficando uma avançada nas alturas de Villa Meã. No dia 15 appareceo o inimigo em grande força, e houve um combate de bastantes horas. No dia 16 appareceo em Villa Meã todo o exercito inimigo; principiou o fogo logo ao amanhecer com as guardas avançadas, e durou todo o dia, ficando ainda postada sobre Villa Meã a nossa avançada. No dia 17 se renovou o combate, e todo o dia houve fogo: neste dia soube o General Silveira que uma divisaõ de 4.000 homens, que tinha passado de Braga a Guimarães, já tinha as suas avançadas perto da Lixa; conheceo que o designio desta divisaõ inimiga era ataca-lo pela retaguarda ao mesmo tempo que a que estava posta sobre Villa Meã o atacasse pela frente.

No dia 18 logo ao amanhecer se empenháraõ as avançadas em um vivissimo fogo; o General Silveira deo ordem para que todo o exercito se retirasse sobre Amarante á margem esquerda do Tamega: principiou-se esta retirada, sendo coberta pelo regimento de infantaria N.° 12; quando se estava verificando appareceo no caminho de Guimarães a outra divisaõ inimiga commandada pelos Generaes Delaborde e Loison; e logo das alturas de S. Gens principiou a jogar a sua artilheria contra nós, mas com pouco damno da nossa parte: ao meio dia se tinha verificado a retirada para a margem esquerda do Tamega, e tinha chegado o inimigo á margem direita. Principiou o combate estabelecendo instantaneamente o inimigo quatro peças, e dois obuzes: tres vezes intentou passar a ponte, e tres vezes foi repellido até acima de Amarante com uma perda taõ consideravel, que já na rua se faziaõ trincheiras com Francezes mortos; a nossa foi mui pequena, mas grande pela perda do valoroso Tenente Coro-

nel Patrick. Desesperados os inimigos com estas suas infructiferas tentativas, estabelecêraõ as suas batterias na Cerca dos Frades, e dos Olivaes da direita da ponte, e lançaram fogo a toda a Villa: continuou com tudo o combate, e só cessou a força delle ás 9 da noite, ainda que em toda ella naõ cessou o fogo de parte a parte.

No dia 19 ao amanhecer renovou-se o ataque, e acabou com a noite, sem que o inimigo podesse forçar a Ponte, naõ obstante ter recebido o reforço da divisaõ commandada pelo General la Houssaye, composta das Brigadas dos Generaes Sarrut e Marisy. No dia 20 intentou o inimigo passar a Ponte, e ao mesmo tempo os dois Vaos immediatos: quatorze horas durou a acçaõ, em que o inimigo teve huma perda consideravel, como confessou em huma carta que se interceptou, em que pedio novos socorros, pois já tinha perdido mais de mil homens.

Desde o dia 20 até 29 houve hum continuo fogo de parte a parte; mas tendo chegado ao inimigo mais dois mil homens, e algumas peças de grande calibre, protestou no dia 29 passar o Tamega; principiou ao meio dia a jogar-se contra nós com 14 peças de artilheria e dois obuzes; e das duas para as tres da tarde formou tres ataques, hum sobre a Ponte, e os outros aos Vaos, que acabáraõ pelas 9 da noite com huma grande perda do inimigo; pois por muitas vezes se varrêraõ as columnas da Ponte, e igualmente as do largo de S. Gonçalo.

No dia 30 houve menos fogo; e no dia 1.º de Maio chegáraõ novos reforços aos inimigos, e com elles o Duque de Dalmacia. No dia 2 ao amanhecer houve huma nevoa densissima, e a favor della podéraõ os inimigos chegar á nossa trincheira da ponte, e pondo nella alguns barrís de polvora, lhes deraõ fogo, lançando algumas bombas sobre o sitio das nossas Guardas; com o que pôde penetrar hum pequeno numero de inimigos guiados por alguns traidores Portuguezes, e sorprender as nossas baterias da

ponte pela retaguarda. A espessa nevoa naõ deixava ver nada ao exercito, o qual vendo-se atacado pela retaguarda se retirou sobre o caminho de Mezaõ-frio e Campeã.

O General Silveira acudio aos postos que havia para baixo da Ponte, e se retirou em fórma com os regimentos que os guarneciaõ, que eraõ milicias de Chaves, Villa Real, Miranda, com quatro peças de artilheria sobre Entreambos-os-Rios.

A defensa da Ponte de Amarante foi tal que basta ouvir os Editaes e Proclamaçoens, que contra ella fizeraõ os Francezes para honrar, e encher de gloria os seus Defensores; e quem vê a desgraçada Amarante conhecerá pela total ruina della a defensa que alli houve: ruinas que seraõ hum padraõ eterno de que ainda ha quem faça conhecer aos vencedores de Jena e Austerlitz, que Portugal naõ succumbe; porque os Portuguezes tem valor, e saõ fiéis ao seu Augusto Soberano.

No dia 3 depois de o General Silveira deixar na margem esquerda do Doiro em Entre-ambos-os-Rios huma competente guarniçaõ para a defensa daquella importantissima passagem: veio á passagem da Pala reunir a outra gente, que para alli se tinha retirado; e a que se tinha retirado para Villa Real e Mezaõ frio a mandou reunir na Regoa para a margem esquerda do Doiro. No dia 4 já todos os pontos do Doiro estavaõ guarnecidos, e já as avançadas inimigas appareciaõ a baixo de Mezaõ-frio. No dia 5 chegou o General Silveira a Corredoura visinho á passagem do Doiro na Regoa; e sabendo que o Inimigo se adiantava pelo caminho da Campeã sobre Villa Real, e tendo já chegado a Lamego o General Bacelar, com a sua divisaõ fez passar 1.200 homens para guarnecer Villa Real, por saber que o naõ estava, conforme a sua ordem, por huma equivocaçaõ que teve a Divisaõ que guarnecia Cabez e Mondim, que se havia retirado para outro ponto, e naõ para Villa Real, como o General Silveira lhe tinha determinado.

No dia 7 appareceo em Turqueira, visinho a Villa Real,

huma Divisaõ de 4.000 homens, e entrou nesta Villa huma avançada de 150 cavallos, e 300 infantes, a tempo que nas montanhas de Alvações do Tanha apparecia a nossa tropa marchando para Villa Real. Isto bastou para a avançada inimiga se retirar daquella Villa taõ precipitadamente, que lhe naõ fez o mais pequeno damno, á excepçaõ de matar sete ou oito desgraçados velhos que encontrou pelas ruas: isto prova bem a sua precipitada fugida. Recolheo-se esta avançada inimiga ao Campo de Turqueira; mas no dia 8, quando a nossa avançada chegou a Villa Real, os inimigos se retiráraõ de Turqueira para as alturas do Maraõ na Casa da Neve.

No dia 9 o General Silveira mandou adiantar as suas avançadas até á Campeã. No dia 10 se adiantáraõ até á Casa da Neve, donde o Inimigo fugio para as alturas de Ovelha: neste dia hum piquete nosso de 15 cavallos se bateo com huma partida inimiga de mais de 50, taõ valorosamente, que o seu Commandante mereceo, que o Senhor Marechal Commandante em Chefe do Exercito lhe desse hum posto de accesso. No mesmo dia intentando o inimigo passar de Mezaõ-frio á Regoa, estando ainda guarnecido o ponto da Barca do Carvalho pelo regimento de milicias de Bragança pertencente á Divisaõ do General Silveira, fez-lhe este regimento huma opposiçaõ tal, que o inimigo soffreo huma grande perda, e naõ pôde passar aquella ponte.

No dia 11 mandou o General Silveira reforçar a sua vanguarda, que estava na Casa da Neve, com mais Tropas. No dia 12 logo de manhaã principiou o fogo nas partidas avançadas no sitio de Ovelha, e ás 11 da manhaã o o combate. Era o Exercito Inimigo de 4 a 5 mil homens, com bastante Cavallaria, 6 peças, e estava postado em posiçoens vantajosas. Tres posiçoens, que tomou, foi obigado a deixar, e oito horas houve hum fogo vivissimo, que acabou muito noite, retirando-se o inimigo para as montanhas

de Gateães, e ficando o nosso exercito nas posiçoes do inimigo, mas muito visinho hum do outro. Amanheceo o dia 13, quiz o General Silveira renovar o combate; mas o General Loison tinha fugido vergonhosamente essa noite: seguio-o o General Silveira, mas elle naõ o esperou, abandonando tres peças, immensos bois e bestas, e muitas bagagens.

Marchou o General Silveira a postar as suas avançadas em Manhufe sobre o caminho de Penafiel, e em S. Gens sobre o caminho de Guimarães: neste dia entrou por ordem do General Silveira o Coronel Antonio Manoel de Carvalho, com 600 homens, em Penafiel, a tempo que o inimigo se retirava com as bagagens, que conduzia fugindo do Porto: a guarda que as escoltava fugio assim que soube se avisinhavaõ tropas nossas; e deixou em nosso poder 119 carros; 12 peças de maior calibre, e 2 obuzes, mas a maior parte dos carros manchegos destruidos por elles, assim como muitas muniçoens que queimáraõ.

Neste tempo chegou a Amarante o Senhor Marechal em Chefe do Exercito Portuguez, e sabendo que o inimigo se encaminhava a Salamonde, mandou o General Silveira a tomar pela direita do Tamega hum ponto sobre as alturas de Monte Alegre; a immensa chuva que houve nos dias 14 e 15 naõ deixou adiantar as nossas tropas. No dia 16 chegou o General Silveira ás Boticas, com a primeira divisaõ do seu commando; e a segunda divisaõ chegou no dia 17 ás visinhanças de Monte Alegre, aonde já os inimigos estavaõ. No dia 11 foi o General Silveira reconhecer o inimigo, e vendo que este se retirava de Monte Alegre precipitadamente, queimando alguns povos, o atacou na sua retirada; e logo que o inimigo presentio isto, principiou a retirar-se n'huma vergonhosa fúgida, abandonando cavallos, bestas, e bagagens; seguio-o o General Silveira todo o dia até abaixo de Sant-Iago dos Misticos; mandou tomar posições á sua tropa, e o inimigo as tomou a hum quarto *de legoa ao mais.*

Nesta noite recebeo o General Silveira ordem de ir ao Quartel General de S. Meaõ, e de retirar a sua tropa. O pouco tempo, que tem tido o General Silveira, o naõ tem deixado dar huma relaçaõ mais circumstanciada de todos os acontecimentos desta campanha, o que protesta fazer dando os nomes dos honrados e valorosos Portuguezes, que se tem distinguido, omittindo neste curto diario o nome de todos; pois nomeando alguns, se deveriaõ offender os outros; e para que isto naõ succeda, o General Silveira protesta dar huma relaçaõ de todos os que se tem distinguido, e nas accões ou acontecimentos em que o fizeraõ, sendo já dignos de louvor todos os que soffrêraõ, e fizeraõ a defensa da Ponte de Amarante, pois em quinze dias que ella durou, nem de noite, nem de dia cessou hum só momento o fogo. Quartel General de Chaves 21 de Maio de 1809.

FRANCISCO DA SILVEIRA PINTO DA FONCECA.

Documentos officiaes da Hespanha.

Proclamaçaõ da Suprema Juncta Central, publicada em Sancta Maria, e Cadiz aos 23 de Dezembro, de 1808.

HESPANHOES! Os emissarios assalariados pelo tyranno, com o designio de vos desencaminhar, e destruir a reputaçaõ da Suprema Juncta Governante do Reyno, espalháram o rumor de que ésta tinha approvado a capitulaçaõ de Madrid. Este corpo Soberano julga ser do seu dever o contradizer estes rumores, cujo objecto he tendente a semear a desconfiança entre o Govêrno e o povo a produzir uma desanimaçaõ geral, e anarchia, e expor ao desprezo o sagrado juramento dos vossos representantes. Hespanhoes! A Suprema Juncta, cujo motto he—A morte ou a liberdade—está bem longe de approvar a capitulaçaõ de alguma cidade. Quem reconhece o Usurpador, e se submette ás leis do tyranno, naõ he Hespanhol—he inimigo. Estes saõ os sentimentos da Suprema Juncta; sentimentos que ella nunca trahirá, nem por obra, nem por palavra; e tudo que vos disserem *os partidistas* do despotimo, aquelles vis

malvados que sacrificam a um miseravel interesse particular os sagrados direitos da sua patria, estai reguros que saõ rumores para calumniar; e laços que vos arma o tyranno, para vos enredar nos labyrintos de sua infernal politica. A patria, que tendes jurado defender, a religiaõ, por quem tendes jurado morrer; um rey captivo, a quem tendes jurado libertar; tudo exige o preenchimento de vossas promessas. E vós valorosos habitantes de Madrid, que recusastes dar o vosso consentimento a uma vergonhosa capitulaçaõ, e levantando-vos superiores aos outros encarregados do commando, e até a vós mesmos, preferistes a morte á miseria, e escravidaõ; continuai em vossa generosa resoluçaõ. A occupaçaõ momentanea dos edificios da Cidade, pelo inimigo, he de nenhuma importancia; em quanto naõ estivérem senhores de nossos coraçoens. Continuai a resistir-lhes no ceio de vossas familias; naõ ponhaes confiança em suas profissoens enganosas; reflectí, que ao mesmo povo aquem prometêram felicidade, tem submergido na miseria. A Juncta, que vigia sobre o vosso destino fára que numerosos reforços marchem para aquella infeliz capital. A Juncta naõ se tem esquecido de vós; naõ, conservai vivas as vossas esperanças; conservai o vosso valor e firmeza, e a vossa libertaçaõ será tanto mais gloriosa, quanto for maior o perigo que tiverdes de combater.

Memorial do Corregedor de Madrid, em nome dos magistrados e Cidadaõs, apresentado ao Imperador dos Francezes, na sua entrada na capital de Hespanha.

SENHOR! A Cidade de Madrid, representada pelos seus Magistrados, clero secular, e regular, nobreza, e deputados dos bairros, se apresenta aos pés de V. M. I. a offerecer os seus mais respeituosos agradecimentos, pela graciosissima clemencia, com que V. M. na conquista que as vossas victoriosas tropas fizeram desta cidade, foi servido *pensar sobre* a segurança e bem de seus habitantes, e o *louvavel*, e *benefico* tractamento, que V. M. se servio mos-

trar-lhe, e que a cidade de Madrid considera como um penhor do perdaõ de tudo o que tem acontecido na ausencia de nosso rey José, irmaõ de V. M.—As differentes corporaçoens que constituem esta assemblea, considerando devidamente no objecto de sua associaçaõ, tem concluido e resólvido rogar a V. M. I. e R. que seja servido conceder-lhes o favor de vêr a El Rey Jozé em Madrid, em ordem a que debaixo de suas leis, Madrid, com todos os lugares de sua immediata jurisdicçaõ, e toda a Hespanha, possam finalmente gozar daquella felicidade e tranquilidade, que espéram da benevolencia, e do character de S. M.—Finalmente Madrid se lisongea que achará protecçaõ no poder de V. M. I. e R. SENHOR! Aos pés de V. M. I. e R.

Madrid, aos 9 Dezembro de 1809.

Resposta do Imperador Napoleaõ.

Estou satisfeito com os sentimentos da Cidade de Madrid. Sinto as injurias que tem soffrido, e me julgo particularmente feliz, nas circumstancias existentes, de poder effectuar a sua libertaçaõ, e protegêlla de maiores calamidades. Eu me tenho dado pressa a adoptar medidas calculadas a tranquilizar todas as classes de cidadaõs, sabendo quam penoso he o estado de incerteza, para todos os homens ou colectiva, ou individualmente fallando. Tenho conservado as ordens espirituaes, mas com uma limitaçaõ do numero de Frades. Naõ ha uma só pessoa inteligente que naõ sêja de opiniaõ, que elles saõ demasiadamente numerosos. Aquelles que saõ influidos por uma vocaçaõ divina, ficaraõ nos seus claustros. Aquelles cuja vocaçaõ he duvidosa, ou influida por consideraçoens temporaes, eu lhe tenho fixado a sua condiçaõ, na ordem dos clerigos seculares. Do excedente dos rendimentos monasticos tenho providenciado a manutençaõ dos pastores, esta importantes, e util classe do clero. Tenho abolido aquelle tribunal, que tem sido o objecto de

queixas em toda Europa, no seculo presente. Os padres podem guiar os espiritos dos homens, mas naõ devem exercitar sobre os cidadaõs, jurisdicçaõ alguma temporal ou corporal. Tenho cumprido com o que devia a mim e á minha naçaõ. A vingança teve o seu curso. Cahio sobre dez dos principaes culpados; todo o resto tem absoluto, e inteiro perdaõ. Tenho abolido estes privilegios que, os Grandes usurparam, durante os tempos das guerras civis; quando os Reys mui frequentemente éram obrigados a render os seus direitos, para comprar assim a sua propria tranquilidade, e a do seu povo; tenho abolido os direitos feudaes; e daqui em diante todos poderaõ estabelecer estalagens, fornos, moinhos, occupar-se em caçar coelhos, e exercitar livremente a sua industria, com tanto que respeite as leis e regulamentos de policia. O amor proprio, riqueza, e prosperidade de um pequeno numero de individuos, fôram mais injuriosos á vossa agricultura, doque as calmas dos caniculares. Como ha um so Deus, assim so deve haver um poder judiciario. Todas as jurisdiçoens peculiares éram usurpaçoens, que estávam em contradicçaõ com os direitos da naçaõ. Eu as tenho abolido. Tenho tambem feito conhecer a cada individuo o que deve temer, e o que tem de esperar. Eu expulsarei o exercito Inglez da Peninsula. Saragoça, Valencia, Sevilha, seraõ submettidas, ou com persuasoens, ou pelo poder de minhas armas. Ja naõ ha obstaculo, que possa resistir á execuçaõ de minhas resoluçoens. Mas o que fica alem do meu poder he isto; o consolidar os Hespanhoes como uma naçaõ debaixo do governo de um Rey, se elles continuárem infestados pelos principios de aversaõ e odio da França, que os partidistas dos Inglezes, e os inimigos do Continente, tem instilado do ceio da Hespanha. Eu naõ posso estabelecer naçaõ, nem Rey, nem independencia dos Hespanhoes, se o Rey naõ estiver seguro da sua affeiçaõ, e fidelidade. Os Bourbons naõ podem reynar mais na Europa. As divi-

soens na Familia Real fôram machinadas pela Inglaterra. Naõ foi adethronizaçaõ d'El Rey Carlos, e ruina do valido (o Principe da Paz) que o Duque do Infantado, aquelle instrumento da Inglaterra, como se provou pelos papeis, que se acháram em sua casa, tinha em vista. A intençaõ éra estabelecer, na Hespanha, a predominante influencia da Inglaterra: projecto insensato, cujo resultado serîa a perpetuidade da guerra continental, o que causaria a effusaõ de torrentes de sangue. Naõ pode existir no Continente poder algum, que esteja debaixo da influencia da Inglaterra. Se houver alguem que entretenha tal desejo, o seu desejo he absurdo, e cedo ou tarde occasionara a sua ruina. Ser-me-hia facil, vendo-me obrigado a adoptar uma tal medida, governar a Hespanha, estabelecendo tantos vice Reys, quantas saõ as provincias. Naõ obstante, eu naõ duvido abdicar os meus direitos de conquista, a favor d'El Rey, e estabelecêllo em Madrid, logo que 30,000 cidadaõs, que ésta capital contem, o clero, nobreza, negociantes, e letrados declarárem os seus sentimentos e a sua fidelidade, dando exemplo ás provincias, o ao povo illuminado, e feito conhecer á naçaõ, que a sua existencia e prosperidade depende essencialmente de um Rey, e uma constituiçaõ livre, favoravel ao povo, e hostil somente ao egoismo, e paixoens altivas dos Grandes.—Se taes saõ os sentimentos dos habitantes da cidade de Madrid, ajuntem-se os 30,000 habitantes, nas Igrejas; e na presença do Sanctissimo sacramento, prestem um juramento naõ somente com a boca mas com o coraçaõ, e sem nenhum equivoco Jezuitico; promêttam apoio, affeiçaõ, e fidelidade ao seu Rey; os padres no confessionario, e no pulpito; a classe mercantil na sua conrespondencia, os letrados nos seus escriptos, e fallas, infundam estes sentimentos no povo; entaõ renderei o meu direito de conquista, porei o Rey sobre o throno, e me comprazerei de conduzir-me como verdadeiro amigo dos Hespanhoes. A presente geraçaõ pode differir em suas

opinioens; tem-se demasiadamente posto em acçaõ as paixoens; mas os vossos netos me abençoaraõ como vosso regenerador; elles contaraõ, entre os seus dias das festividades memoraveis, o dia em que eu appareci entre vós; e delle começará a data da felicidade da Hespanha. Portanto vós, senhor Corregedor, sabeis toda aminha determinaçaõ. Consultai com os vossos concidadaõs, e considerai a parte que quereis escolher; mas qualquer que seja fazei a vossa escolha com sinceridade, e dizei-me os vossos genuinos sentimentos.

Falla de Jozé Napoleaõ, como Rey de Hespanha, na sua entrada em Madrid, respondendo ao Bispo suffraganeo, que o recebeo, á frente do Clero.

Antes de dar graças, ao Supremo arbitro dos destinos, pela minha volta á capital destes Reynos, confiados ao meu cuidado, dezejo replicar á affectuosa recepçaõ de seus habitantes, declarando-lhes os meus pensamentos secretos na presença do Deus vivo; que agora acaba de receber os vossos juramentos de fidelidade á minha pessoa. Portanto, protesto diante de Deus, que conhece os coraçoens de todos; que he somente o meu dever, e consciencia, quem me obriga a subir ao throno, e naõ a minha inclinaçaõ particular. Eu dezejo sacrificar a minha felicidade; porque penso que vós tendes necessidade de mim para estabelecer a vossa. A unidade da vossa sancta religiaõ, a independencia da Monarchia a integridade de seu territorio, e a liberdade de seus cidadaõs, saõ condiçoens do juramento, que prestei recebendo a coroa. Naõ será vilipendiada na minha cabeça; e se, o que naõ duvido, os esforços da naçaõ apoiarem os esforços de seu Rey, eu serei, em breve tempo, o mais feliz de todos; porque vós o sereis por minha causa.

Carta circular aos Arcebispos e Bispos do Reyno.

D. Jozé Napoleaõ, pela graça de Deus e as Constituiçoens do Estado, Rey da Hespanha e das Indias.

Voltando para ésta capital, foi o nosso primeiro cuidado, assim como o nosso primeiro dever, prostrar-nos aos pés daquelle Deus, que dispoem das coroas. Temos-lhe offerecido a homenagem da nossa existencia, para a felicidade da valorosa naçaõ, que elle confiou ao nosso cuidado. He com este fim somente, em conformidade dos nossos mais charos pensamentos, que lhe dirigimos as nossas humildes oraçoens. ¿Que he um individuo na immensa populaçaõ da terra? ¿que he elle aos olhos do Eterno, que só pode penetrar as intençoens dos homens, e segundo ellas determinar a sua elevaçaõ? Quem deseja sinceramente o bem de seus similhantes, serve a Deus; e a sua omnipotente bondade o protegerá.—Nos desejamos, em conformidade destas disposiçoens, que vós ordeneis ás oraçoens dos fieis, que a Providencia vos confiou. Roguemos todos a Deus, que se digne dotar-nos com o espirito de paz, e de sabedoria; abjuremos a todas as paixoens, ocupemo-nos somente daquelles sentimentos que nos devem animar, e que inspiram os interesses geraes desta monarchia. Succêdam os exercicios de Religiaõ, a tranquilidade, e a felicidade, ás discordias de que temos sido victimas; demos graças a Deus pelo bom successo, que foi servido conceder ás armas de nosso Augusto irmaõ, e poderoso alliado o Imperador dos Francezes, que naõ tem tido outro fim em sustentar os nossos direitos, pelo seu poder, senaõ procurar á Hespanha uma longa paz, fundada na sua independencia.—O exercito Francez evacuará as Provincias Hespanholas, logo que ellas se unirem ao redor do nosso throno. He nossa vontade, que vos ordeneis a cada um dos curas de vossa Diocese, que Cantem um Te Deum, o primeiro domingo despois de receber ésta. Da-

da no nosso Palacio de Madrid, aos 24 de Janeiro, de 1809.

EU EL REY.

O Ministro e Secretario de Estado,

(Assignado) D. MARIANO LUIZ D'URQUIYO.

Decreto da Juncta Suprema Governante de Hespanha; por occasião da tomada de Saragoça.

S. M. nosso Soberano, D. Fernando VII., e em seu nome a Suprema Juncta de Governo, considerando; que os serviços feitos á patria se devem avaluar mais pelo valor, e sacrificios do que pelo successo, o qual muitas vezes depende da fortuna, que Saragoça não somente não era impregnavel, mas relativamente ás regras militares, até nem éra capaz de defensa; e que, não obstante isto, se defendeo de maneira que nenhuma fortaleza, por mais forte que fosse, se pode gloriar de tal haver feito, e que as honras e premios, que se concedem a um povo benemerito da patria, são, relativamente aos que morrêram, o justo premio de seu valor, e de seu martyrio; e relativamente aos que sobrevivêram, um motivo de consolação, e um recurso necessario para abater o rigor de suas calamidades; e relativamente aos demais, um poderoso estimulo para que sigam o seu exemplo; sabendo, que Saragoça será, na memoria dos Hespanhoes, uma fonte perene de acçoens heroicas, e de virtudes civicas, que salvarão o Estado da tempestade dessoladora, estimando, como he devido, a singular gloria que resulta á nação Hespanhola da admiravel defensa que fez ésta cidade, tão preciosa aos olhos da virtude e do patriotismo, como a mais gloriosa victoria, e desejando finalmente, como um signal da alta estimação em que tem Saragoça e seus habitantes, dar um testemunho de seu merecimento, tão singular, e grande quanto a occasião requer, foi servido decretar o seguinte.

1. Que Saragoça, seus habitantes, e guarnição, são benemeritos da patria, em um gráo eminente, e heroico.

2. Que logo que o digno e valoroso Capitaõ General de Aragaõ, for restituido á sua liberdade, para cujo alcance se naõ pouparaõ meios alguns; a Juncta, em nome da naçaõ, lhe dará aquelle premio que for mais digno de sua invincivel constancia, e ardente patriotismo. 3. Que todos os officiaes empregados no sitio seraõ promovidos um posto; e todos os soldados teraõ a graduaçaõ e paga de sargento. 4. Que todos os defensores de Saragoça, e seus habitantes, e herdeiros, gozaraõ nobreza pessoal. 5. Que todas as viuvas e orfaõs dos que morrêram na defensa, gozaraõ uma pensaõ, proporcional á sua graduaçaõ, e circumstancias. 6. Que o haver estado dentro dos muros de Saragoça, durante o cerco se considere como justo direito, para a pretensaõ dos empregos futuros. 7. Que Saragoça será livre de todas as contribuiçoens, pelo termo de dez annos da data da paz. 8. Que neste periodo se começaraõ a reedificar os edificios publicos, com toda a magnificencia possivel, e á custa do Estado. 9. Que se erigirá um monumento na praça da cidade, em perpetua memoria do valor de seus habitantes, e sua gloriosa defensa. 10. Que nas praças de todas as cidades do Reyno, se erigirá uma inscripçaõ, contendo as mais heroicas circumstancias dos dous cercos que sofreo Saragoça. 11. Que se cunhará uma medalha em sua honra, como testemunho da gratidaõ nacional, por taõ eminentes serviços. 12. Que a todas as cidades de Hespanha, que resistirem a similhante sitio, com similhante constancia, e tenacidade, se concederaõ as mesmas honras, e prerogativas. 13. Que os poëtas e oradores Hespanhoes seraõ estimulados a exercitar os seus talentos, sobre este sublime objecto, e se offerecerá um premio em honra da naçaõ, consistindo em uma medalha de ouro do valor de cem dobloens, ao melhor poëma; e um igual áquelle, que compuzer o melhor ensaio em prosa, sobre este immortal sitio; sendo o objecto de ambos naõ sómente recommendar á admiraçaõ e memoria, da idade presente e da posteridade, o

valor, constancia, e patriotismo de Saragoça; mas inflamar, com igual ardor, o enthusiasmo da naçaõ, encher os coraçoens dos Hespanhoes com o mesmo amor da liberdade, e a mesma detestaçaõ da tyrannia. Alcaçar Real de Sevilha aos 9 de Março, de 1809.

O Marques de Astorga, Vice Presidente.
Martin de Garay, Secretario.

Decreto da Juncta Suprema, mandando solemnizar o anniversario dos martyres de 2 de Maio.

Hespanhoes! A Juncta Suprema vos convida a celebrar com ella, no dia 16 deste mez, o solemne anniversario, que decretou pelo repouso eterno das victimas de dous de Maio. Honremos neste dia os fundadores da liberdade Hespanhola, os que entre nos fôram os primeiros, que levantáram a vóz contra a oppressaõ estrangeira, e selláram com o seu sangue o voto nacional da independencia. Lembrai-vos, Hespanhoes, do horror que vos causou seu infortunio, e este grande dia reanime nas vossas veias o calor da vingança, e aquella resoluçaõ intrepida e generosa, com que vos levantastes para a tomar: a fama levou este memoravel acoutecimento a vossos ouvidos; porém suas exaggeraçoens vagas naõ bastávam para o pintar. Era necessario ter visto martyrizar a lealdade daquelle povo, nos dias anteriores, com as noticias ja prosperas, ja adversas, que os inimigos lhe dávam sobre a sorte do seu innocente e adorado Rey: éra precizo ter seguido as tramas occultas e perfidas com que foi posto no ultimo trance do soffrimento, e contemplado a satisfacçaõ horrivel, com que as hyenas Francezas bebiam, ja na idea, o sangue que îam a verter. Os Madrilenos, incapazes de soffrer, por mais tempo, os ultragens, e a humiliaçaõ, corréram indignados ás armas, e se lançáram contra seus aleivosos inimigos. Um concerto de paz, e de concordia os

aquieta, e desarma; e entaõ presos pelas ruas ao arbitrio de soldados ferozes, e conduzidos ás masmorras, sahem amarrados, e saõ arrastados áquelles mesmos sitios, que, em outro tempo, fôram sua distracçaõ e seu recreio. Ali se certificáram da sorte horrivel, que os espetava; ali volvendo os olhos em torno si, e vendo-se desamparados do ceo, e da terra, déram um profundo, e ultimo a Deus ás suas familias, e fôram lançados na eternidade.—Respeito ás suas cinzas! Paz a suas almas! Guerra mortal, e eterna, aos seus malvados assassinos! Se ha algum Hespanhol que desmaie no grande intento, que se lembre logo de dous de Maio. Terá entaõ vergonha para voltar o pé atraz, e soffrer a idea de servir a homens taõ ferozes! Naõ, Hespanhoes, naõ: a sua authoridade he um jugo de ignominia, suas promessas saõ perfidias, seu beijo de paz he morte. Os patriotas de Maio indefensos, e desarmados, abrîram o campo para a sanguinolenta guerra, e o abrîram morrendo. Oh! naõ demos nós occasiaõ aque no descanço de que gozam os affija a lembrança do seu terrivel sacrificio, considerando-o infructuoso para a salvaçaõ do seu paiz.—Naõ o será, ó Martyres da patria, precussores dignos de heroes, que tem perecido despois, no campo da batalha! Hum anno correo já desde que o vosso sangue fez brotar no nosso solo as palmas de valor, e do patriotismo. Temos conseguido victorias; temos experimentado revezes. Mas a adversidade naõ nos espanta, porque sabemos que naõ se compram por outro preço a liberdade e a gloria. Descançai pois em paz almas generosas! Vede a naçaõ inteira posta a roda do lugubre mausoleo, que o reconhecimento publico vos levanta, jurando ás vossas cinzas, e á vossa memoria, seguir a gloriosa estrada, que lhe assignalastes; e naõ repousar jamais, senaõ no throno da independencia, ou no silencio dos sepulcros. Real Alcaçar de Sevilha, 11 de Maio de 1809.

MARTIN DE GARAY.

A Juncta Suprema passou um decreto aos 12 de Abril, contendo os seguintes artigos.

1. Os bispos que abraçáram decididamente o partido do Tyranno, seraõ considerados indignos do elevado ministerio que exercitam, e presumidos criminosos de alta traiçaõ.

2. As suas temporalidades, e effeitos de todo o genero seraõ immediatamente confiscados.

3. Se as suas pessoas forem apprehendidas seraõ entregues ao tribunal de segurança publica, em ordem a que pronuncie sentença contra elles, sendo a Juncta Central consultada, e obedecidos os regulamentos do direito canonico.

Por outro Decreto de Maio se mandam confiscar os bens das seguintes pessoas, como traidores á patria.

D. Gonçalo de Ofaril, D. Miguel Jozé de Azanza, Marquez de Caballero, Conde del Campo Alange, Duque de Frias, Conde de Cabarrus, D. Jozé Mazarredo, D. Mariano Luiz de Urquijo, Conde de Montareo, D. Francisco Xavier de Negrete, Marquez de Casa Calvo, Marquez de Vendaya, Marques de Casa Palacios, Marquez de Monte-hermoso, D. Manuel Romero, D. Pablo de Arribas, D. Jozé Marquina e Galindo, Marquez de S. Adriaõ, D. Thomaz de Morla, D. Manuel Sixto Espinosa, D. Luiz Marcellino Pereira, D. Joaõ Llorente, D. Pedro de Estala, D. Francisco Gallardo Fernandes, Duque de Mahon, D. Francisco Xavier Duran, D. Francisco Amorós, D. José Navarro Sangram.

Proclamaçaõ do Marquez de la Romana.

Hespanhoes! O inimigo da humanidade, Napoleaõ Buonaparte, sabe que elle naõ pode conquistar Hespanha por força d'armas; e observa com pena, e vergonha, que os seus numerosos exercitos, e tropas mais aguerridas,

acham o seu sepulcro na nossa peninsula; e portanto para obter o seu injusto fim, tem recorrido á seduçaõ e á intriga; e por meio de peitas, e promessas, que nunca preenche, trabalha por semear as divisoens, e a discordia. Para este fim se approveita de infames emissarios, que pervertem o entendimento, suffocam o espirito publico, e induzem a desconfiança entre a suprema Juncta central, que he a mira que tem em vista, visto que a naõ pode seduzir. Naõ ha meios, por mais detestaveis e vis que sejam, que elle naõ empregue, sendo o seu objecto destruir a tranquilidade publica por meio de seus agentes; para que os partidistas, que, por desgraça nossa, elle tem entre nós, nos entreguem em suas maõs, para sermos despedaçados; para que se exercitem sobre nós, e nossas familias, aquelles horrores que saõ de custume entre o enxame de roubadores, e assassinos, que compoem os seus exércitos. Taes saõ os seus fins, Hespanhoes! e taes saõ os seus meios!

O tribunal da segurança publica, está incessantemente empregado em descubrir, punir, e exterminar ésta infame raça de espias, traidores, e máos Hespanhoes, que trabálham por enganar-nos, e arruinar-nos. Nenhum será perdoado; e a inexoravel espada da justiça será levantada igualmente contra o poderoso, e contra o fraco. Ja em outras partes alguns culpados, convencidos de traiçaõ, tem soffrido o castigo devido a seus crimes. Outros, entre os quaes havia funccionarios publicos tem sido postos em prisaõ, por crimes de menor grandeza. Ha nas prisoens outras pessoas culpadas, cujo processo se adianta com a maior expediçaõ, e com a devida actividade; as pessoas mal intencionadas, e os amigos de Napoleaõ seraõ entregues aos castigos que merecem. Os mais perniciosos de todos saõ os que, para desunir-nos, espálham calumnias contra o presente Governo; pois este he o seguro meio de destruir a representaçaõ nacional, desunindo as Provincias, fazendo

perplexas as nossas relaçoens com as Americas, e com as Cortes estrangeiras; e introduzindo a anarchia, para fazer ao inimigo Senhor da Peninsula, e effectuar a nossa destruiçaõ. Para evitar este mal, que indubitavelmente he o maior, que pode succeder a um Hespanhol; tenho decretado o seguinte.

1. Todo aquelle que trabalhar para semear a desconfiança da Suprema Juncta Central, e derribar o actual Governo, por insurreiçoens populares, e outros meios vis; he declarado réo de alta traiçaõ, indigno do nome de Hespanhol, e vendido ao tyranno Napoleaõ.

2. Como tal soffrerá pena de morte, e os seus bens seraõ confiscados.

3. Todo aquelle que usar de linguagem, tendente a diminuir o odio que devemos ter aos exercitos Francezes, que saõ compostos de infames roubadores, e assassinos; e vem somente a roubar, e sacrificar-nos, será instantaneamente prezo, processado, e soffrerá o castigo, em que tiver incorrido.

4. Toda aquella pessoa que denunciar criminosos desta classe, ao tribunal da segurança publica será competentemente premiado, convencendo-se o reo; e o seu nome ficará em segredo.

5. A presente proclamaçaõ será affixada nos lugares do custume desta cidade, e inserida nos periodicos. Corunha 10 de Julho, de 1809.

(Assignado) Marquez de la Romana.

Inglaterra.

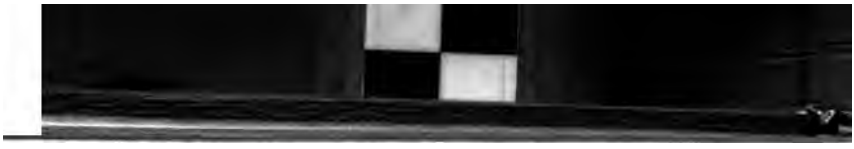
Despachos officiaes, relativos á expediçaõ contra os paizes baixos.

Quartel-general de Middleburgh, 2 de Agosto 1809.

My. Lord! Tenho a honra de informar a V. S. que havendo dado á vella das Dunas, na manhaã de 28 do passado, com o Contra-Almirante Sir Richard Strachan,

no navio de S. M. Venerable, na tarde do mesmo dia chegamos, e anchoramos no anchoradouro de East Capelle; e na manhaã seguinte, se nos ajunctou a divisaõ do exercito, commandada pelo Tn. Gen. Sir Joaõ Hope. No decurso daquelle dia ventou uma briza forte d'Oeste, o que occasionou grande marulhada; e estando os vasos pequenos muito expostos, se determinou procurar-lhes abrigo no anchoradouro de Room Pot, para onde tambem se mandou proceder a divisaõ de Sir Joaõ Hope, a fim de apossar-se daquelles pontos que julgasse necessarios, para segurar o anchoradouro, e tambem com vistas das operaçoens futuras, no Scheldt oriental.

A ala esquerda do exercito commandada pelo Ten. gen. Sir Eyre Coote, destinada particularmente, para a operaçaõ contra Walcheren, chegou aos 29, e manhaã de 30; mas continuando a ventar mui forte do Oeste, e a causar grande marulhada na praia, tanto na parte de Zoutland, como juncto a Domburg; foi conveniente, em ordem a effectuar um desembarque, levar toda a frota pela estreita e difficultosa passagem, até o Veer Gat, que até aqui se considerava impracticavel por navios grandes; e concluindo-se isto bem, e estando completas as preparaçoens para o desembarque, tenho a satisfacçaõ de informar a V. S. que as tropas desembarcáram sobre o Bree, e obra de uma milha para Oeste do forte Haak, sem opposiçaõ; e se postáram por aquella noite sobre os areaes, tendo em frente East Capelle. O Tn. gen. Frazer foi immediatamente destacado para a esquerda, contra o forte Haak, e Ter Vere, o primeiro dos quaes, logo que elle chegou foi evacuado pelo inimigo; mas a cidade de Vere, que tinha defezas fortes, e uma guarniçaõ de perto de 600 homens, manteve-se até hontem pela manhãa, naõ obstante o pezado, e bem dirigido fogo dos navios bombardeadores, e barcas canhoneiras, durante o dia precedente; e até que se investio á praça de perto.



Na manhaã de 31, chegou ao campo uma deputaçaõ de Middleburgh, donde se havia retirado a guarniçaõ para Flushing; e se concordáram os termos de capitulaçaõ, de que envio copia a V. S., assim como da guarniçaõ, de Ter Vere; e as divisoens do exercito debaixo das ordens do Tn. gen. Lord Paget, e Major gen. Graham, se adiantaram, e se postaram com a direita em Maliskirke, o centro em Grypenskirke, e a esquerda em S. Lourenço. Na manhaã do primeio do corrente, avançáram a investir Flushing, cuja operaçaõ foi vigorosamente disputada pelo inimigo. Neste movimento foi elle repellido, pela divisaõ do Major gen. Graham, sobre a direita, das batterias de Dykeshook, Vygeter, e Nole; em quanto a brigada do Brigadeiro gen. Houston forçou o inimigo, postado no caminho de Middleburgh, a retirar-se com a perda de 4 peças, e muitos mortos e feridos. A divisaõ do Tn. gen. Lord Paget tambem acometteo os postos do inimigo e lhe tomou a posiçaõ de Youberg occidental.

Nada pode exceder a valentia das tropas em todo este dia, e he devido o meu maior louvor aos diversos officiaes generaes pela sua judiciosa disposiçaõ no avanço de suas respectivas columnas. Estou muito obrigado ao Tn. gen. Sir Eyre Coote pelos seus trabalhos neste serviço; prompta e habil maneira em que executou as minhas ordens. As tropas ligeiras commandadas pelo Brigadeiro gen. Baraõ Rottenburg fôram admiravelmente bem conduzidas; e tenho razaõ de estar perfeitamente satisfeito com os officiaes commandantes dos differentes corpos, que entráram em acçaõ. O terceiro batalhaõ dos Royals, as companhias de flanco do 59 regimento, mantivéram a direita, debaixo de difficies circumstancias, com grande valentia, e mataram ou ferîram muitos do inimigo.

Estando Ter Vere em nossas maõs, marchou a divisaõ do Tn. gen. Frazer, juncto á noite sobre Ruttern, destacando um corpo para tomar Ramakeens; o que, estando

effectuado completará o sitio de Flushing. Tenho de lamentar a ausencia temporaria do Brigadeiro gen. Browne, que foi ferido naquelle dia ja tarde, mas espero naõ ficar privado dos seus serviços.

Tenho a honra de incluir a lista dos mortos, feridos, e extraviados. Por mais lamentavel que sêja, em todos os tempos a perca de um soldado Britanico, naõ parecerá esta ser grande, considerando-se os serios impedimentos que o inimigo podia oppor aos nossos progressos, e ao formidavel estado das batterias de Flushing, a que as tropas estávam naturalmente expostas. O aperto das circumstancias fez com que o official commandante da artilheria naõ pudesse fornecer-me uma conta circumstanciada das peças e trem de artilheria, tomadas nas differentes batterias e fortalezas de Ter Vere, mas será ao despois transmittida com a lista dos prisioneiros que se tem tomado despois que desembarcamos, que se suppoem chegar a mil. A esquadra do Commodoro Owen, com a divisaõ do Tn. gen. Marques de Huntley, fica anchorada na passagem de Wreling; e as divisoens do Tn. gen. Conde de Rosslyn, e Tn. gen. Grosvenor, chegáram ao anchoradouro, no Vere Gat. Naõ posso concluir sem exprimir, nos termos mais fortes, a minha admiraçaõ da distincta habilidade com que a frota foi conduzida pela passagem para o Vere Gat, nem podem as vantagens, que resultam do bom successo desta operaçaõ, serem apreciadas demaziado; pois isto naõ somente facilitou o desembarque, o qual no estado em que entaõ estava o vento, éra impracticavel em outra qualquer parte; porem tambem he provavel que descançando o inimigo na difficuldade da navegaçaõ, estava menos preparado para defensa. Devo tambem reconhecer vivamente o grande adjutorio que foi para o serviço a zeloza co-operaçaõ dos officiaes da esquadra, e dos marinheiros empregados em puchar uma grande parte da artilheria, pelos areaes, e sem cujo auxi-

lio, se deveria necessariamente suspender o avanço do exercito; porque a força da mare fez por algum tempo extremamente difficil o desembarque dos cavallos. Tenho a honra, &c. ser, &c.

(Assignado) CHATHAM.

Ao muito Honrado Lord Visconde Castlereagh,
Secretario da Guerra.

Artigos de Capitulaçaõ da Cidade de Middleburgh na ilha de Walcheren.

Art. 1. Conceder-se-ha segurança a todas as pessoas, funccionarios publicos, particulares, cidadaõs, e habitantes, quaesquer que tenham sido ou sejam as suas opinioens politicas. *Resposta.* Concedido, com tanto que elles se conduzam como cidadaõs pacificos, e se conformem áquelles regulamentos, que se houverem de estabelecer por authoridade do Governo Britanico.

Art. 2. Toda a propriedade qualquer sem excepçaõ, será protegida. *Resposta.* Concedido, em quanto ao que respeita á propriedade particular; responder-se-ha por toda a propriedade publica aos commissarios que nomear o General Commandante das forças de S. M. Britanica.

Art. 3. Os cidadaõs armados ou outros habitantes, que houverem pegado em armas, ou feito o serviço militar, para manter a tranquilidade publica, seraõ protegidos nas suas pessoas e propriedade, e lhes será permittido voltar para suas casas. *Resposta.* Concedido. Sob condiçaõ, porém, de que as suas armas seraõ entregues ás pessoas que fôrem devidamente authorizadas para as receber.

Art. 4. Os funccionarios publicos, e suas familias teraõ permissaõ, no caso de que assim o desejem, de voltar para qualquer parte do Reyno de Hollanda.

Art. 5. Os habitantes que estaõ auzentes de suas cazas, ser-lhe-ha permittido voltar a ellas com a sua propriedade. *Resposta.* Concedido; sugeito á restricçaõ especificada no 1. artigo.

Art. 6. As tropas seraõ aquarteladas em barracas. *Resposta.* Isto deve ser determinado pelas circumstancias; mas ter-se-ha todo o cuidado para fazer com que o aquartelamento seja o menos pezado aos habitantes, que for possivel.

Art. 7. Se houver alguma duvida na inteligencia a respeito dos ar-

tigos sobreditos, serão elles explicados a favor da cidade, e seus habitantes. *Resposta.* Concedido.

Art. 8. O artigo acima se extenderá tambem a todas as partes deste departamento, que possam haver obtido termos igualmente favoraveis. *Resposta.* Este artigo se applicará, neste caso, somente á Cidade de Middleburgh; mas não se fará difficuldade, em conceder os mesmos termos vantajosos a qualquer cidade, que se render similhantemente sem fazer opposição.

Art. addicional. Todos os militares enfermos nos hospitaes, ficarão onde se acham; e se terá cuidado delles; despois de convalecidos se lhes permittira voltar para os seus corpos. *Resposta.* Terão cuidado dos doentes, os seus mesmos medicos e cirurgioens; mas devem ser considerados como prisioneiros de guerra.

(Assignado) C. G. Bedlereld. P. G. Schorer.
J. M. Vankhoor. H. Van de Merndere.

Acordado por mim, conforme aos poderes que me concedeo o Tn. Gen. Conde de Chatham, Cavalleiro do Banho, e Commandante em Chefe das forças de S. M. Britanica.

(Assignado) Eyre Coote, Ten. Gen.

Alturas de Bree Sand, aos 31 de Julho, 1809.

Capitulação da Fortaleza de Veer.

Art. 1. A guarniçaõ de Veer terá permissaõ de sahir por uma das portas com todas as honras da guerra, e depôr as armas sobre a esplanada; naõ lhe será permittido servir contra S. M. Britanica, ou seus alliados, até que tenhaõ sido regularmente trocados; e as tropas seraõ mandadas para algum lugar da Holanda, á custa de S. M. Os officiaes conservaraõ as suas espadas, cavallos, e propriedade, e os soldados as suas muxilas. *Resposta.* Acordado; excepto que a guarniçaõ deve ser geralmente considerada prisioneira de guerra; e della disporá o governo Britanico, como julgar proprio, e como he custume em taes occasioens.

Art. 2. Desde este momento até a evacuaçaõ da fortaleza, as tropas de ambos os exercitos ficaraõ na sua presente posiçaõ. *Resposta.* Concedido.

Art. 3. Cessaraõ todas as hostilidades, de ambas as partes, e se naõ continuaraõ preparativos alguns de attaque ou defensa. *Resposta.* Concedido.

Art. 4. Toda a artilheria e armazens serão entregues por Com-

missarios nomeados de ambas as partes. *Resposta.* Acordado; considerando, que neste artigo a entrega da propriedade publica de toda a descripçaõ he tambem incluida.

Art. 5. Todos os doentes, e feridos seraõ deixados á humanidade do General, até a sua convalescença. *Resposta.* Concedido.

Art. 6. Os habitantes da Cidade de Veer continuaraõ a gozar todos os seus privilegios, e a sua propriedade particular será respeitada; e terá permissaõ, se elles assim quizerem, para ser transportada para fóra. Este privilegio se extenderá tambem, a todas as mulheres da guarniçaõ. *Resposta.* Concedido.

(*Assignado*) A. M. Frazer, Ten. Gen. Comm. das tropas juncto a Veer.
C. Richardson, Official de Esquadra mais antigo.
V. Bogart, Commandante da guarniçaõ de Veer.

Veer, 1 de Agosto, de 1809.

Total dos prisioneiros tomados em Veer—519.

Total da perca Britanica. Mortos 1 official, 2 sargentos, 2 tambores, 41 soldados: feridos 13 officiaes, 15 sargentos, 1 tambor, 184 soldados, extraviados 34.

Middleburgh, 3 de Agosto de 1809.

My Lord! Depois da minha carta, datada de hontem, recebi informaçaõ do Tn. Gen. Sir Joaõ Hope de haver occupado Batz, e tomado posse de toda a ilha de Beeveland do Sul.—Tenho tambem a satisfacçaõ de informar a V. S., que estando as batterias promptas para começar a jogar, se rendeo ésta tarde a fortaleza de Ramkeens, e tenho a honra de incluir aqui os artigos da capitulaçaõ.

(*Assignado*) Chatham.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

(Por esta Capitulaçaõ se rendeo prisioneira de guerra a guarniçaõ que constava de 127 homens.)

LITERATURA E SCIENCIAS.

Analize do folheto intitulado—Os pedreiros livres e illuminados, que mais propriamente se deverîam denominar os tenebrosos. de cujas seitas se tem formado a pestilencial irmandade, a que hoje se chama jacobinismo, Lisboa 1809.

A LEITURA deste folheto, servindo de algum divertimento, excitaria o rizo, se a sensaçaõ, que produz o riduculo, naõ fosse contrabalançada pela compaixaõ a que move a ignorancia do author; e alem disto, a triste consideraçaõ da falta de ideas em que a naçaõ está, a este respeito, donde podem dimanar effeitos mui importantes, e nocivos á tranquilidade do Estado.

Que o author deste folheto ignorasse os principios da sociedade dos Framaçons he escusavel; porque, a fallar a verdade, o mundo está mais as escuras, a este respeito, do que muitos pensam; mas he indisculpavel, que o author se intromettesse a fallar de similhante materia, sem saber ao menos o que ha publico sobre os Framaçons, tanto a favor, como contra.

A comiseraçaõ pois obriga a desviar ésta analize, algum tanto, da forma ordinaria; porque despois de se mostrar a natureza da obra se passarà a dar uma breve idea desta sociedade dos Framaçons; e se o author foi motivado por um sincero desejo de fazer bem, naõ deixará de agradecer alguma instrucçaõ, em materia que elle se propos tractar; e atè por fim lhe lembrarei os authores mais notaveis, que tem fallado contra a masonaria; para que tenha materiaes com que dizer alguma cousa consequente, se quizer continuar a escrever.

O author começa o seu opusculo, intitulando-se "Hum amador da Religiaõ, dá humanidade, e da patria." (p. 3);

e faz um pequeno proemio, em que diz ser o opusculo qué dá á luz traducçaõ feita para o Portuguez por algum estrangeiro, o que elle conjectura de certas faltas na linguagem, que emendou, e accrescenta algumas notas, para illustraçaõ do texto.

Divide despois a obra em duas partes; a primeira desenvolve, ao seu o modo de pensar, os mais secretos arcanos da sociedade dos pedreiros-livres; a segunda dá a saber ao Mundo o que he a intricada seita dos illuminados.

Principia a primeira parte com estas palávras. "O abominavel plano de subverter o throno, e o altar, que tem sido nos tempos modernos promulgado por toda a Europa, e por todos os povos, póde-se julgar ter principiado a formar-se, e a ganhar consistencia no Continente, com a infatuaçaõ, com que Montesquieu, na sua obra *l'Esprit des loix*, dá toda a preferencia ao Governo representativo, &c." A questaõ, sobre qual das formas de governo he a mais adequada para promover a felicidade dos povos, naõ pertence a este lugar; mas seguramente a decisaõ de Montesquieu, que a França respeita pelo seu mais profundo politico, e que toda a Europa considéra como um author de primeira ordem, naõ pode ter mais connexaõ com os planos das sociedades particulares, de que se trácta do que a decisaõ de Aristoteles, ou de outros escriptores, que se occupáram da exposiçaõ das differentes formas de Governo.

O author (a p. 9.) despois de haver dicto, sem prova alguma, que Montesquieu, Voltaire, e Rosseau, formávam planos nas loges dos pedreiros livres, faz dizer ao Rey da Prussia cousas por onde se conclue, que este monarcha sabia ser a maxima destes inovadores, "que os Vassallos devem gozar do poder de desthronar os Soberanos, quando se acham descontentes com elles." Uma taõ extraordinaria asserçaõ, requeria seguramente mais provas do que o simples dicto de um author anonymo; mui principal-

mente sendo bem sabido, que Frederico de Prussia era Framaçon, e se conrespondia com algumas loges. Como he pois crivel que um Soberano illuminado, perspicaz, e politico fosse o fautor de uma sociedade, que se propunha a destruir os thronos?

Na gazeta literaria de Berlim, fol. 726, em 23 de Fevereiro de 1778, se acha copiada por extenso uma carta d'El Rey de Prussia, dirigida á Loge Amizade de Berlin, cujo original diz a mesma gazeta que se conserva nos archivos dessa Loge; onde El Rey mostra a sua mais decidida approvaçaõ aos principios desta Sociedade.(*) He logo necessario, para desfazer este argumento, mostrar, ou que o Rey de Prussia éra taõ estupido, que pertencendo a ésta sociedade naõ sabia o que ella éra; ou que era um inimigo de si mesmo, pois favorecia e louvava uma sociedade, que tinha por objecto o destruillo.

Em uma nota (p. 12.) fallando do juramento que daõ os pedreiros livres, diz o anotador estas palavras. "Faz pasmar a fragilidade com que estes fanfarroens da Philosophia escorrégam em continuas contradicçoens! ¿Quem deixa de conhecer, que a maior força do juramento he mais espiritual que civil? Para subtrahir-se á puniçaõ civil podem achar-se mil maneiras; mas aos olhos do Ente Supremo, nada se pode esconder. Para os que tem ésta crença, serve de muito o juramento, mas para os brutaes materialistas, e atheos, he som de vozes sem significado; logo ¿para que o adoptam? Incoherencias, incoherencias a montes, e brutal cegueira."

(*) Eis aqui como esta carta acaba. *S. M. est bien-aise de vous assurer a son tour, q'elle s' interessera toujours au bonheur et a la prosperitée, d'une assemblée, qui met sa premiere gloire dans une propagation infatigable, et non interrompue, de toutes les vertus de l' honnete homme, et du vrai patriote.*

Potzdam ce 7 Fevrier 1778. FREDERIC.

O anotador parece aqui tirar uma conclusaõ naõ só alem, mas até opposta aos principios que estabelece; porque, se elle crê que os Framaçons se obrigam por meio de juramento a cumprir com os deveres da sua sociedade; sendo da essencia do juramento a persuasaõ da existencia de Deus; segue-se que para ser Framaçon he necessario crer em Deus, e por tanto os Framaçons naõ pódem ser atheos, como o author lhe chama.

A descripçaõ do governo interno da sociedade, gráos de que se compoem a ordem, &c.; descreve o author com tal miudeza, que parece estar fallando de uma materia taõ conhecida, que naõ admitte a menor duvida; ao mesmo tempo que a principal accusaçaõ contra a sociedade consiste, em ella ser taõ occulta, que se naõ podem descortinar os seus mysterios. E a fallar a verdade la he custoso dar uma resposta séria a um homem, que se poem a raciocinar sobre um objecto, que lhe he desconhecido; e depois de formar um ente imaginario, a quem attribue as propriedades que lhe parece; enfurece-se contra elle, que nem um D. Quixote contra os encantadores.

A mixtura de illuminados, framaçons, e jacobinos he tal, que nem o author, nem o anotador certamente podem entender o que dizem; assim a p. 21 attribue aos illuminados, que elles se propoem á annihilaçaõ das artes e sciencias; ao mesmo tempo que o anotador assenta (nota 9 p. 10) que tem dado uma prova convincente do quanto he perigosa e prejudicial a liberdade da imprensa; tanto pelo que respeita á Religiaõ como pelo que respeita ao civil; e portanto, ao menos ésta vez, vai coherente com os taes suppostos illuminados.

Se o author tivesse sahido do seu paiz, e visto o que ha publico da sociedade dos framaçons concluiria dahi o que ha de particular nella; com alguma propriedade. Por exemplo; em Inglaterra he agora Gram-mestre dos Framaçons o Principe de Gales, que he o herdeiro da coroa;

cha entre os officiaes da grande Loge os nomes [illegible] mais respeitaveis Senhores Inglezes. Para saber isso naõ preciza ser Framaçon; porque os almanacks masonicos, quese imprimem todos os annos, acham-se de venda em Londres, em qualquer livreiro; e tanto o Principe de Gales, como as de mais personagens Inglezas, que tem empregos na grande loge dos Maçons, unem esse titulo aos outros de que saõ condecorados; fazendo assim declarar nos almanacks da Corte; tal he o Principe de Gales que se intitula, entre as mais graduaçoens, Gram Mestre dos Maçons. Se quem escreveo o papel de que se tracta tivesse o trabalho de examinar isto que está patente, naõ diria que uma sociedade, presidida pelo Principe herdeiro da Inglaterra, tem unicamente por fim conspirar contra os Principes.

As accusaçoens que agora se fazem, em Lisboa, contra os Framaçons, naõ saõ novas; porque o mesmo se tem dicto delles em outras partes, quando os perseguiam; e o mesmo se tem imputado a outras muitas corporaçoens; por exemplo, quando em Portugal se reputava um acto de religiaõ perseguir os judeus, e queimallos vivos, ficando-lhes com os bens, disse-se que elles nas suas synagogas so se ajunctávam para commetter abominaçoens; que furtávam crianças para as matar e crucificar, na celebraçaõ da sua Paschoa; que tramávam conjuraçoens contra todas as pessoas que naõ seguiam a sua seita; e outras muitas couzas desta qualidade, que se podem vêr em uma obra, que se imprimio, e reimprimio muitas vezes em Lisboa, intitulada Centinella contra Judeus. Quando se extinguîram os Templarios, disse-se outro tanto contra elles ou ainda mais. No tempo da perseguiçaõ dos Christaõs, em Roma, tambem espalháram os ignorantes, ou malevolos, que esses christaõs fazîam as suas assembleas ocultas para nellas commetter incestos, matar crianças, e fazer brucharias; e toda a pureza de custumes, que os christaõs primitivos tinham, naõ bastáva para os justificar das continuas imputaçoens que

lhes faziam ; attribuiam-se-lhe os incendios, os roubos, em uma palavra tudo quanto acontecia de mao ; até mesmo as tempestades.

Muitos outros exemplos de perseguiçoens, se ácham na historia, dirigidas contra diversas corporaçoens ; e em todas ha sempre accusaçoens sobre pontos, que fîram o governo, ou attaquem os bons custumes ; para indispor contra os accusados as pessoas de probidade. Despois disso sempre essas accusaçoens saõ vagas, sem que se provem factos particulares, o que éra absolutamente necessario para fazer a accusaçaõ crivel ; he tambem de notar que taes accusaçoens nunca fôram acreditadas pelos homens sensatos de naçaõ alguma ; os quaes se naõ refutavam as opinioens do vulgo, éra por se naõ exporem aos seus attaques ; porque os instigadores das perseguiçoens custumam chamar complices aos que pertendem disputar a verdade de taes accusaçoens, e disto se naõ pode dar melhor prova, doque o discurso de Plinio a favor dos Christaõs.

As accusaçoens, e perseguiçoens contra os Framaçons tem seguido estes passos de todas as outras ; porque sendo fundadas na ignorancia, acabaram ja em Inglaterra, e em todos os mais paizes, onde as sciencias tem feito progressos, e assim, em Portugal, será talvez a ultima parte onde éstas perseguiçoens acabem ; porque o atrazo dos conhecimentos na quella infeliz naçaõ he taõ proverbial na Europa ; que se julga andarem os Portuguezes tres seculos atraz das mais naçoens. He verdade que falta nestas accusaçoens agora, em Portugal, accusar os Framaçons de brucharia ; mas isto até mesmo em Portugal serîa mui calvo.

Durante o enthusiasmo republicano, ou para melhor dizer mania democratica, que padeceo a França nesta revoluçaõ, fôram prohibidas as Loges de Framaçons ; e muitos fôram guilhotinados por esse crime, asseverando-se que o ser Framaçon e Aristocrata, éra a mesma cousa. A

morte de Robespierre, trazendo mais alguma ordem ao interior da França, deo o socego aos Framaçons.

A authoridade das naçoens Ingleza, Franceza, Alemaã, do Reyno de Napoles, Suecia, &c. &c. onde a sociedade dos Framaçons está publicamente admittida, e onde a ella pertencem os Principes, e pessoas mais notaveis da naçaõ, parece que seria argumento bastante, para que o author deste folheto naõ crêsse em accusaçoens absurdas de sua natureza, e produzidas por testemunhas anonymas.

Que a inveja e interesse tenham tido tanta parte nas perseguiçoens dos Framaçons, quanta tem a ignorancia em acreditar-se as aëcusaçoens que se lhe fazem, he mui natural. Todo o homem conspicuo em dignidades sciencias, ou outras quaesquer circumstancias, que o distinguam do commum, tem impreterivelmente emulos, detractores, e invejosos, os quaes se augmentam á proporçaõ que cresce a celebridade da pessoa. As corporaçoens soffrem igualmente ésta injustiça; e como a dos Framaçons he mui distincta, pela multidaõ de socios, pela dignidade de muitos de seus membros, e por outras razoens; éra consequencia necessaria servir de alvo de inveja; e ésta havia precicamente ajudar-se da calumnia, e mascarar-se ao mesmo tempo com a louvavel capa do bem publico. Mas deixando essas accusaçoens contra christaõs, Judeus, Templarios, ou Framaçons, todas igualmente contradictorias e allegadas sem prova; vejamos em geral a natureza e tendencia das sociedades particulares.

A sociabilidade dos homens he quási nenhuma entre os selvagens; estes somente se congrégam para guerrear algum inimigo commum, e quando muito, ajunctam-se algumas vezes para celebrar as suas festividades publicas, que saõ tanto mais raras quanto a naçaõ he menos culta, e mais remota do estado de civilizaçaõ. Esta falta de habito de contrahir amizades faz até enfraquecer os vinculos

do parentesco; de maneira que, entre os selvagens, as relaçoens de entre pais e filhos parecem de todo extinctas acabado o tempo da educaçaõ phisica. A proporçaõ que a naçaõ se adianta em gráos de civilizaçaõ, augmentam-se tambem as associaçoens particulares; e assim vemos, que as pequenas tribus de Americanos, que tem sahido do primeiro estado selvagem, e tem adquirido alguma civilizaçaõ pela visinhança das colonias Europeas, fazem ja entre si suas associaçoens para commerciar, caçar os animaes, cujas peles vendem aos Europeos, &c. As naçoens que habitam a Mauritania saõ muito mais civilizadas, que as tribus Americanas de que se acabou de fallar, e assim ja entre os Mouros se observa maior numero de associaçoens particulares. As naçoens mais civilizadas da Europa saõ tambem as que mais abundam em associaçoens particulares; e por isso se vé, na Inglaterra, por exemplo, raro he o homem que naõ esteja unido a uma ou mais sociedades particulares; principalmente fallando da classe mais bem educada da naçaõ. Estas associaçoens particulares naõ so saõ uteis as naçoens incultas, por que as trazem pouco a pouco ao Estado de civilizaçaõ; mas saõ tambem mui interessantes ás naçoens ja mais provectas; porque nestas sociedades particulares necessariamente se habituam os homens á virtude da condescendencia, que tanto contribue para manter a tranquilidade entre os homens. O uso destas sociedades ensina tambem practicamente a necessidade das leis e estatutos; e mostra que sem a existencia e observancia das leis naõ podem os homens viver em commum; e he certo que os homens se convencem mais pela practica do que pela theoria. Os membros destas sociedades passam alternativamente de supriores a subditos; e portanto haõ de necessariamente adquirir o conhecimento pratico de manter a ordem, e socego publico na sociedade civil. Donde se segue que prohibir ou desanimar as socie-

dades particulares, he pôr obstaculos aos progressos da civilizaçaõ, e destruir directamente os fundamentos da sociabilidade.

(*Continuar-se-ha.*)

Analyze de um folheto impresso no Porto, intitulado. Desengano proveitoso, que um amigo da patria se propoem dar a seus concidadaõs. *Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro*, 1809, *com licença do Governo.*

SE um escripto, que a ignorancia tem dictado, mas o bem do publico pode haver impelido o author a publicar, merece desculpa; como a dêmos no opusculo mencionado na analyze precedente; uma obra tal como a que faz o objecto destas observaçoens naõ merece senaõ a execraçaõ de todo o homem honrado: e seu author se faz digno de tudo quanto ha infame; porque a ma fé, a audacia das falsidades; os motivos de trahir a patria a um inimigo cruel, saõ taõ viziveis em todas as sentenças desta obra, quanto saõ inconcludentes, e capciosos os argumentos de que usa.

Os objectos que o author se propoem tractar os desenvolve elle mesmo no seu primeiro paragrapho, com um certo ar de laconismo, imitante aos grasnadores Francezes. " Os males, diz elle, que de presente fazem o infortunio de Portugal, devem obrigar-nos a indagar a sua causa. 1. Quem forceja pela descubrir a seus concidadaõs he um homem benemerito, e digno de ser escutado. 2. Vertigem geral dos Principes da Europa. 3. Assoma Napoleaõ á testa dos exercitos Francezes. 4. Sua Coroaçaõ. 5. Qual devia ser entaõ a politica dos Reys. 6. Influencia maligna dos Inglezes. 7. Rasgos de despotismo daquella naçaõ para com os Portuguezes. 8. Trabalha por despojar-nos de todas as riquezas. 9. Obriga o Principe do Brazil a refugiar-se naquelle continente. 10. Delirio dos Portuguezes. 11. Como se conduzio o Governo Inglez a nosso respeito.

12. Provas incontestaveis de que intentava apoderar-se de Portugal. 13. O que practicou, quando o naõ pôde conseguir á força descuberta. 14. Regencia de Lisboa, Juizo sobre este Governo. 15. Renuncia do Principe do Brazil á corôa de Portugal. 16. Anarchia, em que cahimos. 17. Desordens que se seguîram. 18. Necessidade de um Governo energico. Como nos devemos conduzir em um negocio de taõ grande momento. 20. Dous partidos a tomar: Paz ou Guerra. 21. Sorte de Portugal, se proseguir na guerra com a França. 22. Motivos que nos devem determinar a pedir o Ex.mo *Duque de Dalmacia* para nosso Rey. 23. O que seremos entaõ.

Numeram-se as proposiçoens para mais commodidade das citaçoens nesta analyze. E quanto á primeira despois do author se querer mascarar com a mais pueril hipocrisia; attreve-se a tentar persuadir-nos de suasboas intençoens; am homem que faz um opusculo de proposito para defender a causa dos Francezes, e elogiar o seu governo, ao mesmo tempo que acabava de testemunhar, os horrorosos, e naõ provocados assassinios, roubos, e incendios, que esses mesmos Francezes acabavam de practicar naquella infeliz Cidade, onde este refinado hypocrita esta escrevendo. Se o ser testemunha occular dos attentados commettidos pelo exercito Franceza, e seu inhumano chefe, naõ causou ao nosso author o mais intranhavel odio a esta naçaõ; o menos que posso dizer delle he, que he taõ insensivel como uma pedra; porque até os brutos se irritam contra quem lhe ataca os seus similhantes; quem he pois este monstro, que vê a sangue frio as atrocidades commettidas por um exercito barbaro na sua patria, na mesma cidade em que escreve; e com uma calma que só se acha no mais corrompido coraçaõ, se poem a escrever o elogio dos Francezes? Vem ca barbaro, hypocrita; naõ sabes que o coraçaõ humano derrama uma lagrima, vendo justiçar até o culpado, cujo castigo se confessa justo? Ainda pois que este author esti-

visse persuadido de que os habitantes merecião todos os injustos males, que lhe infligirão seus tyrannos oppressores, era preciso ter o coraçaõ mais depravado imaginavel, para se esquecer da desgraça do opprimido, e entrar a cantar os louvores do oppressor. Transcreverei porêm o ultimo periodo deste paragrapho; porque as palavras de seu hipocrita author, me serviraõ despois de argumento contra elle." O vida! e es tu huma bem quando te flagellam as calamidades da guerra?"

Para provar a 2ª proposiçaõ diz assim. " Causas bem conhecidas motivêram a revoluçaõ da França. Naõ me pertence examinar a especie de justiça, com que Luiz XVI. foi levado ao cadafalso. Mas eu sei que as naçoens naõ independentes, e que naõ toca aos Soberanos punir os crimes de vassallos, que lhes naõ pertencem. Os Reys da Europa devêram regular sua conducta por este principio; mas a ambiçaõ presidio a seus conselhos, e fingindo lastimas, que naõ sentiam, e promettendo desafrontar a familia do defuncto Rey, quizêram retalhar a França, parecendo-lhes que as divisoens intestinas daquelle vasto paiz, facilitariam a execuçaõ de seus projectos."

" Exaqui o fatal crime que commettêram os Reys para desgraça de seus povos; naõ he outra a fonte donde temos visto correr rios de sangue, &c."

Deixou o author as causas da revoluçaõ da França, e com sua acustumada hypocrisia diz, que lhe naõ pertence examinar a justiça do assassinio de Luiz XVI. Eis aqui a linguagem dos satelites do Governo Francez. Sim; pertence a este lugar esse exame; porque se tracta de indagar as causas das calamidades da Europa: aquelle successo deve ser discutido, pois delle dimanáram immensas desgraças. A injustiça da morte de Luiz XVI. pode mostrar-se por muitas razoens; mas ja que o author se cala nisto, contentar-me-hei com alegar uma. Segundo a Constituiçaõ, que aquelle infeliz monarcha jurou, e pactuou com

o povo de França, a sua pessoa éra inviolavel, nem éra elle responsavel por acçaõ alguma, que obrasse durante aquella constituiçaõ; regulamento que os Francezes imitáram da excellente constituiçaõ Ingleza, e cuja sabedoria todo o Mundo louva; Donde se segue que, segundo a sua mesma constituiçaõ, naõ podiam os Francezes nem processar, nem menos punir ao seu Rey, sem cometter, naõ ja somente uma infracçaõ de leis particulares; mas um attentado á Constituiçaõ do Estado.

De se intrometterem as outras naçoens nos negocios do interior da França deduz o author as causas da guerra, e diz, em uma nota (p. 5.) que todos sabem, que a França naõ foi a aggressora.

He ésta assersaõ um sophisma, ou para melhor dizer uma falsidade total; dirigida a enganar as pessoas, que naõ estivérem presentes na historia da Revoluçaõ Franceza. Sim a França foi a aggressora. Com insinuaçoens perfidas publicou, que hia reformar os abusos, que os Governos antigos tinham introduzido; e quando alguns povos, por ignorancia de alguns, e perversidade de outros individuos, déram entrada aos Francezes; qual foi a reforma? O roubo, a pilhagem, os assassinios. Que prova mais convincente do que a injustissima invasaõ da Suissa. O General Montesquieu, recebendo ordem para invadir a Suissa, admittio uma deputaçaõ daquelles infelizes povos, em que lhe effereciam fazer tudo quanto a França quizesse; elles éram governados por uma forma de governo republicano; mas mudallo-hiam, ou fariam tudo que os Francezes mandassem, so para evitar a entrada dos exercitos indisciplinados, e crueis que a Republica Franceza dirigia contra a pacata Suissa. O gen. Montesquieu, parou a taõ justas representaçoens e communicou-as ao Governo Francez; qual foi a resposta? que marchasse, e concluisse a invasaõ: e resolvêram as algozes Republicanos de Paris, depôr e castigar o General Montesquieu, só porque prestára ouvidos á razaõ, e represen-

tára, antes de commetter um acto, que tinha tanto de injusto como de impolitico.

Este procedimento assustou, como éra de esperar todas as naçoens; e os homens perspicazes de todo o Mundo conhecêram logo o cahos, em que os Francezes, com a sua Revoluçaõ, hiam a precipitar a Europa. O grande politico Burke, foi um dos primeiros; que preveo as monstruosidades, que devîam resultar daquella informe massa de ideas, porque os Francezes se dirigiam. Naõ que Burke, e todos os mais homens sabios, naõ conhecessem que havia abusos nos Governos, que éra necessario remediar; mas porque conhecia claramente que o remedio naõ havia nunca provir dos Francezes; e na verdade os factos tem mostrado que Burke fallava como propheta. A guerra pois contra a França tinha por fim evitar estes males, que ella hia a produzir em toda a Europa. Os Francezes tem ficado victoriosos de todas as naçoens, excepto da Inglaterra; mas o bom successo das armas naõ he prova de sua justiça; e a causa de seu bom successo deve achar-se na ignorancia dos povos, que continuávam a crér que o remedio de seus males lhe podia vir da França. Na Inglaterra, como a naçaõ mais illuminada, e onde a liberdade da imprensa faz com que o povo seja instruido de seus verdadeiros interesses, tem os Francezes achado, e acharaõ, uma resistencia inconquistavel. He verdade que alguns Governos mandáram escrever obras, com que mostrassem ao publico os ferros que os Francezes preparávam a toda a Europa; em Portugal, por exemplo, se mandou traduzir, e publicar a excellente obra de Mallet du Pan; mas o povo, que conhece naõ tem a liberdade da imprensa, naõ éra possivel que desse credito a esses escriptos, que alias sabia vinham do governo; ao mesmo tempo que em Inglaterra; a liberdade da imprensa, fazia com que as obras dessa natureza produzissem toda a convicçaõ; e he claro que ésta naõ se produz com a força. Eis aqui a causa da guerra

atroz, que a aggressora França originou, e tem continuado; e exahi porque foram bem sucedidos no continente, e o naõ foram nem serão na Inglaterra.

Na 3ª, 4ª, e 5ª proposiçoens envolve o author seus estupidos parallogismos, com a servil adulaçaõ de Bonaparte, de quem diz que "sua conducta sempre honrada e valorosa, suas virtudes superiores, todas as qualidades, que formam o character do grande homem digno de reynar, lhe déram o throno da França conformemente aos votos da naçaõ inteira." De todos os argumentos que podîa o author usar para persuadir, que se devia abraçar o partido Francez, nenhum certamente he mais ridiculo do que appellar para a *honra e probidade* de Napoleaõ. Que? ja se esqueceo o Mundo do procedimento infame, com que elle adquirio, por se casar com a amiga de Barras, o commando de um exercito da Italia? Ja se esqueceo o Mundo do abominavel e atroz expediente de envenenar os seus proprios soldados enfermos em um hospital, para se livrar do trabalho de os conduzir, ou da ignominia de os deixar prisioneiros? Ja se esqueceo o Mundo da proffissaõ que fez do Mahometismo no Egypto; de atheo no tempo de Robespierre; de Catholico, quando quiz que o Papa o Coroasse; e agóra neste mesmo tempo, de perseguidor do Summo Pontifice? &c. &c. &c. E he este o homem, que o nosso descarado author se attreve a louvar pela sua honra!

Diz o author que a sua coroaçaõ fez prever aos homens sensatos, que a França hia a dar leis a toda a Europa, &c.

Ei-lo aqui o author confessando, que as outras naçoens tinham o direito de fazer guerra a França, contra o que disse na proposiçaõ 2.ª Que? Haviam as naçoens da Europa, e os homens sensatos conhecer, que a França hia a dar-lhes leis; e devîam essas naçoens independentes avassallar a sua Soberania, a essa invasora França? Se alguma cousa se deve lançar em rosto ás naçoens da Euro-

pa, he naõ cooperárem com todas as suas forças, juntas com as da Inglaterra, para debellar essa França, que o author confessa ter em vista a dominaçaõ de todo o Continente. Conclue elle este raciocinio sobre a coroaçaõ de Bonaparte fazendo uma apostrophe aos Portuguezes, e dizendo-lhes que vai a provar, que saõ os seus alliados a quem devem attribuir os seus infortunios. Vejamos como o prova; pois passa á proposiçaõ—6ª.

" A Inglaterra, diz elle, trabalhou sempre por nos tirar o ouro do Brazil."—E como? pergunto eu. Seria como os Francezes impondo contribuiçoens aos Portuguezes para reagastar a sua mesma propriedade; com uma jurisprudencia propria de Napoleaõ? Seria exigindo a titulo de subsidios, emprestimos, e extorsoens, as immensas sommas, que a França levou de Portugal, desde o principio de sua revoluçaõ, e que só servîam para estimular a avareza e rapacidade do governo da França a exigir novos sacrificios? Naõ: a Inglaterra vendia as suas Fazendas a Portugal, e recebia em troco, os generos que os Portuguezes lhe podîam dar, e o saldo em ouro ¿ Naõ he este um contracto o mais legitimo que se pode imaginar? O Governo Portuguez poderîa talvez fomentar mais a industria; e estabelecer mais fabricas ¿ mas que tem essa falta, que provem dos Portuguezes mesmo, com o comportamento da Inglaterra? ésta vendo a necessidade que tem os Portuguezes de seus manifactos, lhes vende pelo preço em que se acordam; que comparaçaõ tem isso com os roubos, até sem pretexto, que a França tem feito a Portugal? A França a respeito de Portugal tem sempre seguido a justiça dos salteadores de estrada; " da-me o ouro que tens, e senaõ, como sou mais forte do que tû, mato-te." E ha um Portuguez, para infamia de sua Patria, que se attreve a deffender ésta naçaõ!! Mas em fim todas as naçoens, e todas as idades tem a infelicidade de haverem

nutrido lobos desta natureza, que devorem a máy que os alimentou.

Diz o author (p. 7.) "Determinado S. M. o Imperador e Rey a restabelecer a liberdade dos mares, que a Gram Bretanha taõ impudentemente havia usurpado, enviou a Portugal o General Junot, a cujo cargo poz deffender nossos portos da tyrannica influencia dos Inglezes." Porém S. A. o Principe do Brazil, illudido pelas suggestoens do Gabinete de S. Jaimes, chegou a intimidar-se suppondo dirigidas, contra a sua pessoa, armas, que so se dirigiam a manter a honra, e a independencia do seu throno. Pelo que teve a fraqueza de abandonar os seus vassallos, levando Marinha, thesouros, e todo o precioso; e deixando-nos na cruel tituaçaõ do mais deploravel desampáro. Que Principe?—Que Conselheiros?——"

Eis aqui a força de racionios, que suppoem o author bastantes para provar as suas 6ª. 7ª. 8ª. e 9ª. proposiçoens.

Protecçaõ do General Junot? Este traidor Portuguez author do folheto affecta ignorar o que até os rapazes de Lisboa sabem; isto he que os Francezes chamáram protecçaõ aos roubos, e injustiça de toda a casta. Permitta-se-me introduzir aqui um vulgarismo. Os rapazes em Portugal, desde que a entrada dos Francezes lhes deo a conhecer o que elles chamavam protecçaõ, custumavam ameaçar-se uns aos outros dizendo; "olha que te vou proteger os narizes com dous murros." E ainda despois disto ha um Portuguez, que intenta persuadir aos seus, que a viagem de Junot se dirigia, a proteger a liberdade dos portos de Portugal.

Mas fallando sério, quem impedio ja mais a livre navegaçaõ dos Portuguezes senaõ a França? A Inglaterra nem prohibio nunca a navegaçaõ e Commercio dos Portuguezes, nem lhe convinha prohibir; porque quanto mais se

enriquecessem os Portuguezes, que éram os compradores de muitas fazendas Inglezas, melhor poderiam pagar o qáe comprassem. Qual foi a sorte dos portos de Portugal occupados pelos Francezes? A que elles bem sabiam que devia succeder: a total annihilaçaõ do Commercio Portuguez, e a ruina de milhares de familias; mas os Francezes em seu odio contra a Inglaterra, teriam gosto de ver morrer de fome tres milhoens de pessoas em Portugal, só para se gabar, que haviam tirado aos Inglezes tres milhoens de freguezes, que lhe custumávam comprar as suas fazendas. He assim que os Portuguezes naõ fôram outra cousa mais que innocentes victimas, que a sanguinaria França sacrificou ao seu odio contra a Inglaterra.

Fallando da emigraçaõ do Principe para o Brazil, diz o folheto " Que Principe?—Que Conselheiros?—Eu te respondo a estas perguntas traidor Portuguez. Um Principe que soube escapar-se á sorte, que naõ evitáram os Reys da Hespanha. Um Principe que soube perder um Reyno, para conservar a sua independencia; se naõ tivesse o vasto imperio do Brazil, deveria ir para fóra, ainda que fosse para as Berlengas; ainda que se conservasse no mar sobre a vella, em suas esquadras; fóra das garras dos tyrannos, em qualquer parte que se ache, he o Soberano de Portugal, sem se ver obrigado á assignar os documentos de renuncias nullas, que para salvar as vidas assignáram os Soberanos da Hespanha. Que? devia o Soberano deixar-se ficar na sua capital, cercado de tropas inimigas, que lhe impórfam a ley que quizessem?

Que Conselheiros? — Eu respondo. Homens, que, quaesquer que fossem as suas faltas, ou descuidos, na administracçaõ do Reyno; tivéram a honra, a probidade, e a coragem, de perder tudo quanto tinham, e seguir a sorte do monarcha, aquem acompanháram; sugeitando-se a viver de uma pensaõ paga pelo Erario, que um desfavor da

Côrte lhe pode tirar de um dia para o outro, e reduzillos á mendicidade. Sim, outra vez digo, prouvéra a Deus que todas as acçoens, que tiveramos a recordar dos Conselheiros do Governo Portuguez, fossem desta natureza.

Levou thesouros para o Brazil! Que thesouros? Quem naõ sabe que o Erario de Portugal estáva exhausto com as contribuiçoens, que se havîam pago á França?

Da proposiçaõ 10ª. até a 13ª. se occupa o author a mostrar, que os Portuguezes se naõ devîam levantar contra os Francezes; isto he contra esta gente sancta, que os estáva protegendo. Começa ridicularizando a revoluçaõ de Portugal; e diz (p. 8.) que, foi feita por quatro soldados, isto he, quatro homens que tem pouco que perder &c." Naõ ha um só Portuguez, que deixe de conhecer a falsidade desta insinuaçaõ; porque se levantáram as provincias do Sul, e logo as do Norte, quasi ao mesmo tempo; sem terem plano formado, sem chefes, e sem meios; o que prova indubitavelmente, que o sentimento de resistencia aos Francezes éra geral em toda a naçaõ.

Com a inconsistencia de um homem, que quer sustentar falsidades para favorecer os seus fins sinistros; attribue o author (p. 8.) ao frenesi da naçaõ, o supporem-se capazes de se deffenderem contra os exercitos de Bessieres, Le Febvre, e Moncey; e logo na pagina seguinte accusa os Inglezes, de terem mandado a Portugal 40.000 homens; insinuando que o fim deste grande armamento, éra o tomar Portugal para si. Alma sincera, e compadecida!! Serîa horroroso que os Inglezes, uma naçaõ livre, ficassem senhores de Portugal, e lhe introduzissem suas instituiçoens livres, e sensatas; mas he bello, e agradavel, que o Despota Napoleaõ, e seu subdesposta Soult sejam Soberanos de Portugal!? e taes saõ sempre os raciocinios de quem pretende deffender absurdos.

O Author puxando a martello algumas acçoens, que

nem aqui em Inglaterra, nem lá em Portugal, se approváram aos Generaes Inglezes, principalmente a Convençaõ de Cintra; poem estas palavras em em uma nota (p. 10. nota 2.) " Naõ nos consta que o Governo Inglez desse ainda a mais leve satisfacçaõ pelo escandaloso, e detestavel procedimento de seus Generaes na campanha de Portugal. Ora sendo certo que *Qui tacet consentire videtur*, julguem os meus leitores, se sou encarecido no que tenho escripto, tocante ao Governo Inglez, &c."

As malditas restricçoens da imprensa, que hávia em Portugal, mas que felizmente principiam a diminuir-se, daõ lugar a que taes asserçoens, falsas como saõ, passem por verdadeiras. Se os Portuguezes ao menos pudessem ter lá traduzidas as gazetas Inglezas, verîam que a convençaõ de Cintra foi desaprovada pelo Governo Inglez, á primeira vista, até quasi sem conhecimento de causa; que ao despois se mandou indagar ésta materia, por uma meza de officiaes generaes; e em consequencia disso foi o General Dalrymple, que assignou a Convençaõ, riscado do serviço. Isto quanto ao Governo Inglez. Quanto á naçaõ, foi tal a indignaçaõ; o odio publico, e os discursos das gazetas; que ja mais vî medida alguma em Inglaterra, que fosse taõ geralmente desapprovada. Este he o modo porque, naõ obstante a publicidade deste facto em Inglaterra; valem-se os Francezes da falta da liberdade de imprensa em Portugal, e da ignorancia dos povos, que dahi resulta, para espalhar a falsidade de que a naçaõ Ingleza " naõ dando a menor demonstraçaõ de desagrado da Convençaõ de Cintra, mostrou approvalla."

A p. 11, accusa a naçaõ Ingleza de haver aprezado os navios Portuguezes, e diz " Ja o exercito do Duque de Abrantes naõ pisa o territorio Portuguez; ja se naõ pode pretextar, que Portugal he um paiz de conquista, sugeito ao governo do Imperador e Rey. Qual he pois a nova es-

pecie de justiça, com que se detem nos portos de Inglaterra uma multidaõ de navios Portuguezes? Os Commerciantes de Lisboa e do Porto reclamaõ suas fazendas embargadas, e entregues á disposiçaõ de corruptos commissarios; fazem as mais justas reprezentaçoens ao Ministerio Britanico, e os navios apodrecem anchorados; as fazendas umas se damnificam, outras saõ roubadas, e nenhumas remettidas a seus donos."

Este paragrapho, dirigido a tocar os Portuguezes pela parte do interesse; mereceria maior desenvoluçaõ do que permittem os limites desta analyze. Mas sempre direi sobre a materia duas palvras. Antes que os Portuguezes se queixem do governo Inglez, a este respeito, deveraõ saber, que os Commissarios que o author chama corruptos &c. saõ compostos de dous Portuguezes, e dous Inglezes; e debaixo da Inspecçaõ do Ministro Portuguez em Londres.

He logo isto um resultado de negociaçoens, entre as duas naçoens, feito amigavelmente; e se porque os donos dos navios naõ soubéram requerer os seus direitos, ou naõ quizéram representar o negocio á Corte do Brazil; ou porque nestes arranjamentos se naõ preveram, ao principio, conseqnencias que ao despois appareceram; fosse isto como fosse he um arranjo feito entre ambas as cortes, e em que a violencia naõ teve lugar.

Despois; quando o author escrevia isto no Porto, ja naõ estava, havia muito tempo, navio algum detido em Inglaterra; e por tanto o author com a mais decidida má fé introduz as palavras " os navios estaõ apodrecendo."

Mas supponhamos ainda que he verdade, que a ambiçaõ de alguns individuos causasse injustiças, neste modo de proceder sobre os navios Portuguezes aprezados ¿tem estes procedimentos, pelo menos cohonestados com as formas de justiça, comparaçaõ alguma com os roubos manifestos dos Francezes? Da-me 40 milhoens pelo resgate do que he teu! Esta he a fraze Franceza.

Na proposiçaõ 13 e 14. Attribue aos Inglezes o reestabelicimento da Regencia e diz. " He a êssa nossa amiga que devemos o reatabelicimento daquelle cobarde e inepto governo, que, fraco em sua origem, offendeo depois altamente a naçaõ inteira, roubando metade do soldo aos defensores da Patria, e decretando, com escandalo universal, a extinçaõ de muita tropa, que se tinha organizado; daquelle governo, composto de fidalgos, que aprendêram a politica entre os divertimentos do jogo, e da caça; daquelle governo, que sempre dormio sobre os assumptos mais sagrados da causa publica: daquelle governo, que dividio em companhias os nossos regimentos, e formou Batalhoens com soldados de cinco ou seis uniformes, tirando assim á tropa aquelle pundunor e brio, com que trabalha por sustentar a gloria do seu corpo; daquelle governo, que vendo nossas fronteiras do Norte ameaçadas por um exercito taõ valoroso, quanto disciplinado, confiou a defeza da Provincia a paizanos desarmados; daquelle governo em fim, que nunca se occupou em manter a independencia da naçaõ, e que taõ graves crimes perpetrou que mereceo o odio, e a execraçaõ de todos os Portuguezes, &c." e em uma nota faz uma grande declamaçaõ contra os fidalgos.

Quanto ao estabelicimento da Regencia, está ja mostrado, que naõ proveio dos Inglezes originariamente, mas supponhamos que proveio ¿ porque o naõ emendáram os Portuguezes? O seu Soberano estava no Brazil ¿ porque naõ creáram junctas como os Hespanhoes, até saber a vontade de seu Soberano?

Mas deixemos isto por agora. Creou-se a Regencia; ¿ e poderá haver quem acredite que he sincéro este author; que se propoem expressamente a advogar a causa dos Francezes; quando as principaes acusaçoens, que faz á Regencia, saõ de naõ tomarem precauçoens bastantes para

se defenderem contra esses Farncezes? chama a isto naõ curar da causa publica, logo segundo o mesmo author pede a causa publica que se repulsem, e naõ admittam taes Francezes.

Porém respondendo directamente á invectiva contra os Governadores do Reyno; digo, que naõ obstante achar eu mesmo alguma cousa que notar-lhe, as assersoens do author saõ exaggeraçoens impudentes, e algumas falsidades atrozes. Mesmo naquillo, em que eu desejava que obrassem melhor, assento que merecem desculpa, vistas as difficultosas circumstancias, em que se achaõ. Mas supponhamos que os Governadores do Reyno naõ tem a actividade necessaria; ou saõ preocupados dos prejuizos, que infelizmente graçam em sua naçaõ; que tem com isso os Francezes? Os nacionaes devem queixar-se, entre si, procurar remediar, quando for possivel, os males do Estado, até aqui he justo, e necessario; mas com que authoridade se intromettem esses estrangeiros, ou o traidor que os defende, a insultar-nos, lançando em rosto aos Portuguezes os seus defeitos (que os do governo seus saõ) e metter-se a governar a caza alheia? Sim o mais depravado, ou fraco governo nacional, nunca pode produzir a metade dos males, que necessariamente devem resultár de uma conquista, e de ser tyrannizado por uma naçaõ estrangeira; e tal como a Franceza, orgulhossa com suas victorias, e inconstante por character. Os Portuguezes devem remediar os seus males, pelos meios legaes que lhe competem, e se o naõ podem fazer, sugeitem-se aos pequenos abusos de um governo de nacionaes, que sempre teraõ infinitamente menos que soffrer, do que se se sugeitarem ao sceptro de ferro de um conquistador, que, quaesquer que sejam suas palavras, será sempre de facto um tyranno.

Diz o folheto (p. 12.) que " os Inglezes fingindo-se ainda nossos alliados, acabariam de esbulhar-nos o pouco

ouro, que nos restava." Que? Donde vem agora ouro a Portugal, se naõ he do pagamento das tropas Inglezas, que la estaõ, e que se gasta no Reyno? ¿que pedîam os Inglezes a Portugal, ou que tem elle agora que dar-lhe? Os Inglezes mandam para la, armas, dinheiro, e gente. He verdade que tem interesse nisso; mas o menos bem, que se pode dizer delles, he que cumprem com o que devem.

A proposiçaõ 15 he tractada de p. 13 em diante; e falhou o author taõ completamente nisto, que nem alega razaõ alguma a que valha a pena de responder; diz elle, " O Principe do Brazil nasceo em Lisboa: e as leis que lhe punham nas maõs o Sceptro Portuguez, tiraraõ-lho, logo que S. A. se retirou do nosso seio."

¿Que tem o lugar do nascimento de S. A. com o direito que elle tem á coroa? O Principe do Brazil he o legitimo herdeiro da coroa de Portugal por ser o primogenito, e naõ por ter nascido aqui ou ali; se quando os Reys de Portugal faziam a guerra em Affrica lhe nascesse lá o primogenito ¿dexaria este de ser o herdeiro da coroa? As leis que daõ a coroa a S. A. saõ as fundamentaes do Reyno; bem especificadas nas Cortes de de Lamego, e nem nellas se estabelece, nem ninguem ja mais disse, que o sahir o Soberano do Reyno, por cauza de guerras, ou outros motivos, invalidasse por forma alguma o direito á Coroa. Poderaõ os Portuguezes disputar se he conforme ou naõ á politica, que o Principe fosse para o Brazil, ou para uma das ilhas, &c. mas dizer que essa sahida do Reyno, ou prudente, ou naõ prudente, lhe tirou direito á coroa, he absurdo que ainda ninguem proferio. Quando D. Joaõ I. foi tomar Ceuta muitos dos politicos do Reyno reprovávam a empreza, e a mesma Raynha fez tudo quanto pôde para que El Rey naõ sahisse do Reyno; D. Joaõ teimou em ir, e nomeou uma regencia

ao Reyno; mas nem então, nem de então até agora, nunca ninguem suppoz, que ésta sahida do reyno fizesse perder o direito á coroa. O mesmo se deve dizer de D. Affonso o Africano; D. Sebastião, e muitos outros; isto por não citar exemplos de Reynos estrangeiros: pois em toda a parte se considerou sempre o Soberano, com o direito de sahir do Reyno, quando lhe parecer que isso convem ao bem publico; e a segurança da pessoa do Monarcha he indubitavelmente de grandissima importancia para a salvação de Estado. Comparem pois os satelites dos Francezes este modo justo e legal de proceder dos Soberanos de Portugal, com esse dezertor Napoleão, que fugio do Egypto desemparando o exercito, de què se lhe havia confiado o commando; ésta, sim, foi uma dezersão, marcada com todas as circumstancias da infamia.

O author calando inteiramente o comportamento de Bonaparte a respeito dos Soberanos da Hespanha; diz (p. 13.) que nunca se pôde capacitar, que o Principe corria algum risco se ficasse em Portugal; e traz os exemplos do Rey de Prussia, e Imperador d'Austria. O exemplo da Hespanha estava mais perto, mas nesse não lhe fez conta fallar. O Rey da Prussia ficou em tal condiçaõ, que de Soberano só tem o nome; e se o author confessa, que essa éra a sorte que aguardava o Principe do Brazil, então fez mil vezes bem em ir para a America; e se não tivesse o Brazil melhor lhe seria ir buscar um asylo a um reyno amigo, onde seria considerado como um Soberano em desgraça, do que ficar no seu reyno, onde não seria mais que um escravo, adornado com as insignias reaes, para realçar a gloria do vencedor.

Eu passo em silencio o paragrapho (p. 14) em que o Author se queixa de que a Corte do Rio de Janeiro não tem mandado soccorros nenhuns a Portugal, levar-me-hia isso a uma tediosa discussaõ; e repito aqui o que ja disse

cima sobre a Regencia. Que tem os Francezes, ou que tem este traidor seu sequaz, com que os Ministros de Estado no Brazil naõ sejam proprios, se he que o naõ saõ, para os lugares que occupam; isso pertence aos Portuguezes o examinar; se os ministros saõ fracos ou ignorantes o povo Portuguez deve requerer ao Soberano que os mude; se saõ negligentes, devem representar isso ao Monarcha, para que os castigue, se falsos ou criminosos, deve se provar isso á Justiça, para que se lhe imponha o rigor das leis; mas quando os Francezes se quizérem metter a prescrever aos Portuguezes o que estes devem obrar, a resposta deve ser bala, tiro, espada; porque he evidente que estes falsarios intrigam o povo com o governo, expoem os males da naçaõ, promettem remediallos, e assim que saõ admittidos, exigem uma contribuiçaõ de 40 milhoens para resgate das propriedades; e daõ faculdade á sua soldadesca para largar as redeas á insolencia, rapina, e libertinagem.

Diz o author (p. 15.) " As leis fundamentaes da nossa Monarchia naõ permittem que o Rey traspasse a coroa a sugeitos da sua amizade.—He logo nullo por sua natureza o Governo da Regencia." Quem vio ja mais um racionar taõ absurdo? Acaso quando o Soberano nomeia Governadores, Generaes, Magistrados, &c. para exercitar aquellas partes da Soberania, que lhe competem, e que se exercitam em seu nome, resigna a coroa? Este acto está taõ longe de poder interpretar-se como renuncia da Soberania, que he um exercicio della, que necessariamente se requer do Soberano; porque he evidente, que El-Rey naõ pode estar presente em todos os tribunaes de justiça em todas as provincias do Reyno, em todos os seus exercitos, se naõ por meio de seus deputados, e representantes; e ainda que tudo se faça em seu nome; he porque, por uma ficçaõ de direito, adoptada em todas as naçoens do

Mundo, se suppoem o Soberano presente a todos os actos de administracçaõ de Justiça.

Nas proposiçoens, 16 e 17, (p. 13 eseguintes) descreve com exageraçoens o estado de anarchia em que cahio o Reyno; e faz grande bulha, sobre tres ou quatro mortes que fez o povo (porque nos milhares de mortes que fizéram os Francezes, nisso assenta que naõ he preciso fallar).

A isto he o que eu chamo despejo Francez. O Principe do Brazil, assentando, com o conselho dos seus Ministros, que devia sahir do Reyno, nomeou Governadores, que ficassem com a Regencia delle; entráram os exercitos Francezes, que fôram recebidos como amigos; e o primeiro acto, que fizéram, foi ir ás fortaleras da barra do Tejo, e fazer fogo ás embarcaçoens deste Soberano amigo, que hia com a sua esquadra para dominios seus; o que indubitavelmente podia fazer, se he que se considéra Soberano. O Segundo acto dos Francezes foi impor uma contribuiçaõ, naõ ja ao Soberano (esse diziam elles que tinha abdicado o Reyno) mas ao povo, á naçaõ que os estava recebendo como amigos; e com que titulo, ou pretexto? Seria para obras publicas, ou cohonestada com algum motivo de justiça? Naõ. Plana e chaãmente para resgate de suas propriedades. Eia bons amigos! Que mal te fez a naçaõ que ja naõ pertence ao Soberano que te offendeo? Da-se-lhe tudo o que exigîram; e por fim a covardia de Junot fez com que concentra-se as tropas todas que tinha em Lisboa, e dissolveo o governo da Regencia, que o Principe tinha estabelecido; e naõ poem nas Provincias forças bastantes, para manter a sua authoridade usurpada; e deste modo deixou as Provincias de Portugal sem o Governo da Regencia; e sem o seu mesmo governo intruso; e por consequencia reduzidas exactamente ao que se chama anarchia. Desembarcam os Inglezes batem a Junot, e elle póde apanhar uma capitulaçaõ, em virtude da qual se escapa com suas tropas para França, e deixa aos seus

protegidos sem o Governo da Regencia, porque o tinha dissolvido; e sem estipular de forma alguma governo, ou authoridade, que dirigisse a naçaõ. Naõ foi pois Junot que reduzio Portugal á anarchia? Este General dissolveo o Governo que havia, bom ou mao, e naõ lhe substituio outro, nem bom nem mao, e naõ he isto reduzir um estado á anarchia? entre tanto he este partidista Francez, que, com desprezivel hipocrisia, nos vem lamentar os males, que produzio a anarchia de Portugal.

As proposiçoens 18, 19, 20, and 21, saõ um tecido de maos discursos para mostrar, que na situaçaõ actual de Portugal, nada pode convir mais aos Portuguezes do que sugeitar-se á França, cujas virtudes, e excellencias o author eleva até as nuvens. Diz o author que " Portugal, como Potencia da segunda ordem, hade ser influida por alguma Potencia da primeira: ora no actual systema politico do globo, a preponderancia do Imperio Francez he taõ clara como a luz do Sol." Mas por esta mesma razaõ he que nem Portugal, nem as outras potencias da Europa devem tomar partido com a França; porque essa prepoderancia total naõ pode ter outro fim, senaõ fazer a todas as potencias escravas dessa; que tendo uma prepoderancia geral, continua sempre a augmentar a sua influencia.

Repete aqui o trilhado argumento de que," a Inglaterra tira a sua subsistencia e grandeza do producto do commercio; e a França, posto que tambem Naçaõ commerciante, acha na fertilidade de seus campos, e nas relaçoens immediatas com os demais Estados da Europa, com que prover superabundantemente ás suas necessidades. Fechados pois os portos do Continente ao commercio Inglez, he força que baquee a sua soberba." Eu quizéra que o author explicasse, quaes saõ essas chamadas *relaçoens immediatas* com os Estados da Europa, d'onde a França tira a sua subsistencia; porque eu naõ sei de outras senaõ as contribuiçoens, e roubos. E continuando os

Francezes a annihilar o commercio de todas as naçoens da Europa so para fazer um pequeno mal aos Inglezes, segue-se que se hade necessariamente secar essa fonte de suas rendas. Que a Europa naõ pode fechar os seus portos á Inglaterra, de maneira que prohiba á ésta fazer contrabando no Continente, he um facto que a experiencia diaria nos demonstra; porque todas a leis prohibitivas, que tem publicado Bonaparte a este respeito, so tendem a vexar os infelizes povos que saõ obrigados a obedecer-lhe, e lançar nas maõs dos Inglezes todo o commercio activo do Mundo. Mas supponhamos ainda esse impossivel, que Bonaparte prohibia effectivamente o commercio dos Inglezes no Continente; dahi se naõ podia seguir a ruina de Inglaterra; porque está demonstrado (veja-se o Correio Braziliense, Vol. I. p. 42.) que de 27.399:000 libras esterlinas (valor official) que se expórtam todos os annos de Inglaterra; 20:084.000, vaõ para paizes independentes da Europa, sobre que Bonaparte nem tem, nem pode ter influencia.

Diz mais o author, (p. 17,) " Imaginemo-nos em estado de guerra com estas naçoens; qual he mais temivel?" Eu respondo, sem hesitaçaõ, a Inglaterra. E se naõ, compare-se o estado do Reyno, quando delle estávam de posse os Francezes, e por consequencia em guerra com a Inglaterra, com o actual; entaõ parou inteiramente o commercio; e a pobreza, fazendo progressos a passos rapidos, hia a reduzir um Reyno, que vivia principalmente do commermercio, á ultima ruina; quando, auxiliado pelos Inglezes, faz outravez guerra á França, e naõ obstante os roubos, as mortes, a dessolaçaõ, que lhe causáram os Francezes, e mais minguem, começa a prosperar, e está em estado de se manter; e se as cousas continuarem prosperas, está em estado de se recuperar dos estragos, que os amigos do nosso author lhe causáram.

A p. 18 pergunta o author, " qual he melhor buscarmos a paz, a segurança de nossas pessoas, e propriedades, *na sugeiçaõ aos* decretos do Imperador dos Francezes, ou

continuarmos na imprudente luta, que nos expoem a perder a liberdade, a fazenda, os amigos, e a propria vida?" Considerando que os Portuguezes foram saqueados, e maltratados pelos Francezes, recebendo-os como amigos, está claro o que delles tem de esperar agora, que tem feito alguma resistencia, e portanto a resposta a ésta pergunta do author se acha nas suas mesmas palavras a p. 5, " O vida! e es tu um bem, quando te flagellam as calamidades da guerra?" Sim; nestas palavras do author está a soluçaõ da sua pergunta. He melhor morrer com as armas nas maõs, do que morrer fuzilado amarrado a um páo, como succedeo aos inocentes das Caldas; ou morrer mil vezes de dôr, vendo as atrocidades que os Francezes commettêram no Porto, matando indefezas mulheres, inocentes crianças, e velhos estropeados. So um monstro, como o author deste folheto, se atreve a recordar estes factos, sem se encher de indignaçaõ e horror, contra os barbaros que os comettêram: e para cumulo de sua impudencia, elle mesmo descreve estes males, a p. 18; naõ se lembrando dos elogios que tinha acabado de tecer-lhe. Ex aqui suas mesmas palavras.

" Os males da guerra saõ os que vós sabeis (quem faz guerra aos Portuguezes senaõ os injustos Francezes?) o sangue, os assassinios, o saque violento, o sacrilegio o estupro, o adulterio, a fome, o incendio, a indigencia, e a miseria. Oh! Quem naõ treme ao imaginar somente a pavorosa scena do infausto dia 23 de Março? (este he o dia, em que os Francezes entraram na Cidade do Porto, e cometteram os horrores, que o author pretende palliar); Qual de vós naõ vio ou as praias, ou as ruas, ou as praças publicas, ou seus proprios lares, juncados dos cadaveres de seus amigos e parentes! Qual naõ vio o esposo, e a esposa, a mái, e os tenros filhos, formando rimas de corpos esmagados? Taes saõ as calamidades a que vos arrastou a vossa inconsideraçaõ!"

Vil hipocrita! Dizo com mais verdade; Taes saõ as calamidades, que injustamente vos causáram os Francezes; esses malvados, que naõ podendo atacar os seus rivaes, os Inglezes, vem vingar-se em inocentes victimas, em um povo, que nunca os offendeo. Que mal fez nunca Portugal á França para que ella lhe inflija essas calamidades, que o author confessa?

Suppondo o author (a p. 19.) a hipothese de que Bonaparte naõ pode conquistar Portugal; diz, que nesse cazo "se applicaria o Imperador e Rey a fazer-nos uma guerra ainda mais cruel e ruinosa. Sim, disistindo entaõ S. M. do projecto de conquista, enviaria algumas Divisoens ao nosso Reyno, no qual os incendios, as mortes, e o saque geral, seriam o castigo de nossa insensata rebeldia." Que linguagem taõ depravada e insensata. O crime da resistencia está commettido; isso aque o author chama rebeldia, isto he, resistir a um invasor injusto, está feito, e dos Francezes agora naõ ha que esperar, senaõ tudo quanto ha de máo e se se hade morrer como covarde, com os braços cruzados, he melhor acabar com honra; e muitas vezes a fortuna favorece um attaque desesperado. Quanto mais que naõ se está ainda nessa figura de lhe chamar desesperado. Como haõ de os Francezes chegar a Portugal, sem ter a Hespanha? e assim se conquista um Reyno daquella magnitude, e taõ resoluto a defender-se? Alem disto naõ basta entrar a Hespanha, e Portugal com um exercito; he preciso conservar forças em todas as provincias, para ter em sugeiçaõ uma populaçaõ, que naõ quer obedecer, nem obedecerá aos Francezes, senaõ obrigada de uma força superior. He necessario guarnecer os innumeraveis portos de Hespanha; e para isto, e para os mais planos ambiciosos do insaciavel Bonaparte, naõ ha exercitos que cheguem.

O Imperador dos Francezes vale-se das mesmas naçoens que conquista, para subjugar outras; por que ha homens que pensam como o author, que a submissaõ he

unico meio de escapar. Assim fez o Despota da França marchar tropas da Alemanha para Portugal, para com ellas subjugar os Portuguezes; e de Portugal levou tropas para a Alemanha, que agora assistîram nas batalhas do Danubio. Que ganhâram pois os Portuguezes, em submetter-se como fizéram aos Francezes? Isto; fazer a penosissima marcha desde Lisboa até Vienna; e morrer ali sem gloria, e até sem que nelles se fallasse, para defender as usurpaçoens do tyranno; quanto melhor pois não éra que aquelles soldados tivessem perdido a vida, na honrosa occupaçaõ de defender a patria contra um invasor injusto? A morte he certa, pois então busque-se ésta sustentando a causa da patria. Estejam os Portuguezes certos, que se Napoleaõ tomar posse de Portugal; a mocidade hade toda deixar o Reyno, e amarrados em gargalheiras haõ de ir os Portuguezes unir-se aos infelices das outras naçoens senhoreadas pela França, para fazer a espantosa marcha por terra ate a India; sem outro fim mais doque dar a Bonaparte a juvenil satisfacçaõ, de fazer gastar aos Inglezes algum dinheiro, em defender este ou aquelle insignificante posto da India; que os Francezes pudessem atacar; O plano de Bonaparte he este; se succede em fazer alguma cousa tem a consolaçaõ de ter feito aos Inglezes algum mal, por pequeno que seja; se he mal succedido; quem morre? Os moços Portuguezes, e os das outras naçoens avassaladas, de quem Bonaparte se deseja desfazer, seja do modo que for.

Tal he indubitavelmente a morte, que espera os Portuguezes, se elles aguardarem o inimigo com os braços cruzados, ou se fiarem em sua fingida clemencia.

Para fecho de infamias, conclue o author com a proposiçaõ, de que se deve pedir para Rey de Portugal o Marechal Soult; que elle com toda a veneraçaõ chama em letra grifa o E^mo^. Sñr. Duque de Dalmacia.

Vem cá Portuguez traidor; se assentas que he neces-

sario outro Soberano, ou outro governo, he preciso que passes pela vergonha de pedir um estrangeiro a Bonaparte para teu Rey; como as raãs o pedîram a Jupiter, que lhes deo para as governar um pedacinho de páo? E se esses facinorosos generaes te deslumbram a vista com seus plumachos, ou fama dos execrandos crimes que tem commettido, com o nome de emprezas militares; ¿porque naõ desejas ao menos ter por Soberano o Capitaõ dos ladroens, o Bonaparte, em pessoa? Mas para que naõ faltasse de passar o author por mais ésta baixezá naõ se avantájam os seus desejos, e a sua ardideza, se naõ a pedir para Rey, um desses subordinados salteadores, que oppressor, e opprimido em Portugal, faria sentir aos povos um dobrado pezo de vexames!

O tecido de adulaçoens nauseosas, que o author faz ao marechal Soult, aquem por fim proclama Rey de Portugal, só pode achar parallelo, no despejo com que o hypocrita pretende mostrar que "naõ he o que exprime venal insenso, queimado em obsequio daquelle grande homem." Mas despois do que este author avança contra a sua Patria; e a favor dos invasores della; ésta satisfacçaõ he de todo escusada.

Concluamos pois, que, tendo os Portuguezes uma certeza de que o Tyranno os hade fazer morrer pelejando na Turquia, ou na India, para favorecer os seus ambiciosos planos de conquista, e satisfazer sua vingança contra os Inglezes; deve a mocidade Luzitana morrer antes com as armas na maõ, defendendo a Patria; prefirindo deste modo uma morte honrosa, de que se pode esperar algum bem, a uma morte ignominiosa precedida da escravidaõ, e seguida da ruina da Patria.—Assim falláram os Heroes.

Moriamur, et in media arma ruamus.
Una salus victis nullam sperare salutem.

COMMERCIO E ARTES.

França.

UMA decizaõ Imperial de 17 de Julho, de 1809; referindo-se ao decreto Imperial de 4 de Junho, estabelece as relaçoens commerciaes, no mesmo pé em que estávam, antes do Decreto de 16 de Septembro de 1808; cujo theor he o seguinte.

Extracto das minutas da Secretaria de Estado, no Palacio de S. Cloud aos 16 de Septembro de 1808.

Napoleaõ Imperador dos Francezes, &c. Tendo ouvido o nosso Conselho de Estado decretamos o seguinte.

ART. I. He prohibida a entrada de todo o producto colonial vindo da Hollanda, e Hespanha; atê nova ordem em contrario.

Art 2. Os vasos carregados com éstas fazendas, que entrarem no Weser, Elbe, e Jade, seraõ apprehendidos, e confiscados.

Art. 3. Este decreto naõ derroga a disposiçaõ de 9 de Junho, pela qual nos reservamos o direito de permittir, em circumstancias particulares, a introducçaõ de algodoens, e laãs.

Art. 4. O nosso Ministro de Finanças fica encarregado da disposiçaõ do presente decreto.

NAPOLEAÕ.

Huma carta particular de Amsterdam, datada de 28 de Julho diz assim: " O nosso recente decreto de 30 de Março (deveria ser 31 de Março: veja-se o Correio Braziliense Vol. II. p. 361.) deve ser revogado; naõ se admittiraõ em França, nem nos portos de seus alliados, os navios Americanos, em quanto a Inglaterra insistir no seu pretendido direito de busca; as fazendas, que agora chegam, seraõ sequestradas. Que confussaõ naõ deve isto crear! Entre outros rumores que correm ha um que

diz; que o nosso Rey se muda para a Austria; e que este paiz se annexará a França. He evidente que ha em contemplaçaõ alguma mudança."

America.

Casa dos Representantes. Quarta feira, 21 de Junho. Mr. Newton do Commité de Commercio e Manufacturas, fez o seguinte rellatorio ao Congresso.

O Commité de Commercio e Manufacturas, a quem se referio aquella parte da Mensagem do Presidente dos Estados Unidos, que diz respeito á revisaõ de nossas leis commerciaes, para o fim de proteger, e fomentar as manufacturas dos Estados Unidos, e tambem as petiçoens, e memoriaes de varios fabricantes de chapeos, fazendas d'algodaõ, canamo, linho, chumbo, pannos de laã, e sal, tem submettido á consideraçaõ da casa um relatorio, em que dizem, que a brevidade da presente sessaõ, e a falta de materiaes, naõ permittem ao Commité o investigar este ponto plenamente, e concluem propondo as seguintes resoluçoens:

Resolvido; que se devem impor novos direitos sobre os seguintes artigos importados para os Estados Unidos: a saber. Vestidos feitos; e obras de modistas, dous e meio por cento *ad valorem*.

Manufacturas de algodaõ d'alem do Cabo de Boa esperança, riscados de colxaõ, fustoens, e musselinas, dous e meio por cento *ad valorem*. Chumbo, e outros manifacturas, em que este metal he o artigo de principal valor; meio por cento por libra.

Resolvido; que um direito de oito *centos** por *bushel* sobre o sal importado, animaria a manufactura deste artigo nos Estados Unidos.

* Cento he uma moeda dos Estados unidos que vale a centecima parte de um dollar, ou peza forte. O bushell he medida seca, que anda por dous alqueires de Portugal.

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza.

Vincit amor Patriæ.

N°. I.

Introducçaõ.

A EMPREZA, que tomo sobre mim, de publicar uma serie de ensaios, para mostrar a excellencia da Constituiçaõ Portugueza, deve attrahir-me o odio de muitos dos Portuguezes, e talvez de alguns Inglezes; mas a èstas consideraçoens se oppoz, e venceo, o amor da Patria.

Ja mais pude acommodar-me á opiniaõ de que muitas verdades se naõ devem dizer ao publico. Verdade he a conformidade das nossas ideas com os objectos que ellas representam; ou com as ideas eternas; a verdade logo nunca pode ser nociva aos homens: o engano ha mister de outros enganos para se sustentar; e o systema de governar os povos com illusoens, traz com sigo sempre uma serie de desgraças de que as paginas da historia nos daõ abundantes provas.

Desejaria com tudo poder exprimir as opinioens que julgo verdadeiras, sem o amargo que as faz odiosas; mas infelizmente naõ estou habituado ao custume cortezaõ de dourar pilulas.

Os continuados attaques, que se fazem ao character Portuguez, como naçaõ, sendo algumas vezes bem fundamentados, saõ, pela maior parte, calumnias dos estrangeiros, occasionadas pela ignorancia em que se acham da lingua, e por consequencia dos escriptos Portuguezes. A muitos tenho ouvido dizer, que naõ vale a pena de aprender a lingua Portugueza só para ler Camoens, e nenhum outro livro se deixa imprimir em Portugal, que valha o trabalho de ler-se. E pois a triste escravidaõ, em que tem

até agora estado a imprensa em Portugal, faz com que ésta accusaçaõ seja verdadeira; nem por isso se segue, que a naçaõ Portugueza naõ tenha obrado feitos gloriosos, e que os seus antigos naõ estabelecessem taes leis, e tal constituiçaõ politica, que apenas em alguns pontos tem que ceder á Constituiçaõ Ingleza, que a Europa illuminada tanto admîra. He verdade que a demasiada, e illegal accumulaçaõ de poder, na corôa, pos em desuso muitas instituiçoens uteis, e algumas até essenciaes á constituiçaõ do Estado; e os partidistas do despotismo, e algumas penas timidas, ou venaes, tentáram negar, mesmo em Portugal, a existencia, ou ao menos os poderes de varias corporaçoens, a quem competîam direitos hoje exercitados pela corôa; mas ainda assim ninguem se atreveo a revogallos expressamente.

Em um ponto, na verdade, devo dar a decidida preferencia, senaõ á Constituiçaõ, ao menos aos Inglezes como naçaõ; e he, que havendo elles recebido de seus antepassados uma constituiçaõ livre, livre a tem mantido para a transmittir naõ só pura, mas ainda melhorada, á sua posteridade; custando-lhes isto, muitas despezas, muito sangue, e muitos incommodos. Ao mesmo tempo que os Portuguezes, desde que fizéram um bem succedido esforço contra a tyrannia de Fellipe II. e seus immediatos successores, se entregáram a uma criminosa indolencia, deixando ao ministro do dia usurpar os direitos que lhe parecia, e menosprezar as instituiçoens antigas, que faziam a gloria da Naçaõ; e servîam de mola real ao patriotismo dos individuos.

Em todas as naçoens do Mundo, e em todos os tempos, o partido governante se inclinou a estabelecer ésta concentraçaõ de poderes, que se chama o despotismo; e isto por duas razoens; uma pela ambiçaõ e vaidade de governar absolutamente, e sem restricçoens; outra pela difficuldade que ha em governar um povo livre, que tendo a faculdade de disputar os motivos, e conducta dos que

governam, exige nas pessoas, que estaõ á testa dos negocios, habilidade, e assiduidade nos seus empregos; e talentos para se justificarem contra os seus opponentes, que sempre existem publicamente nos governos livres; e éstas bellas qualidades se fazem desnecessarias nos governos despoticos; onde se tracta de estabelecer a maxima; que a authoridade extrinseca dos que governam merece sempre obediencia, só por isso que elles govérnam; de maneira, que uma vez que ésta maxima está bem estabelecida, he ja escusado ao Ministro, para ser obedecido, que tenha talentos para excogitar planos uteis á naçaõ, nem agilidade para executar as medidas convenientes.

Em Inglaterra pois se ácha que nesta luta, sacrificando os Inglezes, em repetidas occasioens, o seu socego, e as suas vidas, para naõ deixar ao partido governante usurpar todo o poder, tem-se conservado illesa a feliz Constituiçaõ do Reyno; entretanto que em Portugal, fosse demasiada habilidade dos que governávam, comparada com a ignorancia dos povos, desde a introducçaõ da Inquisiçaõ; fosse fraqueza e falta de patriotismo nos individuos, que antes queriam um repouso de escravos, do que os encommodos e perigos necessarios para obter uma liberdade bem entendida, como a que seus antepassados possuiram, e agora possuem os Inglezes; o certo he, que deixáram annihilar as instituiçoens a que estava inherente a liberdade dos individuos, e a prosperidade da naçaõ.

He porem necessario, que o Leitor entenda sempre as minhas proposiçoens no sentido, que anima as minhas intençoens de escrever; e que fórmam a baze dos meus principios tanto theoreticos como practicos; isto he que a obediencia, e o respeito ao Soberano saõ um dever sagrado; que o cidadaõ, que assim naõ cumpre, insulta a honra de sua patria, faltando ao respeito devido ao Cabeça da naçaõ; e se expoem a produzir a anarchia, o maior crime que se pode cometter n'um Estado; pelos muitos

crimes que ella traz apoz de si. Quando pois fallo de que a naçaõ naõ deixe ao partido, que governa, apoderar-se de direitos, que naõ competem ao Monarcha; entendo por isto os remedios legaes; quaes elles sejam, em Portugal, a historia da naçaõ os mostra, e eu terei occasiaõ de os tocar para o futuro.—Porque he taõ indigno do homem honrado faltar ao respeito devido ao governo; como be iujurioso á naçaõ soffrer os abusos de poder, que as leis ensinam a remediar.

Ás restricçoens, bem entendidas, do podêr da coroa, em Inglaterra, daõ ao Soberano uma solidez, e permanencia de poder, de que elle nunca gozaria se fosse despotico; e desta segurança, e inconcussa firmeza do throno, que tem a sua baze na liberdade da naçaõ, se segue, que o povo jamais pode tentar o menor attaque contra o poder executivo; porque sabendo a intima connexaõ que elle têm com a prosperidade da naçaõ, e resto da fabrica politica do Estado, conhecem todos que o mal recahiria sobre a naçaõ, e perderiam as vantagens de que agóra gozam, e que um habil author reduzio ás seguintes. 1ª. As restricçoens da authoridade governante. 2ª. A liberdade de fallar, e de escrever. 3ª. A illimitadissima liberdade, nos debates do corpo legislativo da naçaõ. 4ª. A balança de poderes, que restringe aos justos limites cada uma das ordens do Estado. 5ª. A faculdade que tem todos os individuos de tomar uma parte activa nos negocios do Governo. 6ª. A estricta imparcialidade com que se administra a justiça sem distincçaõ de pessoas. 7ª. A brandura das leis criminaes, 8ª. A obediencia da authoridade governante á letra das leis. 9ª. A submissaõ do poder militar ao civil.

Eu naõ emprehendo o panegirico; mas a justificaçaõ da Constituiçaõ Portugueza; e portanto naõ deixarei de confessar os defeitos, quando os houver, assim como intento mostrar-lhe as perfeiçoens. A obscuridade em que

agora se acha a naçaõ Portugueza, de certo, naõ he devida à pequenhez de seu territorio; e se as minhas multiplicadas occupaçoens me permittirem continuar ésta serie de ensaios, naõ só mostrarei, que os antigos Portuguezes estabelecêram uma constituiçaõ assás sabia, e bem calculada, para fazer prosperar o Estado, mas que, em consequencia disso, fizéram uma figura no Mundo tanto ou mais brilhante do que a maior parte dos Estados da Europa, que se lhe avantajávam em territorio, e populaçaõ; e os nomes Portuguezes que ainda conservam inumeraveis portos, rios, ilhas, e mares do Oriente, saõ um padraõ das victorias dos Portuguezes, que só um sceptico poderia por em questaõ.

O mais leve conhecimento da historia Portugueza será bastante para mostrar, que o espirito publico, e até o valor da naçaõ se fôram extinguindo á proporçaõ, que a ignorancia, e o despotismo solapáram a liberdade dos Portuguezes. O despotismo favorece sempre a ignorancia; ésta he o unico apoio do despotismo; porque a força está da parte da multidaõ, e só as noçoens erradas, e prejuizos fomentados pelo mesmo despotismo, he que podem conter em sujeiçaõ abjecta essa multidaõ, que possue o poder phisico.

Mas deixando á parte as noçoens meramente especulativas, e theoreticas de governo, reduzindo ésta materia a certos pontos essenciaes, tomarei em cada um delles um periodo na historia de Portugal, e o compararei com o seu correlativo na de Inglaterra; despois mostrarei os progressos de declinaçaõ em uma parte, e os de perfeiçaõ na outra; trazendo a historia destes pontos de direito publico, em quanto elles fôrem susceptiveis disso, até aos tempos em que vivo; sendo, como sou, testemunha da grande prosperidade de uma naçaõ, e da quasi annihilaçaõ da outra.

Ha tambem alguns pontos de direito particular, que merecem sêr examinados, junctos com os de direito publico; ja pela sua intima connexaõ com os principios da constituiçaõ politica, ja pela influencia que tem, no gozo da liberdade individual; e estes seraõ tractados da mesma maneira historicamente.

Tomando, pois, por concedido, que tanto os fundadores da Monarchia Portugueza, como os da Ingleza, fôram os povos do Nôrte, que invadîram o Imperio Romano; e que esses povos se governávam por leis e custumes, muito analogos uns aos outros; me dispensarei de entrar na discussaõ da origem destas naçoens. E como a destruiçaõ da Heptarchia em Inglaterra, que consolidou a Monarchia Ingleza, he de data mais antiga do que o estabelicimento do Reyno de Portugal, em D. Affonso Henriques; será dos tempos deste em que o paralello dos dous governos deve começar; com o reynado de Guilherme o Conquistador, em 1066, periodo mui proximo ao de 1094, em que o Conde D. Henrique passou a Portugal.

A falta de documentos authenticos, e positivos, por onde se possam provar muitas proposiçoens do direito publico destas naçoens, obrigam necessariamente a recorrer, tanto em Inglaterra como em Portugal, aos custumes dos povos do Norte que havendo passado o Rheno se apoderáram de toda a Europa. Os seus principes naõ tinham outro titulo ao poder que exercitávam, senaõ o seu valor, é a livre eleiçaõ dos povos; e como estes nos seus desertos tinham muí limitadas ideas do poder Soberano seguiam aos seus chefes, menos em qualidade de vassallos ou subditos, do que na de companheiros na conquista.

Guilherme o Conquistador, passando da França á Inglaterra despois do governo feudal estar estabelecido no Continente, naõ podia deixar de trazer com sigo as mesmas ideas de que deviam estar imbuidos todos os capitaens que o acompanháram, e porquem elle dividio a terras que

tornou. Da mesma forma o Conde D. Henrique Francez de Origem, e acompanhado por guerreiros da mesma classe e descendencia naõ podia deixar de levar da França, a Portugal as mesmas ideas de governo que passáram á Inglaterra. Esta presumpçaõ fundada em factos historicos, de que ninguem duvida, he corroborada por um sem numero de exemplos em que os Baroens se oppuzéram á vontade dos Soberanos, ajustando-se ás suas differenças ou pela força armadá, ou por meio de pactos; e com a intervençaõ da terceira classe, da naçaõ.

Tanto em Inglaterra como em Portugal, a força da espada atropelou muitas vezes a justiça das leis; mas nem por isso deixáram mesmo os vencedores de alegar os direitos, em que fundávam as suas pretençoens; porque raras vezes a maldade chega ao ponto de perder o respeito até á opiniaõ publica; e ainda que um politico seja assaz depravado para tractar com indifferença os principios do justo, e do injusto; se he bastante illuminado para conhecer os seus seus interesses, na arte de governar, naõ deve perder nem perde occasioens de justificar a sua conducta; senaõ por solidas razoens, quando as naõ tem, ao menos por argumentos especiosos.

Daqui vem que, naõ obstante a confusaõ daquelles tempos, acham-se monumentos das discussoens, e allegaçoens que se fizéram por uma e outra parte, para occupar ou reivindicar estes ou aquelles direitos reaes ou imaginarios; e assim, pelas suas mesmas alegaçoens, poderemos concluir quaes éram as pretençoens, e poderes dos Soberanos, dos Baroens, e dos povos.

Concluirei pois este pequeno prefacio aos meus ensaios, observando; que a discusaõ dos pontos de direito publico de qualquer naçaõ, he materia taõ essencial aos que governam como aos que saõ governados; porque se o orgulho de alguns homens, que commandam uns poucos de soldados lhes faz suppor, que o poder da força basta para gover-

nar; esse engano provem de naõ reflectir, que o exercicio do poder, quando naõ tem por objecto o bem dos que lhe saõ subordinados, naõ he outra cousa mais do que *o direito do mais forte*; o qual póde, pela mesma razaõ, ser repellido por uma reacçaõ fundada no mesmo principio; e quem diz eu governo-te por que sou mais poderoso; parece aconselhar aos outros, que adquiram força, para ter a sua vez em governar. Naõ he assim a respeito dos principios fundados na razaõ de direito, segundo o qual a justiça da causa, e naõ o poder da parte deve decidir a questaõ.

Continuaçaõ da serie de buletins Francezes.

Buletim 11. Ebersdorf, 24 de Maio, 1809.

O marechal duque de Dantzick está senhor do Tyrol: entrou em Inspruck aos 19 deste mez. O paiz se lhe submetteo inteiramente. Aos 11, tinha o duque de Dantzick tomado a forte posiçaõ de Strub-Pass, e tomou ao inimigo 7 canhoens e 600 homens.—Aos 13 despois de ter batido Chasteller na posiçaõ de Vergen, e de o ter completamente derrotado, tomando-lhe toda a sua artilheria, o perseguio alem de Rastenberg. Este miseravel deveo a sua salvaçaõ á velocidade do seu cavallo. Ao mesmo tempo o gen. Deroy, tendo bloqueado a fortaleza de Kufstein, fazia a sua juncçaõ com as tropas que o duque de Dantzick commandava em pessoa. O marechal louva a conducta do major Palm, do chefe do batalhaõ ligeiro Bavaro, do Tn. coronel Haberman, do capitaõ Haider, do capitaõ Bernard do terceiro regimento de cavallaria ligeira de Baviera, dos seus ajudantes de campo Montmarie, Maingarnaud, e Montelegier, e do chefe de esquadraõ Fontange, official do estado-maior.—Chasteller havia entrado no Tyrol com um punhado de máos homens; prégou a revoluçaõ, o roubo, e o assassinato.—Vio estrangular debaixo dos seus olhos muitos milhares de Bavaros, e uma centena de soldados Francezes. Animou os assas-

sinios pelos seus elogios, e excitou a ferocidade dos Ursos das montanhas. Entre os Francezes, que perecêram, nesta mortandade, se acham uns sessenta Belgas, todos compatriotas de Chasteller. Este miseravel cuberto de beneficios pelo Imperador, aquem deve o ter recobrado os bens, que importam em muitos milhoens, éra incapaz de experimentar sentimentos de gratidaõ, nem estes affectos, que ligam até os barbaros, ao paiz que lhe deo o nascimento.—Os Tyrolezes tem em execraçaõ os homens, cujas perfidas insinuaçoens os tem excitado, á revolta, e chamado sobre si as infelicidades que ella traz com sigo. O seu furor contra Chasteller he tal, que, quando elle se salvou depois da derrota de viergel, elles o apanháram em Hall, fustigáram-no, e maltratáram-no ao ponto que foi obrigado a passar dous dias de cama. Ao despois atreveo-se a apparecer para pedir capitulaçaõ. Respondeo-se-lhe que se naõ capitulava com um salteador, e elle fugio a toda a pressa para as montanhas de Carinthia.—O vale de Zillerthal, foi o primeiro que se submetteo; entregou as armas, e deo réfens: o resto do paiz seguio este exemplo. Todos os chefes ordenáram aos paizanos, que se mettessem em suas casas; e observou-se que de todas partes desciam das montanhas, e vinham para as suas aldeas. A cidade de Inspruck, e todos os circulos enviáram deputaçoens a S. M. El Rey de Baviera, para protestar a sua fidelidade, e implorar a sua clemencia. O Voralberg que as proclamaçoens incendiarias, e as intrigas do inimigo tinham tambem illudido, imitará o Tyrol; ésta parte da Alemanha será subtrahida aos desastres, e aos crimes das insurreiçoens populares.

Combate de Ursar.

A 17 deste mez, ás duas horas despois do meio dia, tres columnas Austriacas, commandadas pelo gen. Granville, Bucalowitz, e Somariva, e sustentadas por uma reserva ás ordens do gen. Jellachich, attacáram

o gen. Vandamme, na aldea de Ursar, diante da cabeça de ponte de Linta. Neste momento chegou a Linz o marechal Principe de Pontecorvo, com a cavallaria, e a primeira brigada de infanteria Saxonica. O gen. Vandame á frente das tropas Wirtemburguezas, e com quatro esquadroens de hussares, e de dragoens Saxonios, repulsou vigorosamente as duas primeiras columnas inimigas, expulsou-as de suas posiçoens, tomoulhe 6 peças de artilheria e 400 homens, e poz o resto em fugida. A terceira columna inimiga appareceo sobre as alturas de Bellingsberg, ás 7 horas da tarde, e a sua infanteria correu, em um instante, o cimo das montanhas visinhas. A infanteria Saxonia attacou o inimigo com impetuosidade, expulsou-o de todas as suas posiçoens, tomou-lhe 300 homens, e muitas caixas de muniçoens. O inimigo se retirou em desordem para Frezstadt, e Haslach. Os hussares, que se mandáram em seu seguimento trouxéram muitos prisioneiros. Achára-se nos matos 500 espingardas uma quantidade de carroças, e caixas cheias de artigos de vestuario. A perca do inimigo alem dos prisioneiros, he de 2000 homens mortos ou feridos. A nossa naõ chega a 400 homens, que ficassem incapazes de combater. O marechal principe de Pontecorvo fez muitos elogios ao gen. Vandamme. Elle louva a conducta de M. de Leschwitz, gen. em chefe dos Saxonios, o qual conserva, em 65 annos, a actividade e ardor de um mancebo; do gen. de artilheria Mossel, do general Gerard, chefe do estado-maior, e do tenenente coronel ajudante de campo Hamelinaie.

Exercito da Italia.

O Vice Réy commandante em chefe, informou o ministro da guerra da serie de operaçoens do exercito da Italia. Segundo a relaçaõ dos prisioneiros, a perca que o inimigo soffreo na batalha do Piava, chegou a 10.000 homens. O marechal de campo Wauxelle he um dos mortos e um dos dous generaes, Giulay, foi ferido mortalmente. Despois da batalha do Piava, foi o inimigo perseguido, e apanhado em Sacile, ao momento em que trabalhava por estabelecer os seus reductos, para ganhar tempo; foi attacado e posto em fugida; tomáram-se-lhe alguns centos de prisioneiros. Na manhaã de 10, se continuou a perseguir o inimigo, e a guarda avançada trouxe um grande numero de prisioneiros, Dous batalhoens de infanteria ligeira, do 23, que tinham sido enviados sobre Brugniera, alcançáram a cauda de uma columna inimiga, tomáram-lhe 500 homens, e uma peça de artilheria.—Aos 11, todo o exercito passou o Tagliamento; e encontrou o exercito Austriaco, *em S. Daniel*, ás 3 horas despois do meio dia. O gen. Giulay oc-

cupava as alturas, com muitos regimentos de infanteria, muitos esquadroens de cavallaria e cinco peças de artilheria. O archiduque João ahi se achava em pessoa tinha mandado resistir até a ultima extremidade, para dar tempo ao resto do exercito a desfilar ao longo do vale de la Fella. A posiçaõ foi logo attacada; o inimigo foi expulso de todas as alturas, e posto na maior desordem; á meia noite a nossa guarda avançada se postou sobre o Ledrá. O inimigo perdeo no combate de S. Daniel 2 peças de artilheria, 600 homens mortos ou feridos a bandeira, 1500 homens do regimento de Ricski. Nos tivemos 200 homens mortos ou feridos.—Aos 12 o gen. Grouchi expulsou o inimigo para alem do Isonzo, tomou-lhe 800 homens, e apoderou-se em Udina de todos os seus armazens, seus pontoens, e muitos carros de equipagem. No mesmo dia o Coronel Giflenga á frente de um esquadraõ do 6 de hussares, e um esquadraõ dos dragoens da Rainha, alcançáram uma columna que se retirava para Gemmona. Carregou tambem e derrotou o inimigo, aquem tomou 800 homens, em que havia 8 officiaes, uma bandeira, e uma bandeira do regimento de Francisco Jellachich.

Buletim 12. Ebersdorf, 26 de Maio de 1809.

Empregou-se toda a jornada de 23, e a noite de 23 a 24 em repairar as pontes. Aos 25 ao amanhecer estávam ja promptas. Os feridos e caixoens vazios, e todos os objectos que éra necessario renovar, passáram para a margem direita. A enchente do Danubio devia ainda durar até 15 de Junho julgou-se que, para contar seguro com estas pontes, convinha plantar adiante das linhas estacas a que se amarrasse uma grande cadea de ferro, que está no arsenal, e que foi tomada pelos Austriacos aos Turcos, que a destinávam a um similhante uso.—Trabalhou-se nestas obras com a maior actividade, e ja se começam a enterrar as estacas; por este meio, e com as fortificaçoens que se fazem na margem esquerda estamos seguros de poder manobrar em ambas as margens, á nossa vontade.—A nossa Cavallaria ligeira está defronte de Presbourg, apoiada contra o lago de Neusiedel. O gen. Laurston está na Styria, sobre o Simeringberg, e Bruck. O marechal duque de

Dantzick vai a marchas forçadas, com os Bavaros; e naõ tardará a unir-se ao exercito juncto a Vienna.—Os caçadores de cavallo, e a guarda chegáram hontem; os dragoens chegaraõ hoje; em poucos dias se espera que cheguem os granadeiros de cavallo, e 90 peças de artilheria da guarda. Desde a capitulaçaõ de Vienna temos feito prisioneiros sette tenentes-marechaes-de-campo, nove major-generaes, dez coroneis, 20 majores e teneates-coroneis, 100 capitaens, 15 tenentes, 200 subtenentes, e 300 sub officiaes e soldados, entre os quaes se naõ comprehendem os homens, que estávam nos hospitaes, e que montam a muitos milhares.—O archiduque dirigio ao duque de Ragusa a carta aqui juncta, datada de Conegliano, aos 17 de Abril. A posteridade apenas poderá crêr, que os principes de uma casa illustre, de quem o publico tem o direito de exigir procedimentos, que inspiram uma situaçaõ ellevada, e uma educaçaõ bem cuidada, sêjam capazes de uma acçaõ taõ contraria á delicadeza, que regula a conducta de todos os homens bem educados, e aos sentimentos que dirigem a gente honrada. O principe Joaõ he o mesmo que, nos campos de Hoheinlinden, mostrou tanta falta de experiencia e taõ pouca coragem. A vantagem ephemera, que obteve em Italia, á custa de uma traiçaõ, attacando um exercito espalhado em seus acantonamentos, debaixo da fé dos tractados, e do direito das gentes, exaltáram o seu orgulho. E para com elle, assim como para com todos os homens, cujo character he sem ellevaçaõ, um momento de prosperidade produzio uma fanfarronada, e a arrogancia. Hoje, fugindo em desordem, expulso, e affrontado por toda a Italia, as circumstancias ajunctam ao odioso da carta, que escreveo, o mais evidente ridiculo. Um general, que foi capaz de a assignar, naõ he digno do nome de soldado; elle naõ conhece nem os deveres nem a honra da profissaõ. O duque de Ragusa fez da sua carta o caso que devia fazer, naõ lhe respondeo:

senaõ com o silencio e com o desprezo.—Esperando o signal de entrar em actividade, reunio o duque de Ragusa o seu exercito ante Kuin, aos 27 de Abril, houvéram muitas escaramuças com o inimigo: o gen. Soyez, que estava de observaçaõ, em Ervenich, o derrotou, e obrigou a retirar-se. Apparecendo varios destacamentos na margem esquerda do baixo Zermagna, o coronel Caseaux, com um batalhaõ do regimento 18 de infanteria ligeira, os encontrou nas alturas da aldea de Obrovatz, e ainda que fossem superiores em numero, derrotou-os, matou-lhe ou feriolhe 400 homens, e fez alguns prisioneiros.—Houve tambem outra acçaõ, no alto Zermagna, entre as tropas da divisaõ do gen. Clausel, e uma guarda avançada Austriaca, de 5. a 6.000 homens, que sahia á planicie de Bender. Um batalhaõ do 11, e os volteadores do 8 carregáram dous batalhoens do regimento Sluin, e um batalhaõ de Ottochatz, e os precipitáram em um pantano, onde fizeram nelles grande carnagem. O principal do exercito do duque de Ragusa estava a 20 milhas de Zara, aos 5 de Maio, prompto a por-se em movimento, para unir-se ao exercito de Italia.

Carta do Archiduque ao duque de Ragusa.

Sem duvida vos terá chegado o rumor das victorias alcançadas por minhas armas. Seis dias de combates consecutivos leváram o exercito Francez das margens do Isonzo até alem do Piava; a minha guarda avançada passou alem deste rio, e naõ acha outro obstaculo para combater senaõ dez mil prisioneiros, que tem de conduzir; a artilheria, e carros immensos que cobrem os caminhos. O povo no Tyrol levantou-se ao ver approximar-se a tropa Austriaca, e desarmou o corpo Bavaro, espalhado no paiz. Em fim de todas as partes os mais brilhantes successos coroáram os nossos esforços. Estas vantagens, e a segurança de que o exercito, que tenho diante de mim, naõ tem senaõ reservas novas que apresentar-me, me puzêram em estado de dispor de uma, que vou dirigir para a Dalmacia. Neste estado das cousas as hostilidades de vossa parte seriam sem proveito; o sangue, que ellas custariam, inutilmente derramado, seria desde entaõ perdido para a gloria. He logo, Snr' Duque tendo em vista o

vosso proprio interesse, assim como o desejo de diminuir os males da guerra, que vos requeiro o depôr as armas, com o corpo que commandais. Condiçoens honrozas taes quaes merecem a reputaçaõ de vossas tropas, e a alta dignidade que occupais, vos serão concedidas. A minha intençaõ he soccorrer a humanidade, e naõ humilhar os valorosos.—Espero pois Snr'. Duque, que respondereis de uma maneira satisfactoria as proposiçoens que vos faço, e desejo vivamente, que me procureis, em breve, occasions de testemunhar pessoalmente a estimaçaõ, e consideraçaõ com que sou, &c.

(*Assignado*) JOAÕ, Archiduque de Austria.

Quartel-general de Conegliano, 17 de Abril, 1809.

Relaçaõ official das operaçoens da divisaõ Wrede no Tyrol. Munich, 20 de Maio, de 1809.

Aos 15 o marechal duque de Dantzick déo ao Ten. gen. de Wrede ordem, para ir com a 2 divisaõ Bavara de Rattemberg para Schwartz. O valente major de Zaiger, que commandava nesse dia os carabineiros da primeira brigada foi morto, e o tenente Schmied foi ferido. Obteve-se bem depressa, he verdade, o fazer callar o fogo dos rebeldes, mas logo tentáram disputar a passagem do Zill. Repulsados, nesta parte se retiráram para uma capella, situada juncto a uma garganta, enviáram sette deputados até o pé da montanha, e pedíram o submetter-se, mas apenas o tenente general baraõ de Wrede se avançou para estes deputados, com um trombeta e alguns cavallos ligeiros, matáram o cavallo do cabo de esquadra ordenança, e déram uma carga geral á vanguarda. Algumas granadas, que o tenente coronel baraõ de Gravenreuth dirigio bem, bastáram para os dispersar; entretanto naõ pode a divisaõ continuar a sua marcha para Rotholtz, senaõ debaixo de um fogo vivissimo da parte dos rebeldes. Em Rothholtz, os insurgentes, postados sobre as montanhas de ambas as partes, augmentáram o fogo; mas a batteria Kaspers, e algumas descargas de mosquetaria os dispersáram. Quando a vanguarda se approximou a Schwartz, onde o vale se abre sobre uma planicie assaz extensa; percebeo-se um batalhaõ Austriaco, pouca cavallaria, e alguns batalhoens de milicia, e muitos corpos de insurgentes em marcha. O tenente general, Baraõ de Wrede, fez logo avançar a artilheria a fim de canhonar o inimigo, e de o repulsar; mas os rebeldes se lançáram na cidade, e foi logo facil prever que elles tinham tomado, com os Austriacos, a terrivel resoluçaõ de a defender. Como o terreno éra favoravel, o tenente general Baraõ de Wrede conduzio em

pessoa o regimento de cavallaria ligeira de Linange, para attacar o batalhaõ Austriaco; este foi derrotado, passando-se á espada, ou aprisionando-se a maior parte. O valoroso tenente coronel Principe Löwestein ficou nesta occasiaõ gravemente ferido por um tiro. Cahindo do cavallo gritou aos seus camaradas, "dizei ao Tenente general, que eu morro por El Rey e pela Patria."—Os Austriacos se lançáram entaõ com os rebeldes nas casas; outra parte trabalhou por ganhar a ponte; a batteria de Kaspers chegou a conseguir o impedir-lhe que a naõ destruissem de todo: entretanto, para conseguir completamente este fim, éra preciso expulsar o inimigo da Cidade. Os carabineiros da primeira brigada apoderáram-se do arrabalde, o 6º batalhaõ de infanteria ligeira, e o 3º regimento do duque Carlos; se avançáram para tomar a cidade por assalto. Duas vezes chegou o tenente general de Wrede até o meio da cidade; e duas vezes o fogo dos rebeldes, e dos Austriacos, que attirávam das casas sobre as tropas Bavaras, o obrigou a retrogradar até a igreja principal. Em fim o regimento 13 de infanteria chegou, e deo novo assalto. Tudo quanto se achou de inimigos nas ruas, e nas casas, foi morto ou feito prisioneiro: no numero d'estes se acharam tres capitaens e 132 soldados do regimento Austriaco de Devaux. A carnagem foi horrorosa, e a coragem das nossas tropas sem limites. O tenente Rudersheimer morreo: o tenente coronel Baraõ de Rudenstein, o tenente Baraõ de Beulwitz, e o tenente Kommender ficáram feridos. Durante o assalto foi a ponte tirada, e toda a divisaõ se desenvolveo na planicie diante da Cidade, sobre a margem esquerda do Inn, por detraz da aldea de Vomp. A segunda brigada de infanteria do major general Beckers passou entaõ á primeira linha, e perseguio os restos do inimigo até Térfen. A divisaõ estava mui fatigada para poder ir mais adiante, nesse dia. A penas as tropas tinham entrado na guarda de *bivouac*, quando appareceo um incendio nos arrabaldes adiante e atraz da cidade, sendo isto causado pelos obuses que se haviam atirado durante o attaque, e em menos de hora meia, estávam os arrabaldes em chamas. O Ten. general ordenou logo um destacamento dos regimentos 3 e 13 de infanteria, para que trabalhassem em extinguir o fogo; mas como faltávam as machinas necessarias, e os habitantes havíam fugido, foi ao outro dia pelo meio dia, que estes dous regimentos, fazendo todos os esforços, pudéram conseguillo. A's 8 horas da tarde se levantou um vento forte, que assoprava para a parte da cidade que se tinha preservado, as faiscas ateáram ahi um fogo, que foi impossivel extinguir, a maior parte desta florecente cidade ficou re-

duzida a cinzas. No mesmo dia attacou o inimigo quatro vezes a linha de postos avançados do major general Conde Beckers, mas foi sempre repulsado. O coronel do 6° regimento de infanteria, Conde de Spreti, foi ferido.

Munich, 22 de Maio. Recebemos neste instante a agradavel novidade de que a deputaçaõ do Tyrol, chamada nacional, e protectora, se submetteo, á discripçaõ, ás armas Bavaras, ao momento em que o marechal duque de Dantzic, com a terceira divisaõ Bavara ás ordens do tenente general Deroi; e a segunda debaixo das ordens do tenente general Bavaro, de Wrede, iam avançando de Terfen, ao longo das duas margens do Inn. Tinha-se concluido, aos 17 ás seis horas da tarde, uma suspensaõ de armas, com os insurgentes, por 36 horas, que pediram ao depois uma prolongaçaõ deste termo, o que se lhe refusou. As tropas Bavaras entráram em Inspruck, aos 19, pelas 4 horas da tarde. Os paizanos armados voltáram arrependidos para os seus lares, e se restabeleceo a antiga ordem das cousas.—O ajudante general, e major Austriaco Baraõ de Feither, e o major Teimer propuséram, no mesmo dia, aos insurgentes, que concluissem uma capitulaçaõ em nome dos commandantes Austriacos, mas o Tn. general Baraõ de Wrede respondeo, naõ entraria na capital do Tyrol para capitular, mas para vencer.

Quartel general de Ebersdorf, 20 de Mayo. As pontes do Danubio estaõ acabadas, e todo o exercito passa neste momento. Diz-se que o inimigo está daqui a quatro leguas. Naõ se atreveo a oppór-se a esta operaçaõ, que um general responsavel naõ haveria tentado, por causa das grandes difficuldades que ella apresenta. O genio de S. M. tem paralizado os seus inimigos. Opéra nelles o effeito da cabeça de Medusa. As armas do Imperador triumpham em todos os pontos. Os Polacos, com 11.000 homens apresentáram a bayoneta ao Archiduque Fernando, e penetráram a Galicia. O exercito de Italia avança victorioso. Os tyrolezes estaõ batidos e bem depressa será Inspruch occupada. O exercito do gen. Bellegarde quiz apoderar-se da cabeça de ponte de Lintz: o principe de Ponto corvo e o gen. Vandamme, o derrotarám, tomando-lhe 16 peças de artilheria, e 1.500 prisioneiros. Em todos os outros tem havido combates igualmente felizes, posto que menos importantes.

Frankfort, 26 de Maio. Trinta e cinco mil homens de infanteria, entre os quaes se observáram muitos batalhoens do primor da guarda Imperial, atravessaram a nossa cidade para ir a Hanau, e incorporar-se ahi com o corpo de exercito ás ordens do marechal duque de Valmy. Mais 22.000 homens estaõ em marcha com o mesmo des-

simo. O parque da artilheria deste exercito, composto de 38 bocas de fogo, chegou ja; e tambem um corpo de 7.000 cavallos ligeiros do gram ducado de Berg. Aos 23 chegáram aqui dous batalhoens de infanteria, e uma bateria de artilheria volante. Mr. Simeon, ministro plenipotenciario de S. M. El Rey de Westfalia, juncto a S. A. I. o Principe Primario, e de S. A. R. o Gram duque de Hesse, ha alguns dias que se acham em Frankfort. A gazeta da Corte de Stutgardt publicou, aos 22, uma relaçaõ official das operaçoens do corpo d'exercito Wurtemburguez, datada do quartel general de Lintz, aos 18 de Maio, trazida a S. M. aos 23, pelo tenente Conde de Southein, e concebida nestes termos.——" Recebendo-se, aos 15, a noticia de que o inimigo ameaçava Lintz; se pôz a brigada de infanteria ligeira e os dous regimentos de caçadores de cavallo, na linha de Mathausen, Weitersdorf, e Hölmansöd: a brigada de Scharffenstein occupou a cabeça de ponte; e a brigada de Franquemont ficou em Lintz para formar um corpo de reserva. Havendo o inimigo feito avançar 4 a 5.000 homens, com seis canhoens, sobre Hölmansöll; o corpo do exercito real se retirou e se concentrou quasi inteiramente na cabeça de ponte. Esta retirada se fez na melhor ordem. O Cap. Werder, do Estado maior dos caçadores de cavallo do duque Luiz; e o Cap. Saarkloff do batalhaõ de caçadores do Neuffer, conduziram a retaguarda com a maior habilidade. Aos 16 naõ fez o inimigo progressos; mas aos 17 se apresentou com grande superioridade de forças. Neste dia o corpo de exercito de Wurtemburg com o exercito chamado de Bohemia, commandado pelo Conde Kollowrath, e composto de 26.000 homens, a quem naõ podia oppôr senaõ 10.000 homens; porque tinha sido obrigado a destacar precedentemente muitos regimentos; o valor eminente das tropas de Wurtemburg descompos os projectos do inimigo, que foi repulsado com grande perca. Nesta jornada taõ gloriosa para as armas de S. M. o inimigo attacou com a maior impetuosidade os postos avançados, cerca da uma hora despois do meio dia, repellios até Koxbach, e desenvolvendo sempre forças mais consideraveis, manifestou claramente o seu plano de penetrar até Lintz. As brigadas de Franquemont e de Scharffenstein, se avançáram entaõ com a batteria do Cap. Brand; e se formáram na esquerda de Dornach, marchando logo ao inimigo. Este tinha na sua ala direita uma aldea situada sobre um rochedo, e occupada por um corpo, que cubria o seu flanco direito, e que ameaçava voltar a nossa ala esquerda. Os coroneis de Brussele e de Wolff, apezar do fogo do

inimigo, ganhâram esta aldea á bayoneta, com os seus batalhoens; o primeiro dos quaes voltou o posto, e o segundo attacou em frente. O Cap. de Baur; do quartel general do estado maior, que conduzia o batalhaõ de Wolff, foi morto de um tiro. Nestas acçoens os regimentos de Neubronn e de Phull, tinham desdobrado as suas columnas, attacado e penetrado a alá direita do inimigo, com valentia incomparavel. O regimento de caçadores do duque Luiz, junctamente com o esquadraõ de Milkau de caçadores do Rey, attacou a ala esquerda do inimigo, tomou-lhe 4 canhoens e fez experimentar á sua artilheria uma perca consideravel em mortos e feridos, e prisioneiros. O inimigo derrotado se retirou pelo caminho de Gallneukirchen.—Outro successo ainda mais glorioso estava reservado para as nossas tropas nesta jornada.— Em quanto os Austriacos, que acabavam de ser derrotados, iam fugindo, outra columna inimiga se avançava de Friestadt por Zweten, para cortar a retirada do nosso corpo de exercito. O major-general Hügel, á frente do batalhaõ de caçadores de Rey, e de parte do de Neuffer, conseguio, por habeis manobras, derrotar completamente esta columna. Propunha-se a ganhar o castello de Steinruch, o ponto mais ellevado dos arredores; chegou ás 10 horas da noite a pezar das multiplicadas descargas da infanteria ligeira do inimigo; e abrindo caminho por desfiladeiros entre rochedos, por meio dos atiradores Austriacos, com uma tropa exhausta de fatiga, e que ja naõ tinha com que atirar um tiro de espingarda. O feliz successo desta manobra desconcertou o inimigo, a obscuridade da noite favoreceo a evasaõ de grande parte dos prisioneiros, dos quaes so restaram 300. A perca do inimigo, nesta jornada, consiste em 4 peças de artilheria, 22 officiaes, e 800 a 1.000 prisioneiros. Nos perdemos 6 officiaes, o Cap. Baur do quartel general do Estado maior, os Tn. d'Adelsheim, dos caçadores do duque Luiz; Schwartz do regimento de Phull; Dotschmann, do regimento de Neubronn; os Cap. de Moter, e Wibbeking, os caçadores do Rey, que morrêram no campo de honra; temos alem disso 20 soldados mortos e 211 feridos. Os officiaes feridos saõ o major Hövel, os capitaens Schimid e Sattler, e o tenente Neubronn: o cap. Lienhart; os tenentes Imthurn, dos caçadores do Rey, e Groschob, dos caçadores de Neuffer.

Buletim 13. Ebersdorf, 28 de Maio, de 1809.

Na noite de 26 para 27, fôram as nossas pontes sobre o Danubio arrebatadas pelas aguas, e pelos moinhos, que *se largaram*. Naõ tinha ainda havido tempo para acabar

a estacada, e fixar a grande cadea de ferro: hoje se restabeleceo uma das pontes; espera-se que a outra o será amanhaã.—O Imperador passou o dia de hontem sobre a margem esquerda para visitar as fortificaçoens, que se fazem sobre a ilha de In-der-Lobau; e para ver muitos regimentos do corpo do duque de Rivoli, que estaõ de posse desta especie de cabéça de ponte.—Aos 27 ao meio dia, o Cap. Bataille, ajudante de campo do principe Vice rey, trouxe a agradavel novidade da chegada do exercito de Italia a Bruck. O gen. Lauriston tinha mandado ao seu encontro, e a juncçaõ fez-se em Simeringberg. Um caçador do 9°, que marchava como batedor de estrada de um reconhecimento do exercito da Italia, encontrou um caçador de um pelotaõ do 20, enviado pelo gen. Lauriston. Despois de se terem observado por algum tempo, se reconhecêram que éram Francezes, e abraçarám-se; o caçador do 20 marchou para Bruck, para se apresentar ao Vice-rey, eo do 9 se dirigio para o general Lauriston, para o informar da approximaçaõ do exercito da Italia. Havia mais de 12 dias que os exercitos naõ tinham noticias uns dos outros. Aos 26 pela tarde estáva o gen. Lauriston em Bruck, no quartel general do Vice-rey. Este tem mostrado, em toda ésta campanha, um sangue frio, e um golpe de vista, que presagîam um grande capitaõ.—Na relaçaõ dos factos que tem illustrado o exercito de Italia, durante os 20 dias proxime passados; notou S. M., com prazer, a destruiçaõ do corpo de Jellachich. Foi este general o que fez aos Tyrolezes aquella insolente proclamaçaõ, que incendiou o seu furor, e aguçou os seus punhaes. Perseguido pelo duque de Dantzick, ameaçado de ser tomado pelo flanco pela brigada do gen. Dupellin, que o duque de Auerstadt tinha feito saîr por Mariazell, veio a caîr como em um laço, diante do exercito de Italia.—O archiduque Joaõ, que em taõ pouco tempo e no excesso de sua presumpçaõ, se degra-

duou por sua carta ao duque de Raguza, evacuou Gratz hontem, 27, levando apenas 30, ou 25.000 homens deste bello exercito que tinha entrado na Italia. A arrogancia, o insulto, as provocaçoens, a revolta, todas éstas acçoens que trazem o character do furor, se tornáram em vergonha sua. Os povos da Italia se tem conduzido como o poderîam fazer os povos da Alsacia, da Normandia, ou do Delphinado. Na retirada dos nossos soldados, elles os acompanhavam com lagrimas, e votos. Conduziam por desvios, os homens extraviados, acompanhando-os por cinco dias até chegarem ao exercito; quando algum prisioneiro, ou algum ferido Francez, ou Italiano, éra trazido pelo inimigo, e passava pelas villas ou aldeas, os habitantes os soccorrîam. Durante a noite procuravam meios de os salvar.—As proclamaçoens, e os discursos do archiduque Joaõ, naõ inspiráyam senaõ desprezo, e irrizaõ: apenas se poderia descrever a alegria dos povos do Piava, do Tagliamento, e do Friul, quando vîram que o inimigo fugia em desordem, e o exercito do Soberano e da patria ficava triumphante.—Quando se visitáram os papeis do Intendente do exercito Austriaco, que era ao mesmo tempo chefe do governo e da policia; e que foi preso em Padua, com 4 carros; se descubrio nisto a prova do amor dos povos da Italia ao Imperador. Todos tinham recusado empregos; ninguem queria servir a Austria; e, entre sette milhoens de homens, que compoem a populaçaõ do reyno, naõ achou o inimigo senaõ tres miseraveis, que naõ repulsáram a seducçaõ. Os regimentos de Italia, que se tem distinguido na Polonia, e que se tinham rivalisado em intrepidez, na campanha de Catalunha, com os mais antigos bandos francezes, se cubrîram de gloria, em todas as acçoens. Os povos de Italia marcham a passos largos para o ultimo termo de uma feliz mudança. Esta bella parte do Continente, onde ha tantas lembranças de *Illustres feitos*, que a corte de Roma, que esta nuvem de

frades, e que as suas divisoens tinham perdido; torna a aparecer com honra sobre a scena da Europa. Todas as relaçoens, que chegam do exercito Austriaco convem de que, nos dias 21 e 22, a sua perca foi immensa. Segundo as *amaveis* de Vienna, as manobras do general Danubio salváram o exercito Austriaco.

O Tyrol e o Voralberg estaõ perfeitamente submettidos. A Carniola, a Styria, a Carinthia, o paiz de Saltzbourg, a Austria alta, e baixa, estaõ pacificadas, e desarmadas.—Trieste, ésta cidade, em que os Francezes e Italianos soffrêram tantos ultragens, está occupada. As mercadorias coloniaes Inglezas fôram confiscadas. Ha uma circumstancia na tomada de Trieste, que foi mui agradavel ao Imperador; e he a liberaçaõ da frota Russiana. Esta tivera ordem de se aparelhar para Ancona; mas retida por ventos contrarios ficou em poder dos Austriacos.—A juncçaõ do exercito de Dalmatia está proxima. O duque de Ragusa se poz em marcha, logo que soube que o exercito de Italia estava sobre o Isonzo; espera-se que chegará a Layback antes de 5 de Junho.—O salteador Schill, a quem se dava, com razaõ, o titulo de general no serviço da Inglaterra, despois de haver prostituido o nome do Rey da Prussia, como os satelites da Inglaterra prostituem o nome de Fernando, em Sevilha, foi perseguido e lançado a uma ilha do Elbe. O rey de Westfalia, alem de 15.000 homens de suas tropas, tinha uma divisaõ Hollandeza, e uma Franceza; e o duque de Valmy se reunio, em Hanau, duas divisoens do corpo de observaçaõ, commandadas pelos generaes Rivaud, e Despeaux, e compostos das brigadas Lameth, Clement, Taupin, e Vanfreland.—A pacificaçaõ da Suabia deixa sem emprego o corpo de observaçaõ do Gen. Beamont, que se reunio, em Augsburgo, e onde acham mais de 3.000 dragoens.—O furor dos principes da casa de Lorraine, contra a cidade de Vienna, pode pintar-se em um só

traço. A capital he aprovisionada por 4 moinhos, estabelecidos na margem esquerda deste rio; elles fizeram-nos tirar, ou destruir.

Operaçoens do exercito da Italia.

O Vice-rey commandante em chefe informa o Ministro da guerra, da serie de operaçoens do exercito de Italia. Despois da passagem do Tagliamento, e das vantagens ganhadas no combate de S. Daniel, a retaguarda do inimigo, que éra sempre perseguida com a espada nos lombos, foi alcançada em Venzone, pela nossa guarda avançada, debaixo do commando do gen. Dessaix. Mostrou querer defender-se, mas foi logo derrotada, tomáram-se-lhe 430 prisioneiros, entre os quaes havia muitos officiaes do Estado-maior. — O gen. Colloredo, que a commandava, foi ferido em uma coxa, por um tiro. A nossa perca consiste em dozes mortos, e 54 feridos.—O inimigo havia queimado todas as pontes do Fella, mas vencêram-se todos os obstaculos. Tinha-se fortificado no forte de Malborghetto, e sobre o monte Predal. Estas posiçoens foram voltadas; a primeira debaixo do fogo do forte, e sem perder um só homem, a segunda pelos vales de recolana e de Dogna. As tropas encarregadas destes movimentos encontráram o inimigo juncto a Tarvis, e tomáram esta villa á bayoneta calada. O forte de Marlborghetto foi canhonado aos 17, desde as 5 horas da manhaã, até as nove e meia. Ordenou-se entaõ o assalto. Em meia hora todos os parapeitos, e palissadas fôram assaltados, e penetrados ao mesmo tempo, e o inimigo perseguido e forçado, com grande carnagem, até aos seus ultimos entrincheiramentos. Deixou 300 homens sobre a praça, tomáram-se 350 prisioneiros, dous obuzes, 5 peças de tres, uma de seis, duas de 12, e muniçoens consideraveis. A tomada deste forte, que se chamava *l'Osapo de la carinthia*, só nos custou 80 homens, que ficassem impossibilitados de entrar, em combate. Devemos este pequeno numero de nossos feridos á rapidez com que as nossas tropas se arremeçáram. O principe Vice-rey louva o gen. Grenier, que dirigio tudo debaixo de suas ordens; o general Durutte; gen. Patethod, que foi primeiro a entrar nos intrincheiramentos do inimigo; o chefe de batalhaõ Amoretti que foi ferido, o chefe de batalhaõ Colas do regimento 102; e do capitaõ Gerin de artilheria. Os granadeiros e volteadores do 1° de linha, e do 52, 62, e 102, se distinguíram muito particularmente.—No mesmo dia, e immediatamente despois da tomada do forte de Malborghetto, o principe Vice-rey foi sobre Tarvis,

onde uma nova victoria coroou ésta jornada. O inimigo tinha se estabelecido da outra parte do vale estreito e profundo, por onde corre o Schlitza, occupando, com 5 regimentos de linha, e muitos batalhoens Croatas, uma linha dobrada de redutos elevados uns acima dos outros, e guarnecidos por 25 peças de canhaõ. Deixava ver na retaguarda uma numerosa cavallaria. Estes corpos éram commandados pelos generaes Giulai e Frimont.—A nossa guarda avançada, sustentada pelas brigadas Abbé e Valentin, attacou em frente, e a divisaõ Fontanelli attacou a esquerda do inimigo. Esta divisaõ, que naõ tinha ainda a sua artilheria, naõ achou obstaculo no fogo das batterias inimigas, a quem naõ deo outra resposta senaõ bater a carga, e derrotando o inimigo á bayoneta, destruio tudo quanto achou diante de si. O inimigo fugio na maior desordem, e a vanguarda o acabou de pôr em uma completa derrota. Deixou no campo de batalha um grande numero de mortos; 3.000 homens prisioneiros, e 17 peças de artilheria. Nos naõ tivemos 200 homens, que ficassem incapacitados de combater. Os gen. Fontanelli, e Bonfanti, o coronel Tuchi, do 1°. de linha Italiano, e o Major Grenier, do 60 de linha, se distinguiram. A artilheria do exercito assim como a divisaõ Serras, estavam demoradas pelo forte do Predel. O Vice-rey ordenou ao Major Grenier, que fosse ter com tres batalhoens, e duas peças, ao vale de Raibell, para attacar o forte pela retaguarda, em quanto o gen. Serras, que estáva informado deste movimento, o attacaria, em frente. Em um quarto de hora foi este forte tomado, e tudo quanto estava nas palissadas foi passado ao fio da espada. A guarniçaõ éra de 400 homens, dous somente escapáram. Acharam-se no forte 8 peças de artilheria.—Aos 19, 20, e 21, marchou o exercito de Tarvis para Villach, Klagenfurt, e Saint-Weit. Aos 22, 23, e 24, entrou em Fresach, Unzmarkt e Knittfeld.—A ala direita do exercito commandada pelo gen. Macdonal, e composta das divisoens Broussier e Lamarque, e da divisaõ de dragoens Pully, tinha sido mandada sobre Goritz. Passou ella o Isonzo aos 14; e aos 15 tomou a posiçaõ de Goritz, apezar dos esforços do inimigo. Em Goritz se tomáram onze peças de canhaõ, dous morteiros, e muitas provisoens de artilheria.—Aos 17 A divisaõ Broussier forçou o inimigo, ante Prevald, e obrigou a retirar-se precipitadamente para Taysbach. A divisaõ Lamarque, que marchava pelos caminhos de Podvel, e Poderay, derrotou por toda a parte o inimigo, em seus passos, e fez 400 prisioneiros, um dos quaes he coronel, e 15 officiaes; e tomou uma peça de artilheria.—Aos 18, o gen. Schilt entrou em Trieste, e em sua marcha tomou 4 ou 500 prisioneiros. Aos 20, o

gen. Brousier intimou e fez capitular os fortes de Prevald; 2:000 homens depuzéram as armas. Tomáram-se 15 peças de artilheria, armazens consideraveis, e muniçoens de guerra, e de boca.—Aos 21 os fortes de Laybach fôram reconhecidos, e apertados de mui cerca. Aos 22 o gen. Macdonald encarregou ao gen. Lamarque do attaque da esquerda, e ao gen. Broussier do attaque da direita, e a cavallaria foi disposta de maneira que pudesse cortar a retirada do inimigo. No mesmo dia pela tarde, estes fortes, que custáram a Austria sommas enormes, e que só estavam defendidos por 4.500 homens, pediram capitulaçaõ. Os generaes Giulai e Zach, á vista das disposiçoens do attaque, se salváram com alguns centos de homens. Um Tenente general, um coronel, tres mayores, 131 officiaes, e 4.000 homens depuzéram as armas. Achou se nos fortes, e no campo intrincheirado 55 bocas de fogo, 4 bandeiras, 8.000 espingardas, e muitos armazens.—O principe Vice-rey louva muito o gen. Macdonald, que tem dirigido todas as operaçoens da ala direita do exercito; os gen. de divisaõ Broussier, e Lamarque se tem distinguido.—Quando o exercito de Italia chegou a Knttelfelds, foi o principe Vice-rey informado, que as reliquias do corpo do gen. Jellachich, escapando ao exercito de Alemanha, tinham sido alcançadas em Rottenmann; por varios batalhoens que vinham do interior; e formavam ao todo um corpo de sette a oito mil homens, dirigidos sobre Leoben. A divisaõ Serras teve ordem de forçar a marcha; para chegar antes delle á encruzilhada dos caminhos. Aos 25 ás 9 horas da manhaã, encontrou a sua vanguarda o inimigo; que desembocava pelo caminho de Mautern. O inimigo formou-se na vantajoza posiçaõ de St. Michel, com a direita apoyada em montanhas escarpadas, e a esquerda em o Mur; occupava o centro um plano de difficil accesso. O gen. Serras foi encarregado do attaque em frente, com uma brigada da sua divisaõ, e uma brigada da divisaõ Durutte, commandada pelo gen. Valentin. Havia na retaguarda da sua linha, o 9 e 6 de caçadores acavallo, commandados pelos coroneis Triare e Delacroix, ajudante de campo do principe. O Gen. Durutte estava em reserva, com o resto da sua divisaõ. Sobre as duas horas começou o attaque em toda a linha; e em toda a parte foi o inimigo derrotado: o plano foi tomado, e a cavallaria acabou o destroço. Ficáram sobre o campo de batalha 800 Austriacos; 1.200 feridos, com 70 officiaes ficáram prisioneiros. Tomaram-se duas peças de artilheria e uma bandeira. O gen. Jellachich, com outros dous generaes, e 60 dragoens fugiram á redea solta. O gen. Serras entrou em Leoben ás 6 horas da tarde, e aprisionou 600 homens. Um numero quasi igual se salvou nas

montanhas largando as armas. Assim tudo o que restava do corpo do gen. Jellachich foi destruido nesta jornada, nos tivemos 500 homens que ficaram incapazes de combater. O principe Vice-rey fez um elogio particular ao gen. de divisaõ Serras, aos gen. Roussel e Valentin, aos coroneis Delacroix e Triare, ao ajudante-commandante Forcitier, ao Cap. Aimé do 9 de caçadores, o qual tomou uma bandeira; o tenente Bougeois do 102, que com 4 caçadores acavallo, tomou uma peça de artilheria, despois de ter morto os artilheiros. Na manhaã de 26 ao meio dia, chegou o exercito de Italia a Bruck, onde fez a juncçaõ com o gen. Lauriston, e com o exercito da Alemanha.

Buletim 14. Ebersdorf, 1 de Junho, de 1809.

Ás pontes sobre o Danubio estaõ inteiramente restabelecidas, addio-se-lhe uma ponte volante, e prepáram-se todos os materiaes necessarios para lançar outra ponte de jangadas. Sette malhos batem a estacada; mas tendo o Danubio, em muitas partes, 24 e 26 pes de fundo, gasta-se, sempre, muito tempo para fazer segurar as anchoras, quando se deslocam os malhos. Entretanto adiantam-se os trabalhos, e em pouco se terminaraõ. O gen. de brigada de engenheiros, Lazowski, fez trabalhar na margem esquerda, em uma cabeça de ponte, que terá 1.600 toezas de periferia, e que será cuberta, por um bom fosso, cheio de agoa corrente. O 44 de equipagem da flotilha de Boulogne, commandado pelo cap. de navio Baste, chegou ja. Grande numero de bateis batem todas as ilhas, cobrem a ponte, e fazem grandes serviços. O batalhaõ de artifices da marinha trabalha na construcçaõ de pequenos barcos armados, que servirão para dominar inteiramente este rio.—Despois da derrota do corpo do gen. Jellachich, Mr. Mathieu, capitaõ adjuncto do estado-major do exercito da Italia, foi enviado, com um dragaõ de ordenança, pelo caminho de Saltzbourg; tendo encontrado successivamente uma columna de 650 homens de tropa de linha, e uma columna de Landwehrs, ambas as quaes estávam cortadas, e extraviadas, intimou-lhe que se rendessem, e

ellas depuzéram as armas.—O general de divisaõ Lauriston chegou a Oedenbourg, primeiro Comitato de Hungria, com uma forte guarda avançada. Parece que ha na Hungria sua fermentaçaõ, e que os espiritos se acham la mui divididos; e que a maioridade naõ he favoravel á Austria.—O gen. de divisaõ Lassalle tem o seu quartel general defronte de Presbourg, e leva os seus postos até Altenbourg, e juncto de Raab.—Tres divisoens do exercito de Italia chegáram a Neustadt. O Vice-rey ha dous dias que está no quartel general do Imperador.—O gen. Macdonald commandante de um corpo de exercito da Italia, entrou em Gratz. Achou-se, nesta capital da Styria, immensos armazens de viveres, e effeitos de vistuario, e petrechos de toda a especie.—O Duque de Dantzick está em Lintz.—O principe de Ponte corvo marcha sobre Vienna. O gen. de divisaõ Vandamme, com os Wirtemburguezes, está em St. Polten, Mautern, e Krems.—No Tyrol reyna a tranquilidade. Cortados pelos movimentos do duque de Dantzick, e do exercito da Italia, todos os Austriacos, que imprudentemente se tinham empenhado nesta ponta fôram destruidos uns despois dos outros, como o corpo de Jellachich pelo exercito da Italia. Os que estavam em Suabia naõ tivéram outro recurso senaõ tratar de ir em partidas para a Alemanha, dirigindo-se ao alto Palatinado. Formávam elles uma pequena columna de infanteira, e de cavallaria, que se tinha escapado de Lindau, e que foi encontrada pelo coronel Bieset; do corpo de observaçaõ do general Beaumont. Foi cortada em Neumack, e a columna inteira, officiaes e soldados, depôz as armas.—Vienna está tranquila; ha paõ e vinho em abundancia; mas a carne, que ésta capital tirava do centro da Hungria, começa a ser rara. Contra todas as razoens politicas, e todos os motivos de humanidade, faz o inimigo tudo o que he possivel para reduzir á fome os seus compatriotas, e ésta capital que encerra suas mu-

lheres e seus filhos. Dista bem deste modo de proceder o de nosso Henrique IV. nutrindo elle mesmo uma cidade que éra entaõ inimiga, e que elle sitiava.—O duque de Montebello morreo hontem pelas cinco horas da manhaã. Algum tempo antes se havia o Imperador entretido com elle por mais de uma hora. S. M. tinha mandado buscar, pelo gen. Rapp, seu ajudante de campo, ao Doutor Franc, um dos medicos mais celebres da Europa. As feridas estávam em bom estado; mas uma febre perniciosa fez, em poucas horas, os mais funestos progressos. Fôram inuteis todos os soccorros da arte.—S. M. ordenou que o corpo do duque de Montebello fosse embalsemado, e transportado á França, para la receber as honras, que saõ devidas a uma dignidade elevada, e a eminentes serviços. Assim acabou um dos militares mais distinctos, que tem tido a França: em numerosas batalhas em que se achou recebeo treze feridas. O Imperador foi extremamente sensivel a esta perca, que será tambem sentida por toda a França.

Buletim 15. Ebersdorf, 2 de Junho, de 1809:

O exercito de Dalmacia tem alcançado as maiores vantagens. Derrotou tudo quanto se lhe appresentou diante, nos combates de Mont Kitta, Gradchatz, Lieca, e Ottachatz. O general em chefe Shissevich foi aprisionado. O duque de Raguza chegou a Fiume aos 28; e assim fez a sua juncçaõ com o grande exercito, de que este da Dalmacia forma a ala direita. Far-se-ha publica a relaçaõ do duque de Raguza sobre estes differentes acontecimentos.—Aos 28, uma esquadra Ingleza de 4 vasos, duas fragatas, e um brigue, se apresentáram diante de Trieste, com a intençaõ de tomar a esquadra Russiana. O general conde Caffarelli acábava de chegar áquelle posto. Como a cidade estava desarmada, desembarcáram os Russos 40 canhoens, 24 de 36, e 16 de 24. Assestáram éstas peças em batteria, e a esquadra Russa amarrou-se com boças.

Estava tudo prompto para receber o inimigo, o qual vendo que lhe falhou o golpe de mão, se retirou. Um milhar de Austriacos, que passáram de Krems para a margem direita do Danubio fôram destroçados pelo corpo Wurtemburguez, que lhe aprisionou 60 homens.

Hespanha. Sevilha, 7 de Julho.

O tenente general D. Francisco Venegas dirigio, em data do 1°. deste mez, ao Senhor D. Antonio Cornel o Officio seguinte:

" Tenho a honra de remmetter copiada a V. Excellencia a parte, que me deo o Coronel D. Luiz Lacy da acçaõ de Torralbà, que he literalmente a seguinte: " Excellentissimo Senhor: o primeiro ensaio do corpo volante, composto do regimento de Burgos, da companhia de caçadores do de Cuenca, e do de cavallaria de Farnesio, se verificou hontem, 28, nos planos de Torralba, sorprendendo e atropelando o primeiro regimento de lançeiros Polacos, o 80 e 26 de caçadores Francezes de cavallo, e outros dois dos de cavallaria ligeira de Westphalia com duas peças de artilheria. Seriaõ cinco e meia da tarde quando me avisáraõ, que no dito povo se apresentava o primeiro corpo inimigo; voei de Almagro para o atacar, dando as ordens convenientes para começar, logo que a escuridade da noite ajudasse melhor as minhas intenções. Chegando esta, marchei á testa das minhas tropas, occupei um grande plano immediato ao povo, e nelle com ousadia se deo ás nove da noite a acçaõ mais gloriosa, attendida a hora, posiçaõ e superioridade do inimigo. Ocampo ficou juncado de cadaveres contrarios: os seus feridos devem ser em grande uumero: lanças, murrioens, malas, toda a especie de armas, cavallos, e um unico prisioneiro para testemunhar o facto, saõ o fructo desta feliz noite, em que se peleijou com enthusiasmo e valor. Pelo referido prisioneiro, e dos dragões Alemáens, que desertáraõ, se sabe que os ini-

migos suppoem terem sido atacados por mais de 8.000 Hespanhoes, cuja opiniaõ talvez tenha por objecto encobrir a vergonha de terem sido atacados por 900 infantes e 350 cavallos. Farnesio atacou á espada com valor, cumprindo os chefes, officiaes, e tropa os seus deveres. Distinguindo-se o Tenente D. Antonio de Vargas, commandante da descoberta. (Segue-se o elogio do corpo de Burgos, e da companhia de Cuencia.) O inimigo naõ se atreveo a picar-nos a retirada que fiz, em razaõ das noticias que tive de terem entrado em Daimiel consideraveis forças de cavallaria inimiga. Os desertores declaraõ que os inimigos tiveraõ 114 mortos, e muitos feridos, entre elles o seu coronel. A nossa perda he muito pequena, e della farei a relaçaõ apenas os corpos me derem as partes particulares. Por ora posso dizer a V. Excellencia, que ficáraõ levemente feridos o Capitaõ D. Antonio Manso, Ajudante do Regimento de Farnesio, e o Tenente do de Burgos, D. Pedro Lamparez, que naõ se quiz retirar: ficou contuso de varias cutiladas no chapeo o coronel de Farnesio D. Ramon Aviz de Zuza. Tudo o que ponho na presença de V. Excellencia para seu conhecimento, e para determinar o mais conveniente.—Estrada de Calatrava 29 de Junho de 1809.—Excellentissimo Senhor—Luiz de Lacy—Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Venegas.

Seguem-se depois os elogios que o General Venegas faz deste corpo, particularmente do coronel Luiz Lacy e pede ao Governo Supremo, que elle e outros commandantes sejaõ promovidos aos postos immediatos. Em consequencia disto S. M. se dignou promover a brigadeiros dos reaes exercitos a D. Luiz Lacy, e a D. Ramon Aviz de Zuza: conferio o posto immediato a D. Joaõ José de Olazabal, D. Joaõ Francisco Ortiz, D. Antonio de Vargas, D. Antonio Manso e D. Pedro Lamparez; sem prejuizo dos outros benemeritos, apenas o General em Chefe

emetter as noticias convenientes, e mandou que todos os officiaes e tropa, que concorrêraõ para esta acçaõ, tragaõ um signal ou distinctivo em prova della.

Parte do General D. Joaquim Blake.

Excellentissimo Senhor.—De Calanda remetti a Vossa Excellencia uma representaçaõ feita a Sua Magestade com data de 58 de Junho, participando-lhe o infeliz successo da acçaõ de Belchite, advertindo-lhe ao mesmo tempo, que no estado de abatimento a que a força da desgraça tinha reduzido o meu espirito, me naõ era possivel occupar-me das particularidades deste terrivel acontecimento. Sem embargo de conhecer o horror da confusaõ, e das consequencias, que se podem seguir desta derrota, que nem a Naçaõ, nem eu, nem os bons Officiaes do Exercito deviamos jámais esperar, pareceo me de absoluta necessidade inteirar a Vossa Excellencia para que o faça a Sua Magestade, naõ dos detalhes, mas do todo he uma acçaõ, que naõ chegou a ter effeito, senaõ para realizar um acontecimento, que ninguem podia suppôr possivel.

" Na parte que dei a Vossa Excellencia com data de 17 do corrente, lhe expuz a nossa situaçaõ, de que confiava tanto, que esperava que o inimigo que tinhamos á vista fosse rechaçado, no caso que tivesse a ousadia de nos atacar. A fortuna podia ser-nos contraria até o ponto de sermos vencidos; mas ninguem devia esperar que a tropa do meu commando fugisse sem combater, e que ao primeiros tiros de artilheria abandonasse uma posiçaõ que a punha ao abrigo dos ataques da cavallería, e d'o tras vantagens do inimigo, das que infundem algu vezes nos exercitos um certo terror panico, que os fugir sem saberem de que. Belchite está situado n clive de uns montes que quasi o rodeaõ, os quaes seu principio junto do caminho de Zeyla, de manei ar na Povoaçaõ ha uma descida, que p

ho sitio de Calvario. Os ditos montes seguem o caminho que vai a Fuende todos, e passa pelas fraldas de um oiteiro, situado mais adiante de outro aonde está a ermida de Pueyo. O terreno que lhe fica pela parte de diante, e estradas de Saragoça, hé plano, cheio de hortas, e olivaes, sem mais desigualdades que umas elevações, por onde atravessa o caminho da Puebla de Alborton, distante pouco mais de uma legoa de Belchite. Os montes por onde passa o mencionado caminho de Fuende todos, começaõ em Belchite na ermida de Santa Barbara, em cujos oredores ha muitos palheiros, e dois grandes edificios para recolher os gados. Estes edificios, e a ermida cobriaõ em flanco direito da nossa posiçaõ, para cujo fim se lhes tinhaõ aberto portinholas. Pela frente, e pela esquerda seguia-se a dita cordilheira de montes com algumas aberturas, e por trás tem um canal que vai ter ás hortas, passando por entre a povoaçaõ, e oiteiro do calvario. As tropas que estavaõ na ermida de Santa Barbara, e nos palheiros, naõ podiaõ ser atacadas pela cavallaria; nem o centro, sem que o inimigo se expuzesse a soffrer a acçaõ de muitos fogos cruzados. Os da esquerda podiaõ retirar-se a todo o tempo para a ermida de Santa Barbara.

" Em consequencia de tudo isto occupou-se a ermida do Pueyo, guarneceo-se o oiteiro do calvario com dois regimentos, e colocou-se o parque da artilheria atrás delle. Tambem guarnecemos os olivaes das hortas. A cavalleria estava no caminho de Saragoça, e na entrada do lugar para o cobrir, sustentada por outro regimento de infanteria. O resto da tropa occupou os montes, desde Santa Barbara, atê o caminho de Fuende todos, segundo as circumstancias do terreno, de maneira que formava em algumas partes tres linhas. Havia além disto tres columnas para sahir ao encontro do inimigo, caso que fizesse algum ataque vigoroso pela esquerda. Ainda que rechaçasse estas columnas, tinhamos a facilidade de nos retirar

para o centro, e flanco direito, aonde naõ podiamos ser atacados senaõ pela frente; o que impossibilitava o inimigo de nos perseguir por aquelle lado. Finalmente a artilheria estava em uma posiçaõ taõ vantajosa, que protegia o ataque das columnas; e em caso de desastre podia retirar-se para o mesmo ponto para onde se retiravaõ as tropas.

Já as tropas estavaõ nos seus postos, tendo protestado que desempenhariaõ as suas obrigações, em resposta a uma falla que lhes fiz sobre este assumpto, quando o inimigo despois de apparecer nas alturas de puebla de alberton marchou sobre a nossa esquerda, fazendo adiantar uma columna com duas peças de artilheria, precedida por um grande piquete. No tempo em que a nossa se reunia, appareceo no monte a testa da sua columna, e a sua artilheria disparou quatro, ou cinco tiros. No mesmo tempo arrebentáraõ-nos duas, ou tres granadas. e inutilizáraõ quatro, ou cinco homens. A nossa artilheria continuou a bater-se com a sua, ou para melhor dizer, respondeo aos seus tiros. Neste comenos principiou a fugir repentina, e desordenadamente um regimento sem fazer fogo, segundo dizem por ter cahido entre elle uma granada do inimigo. Este regimento foi seguido de outro, que tambem fugio sem disparar um tiro, o qual foi do mesmo modo seguido de outro, ficando finalmente abandonada aquella posiçaõ no espaço de poucos minutos, fugindo talvez alguns corpos por se naõ poderem sustentar no meio da confusaõ que os atropellava, e impedia os seus fogos. Assim ficámos sós os generaes, e alguns officiaes naquella posiçaõ, sem podermos reunir um corpo com que pudessemos fazer frente ao inimigo, passando pelo terrivel desgosto de vermos dispersar um exercito, que abandonou todos os seus effeitos, e largou as espingardas, e mochilas, fugindo a uma só divisaõ, que naõ tinha senaõ duas peças de artilheria. Naõ podiamos parar em quanto naõ en-

contrasemos o abrigo de uma praça forte; porque naõ era possivel reunir 900 homens para fazer frente ao inimigo. Naõ nos faltavaõ munições, nem viveres, e eu naõ omitti medida alguma das que dependiaõ dos meus esforços para procurar a victoria, ou ao menos para conservar com honra a gloria das nossas armas. Se Sua Magestade differir ao que lhe pedi na minha representaçaõ de 18, poderei mostrar com mais extensaõ o que acabo de expôr.

" Naõ julgo conveniente tratar aqui das causas destas dispersões, por desgraça assás communs nos nossos exercitos; mas naõ posso deixar de dizer, que basta o máo exemplo de alguns individuos para desanimar um exercito, sem que o general o possa saber, por chegarem difficilmente aos seus ouvidos as práticas dos homens tímidos, os quaes de ordinario costumaõ ser acutellados. Se o amor da minha Patria naõ sobrepujasse em mim á segurança da minha consciencia, ficaria socegado, sabendo que o mesmo exercito confessa, que naõ omitti nada como general, nem como soldado, para o conduzir ao caminho da honra. A mentira que os cobardes espalháraõ para encobrir a sua vergonhasa dispersaõ, de que havia chegado um reforço de 15 mil homens aos Francezes, mostra que naõ podem deixar de reconhecer, e confessar que fugíraõ, sem ter com quem se possaõ desculpar. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Xerta 22 de Junho de 1809.—Excellentissimo Senhor — Joaquim Blake—Excellentissimo Senhor D. Antonio Cornel.

Inglaterra.

Expediçaõ Ingleza no Scheldt, despacho official.

Quartel general de Middleburg, 7 de Agosto.

My Lord! Despois do meu ultimo officio, naõ tem occurrido cousa de maior importancia. Temos estado in-

essantemente occupados em trazer artilheria para o cerco, muniçoens, e petrechos para a vizinhança de Flushing; e as tropas tem estado occupadas na construcçaõ de baterias, e em adiantar as differentes obras diante da praça; mas tem sido naturalmente interrompidas, pelas grandes chuvas que aqui tem havido. O inimigo he activo e emprehendedor, e a guarniçaõ tem certamente recebido consideraveis reforços da costa fronteira; e até agora naõ tem estado no poder da flotilha, o previnir isto. Nestas circumstancias se achou que éra necessario desembarcar a divisaõ do ten. gen. Grosvenor; e dous batalhoens ligeiros da Legiaõ Alemaã fôram tambem ao presente postos em terra. Logo que se tomou Rammekins, eu determinei, que logo que se pudessem fazer os arranjamentos necessarios, passasse a infanteria do corpo do ten. gen. Conde de Rosslyn, com a divisaõ do ten. gen. Marquez de Huntley, e as brigadas ligeiras de cavallaria, para Beveland do Sul, afim de fazer uma juncçaõ com a reserva, commandada pelo ten. gen. Sir Joaõ Hope, e que os navios da cavallaria, e artilheria, juncto com os transportes da divisaõ do ten. gen. Grosvenor, ao momento em que se pudessem dispensar os seus serviços ante Flushing, fossem trazidos pela passagem estreita, e procedessem pelo Scheldt occidental acima; mas o decurso desta operaçaõ naõ pode ter lugar até que uma força naval sufficiente possa entrar no rio, e proceder adiante; porém o máo tempo, que temos constantemente experimentado, juncto á grande difficuldade de navegaçaõ tem até aqui frustrado todos os seus esforços. Por cartas do ten. gen. Sir Joaõ Hope, acho que o inimigo tinha, aos 5 do corrente, vindo para baixo com 28 barcas canhoneiras, juncto a Batz, e neste lugar fizéram uma viva canhonada, por algumas horas, mas fôram obrigados a retirar-se pelas peças do forte, e tudo está socegado naquella parte. Tenho a honra de in-

cluir uma lista das percas, que tem tido os diversos corpos ante Flushing. Tenho a honra de ser &c.

(Assignado) CHATHAM.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Extracto das percas. Mortos, 1 cirurgiaõ assistente, 25 soldados: feridos, 1 major, 6 tenentes, 2 alferes, 4 sargentos, 114 soldados: entraviados 4 soldados.

Middleburg, 1 de Agosto, 1809.

MY LORD! Despois de fechar o meu officio datado de hontem, fez o inimigo uma vigorosa sortida, juncto ás 5 horas da tarde, atacando com força consideravel a direita da nossa linha, occupada pela divisaõ do major gen. Graham. O attaque se dirigio principalmente sobre os nossos piquetes avançados, que fôram sustentados pelo 3° batalhaõ dos Royals, pelo 5., e 35 regimentos, commandando o Coronel Hay. Estes corpos, juncto com os destacamentos da artilheria Real, o 95, e os batalhoens ligeiros da Legiaõ Alemaã d'El Rey, recebêram o inimigo com a sua acustumada intrepidez; e despois de uma contenda de alguma duraçaõ, o forçáram a retirar-se, com perda consideravel, em mortos, feridos, e prisioneiros. O inimigo teve nesta acçaõ outra occasiaõ de testemunhar a superior valentia das tropas Britanicas; e nenhum exemplo conseguio o inimigo o fazer á menor impressaõ na nossa linha; e bem longe de tirar proveito de sua tentativa, foi obrigado a deixar algum terreno, bem vantajoso, onde estaõ agóra estabelecidos os nossos postos avançados. Eu naõ posso exprimir em termos demasiado energios o meu sentimento pela assidua vigilancia e habilidade, que manifestou o major gen. Graham; segurando, e mantendo o seu posto, contra os repetidos ataques que o inimigo fez para o desalojar; e tenho grande satisfacçaõ em informar a V. S. que o major gen. faz mençaõ, em termos da maior approvaçaõ do distincto comportamento, e valor dos of-

nes e tropas, que pelejáram nesta occasiaõ. Posso
ora remetter, para informaçaõ de V. S. um abstracto
a artilheria, muniçoens, e petrechos, que temos tomado
lesde que desembarcámos nesta ilha.

Tenho a honra de ser &c.

(*Assignado*) CHATHAM.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Quartel general de Middleburg, 16 de Agosto, de 1809.

MY LORD! Tenho a honra de informar a V. S., que
aos 13 do corrente, estando completas as batterias de
Flushing (e tomando ao mesmo tempo as suas para-
gens as fragatas, navios bombardeadores, e canhoneiras)
abrio-se o fogo á hora e meia despois do meio dia, com
52 peças de artilheria pezada; a que o inimigo respondeo
vigorosamente. Na mesma noite se completou uma ba-
teria addicional de seis peças de 24; e tudo continuou a
jogar sobre a cidade com pouca ou nenhûa intermissaõ até a
tarde do seguinte dia.—Na manhaã de 14 cerca das 10 horas,
as náos de linha, anchoradas na passagem Durloo, se fizé-
ram a vella, commandadas por Sir Ricardo Strachan, e
arranjando-se ao longo da linha de defeza do mar, man-
tivéram, durante a sua passagem, uma tremenda canhonada,
sobre a cidade, por varias horas, com o maior valor, e
melhor effeito possivel. Cerca das 4 da tarde, percebendo
que o fogo do inimigo tinha inteiramente cessado, e a ci-
dade appresentava a mais horrorosa scena de destruiçaõ,
estando incendiada em quasi todos os bairros, eu deter-
minei ao ten. gen. Sir Eyre Coote, que mandasse uma in-
timaçaõ á praça; o gen. Monnet deo em resposta, qu
replicaria á intimaçaõ logo que tivesse consultado um co
selho de guerra; concedera-se-lhe uma hora para este fi
havendo decorrido tempo consideravel, alem daqu
dáram-se recomeçar as hostlidades co
horas da noite uma das

rias inimigas; avançada sobre o Sea Dike, em frente da posiçaõ do ten. gen. Frazer, foi valorosamente levada á ponta da bayoneta; por destacamentos do 36, e 71, e batalhoens ligeiros da Legiaõ Alemaã d'El Rey, commandando o ten. coronel Pack; tendo em opposiçaõ grande superioridade de numero: fizéram 40 prisioneiros, e mataram e ferîram grande numero do inimigo.—Naõ devo deixar de mencionar, que, na noite precedente, foi tambem forçado um entrincheiramento em frente da posiçaõ do major gen. Graham; com igual valentia; obrando o reg. 14; e destacamentos da Legiaõ Alemaã d'El Rey, sob o ten. cor. Nicholls, que expulsou dali o inimigo, e fez um alojamento a tiro de espingarda dos muros, tomando uma peça, e 30 prisioneiros. Cerca das duas horas da manhaã, pedio o inimigo uma suspençaõ d'armas por 48 horas, o que foi recusado, concedendo-se-lhe somente duas horas; quando elle conveio em render-se, na forma da intimaçaõ, sobre a base de que a guarniçaõ ficaria prisioneira de guerra.—Agora tenho a satisfacçaõ de informar a V. S. que concordando-se nestes preliminares; logo que o Almirante desembarcou de manhaã, o coronel Long, ajudante general, e o Capitaõ Cockburn, da armada Real, fôram nomeados para negociar os artigos da capitulaçaõ, que tenho a honra de incluir aqui. Elles fôram ratificados ésta manhaã pelas 3 horas, quando os destacamentos dos Royals, pela esquerda, tomáram posse das portas da cidade: a guarniçaõ marchará para fóra amanhaã, e se embarcará o mais depressa que for possivel.—Tenho de dar os parabens a V. S. do rendimento de uma praça taõ indispensavelmente necessaria ás nossas futuras operaçoens; pois muito grande proporçaõ de nossa força se requerîa neste lugar para levar a diante o cerco com aquelle gráo de vigor e celeridade, que tornávam absolutamente necessarios os meios de defensa, que possuia o inimigo, e particularmente a sua faculdade de inundar, o que se îa extendendo a um ponto

de assustar. Esperando, se as circumstancias o permittissem, o proceder pelo rio acima, logo de principio, havia eu encarregado ao ten. gen. Sir Eyre Coote a direcçaõ dos arranjos particulares do sitio, e das operaçoens ante Flushing; e naõ posso expressar sufficientemente os meus sentimentos pelo indefatigavel zelo, e trabalho, com que elle conduzio o arduo servico, que lhe fôra confiado; no qual fôra habilmente ajudado pelos ten. coroneis Walsh, e Offerey, que lhe fôram addidos, como assistentes, nas repartiçoens de ajudante, e quartel-mestre general.—Tenho toda a razaõ de estar satisfeito, com a judiciosa maneira em que os officiaes generaes dirigîram as differentes operaçoens; assim como com o espirito e inteligencia que manifestáram os officiaes commandantes dos corpos, e o zelo e ardor de todas as classes e officiaes.—He com o maior prazer que refiro a uniforme boa conducta das tropas, que, em todas as occasioens, tem naõ somente mostrado a maior intrepidez na prezença do inimigo; mas tem supportado com o maior prazer e alegria, as laboriosas obrigaçoens, que tinham de preencher.—O activo e perseverante esforço dos Engenheiros Reaes, tem sido conduzido com muita arte, e juizo, pelo coronel Tyers, ajudado pelo ten. cor. D'Arcey; e he-me impossivel fazer assas justiça á distincta conducta dos officiaes e gente da artilheria Real, debaixo da habil direcçaõ, e animante exemplo do brigadeiro general M'Leod.—Os marinheiros, cujos trabalhos havîam ja sido taõ uteis ao exercito, procuráram a sua remuneraçaõ, em ulterior oportunidade de se distinguirem; e uma das baterias lhes foi confiada, e elles a servîram com admiravel vigor, e effeito.—Devo aqui pedir licença para exprimir os meus vehementes sentimentos, pela constante e cordeal cooperaçaõ da frota, em todas as occasioens; e o meu mais profundo reconhecimento he particularissimamente devido ao Cap. Cockburn do Belleisle, commandante da flotilha, e ao Cap. Richardson, do Cesar, *commandante* da brigada de marinheiros, que desembar-

cáram com o exercitos. Tenho a honra de incluir a lista da guarniçaõ de Flushing; e alem disso tenho sabido, que a demais do numero de mortos, que era consideravel, se transportáram para Cadsand mais de 1.000 feridos, antes de se investir completamente a cidade. Ajuncto tambem aqui o estado dos desertores, e prisioneiros; exclusivos da guarniçaõ de Flushing. Este officio será entregue a V. S. pelo meu primeiro ajudante de campo, major Bradford, que he plenamente capaz para dar a V. S. toda a demais informaçaõ, e a quem peço licença para recommendar vivamente á protecçaõ de S. M.—Tenho a honra de ser, &c. &c. *(Assignado)* CHATHAM.

Capitulaçaõ de Flushing.

Sua Exª. o General de divisaõ Monnet, um dos Commandantes da Legiaõ d'Honra, commandante em chefe da fortaleza de Flushing, havendo authorizado a Mr. L'Eveque, cap. dos Engenheiros Imperiaes, e Mr. Montonnet, cap. da artilheria Imperial para tractar dos termos de capitulaçaõ para o rendimento da praça de Flushing ás tropas de S. M. Britanica; e S. Exª. o Ten. gen, Conde de Chatham, Cav. do banho &c. e o Contra-almirante Sir Ricardo Strachan, Cav. do banho &c. commandantes em chefe das forças militares e navaes, ante Flushing, tendo authorizado ao cap. Cockburn, do navio de S. M. Belleisle, commandante da flotilha Britanica; e o coronel Long, ajudante-general, para tractar junctamente com os dictos commissarios, elles tem, depois de haver trocado os seus respectivos plenos poderes, concordado nos artigos seguintes.—

Art. 1. A guarniçaõ de Flushing será prisioneira de guerra, e marchará para fóra da praça, com as honras da guerra; depositaraõ as armas no caes da porta do mar; voltaraõ para a França debaixo de pálavra; e, pelo espaço de um anno, naõ pegaraõ em armas contra S. M. Britanica; ou alliados seus, que o fossem ao tempo da capitulaçaõ. Este artigo he applicavel ao official de marinha actualmente em Flushing.—*Resposta.* A guarniçaõ de Flushing terá permissaõ de marchar para fóra da praça com as honras da guerra requeridas; deporaõ as armas na esplanada; mas devem ser considerados prisioneiros de guerra, e como taes remettidos para Inglaterra.—Os officiaes de marinha teraõ a mesma sorte do resto da guarniçaõ.

Art. 2. Os officiaes generaes e do Estado maior, officiaes de ma-

rinha, e dos corpos, que compoem a guarniçaõ, conservaraõ as suas armas, cavallos, e toda a propriedade que lhes pertencer. Os officiaes inferiores, soldados, marinheiros, e criados dos officiaes conservaraõ as suas muchilas.—*Resposta.* Concedido.

Art. 3. Os doentes e feridos, capazes de sahir, seraõ transportados para a França; o resto dos doentes será deixado ao cuidado e humanidade do general commandante das tropas de S. M. Britanica, e mandados para os dominios Francezes, logo que a sua condiçaõ lhes permittir; deixar-se-ha um sufficiente numero de ajudantes de medecina; para ter cuidado dos doentes; estes assistentes medicos teraõ as mesmas raçoens dos de S. M. Britanica.—*Resposta.* Os doentes e feridos devem ser considerados como prisioneiros de guerra. Os que estiverem em estado de ser removidos se embarcaraõ com a guarniçaõ; o resto ficará sob o cuidado dos medicos e cirurgioens Francezes, até que o seu restabelicimento admitta o serem removidos. Os medicos e cirurgioens receberaõ as raçoens, que usualmente se concedem aos prisioneiros de guerra, de sua graduaçaõ e descripçaõ; junctamente com a demais remuneraçaõ, pelo seu cuidado dos doentes, que o General commandante do exercito Britanico for servido conceder-lhe.

Art. 4. Os naõ-combatentes, taes como o Sub-inspector, commissario de guerra, ajudantes medicos, cabeças das differentes repartiçoens administrativas, naõ seraõ considerados prisioneiros de guerra; teraõ liberdade de dispor dos seus effeitos, e da sua propriedade particular, e pessoal, e de a levar para a França; assim como todos os documentos relativos ás suas contas, em ordem a justificar a sua conducta para com o governo Francez. Este arranjamento he applicavel aos commissarios e officiaes civis de marinha, de artifices, e do serviço do porto, aos officiaes das alfandegas, e direitos, assim como ao pagador do exercito e marinha.—*Resposta.* Os officiaes e outros mencionados neste artigo, todos os addidos ao exercito Francez, e em uma palavra os Francezes de toda a descripçaõ, naõ habitantes de Flushing, antes do anno de 1807 seraõ mandados para Inglaterra, e ao despois tractados segundo aquelles arranjamentos, que se houverem de fazer entre os dous governos, a respeito dos naõ-combatentes, a sua propriedade particular e pessoal será respeitada, e se lhe dará permissaõ de reter todos aquelles papeis, que especificamente se referirem, ou puderem ser necessarios ao ajuste de suas contas. Todos os Francezes, e outros, que tiverem permissaõ de ficar, se espera que prestaraõ juramento de fidelidade a S. M. Britanica, quando forem a isso requeridos, e se conformaraõ a todas as leis e regulamentos, que *ao diante possa fazer* o Governo Britanico.

Art. 5. Se naõ se tiver feito alguma estipulaçaõ particular a respeito dos doentes que ficáram em Middleburg debaixo do cuidado dos ajudantes medicos, e dos officiaes do dicto hospital, serão tractados segundo os artigos 3°. e 4°. da presente capitulaçaõ.—*Resposta.* Concedido, conforme a resposta dada ao 3°., e 4°. artigo.

Art. 6. A propriedade dos habitantes será respeitada, elles teraõ liberdade de retirar-se para a França, com a sua propriedade particular, teraõ toda a segurança a este respeito, naõ seraõ molestados, de nenhuma maneira, por suas opinioens, ou parte que tenham tomado durante o cerco.—*Resposta.* A propriedade dos habitantes de toda a descripçaõ será respeitada; ficando entendido, que todos os armazens navaes e militares seraõ postos em requisiçaõ, até que se prove serem propriedade particular de individuos; e, nesse caso, o Governo Britanico terá liberdade de fazer uso da mesma, pagando aos proprietarios uma justa remuneraçaõ. Aquelles habitantes, que desejarem retirar-se para a França, e certificarem essa sua intençaõ dentro em oito dias despois da ratificaçaõ desta capitulaçaõ; teraõ permissaõ de o fazer, dentro do periodo, que for determinado pelo commandante em chefe Britanico; e nenhum habitante será molestado, por causa de opiniaõ ou conducta, que até aqui possa ter adoptado.

Art. 7. As necessarias carruagens, e vasos seraõ fornecidos pelos commissarios Inglezes, para transportar deste lugar para os dominios Francezes os doentes, e effeitos particulares dos officiaes. Estes effeitos naõ seraõ examinados, e teraõ plena segurança durante a sua passagem.—*Resposta.* Todas as despezas de transportar a guarniçaõ Franceza, doentes, &c. com a sua bagagem, para Inglaterra, seraõ, por consequencia, pagas pelo Governo Britanico.

Art. 8. Se houver alguma difficuldade, na interpretaçaõ dos sobredictos artigos; será ajustada pelos abaixo assignados commissarios, e quanto fôr possivel a favor da guarniçaõ.—*Resposta.* Concedido.

Dado sob nosso signal em Flushing, aos 15 de Agosto, de 1809.

(Assignados) Geo. Cockburn.
Rob. Long.
F. Montonnet.
P. L'Evequé.

Artigos addicionaes.

Art. 1. Os abaixo-assignados commissarios tem concordado, que toda a artilheria, armazens navaes e militares de toda a descripçaõ, assim como todos os mappas, cartas, planos, memorias militares, &c.

e toda a propriedade publica qualquer; sera entregue com inventario dos commissarios, que forem nomeados pelos generaes commandantes Britanico e Francez, para junctamente entregar e receber a dicta.

Art. 2. He igualmente concordado, que logo que a ratificaçaõ da presente capitulaçaõ for trocáda as portas da cidade, e comportas dos diques seraõ occupadas por destacamentos do exercito Britanico, e as tropas Francezas evacuaráõ as fortalezas ao meio dia de 17 do corrente.

Art. 3. He outrosim concordado, que esta capitulaçaõ será ratificada pelos generaes, commandantes em Chefe, dos exercitos Britanico, e Francez, e que as ratificaçoens seraõ trocadas nos postos avançados Francezes, sobre a estrada de Middleburg, as 12 horas da noite; e faltando isto a presente capitulaçaõ, e suspensaõ d'armas, seraõ consideradas nullas, e invalidas.

Dado sob nosso signal, em Flushing, aos 15 de Agosto, de 1809.

(*Assignados*) Os mesmos.

Approvada e ratificada por nós.

(*Assignados*) CHATHAM, Ten. gen. Commandante das forças.
R. STRACHAN, Contra-almirante, comm. das forças navaes.

Examinado e ratificado.

(*Assignado*) MONNET, Gen. de divisaõ.

Esta conforme. T. CAREY, Tn. cor. Secr. militar.

Guarniçaõ de Flushing, 16 officiaes do Estado maior 101 officiaes: 3773 officiaes inferiores e soldados: 498 doentes e feridos.—Total da guarniçaõ prisioneira 4.979.

Perca do exercito Inglez. Mortos 3 officiaes: 1 sargento: 1 tambor: 26 soldados. Feridos 15 officiaes: 5 sargentos: 2 tambores: 83 soldados: Extraviados 1 soldado.

Exercito Inglez na Hespanha.

Carta official do Gen. Wellesley ao Secretario de Guerra.

Placencia, 15 de Julho, 1809.

MY LORD! Despois de ter escripto a V. S. no 1º. do corrente, Jozé Bonaparte cruzou outravez o Tejo, e se unio a Sebastiani com as tropas que trouxéra de Madrid, e com um destacamento do corpo do Marechal Victor, *fazendo* o corpo de Sebastiani de cerca de 28.000 homens,

com intençaõ de attacar o corpo de Vanegas. Vanegas porém se retirou para ás montanhas da Serra Morena, e o Coronel Larcy, com a sua guarda avançada, attacou de noite um corpo avançado Francez, e destruio muitos delles. As tropas Francezas voltáram outravez para o Tejo: Jozé Bonaparte cruzou este rio com o reforço que tirara do corpo de Sebastiani, o qual consistia de 10.000 homens somente, e estava na margem esquerda do Tejo, cerca de Madrilejos, em frente de Vanegas, que marchava outravez avançando. As ultimas noticias da quella parte saõ de 8. O exercito Francez, commandado por Victor, unido aos destacamentos, que Jozé trouxe do corpo de Sebastiani, montando tudo a cerca de 35.000 homens, estaõ concentrados nas vizinhanças de Talavera, e sobre o Alberche. O exercito do ten. gen. Cuesta tem estado na posiçaõ que informei a V. S., e onde se tem conservado desde que escrevi a V. S. no 1°. do corrente. A guarda avançada do exercito Britanico chegou aos 8; e as tropas, que estivéram comigo no Tejo, chegáram aos 10, o 23 dé dragoens ligeiros, e o 48 chegáram hontem; o 61 chegará amanhaã. Eu fui ao quartel de Cuesta, em Almaraz, aos 10, demorei-me lá até os 12; e tenho arranjado com aquelle general um plano de operaçoens sobre o exercito Francez, que principiaremos a pôr em execuçaõ aos 18, se os Francezes se demorárem até entaõ na sua posiçaõ.

O exercito Hespanhol commandado pelo gen. Cuesta, consiste em perto de 38.000 homens, exclusivamente do corpo de Vanegas; sette mil saõ de cavallaria. Obra de 14.000 homens estaõ destacados para a Ponte del Arzobispo, e o resto está acampado abaixo de Puente de Mirabete. Tenho o prazer de informar a V. S. que os sette batalhoens de infanteria de Irlanda, e ilhas, e as tropas da artilheria de cavallo de Gram Bretanha, chegáram a Lisboa no principio do mez. A brigada do gen Crauford,

anda em marcha para se unir ao exército, mas não chegará aqui até os 24, ou 25. Tenho a honra de ser, &c.

(*Assignado*) ARTHURO WELLESLEY.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Talavera de la Reyna, 24 Julho, 1809.

MY LORD! Segundo o arranjamento, que tinha ajustado com o gen. Cuesta, decampou o exercito de Placencia aos 17, e 18 do corrente, e chegou a Oropeso aos 20; onde formou uma junecão com o exercito Hespanhol, debaixo do seu commando. Sir Roberto Wilson tinha marchado aos 15 da Venta de Bazagon, sobre o Tietar, com a Legião Lusitana, um batalhão de caçadores Portuguezes, e dous batalhoens Hespanhoes; chegou a Erenas aos 19, e a Escalona sobre o Alberche, aos 23. O gen. Vanegas teve igualmente ordem de partir de Madrilejos aos 18 e 19, e marchar por Trenblequne o Ocaña para Puente-duenas sobre o Tejo, onde este rio se passa em um vão, e dahi para Arganda, devendo la chegar aos 22 e 23. Aos 22 os exercitos combinados se movêram de Oropeso; e a guarda avançada attacou os postos exteriores do inimigo em Talavera. A sua direita foi flanqueada pelo 1°. de Hussares, e pelo 23 de dragoens ligeiros, commandando o gen. Anson, dirigido pelo ten. gen. Payne, e pela divisão de infanteria commandada pelo major gen. Mackenzie, e fôram repulsados pela guarda avançada Hespanhola, commandada pelo gen. Jurgas, e Duque d'Albuquerque. Nos perdemos 11 cavallos, pelo fogo d'artilheria da posição do inimigo, sobre o Alberche; os Hespanhoes tivéram alguns homens feridos. Homem se formáram as columnas para o attaque, nesta posição, mas differio-se o attaque até ésta manhaã, a desejo do gen. Cuesta; quando se puzéram em movimento para o attaque os differentes corpos; mas o inimigo se havia retirado, pela uma hora até manhaã, indo para Sancta Olalla, e dahi para

Torrijos; para formar, julgo eu, a juncçaõ com o corpo do gen. Sebastiani. Eu naõ tenho podido seguir o inimigo, como desejava, por causa da grande falta de meios de transporte, na Hespanha. Eu incluo a copia de uma carta, que julguei conveniente dirigir sobre ésta materia ao major gen. O'Donoghue, ajudante general do exercito Hespanhol, logo que achei que este paiz naõ podia fornecer meios desta descripçaõ. O gen Cuesta tem instado com a Juncta Central, para que adopte medidas vigorosas, a fim de remediar as nossas necessidades; em quanto naõ for supprido, naõ julgo conveniente, e a fallar a verdade, naõ posso continuar as minhas operaçoens. Tenho grandes esperanças, porém, de que, antes de muito tempo, serei supprido da Andaluzia e La Mancha, com os meios que requeiro; e reasumirei entaõ as operaçoens activas, que fui compellido a abandonar. Tenho honra de ser, &c. &c. *(Assignado)* ARTHURO WELLESLEY.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Talavera de la Reyna, 29 de Julho, 1809.

MY LORD! O general Cuesta seguio a marcha do inimigo com o seu exercito, desde o Alberche, na manhaã de 24, indo a Santa Olalla, e adiantou a sua guarda avançada até Torrijos.—Pelas razoens, que referi a VS. no meu officio de 24, movi eu somente duas divisoens de infanteria, e uma brigada de cavallaria, cruzando o Alberche até Casalegos, commandando este corpo o ten. gen. Sherbrooke, com as vistas de conservar a communicaçaõ entre o gen. Cuesta, e mim, e com o corpo de Sir Roberto Wilson, em Escalona.—Parece que o gen. Vanegas naõ pos em execuçaõ aquella parte do plano de operaçoens, que dizîam respeitò ao seu corpo, e estava ainda em Daimiel, em La Mancha; e o inimigo no decurso dos 24, 25, e 26, ajunctou todas as suas forças, nesta parte da Hespanha, entre Torrijos e Toledo, deixando somente

um peqneno corpo de 200 homens naquelle lugar: O seu exercito assim unido consistia do corpo do marechal Victor, do corpo do gen. Sebastiani, e de 7 ou 8 mil homens das guardas de Jozé Buonaparte, auxiliadas pelos marechaes Jourdan, e Victor, e general Sebastiani.—Aos 26 a guarda avançada do gen. Cuesta foi attacada juncto a Torrijos, e obrigada a retroceder; e o gen. se retirou com o seu exercito, naquelle dia, para a margem esquerda do Alberche, continuando o gen. Sherbrooke em Casalegos, e o inimigo em Santa Olalla.—Foi entaõ obvio, que o inimigo querîa tentar o resultado de uma acçaõ geral, para o que a melhor posiçaõ parecia ser nas vizinhanças de Talavera; e havendo consentido o gen. Cuesta, em se postar, na manhaã de 27, eu ordenei ao gen. Sherbrooke, que se retirasse com o seu corpo para o seu posto, na linha, deixando o gen. Mackenzie, com uma divisaõ de infanteria, e uma brigada de cavallaria, como um posto avançado, nos matos, sobre a direita de Alberche, que cubriàm o nosso flanco direito.—A posiçaõ, que as tropas occupàvam em Talavera, se extendia a mais de duas milhas; o terreno éra aberto para a esquerda, onde estava postado o exercito Britanico, e era commandado por uma altura, sobre que estáva, em echelon, e em segunda linha, a divisaõ de infanteria, commandada pelo major general Hill.—Havîa um vale, entre ésta altura, e uma corda de montes que ficávam ainda mais para a esquerda; este vale naõ foi a principio occupado, por ter a cavalleiro de si a altura, acima mencionada; e a corda de montes pareceo demasiado distante para ter influencia alguma na acçaõ, que se esperava.—A direita consistia das tropas Hespanholas, e se extendia immediatamente em frente do lugar de Talavera, e para baixo até o Tejo. Esta parte do terreno éra cuberta de Olivaes, e muito interceptada de valados, e marachoens. A estrada maior, que vai da ponte do Alberche, estava defendida *por uma pezada* bateria, em frente da Igreja, que estava

occupada pela infanteria Hespanhola. Todas as entradas para a villa estávam defendidas por similhante modo; a villa estava occupada pelo resto da infanteria Hespanhola, formada em duas linhas, por de traz dos maraçhoens, nos caminhos que sahem da villa, e da direita para a esquerda da nossa posiçaõ. No centro, entre os dous exercitos havia um terreno elevado, sobre que se tinha começado a construir um reduto, com algum terreno aberto na retaguarda.—O brigadeiro general Alexandre Campbell foi postado neste lugar, com uma divisaõ de infanteria, sustentado, na retaguarda, pela brigada de dragoens do gen. Cotton, e alguma cavallaria Hespanhola. Cerca das duas horas, aos 27, appareceo o inimigo com forças, na margem esquerda do Alberche, e manifestou intençoens de attacar a divisaõ do gen. Mackenzie.—O attaque foi feito antes que elle pudesse retirar-se; mas as tropas, que consistiam das brigadas do gen. Mackenzie, e coronel Donkin, e á brigada de cavallaria do gen. Anson, sustentadas pelo gen. Payne com outros 4 regimentos de cavallaria, na planicie entre Talavera, e o mato; retiráram-se em boa ordem mas com alguma perca, particularmente o 2º. batalhaõ do regimento 87; e o 2º. batalhaõ do regimento 31, no mato.—Nesta occasiaõ a firmeza do regimento 45, e do 5º. batalhaõ do regimento 60, foi mui conspicua, e tive particular razaõ para estar satisfeito, com a maneira porque o gen. Mackenzie retirou a sua guarda avançada —Pelo dia adiante appareceo o inimigo, em maior numero, sobre a direita de Alberche; e era claro que elle se avançava a um attaque geral sobre o exercito combinado.—O gen. Mackenzie continuou a retirar-se gradualmente, sobre a esquerda da posiçaõ dos exercitos combinados, onde foi posto na segunda linha, na retaguarda das guardas; o coronel Donkin foi postado na mesma situaçaõ, mais para a esquerda, na retaguarda da Legiaõ Alemaã. O inimigo começou immediatamente o

seu attaque, no crepusculo da noite, por uma canhonada sobre a esquerda da nossa posiçaõ, e por uma tentativa com a cavallaria, para derrubar a infanteria Hespanhola, postada, como se disse a cima, na direita. Esta tentativa falhou inteiramente.—De noite cedo, puchou o inimigo uma divisaõ ao longo do vale, na esquerda da altura occupada pelo gen. Hill, e tomou, por um momento, posse da altura; mas o major gen. Hill o attacou instantaneamente com a bayoneta, e reganhou a posiçaõ.—Este attaque foi repetido durante a noite, mas falhou; e outra vez de dia na manhaã de 28, por duas divisoens de infanteria, e foi repulsado pelo major gen. Hill.—O major gen. Hill me referio de maneira mui particular a conducta do regimento 29, e do 1º. batalhaõ do regimento 48, nestas differentes acçoens, assim como do major gen. Tilson, e brigadeiro gen. Ricardo Stewart.—Nos perdemos muitos valentes officiaes e soldados, na defensa deste importante ponto da nossa posiçaõ: entre outros naõ posso deixar de mencionar os majores de brigada Fordice, e Gardner; e o mesmo major gen. Hill foi ferido, mas julgo-me feliz em poder dizer, que he cousa leve.—O máo successo neste attaque foi seguido, cerca do meio dia, de um attaque geral, com todas as forças do inimigo, sobre toda aquella parte da posiçaõ occupada pelo exercito Britanico. —Em consequencia das repetidas tentativas sobre a altura da nossa esquerda, pela parte do vale, coloquei no vale duas brigadas de cavallaria Britanica, sustentadas na retaguarda, pela divisaõ de cavallaria do gen. Albuquerque.—O inimigo pos entaõ a sua infanteria ligeira na corda de montes, á esquerda do vale, que fôram oppostos por uma divisaõ de infanteria Hespanhola, commandada pelo ten. gen. De Bassecourt.—O attaque geral principiou pela marcha de varias columnas de infanteria, para o vale; com as vistas de attacar a altura occupada pelo major gen. Hill. Estas columnas fôram immediatamente

carregadas, pelo 1°. de dragoens ligeiros Alemaens, e pelo 23 de dragoens, debaixo do commando do gen. Anson, dirigido pelo ten. gen. Payne, e sustentado pela brigada de cavallaria do gen. Fane, e posto que o 23 de dragoens soffreo uma perca consideravel, a carga teve o effeito de prevenir a execuçaõ de parte do plano do inimigo.—Ao mesmo tempo dirigio elle um attaque sobre a posiçaõ do brigadeiro gen. Alexandre Campbell, no centro dos exercitos combinados e na direita do Britanico.—Este attaque foi repellido, com o melhor successo, pelo brigadeiro gen. Campbell, sustentado pelo regimento d'El Rey de cavallaria Hespanhola, e dous batalhoens de infanteria Hespanhola, e o brigadeiro gen. Campbell tomou ao inimigo canhoens.—O brigadeiro gen. faz mençaõ particular da conducta do 97, 2°. batalhaõ do 7mo. e 2°. batalhaõ do 53; e eu fiquei muito satisfeito com a maneira porque ésta parte da posiçaõ foi defendida.—Fez-se tambem um attaque ao mesmo tempo sobre a divisaõ do ten. gen. Sherbrooke, que estava na esquerda e centro da 1ª. linha do exercito Britanico. Este attaque foi valorosamente repulsado por uma carga de Bayoneta de toda a divisaõ; mas a brigada das guardas, que estava á direita, tinha-se avançado demasiado, e exposto o seu flanco esquerdo ao fogo da batteria do inimigo, e das columnas que se retirávam; e a divisaõ foi obrigada a retirar-se para a sua posiçaõ original, coberta pela 2ª. linha da brigada de cavallaria do gen. Cotton, que eu tinha movido do centro; e do 1°. batalhaõ do regimento 48.—Eu movi este regimento da sua posiçaõ original nas alturas, logo que observei o avanço das guardas; e formou-se na planicie, e avançou sobre o inimigo, e cubrio a formaçaõ da divisaõ do ten. gen. Sherbrooke.—Pouco despois de se repellir este attaque geral, em que apparentemente se empregáram todas as tropas do inimigo, começou a sua retirada cruzando o Alberche; a qual foi conduzida com

a mais regular ordem, e se effectuou durante a noite, deixando em nossas maõs 20 peças de artilheria, munições, carros manchegos, e alguns prisioneiros.—V. S. observará, pela lista inclusa, a grande perca que tivemos em preciosos officiaes, e soldados, nesta longa acçaõ, contra mais do que o dobro do nosso numero. A do inimigo foi muito maior. Estou informado de que brigadas inteiras de infanteria fôram destruidas; e na verdade os batalhoens, que se retirávam, îam mui diminutos em numero. Por todas as contas a sua perça he de 10.000 homens. Os generaes Lapisse, e Morlot estaõ mortos; e os generaes Sebastiani e Boulet feridos.—Eu tenho de lamentar particularmente a perca do major general Mackenzie, que se distinguio no dia 27; e do brigadeiro gen. Langworth, da Legiaõ Germanica d'El Rey, e do major de brigada Becket, das guardas.—V. S. observara que os attaques do inimigo, éram, principalmente senaõ de todo, dirigidos contra as tropas Britanicas. O commandante em chefe Hespanhol, seus officiaes, e tropas, manifestáram toda a disposiçaõ de nos ajudar, e aquelles, que entráram em acçaõ, fizéram o seu dever; mas o terreno qué elles occupávam éra taõ importante, e ao mesmo tempo taõ difficultoso, que naõ julguei proprio o urgir a que elles fizessem movimento algum sobre a esquerda do inimigo, em quanto elle se occupava com nosco.—Tenho razaõ para estar satisfeito com a conducta de todos os officiaes e tropas. Estou muito obrigado ao ten. gen. Sherbrooke, pelo adjutorio que delle recebi, e pela maneira em que elle conduzio a sua divisaõ á carga de bayoneta.—Ao ten. gen. Payne, e cavallaria, particularmente a brigada do gen. Anson; aos majores gen. Hill e Tilson, brigadeiros gen. Alexandre Campbell, R. Stewart, e Cameron, e ás divisoens e brigadas de infanteria, sob seus respectivos commandantes; particularmente o reg. 29, commandado pelo coronel White; o 1°. batalhaõ do 48, commandado pelo

coronel Donnellan; e despois, quando aquelle official foi ferido pelo major Middlemore; o 2°. batalhaõ do 7mo., commandado pelo ten. coronel Bingham; o 97, commandado pelo coronel Lyon; o primeiro batalhaõ de destacamentos, commandado pelo ten. coronel Bunburg, o 2°. batalhaõ do 31, commandado pelo major Watson; e o 45 commandado pelo ten. cor. Guard, o 5°. batalhaõ do 60 commandado pelo major Davy, aos 27.—O avanço da brigada das guardas foi valorosamente conduzido pelo brigadeiro general Campbell, e quando foi necessario aquella brigada se retirou e formou na melhor ordem.—A artilheria; sob o brigadeiro gen. Howorth, foi tambem por todos estes dias do maior serviço; e tenho toda a razaõ de estar satisfeito com o adjuctorio que recebi do Chefe de Engenheiros ten. coronel Fletcher; o ajudante gen. brigadeiro gen. C. Steward, e quartel-mestre-general, Coronel Murray, e officiaes destas repartiçoens respectivamente, e do Coronel Bathurst, e officiaes do meu Estado maior pessoal.—Tambem recebi muito adjutorio do coronel O'Lawlor, do serviço Hespanhol, e do brigadeiro general Whittingham, que foi ferido conduzindo dous batalhoens Hespanhoes ao auxilio do brigadeiro gen. Alexandre Campbell.—Eu mando ésta pelo Capitaõ Lord Fitzroy Somerset, que dará a V. S. toda a informaçaõ ulterior, e aquem pesso licença para recommendar a V. S. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) ARTHURO WELLESLEY.

Abstracto das percas do exercito nos dias 27 e 28 de Julho.

Mortos, 5 do estado major general: 2 ten. coroneis: 1 major: 7 capitaens: 15 tenentes; 3 alferes: 1 ajudante: 28 sargentos: 4 tambores: 735 soldados.

Feridos. 9 do estado maior general: 10 ten. coroneis: 12 majores: 53 capitaens: 71 tenentes: 34 alferes; 6 ajudantes: 65 sargentos: 16 tambores: 3537 soldados.

Extraviados. 5 capitaens: 3 tenentes: 1 alferes: 15 sargentos: 9 tambores: 620 soldados. Total—5.367.

Extracto de uma carta d gen. Wellesley, ao Secretario da guerra, datada de Talavera, 1 de Agosto, 1809.

Despois que tive a honra de dirigir-me a V. S. aos 29 de Julho, tem continuado o inimigo a conservar a sua retaguarda, de cerca de 10.000 homens, nas alturas da esquerda de Alberche.—A extrema fatiga das tropas; a falta de provisoens, e o numero de feridos de que he necessario cuidar, me tem impedido o mover-me da minha posiçaõ.—O brigadeiro gen. Crauford chegou com a sua brigada, na manhaã de 29; tendo marchado 12 leguas Hespanholas, em pouco mais de 24 horas.

Extracto de outra carta da mesma data.

Quando vos escrevi esta manhaã naõ tinha ainda recebido as partes dos postos exteriores. Parece que o inimigo retirou a sua retaguarda, que estava postada nas alturas á esquerda do Alberche, a noite passada ás 11 horas, e todo o exercito marchou para Santa Olalla; julgo eu que com intençaõ de tomar uma posiçaõ nas vizinhanças de Guadarama.

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

Alemanha.

O armisticio entre o Imperador d'Austria e Bonaparte appareceo ja nos papeis Francezes; mas ha muita razaõ para suppor que as hostilidades recomeçaraõ em breve. O Archiduque Carlos resignou o seu lugar, em consequencia da perca da batalha de Wagram; e dizem que tomou o commando do exercito Austriaco o Principe de Lichtenstein, a grande amizade que existia entre estes dous chefes, e o distincto merecimento do segundo; me faz suppor que a mudança de general foi feita com o consentimento, tanto de toda a Corte, como do exercito, e nenhum dos rumores, que

andam em circulaçaõ explica a causa deste acontecimento, de maneira que satisfaça: arriscar portanto conjecturas nesta materia, seria fazer especulaçoens inuteis. Isto porém he evidente, que rompendo-se agora o armistício; Bonaparte ou hade abandonar inteiramente os paizes baixos aos Inglezes, o que dará occasiaõ a revoltas na Westphalia, e outras partes da Alemanha; ou hade enfraquecer o seu exercito do Danubio mandando grandes destacamentos para se oppor ás tropas Inglezas; seguindo o primeiro plano, naõ tem os Austriacos mais que prolongar a guerra, e evitar batalhas campaes, para que os Francezes se vejam com novos inimigos na retaguarda; e portanto em circumstancias mui apertadas. Seguindo o outro partido, he bem de esperar que as forças Austriacas sejaõ capazes de arrostar as Francezas, que poderaõ nesse caso ficar no Danubio; porque se os Austriacos tem perdido muito nas acçoens passadas, os Francezes naõ compráram as suas victorias, nesta campanha, se naõ á custa de muitas vidas; assim quaesquer destamentos, que enviem aos paizes baixos, se poraõ ao level dos Austriacos. O buletim Francez 30, concede que Austria entrou em campanha com 500 ou 600 mil homens; mas diz que está reduzida a uma quarta parte de suas forças; isto he exageraçaõ; mas concedendo-lhe, que he verdade, tem ainda a Austria em campanha 150.000 homens, que he uma força summamente respeitavel; e que se naõ annihila com palavras; e maior do que he possivel fazer entrar em combate n'uma batalha campal.

França.

A falla de S. M. B. no fim da sessaõ passada do Parlamento, foi por tal maneira pervertida nos papeis officiaes Francezes, que isto prova alèm de toda a duvida o desapejo com que aquelle governo falta a verdade; ainda em pontos cuja falsidade se pode facilimamente conhecer, como he neste caso.

Traducçaõ do original.

My Lords e Senhores! Temos ordem de S. M. para informar-vos, de que S. M. tem grande satisfacçaõ, em poder, visto o estado dos negocios publicos, dispensarvos da vossa laboriosa occupaçaõ no Parlamento.

S. M. naõ duvida, que voltando para as vossas respectivas provincias (counties) levareis com vosco a disposiçaõ de inculcar, tanto pela instrucçaõ, como pelo exemplo, o espirito de affeiçaõ a estas leis estabelecidas, e á esta feliz constituiçaõ, cujo apoio e mantença tem sempre sido objecto dos mais anciosos desejos de S. M.; e de quem, abaixo da Providencia, depende a felicidade e prosperidade deste Reyno.

Senhores da caza dos Communs.

Nos temos ordem de S. M. para vos agradecer o liberal provimento que tendes feito para os serviços do presente anno; e de vos exprimir a satisfacçaõ que resulta a S. M. de que vos pudesseis providenciar a estes serviços, sem grande, nem immediato augmento dos encargos de seu povo.

S. M. nos manda particularmente o reconhecer a vossa prompta attençaõ aos seus desejos, a respeito do augmento

Traducçaõ Franceza publicada no Moniteur, de 16 de Julho.

My Lords et Messieurs! Nous avons reçû de S. M. l'ordre de vous informer, que l'état present des affaires publiques permet á S. M. de vous dispenser de continuer plus long temps vos travaux en Parlement.

S. M. ne doute pás que vous ne retourniez dans vos provinces, avec l'intention d'employer toute l'influence de vos lumieres, e de vos examples pour graver de plus en plus dans le cœur de ses peuples le respect pour les lois etablies et l'attachement a cette hereuse Constitution, que le veu lé plus ardent de S. M. a toujours eté de defendre, e de laquelle, sous la protection de la Providence, depend le bonheur et la prosperité de ce Royaume.

Messieurs de la Chambre des Communes.

S. M. Nous ordonne de vous remertier d'avoir pourvu si liberalement au service de la presente annee, e de vous exprimer combien Elle est satisfaite de voir que vous avéz pû pourvoir a ce service sans presque avoir mis aucune nouvelle charge sûr son peuple.

S. M. nous commande particulierement de vous remercier de l'empressement que vous avez mis á seconder le desir q'Elle

de congruas da classe mais pobre do clero; objecto em que se interessavam ao maior ponto os sentimentos de S. M., e que merece a favoravel consideraçaõ do Parlamento.

My lords e Senhores.

O atroz e inaudicto acto de violencia e traiçaõ, pelo qual o Moderador da França atentou surprender, e reduzir á escravidaõ a naçaõ Hespanhola; ao mesmo tempo que tem excitado na Hespanha uma resistencia resoluta, e inconquistavel contra a usurpaçaõ e tyrannia do Governo Francez; tem igualmente despertado em outras Naçoens da Europa a determinaçaõ de resistir, por um novo esforço ás continuadas e sempre augmentadas usurpaçoens sobre a sua segurança, e independencia.

Ainda que a incerteza de todos os acontecimentos humanos, e as vicissitudes inherentes á guerra naõ nos permittem ter uma demasiada confiança n'um exito feliz desta luta contra o inimigo commum da Europa, com tudo S. M. nos ordena que vos demos os parabens dos esplendidos e importantes bons successos, que recentemente coroáram as armas do Imperador de Austria, debaixo da habil e distincta conducta de S. A. I. o Archiduque Carlos. Aos esforços da Europa pela sua propria libertaçaõ, nos manda S. M. assegurar-vos, que elle está

vous á exprimée de voir augmenter les fonds, destines a l'entretien du clerge pauvre. Cet objet interessoit au plus haut degre le coeur de S. M, et meritoit d'etre consideré avez bienveillance par le Parlement.

My lords et Messieurs.

L'incertitude des choses humaines, et les vicissitudes qui accompagnent la guerre, ne nous permettent pas de nous livrer evez trop de confiance a l'esperance de voir la lutte presente se terminer hereusement; *car nous avons a lutter contre un enemi d'un genie actif, a qui tout prospere, et dont tous les desseins, meme les plus incroyables s'accomplissent toujours.* Cependent S. M. m'ordonne de vous assurer q'Elle est resolue de continuer d'aider, e de soutenir de tout son pouvoir les efforts que fait l'Autriche, persuadée que vous pensez avez Elle que toutes

determinado a continuar na prestaçaõ da sua mais efficaz assistencia e apoio, convencido de que vós concordareis com elle em considerar todos os esforços para o restabelecimento da independencia, e segurança das outras naçoens, como naõ menos conducentes para os verdadeiros interesses, do que para o character e honra da Gram Bretanha.

Leo-se então a ordem que tinham os commissarios d'El Rey que fizéram esta falla, para progar o Parlamento.

les mesures qui tendent au retablissement de son independance, ne son pas moins utiles aux vrais interets de la Grande Bretagne, qu'elles sont convenables a son caractere, e a son bonheur.

Apres ce Discours, le Chancellor a annonce, que le Parlement etoit prorogue au Jeudi 10 Aut prochain.

Despois de uma falsidade taõ palpavel, como he possivel dar crédito algum aos papeis Francezes?

Hespanha.

Nas gazetas Francezes appareceo uma conta, a mais ridula que se pode imaginar, da batalha da Talavera, em que se diz; que José Bonaparte, se encontrara com os exercitos combinados Inglez, e Portuguez, e com os rebeldes, e os derrotára inteiramente. ésta falsidade he claro que naõ serve para enganar os Hespanhoes, que com os seus olhos vîram este usurpador a fugir; mas engana em Alemanha; assim como na Hespanha se espalham as falsidades dos outros paizes, que ali se naõ podem verificar.

A Juncta Central parece occupar-se seriamente da reforma da naçaõ; he verdade, que algumas pessoas de influencia, mas imbuidas dos prejuizos antigos, se oppoem a reformas uteis; mas, alem das proclamaçoens e decretos da mesma Juncta, em que se confessaõ os males do antigo governo, appareceo um elaborado artigo, no *Semanario politico;* papel que se publica em Sevilha debaixo dos olhos da mesma Juncta; em que se notam sem rebuço os

males politicos do estado; e indubitavelmente he o primeiro passo para a cura, o conhecer, e confessar que a enfermidade existe.

Inglaterra.

Tem este paiz de recordar dentro em um pequeno periodo duas victorias esplendidas, e que fazem muita honra ás tropas Britanicas: huma em Hespanha, outra nos paizes baixos. Pelo que diz respeito á Hespanha naõ he facil o prognosticar, se as consequencias da batalha de Talavera seraõ taõ uteis, quanto o successo foi brilhante. Nos naõ custumamos estabelecer opinioens e systemas antes de ter sufficientes factos para decidir. O exercito Francez em Hespanha estáva dividido em muitos pequenos corpos, cada um dos quaes éra inferior ao exercito Inglez commandado por Sir Arthuro Wellesley (agora creado Lord Wellington); mas unidos lhe ficávam mui superiores em forças. He logo evidente que o plano devia ser attacallos separados; por exemplo, bater a Soult, logo que elle fugio do Porto, e continuar a perseguir os mais separadamente. Lord Wellington, goza dos creditos de taõ bom general, que nós naõ podemos suppor que ésta observaçaõ lhe escapasse; donde se deve concluir, que poderosos motivos, que por agora se ignoram, motiváram a sua conducta, em deixar fazer a juncçaõ aos differentes corpos do exercito Francez; he pois necessario suspender o juizo; até que elle diga; porque se entranhou na Hespanha da maneira que o fez.

A posse da ilha de Walcheren, e Cadsand, ou Cassandria, he de uma importancia infinita para a Inglaterra; porque alem do objecto immediato de destruir a esquadra Franceza que ali se estava preparando, a posse *permanente* da ilha de Walcheren, e do porto de Flushing, priva aos Francezes do melhor lugar em que podiam ter a sua força naval do norte; e alem disto dá uma facilidade aos Inglezes de commerciar com o continenté, que nenhumas prohibiçoens de Bonaparte poderaõ frustrar.

Nem saõ somente estas importantes victorias as que os Inglezes tem neste momento que recordar. Os Francezes fôram expulsos do estabelicimento, que tinham, no Senegal; e tomando-lhe os Inglezes esta colonia fica a costa d'Africa inteiramente livre da pirataria Franceza. Na Italia o general Stuart tomou a ilha de Ischia. Esta he a melhor prova que a Inglaterra pode dar á França de que ainda existe com todo o seu vigor.

Portugal.

A publicaçaõ da carta do general Miranda (veja-se Corr. Braziliense, Vol. 2. p. 635.)produzio a seguinte ordem do dia.

Quartel general d'Abrantes, 18 de Junho, 1809.

Foi com a maior surpreza que o Marechal Commandante em chefe, soube, quando voltou do Norte para Lisboa, que tinha apparecido, nos papeis publicos, uma carta, que lhe tinha sido dirigida pelo Tn. gen. Miranda, na noite da vespera da sua partida de Thomar; naõ foi menos a pena do que a admiraçaõ que causou ao marechal, quando soube, por lhe ser impossivel deixallo passar em silencio, como tinha deixado a mesma carta, pois que sendo publicada daquelle modo, se passasse sem ser censurada, darîa occasiaõ a toda a sorte de absoluta, e insobordinaçaõ; e porque, longe de ser disculpavel pelo grande emprego da pessoa que a escreveo, antes se faz mais necessario notalla para atalhar de uma vez um procedimento, que, se fosse adoptado, transtornaria ou diminuiria a authoridade regular, a etiqueta, e as regulaçoens militares, e encaminharia a um grande prejuizo do serviço de S. A. R.; pareceo tanto mais necessario o exigir as razoens, que teve o dicto Tn. gen. para um procedimento taõ opposto ás leis militares; porque tendo sido a carta entregue ao Marechal muito tarde, na noite antecedente á sua partida, e sendo impossivel que o Tn. gen. Miranda como official *suppozesse*, que se poderîa annuir entaõ á sua supplica,

tendo deixado para a ultima hora o que elle poderia ter solicitado, se o tivesse realmente desejado; pois via o Marechal todos os dias, tinha ate imaginado, que a carta fora escripta com o unico fim de a dar ao publico; na verdade, considerando todas as circumstancias, e o estilo da carta do Tn. gen. naõ podia tirar outra conclusaõ; com tudo o Tn. gen. Miranda tendo formal e positivamente negado o ter dado ordem ou ter tido intento de publicar a dicta carta, parece que esta foi dirigida por algum amigo seu, mais desejoso do que prudente nos meios de augmentar a fama de Tn. gen.—O Marechal ainda que em consequencia desta affirmaçaõ do ten. gen. desistio de qualquer outra censura, ou procedimento contra elle, naõ póde deixar de mostrar ao exercito, que desapprova altamente a publicaçaõ de cartas similhantes; pois que official nenhum tem direito de publicar cousa alguma, que lhe escreva o Marechal, ou que elles lhe escrêvam sem serem authorizados por elle; ou por alguma ordem ou insinuaçaõ de S. A. R.

O Marechal naõ julga necessario, pois que naõ ve o bem que resulta, de que o Commandante em Chefe esteja á disposiçaõ de cada individuo, para ser o meio pelo qual a opiniaõ que cada official tem de si mesmo se mostre ao publico. O Marechal toma ésta occasiaõ de lembrar ao exercito, que qualquer que seja o dezejo dos officiaes, a sua obrigaçaõ he servir nos postos, em que estaõ colocados. He impossivel empregallos todos no mesmo serviço; e S. A. dignou-se deixar á disposiçaõ do commandante em chefe, a escolha dos officiaes para cada serviço em particular; e ainda que elle estará sempre prompto a receber, e attender, quanto as circumstancias o permittirem, aos requirimentos de todos os officiaes, para servirem activamente no campo contra o inimigo, quando elles evidentemente o fizérem com aquelle fim, nem quer memorias com grandes preambulos, de desejos ardentes de servirem

o seu Principe e a sua Patria, activamente; mas em geral que acabam com razoens para requererem, o que he só para a sua conveniencia, e vantagem pessoal, nem admitte representaçaõ d'algum official, por naõ ser empregado em algum serviço particular. Todo o official que desejar ser empregado, determina o Marechal, que lhe faça saber os seus desejos com franqueza, e em geral; porque o Marechal julgará quando poderá ser mais util ao serviço de S. A. R.—assignada pelo Sñr Marechal Beresford—esta conforme o original—Jozé Victal Gomes de Sousa—Secretario.—

Eu naõ posso deixar de dizer, que convenho inteiramente nisto com os principios do Marechal Beresford; porque a disciplina militar he cousa de primeira necessidade, e nenhum official deve ser o juiz do seu proprio merecimento; nem da qualidade de serviço em que deve ser empregado; mas quanto á applicaçaõ deste principio aos factos particulares; naõ tenho dados sufficientes para decidir se o Marechal emprega ou naõ os individuos nas differentes situaçoens que lhe convem. He porém de notar, que naõ obstante o espirito de despotismo militar, que respira em toda ésta ordem, que transcrevi, naõ se diz uma só palavra contra os papeis publicos, que publicáram aquella carta; eis aqui um dos beneficios da influencia dos Inglezes em Portugal; um Inglez por maiz que a sua proffissaõ ou habito o incline ao despotismo; a força de educaçaõ o obriga a olhar para a liberdade da imprensa como um direito inherente aos homens, que mesmo aquelles individuos que o aborrecem, se envergonham de lhe fazer opposiçaõ.

Imprimem-se ja em Lisboa muitas gazetas melhores ou peiores, mas ja se escreve. Estaõ ainda estes papeis obrigados a passar pela fieira de uma censura; mas até essa fieira se hade ir alargando com o continuado uso. O custume de naõ deixar imprimir senaõ uma gazeta, debaixo da immediata inspecçaõ de um Secretario de Estado, passou agora para o pobre Brazil; por ora estaõ la satisfeitos com uma gazeta, porque até nem essa tinham; mas logo que elles reflictam que os seus compatriotas em Portugal gozam de muitas, haõ de perguntar a si mesmo ¿e nós porque naõ gozamos tambem desta vantagem?

Havendo pois referido este melhoramento, que se fez durante o governo da actual Regencia pede a Justiça que se diga, que os Governadores do Reyno tem ja feito outras cousas igualmente dignas de louvor, entre outras foi a liberdade de alguns dos presos de que

sé fez menção no Correio Braziliense do mez passado; eu não approvo o modo da soltura; mas do mal o menos. Um processo occulto he sempre injusto ainda contra o maior criminoso; o procedimento de justiça publico he até honroso para o inocente, a quem se da occasião de justificar a sua fama. Nisto, não nos excede a legislação Ingleza. As leis de Portugal não reconhecem processos occultos; o que os faz, ou sofre que se façam, governa contra as leis do Reyno. Os exemplos em contrario não podem servir de regra, o abuso, por mais repetido que seja, nunca forma custume legal; ha principo da ley de 18 de Agosto de 1769 no § 14. E por tanto se um Magistrado, qualquer, obra contra a ley, mettendo um reo em prizoens occultas: obra um despotismo; e se outro magistrado o imita, esse que segue o exemplo he outro desposta, e infractor das leis. Esta linguagem será forte, mas he verdadeira. Quanto aos Dezembargadores, prezos no Porto, lamento que homens populares, como elles são, tivessem de passar por aquelle encommodo, mas como os Regentes mandáram (no seu Avizo de 26 de Junho de 1809) que fossem julgados conforme a direito; digo que obráram os Regentes como devíam; pois foram o orgaõ da lei.

Roma.

O Sancto Padre foi banido de Roma, e mandado para Avinhaõ; por não querer sanccionar com sua respeitavel authoridade a usurpação de Jozé Bonaparte na Hespanha; sendo convidado para o vir coroar. O Papa perdeo ja os seus Estados temporaes, e passará talvez o resto de seus dias na miseria; mas sem duvida será este um estado de triumpho, para elle, e para toda a christaãdade, que o faria um Pontifice a todos os respeitos digno do alto lugar que occupa, se em um momento de fraqueza não tivesse humilliado o seu character vindo a Paris coroar Napoleaõ; mas a sua firmeza, neste caso, lavará sem duvida aquella nodoa. Bonaparte verá bem depressa, que se engana no plano de despojar o Papa de sua pompa exterior; nunca os cabeças da Igreja Catholica gozáram mais veneraçaõ do que quando viviam na pobreza Appostolica dos tempos primitivos. A virtude de muitos daquelles primeiros Pontifices arrancou tributos de veneração de principes mesmo gentios; que alguns soberanos Christaõs denegarm despois aos Papas, quando estes se achavam ornados com as pomposas exterioridades de Soberanos.

Brazil.

Eu tenho esperado, de mez em mez, poder publicar ao Mundo as reformas uteis, que se façam a bem dos povos, melhorando a forma

do Governo no Brazil, mas de mez em mez se frustram as minhas esperanças; e agora recebo do Pará cartas de dous sugeitos, em que se me referem do Governador daquella capitania naõ menos de 28 anecdotas de despotismos, que fazem tremer de horror. Eu naõ refiro nenhuma, por que julgo isso desnecessario, por agora, para o bem publico; por quanto se o Governador do Pará fosse mandado render, por haver ordenado que dous negros dessem uma sova de virgalho em um homem branco, livre, vendo ésta horrorosa execuçaõ das janellas do seu palacio ¿que bem fazia isso ao publico? Nenhum. Hia para lá outro que havia igualmente abusar dos seus poderes como faz agora Jozé Narciso. Naõ he pois a mudança de um despota para outro despota o que se requer para o bem dos povos, he sim a destruiçaõ de uma forma de governo militar, que mais dia menos dia hade cavar a sua propria ruina. De boa vontade me reprimo naõ circumstancio factos; porque á testa da repartiçaõ militar está um dos homens de quem espero mais: mas se até o Conde de Linhares for com a torrente, e se fizer cumplice dos despotismos dos mais, eu farei com que fiquem recordadas as acçoens delle e dos outros, que só pôde fazer com que se naõ analizem por agora as esperanças de reforma, que ainda me restam; e que talvez naõ tenham outro fundamento senaõ os meus desejos; mas em fim esperemos, e no entanto se vaõ ajunctando materiaes para a historia negra.

Correspondencia.

Um amante da verdade. O facto foi copiado, *verbatim*, das gazetas Inglezas, que o referiram; se ha ommissaõ de alguma circumstancia essencial dali provem. De boa vontade se faraõ emendas a favor da verdade, pois mais que nada se deseja ser imparcial; mas a regra adoptada he naõ estabelecer factos por authoridade anonyma. As informaçoens para corrigir erros seraõ sempre recebidas, e com agradecimento.

Anonymus. Naõ he attendivel pela razaõ supra.

O Portuguez, que se disfarçou escrevendo-me em Inglez, aprenda melhor a lingua, para lhe naõ succeder o mesmo que ao burro da fabula, que supposto se disfarçára cubrindo-se com a pelle de leaõ, foi conhecido por lhe ficárem as orelhas de fóra. Quanto ao contheudo, estes versinhos de Pope lhe sirvam de resposta.

Arm'd for virtue when I point the pen,
Brand the bold front of shameless guilty men;
Hear this and tremble, you who 'scape the laws.

CORREIO BRAZILIENSE

DE SEPTEMBRO, 1809.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra lá chegára.

CAMOENS, C. VII. e. 14.

POLITICA.

Collecçaõ de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Carta Regia dirigida do Rio de Janeiro ao Juiz Procurador e Vereadores de Villa Nova de Mil Fontes.

JUIZ, Procurador e Vereadores da Camara da Villa Nova de Mil Fontes. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Tendo-me sido presente a gloriosa parte, que tomastes na Restauraçaõ, que o Clero, Nobreza, e Povo fizeraõ dos meus réaes e inalienaveis Direitos, destruindo as maquinações com que o Governo Francez queria usurpar a minha Soberania, e roubar-vos as vossas Propriedades; e igualmente constando-me as distinctas provas da lealdade, e pura fidelidade, com que vos mostrastes em taõ perigosas e criticas circumstancias, elevando-vos ao par dos vossos maiores nas mais gloriosas épochas da Monarquia. Rosolvi-me a mandar vos esta Carta em resposta da que me escrevestes em 20 de Julho do anno passado, e que possa ser em todo o tempo hum publico testemunho do muito que vos considero, e da Justiça que rendo aos vossos leaes e honrados sentimentos, esperando no favor de Deos Nosso Senhor, que sempre vos darei provas como até aqui tenho feito do muito que me inte-

ressa o bem dos meus Povos para o qual concorri sempre, administrando-vos imparcial Justiça, procurando-vos todos os meios de promover a vossa felicidade publica, e a de todo o Reino, e naõ me esquecendo nunca de acudir-vos em todas as vossas necessidades. Espero, e lisongeio-me que assim continuareis, como agora vos tendes mostrado, e que procurareis por todo o modo fazer a felicidade, dos meus Vassallos, cujos cuidados e interesses communicativos do Districto da vossa Commarca, vos tenho confiado, obedecendo como deveis ao Governo a quem por ora em minha ausencia tenho entregue a administraçaõ politica do Reino. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro em 3 de Janeiro, de 1809.

PRINCIPE.

Para o Juiz, Procurador e Vereadores
da Camara de Villa Nova de Mil Fontes.

Hespanha pelos Francezes.

Madrid, 26 de Julho. Ordem do dia.*

Aos 26 do corrente, S. M. Catholica, á frente do 1°. e 4°. corpo de sua reserva, se encontrou com o exercito de Inglezes, Portuguezes, e rebeldes, junctos em grande numero na planicie de Santo Domingo. Atacar, vencer, derrotar completamente foi obra de um momento. El Rey continua a perseguir o inimigo. O resultado deste brilhante successo será a expulsaõ dos Inglezes, e a terminaçaõ das calamidades de Hespanha.

O Governador General de Madrid.

AUGUSTO BELLIARD.

* A falsidade destas contas Francezas he evidente, mas he necessario dar as integras destes papeis officiaes, para que o leitor os compare com os outros; *audi alteram partem.* So assim se póde chegar a conhecer a verdade historica.

Gazeta official de Madrid. Artigo datado de Santa Olalla, 26 de Julho.

S. M. Chegou aqui hoje á testa do seu exercito, perseguindo os restos do exercito inimigo, que escapáram da batalha de Santo Domingo. Em consequencia de terem os Inglezes puchado adiante os insurgentes debaixo do commando de Cuesta, fôram estes quasi inteiramente annihilados. Grande numero ficou prisioneiro, entrando o Baraõ Armendaers, Coronel do Regimento de Villa Viciosa, com varios outros officiaes do corpo. O exercito deseja anciosamente vir ás maõs com os Inglezes.— Varios prisioneiros Hanoverianos, que formávam parte dos regimentos Inglezes, tem declarado o circular-se no exercito de que Madrid serîa entregue ao saque por cinco dias.—Os officiaes Hespanhoes se admiráram tanto mais da derrota dos insurgentes, por que se lhes disse, que todos os Francezes tinham deixado a Hespanha, e que El Rey estáva em Vittoria.

Julho 27. Hontem ás duas horas da tarde estabeleceo S. M. o seu quartel general, n'uma altura, que fica a cavalleiro do campo de batalha de Torrijos. O inimigo se tinha refugiado em um mato, sendo espantado por alguns de nossos atiradores, trabalhou por ganhar a planicie. Os Francezes os perseguîram até ali. Os insurgentes trabalháram por tornar-se a formar; mas S. M. avançou contra elles ás 7, e tendo o primeiro corpo feito um vigoroso attaque, levou a morte e o terror aos seus renques.— A's nove horas da noite um official superior do 1º. corpo chegou aqui com a noticia de que, no decurso da noite se tinham obtido ainda mais assignaladas vantagens, do que no dia precedente, e o campo de batalha estava cuberto de mortos.

Julho 28. S. M. alcançou por fim o exercito Inglez, hontem, ás 4 horas da tarde, e estando ao ponto de o cercar se poz em ordem de batalha. O exercito Francez

attacou o Inglez com o maior vigor. Alguns matos que cubriam a ala esquerda naõ ficáram por muito tempo em sua posse, e a divisaõ do seu exercito, que os occupava, foi annihilada pelo duque de Belluno. Um regimento e uma das divisoens do 1°. corpo attacou os Inglezes em columna com a bayoneta, matou 1000, e fez 500 prisioneiros. A perca que o inimigo soffreo foi mui consideravel, e naõ pode ser calculada. Durante a batalha manobrava El Rey na direita dos Inglezes, em ordem a cortar-lhe a retirada para Talavera e Tejo.

Madrid, 10 *de Agosto.* Ordem do dia.

O 1°. e 5°., corpo alcançáram a retaguarda do exercito Inglez, e a destruîram inteiramente, tomáram-lhe 30 peças de artilheria, caixoens, e grande parte de sua equipagem; muitos cavallos, e grande numero de prisioneiros. —Vai-se tambem em seguimento de Venegas, e se lhe tem feito grande numero de prisioneiros: elle se retirou para ás montanhas de Sierra Morena.

(*Assignado*) AUGUSTO BELLIARD, Gov. Gen.

Proclamaçaõ d'El Rey.

SOLDADOS! Saõ apenas passados 15 dias, despois que 120.000 inimigos, compostos de Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes, que marcharam de differentes pontos, se ajunctáram ao pé dos muros da minha capital; porém unindo-se aos 26 de Julho, na ponte de Guadarama o 1°. e 4°. corpo, e a reserva, derrotáram naquelle dia o inimigo. Aos 27 tornou elle a cruzar o Alberche, com toda a pressa. Aos 28, sendo attacado em uma posiçaõ que julgava segura de attaque, 80.000 homens naõ puderam contender contra 40.000 Francezes.—Desde entaõ, renunciando aos seus projectos chimericos de conquistas naõ pensám os inimigos em mais do que na sua segurança, e abandonáram o campo de batalha. Mais de 6.000 Inglezes feridos estaõ nos nossos hospitaes. O menor dos

nossos corpos se julgou sufficiente para conter este exercito ainda taõ numeroso naõ obstante as suas percas. Ficou sobre o Alberche, em quanto o 4º. corpo e a reserva marcháram aos 29 a soccorrer Toledo, cercada pelo exercito de la Mancha; e Madrid ameaçada pelo mesmo exercito; forçou o inimigo, ja distante 4 leguas da capital, a largar a sua preza. Elle tornou a cruzar o Tejo, com a maior pressa, e fugio para a Sierra Morena, despois de haver abandonado alguns milhares de mortos, feridos, e prisioneiros. O 2º. 5º. e 6º. corpo estaõ perseguindo a retaguarda do exercito inimigo. Estes corpos formáram uma juncçaõ com o 1º. corpo em Oropezo aos 7 de Agosto.—Os Inglezes fogem em desordem para toda a parte, e por caminhos que até aqui se sepunham impracticaveis á artilheria. O 2º. e 5º. corpo os estaõ perseguindo.—Soldados! Vós tendes salvado a minha capital. El Rey de Hespanha vollo agradece; vos tendes feito mais, o irmaõ de vosso Imperador vé fugir diante de vossas aguias o inimigo eterno do nome Francez: O Imperador sabe muito bem tudo que vós tendes feito; elle reconhecerá os valorosos, que se tem feito conspicuos entre os valorosos; e os que tem recebido honradas feridas; e se elle nos diz *eu estou satisfeito de vós*; ficaremos sufficientemente recompensados.—Quartel General de Toledo, 9 de Agosto, 1809. *(Assignado)* JOZE.

Pelo Governador de Madrid. Noticias do exercito.

Aos 10 o exercito de Venegas parou no seu movimento retrogrado, o se formou em Almonavez. Aos 10 unio El Rey o 4º. corpo de reserva em Danbroca. Aos 11 El Rey marchou ao inimigo, cercou-o, attacou-o, e o expulsou de todas as suas posiçoens fortes; e o poz em completa derrota. Foi isto uma acçaõ de tres horas.—Trinta peças de artilheria; 100 caixoens; 200 carros; 3.000 mortos, e infinito numero de feridos, varias bandei-

ras; saõ o resultado deste brilhante dia. A nossa perca he mui inconsideravel.—Madrid, 14 de Agosto, de 1809.

(*Assignado*) AUGUSTO BELLIARD.

Hespanha por Fernando VII.

Real Decreto de S. M.

Se algumas Provincias do Reino occupadas desde o principio pelo inimigo, e sujeitas a circumstancias infelizes, naõ tem podido manifestar todos os sentimentos de zelo e patriotismo que as animaõ; as que achando-se na mesma situaçaõ tem sabido fazer frente por todas as partes, saõ acredoras a toda a attençaõ do Estado por seus extraordinarios e generosos esforços. Tal tem sido Catalunha: entregues suas fortalezas, e occupada sua Capital pela mais cobarde aleivosia; seus naturaes, em vez de desmaiar, corrêraõ ás armas, e tem apresentado aos Francezes em cada lugar hum forte, em cada Catalaõ um soldado. Um anno de guerra tem corrido ja, e he para aquella nobre e leal Provincia um seculo inteiro de gloria.

Entre todas as suas Provações que tanto tem merecido da Patria, brilha Gerona por sua vigorora resistencia. Duas vezes tem sido investida, e duas vezes tem rechaçado seus inimigos, sem mais recursos para isso, do que um pequeno numero de soldados de linha, e seus valorosos habitantes. Porêm a sua situaçaõ vantajosa, e a importancia da sua conquista empenhaõ cada vez mais o inimigo, que com forças novas, e nova teima ha emprehendido terceiro cerco. O seu exito será sem duvida o mesmo que o dos outros, se aos esforços dos Gerondezes acompanharem os da Provincia. Elles para dar á sua resistencia o caracter augusto e elevado, que necessita

uma guerra, cujos provocadores se mostraõ na verdade mais impios e sacrilegos para com Deos, do que inhumanos para com os homens, estabelecêraõ no recinto de suas muralhas uma Cruzada a exemplo da que com tanta vantagem do Estado se formou na Estremadura. Paisanos de todas as classes, o Clero Secular e Regular, todos á profia se alistáram naquellas santas bandeiras; e uma Cidade pouco populosa pôde em tres dias apresentar para a defensa da Praça oito companhias, de 100 homens cada uma organisadas e armadas completamente. A Juncta Suprema naõ só applaudio com a satisfaçaõ mais viva estas demonstrações de zelo patriotico e religioso; naõ só se apressou em recompensallas devidamente; mas concedeo fazer participantes do mesmo merito, e dos mesmos premios os valentes naturaes do Principado.

Cataläes! Taõ interessados sois na conservaçaõ de Gerona, como os seus mesmos habitantes. Ella he hoje a chave da Catalunha; em quanto estiver em vosso poder, os Francezes se achaõ a todos os momentos expostos a ser arrojados do paiz; se a perdeis naõ bastaraõ despois torrentes de sangue que se verteriaõ para vos salvar do seu jugo: se amais verdadeiramente a vossa liberdade, se aborreceis os Francezes, se conservais a inteireza de caracter, e a heroica constancia dos vossos antepassados, se quereis aproveitar esse valor, e esses grandes sacrificios. dirigi e ordenai as vossas vistas á salvaçaõ de Gerona Armai-vos, e seguindo a direcçaõ que vos der o General da provincia fazei que os Francezes soffraõ pela terceira vez a affronta de ser repellidos.

Para excitar e recompensar o zelo e patriotismo daquelles naturaes a uma empreza de taõ grande consequencia, El Rei Nosso Senhor D. Fernando VII. e em seu nome a Juncta Suprema Governativa do Reino decretou o seguinte:

I. Fica approvada a Cruzada, que á imitaçaõ da de Estremadura adoptou a Cidade de Gerona para sua defensa.

II. Convidaõ-se todos os Cataláes a que se alistem nella, debaixo das mesmas regras e principios.

III. Todos os que se alistarem e provarem ter feito constantemente o serviço, pelo tempo que durar a guerra actual com a França, se declaraõ livres do imposto pessoal para sempre, elles, seus filhos, e descendentes.

IV. Todos os que por sua classe naõ se achaõ sujeitos á esta contribuiçaõ, e fizerem o mesmo serviço, seraõ premiados proporcionalmente.

V. O presente Decreto se imprimirá e circulará a quem competir para sua devida execuçaõ. Tende-o assim entendido e disporeis o conveniente para seu cumprimento. Real Alcaçar de Sevilha, 28 de Junho, de 1809.—M. O Marquez de Astorga, Presidente.—A. D. Martin de Garay.

Carta official do Exercito da Estremadura.

Excellentissimo Senhor.—Antes de hontem participei a V. E. da margem esquerda do Alberche o receio que tinha de ser atacado pelas forças, que o inimigo reunira em Toledo, se eu continuasse a estar separado dos Inglezes. Esta conjectura me determinou a tornar a passar o dicto rio hontem de manhaã, e a tomar a posiçaõ ajustada com o General Wellesley, formando ambos os Exercitos huma linha diante de Talavera, aproveitando-nos dos vallados, e de outras vantagens do terreno. Apenas tinhamos acabado de formar a nossa linha na dicta posiçaõ, quando se apresentáram, hontem ás cinco da tarde, os inimigos com todas as suas forças, que pensamos que seriaõ de 35 a 40.000 homens, entrando 5000 de cavallaria; e atacáraõ com a maior energia desde aquella hora toda

a nossa linha, dirigindo as suas principaes forças contra a esquerda, occupada pelos Inglezes, com o empenho de rodear o seu flanco esquerdo. O attaque, e a defeza fôram igualmente obstinados, chegando até a recorrer á bayoneta; porém foram em fim rechaçados os inimigos, por duas vezes com muita perda, entre mortos e feridos, durando a acçaõ até as oito e meia da noite. Os Inglezes tambem tiveram perda, especialmente em Officiaes; a nossa naõ foi consideravel; e geralmente fallando as nossas tropas portáraõ-se com valor e firmeza, exceptuando dous ou tres corpos, que tiveraõ suas fraquezas, e dos quaes fallarei mais de vagar.

Esta manhãa mui cedo repetiram os inimigos seus ataques, que ainda continuaõ até agora, que saõ sete horas da tarde; porém em todos tem sido rechaçados, e espero que o seraõ nos seguintes. José Napoleaõ assistio em pessoa até esta tarde; mas sabemos que se retirou com a sua guarda para Santa Olalla, e passou o Alberche com 18 carros de feridos. Naõ tenho tempo de entrar em maiores miudezas, e acções particulares, pois ha tres dias que estou no campo da batalha; com todas as minhas tropas sobre as armas.—Deos guarde a V. E. muitos annos. Campo de Talavera, 28 de Julho, de 1809.—Exmo. Senhor—Gregorio de la Cuesta.—Exmo. Senhor D. Antonio Cornel.—

Officio segundo.

Excellentissimo Senhor.—Hontem ás sete da tarde participei a V. E., do campo de batalha, que os ataques do inimigo, e a nossa defeza coutinuavaõ com obstinaçaõ. Apenas entrou a noite paráraõ as hostilidades, porèm sem abandonarem os inimigos as suas posições, até pouco antes de amanhecer, que foi quando começáram a sua retirada, e atravessaram o Alberche, dirigindo-se a Cazalegas, Santa Olalla, perdida a esperança de poderem expulsar-nos, nem mover-nos da nossa posiçaõ. Deixáram o seu

campo coberto de cadaveres e de feridos, que naõ tivéram tempo nem meios de retirar; soffrêraõ huma perda horrorosa, e ainda seria maior se as nossas tropas naõ estivessem incapazes de os perseguir, por fadiga, e falta de alimentos. Os Inglezes soffrêram tambem muito na perda de tres Generaes, além de muitos Officiaes subalternos, e alguma tropa; mas naõ se lhes póde negar a gloria de terem combatido com muito valor e disciplina, e de fazerem conhecer aos Francezes que ja mais cederáõ em algum conflicto, especiamente se forem mandados, e dirigidos por seu sabio, activo, e valoroso General Sir Arthur Wellesley.

As tropas Hespanholas, e particulamente os Corpos que estava mais proximos naõ me deixáram que desejar em sua intrepidez e valor. O fogo horrivel, e bem sustentado da nossa Infanteria desbaratou o inimigo nos seus repetidos ataques, e as investidas da nossa cavallaria lhe causáram grave damno. O Regimento del Rei se cobrio particularmente de gloria; tomou algumas peças em concurrencia com os Inglezes; e fez hum general, hum coronel, e varios officiaes prizioneiros. Ainda que reservo fallar de outros para premio dos que se distinguíram, peço desde ja que o seu Coronel, o Brigadeiro D. José Maria de Lastres, seja promovido a Marechal de Campo por ter atacado na frente do seu Regimento dando o melhor exemplo.

Pelas declarações dos prizioneiros sabemos que hontem de manhaã assistio toda a Guarda de José Napoleaõ, na qual fundava todas as suas esperanças; porém logo que a vio rechaçada e derrotada se pôz elle mesmo em fugida para Santa Olalla. Acabo de saber que o seu Exercito consternado se dirige a Toledo, sem viveres nem meios alguns de subsistir.

Finalmente a falta de tempo só me permitte dizer que foi a acçaõ mais gloriosa e importante de toda a guerra,

e a qual espero que nos abra o caminho do Ebro, logo que tivermos o mais necessario para alimentar a tropa.

Deos guarde a V. E. muitos annos. Quartel General do Campo de Talavera, 29 de Julho, de 1809.—A's 10 da manhaã.—Excellentissimo Senhor—Gregorio de la Cuesta. —Excellentissimo Senhor D. Antonio Cornel.

Posteriormente o mesmo D. Gregorio de la Cuesta, do Quartel General de Talavera, com data do 1°. do cotrente avisa, que os inimigos em numero de 16.000 homens se conservaõ á vista nas alturas da outra banda do rio Alberche. A nossa vanguarda occupa a cabeça da ponte; o Exercito Hespanhol está adiante de Talavera: e o Britanico, formado em linha sobre a nossa esquerda, acha-se hum pouco mais atraz. Tambem diz que por confissaõ dos mesmos Francezes, e por noticias fidedignas, a sua perda passou de 9 ou 10.000 homens; e que entre os feridos se conta o Marechal Victor, e gravemente, e entre os mortos hum General de Divisaõ; e que Ofaril, Negrete, e Casa Palacio assistiraõ á batalha. Parte do Exercito se emprega em queimar os mortos.

O General Venegas avisa de Ocanha com a mesma data, que tendo mandado o Coronel D. Filippe La Corte com 250 cavallos, para atacar hum posto de 200 cavallos, e 300 Infantes, o executou com tal valentia, que os desalojou das alturas da Costa de la Reyna, matando-lhes 90 homens, e fazendo 28 prisioneiros.

O Brigadeiro Lacy acha-se sobre Toledo, ésta Cidade que tem 4000 homens de guarniçaõ, já teria sido occupada pela força senaõ fossem as considerações que merece hum povo nosso.

Carta de D. Francisco Vanegas ao Ministro de Guerra.

Exmo. Sñr.! Esta manhaã, pelas 5 horas e meia foi o exercito debaixo do meu commando attacado pelo inimigo em Almanarid, e ás 7 o fogo da artilheria e mnsqueteria

se fez geral, e mui vivo por toda a linha. O numero da força que nos attacava éra consideravel, e naõ pode haver duvida que excedia 25.000 homens. As nossas tropas pelejáram valorosamente por 9 horas, e por 5 horas se manteve um horroroso fogo; mas havendo o inimigo obtido posse de uma altura na nossa esquerda, adquirio vantagem de posiçaõ; e estava ao ponto de cercarnos; pelo que me determinei á retirada, cubrindo a primeira divisaõ com a segunda, que até então tinha soffrido menos. Sustentou-se a honra nacional; ainda que perdemos certo numero de soldados, e muitos valorosos officiaes; mas julga-se que a perca do inimigo naõ he menos de 3000 homens, naõ posso presentemente mandar a Vossa Excellencia a rellaçaõ circumstanciada; o que farei logo que tiver tempo. O major-general D. Roman de Carivajal partio pela posta de Trembleque para tomar o commando da Carolina, e ajunctar ali todas as tropas que for possivel; até que eu chegue á Sierra com o meu exercito. Deus guarde a V. Exª. muitos annos. Quartel general de Camernas, 11 de Agosto, 1809. Francisco Venegas.

Carta do Governador de Gerona á Suprema Juncta.

Senhor! Considéro ser do meu dever levar aos pés de V. M. uma breve narrativa do cerco, e bombardeamento, que está suffrendo ésta heroica cidade, cujo governo V. M. foi servido confiar-me.—Mas como as circumstancias particulares destas acçoens, e suas provas, serîam demasiado volumosas, e o momento presente he mui precioso, tanto para os sublimes cuidados de V. M., como para a activa situaçaõ em que eu estou colocado, limitar-me-hei, por agora, a dar a V. M. uma leve prova dos sentimentos, que me animam, e do estado desta praça. Faz hoje 70 dias, que começou o cerco, e ha 48 que se abrîram as trincheiras; e 33 de um incessante bombardeamento. O castello de Montjuich, que lhe fica completa-

mente a cavalleiro, a pouca distancia, e he a sua principal defensa; tem estado por 13 dias com uma brecha aberta, practicavel para 50 homens de frente. A este tempo o inimigo tinha atirado á cidade 10,000 bombas, e granadas, e a consequencia de toda esta furia tem sido reduzir as casas a ruinas, mas naõ debilitar em gráo algum o espirito de seus habitantes, os quaes de dia em dia, com crescido enthusiasmo, e amor da justa causa, que defendemos, correm ás armas, logo que isso se requer.

A guarniçaõ ainda que muito pequena, pois apenas chega a 2.500 homens, tem feito prodigios de valor; e nas suas sortidas, e dous attaques (um delles repetido tres vezes, na brecha, de que o inimigo foi repulsado com inexplicavel valor) tem ensinado ao inimigo o que he capaz de fazer o valor, e disciplina Hespanhola.—V. M., cujos trabalhos se dirigem á mantença da honra nacional, sabe quam meritorios tem sido estes serviços dos habitantes deste lugar. Eu naõ tenho, Senhor, visto o seu enthusiasmo declinar, por um so momento, e mil vezes teriam elles procurado a morte no campo, se o seu pequeno numero os naõ obrigasse a ficar dentro dos muros.—Nesta critica situaçaõ, tenho supplicado repetidas vezes ao segundo commandante general deste exercito, o marques de Coupigni, que me reforce com 2.000 homens, posto que isto apenas chegaria a ser metade do complemento necessario da guarniçaõ; mas até aqui naõ se tem feito isto, ainda que á proporçaõ que a minha situaçaõ se faz mais urgente, eu tenho tambem apertado mais com o meu petitorio.—Tudo quanto posso segurar a V. M. he que este interessante baluarte da Catalunha se manterá até a ultima extremidade, e se sacrificará pelo seu amado monarcha e Soberano D. Fernando VII. a quem Deus guarde; copiando o exemplo de Numancia e Sagunto, antes do que dobrar o collo ao jugo do Tyranno. A frente dos meus valentes Hespanhoes, tenho jurado isto; e agora renovo

o meu voto aos pés de V. M. que o inimigo naõ entrará nesta cidade senaõ por cima de meu corpo. A copia do Decreto* aqui juncto informará melhor a V. M. dos sentimentos que me animam.

Gerona, 16 de Julho, 1809. MARIANO ALVAREZ.

França.

Carta do gen. Fauconnel ao Ministro da guerra.

Antuerpia, 2 de Agosto, de 1809.

MONSEIGNEUR! V. Exª. terá sem duvida sido informado, pelos gen. Monnet, e Chambarlhar, do desembarque que os Inglezes effectuáram na ilha de Walcheren; e dos progressos, que ao despois tem feito na Zelandia, pois me que assegûram, tomáram Middleburgh. Eu tenho tomado as medidas que me parecêram necessarias, para me oppor immediatamente a qualquer tentativa que o inimigo pudesse fazer, para desembarcar na margem direita do Scheldt. Em consequencia disto consultei, sobre o terreno, com o commandante das tropas do Rey da Hollanda. Concordamos sobre a nossa linha de defensa, que fiz occupar immediatamênte; e neste instante reforçarei, porque recebi informaçaõ de que os Inglezes tomáram o forte de Bathz. Naõ me permittirei fazer reflexaõ alguma sobre a pressa do rendimento deste forte. O que me causa admiraçaõ he, que eu estava á vista delle, com o general Tarayne, desde as 10 da manhaã, até despois do meio dia, e naõ ouvi um só tiro de canhaõ ou de espingarda. Neste momento chega de Maestrich o gen. Charbionnier, com uma columna de cavallaria, e infanteria.—Os fortes de Lillo, e Lifkenshock, estaõ em estado defeza. A marinha

* O decreto de que se trata he datado do 1°. de Abril, quando o inimigo ameaçava a fortaleza, e impoem pena de morte a todo o individuo, qualquer, que tiver a baixeza de propor o rendimento ou a *capitulaçaõ*.

está desembarcando as peças de artilheria, que se assestaraõ a manhaã.

Carta do Ministro de guerra a S. M. o Imp. e Rey.

SENHOR! Saõ 5 horas da manhaã. Recebo a incomprehensivel noticia de que os Inglezes tomáram o forte de Bathz.—Uma fraze equivoca, em uma carta, escripta ao ministro de marinha, me fez suppor, que Flushing estáva bambardeado; transmitto a mesma a V. M., mas éra Tervere, o que se intentava dizer.—Sou com todo o respeito, &c.

CONDE DE HUNNEBERG, Ministro da guerra.

Carta do gen. Chambarlou ao Ministro da guerra.

Antuerpia, 4 de Agosto, de 1809.

Cheguei a Antuerpia ésta noite, com a cavallaria debaixo da minha conducta; o gen. de brigada Valetaux chegou um momento despois com a sua brigada. Amanhaã, quando a maré nos servir, irei ter com o almirante Missiessy, e concertarei com elle medidas. As nossas tropas communicam com as de S. M. o Rey de Hollanda, por Bergen-op-Zoom, e temos concordado com o general, que as commanda, de obrar de concerto.—A abominavel conducta de Mr. Bruce, o official Hollandez, que, sem esperar o inimigo, fugio de Bathz, he um daquelles exemplos de covardice, que deve proceder ou de infatuaçaõ, ou de traiçaõ. Este miseravel he a cansa de que os postos avançados Inglezes ja naõ distem de Antuerpia senaõ 6 leguas; mas as nossas tropas os obsérvam, e poderaõ manter os seus postos.—Os fortes, que defendem as margens do Scheldt, estaõ bem armados.——

Copia de um relatorio, feito no 1 de Agosto, de 1809, pelo Ministro da guerra ao Imperador e Rey.

Tive a honra, em um relatorio de 31 de Julho passado, de dar ao Imperador uma conta da apparencia e movi-

mentos de uma frota inimiga, neste lado de Flushing; e das medidas até aqui adoptadas para a defensa do Scheldt. Esta manhaã tive uma conferencia com o Ministro da Marinha, o qual julga ser necessario, que todas as tropas que se possaõ dispensar da guarniçaõ de Paris, tenham provisionalmente ordem de marchar para o Scheldt e Boulogne. Em consequencia do que ordenei ao gen. Hullin, que fizesse marchar hoje as meias brigadas de reserva, uma metade para Luzanher, e outra para Senles. Estas tropas acharaõ em ambos os lugares carretoens, para as conduzir ao lugar de seu destino. Aquelles que marcharem para Boulogne chegaraõ la aos 4 de Agosto. As meias brigadas que marcham de Senles para Ghent, estaraõ lá a 5 de Agosto, e procederaõ dahi para o Scheldt. Tenho ordenado que varios batalhoens, e esquadroens da segunda divisaõ militar marchem para a costa de Boulogne.—Todas éstas ordens fòraõ expedidas, quando eu recebi um despacho telegraphico do gen. Suzanne informando-me de que elle tinha ordenado, que todas as guardas nacionaes do departamento do Norte, procedessem em carretoens para a ilha de Cadsand, independentemente daquellas debaixo das ordens do gen. Rumpon, que estaõ marchando na mesma direcçaõ. Em consequencia destas disposiçoens, as tropas empregadas nas costas formaraõ em tres dias uma força consideravel, exclusivamente das guardas de policia (*gens d'armes*) companhias de reserva, e officiaes d'alfandega, que tambem se tem chamado a campo. Em addiçaõ a estas tropas, tenho tambem ordenado que os batalhoens provisionaes, e esquadroens das divisoens militares 24, 16, 2, e 4, se ajuntem, e vaõ ter a Antuerpia em Carretoens, com a maior expediçaõ.

Tenho encarregado ao gen. de artilheria Saint Laurient, cuja saude se acha perfeitamente restabelecida, e que succedeo estar em Paris sem emprego, que fosse a toda aprèssa para Antuerpia, passando dahi ao Scheldt, e ilha

de Cadsand, e dirigir o serviço da artilheria, examinando o estado das batterias. Elle está tambem encarregado da inspecçaõ da costa de Boulogna, no districto da 10ª. divisaõ militar, e dar todas as ordens necessarias para que o serviço se faça com ordem em todos os seus differentes ramos. Independentemente das forças empregadas entre o Somme e o Scheldt, tudo está arranjado, no districto da 15ª divisaõ militar, conforme as ordens, que tinha dado antes, e que á pouco reiterei, he encorporar, á primeira noticia 6.000 guardas nacionaes escolhidas, tiradas da legiaõ, na vizinhança da costa, e mandallas marchar para os quatro pontos principaes da costa, Havre, Fecamp, Dieppe, e St. Valery, alem de uma grande reserva, destinada a marchar para o ponto de attaque particularmente ameaçado pelo inimigo.—Tenho tambem dado as ordens necessarias para a defeza da costa de Havre até Bayonna. Terei a honra de referir a V. M. o resultado das medidas adoptadas para repellir o attaque, da parte do Scheldt, logo que os generaes mandarem as suas relaçoens.

(Assignado) Conde Hunneberg.

Inglaterra.

Expediçaõ aos Paizes Baixos.

Carta official do Conde de Chatham ao Secretario de guerra.

Quartel general, em Batz, 29 de Agosto, de 1809.

My Lord! O major Bradford me entregou a carta de officio de V. S., datada de 21 do corrente; em que se me communicam as ordens de S. M. para que eu manifestasse ao Tn. gen. Sir Eyre Coote, ao general, mais officiaes, e tropas, empregadas ante Flushing, e particularmente aos das repartiçoens de artilheria, e ingenharia, a graciosissima approvaçaõ que S. M. deo á sua conducta; ao que tenho obedecido, com a mais completa satisfaeçaõ.

Na minha ultima carta tive a honra de informar a V. S. de que intentava proceder para este lugar, e me terîa julgado muito feliz se pudesse agora annunciar a V. S. ulteriores progressos deste exercito. Infelizmente, porém, he do meu dever expor a V. S. que, pelo concordante testemunho de muitas partes, que me naõ deixam duvida sobre a verdade da informaçaõ, parece que o inimigo tem ajunctado uma força taõ formidavel, que estou convencido de ter chegado o periodo, em que as minhas instrucçoens me ordênam retirar o exercito que commando, ainda que estivesse empenhado em operaçaõ actual.—Certamente eu fui informado, quando cheguei a Walcheren, de que o inimigo ajunctava grandes forças em todos os pontos; mas naõ me inclinava a acreditar estes rumores, e me determinei a perseverar até que fiquei satisfeito, com a mais plena informaçaõ, de que seriam ineffiecazes todas as tentativas ulteriores.—De tudo o que temos podido saber parece, que a força do inimigo, nesta parte, distribuida entre os orredores de Bergen-op-Zoom, Breda, Lillo, e Antuerpia, e acantonada na costa fronteira, naó he menos de 35.000 homens, e algumas contas a avaliam ainda em mais. Ainda que eu naõ duvide de que se possa forçar um desembarque no continente, com tudo, como o cerco de Antuerpia, cuja posse unicamente nos poderîa assegurar os ulteriores objectos da expediçaõ, éra, neste estado das cousas, absolutamente impracticavel; aquella medida, ainda que bem succedida naó podia conduzir a vantagens solidas; e ficaria exposta a grandes riscos a retirada do exercito, a qual seria inevitavel, dentro em pouco tempo.—A maior força (e ésta diminue todos os dias) que eu podia pôr em campo, despois de haver providenciado a occupaçaõ de Walcheren, e Beveland do Sul; chegarîa a 23.000 infantes, e 2.000 de cavallo. V. S. deve á primeira vista conhecer, que ainda no caso de serem as forças do inimigo menos numerosas do que se repre-

sentam, e despois dos destacamentos necessarios, para observar as guarniçoens de Bergen-op-Zoom, e Breda, e segurar as nossas communicaçoens, quam inadequada força nos restaria para as operaçoens contra Lillo e Liefkenshoek, e ultimamente contra Antuerpia; cidade esta, que, bem longe de se achar no estado em que se tinhá representado, apparece, por informaçoens correctas, em completo estado de defensa; e os navios do inimigo fôram levados para cima, e postos em segurança, debaixo das peças da Cidadella.—Nestas circumstancias, por mais que me mortifique o ver impedido o progresso de um exercito, de cuja boa conducta e valor eu podia esperar tudo, naõ obstante conheço que o meu dever me naõ deixa aberto outro caminho, senaõ acabar as minhas operaçoens aqui; e será para mim sempre de grande satisfacçaõ o pensar, que naõ arisquei levemente a segurança do exercito que me foi confiado, nem a reputaçaõ das armas de S. M. Foi ainda nova satisfacçaõ para mim o achar, que a unanime opiniaõ dos Tn. gen. do exercito, a quem eu julguei que devia consultar, mais pelo respeito que lhes tenho, do que por ter duvida alguma na materia; conveio inteiramente nos sentimentos, que tenho submettido a V. S.— Sinto ter a dizer, que o effeito do clima, neste doentio periodo do anno, se tem mui seriamente sentido, e que o numero de doentes he ja mui proximo a 3.000.—He minha intençaõ retirar gradualmente as tropas dos postos avançados nesta ilha, e mandar para Walcheren toda a demais força, que pode ser necessaria para segurar ésta importante possessaõ; e embarcar o resto das tropas; para executar as ulteriores ordens de S. M., que anciosamente espero. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CHATHAM.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Exercito Inglez na Hespanha.

Carta official do General Wellesley (Lord Wellington) ao Secretario de guerra.

Deleitosa, 8 de Agosto, de 1809.

My Lord! Eu avizei a V. S., no 1°. do corrente, de que um corpo Francez se adiantavà para Puerto de Baños; e dos provaveis embaraços, que occasionarîam ás operaçoens do exercito, a sua chegada a Placencia: e estes embaraços existîram despois em um gráo taõ consideravel, que nos obrigáram a retroceder, e tomar uma posiçaõ defensiva no Tejo; pelo que vos incommodarei, com uma conta mais circumstanciada do que se tem passado a este respeito.—Quando entrei na Hespanha tive uma communicaçaõ com o gen. Cuesta, por meio de Sir Roberto Wilson, e Coronel Roche, relativamente á occupaçaõ de Puerto-de-Baños, e Puerto-de-Perales; o primeiro destes, se ajustou que seria guarnecido por um corpo, que se devia formar debaixo das ordens do Marques de la Reyna, e devia consistir de dous batalhoens do exercito do gen. Cuesta, e dous de Bejar; e o Puerto de Perales devia ser guardado pelo Duque del Parque, com destacamentos de Ciudad Rodrigo. Eu duvidei de que a guarniçaõ de Ciudad Rodrigo estivesse em estado de poder fazer estes destacamentos para o ultimo destes postos; mas taõ pouco duvidava da occupaçaõ effectiva do primeiro posto, que, escrevendo ao marechal Beresford, aos 17 de Julho, o instrui de que cuidasse de Puerto de Perales, mas que eu considerava Baños em estado de segurança, como se vê do extracto da minha carta, que aqui incluo.—Aos 30 se recebeo noticia, em Talavera de que se tinham ordenado em Fuente Dueños 12.000 raçoens, para os 28 do mez; e 24.000, em Los Santos, para o mesmo dia, o corpo Francez, para quem isto éra, se suppunha andar em marcha dirigindo-se a Puerto de Baños.

—O gen. Cuesta mostrou alguma anxiedade a respeito deste posto; e mandou-me propor, em um recado, que se enviasse ali Sir Roberto Wilson com o seu corpo.—Naquelle dia estava Sir Roberto Wilson em Talavera; mas o seu corpo estava juncto ás montanhas de Escalona; e como elle tinha ja sido de grande utilidade naquella parte, e estava proximo a Madrid, com quem tinha aberto uma communicaçaõ, que eu desejava conservar; propuz eu, que se mandasse um corpo Hespanhol para Baños, sem perca de tempo. Naõ pude acabar com o gen. Cuesta que fizesse isto, posto que elle certamente admittisse a necessidade que havia de tal reforço, quando propos que se mandasse Sir Roberto Wilson para Baños; e elle conhecia, taõ bem como eu, o beneficio que a causa podia colher de se tornar a mandar Sir Roberto para Escalona. A este tempo naõ tinhamos outras noticias da marcha do inimigo, senaõ a da ordem das raçoens; e eu tinha esperanças de que o inimigo pudesse temer o avançar-se, recebendo noticia do bom successo que tivemos no dia 28; e de que as tropas em Puerto pudessem fazer alguma defensa; e que, nestas circumstancias, naõ éra para desejar o divertir Sir Roberto Wilson de Escalona.—Aos 30 porém renovei o meu petitorio ao gen. Cuesta, de que mandasse uma divisaõ Hespanhola, assas forte, escrevendo ao gen. O'Donoghue, uma carta de que incluo aqui a copia; mas isto naõ produzio effeito; e elle naõ destacou o gen. Bassecourt, senaõ na manhaã de 2, depois de ter ouvido, que o inimigo tinha entrado em Bejar, e éra obvio que as tropas em Puerto naõ tinham feito defensa alguma.—Aos 2 recebemos noticia de que o inimigo tinha entrado Placencia, em duas columnas.—O marquez de la Reyna, e seus dous batalhoens, que consistiam somente de 600 homens, e unicamente com 20 cartuxos de muniçaõ cada um, se retiráram de Puerto, e de Placencia, sem dar um tiro, e fôram para a ponte de Almaraz,

a qual elle declarou que intentava remover; os batalhoens de Bejar se dispersáram sem fazer resistencia alguma.—O gen. veio ter comigo naquelle dia, e propos-me, que metade do exercito marchasse para a retaguarda para se oppor ao inimigo, em quanto a outra metade mantinha o posto de Talavera.—A minha resposta foi; que, se por metade do exercito elle entendia metade de cada exercito, eu só podia responder, que estava prompto ou para ir, ou para ficar com todo exercito Britanico; mas que o naõ podia separar. Elle entaõ me pèdio que escolhesse se queria ir ou ficar; e eu preferi o ir, pensando que as tropas Britanicas poderíam concluir este negocio mais efficazmente, e sem contestaçaõ; e porque éra de opiniaõ, que mais a nós do que aos Hespanhoes importava abrir a communicaçaõ por Placencia; ainda que para elles lhes fosse muito importante. O gen. Cuesta pareceo ficar perfeitamente satisfeito com esta decisaõ.—Os movimentos do inimigo, em nossa frente, desde o 1°. do mez me motiváram a opiniaõ de que, havendo elle desesperado de nos forçar em Talavera, intentava romper a passagem por Escalona, e abrir assim a communicaçaõ com o corpo Francez, que vinha de Placencia. Esta suspeita foi confirmada na noite de 2, por cartas que recebi de Sir Roberto Wilson, de què incluo copias; e antes de que eu deixasse Talavera, aos 3, fui ter com o gen. O'Donoghue, e conversei com elle sobre o todo da nossa situaçaõ, e lhe notei a possibildade, no caso de vir o inimigo por Escalona, de que o gen. Cuesta se achasse obrigado a deixar Talavera, antes que eu pudesse voltar a ter com elle; e instei com elle a que ajunctasse todos os carros que pudesse achar, em ordem a remover o nosso hospital.—Desejou elle que eu puzesse esta conversaçaõ por escripto, e lho escrevi em uma carta, que havia ser apresentada ao gen. Cuesta, e de que envio Copia.—O exercito Britanico marchou, aos 3, para Oropezo, estandó o corpo Hespanhol do

gen. Bassecourt, em Centinella, onde lhe pedi que fizesse halto no dia seguinte, a fim de que eu lhe pudesse estar proximo.—Perto das 5 horas da tarde, ouvi, que os Francezes tinham vindo de Placencia para Navalmoral, onde ficávam entre nos, e a ponte de Almaraz.—Uma hora despois recebí do gen. O'Donoghue a carta, com suas inclusas, de que ajuncto aqui copias, annunciando-me a intençaõ do gen. Cuesta de marchar de Talavera naquella noite, e deixar la o meu hospital, excepto aquelles homens, que se pudessem remover pelos meios que ja havia; com o fundamento de seu receio, de que eu naõ fosse bastante forte para o corpo que vinha de Placencia; e que o inimigo se vinha movendo sobre o seu flanco, e tinha voltado Santa Olalla na sua frente.—Eu confesso que éstas razoens me naõ parecêram sufficientes para largar taõ importante posto como he Talavera; e pára expor os exercitos combinados a um attaque em frente e na retaguarda ao mesmo tempo; e para abandonar o meu hospital, assim lhe escrevi a carta, de que incluo copia.—Esta chegou infelizmente ao gen. despois de elle ter marchado, e chegou elle a Oropeso pouco despois de amanhecer, na manhaã de 4 —A questaõ entaõ foi, considerar o que se devia fazer. Dizia-se que o inimigo tinha uma força de 30.000 homens; mas em todo o caso consistia dos corpos de Soult e Ney, ou unidos, ou pouco distantes um do outro; e considerados pelo marechal Jourdan, e José Buonaparte como assas fortes, para attacar o exercito Britanico, que se dizia ser de 25.000 homens, estávam de uma parte em posse da estrada, que vai ter á passagem do Tejo em Almaraz; e eu sabia que a ponte deste lugar se tinha removido, postõ que os botes necessariamente estávam ainda no rio. Da outra parte, tinha razaõ para esperar o avanço do corpo de Victor para Talavera, logo que se soubesse da marcha do gen. Cuesta; e despois de haver deixado 12.000 homens para vigiar a Vanegas,

dando que nas ultimas acçoens tivessem perdido 10, ou 11.000 homens, este corpo deveria ser de 25.000 homens. Nos somente nos poderiamos desembaraçar desta difficultosa situaçaõ, por uma grande celeridade de movimento, com o que naõ podîam as nossas tropas; porque havîa alguns dias que naõ tinham a sua custumada raçaõ de mantimentos; ou pelo bom successo em duas batalhas. Se fossemos mal succedidos em uma dellas ficavamos sem retirada; e se Soult e Ney evitassem uma acçaõ, e se retirassem diante de nos, esperando a chegada de Victor, ficavamos expostos a uma acçaõ geral com 50.000 homens, e igualmente sem uma retirada.—Nos tinhamos razaõ de esperar que, como o Marquez de la Reyna naõ podia remover os botes do rio em Almaraz, Soult os teria destruido. —Portanto a nossa unica retirada éra pela ponte del Arzobispo; e se marchassemos adiante, o inimigo, rompendo ésta ponte, em quanto o exercito estava empenhado com Soult e Ney, nos privaria d'este unico recurso. Nos naõ pudemos tomar uma posiçaõ em Oropezo, porque isso deixaria o caminho aberto de Talavera para a ponte del Arzobispo, pela estrada de Galera; e, despois de considerar com madureza tudo isto, fui de opiniaõ que era prudente retirar-nos pela ponte del Arzobispo, e tomar uma posiçaõ defensiva sobre o Tejo.—Resolvi-me a adoptar ésta ultima opiniaõ; porque os Francezes tem agora, pelo menos, 500.000 homens, de que podem dispor, para se opporem ao exercito combinado, e um corpo de 12.000 homens para vigiar Vanegas; e fui taõbem de opiniaõ, que, quanto mais depressa se tomar a linha de defensa, tanto melhor poderaõ as tropas defendella.— Consequentemente marchei aos 4; e cruzei o Tejo pela ponte del Arzobispo, e tenho continuado a minha marcha até este lugar, em que estou bem situado para defender a passagem de Almaraz, e da parte inferior do Tejo. O gen. Cuesta cruzou o rio na noite de 5, e está ainda em

Puente del Arzobispo. Cousa de 2.000 feridos se trouxeram para fóra de Talavera, o resto que ficou saõ 1.500, e duvido se, em quaesquer circumstancias, teria sido possivel, ou consistente com a humanidade, o tentar remover mais alguns. Do tractamento, que alguns dos soldados feridos no dia 27, e que cahîram em suas maõs, experimentáram delles, é da maneira em que eu tenho sempre tractado os que tem cahido em minhas maõs; espero que estes homens seraõ bem tractados: e tenho somente de lamentar, que uma nova occurrencia, acontecimentos sobre que, por circumstancias, eu naõ podia governar, tenha posto o exercito em situaçaõ de ser obrigado a deixar atraz alguns delles. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) ARTHURO WELLESLEY.

Downing Street, 7 de Septembro, 1809.

Receberaõ-se hoje do Tenente General Visconde Wellington, na Secretaria do Visconde Castlereagh despachos, dos quaes o seguinte saõ copias, e Extractos.

Truxillo, 20 de Agosto, 1809.

MY LORD! Eu escrevi ha dias uma carta ao Commandante em Chefe Francez, a qual lhe enviei pelo Tenente Coronel Walters, em que requeria o seu cuidado, e attençaõ aos officiaes, e soldados feridos do exercito Britanico, que cahîram nas suas maõs, em troco do cuidado, e attençaõ, que eu tenho prestado aos officiaes, e Soldados Francezes, que cahiram nas minhas maõs por differentes vezes; requeria-lhe tambem, que houvesse elle de permittir, que se mandasse dinheiro aos officiaes, e que officiaes, que naõ fossem julgados prisioneiros de guerra, se enviassem a superintender, e a ter cuidado dos soldados, até melhorarem das suas suas feridas; e entaõ fossem enviados outra vez para o exercito Britanico.

Recebi uma resposta muito attenciosa do Marechal Mot-

tier, promettendo que todo o cuidado, e attençaõ se prestaria aos officiaes, e soldados Britannicos, que foram feridos; mas declarando, que elle naõ podia responder aos outros artigos, que eu requeria na minha carta, sendo obrigado quanto a elles, a reportar-se ao Commandante em Chefe.

Despois que recebi esta carta, Mr. Dillon, Ajudante-Commissario chegou de Talavera, tendo sido feito prisioneiro junto a Cevolla a 27 de Julho, antes da acçaõ, e mandado embora. Elle refere que os officiaes, e soldados Britanicos, que foram feridos, estaõ consideravelmente melhor, e saõ muito bem tractados, e ainda melhor nutridos, diz elle, que as tropas Francezas.

Eu pretendo enviar o Coronel Walters com outra bandeira parlamentaria a manhaã pela manhaã, e uma carta ao Commandante em Chefe do exercito Francez, requerendo, que a somma de dinheiro, que eu mandar, seja dada aos officiaes, e eu buscarei estabelecer quanto antes um regulamento para trocas.—Tenho a honra de ser, &c.

ARTHURO WELLESLEY.

Lord Visconde Castlereagh, &c. &c.

Truxillo, 31 de Agosto, 1809.

MY LORD!—Quando eu marchei de Talavera a 3 do corrente, para oppor-me aos corpos Francezes, que, segundo ouvi, tinhaõ passado por Puerto de Baños, e chegado a Placencia, Sir Roberto Wilson foi destacado sobre a esquerda do exercito, para Escalona; e antes que eu marchasse naquella manhaã, o puz em communicaçaõ com o General Espanhol Cuesta, que segundo o que se tinha estabelecido devia ficar em Talavera. Eu ouvi que o General Cuesta, poz Sir Roberto em communicaçaõ com a sua guarda avançada, a qual se retirou de Talavera na noite de 4.

Sir Roberto Wilson com tudo naõ chegou a Valada até a noite de 4, tendo feito uma longa marcha por mon-

anhas; e como elle estava então a seis legoas da ponte de Arzobispo, e tinha de atravessar a estrada larga, que vai de Oropezo a Talavera, da qual o inimigo estava em posse, concebeo que era ja tarde para se retirar para Arzobispo, e determinou mover-se por Venta S. Julião, e Centinella para Tietar e a travessar o rio juncto das montanhas, que sepáram Castella da Estremadura.

Não tendo chegado as minhas mão alguns dos despachos de Sir Roberto Wilson, não me he possivel assegurar por que sitio elle a trevessou as montanhas, mas creio, que por Tornavacus. Elle chegou, toda via, a Baños a 11, e a 12 foi attacado, e desfeito pelos corpos Francezes do Marchal Ney, que com o de Soult, voltáram para Placencia a 9, a 10, e a 11, os de Ney tendo despois hido para Salamanca.

Eu remetto incluza a parte da acção dada por Sir Roberto Wilson. Elle se tem mostrado muito activo, intelligente, e util no commando do corpo Portuguez, e Hespanhol, com que fora destacado deste exercito.

Antes da batalha de 29 de Julho, elle tinha puxado o seu corpo quasi até ás portas de Madrid, com a qual cidade estava communicando; e teria entrado em Madrid, se eu não julgasse proprio chamallo, esperando aquella acção geral, que teve lugar a 28 de Julho. Elle inquietou despois o inimigo sobre a direita do seu exercito, e em todo o serviço se mostrou activo, intelligente, que conhecia muito bem o paiz, em que obrava, e que possuia a confiança das tropas, de que tinha o commando.

Estando persuadido que a sua retirada não podia effeituar-se por Arzobispo, obrou muito bem em tomar o caminho, que tomou, o qual elle muito bem conhecia, e ainda que não foi feliz na acção, que teve, o que podia muito bem explicar-se pelo numero superior, e estado das tropas inimigas, a acção, no meu conceito, dálhe grande credito. Tenho honra de ser, &c. &c. &c.

(Assignado) ARTHURO WELLESLEY.

Miranda de Castenar, 13 de Agosto, 1809.

Senhor—Tenho a honra de informar-vos, que hontem pela manhaã estando em marcha no caminho de Grenadella de Aldea Nueva, a fim de restaurar a minha communicaçaõ com o exercito Alliado, um paisano nos segurou, que uma consideravel quantidade de poeira, que nós percebemos na estrada de Placencia, procedia da marcha de um corpo do inimigo.

Immediatamente eu voltei, e tomei posto defronte de Baños, com os meus piquetes avançados para Aldea Nueva, escolhendo aquelles pontos de defeza, que a urgencia do tempo permittia.

A cavallaria do inimigo se avançava pela estrada larga, e repellio os meus pequenos postos de cavallaria; mas um piquete de infanteria Hespanhola, que eu tinha escondido, fez um fogo firme, e bem dirigido sobre a cavallaria, que matou, e feriu muitos.

Os duzentos Hespanhoes de infantaria avançados para Aldea Nueva, continuavam, debaixo da direcçaõ do Coronel Grant, e seus officiaes, a manter o terreno com muitissima intrepidez, até que a cavallaria do inimigo, e os caçadores de cavallo em corpos consideraveis, apparecêram em ambos os flancos, quando foraõ obrigados a retirar-se.

A cavallaria do inimigo, e os caçadores de cavallo se avançavam em grande numero, em todas as direcçoens, e puxavam para cortar a legiaõ postada entre Aldea Nueva, e Baños; mas pela firme conducta dos officiaes, e soldados, o inimigo pode apenas avançar pouco, e com grande perda pelo fogo exceivo, que se fazia sobre elles.

Com tudo, havendo o batalhaõ de Merida, cedido sobre a direita, abrio-se um caminho, que cortava por detraz a nossa posiçaõ, e fui obrigado a ordenar a retirada para as alturas acima de Baños, quando me vi na precizaõ outra vez de destacar um corpo, a fim de explorar o caminho de Monte Major, pelo qual vi o inimigo derigindo uma

columna, o qual caminho voltava inteiramente para Puerto de Baños, uma legoa na nossa recta-guarda.

Neste tempo, Don Carlos Marquez de Estragne chegou com o seu battalhaõ de infantaria ligeira, e na mais intrepida maneira se postou ao longo das alturas, que commandavam o caminho de Baños, o que fez com que eu enviasse alguns do battalhaõ de Merida sobre a montanha, que á nossa esquerda dominava a estrada principal, e que o inimigo tinha pretendido subir.

O batalhaõ de infantaria ligeira, o destacamento da legiaõ sobre a sua direita continuavam, a pezar do fogo de artilheria, e musqueteria do inimigo, a manter seu terreno, ás seis da tarde porem, tres columnas do inimigo montáram a altura á nossa esquerda, tomáram-na, e fizeram tal fogo sobre as nossas tropas em baixo, que a defensa naõ foi mais possivel, eo todo foi obrigado a retirar-se para as montanhas sobre a nossa esquerda, deixando aberta a estrada principal, por onde se espalhou immediatamente uma columna consideravel de cavallaria.

O battalhaõ de Sevilha tinha sido deixado em Bejar com ordens de seguir-me ao outro dia; mas quando eu fuì obrigado a voltar, e acçaõ começou, ordenei que fosse para Puerto de Baños, para bater a estrada do Monte Major, e as alturas na recta guarda da nossa esquerda.

Quando a cavallaria do inimigo, se approximou, um official, e alguns dragoens gritáram ao commandante, que se entregasse, mas uma descarga o matou, e ao seu bando, e o battalhaõ continuou desde logo a subir as alturas, no qual movimento elle foi attacado, e cercado por uma columna de cavallaria, e outra de infantaria; o que naõ obstante elle rompeo, e abrio caminho, matando muitos do inimigo, principalmente da sua cavalaria.

O inimigo está passando agora com grande pressa para Salamanca. Sinto naõ ter podido por mais tempo embaraçar seus progressos, mas quando se considerar a

a enorme superioridade das forças do inimigo, e que nos naõ tinhamos artilheria, que Puerto de Baños pelo ladó da Estremadura; naõ hé um passo taõ forte como pelo de Castella, especialmente sem peças, espero que uma resistencia de nove horas, que custou ao inimigo muitos homens, naõ se julgará desproporcional aos nossos meios. Eu tenho a reconhecer os serviços que nesta occasiaõ me fizeram o Coronel Grant, o Major Reiman, Don Fermen Marquez, o Ajudante Maior dos dragoens de Pavia, o Cap. Carlos, e Mr. Bolman; e a exprimir a mais alta approvaçaõ de duas companhias dos battalhoens de Merida, avançadas na frente, e do official Commandante da soldadesca dos battalhoens de Sevilha, e da brigada Portugueza. Tenho ja noticiado a distincta conducta de Don Carlos, e o seu batalhaõ merece os mais altos louvores. Ainda naõ tenho podido colligir o montante da nossa perda. Pela qualidade de guerra, que se faz nas montanhas, faltaõ muitos homens, que naõ podem ajunctar-se por um, ou dous dias, mas eu creio, que o inimigo terá só que gabar-se de haver effeituado a sua passagem, e os seus mortos, e feridos seraõ uma grande diminuiçaõ da sua victoria.—Tenho a honra dê ser, &c. &c. ROBERTO WILSON.

Sir Arthuro Wellesley, &c. &c.

Truxillo, 21 de Agosto, 1809.

O General Cuesta moveo o seu quartel-general das vizinhanças da ponte de Arzobispo, na noite de 7 do corrente, para Peraleca de Garbin, deixando uma guarda avançada a qual consiste de duas divisoens de cavallaria do Duque de Albuquerque, para defeza da passagem do Tejo neste posto.

A cavallaria Franceza passou o Tejo a váo logo acima da ponte, á hora e meia da tarde do dia 8 do mez, e surprendeo esta guarda avançada, a qual se retirou, deixando

atraz de si todas as suas peças de artilheria, assim como as das batterias construidas para a defeza da ponte.

O General entaõ moveo o seo quartel-General para Meza de Ibor, na tarde de 8, tendo a sua guarda avançada em Bohoral. Elle deixou o commando do exercito a 12 (em razaõ do máo estado da sua saude,) que se devolveo ao General Equia. O Quartel General do exercito Hespanhol está agora em Deleitosa.

Parece que o destacamento do exercito de Venegas teve alguma vantagem sobre o inimigo n'um attaque que teve com elle nas vizinhanças de Aranjuez, a 6 do corrente. O General Venegas estava entaõ em Ocaña, e tinha determinado retirar-se para a Serra Morena, e despois de 5 moveo-se n'aquella direcçaõ. Voltou, comtudo, para Toledo na idea de attacar o inimigo a 12, mas a 11 o inimigo o attacou com os corpos de Sebastiani, e duas divisoens de Victor, nas vizinhanças de Almoracial. A acçaõ parece ter durado algumas horas, mas os Francezes tendo a final ganhado vantagem sobre a esquerda do General Venegas, este foi obrigado a retirar-se, e estava a ponto de recobrar a sua posiçaõ na Serra Morena.

A 9, 10, e 11, grandes destacamentos das tropas Francezas, que tinhaõ vindo de Placencia, voltáram para aquelle quartel, e a 12 attacáram, e desfizéram Sir Roberto Wilson em Puerto de Baños, na sua volta para Salamança.

Parece agora que as forças Francezas nesta parte da Hespanha estaõ destribuidas da maneira seguinte.— O corpo do Marechal Victor esta dividido entre Talavera, e La Mancha; o do Marchal Mortier em Oropeso, Arzobispo, e Naval moral; o do Marchal Soult em Placencia, e o do Marchal Ney em Salamanca.

Falta de provisoens, e os tristes effeitos, que della resultaõ, me obrigáram a retirar para as fronteiras de Portugal, a fim de refrescar as minhas tropas. Nos meus primeiros despachos informei a V^a. Senhoria do aperto, em

que nos vimos por falta de provisoens, e meios de transporte. Estas faltas, que forão a cauza da perda de muitas vantagens despois de 22 de Julho, as quaes se fizéram saber ao Governo, e que foram effectivamente conhecidas por elle a 20 de mez passado, ainda existem em grão mais adiantado. Nestes termos determinei sahir, a 20, de Jaraiseco onde eu tinha o meu quartel general desde 11, com os postos avançados no Tejo junto á ponte de Almaraz, e a recuar sobre as fronteiras de Portugal, aondé espero que serei supprido de tudo quanto precizo.

America.

Proclamaçaõ do Presidente dos Estados Unidos.

Por quanto, em consequencia de uma communicaçaõ do Enviado extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Britanica, declarando que as Ordens Britanicas em Conselho, datadas de Janeiro, e Novembro de, 1807, se revogariaõ no 10° de Junho passado; e em virtude da authoridade concedida, em tal caso, pela secçaõ 11ª do Acto do Congresso, intitulado " Acto de proprohibiçaõ de conrespondencia commercial entre os Estados Unidos, a Gram Bretanha, França, e suas dependencias, e para outros objectos." Eu Jacob Madison, Presidente dos Estados Unidos, publiquei a minha Proclamaçaõ com data de 19 de Abril ultimo, declarando que as dictas Ordens em Conselho haviam de ser revogadas effectivamente aos ditos 10 de Junho, despois do que se renovaria o commercio suspendido por certos Actos do Congresso immediatamente. E por quanto se me fez agora officialmente saber, que as ditas Ordens em Conselho naõ tem sido revogadas, conforme a communicaçaõ, e declaraçaõ dictas. Eu por ésta proclamo o mesmo, e conseguintemente o commercio renovavel no caso da revogaçaõ das dictas Ordens, deverá considerar-se como debaixo da operaçaõ dos diversos Actos, *pelos quaes* o dicto commercio foi suspendido.

Dada sob meu signal e Selo dos Estados Unidos, na Cidade de Washington, aos 9 de Agosto do anno de nosso Senhor mil outo centos, e nove, e da Independencia dos Estados o tregessimo quarto.

(Assignado) " JACOB MADISON.
" R. SMITH, Sec. d'Estado.

LITERATURA E SCIENCIAS.

Analyse do folheto intitulado os pedreiros livres e illuminados, &c. *Continuada de p.* 149.

ALEM da doçura de custumes, que traz comsigo o multiplicado concurso das sociedades particulares, podem éstas considerar-se em outro ponto de vista naõ menos interessante. Nenhum governo, em naçaõ alguma, se poderia encarregar da administraçaõ immediata de todas as coûsas que contribuem para a prosperidade nacional; isto he, se o governo de uma naçaõ quizesse cultivar por sua conta todas as terras de cultura; fazer só por sua conta todo o commercio; possuir a propriedade de todas as fabricas, &c. essa naçaõ cahiria em tal apathia, que os homens viviriam mais como carneiros em um rebanho, do que como cidadaõs industriosos. Ha porém muitos ramos, que naõ podendo ser bem administrados por individuos, nem sendo conveniente que o governo se encarregue delles, fazem que as sociedades particulares sêjam, neste caso, de absoluta necessidade, para a prosperidade nacional. Taes saõ os ramos de commercio em que se exigem grandes capitaes; taes saõ as sociedades de agri-

cultura, que pela reuniaõ das experiencias de muitos se podem fomentar os melhoramentos nesta importante parte da industria humana: as sociedades para promover sciencias &c. &c. As sociedades particulares servem alem disto de augmentar as relaçoens de amizades, e parentescos, augmentando assim, no cidadaõ; o amor da Patria, de que dependem os serviços que ella deve esperar dos individuos.

Apenas seria possivel responder ao A. nas suas accusaçoens vagas e sem raciocinio; e por tanto lembrarei eu mesmo os argumentos, que se produzem contra a sociedade dos Framaçons, em particular. Dizem alguns, que posto a sociedade dos Framaçons naõ seja em si má; com tudo se deve prohibir como inutil; outros porém dizem, que naõ só he inutil mas perniciosa. Examinemos a primeira.

A utilidade da sociedade dos Framaçons, ou se pode considerar relativamente á naçaõ, ou relativamente aos individuos, membros da sociedade. Se a considerar-mos pela utilidade que della pode resultar á naçaõ, naõ pode chamar-se inutil; visto que fica provado que todas as sociedades particulares, que naõ saõ para maos fins, saõ uteis; porque augmentam a sociabilidade entre os homens, pulem os custumes, e fomentam as virtudes patrioticas, e ainda algumas moraes; Quanto á utilidade dos socios em particular; ainda que somente um Framaçon possa avaliar ao justo as utilidades que lhe resultam de pertencer á sua ordem, com tudo ainda quem naõ sabe do interior da sociedade pode ajuizar que os socios tiram della proveitos immediatos: he publico, por exemplo, que a sociedade se encarrega da educaçaõ e arrumaçaõ dos orfaõs dos seus membros, que necessitam deste amparo; e que os membros mais ou menos se entre soccorrem uns aos outros; logo isto saõ proveitos immediatos, e mui attendiveis.

Mas vejamos a opinaõ dos que seguem que a sociedade dos Framaçons he, alem de inutil, perniciosa. Todos os adversarios da maçonaria saõ obrigados a fundamentar as suas accusaçoens em conjecturas; porque a natureza occulta da mesma sociedade faz com que naõ possam ter provas. O primeiro argumento he que, supposto as sociedades particulares sêjam uteis á naçaõ, ésta regra he inapplicavel aos Framaçons; porque estando dispersa por todo o mundo, naõ se pode dizer que pertença a ésta ou aquella naçaõ. A soluçaõ desta duvîda he obvia, porque aquella parte da sociedade, que existe na naçaõ, a ella pertence. Sirvanos de exemplo uma sociedade literaria. A Academia Real das Sciencias de Lx^a. tem socios em muitos paizes estranhos, os quaes taõ bem saõ socios de outras sociedades particulares de seus respectivos paizes; mas disso ninguem deduz, que sêjam menores as vantagens que a literatura Portugueza recebe da Academia, antes por isso seraõ maiores.

Outro argumento he que se naõ sabe que a sociedade dos Framaçons se empregue em objectos de utilidade commum: mas naõ entendo como disto se possa deduzir por consequencia, logo ella he pernicisoa; porque a ignorancia do publico a respeito dos seus uteis, naõ da direitõ a concluir que seja má; quanto mais que ja fica demonstrado que ella he util, quando naõ fosse por outro motivo, so porque he sociedade.

Objecta-se tambem que he occulta; e da qui se infere a maior parte dos argumentos contra os Framaçons. Sobre isto he mui notavel o que diz o celebre Hespanhol Feijoo, no seu theatro critico; na verdade este argumento he mais contra os accusadores do que contra os accusados. Feijoo, um author mui christaõ, Catholico Romano, e Jesuita, mui estimado dos seus collegas, he reputado em toda a Europa por sabio de Hespanha; admira-se, que se prohiba a sociedade dos Framaçons, só por que os que a prohibem ignó-

ramo que ella he: de maneira que o crime de que se accusão os Framaçons he a ignorancia dos accusadores. Os procedimentos de todas as sociedades saõ sempre mais ou menos ocultos para as pessoas estranhas; isto he que naõ pertencem á corporaçaõ; e naõ ha cousa mais vulgar nem mais racionavel do que a exclusaõ de pessoas estranhas, quando os membros de qualquer sociedade, se ajunctam para tractar negocios, que saõ relativos á mesma sociedade; acontece isso até nas confrarias ou irmandades devotas, que ha em todas as igrejas; e, ainda mais, em todas as sociedades ha certos negocios, em que naõ intervem todos os socios; tal he por exemplo em uma companhia muito numerosa de commercio, como a das Indias em Inglaterra, ou de Hollanda, onde o estado actual dos fundos custuma ser um segredo, que nunca sahe para fóra do pequeno numero dos socios, que saõ os directores da companhia. E sendo isto taõ commum so a falta de reflexaõ pode fazer extranhavel nos Framaçons o que he practicado por todas as corporaçoens. He verdade que umas sociedades saõ mais escrupulosas que outras em occultar os seus negocios, e a sociedade dos Framaçons parece ser a mais escrupuloza neste artigo; mas se em geral o custume se naõ reputa máo, tambem o gráo naõ pode alterar a moralidade da acçaõ. Até um pay de familia naõ tracta os negocios de sua caza ante estranhos, e ésta cautella só lhe chama crime a vizinha curioza, que se offende desta prudencia, sem outro motivo que o de naõ poder satisfazer á sua impertinente curiosidade.

Alguns pois que levam a conjectura mais longe; dizem que d'esta sociedade ser secreta resulta o perigo de que se tramem nella conspiraçoens contra o governo. E pois isto he mera conjectura, devemos examinalla pelos principios da saã critica.

A necessidade de um governo nas sociedades civis he verdade taõ evidente, e taõ geralmente recebida, que ainda

naõ houve um só escriptor que a contra dissesse seriamente. Como he pois de presumir que os Framaçons adoptem taõ absurdo principio, como he naõ querer governo algum? He uma regra de hermeneutica que tanto mais improvavel for o facto que se imputa a alguem, tanto maiores provas se requerem; e contra os Framaçons se produz uma accusaçaõ de conspirarem contra todos os governos, e a unica prova he uma conjectura, deduzida unicamente da ignorancia dos accusadores, de naõ saberem o que se tracta na sociedade.

Mas diraõ, se he absurdo, que uma sociedade regular qualquer, e a que pertencem muitos homens de conhecido bom senso, conspire contra todos os governos, naõ involve absurdo que os Framaçons, como corporaçaõ, sêjam oppostos a ésta ou aquella forma de governo: por exemplo que sêjam monarchomacos. He verdade que esta accusaçaõ assim limitada naõ involve absurdo, mas isto naõ basta para a fazer bem fundada: tracta-se he verdade de um facto, que naõ involve absurdo, logo he possivel mas isso naõ prova que existe. Neste caso temos ainda mais argumentos de conjectura, com que pode provar-se a improbabilidade da accusaçaõ; porque em todos os Estados do Europa Monarchicos, aristocraticos, democraticos, mixtos &c. se acham estabelecidas loges de Framaçons, fazendo as suas assembleas mais ou menos publicas segundo as circumstancias lhes permittem; agora he necessario ver contra qual destes governos se dirige o odio dos Framaçons; porque se em toda a parte os accusam de conspirar contra o governo; cahimos no absurdo de que elles saõ contrarios a todas as formas de governo. Deixemos pois as outras formas de governo, e examinemos simplesmente se he provavel que os Framaçons sejam antimonarchicos por principio, visto que esta accusaçaõ he justamente a que importa mais em Portugal.

Todos sabem que a maior parte dos Estados da Europa, mais consideraveis, saõ regidos por governos monarchicos; e he igualmente manifesto, que em todos elles ha Framaçons estabelecidos, e com as suas assembleas determinadas; em umas partes approvadas expressamente pelo monarcha, em outras publica e manifestamente toleradas: só se exceptuam desta regra Portugal, Hespanha, e a pequena porçaõ de Italia que occupa o Estado ecclesiastico. ¿ Como he logo possivel, que todos os Monarchas das mais illuminadas Naçoens da Europa consentissem e até approvassem, nas suas monarchias respectivas esta sociedade, se os seus principios fossem antimonarchicos?

As perseguissoens que em alguns Reynos se tem suscitado contra os Framaçons, tem indubitavelmente produzido maior credito a ésta sociedade; porque se tem concluido por permittir a existencia desta ordem. Isto prova que os Monarchas e governos que assim obráram, naõ ficávam consentindo os Framaçons nos seus Estados, por descuido ou falta de prevençaõ, mas que o fizéram com conhecimento de causa. Um exemplo notavel disto he a perseguiçaõ que soffrêram os Framaçons em Inglaterra, em tempo de Henrique I.; e que se acha em um celebre manuscripto conservado na biblioteca Bodleyana, em Oxford. Este manuscripto que mereceo ao celebre philosopho Locke, um commentario mui erudito; prova que despois de um circumspecto exame judicial de um Framaçon, perante El Rey, ficou a sociedade permittida: os interrogatorios estaõ feitos com summa miudeza, e parece que se escolhêra para ser perguntado um homem de instrucçaõ. Esta inquiriçaõ foi tanto mais util aos Framaçons, quanto foi exacta, e circumspecta, porque desde esse tempo, nunca mais foram inquietados os Framaçons em Inglaterra; há mais de seis seculos.

Em 1746 se instuio contra os Framaçons uma perseguiçaõ em Alemanha nos Estados do Imperador; principiou

a indagaçaõ naõ só com vigor; mas até com symptomas de espirito de partido; e naõ obstante isto acabou com a tolerancia expressa da ordem dos Framaçons nos Estados do Imperador; assim como ja acontecia em todo o resto da Alemanha.

O Baraõ de Bielfeldt, nas suas *Instituiçoens Politicas*, mostrando que a policia tem direito de examinar e prohibir as associaçoens cujos fins se ignóram diz expressamente que isto naõ deve comprehender a sociedade dos Framaçons, aque faz um decidido elogio.* O peso desta authoridade se conhecerá bem, considerando, que ésta obra de Bielfeldt he considerada um primor em seu genero; e que seu author a dedicou á Imperatriz Catharina de Russia; e o Baraõ de Bielfeldt, naõ faria similhante asserçaõ em uma obra dedicada a uma Soberana, se pensasse haver nesta sociedade principios antimonarchicos.

Concluirei pois ésta analyze, que se alargou mais do que eu intentava, notando ao author, segundo minha promessa, que as melhores obras que se tem publicado contra os Framaçons, saõ o—*Framaçon ecrasée;* e Robertson, *Proofs of a Conspiracy.* Barruel, ja o author o conhece, mas he tal o desapreço em que todos os homens sensatos tem ésta obra, que apenas merece citar-se. A favor dos Framaçons, poder-se-ha ver Preston — *Illustrations on*

* Eis aqui as suas palavras fallando dos Framaçons (Part i. cap. vii. § 31.) "Il ne faut pas cependant comprendre sous cette regle les loges des Francs Maçons. Cet odre est repandu par toute la terre: il subsiste depuis bien des siecles dans les pays les plus police's, il ne s'est jamais ingéré dans les affaires d'Etat; il n'a jamais fait que du bien a la Republique, et a ses Citoyens; il y a tant de Souverains, tant de Grands, tant de Magistrats, tant d'Ecclesiastiques qui sont Membres de cette Societé, que l'Etat ne peut rien craindre de ces assemblées, mais au contraire beaucoup de Sujets, e sur-tout beaucoup de pauvres n'ont que du bien á en attendre."

Masonry. Banier *Moeurs Religieuses de touts les peuples du Monde.*

Historia Geographica, Natural, e Civil do Chili por D. Ignacio Molina.

Esta obra, cujo original he Italiano, appareceo agora traduzida, em Inglez, nos Estados unidos da America, com notas da versaõ Franceza, e Hespanhola; e um appendiz, em que se acham copiosos extractos do Arancana de D. Alonzo de Ercilla. As obras de que se tracta aparecêram em Bolonha, uma em 1782 com o titulo de *Saggio Sulla Storia Naturale del Chili*, e outra em 1787; intitulada *Saggio* Sulla Storia Civile del Chili. Estas obras haviam ja sido traduzidas para o Hespanhol, e Francez antes de apparecer agora em Inglez; seu author um ex Jesuita, he natural do Chili, e por tanto uma áuthoridade respeitavel em todas as materias de facto. Assim como Clavigero, que escreveo a historia do Mexico, seu paiz natal; e Viscardo um natural do Peru, de quem ja fizemos menção como author; he Molina uma prova de que os Americanos saõ capazes de pensar e de escrever; e como naturaes daquelle paiz deviam ter meios de se informar de muitas particularidades, que necessariamente haviam escapar aos Authores Europeos, que tem dado a luz obras sobre a America.

O celebre Review de Edinburg, fez-lhe mui judiciosas observaçoens, e vai a publicar-se outra ediçaõ em Inglaterra. No momento em que a confusaõ da Europa faz voltar os olhos de todos para o vasto continente da America onde parece offerecer-se um azylo áquelles, que escaparem da conflagraçaõ geral; naõ podia deixar de ler-se com interesse uma obra desta natureza.

Por occasiaõ disto entram os Revisores na theoria do provavel successo, que teraõ os negocios politicos da

America Septentrional; e achamos que naõ seria desagradavel aos nossos leitores no Brazil o ser informados do que aqui se pensa sobre seus vizinhos; e pedimos venia para dar a razaõ que nos obriga a desviarnos, em algumas pequenas cousas, da opiniaõ daquella celebre Revisaõ. Eis aqui o primeiro paragrapho dos Revisores, com que naõ podemos em todo concordar.

"Naõ ha na nossa historia (dizem elles a p. 365, do Nº. XXIII,) periodo algum em que naõ se suppozesse um acontecimento digno de enumerar-se entre os maiores, que o curso dos negocios humanos podia produzir; a emancipaçaõ da America Hespanhola, e a mudança daquelle obscuro, zeloso, e incluso governo, que vigia sobre as suas colonias como um tyranno Asiatico sobre o seu serralho: que teme a chegada de um mercador como se fosse um inimigo, e fecha á communicaçaõ do Mundo uma taõ grande e bella porçaõ do globo. He disso prova, o esforço que ésta naçaõ tem continuadamente feito para obter, ao menos uma pequena parte, nas vantagens que a communicaçaõ com aquelle paiz parecia poder segurar; e estes forços se acham proseguidos desde as romanticas aventuras de Sir Walter Raleigh, até as recentes transacçoens de Sir Home Popham, e do General Whitelocke. —He disso prova a importancia que, por toda a historia do commercio Britanico, achamos que sempre se deo ao negocio de Contrabando com a Terra firme Hespanhola— e contracto que com tanta instancia se firmou no tractado de Utrecht—o interesse com que se tem mantido a questaõ do direito que tem os Inglezes de cortar na bahia de Campeche o páo daquelle mesmo nome. He prova disso a companhia do Mar do Sul, que absorbeo a taõ alto gráo a attençaõ da naçaõ. He prova a importancia que recentemente se deo á disputa sobre o miseravel pedaço de terra do estreito Nootka, e á maior importancia que se deo haverá 50 annos á posse das ilhas de Falkland; e o

peça que se attribuio á da Trinidad, quando se ajustava o tractado de Amiens."

Mas se jamais a communicaçaõ com a America do Sul foi justamente avaliada de importancia real para este paiz deve conceder-se que essa importançia se tem augmentado em razaõ decupla, pelas extraordinarias circumstancias, em que os extraordinarios acontecimentos dos ultimos dez annos, tem involvido as naçoens da Europa."

Os Revisores começam o paragrapho por uma justa accusaçaõ ao governo Hespanhol, relativamente ao zelo com que prohibiam aos estrangeiros o negociar em suas colonias; mas, éram, ou naõ, os Inglezes exemptos deste erro a respeito das suas? A administracçaõ das colonias Inglezas, assimilhando-se ao governo da metropole he summamente melhor que a das colonias Hespanholas; mas ésta naõ he a questaõ: tracta-se do erro de excluir os estrangeiros; neste caîram todas as naçoens Europeas; e parece, que pede a justiça naõ fazer isto peculiar aos Hespanhoes.

Tambem nos naõ parece, que nos periodos passados da historia Ingleza se acham muitas provas dos desejos desta naçaõ em emancipar as colonias de Hespanha; e os exemplos que os Revisores alegam, quanto a nós, tendem mais a provar que os Inglezes se queriam aproveitar da exclusaõ dos demais estrangeiros nas colonias Hespanholas, para serem elles sós os admittidos, do que fomentar a emancipaçaõ daquelles paizes, e a sua erecçaõ em um Estado independente. Nas circumstancias actuaes porém a couza muda; e convimos com os Revisores de que he o interesse, e talvez o desejo da Inglaterra essa emancipaçaõ. Eis aqui o que elles dizem a este respeito.

"Supponhamos, que, no estado presente de embaraço e susto em que nos achamos, a America Meridional nos apresentasse um prospecto taõ infecundo de esperanças, como nos apresenta a Europa: que, infatuados com a superstiçaõ de sua Religiaõ exclusiva, e de seu governo ex-

clusivo, os habitantes regeitávam e abjurávam toda a communicaçaõ com herejes, ou com homens livres, e que nos expulsávam de suas praias, como ja fomos expulsos, por aquelles que os governávam ¿quam profundamente naõ deplorariamos nos ésta desventura? Quam alto avaliariamos nós entaõ estes vastos recursos, eo taõ justo petitorio do novo mundo, se nos fosse prohibido obter o accesso a estas proveitosas emprezas, ao momento em que o continente da Europa parece fechar-se ás nossas esperanças! Antigamente, quando a emancipaçaõ da America Hespanhola, de um governo oppressivo, e humilhante, éra contemplada entre o numero dos acontecimentos desejaveis; a superstiçaõ dos habitantes, o seu odio dos hereges, o seu afferro cego mesmo ao governo que os opprimia, parecia erigirir obstaculos invenciveis, e éram lamentados como motivos ou causas que excluîam a aceitaçaõ de adjutorio do unico governo que éra assas liberal, e sufficientemente poderoso para lho offerecer. Pela feliz influencia dos conhecimentos, e successos, ésta superstiçaõ tem diminuido; e uma variedade de causas tem contribuido a enfraquecer a cadêa que atava estas colonias á sua metropole; cadea, que agora se pode suppor quebrada, e impossivel o reunilla outravez. Os habitantes do novo Mundo estendem os braços aos habitantes das ilhas britanicas, pedindo ó seu auxilio na hora da necessidade; e offerecendo-lhe em retribuiçaõ, os mais illimitados prospectos de vantagens, que ja mais naçaõ alguma teve em seu podet offerecer a outra."

" ¿Como he entaõ possivel, perguntará alguem, que um estado de cousas, que, em quanto se naõ podia obter, era o objecto de taõ anxiosos esforços, excite taõ pouca actividade para tirar partido delle; agora que espontaneamente occurreo? A verdade he que o nosso odio, e o nosso temor da França nos naõ deixa lugar para outro sentimento; e que a proximidade, e interesse immediato

de nossas manobras diarias contra ella, nos impede o descortinar a importancia superior, até como medida de defensa ou hostilidade, da grande e facil empreza, a que se nos convida em outro hemispherio.

" A importancia da America do Sul, ainda somente indicada pela sua extençaõ e situaçaõ no mappa do globo, fere os olhos de todos; mas a idea desta importancia he ainda mui imperfeita, em quanto ficam por examinar a extençaõ de seus recursos phisicos e moraes. Entre os papeis de Viscardo havîa um, que infelizmente naõ está ao nosso capto, em que se achava uma dissertaçaõ sobre a populaçaõ dos dominios Hespanhoes, no Continente da America: nesta dissertaçaõ por muitos documentos interessantes, e por deduçoens racionaveis, se achou elle authorizado a estabelecer o numero de habitantes em naõ menos de 18:000.000."

Temos em nossas maõs um documento mui curioso sobre a populaçaõ da nova Hespanha, que julgamos mui digno de ser communicado ao publico; naõ somente por causa da informaçaõ directa que contem, mas pelos dados que nos offerece para tirar-mos delles conclusoens, relativamente ás outras partes dos dominios Americanos. He este documento uma carta de Clavigero o celebre author da historia do Mexico, escripta da Italia a Viscardo, que entaõ estava em Londres, em resposta a certas perguntas, que este sugeito fez a Clavigero; e ao resto de seus confrades na Italia. Nos podemos afiançar a authenticidade desta carta, eisaqui a traducçaõ.

Perguntas.

1ª. Qual será o numero, pouco mais ou menos, dos Indios vassallos da coroa de Hespanha, nas tres Audiencias de Mexico, Guathemala, e Guadalaxara?

2ª. Qual será o numero total de habitantes de todas as classes, nestas tres Audiencias?

Resposta.

Naõ se pode dar a estas perguntas uma resposta cabal; porque naõ temos documentos escriptos a respeito do numero de Indios ou outros habitantes, no districto de Quathemala, nem individuo algum, que nos possa informar sobre isto de seu proprio conhecimento. Quanto á Audiencia de Guadalaxara ha circumstancias bastantes por escripto de algumas partes, mas naõ que bastem para que possamos trilhar em terreno conhecido, relativamente ao todo. A unica cousa sobre que podemos pronunciar com certeza he o que diz respeito ás quatro dioceses, comprehendidas na Audiencia de Guathemala, duas, que saõ as de Nicaragua e Honduras, saõ mal povoadas; o arcebispado de Guathemala he extenso, e povoado, e o numero de Indios he excessivo; no bispado de Chiapa, ainda que a populaçaõ naõ conresponde com a extensaõ, com tudo tem povoaçoens mui numerosas. No bispado de Yucatan o numero dos Indios he mui grande. A Audiencia de Quadalaxara, que he a maior em extensaõ territorial, contem igualmente quatro dioceses ecclesiasticas; a saber, Nova Galiza, Nova Biscaya, Nova Leaõ, e Nova Sonora; nestas, ainda que a populaçaõ he muito inferior á sua vasta extensaõ, com tudo contem muitos centos de mil almas. Os missionarios, que os Jesuitas ali empregáram, nos assegûram que ha perto de duzentas põvoaçoens de Indios; alem de 100.000 Neophitos. Na Audiencia de Mexico se comprehendem as quatro dioceses de Mexico, Puebla, Mechoacan, e Nuaxaca, bem povoadas. D. Joaõ de Villa, Recebedor geral do azougue real, publicou em Mexico, em dous volumes em folio, nos annos de 1746 e 1748 uma descripçaõ dos paizes pertencentes ao Vice Reynado de Mexico; e nesta obra, escripta por ordem de Philipe V. se exibem as circumstanciadas relaçoens, a respeito da populaçaõ. Conforme a estas contas, acham-se, nos quatro bispados, perto de 4:000.000 de

habitantes de todas as classes; mas eu naõ duvido, que excedem, e naõ pouco, este numero; 1°. porque o dicto author, em varias provincias, somente nos dá o numero de habitantes juntos em communidades ou aldeas, naõ incluindo os que vivem dispersos nos campos, o que saõ numerosissimos. 2°. porque elle nos dá somente conta das relaçoens que lhe fizéram os Alcaides Mores, cujo interesse éra fazer apparecer, o menor que fosse possivel, o numero de tributarios.

He verdade que a Audiencia manda algumas vezes ás provincias certos commissarios, chamados Contadores de Indios, porque tem a seu cargo contar os tributarios, e informar-se se as contas dadas pelos Alcaides Mores saõ correctas; mas taõbem he certo que estes estaõ de inteligencia com os contadores, e daõ as maõs uns aos outros para acautelar a descuberta; por tanto podemos sem temeridade concluir, que o verdadeiro numero dos tributarios excede, um decimo pelo menos, o numero, de que os Alcaides Mores daõ conta. O Doutor Eguiara affirma, no primeiro volume da Bibliotheca Mexicana, impressa em Mexico em 1775, que a diocese de la Puebla somente contem milhaõ e meio de habitantes, Quem conhece este grande homem, sabe que elle he incapaz de affirmar tal cousa sem ter boas razoens para estar seguro de sua verdade. A diocese de Mexico contem, sem duvida, taõ grande populaçaõ como a de Puebla; e consequentemente podemos crer que estas dioceses, tomadas so de persi contem mais de tres milhoens. As de Mechoacan e Huaxaca saõ taõ bem provadas, que nenhuma pessoa que tem viajado por ellas terá duvida de que a populaçaõ de ambas tomadas juntamente excêdem consideravelmente a do Mexico sò de persi. Do tudo isto podemos mui prudentemente inferir, que a Audiencia do Mexico, separadamente, contem de quatro e meio a cinco milhoens de habitantes. A respeito das outras duas Audiencias; ainda que naõ te-

nhamos a respeito dellas tanta informaçaõ, como a respeito da do Mexico, estamos com tudo persuadidos de que naõ nos enganamos computando dentro do territorio das tres Audiencias, uma populaçaõ de oito milhoens de christaõs, vassallos da coroa de Hespanha. Deste numero mais da terça parte saõ Hespanhoes, Creolos, Mistiços, e Mulatos; as outras duas partes saõ Indios.

" Mr. Pinkerton (continuaõ os Revisores) fundando-se na authoridade de uma colleçaõ de viagens, novamente publicada em Madrid, intiulada *El Viagero Universal*, de cuja obra elle diz, que os unicos volumes dignos da attençaõ de um leitor inteligente saõ os que dizem respeito á America Hespanhola, ainda que naõ de as razoens de nos fiarmos no author, *Estalla*, mais nesta parte do que nas outras da uma conta bem differente. ' O mesmo author, diz elle *(Estalla)* observa, que ainda que elle naõ pudesse obter informaçoens exactas, a respeito da populaçaõ da Nova Hespanha, com tudo, pelas mais inteligentes computaçoens ha na Intendencia do Mexico 1:200.000 almas; incluindo 140.000 na Cidade. E pela proporçaõ entre esta provincia e as outras; assim como pelos mais bem fundados calculos, se pode suppor que ha, em todo o Reyno tres milhoens emeio de habitantes*. Façamos algumas comparaçoens. Pelas contas officiaes, que se déram ao Recebedor geral em 1748, e que Mr. Pinkerton, e sua authoridade, parece ignorávam inteiramente, a populaçaõ da Audiencia de Mexico éra de perto de 4:000.000; representando Clavigero ésta mesma populaçaõ, com bons fundamentos, acima de 4:500.000; quando Estalla, naõ sabemos porque authoridade a avalia a 1:200.000. A cidade do Mexico diz Estalla contem 140.000 habitantes. Mas deverîa saber de Raynal, que, em 1777, o numero de nascimentos chegou a 5.915, e o dos mortos a

* Pinkerton Mod. Geog. v. iii. p. 162, 2ª. Edic.

5.011; d'onde se pode concluir que a sua populaçaõ deve andar perto de 200.000 almas. Esta conta se refere somente ás 14 parochias da cidade, sem incluir os seus extensos suburbios, e a immensa populaçaõ que os habita. Temos diante de nos um almanack do Mexico do anno de 1802 de que transcreveremos o numeros dos casamentos, nascimentos, e mortes das 15 parochias dentro da cidade."

O resumo disto he 948 casamentos, 6.155 nascimentos, e 3.591 mortes, donde se vê que ha um excesso de nascimentos ás mortes de quasi o duplo; e daqui concluem os Revisores com muita razaõ que o Mexico deve ser um dos mais saudaveis lugares do Mundo; e dá isto uma populaçaõ de 295.440 almas; o que se conforma ao que diz Alcedo (no seu Diccionario Geographico Historico de las Indias Occidentales, na palavra Mexico) que avalua a populaçaõ da cidade do Mexico, e suburbios em mais de 350.000 almas.

Os Revisores dilatáram-se sobre a populaçaõ do Mexico, de que tinham alguns dados, para argumentar daqui a respeito das outras provincias da America do Sul, pois a populaçaõ de que elles tráctam he toda ao norte do isthmo de Panama; assim, dizem elles, que suppondo todas as mais provincias do Peru, Chili, Santa Fe, Caracas, Buenos Aires, &c. tenham só tanta populaçaõ como aquella unica do Mexico, ainda assim teraõ os dominios Hespanhoes na America Meredional 16:000.000 de habitantes: computaçaõ que elles suppoem muito abaixo da verdadeira; porque os deputados Americanos, que fôram ter com o General Miranda em Paris, em 1797, elévam a populaçaõ a naõ menos de 20:000.000 de habitantes. As seguintes observaçoens dos Revisores saõ taõ illustrativas que merecem ser copiadas por extenso.

" Deve logo considerar-se, dizem os revisores, com a madureza e reflexaõ, digna de taõ grande materia, o que 20 milhoens de gente, populaçaõ quasi taõ grande como

a da antiga França, em um paiz de vasta extensaõ, e fertilidade, he capaz de obrar; tanto pela industria, como pelas armas, se lhes fosse concedido alguma vez o mais poderozo de todos os incentivos, isto he um bom governo. Poderá talvez fazer-se a objecçaõ de que dous terços desta populaçaõ saõ Indios; que saõ homens negligentes e ignavos. He verdade; elles tem sido representados como desleixados, e indolentes, por seus severos arbitradores de trabalho os Hespanhoes. Mas em vez de acreditarmos a attestaçaõ destas suspeitosas testemunhas, attendamos ao que diz um homem neutral, e inteligente; Mr. Thiery de Menonville, que viajou disfarçado no Reyno de Mexico, para transplantar para ás colonias Francezas a planta da cochinilha, e soube o modo secreto de a cultivar. ' Os Indios, diz elle, saõ geralmente grandes, bem apessoados, as mulheres saõ bastante alvas, e tem as feiçoens delicadas, até se poderia dizer que, em geral, saõ formozas; *naõ parece que lhes falta a industria; mas elles nem tem liberdade, nem as faculdades necessarias para a exercitar....* Na minha viagem me empreguei a observar o character dos Africanos, e o dos Americanos; achei-lhes muitas differenças, cuja vantagem he em favor destes ultimos, ainda que a sua sorte seja com pouca differença igual, debaixo da dominaçaõ dos Hespanhoes. O Africano me pareceo sempre orgulhoso, violento, vingativo, effeminado, fraco, e sobre tudo priguiçoso: o Mexicano, pelo contrario he phleugmatico, brando, submisso, fiel, e *laborioso:* a sua submissaõ naõ parece baixeza; nos negros he devida ao temor; nelles á razaõ, e muitas vezes á affeiçaõ; por que elles âmam realmente os Castilhanos, tanto quanto aborrecem os negros. Ve-se que muitas vezes fazem allianças com os primeiros, e nunca com os os ultimos. Os Americanos tem ésta polidez de coraçaõ, que os faz agradaveis, e hospitaleiros, para com todos. Encontrei nas minhas viagens mil Indios, a saudaçaõ sahia-lhe da boca

sem esforço, o mais longe que me viam; e quanto naõ tenho a congratular-me da sua boa recepçaõ! Os negros apenas se dignávam inclinar-se, quando eu passava por elles; e experimentei na minha ultima pousada, e em outras partes, quam pouco lhe importa com os infelizes viajantes. *Os primeiros vaõ fazer os seus trabalhos de tributo* (corvées) *á distancia de dez e quinze leguas de suas povoaçoens, e levam pezos enormes;* mas naõ pude encontrar um só negro, que levasse o menor embrulho, nem ainda que viajasse a pé.*"

Os Revisores, despois de haverem citado a authoridade de la Peyrouse, para mostrar a actividade do character dos Americanos, e a fertilidade do Chilli, lembram-se de que a abertura do estreito de Panama deve contribuir taõ bem, para approximar os interesses daquelle paiz á Inglaterra, e sobre a possibilidade dessa empreza fazem mui judiciosas observaçoens.

" No anno de 1785, dizem elles, se construio uma carta espherica do mar das Antilhas, e da costa de Terra Firme, desde a ilha de Trinidad até o golpho de Honduras; foi ésta carta construida por ordem do governo Hespanhol, e sobre mediçoens scientificas; e por ella se fez uma importante descuberta. A bahia de Mandinga, que he um immenso braço de mar, e principia cerca de 10 legoas para Leste de Porto Bello, penetra o isthmo até a distancia de cinco leguas do mar Pacifico. Esta pródigiosa bacia, que está quasi encerrada por uma cadea de ilhas, mui cerca umas das outras, na boca, nunca foi navegada por outros Europeos, senaõ Hespanhoes; e jamais se suppoz, que se entranhava pelo interior a taõ consideravel distancia, o que abundantemente próvam todas as cartas antigas em que este braço de mar vem notado. Desemboca no fundo

* Traité de la culture du Nopal, &c. par Mr. Thiery de Menonville V. I p. 100, 182, e 183.

desta bahia um rio de que ella tira o nome; este rio he navegavel, e sabemos que se approxima de um braço do Chepo, um grande rio, que desemboca no golpho de Panama. Nos naõ temos ainda nenhumas relaçoens que satisfáçam, a respeito da navegaçaõ ou capicidade destes rios; porêm pelo que Alcedo diz*, de ser a sua navegaçaõ prohibida pelo governo Hespanhol, sob pena de morte, com o expresso motivo de que se naõ descubra a facilidade da passagem para o mal do Sul; e pelo facto de que os chamados *Buccaneers* actualmente penetráram de um mar a outro, nesta direcçaõ; temos direito de concluir, que aqui se nos apresentam facilidades extraordinarias para ésta grande empreza. A bahia tem 10 braças de agua na entrada, chega a 11 no meio, e tem seis braças no fundo."

Os Revisores cîtam mais algumas authoridades sobre a possibilidade, e utilidade de se abrir ésta passagem; e daí hi examînam as hypothezes todas, em que se pode considerar a terminaçaõ da presente crisis dos negocios da America do Sul, e suas consequencîas; considerando estas duas hypotheses I Que Hespanha, a metropole destas colonias Americanas, fica independente. II Que a Hespanha fica sugeita a Buonaparte.

" I. Se a Hespanha ficar independente, a America do Sul pode; 1º ficar unida com ella no estado de vassallagem, em que até aqui tem estado; 2º pode ficar unida com

---

* A passagem d'Alcedo he ésta. 'El Rio referido (Mandinga) nace en las montañas de Bhepo, y corre al E hasta desembocar en la ensenada, a quien da nombre: su curso es de quatro leguas, y está prohibida su navegaoion con pena de la vida por la facilidad com que se puede internar por el á la mar del sur, como lo hicieron de 1679 los piratas Juan Guarlem, Edwardo Blomeu, y Bartolomé Charpa. La ensenada dicha en la Costa de la Provincia y Gobierno del Darien, y mar del Sur en el mismo Reyno, es grande, hermosa, y abrigada, &c. Alcedo dicc. Geog. verb. Mandinga.

ella em sua livre associaçaõ, ou uniaõ, como a da Irlanda com a Gram Bretanha: 3.° pode revoltar-se della com o adjutorio de Buonaparte: 4.° pode revoltar-se com a assistencia da Gram Bretanha: 5.° pode-se revoltar della sem assistencia de ninguem."

" II. Se a Hespanha ficar sugeita a Buonaparte, a America Meredional pode 1.° ficar unida com Hespanha em estado de vassalagem, mas naõ em associaçaõ livre; porque com uma coroa despotica, naõ pode haver uniaõ de subditos de outra maneira que naõ seja vassalagem: 2.° a America Meridional pode vindicar a sua independencia com o adjutorio da Gram Bretanha: 3.° pode fazello sem adjutorio de ninguem. Consideremos todas éstas possibilidades, por sua ordem."

" I. 1.° Ficando a Hespanha independente, pode a America Meredional continuar no seu estado de vassalagem. Naõ ha pessoa vivente, segundo cremos, que seja de opiniaõ, que este acontecimento, relativamente aos interesses da Gram Bretanha, he o mais desejavel. He ésta aquella identica condiçaõ das colonias Hespanholas, que neste paiz se tem por taõ longo tempo, e taõ profundamente lamentado; que tem feito com que tantas bençaõs, que a natureza tem concedido áquellas vastas regioens do globo, sêjam inuteis tanto para os habitantes, como para o resto da especie humana. Neste momento em que a Gram Bretanha tem necessidades, sem exemplo, e no actual estado das cousas, seria privalla daquelles recursos subsidiarios, a que a perca dos seus recursos Europeos dá um valor extraordinario."

" A pezar de tudo isto, achamos que o nosso Governo acaba de entrar em um tractado, em que garante a integridade de todos os dominios Hespanhoes. Se isto significa alguma cousa mais de que, durante a existencia do tractado, nos naõ faremos cousa alguma para desmembrar alguma parte destes dominios, deve significar alguma cousa

que he taõ impolitica, como impossivel para nós, o executar. Estas Colonias realmente naõ servem de cousa alguma á Hespanha. Naõ serîam de utilidade alguma, mesmo á Gram Bretanha, que pode tanto melhor tirar partido dellas; e nenhum homem sabio, estamos seguros disto, aconselharîa a este paiz que aceitasse tal Soberania, ainda que ella lhe fosse oferecida, pela livre vontade dos habitantes. Porem a estipulaçaõ, neste sentido, he felizmente taõ impracticavel como he impolitica. Se este empenho na guarantia da integridade do imperio Hespanhol, quer dizer, que nós nos obrigamos a impedir que os Americanos Meredionaes sêjam independentes, pelejando contra elles, no caso de que elles tentassem o ser independentes; nos perguntaremos sómente, se empregando nos, em tal conflicto, todas as forças da Gram Bretanha, ellas serîam sufficientes para este fim? Poderiamos nós, se fossemos assaz loucos para arriscar a Gram Bretanha nesta contestaçaõ, impedir a independencia da America Meredional, se la estivessem resolvidos a ser independentes? Mas concedendo que as forças da Gram Bretanha éram sufficientes para ésta empreza ¿temos nós algumas que possamos dispensar? Naõ saõ os negocios da Europa bastantes para, no presente momento, ocupar tudo o de que somos capazes? Naõ he o negocio da nossa defensa um, que as extraordinarias circumstancias dos tempos, e os exorbitantes esgotadouros, que há tantos tempos nos tem esgotado, fazem quasi igual aos nossos recursos? A estipulaçaõ pois de garantir a sugeiçaõ das Colonias Hespanholas, he uma estipulaçaõ que, se as colonias Hespanholas naõ gostarem disto; que vem a sêr, se alguma vez existir o caso em que ésta estipulaçaõ sêja de algum uso; nós naõ poderemos dar passo nenhum para a preencher. Mas supponhamos pelo contrario, que nós estavamos actualmente promptos a mandar um corpo de tropas, para resistir á emancipaçaõ da America Meridional; de todas

as cousas provaveis a mais provavel, se he que lhe naõ devemos chamar certa, he, que Buonaparte offereceria o seu auxilio aos Americanos do Sul, e que elles o aceitariam. Sendo assim, temos abundante experiencia para saber, que lhe naõ he impossivel mandar tropas á America Meridional; e entaõ temos de considerar em que maneira, e até que gráo um exercito Francez, pelejando na America Meredional pela parte do Povo, e contra nós, seria provavel que promovesse o bem, e previnisse o mal da naçaõ Britanica."

"I. 2.º Ficando a Hespanha independente, a America do Sul pode continuar unida a ella em uma associaçaõ livre. Para este fim he indispensavelmente necessario, que a Hespanha forme para si mesma um governo livre. Um Governo despotico, na Hespanha, naõ pode governar as suas colonias senaõ despoticamente. Naõ ha associaçaõ livre dos subditos com uma coroa arbitraria:—isto he uma contradicçaõ nos termos."

"He uma conclusaõ, que provavelmente ja está fixa na mente da maior parte dos nossos leitores, que somente pela formaçaõ de um governo livre he que a Hespanha tem alguma probabilidade de tornar a adquirir a sua independencia, ou, o que mais he, o conservalla por longo tempo, despois de a adquirir. Nos ouvimos fallar das Cortes da naçaõ, e do estabelicimento de um governo representativo, que se convidaraõ as colonias para entrar nelle; dir-se-ha que ésta proposiçaõ liberal, e benefica, reünirá os votos de todos os homens racionaveis."

"Na formaçaõ de um governo representativõ, para os differentes districtos de um grande paiz, a unica regra segura, e justa, he talvez o seguir a proporçaõ da populaçaõ; que sempre, em ponto grande, dá tambem uma exacta proporçaõ da propriedade. Procedendo-se sobre outra baze, se pôem a injustiça por fundameuto de toda a estructura. Sobre este principio os representantes da America Meredional,

nas Cortes de Hespanha, devem necessariamente ser o dobro mais numerosos que os da mesma Hespanha. Os representantes da America Meredional, portanto, vem a ser os governadores de Hespanha, e a America Meredional o pais Metropolitano; que devia ser por consequencia a sede do Governo, e em breve o seria; porque a preponderancia dos representantes da America do Sul votaria pela translaçaõ: A consequencia, porém, seria mui provavelmente, que os Hespanhoes se naõ submetteriam; e a uniaõ logo que fosse formada se dissolveria, por uma guerra civil."

" Supponhamos, que as colonias ficávam satisfeitas, sendo postas em igual pé com a metropole; e que se ajustava a disputa concordando-se, que cada uma das partes teria igual numero de representantes. Neste caso os interesses de ambas as partes seriam situados em directa opposiçaõ; e os seus esforços proximamente contrabalançados, de maneira que naõ resultaria daqui senaõ uma perpetua luta e contenda, e o consequente mao governo, e todas as miserias que se lheseguem; até que ésta mal pensada associaçaõ se dissolveria por si mesma, com muita promptidaõ.

" Se os Hespanhoes se propuzessem a formar um systema representativo, em que a populaçaõ da America Meredional, muito maior do que a sua, tivesse somente uma porçaõ subordinada; ha, em primeiro lugar, toda a probabilidade de que o povo da America Meredional senaõ submetteria a esta inferioridade; e em segundo lugar; a sua situaçaõ naõ teria outra mudança senaõ, que sendo antigamente governados por um certo numero de Hespanhoes influentes, junctos no que d'antes se chamava o Conselho das Indias, agora vinham a ser governados por um numero, alguma cousa maior, de Hespanhoes influentes, junctos no que provavelmente se chamaria as Cortes. A mundança por consequencia consistiria em ser peior governados do que êram no primeiro caso; porque os Membros do Conselho das Indias éram homens, em geral, esco-

lhidos expressamente pelos seus conhecimentos dos negocios da America, e os representantes, nas Cortes, naõ havîam ser expressamente escolhidos por aquelle conhecimento. Os membros do Conselho das Indias, estávam sugeitos a algum genero de responsabilidade, os representantes a penhuma estaõ sugeitos. Os membros do Conselho das Indias naõ tinham outros deveres, que preencher, senaõ attender ao governo da America; para com os representantes nas Cortes ésta serîa somente uma entre as outras muitas obrigaçoens; e uma que nunca se poderia esperar, que estivesse mui alta na escala de importancia."

" I. 3º. Ficando a Hespanha independente, podem as colonias fazer-se independentes pelo adjutorio de Buonaparte. Se nos naõ enganamos, este successo naõ he muito temîdo neste paiz. Nós confiamos ás nossas frotas o guardar as regioens transatlanticas, puras do contagio dos exercitos Francezes. Com tudo, entre todas as combinaçoens possiveis de circumstancias, ha algumas, e essas naõ improvaveis, em que serîa este um perigo, digno de alguma cousa mais do que desprezo. Supponhamos, que estando a Hespanha inteiramente libertada das armas de Buonaparte, as colonias declarávam a sua determinaçaõ de ser independentes, e que a Hespanha requeria, e obtinha, da Gram Bretanha, em observancia do tractado que agora existe, um auxilio de esquadras, e exercitos, para ajudar a subjugar, o que ella chamarîa uma rebeliaõ; nestas circumstancias, he por ventura alguma cousa menos que certo, que Buonaparte desejaria, e poderîa, mandar um exercito em auxilio das colonias? Estas colonias, assim apoiadas, frustrarîam sem duvida os attaques de Hespanha e Inglaterra; e teriamos a America Meredional independente, unida em amizade com França, e constante inimiga da Inglaterra. Se fosse necessario alguma cousa mais para encher a taça da desgraça Ingleza, seria isto."

" Outro acontecimento, e um que tememos sêja ainda

mais provavel, he que a Gram Bretanha se suspenda, em consequencia do presente tractado, em um estado alguma cousa entre desanimaçaõ, e neutralidade; achando-se os Americanos Meredionaes divididos entre si; um partido pode chamar Buonaparte, e por sua efficacia dar-lhe meios de adquirir ascendencia no paiz."

" I. 4. Ficando a Hespanha independente, podem as colonias libertar-se pelo adjutorio da Gram Bretanha. De todas as combinaçoens possiveis, neste interessante caso, he ésta evidentemente, em todos os sentidos a mais avantajoza ao nosso paiz. O poder de Buonaparte, naõ augmentado, antes suffocado, e diminuido pela Hespanha, cessaria de ser-nos formidavel na Europa, ao mesmo tempo que os vastos, e entaõ crescentes recursos da America Meredional serviriam ao nosso engrandecimento, e prosperidade.

I. 5. Ficando a Hespanha independente, podem as colonias erigir um governo para si, sem nenhuma assistencia externa; ésta contingencia he menos provavel; porque em quasi todos os casos possiveis, se as colonias naõ obtiverem o auxilio da Inglaterra, estaõ seguras de obter o da França. Que ellas saõ plenamente capazes de desafiar a opposiçaõ da Metropole sómente, naõ pode haver a menor duvida; mais, a influencia da Metropole he taõ pouca, que apenas se achariam adherentes seus assaz numerosos para formar um partido. Porem sem alguma authoridade, para quem olhem os partidos todos; e a Gram Bretanha está admiravelmente bem situada para assumir o character de um tal bem feitor, haverîam differentes vistas, que serîam incommodas, e poderîam ser nocivas. Entretanto elles tem o exemplo da America Septentrional para os guiar; e mui possivelmente aquelle exemplo os guiará bem. O rumo que tem de seguir, he taõbem taõ plano, que duas ou tres boas cabeças, debaixo da poderosa influ-

encia das boas intençoens, seriam bastantes para que, se naõ desviassem do verdadeiro caminho."

" Tal he uma leve, e por ésta razaõ imperfeita analyze do prospecto que offerece a America Meredional, no caso de que a Metropole fique independente. Entremos agora em uma analyze similhante do prospecto que se nos offerece, se a Metropole perde a sua independencia. Este he o lado da alternativa sobre que insistiremos mais; porque se deve considerar como muito mais provavel; mas do que dissemos no primeiro ramo da questaõ, ha tanto que he applicavel a este, que o resto o poderemos dizer em poucas palavras."

" II. 1. Se a Hespanha perde a sua independencia, as colonias podem ficar unidas com élla, em tal sugeiçaõ que se assimelhe á que até agora estáva submettida, Que este resultado he, alem de todos os outros, o que todos os Inglezes se devem unir em deprecar, apenas merece mencionar-se. He este um resultado, que, entre todos os acontecimentos possiveis deste caso, nos naõ pensamos que sêja o mais provavel. Com tudo os meios, que se haõ de pôr em acçaõ para o conseguir, naõ haõ de ser de bagatella. Se Buonaparte realizar todos os seus planos actuaes, dos quaes a subjugaçaõ da Hespanha deve formar a ultima parte; o seu poder será na verdade terrivel; e os motivos que elle poderá offerecer, seraõ motivos de uma formidavel efficacia. Os naturaes de Hespanha, em cujas maõs está agora colocado o governo da America Meredional, teraõ poderosos incentivos para olhar ainda para a Hespanha, e ficando-lhes aberto, naquelle paiz; o canal do interesse, a sua cooperaçaõ a favor de seu governo, sêja qual for a maõ que possuir esse governo, pode facilmente elevar-se ao ponto de zelo, e actividade. Que Bonaparte, no caso da subjugaçaõ final da Hespanha nomeará Hespanhoes para vicereys, audiencias, e grandes funccionarios de todas as descripçoens,

que sêjam pela sua parte, he um acontecimento sobre que se deve calcular como certo, com mui poucas excepçoens. Nem he necessario insistirmos na importancia da influencia que o poder do governo communica aos que a vibram: nem no pezo que ésta circumstancia primeira deve dar a todos os outros meios, que entaõ poderîa o inimigo empregar. Uma das circumstancias, a mais poderosa de todas, em dar efficacia aos meios seductores de Buonaparte, serîa o odio da Gram Bretanha, se a sua recusaçaõ em naõ interessar-se na America Meredional, ou uma odiosa preferencia aos interesses de seu antigo, e aborrecido oppressor, despertasse entre aquelle povo sentimentos de aversaõ, e hostilidade. Que estes sentimentos, proprios a annihilar os interesses deste paiz, seraõ ali suscitados, a conducta que até aqui tem seguido os nossos ministros, e a conducta que, do seu character, podemos predizer, que continuaraõ a seguir, nos dá fortissimas razoens para temer."

" Se Buonaparte ficar senhor da Hespanha, parece que nada poderá impedir que elle venha a ser ao mesmo tempo senhor da America, senaõ he a forte e irresistivel determinaçaõ do povo Americano de naõ continuar a ser dependente. Se ésta determinaçaõ tem, como nos suppomos, chegado ja ao gráo de madureza, entaõ ella triumpharâ sobre todos os obstaculos que Buonaparte lhe pode oppor. Se ésta determinaçaõ he ainda, como muita gente imagina, taõ fraca, que permitte ás colonias o ficar quietas debaixo de seus antigos oppressores; que força se podera suppor que tenha a mera antipathia ao nome Francez (a qual entretanto naõ existe) para resistir aos efficazes meios de Buonaparte. Na contingencia de que a subjugaçaõ da Hespanha se effectue, o que agora infelizmente he a mais provavel contingencia, a determinaçaõ dos Americanos Meredionaes de se fazerem independentes he o unico baluarte, em que podemos confiar, contra um dos mais

calamitosos acontecimentos que podem succeder á nossa patria. A luz, que isto dá ao tractado sobre que nos agora obramos, he forte, e instructiva."

" II. 2. Sendo a Hespanha subjugada podem as suas colonias adquirir a independencia, pelo auxilio da Gram Bretanha. Este he o acontecimento, que alem de todos os outros nos pertence, em tal caso, o desejar, e que, temos a consolaçaõ de pensar, será taõ popular como desejavel. Por este adjutorio os progressos daquella grande revoluçaõ seraõ por tal maneira guiados, que possam produzir o maior bem possivel tanto para nós, como para os Hespanhoes, e para a gente que nisto principalmente se interessa. Quanta, ou quam pouca fosse a probabilidade da subjugaçaõ da Hespanha, éra um ponto que merecia a mais séria consideraçaõ dos que formalizaram o tractado, a que temos muitas vezes alludido; porque, se a probabilidade do bom successo de Buonaparte naõ éra proxima á impossibilidade; atarnos as maõs, por um tractado, para naõ podermos tomar medidas que previnissem a extensaõ de sua influencia, na America Meredional, éra um exemplo de máo comportamento dos mais pezados que se podiam encontrar. Jamais houve acontecimento grande, que offerecesse maiores facilidades em sua execuçaõ, do que a regeneraçaõ da America Meredional, pela maõ auxiliadora do Governo Britanico. De facto, pouco mais he necessario do que ir, e offerecer ao povo um ponto de reuniaõ, e empregar aquella prudencia, e sangue frio, que um terceiro partido póde mui facilmente possuir, prevenindo em um povo inexperto, no calor de uma grande mudança, o cahir em confusaõ. Com que rapidez se naõ colherîam os fructos de taõ nobre conducta! Que sublime distincçaõ a de ter, uma vez mais, dado o exemplo de taõ benefica intervençaõ nos negocios das naçoens! A revólta dos Hollandezes do máo Governo da Hespanha; uma revolta taõ fertil em beneficios para o genero humano

triumphou, em grande parte, pelos meios Britanicos. A sabedoria da Raynha Izabel, e seus Ministros, vio a magnitude da occassiaõ, e naõ a deixou escapar. Porém ¿o que éram as vantagens, que offerecia immediatamente á Gram Bretanha a liberdade da Hollanda, comparadas com as que promette a liberdade da America Meridional? Grandes, como éram naquelle tempo, os perigos que este paiz tinha a receiar da inimizade de Philipe II, a inimizade e poder de Buonaparte saõ infinitamente mais formidaveis. He felicidade para qualquer paiz ser emulo de si mesmo, nas acçoens sabias e beneficas; porque ha exemplos que he util seguir; outros, partos da loucura e de interesses sinistros, que he naõ menos util evitar.

II. 3. Vindo a Hespanha a ficar sugeita a Buonaparte, a America Meredional pode vindicar a sua independencia sem auxilio de ninguem. Se o tractado, que nos assusta, e a que temos tantas vezes alludido; obrando em um correspondente estado do espirito dos moderadores da Gram Bretanha, atár por tal maneira as maõs deste paiz, que lhe obrigue a differir a sua interposiçaõ, até que sêja demasiado tárde, restanos entaõ o desejar, e com inexpressivel energia, que os Americanos Meredionaes se erîjam de si mesmo independentes; alias a sujeiçaõ a Buonaparte he a unica alternativa, que o povo da America Meredional tem de combater, para executar a obra de sua regeneraçaõ; difficuldades que a maõ da Gram Bretanha removerîa mui facilmente. A influencia, por exemplo, taõ perigosa, de todos os agentes do Governo Hespanhol, serîa immediatamente annihilada pela influencia da Gram Bretanha. Todos estes impulsos repentinos e irregulares, que saõ saõ aptos para acumular-se nas situaçoens perigosas, em momentos de grandes mudanças, serîam saudavelmente modificados pela influencia moderadora de uma Potencia amiga. Todas éstas dissensoens das differentes

partes discordantes, que em similhantes situaçoens se inflamam até ao derramamento de sangue, podiam facilmente temperar-se e guiar-se por uma Potencia protectora, que cultiva e merece a estimaçaõ de todas as partes. ¿Quem póde contemplar os deliciosos resultados de tal intervençaõ como ésta, sem lamentar os riscos que ainda corre de ser frustrada? Se assim succeder, se o povo da America Meredional deve ser abandonado, a si mesmo, seria presumpçaõ em alguem o pretender predizer, quaes seriam as consequencias. Taõ firmemente estamos nos convencidos, que o espirito dos Americanos Meredionaes está maduro para uma revoluçaõ, que ainda pensamos que a crise terminará bem. E com tudo, quando as sementes do mal, que nunca faltam em taes circumstancias, saõ deixadas a arrebentar e vegetar, sem que haja uma maõ que as extermine; principalmente debaixo de uma maõ cultivadora, e nutriente, que lhe promova o crescimento, como he a maõ de Buonaparte; he impossivel naõ temer o que tal mixtura de elementos pode produzir. Uma cousa he abundantemente certa, e he que os povos da America Meredional, vendo-se abandonados a si mesmos, e a todos os riscos de uma revoluçaõ, por um povo que tinha o poder, com pouco mais que um acto da vontade, de o salvar de taõ tremendo perigo, devem conceber tal antipathia a este povo, que seculos naõ seraõ bastantes para erradicar.

COMMERCIO E ARTES.

America.

A Carta seguinte foi dirigida pelo Secretario do Thesouro aos respectivos Collectores de direitos das alfandegas, em consequencia do Proclamaçaõ do Presidente.

(CIRCULAR.)

Repartiçaõ do Thesouro, Agosto 9, 1809.

SENHOR! Vos recebereis inclusa a copia de uma Proclamaçaõ do Presidente dos Estados Unidos, annunciando que certas Ordens Britanicas em Concelho naõ fôram revogadas aos 10 de Junho passado, e conseguintemente que, o commercio renovavel no caso de que as ditas Ordens fossem revogadas, deve considerar-se como debaixo da operaçaõ dos diversos Actos, pelos quaes o dicto commercio estava suspendido.

O Acto para reformar, e continuar em vigor certas partes do Acto, intitulado, " Acto de prohibiçaõ de conrespondencia commercial entre os Estados Unidos, a Gram Bretanha, França, e suas dependencias, e para outros objectos" passado a 28 de Junho, he portanto, em todos os respeitos, applicavel tanto a Gram Bretanha, e suas dependencias, como á França e suas dependencias, naõ obstante toda, e qualquer cousa em contrario na minha circular de 29 de Junho passado.

Desde que receberes ésta devereis em todos os casos, excepto os que forem daqui em diante expressos, recusar despachos de alfandega para os portos Britanicos, requerendo, segundo o costume, fianças de todos os navios destinados para os portos permettidos, da maneira providenciada pela secçaõ 3ª do Acto acima mencionado.

" Mas como muitos navios Britanicos podem vir aos portos dos Estados Unidos, em consequencia da Procla-

maçaõ do Presidente, dos 19 de Abril ultimo, elle determina que vos deixareis sahir, sem darem fianças os navios Inglezes em Lastro, ou com carga, sendo lhe notificada a Proclamaçaõ inclusa; bem entendido, que esta indulgencia naõ se extenderá a outros navios, que naõ sejaõ aquelles que actualmente estaõ nos portos dos Estados Unidos, ou os que daqui em diante chegarem de algum porto estrangeiro, onde se naõ tenha ainda recebido noticia da Proclamaçaõ inclusa.

" O Presidente tambem determina, que até a decisaõ do Congresso, sobre este ponto inesperado, ou até que recebais outras instrucçoens; as tomadias, e processos pelas suppostas contravençoens, ou do Acto acima mencionado, ou do Acto da Naõ-correspondencia, datado do 1°. de Março passado, resultantes do Actos, que em conformidade da sua Proclamaçaõ de 19 de Abril ultimo se considerariaõ como Legitimos, se suspendaõ nos seguintes casos.—

1. " Todos os navios, que tiverem entrado n'algum porto Britanico, despois de 10 de Junho passado ou que entrarem d'aqui em diante um tal porto, tendo partido para o mesmo antes de receber noticia da Proclamaçaõ inclusa á partida do porto, tanto quanto diz respeito a mulctas, ou penas que dahi podem resultar, ou tem resultado, em razaõ de assim terem entrado em porto Britanico.

2. " Todos os navios, que tem chegado ou de portos Britanicos, ou com mercadorias Britanicas, aos Estados Unidos, subsequente aos 10 de Junho passado, e tambem todos os navios, que d'aqui em diante chegarem deste modo, tendo partido para os Estados Unidos, antes de receberem noticia da Proclamaçaõ inclusa, no porto donde partiram, no tocante a qualquer pena, ou mulcta que dahi provenha, por terem chegado, ou chegarem aos Estados

Unidos de portos Britanicos, ou com mercadorias Britanicas.

3. Todos os navios pertencentes a cidadaõs dos Estados Unidos, e que navegam com bandeira Americana, que estando em porto estrangeiro no tempo, em que a Proclamaçaõ inclusa se publicar no dito porto, com a devida diligencia d'elle partirem, e voltarem sem demora aos Estados Unidos, pelo que toca á pena ou mulcta, que provenha de chegarem aos Estados Unidos de portos Britanicos, ou com mercadorias Britanicas.

" Nos casos acima mencionados de navios, que chegam aos Estados Unidos, e que pelo presente saõ exemptos de tomadia, os navios, e cargas podem ser admittidos a entrar.

" O tempo, em que a Proclamaçaõ inclusa se fizer saber nos portos da partida, deve respectivamente ser determinado do melhor modo, que poder-mos, e os casos duvidosos vós os referireis a esta repartiçaõ.

" Pode conseguintemente fazer-se qualquer applicaçaõ em todos os casos para remissaõ absoluta de mulctas, e penas, da maneira providenciada pela Lei; tendo as instrucçoens aqui dadas para evitar processos, e tomadias somente por objecto poupar despezas, e inconvenientes, a que alias ficarîam sugeitas as partes interessadas.

" Eu sou respeituosamente, Sñr,

vosso obediente servo,

(Assignado) " ALBERTO GALLATIN."

O Governo Dinamarquez publicou a 26 de Julho, a seguinte ordem.

" Todos os portadores neutraes, ou provavelmente neutraes, de Lettras de cambio, que foram sacadas de Inglaterra sobre os negociantes de Dinamarca no principio da guerra, e que foram depositadas nas maõs dos Commissarios de Altona, segundo o avizo do Governo, devem proceder dentro de um anno a receber o seo dinheiro, ou

propriedade. Findo o prazo de doze mezes, os artigos depositados ficaraõ sendo propriedade do Governo. Aquellas Lettras, que se naõ tem entregue aos Commissarios, se ordena, que se entreguem dentro de tres mezes, afim de que os portadores recebam o beneficio do presente decreto.

Hollanda.

Extracto de um Decreto sobre o commercio, expedido pelo governo Hollandez.

" O embargo fica por este levantado, em tanto quanto diz respeito a vasos carregados com artigos permittidos, excepto mantimentos."

" Naõ se permittirá, com tudo, aos vasos o sahir ao mar, até ordens ulteriores, excepto pelo Texel, e outros portos mais para o Norte; e mesmo entaõ se deteraõ por alguns dias, em apertada guarda, de maneira que se lhe corte toda a communicaçaõ com a praia, antes que lhe séja permettido dar a vella."

" Poderaõ tambem sahir ao mar do Mosa, onde se acham postados vasos armados; e se observaraõ os mesmos regulamentos, relativamente ao pôr os vasos em guarda apertada por alguns dias antes que sáiam ao mar."

Sept. 7, 1809.

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza.

N°. 2.

Legalidade do estabelicimento do governo de D. Affonso Henriques, e de Guilherme o Conquistador.

O DESEJO da independencia, e insubordinaçaõ he de tal maneira inherente ao coraçaõ do homem, que só uma madura reflexaõ dos beneficios, que nos podem resultar do estado de sociedade, nos obrigaria a sugeitarnos ao governo de outrem. He logo de primeira necessidade, para que os homens vivam de boa vontade sugeitos ao seu Governo, naõ só que conhêcam os beneficios, que delle lhe resultam, mas que estejam persuadidos da legitimidade, e bons fundamentos, que tem o direito de quem governa.

Alguns aduladores conrompidos introduzîram a maxima, que o poder dos Reys lhes provinha *jure divino;* cortezaõs astutos trabalháram por persuadir isto aos Monarchas; e Soberanos fracos deram ouvidos a éstas insinuaçoens; o que, bem longe de lhes ser util, tem dado motivo a querellas funestas, em mais de um Reyno da Europa.

Pode conceder-se que existisse tal direito, em um governo, que se admitte ser theocratico, como o dos Israelitas na Palestina; mas nunca similhante governo, nomeado immediatamente por Deus, jamais existio em nenhuma outra naçaõ; excepto no sentido de que os Reynos, bem como todas as mais instituiçoens humanas, estaõ sugeitos ás geraes e ordinarias disposiçoens da Providencia. Saul poderia alegar, que Deus o nomeou Rey, e lhe deo o direito de governar o povo de Israel; porque este Rey produzia, como testemunha do seu dicto, a Samuel, que o ungîra por mandado de Deus, e em quanto os nossos

Reys naõ mostrarem um similhante Diploma ou documento; devemos dizer, que o seu titulo a governar, lhe provem dos fundadores da Constituiçaõ, e das leis fundamentaes do Estado, e dellas somente; que estes direitos naõ tem relaçaõ, nem dependem das leis civis dos Judeus, dos Gregos, ou dos Romanos, ou de alguma outra naçaõ sobre a terra.

Desde que ha monumentos historicos no Mundo se sabe, que as differentes naçoens, que tem habitado e habitam o globo, instituîram, de sua propria authoridade, leis para se regulasem; as quaes contem a vontade implicita da maioridade da naçaõ. Esta he a origem do Governo de todos os povos; quando uma força externa naõ estabelece outras formas; que com o andar do tempo, e pelo consentimento continuado da naçaõ, venham a adquirir a sancçaõ dos povos, e o vigor de direito consuetudinario.

Os authores Inglezes tem disputado se o governo Saxonico, estabelecido na sua ilha, foi ou naõ destruido por Guilherme o Conquistador; e até muitos negáram que houvesse tal conquista, no actual sentido desta palavra. Da mesma sorte em Portugal ha quem tenha negado, que D. Affonso Henriques adquirîra a Soberania do Reyno, e fundára a Monarchia nas Cortes de Lamego; suppondo-se que D. Affonso VI. de Leaõ e Castella, dando sua filha D. Tareja em cazamento a D. Henrique, lhe déra em dote o Reyno de Portugal; como sé pudesse ser valida similhante doaçaõ de terras, que naõ éram de D. Affonso, e estávam em poder das naçoens Mouriscas, que as habitávam.

He logo neste primeiro passo da Monarchia Portugueza, que se acha uma preferencia ao estabelicimento da Ingleza; sendo o Monarcha Portuguez eleito, e inaugurado pela sua naçaõ, o mais pacifica e legalmente, que he possivel imaginar fazer-se um acto de similhante natureza; quando Guilherme o Conquistador, posto que invadisse

Inglaterra com o titulo de herdeiro nomeado por Duarte, o Confessor, ao despois, aproveitando-se do pretexto da resistencia que lhe fizéram, tractou a naçaõ como rebeldes conquistados, e vencidos, exercitando o maior despotismo que pôde.

E primeiramente vejamos a legalidade da eleiçaõ de D. Affonso Henriques Rey de Portugal.

Naõ se tem até agora mostrado as condiçoens, com que D. Affonso VI. de Catella dera sua filha a D. Henrique com o titulo de Conde, e simplesmente se pode isso conjecturar da natureza das relaçoens, que havia eſtre El Rey e o Conde, o que a historia nos tem de alguma forma patenteado.

D. Affonso VI., temendo um acomecimento de todas as forças Mauritanas, em consequencia da tomada de Toledo; mandou pedir soccorros á França. Felipe I. que entaõ ali reynáva, enviou-lhe muita gente, e entre outros nobres aventureiros, que vinham buscar fortuna nos successos da guerra, como era entaõ custume, veio D. Henrique; e, com os seus sequazes, foi tomando aos Mouros as terras que pôde conquistar. Aqui he absolutamente necessario passar em silencio o direito com que estes invasores tomávam as terras aos Mouros, assim como naõ he preciso fallar do direito com que os mouros as tomáram aos Godos, nem estes aos Romanos, ou os Romanos aos antigos Lusitanos. Basta sabermos, que, morrendo o Conde D. Henrique, se achou seu filho D. Affonso, com os capitaens que havîam ajudado a ésta conquista, de posse completa daquellas terras e avizinhando com os Mouros, contra quem todavia continuava a guerra. El Rey de Castella pretendeo ter direito á Soberania sobre ésta tribu errante (para me explicar assim) de conquistadores, composta de varias naçoens, e habitante já de um paiz, que nunca pertencêra a D. Affonso de Castella; e quaesquer que fossem as pretençoens deste Soberano, he

evidente, que os Conquistadores de Portugal, que nem éram seus vassallos, nem habitávam terras que lhe pertencessem, naõ tinham obrigaçaõ de obedecer-lhe: assim bem como os Cruzados na Palestina, que havendo conquistado aquelle paiz nomeáram a Gothofredo seu Soberano, o qual se considerou independente de todos os monarchas da Europa. Nem contra isto se pode alegar, que D. Affonso de Castella deo em dote a sua filha D. Tareja, mulher de Conde, o territorio ao Sul do Minho, porque alem de ser ésta uma mui limitada porçaõ de terreno, em comparaçaõ do que os Portuguezes ao despois tomáram aos Mouros, naõ consta que estes conquistadores reconhecessem ja mais a D. Affonso por seu Soberano. Desta opiniaõ fôram os Portuguezes daquelle tempo como se vê dos factos inegaveis de chamarem Cortes, de fazerem paz, e guerra, e em geral exercitar todos os actos de Soberania. E desta opiniaõ foram tambem todos os escriptores Portuguezes antigos;* até que a adulaçaõ entrou a espalhar que dos Hespanhoes, e naõ dos Portuguezes derivávam os Reys de Portugal o seu direito ao throno; naõ se lembrando esses aduladores, que, se D. Affonso Henriques naõ recebeo a Soberania do Povo, nas Cortes de Lamego, e do consentimento geral da naçaõ; mas sim do direito hereditario, por seu Pay, como feudatario de Castella, entaõ ficam esses, que deffendem tal opiniaõ, acusando a D. Affonso de rebelde ao Senhor Supremo; porquanto he naõ só contrario aos custumes feudaes da quelle tempo; mas inconsistente com o que se chama Razaõ-de-Estado; que D. Affonso VI. de Leaõ e Castella desse a soberania absoluta da pequena parte de Portugal, que entaõ possuia, ao Conde D. Henrique, sem reservar para si a homenagem; e por consequencia, só se pode suppor, que lhe concedeo

* Veja-se Brandaõ; Duarte Nunes; Vasconcellos; e o que diz Le Queien no tom 1.

a faculdade de guerrear os Mouros, e tomar-lhes o que pudesse; sendo estes ataques de grande proveito aos mesmos Reys de Leaõ.

As cortes de Lamego, que geralmente se tomam por authenticas nos daõ uma descripçaõ da forma da inauguraçaõ do primeiro Monarcha de Portugal, e naõ deixaõ a menor duvida sobre a origem do seu poder.

Junctos os tres Estados do Reyno, em Lamego, que fôram convocados sem nenhuma permissaõ do Rey de Leaõ; servio de Orador Lourenço Viegas, e perguntou aos da Assemblea se queríam ao Conde D. Affonso Henriques por seu Rey; e todos respondêram, que sim. Pedio-lhes mais Viegas o seu consentimento, sobre a forma de successaõ; e respondêram todos, que queríam que lhe succedessem seus filhos varoens, e em falta destes a femea, que casasse com Senhor Portuguez. Replicou entaõ Viegas; *Se tal he a vossa vontade dai ao Conde as insignias Reaes; e os circumstantes respondêram, que lhas concedíam.* O Arcebispo de Braga foi o que entregou a coroa, pondo-a na cabeça a D. Affonso; o qual aceitou ésta nomeaçaõ, e reconheceo o vir-lhe do povo a authoridade legal, nas seguintes palavras. " Bemdito seja o Senhor Deus, que sempre me ajudou quando vos livrava de vossos inimigos com ésta espada, que sustento para vossa defeza; *Vos me fizestes Rey*, e eu devo repartir com vosco o trabalho de reger, e governar. Eu sou Rey; e façamos leis, que mantenham no Reyno a publica tranquilidade."

¿ Como era possivel que D. Affonso reconhecesse mais expressamente a origem de sua authoridade do que dizendo ao povo " Vós me fizestes Rey."?

He ainda mais notavel, neste acto, a condiçaõ, que o povo poem a El Rey, e que faltando a ella deixaría de ser Rey; isto he, no caso de que elle prestasse homenagem a El Rey de Leaõ. Quando Lourenço Viegas fez esta pergunta aos deputados respondêram todos. " *Nós*

somos livres, e o nosso Rey o he como nos; a nosso esforço devemos a nossa liberdade; e se El Rey consente em fazer tal *he indigno da vida*, nem reynará entre nós, ou sobre nós, posto que Rey seja." D. Affonso naõ so approvou ésta declaraçaõ, mas a ampliou ainda mais dizendo " que seria indigno de reynar qualquer seu descendente que fizesse cousa similhante.* Despois destas declaraçoens da parte do Rey, e dos povos, parece evidente; primeiro; que o povo fez a nomeaçaõ e que el Rey a aceitou, reconhecendo por isso a authoridade da naçaõ; segundo, que ficou reservado o direito de o depôr a elle, caso que prestasse obediencia a um Rey estrangeiro; e de declarar indigno de reynar qualquer seu descendente que fizesse cousa similhante. Donde se segue que D. Affonso Henriques teve o melhor tittulo para reynar, que he possivel ter-se; e que lhe foi conferido com as solemnidades necessarias; e com restricçoens mui uteis.

E deve aqui notar-se que as leis fundamentaes, e outras particulares, que se fizéram nas Cortes de Lamego, saõ feitas em nome da naçaõ; o que se conhece bem da distincçaõ que se faz em algumas dellas, por exemplo na sexta, sobre o casamento da filha d'El Rey herdeira; a qual lei he feita em nome d'El Rey; e nella se repete que o povo fizera Rey a D. Affonso; pois prohibindo ésta Ley que a princeza herdeira case com senhor estrangeiro, conclue assim, " porque naõ queremos que nossos vassallos, sejam obrigados a obedecer a Rey, que naõ nascesse Portuguez, porque elles saõ nossos vassallos, e compatriotas,

---

* Se fosse precizo uma prova para persuadir aos Portuguezes do amor que devem aos seus Monarchas, este nobre e patriotico sentimento de seu primeiro Rey, seria mais que sufficiente; despois disto pode dizer-se que nenhuma outra naçaõ tem mais motivos de considerar ao seu Soberano como Pay da patria!

que sem auxilio estranho, e á custa de seu sangue *nos fizêram seu Rey.*"

O estabelicimento de Guilherme o Conquistador, na Inglaterra, he de natureza mui differente. Reynava em Inglaterra, com o consentimento geral da naçaõ, El Rey Haroldo, quando Guilherme Duque de Normandia, atravessando o canal com um poderoso exercito, derrotou inteiramente os Inglezes na batalha de Hastings, e se proclamou seu Rey. He verdade que o Conquistador tentou a principio conciliar a naçaõ, allegando o pretendido direito de successaõ hereditaria, por haver sido nomeado herdeiro no testamento do predecessor de Haroldo, Duarte o Confessor, mas vendo que as reiteradas opposiçoens do povo ao seu poder éram uma prova convincente da repugnancia com que obedeciam, tirou a mascara; derribou a antiga fabrica da legislaçaõ Saxonica; exterminou ou expulsou os possuidores das terras, e as repartio a seus capitaens, estabeleceo o completo systema feudal, e até alterou a linguagem da naçaõ; fazendo adoptar nos actos publicos, em lugar do Inglez o seu idioma Francez Normando.

Desta maneira, posto que o governo feudal se estabelecesse, no Continente, pouco e pouco, na Inglaterra foi introduzido todo de um golpe, á força d'armas, e com todas as oppressoens de um governo usurpado. Dividio, pois, Guilherme, de sua propria authoridade, o territorio de Inglaterra em sessenta mil duzentos e quinze feuos militares, cujos possuidores tinham imposta a pena do perdimento de bens se naõ tomassem as armas ao primeiro signal, que o Soberano lhes fizesse, para se unirem ao seu estandarte. Impoz a tyrannica ley chamada dos bosques *(forest laws)* reservando para si o privilegio exclusivo de caçar em toda a Inglaterra. Assumio o poder de impor tributos. Em uma palavra concedeo-se a si mesmo todo o poder executivo; e uma authoridade judicial ex-

tensissima, exercitada por um tribunal, intitulado *Aula Regis*, em que El Rey presidia pessoalmente; e que recebendo appellaçoens dos tribunaes inferiores dos baroens, continha em sujeiçaõ o maior, assim como o menor dos subditos.

Daqui temos, que a origem do Governo Portuguez, se acha em um pacto expresso, e solemne do primeiro Rey, com o povo; o que éstas duas partes contractantes estipuláram em seu nome e de seus descendentes, ficando estes ligados áquellas mutuas obrigaçoens, em tanto quanto a natureza do pacto o permitte ou exige. A origem do governo Inglez, pelo contrario, provem de uma conquista,* da força armada, e de um poder phisico manifestamente opposto aos desejos da naçaõ; e que só pôde tornar-se legitimo com o andar do tempo, pelo tacito, e continuado consentimento da naçaõ; e por alguns actos expressos do povo e soberano, tal qual a *Magna Charta*, e outros.

Destes differentes principios resultáram tambem effeitos diversos, e consequencias importantes, que mui naturalmente naõ fôram previstas nem n'um, nem n'outro Reyno. Na Inglaterra, a illegalidade e violencia do Conquistador despertou a attençaõ dos povos de tal maneira, que os Inglezes vigiáram sempre cuidadosamente o procedimento do governo, e naõ deixáram escapar occasiaõ alguma, em que se pudessem pôr barreiras ao poder da corôa. Estando sempre alerta, e offerecendo-se éstas occasioens pelo decurso do tempo, gradualmente foram restringindo o uso dos direitos da coroa aos proprios canaes por onde deve

* Eu sei mui bem, que ésta opiniaõ he controvertida por alguns authores Inglezes, os quaes seguem, que a palavra *Conquista*, de que usam todos escriptores antigos, fallando da entrada de Guilherme o Conquistador em Inglaterra, significa, no sentido feudal, *acquisiçaõ*. Mas, perguntára eu; se assim he, porque naõ chamam *conquistadores* aos mais Reys, que *adquiriram* a corôa de Inglaterra?

correr, sem que lhe seja possivel trasbordar. De maneira que a mesma violencia da origem deste governo, em um povo que fôra livre, deo indirectamente principio aos regulamentos, que ao despois se fizeram, a favor da liberdade da naçaõ.

Pelo contrario em Portugal, descançados os povos com a legalidade de seu governo; e até com a bondade de D. Affonso Henriques, e de muitos de seus successores, naõ pensáram em abrigar-se dos abusos de poder, que pela astucia de ministros ambiciosos, e de homens perversos, viêram a alegar-se, ao diante, como direito, e costume, reduzindo a forma do governo, e a administracçaõ do Reyno ao que hoje em dia se observa.

Continuaçaõ da serie de buletins Francezes.

Buletim 16. Ebersdorf, de Junho, 1809.

O inimigo tinha lançado sobre a margem direita do Danubio, defronte de Presburg, uma divisaõ de 9.000 homens, que se tinha entrincheirado na aldea de Engerau. O duque de Auerstadt a fez attacar hontem pelos attiradores de Hesse-Darmstadt, auxiliados pelo regimento 1! de infanteria de linha. A aldea foi rapidamente tomada Um major, 8 officiaes do regimento de Beaulieu, entre os quaes se acha o neto deste marechal de campo, e 400 homens ficáram prisioneiros. O resto do regimento oi morto, ou ferido, ou lançado á agoa. O que restava da divisaõ achou um azylo em uma ilha, para tornar a pasar o rio. Os attiradores de Hesse-Darmstadt pelejáam muito bem. O Vice-rey tem hoje o seu quartel-general em Oedenbourg. Os effeitos mais preciosos da corte fôram transportados de Buda para Peterwaradin, para onde se retirou a Imperatriz. O duque de Raguza chegou a Laybach. O gen. Macdonald está senhor de Graz; e cerca da cidadella, que faz apparencias de querer resistir. —Na batalha de Esslingen, o gen. de brigada Foulers, ferido

em uma carga, foi precipitado do seu cavallo; o gen. de divisaõ Durosnel, ajudante de campo do Imperador, vindo trazer uma ordem do Imperador á divisaõ de courasseiros, que tambem carregava, foi tambem deitado a baixo. Temos a satisfacçaõ de saber, que estes dous gen. e 150 soldados, que criamos ter perdido, estaõ simplesmente feridos, e ficáram nos trigos, quando o Imperador, sabendo que as pontes do Danubio tinham sido quebradas, ordenou o concentramento entre Eslingen e Gross-Aspern. O Danubio abaixa; entretanto a continuaçaõ dos calores faz receiar ainda outra enchente.

Buletim 17. Vienna, 8 de Junho, de 1809.

O coronel Gorgoli, ajudante de campo do Imperador de Russia, chegou ao quartel Imperial, com uma carta deste Soberano para S. M. Annunciou elle, que o exercito Russiano se dirigia para Olmutz, e tinha passado as fronteiras aos 24 de Maio. Antes de hontem, o Imperador passou revista á sua guarda, infanteria, cavallaria, e artilheria. Os habitantes de Vienna admiráram o numero, a bella apparencia, e o bom estado destas tropas. O Vice-rey foi, com o exercito da Italia para Oedemburg em Hungria. Parece que o archiduque Joaõ procura tornar a ajunctar o seu exercito em Raab. O duque de Ragiza, com o exercito de Dalmacia, chegou a Layback aos 3 deste mez. Os calores saõ mui fortes, e a gente practica do Danubio prediz, que haverá uma trasbordaçaõ daquia poucos dias. Aproveita-se este tempo para acabar de fincar as estacas, alem das pontes de bateis e jangadas. Todas as noticias que se recebem do inimigo annunciam, que as cidades de Presburg, Brunn, e Znaim estaõ cheias de feridos. Os Austriacos avaliam a sua perca a 68 000 homens. O principe Poniatowski, com o exercito do gram ducado de Warsovia; continua em suas vantagens. Depois da tomada de Sandomir, se apoderou da fortaleza de

Zamosa, onde fez experimentar ao inimigo uma perca de 3.000 homens, e lhe tomou 30 peças de artilheria. Todos os Polacos, que estaõ no exercito Austriaco desértam. O inimigo, despois de ter ficado mal diante de Thorn, foi vivamente perseguido pelo gen. Dombrowski. O archiduque Fernando naõ tirou senaõ vergonha de sua expediçaõ. Deve ter chegado á Silesia Austriaca, reduzido ao terço de suas forças. O senador Wibiski se distinguio pelos seus sentimentos patrioticos, e por sua actividade. O Conde de Metternich chegou a Vienna. Vai a sêr trocado nos postos avançados pela legaçaõ Franceza, a quem os Austriacos tinham, contra o direito das gentes, denegado os passaportes, e levado a Pest.

N. I. Carta do duque de Raguza.

Senhor! Tenho a honra de dar conta a V. M., que, tendo recebido, do principe Vice-rey a informaçaõ de que o exercito Austriaco da Italia se tinha posto em marcha para entrar em Croacia, aos 14 de Maio; aos 16 encontramos o inimigo, nas bellas posiçoens que ocupava, ha 15 dias, e alli o attacamos. Despois de um vivo, mas curto combate, todas as posiçoens de Mont-kitta fôram tomadas pela divisaõ Clausel: matamos-lhes 300 homens, ferimos 6 ou 700, e tomamos 500: muitos largáram as armas, para se salvarem mais depressa nos rochedos, de maneira que 3 ou 4.000 homens fôram dispersos, e fáltam no exercito. Entre os prisioneiros se ácham muitos officiaes, e no numero destes ultimos o gen. Sloissevich, commandante em chefe aqui. A força do corpo de exercito inimigo éra de 19 batalhoens, tudo regimentos Croatas ou das fronteiras. Sómente doze destes batalhoens se acháram na acçaõ, os outros tinham sido destacados sobre a baixa Zermagna. No outro dia, 17, pela manhaã, marchei contra o inimigo, que occupava os entrincheiramentos que havia construido em Popina. A' nossa chegada abandonou elle estes entrincheiramentos, sem que fosse possivel apanhallo, por causa da grande promptidaõ com que obrou. Aos 17 pela tarde, segu-o até diante de Gradschatz, e attaquei, com a minha vanguarda, a retaguarda que elle tinha deixado na desembocadura das montanhas, a fim de favorecer a entrada de dous batalhoens, que tinha em Ervonick: a sua retaguarda foi derrotada, expulsamolla de todas as suas posiçoens, e a seguimos na planicie: entaõ a fez o inimigo sustentar

com todas as suas forças; e como os batalhoens, que deviam vir de Ervenick, estávam sobre o nosso flanco, e pela natureza do terreno nos occupávam muita gente; e, alem disto, naõ havia tempo para chegar todo o exercito; daqui resultou que estivemos no caso de ter na planicie um combate contra forças mui superiores, combate que mantivemos com grande obstinaçaõ. Nos conservamos todas as posiçoens, que haviamos tomado, e todas as vantagens que obtivemos. O combate finalizou ás 10 horas da noite. O inimigo aproveitou-se da escuridaõ para evacuar a cidade; e na manhaã entramos em Gradschatz. Neste ultimo combate fui ferido com um tiro de fogo no peito; mas a ferida he ligeira, a bala naõ fez mais que esfolar, e nem por isso deixei de preencher as minhas funcçoens. O inimigo postou-se entre Gradschatz e Gospich. Nos o seguiremos logo que nos chegar a artilheria e provisoens, que naõ pude trazer aos cumes, nem se pudéram por em movimento se naõ depois de estarmos senhores da estrada grande. Espero que será isto amanhaã, ou ao mais tardar no dia depois.—Naõ poderia louvar assas as tropas, que entráram em combate; a saber o 3º de infanteria ligeira, o 11 e 23 de linha, e os valentes e dignos coroneis destes regimentos Bertrand, Bachelu, e Minal; este ultimo recebeo sette feridas, nenhuma das quaes, felizmente, he perigosa: Devo louvar igualmente o gen. Clauzel, e fazer particularissima menção do gen. Delzons, que influio poderosamente nestas vantagens. O numero de homens, que ficáram incapazes de combater, nestas duas acçoens sobe a 300. Sou com o mais profundo respeito, &c.

Quartel general de Gradschatz, 18 Maio. (*Assignado*) O Duque de Raguza, Gen. em Chefe do exercito de Dalmacia.

N. II. Carta do Duque de Raguza.

Senhor! Tive ja a honra de participar a V. M. de haver entrado em campanha o vosso exercito de Dalmacia; e de haver vencido o inimigo em Mont-Kitta; e tambem de haver aprisionado o gen. Sloisevich, commandante em chefe; e do combate de Gradschatz. Agora devo referir a V. M. as operaçoens que se seguíram.—A artilheria e viveres que esperava de Dalmacia, chegáram aos 19, puz-me em marcha, aos 20, para Gospich: aos 21, mui cedo, cheguei á vista de Gospich. O inimigo se havia reforçado com as columnas d'Obrovatz, e de Ervenik, que éram compostas de 4.000 homens, e que ainda naõ tinham entrado em acçaõ; havia recebido, alem disto, dous batalhoens do regimento de Bannat, e tinha feito reunir toda a *populaçaõ* em armas. As suas forças éram o dobro das nossas. A

posiçaõ do inimigo éra bella. Gospich está situada na reuniaõ de quatro rios, de maneira que, de qualquer lado que se apresente, he necessario passar dous; estes rios saõ mui encanados; e naõ se podem passar senaõ defronte dos sucalcos, e nesta estaçaõ só um da vão. Decidi-me a naõ attacar Gospich em frente, mas a voltar-lhe a posiçaõ, de maneira que ameaçasse cortar a retirada do inimigo. Para conseguir este fim, éra necessario passar um dos rios a tiro de canhaõ das batterias inimigas, estabelecidas do outro lado do Licea, ou atravessar as montanhas extremamente ingremes, e de difficil accesso, onde os Croatas poderiam resistir com vantagem. O inimigo occupava a margem opposta deste rio, êra necessario lançallo fóra dali, a fim de poder restabelecer a ponte que elle havia cortado. Duas companhias de volteadores do 8 regimento, commandadas pelo Cap. Bourillon, passáram um vao, e obtivéram este fim; pois o inimigo, contando com a sua posiçaõ, tinha ali mui pouca força; occuparam essas companhias os dous pontaletes que tocavam o rio. Apenas se tinha executado este movimento, quando o inimigo desembocou pela ponte de Belay, e marchou sobre a divisaõ Montrichard, que seguio a divisaõ Clauzel. Dei ordem immediatamente ao gen. Clauzel, que fizesse passar o gen. Delzons, com o 8 regimento de infanteria ligeira, o rio que nos ficava em frente, a fim de occupar as alturas de que se tinham apoderado os volteadores, e defendellas, se fosse attacado, com a maior obstinaçaõ possivel. Dei-lhe igualmente ordem de se approximar um pouco aos outros regimentos de sua divisaõ, de maneira que sustentasse a divisaõ Montrichard, com que ia combater o inimigo que desembocava.—Marchou o inimigo sobre nos em tres columnas, eu dispuz logo toda a divisaõ Montrichard, e depois de ter ficado em posiçaõ de bem julgar do projecto do inimigo, decidi-me a fazer attacar a columna do centro, pelo 18 de cavallaria ligeira, á frente do qual marchava o gen. Soyez, em quanto o 79, que commanda o cor. Godard, e com quem se achava o gen. Montrichard, continha a direita do exercito inimigo. A carga do 18 foi extremamente brilhante; e he impossivel acostar-se ao inimigo, com maior confiança e audacia do que o fez este valoroso regimento: foi o inimigo derrotado, e perdeo tres peças de artilheria. Nesta gloriosa carga foi ferido gravemente o gen. Soyez. Eu fiz auxiliar immediatamente o regimento 18, pelo 5, debaixo das ordens, do coronel Planzonne, que marchou sobre a columna da esquerda inimiga, e a fez recuar; obstinando-se o inimigo, enviou poderosos reforços, que exigíram de nossa parte tambem nossos esforços. O regimento 73, que tinha seguido a direita do inimigo, se reunira ao nosso centro, ro-

deando um outeiro que o separava. Puz em duas linhas o regimento 18, ás ordens do gen. Launay, e do cor. Bouté, e em reserva um batalhaõ do 11, que destaquei da divisaõ Clauzel. Fazendo o inimigo um novo esforço, o recebeo o regimento 79, com o seu valor ordinario, e um batalhaõ o carregou, em quanto o 81 fazia outro tanto. Esta carga foi taõ viva, que o inimigo se precipitou no rio, e muitos se afogáram: todos quantos passáram teriam sido destruidos, se doze canhoens do inimigo assestados da outra parte do rio Licea naõ obstassem a que fossem perseguidos. Este esforço terminou a jornada. Na nossa esquerda o gen. Daunay, que marchava á frente dos regimentos 79 e 81, foi ferido. Durante estas acçoens destacou o inimigo seis batalhoens, para attacar as posiçoens que occupava o 8 segimento ligeiro. Este corpo um dos mais valentes do exercito Francez, que commanda o cor. Bertrand, e que o gen. Delzons tinha mui bom postado, resistio com muito vigor e perseverança. Despois de muitas tentativas inuteis, para tomar ésta posiçaõ á força descuberta, occupou-se o inimigo em voltalla. Estava em algum perigo, quando mandei ao gen. Clauzel, que enviasse ao gen. Delzons tres batalhoens do regimento 11, ás ordens do coronel Bachelu, naõ somente para sustentar e segurar o regimento 8, mas para tomar a offensiva, e ameaçar a retirada de todo o corpo do inimigo, que elle tinha voltado. O gen. Delzons fez o melhor emprego de suas forças, e o regimento 11 manteve nestas circumstancias a sua reputaçaõ; e em menos de tres quartos de hora, perdeo o inimigo por força, ou evacuou, todas as suas posiçoens: este successo poz fim ao combate. Durante a noite se occuparam as tropas com a maior actividade, em restabelecer a ponte que se havia cortado. A minha tençaõ era passalla ante manhaã, com todas as minhas forças, para me achar o mais depressa que fosse possivel sobre a communicaçaõ do inimigo, supondo que elle naõ demoraria a sua retirada um so instante. Os trabalhos da ponte fôram mais longos do que eu pensava, e o transporte dos meus feridos foi taõ difficil, que ao meio dia ainda as tropas naõ estávam em estado de executar este movimento. Por outra parte o inimigo tinha feito um movimento offensivo, com 4 ou 5.000 homens subindo o Licea. Esta confiança do inimigo pareceo dever prevenir a proxima chegada ao soccorro, que trazia o gen. Knesevich, e que se dizia estar a poucas horas de marcha. Entretanto a divisaõ Montrichard passou o ribeiro sem inquietaçaõ, e logo que a frente de minhas columnas se mostrou á entrada da planicie, se dispoz o inimigo á retirada, chamou todas as suas tropas que tinham subido o Licea, e veio formar-se diante de nos, com sette batalhoens, e uma grande

quantidade de artilheria, para bater as gargantas, por onde deviamos penetrar as montanhas para a planice. O gen. Delzons, á frente do regimento 23, ganhou tanto terreno quanto póde nas margens do ribeiro, e assim que o cor. Planzonne, que commanda a brigada do gen. Soyez despois de sua ferida, formou o 5 e 18 regimentos, marchou ao inimigo, e o forçou a retirar-se. Nos ganhamos em um instante terreno bastante para formar o exercito sem perigo. Este combate foi muito honroso para o cor. Planzonne, e para o regimento 5.º Sobreveio a noite, que impedio aproveitramos-nos do bom successo; ao amanhecer ja naõ vimos o inimigo.—Aos 23 entramos em Gospich. Aos 24 marchamos sobre Ottochatz, e encontramos o inimigo, na posiçaõ de Jans; que se retirou á nossa chegada. Aos 25 chegamos diante de Ottochatz, onde estava ainda a retaguarda do exercito inimigo, composta de 6 batalhoens, artilheria, e bagagens. Estando as pontes cortadas, nos voltamos todos os pantanos de Ortochatz. O gen. Delzons, á frente do 6 regimento, sustentado pela divizaõ Clauzel, expulsou o inimigo de todas as posiçoens que occupava para cobrir a estrada grande. Este combate foi brilhante para o 8 regimento, bem como todos os que o precedéram; e o gen. Delzons, segundo o seu custume, conduzio este negocio com muito talento e vigor. Eu recebi uma ferida, que espero me naõ impedirá de fazer o serviço em pouco tempo. Se o gen. Montrichard se naõ achasse tres horas para a retaguarda, evidentemente estava destruida a retaguarda do inimigo, e bagagem e artilheria tomadas. A'noite se retirou o inimigo a toda a pressa para Carlstadt; e nos tomamos alguma de sua bagagem.—Aos 26 entramos em Segna, e aos 28 em Fiume, onde o exercito se ajunctou aos 22, e d'onde partirá aos 31, para unir-se ao exercito de Italia. O inimigo, nesta breve campanha, teve obra de 6000 homens incapacitados de combater; e grande numero de desertores. Nos temos combatido, ou marchado, todos os dias, por 14 horas, e os soldados, no meio de privaçoens, e fadigas, e perigos, se tem sempre mostrado dignos das bondades de V. M. Eu deveria fazer o elogio de todos os coroneis officiaes e soldados; porque todos estaõ animados do melhor espirito; mas naõ posso dizer demasiado bem dos coroneis Bertrand, Planzonne, e Bachelu, que saõ officiaes da maior capacidade. Tambem saõ devidos muitos elogios ao gen. Clauzel, e devo louvar o gen. Tirlet, commandante da artilheria; o gen. Delaure chefe do Estado maior; e o chefe de esquadraõ Amiot, commandante da cavallaria.—Nos temos tido nestas tres differentes acçoens, 400 mortos ou feridos. Todos os nossos desejos seriam

preenchidos, Senhor, se o que temos feito, obtivesse a approvaçaõ de V. M.

Quartel general de Fiume, 30 de Maio, 1809. (*Assignado*) O Duque de Ragusa.

Buletim 18. Vienna, 13 de Junho.

A divisaõ do general Chastelar, que tinha levantado o Tyrol; procedeo aos 4 deste mez para os orredores de Clagenfurth, em ordem a lançar-se na Hungria. O gen. Rusca marchou contra elle, e teve um renhido combate em que se fizéram 900 prisioneiros. O Principe Eugenio, com um grande corpo, manobra no centro. Ha alguns dias que o Danubio tem subido um pé.—O General Gratien, com uma divisaõ Hollandeza marchou para Stralsund, onde Schill se tinha entrincheirado; e tomou os entrincheiramentos por assalto. Schill deo ordens para queimar a cidade, a fim de segurar a sua retirada, mas naõ teve tempo de o fazer. O mesmo Schill foi morto na praça grande, juncto ao Corpo da guarda, ao momento em que fugia, e trabalhava por ganhar o porto a fim de se embarcar.—O archiduque Fernando evacuou Warsaw precipitadamente aos 2 do corrente; assim tem o exercito inimigo abandonado todo o Gram ducado; em quanto as tropas commandadas pelo Principe Poniatowsky occupam 8 quartos da Galicia.

Occurencias em Polonia.

O inimigo continua a sua retirada com a mesma precipitaçaõ; aos 28 do Maio 12 soldados Polacos, que andávam descubrindo campo, encontráram, em Skirniewice, 110 dragoens Austriacos, que iam em retirada; puzéram-nos em confusaõ e fizéram onze delles prisioneiros. Na manhaã de 30 o gen. Koinski, que commandava a guarda avançada, havendo entrado em Lowiez, marchou para Sahaczow, onde ja naõ achou o inimigo; porque se havia retirado para o Pelica. Segundo as noticias que aqui se recebêram parece, que a maior parte das tropas Austriacas se voltáram para a Silesia superior. Commettêram toda a sorte de excessos, e levaram todas as provisoens, cavallos, e gado; as requisiçoens que se imposeram em todos

os departamentos, saõ executadas com a maior rapidez e effeito.—— O archiduque Fernando, naõ obstante os seus ajustes com o principe Poniatowski, de naõ exigir contribuiçoens algumas, requereo da cidade de Warsovia 400.000 florins. Insistio tambem em que o producto do thesouro nacional, os bens allodiaes da coroa, e o resto do emprestimo forçado, de 1808, é que naõ éra devido senaõ em 1810, lhe fosse entregue. A'imitaçaõ do seu commandante, os officiaes generaes e soldados procúram por todos os modos a ruina do paiz. Estes procedimentos annunciáram a evacuaçaõ de Warsovia, que se seguio logo.—O principe Poniatowski escreveo ao principe de Neufchatel, em data de 25 de Maio. de Jozeni; e diz que aos 24 o general Rosniechi tomou posse de Jaroslaw, onde aprisionou 1 coronel, 25 officiaes, e 930 soldados. A posse deste lugar córta inteiramente toda a communicaçaõ entre Cracowia e Lemberg, e segura a possessaõ de tres quartas partes da Galicia. A guarda avançada estava a 25 legoas de Cracovia.—As ultimas noticias recebidas no Gram Ducado, do Principe Poniatowski annunciam que elle tomou posse de Boody, a ultima cidade da Galicia, nas fronteiras; e nella achou muitas muniçoens.

Proclamaçaõ do principe Gallitzin, entrando com os Russos na Gallicia.

A Russia naõ póde ver com indifferença a guerra, que arrebentou entre a Austria, e França. A Russia fez tudo para prevenir estas operaçoens hostis. Até declarou á Corte de Austria, que, segundo os artigos do tractado, entre os Imperadores da Russia e França, e a intima alliança, que havia entre éstas duas potencias, seria ella obrigada a obrar em concerto com a França. A Austria naõ attendeo a nenhuã destas representaçoens; mas trabalhou por longo tempo por ocultar as suas preparaçoens da guerra, debaixo do pretexto de que éra obrigada a adoptar medidas necessarias, para sua segurança e defensa, até que por fim, por hostilidades manifestas patenteou os seus designios, e acendeo as chamas da guerra.—A Russia naõ podia hesitar por mais tempo o tomar parte em uma guerra; em que ella estava obrigada a entrar, em virtude dos mais solemnes tractados. Logo que ella soube que tinham começado as hostilidades, rompeo todas as relaçoens de amizade, que tinham subsistido entre ella e Austria, e deo ordens ao seu exercito, que avançasse sobre a Galicia. O Commandante em chefe do exercito, entrando nesta provincia, para se oppor ás vistas da Austria, e para resistir á força, recebeo de S. M. o Imperador ordens expressas, para assegurar solemnemente aos pa-

cificos habitantes da Galicia, que as vistas da Russia naõ saõ hostis; que entre todas as operaçoens militares, a segurança, das pessoas e da propriedade, será inteiramente respeitada.—O commandante em chefe provará pela sua conducta, que os pricipios recommendados pelo seu Soberano, saõ congeneis com as suas inclinaçoens, e sentimentos. Quartel general 11 de Maio, de 1809.

Principe GALLITZIN, Commandante em Chefe.

Buletim 19. Vienna, 10 de Junho, 1809.

O anniversario da batalha de Marengo foi celebrado pela victoria de Raab, que obteve a ala direita do exercito, commandada pelo Principe Vice-Rey, sobre os corpos unidos do archiduque Joaõ e archiduque Palatino.—Despois da batalha do Piava tem o Vice Rey perseguido o archiduque Joaõ á ponta da bayoneta.—O exercito Austriaco esperava acantonar-se nas margens de Raab, entre St. Gothard e Kermond. Aos 5 de Junho avançou o Vice Rey de Neustadt, e estabeleceo o seu quartel general em Oedenburgh, na Hungria. Aos 7 seguio os seus movimentos, e chegou a Guns. O gen. Lauriston, com o seu corpo de observaçaõ, formou uma juncçaõ com a sua ala esquerda. Aos 8, o gen. Montebrun, com a sua divisaõ de cavallaria, effectuou a passagem de Raabnitz, juncto a Sovenyhaga, derrotou 300 de cavallo da insurreiçaõ Hungara, e os expulsou para alem de Raab. Aos 9 marchou o Vice-Rey para Sarva. A cavallaria do gen. Grouchy encontrou a retaguarda do inimigo, em Vasvar, e lhe tomou alguns prisioneiros. Aos 10 chegou o gen. Macdonald de Gratz a Kermond. Aos 11 veio o gen. Grenier, e se encontrou em Karako com uma columna do corpo de flanco do inimigo que defendia a ponte. Elle com tudo passou o rio á força. O Gen. Debroc fez uma brilhante carga, com o 9 de Hussares, sobre um batalhaõ de 400 homens, 300 dos quaes ficáram prisioneiros. Aos 10 passou o exercito a ponte de Merse, juncto a Papa. O Vice Rey observou de um Outeiro todo o exercito, inimigo disposto

em linha de batalha. O gen. Montebrun, desembocou na planicie e carregou a cavallaria inimiga, que derrotou completamente, despois de haver feito muitas e habeis manobras. O inimigo tinha ja começado a retirar-se— o Vice Rey passou a noite em Papa. Aos 13 ás 5 horas da manhaã marchou o exercito para Raab. A nossa cavallaria, e os Austriacos se avistáram juncto á aldea de Szarach. O inimigo foi derrotado, e nos tomamos 400 prisioneiros. Havendo-se unido o archiduque Joaõ com o archiduque Palatino, tomou o exercito inimigo uma bella posiçaõ juncto ás alturas, tendo a ala direita em Raab, uma cidade fortificada; e a esquerda cubrindo a estrada de Comorn, outra praça forte de Hungria.—Aos 14 ás 11 da noite dispos o Vice Rey o seu exercito em ordem de batalha; e com 35.000, attacou 50.000 do inimigo. Porém o zelo de nossas tropas foi animado pela lembrança da memoravel victoria, que tinha sanctificado este dia. Todos os soldados déram gritos de alegria quando vîram o inimigo, que se colocou em tres linhas, consistindo de 20 a 25 mil homens, dos restos do bello exercito da Italia, que se imaginava senhor da Italia; de dez mil homens commandados pelo general Haddich; e de 5 ou 6 mil dos restos do Corpo de Jellachich, e Corpos do Tyrol, que se tinham ajunctado ao exercito na passagem de carinthia, e de dez ou doze mil da insurreiçaõ Hungara.—O Vice Rey pos a cavallaria do gen. Montbrun, a brigada do gen. Cobbett, e a Cavallaria do gen. Grouchy, na sua direita: o corpo do gen. Grenier formou dous pelotoens, sendo o da direita a divisaõ do gen. Serre. Na guarda avançada uma divisaõ Italiana, commandada pelo gen. Baraguay d' Hilliers, formou um terceiro pelotaõ. A reserva do gen. Puthod formou a reserva. O gen. Lauriston, com o seu corpo de observaçaõ, sustentado pelo gen. Sahve, formou a extremidade da ala esquerda, e observou Raab.—A's duas da tarde principiou a canhonada; ás tres estávam at-

tancando os nossos segundo e terceiro pelotoens. O fogo de musqueteria foi severo. A primeira linha do inimigo foi inteiramente derrotada; mas a segunda manteve-se por um momento contra o choque da nossa primeira divisaõ, a qual sendo promptamente reforçada, derrotou tambem a linha do inimigo. Appareceo entaõ a reserva do inimigo O Vice Rey, de sua parte, que seguia todos os seus movimentos avançou com a sua reserva. Foi tomada a bella posiçaõ dos Austriacos, e ás quatro éra a victoria decisiva. O inimigo, que estava em completa desordem, naõ se pôde unir facilmente, de maneira que naõ houve obstrucçaõ alguma á nossa cavallaria. Tres mil prisioneiros, seis peças de artilheria, e quatro estandartes saõ as memorias deste feito. O inimigo deixou 3.000 mortos no campo de batalha; entre os quaes ha um Major-general. A nossa perca sobe a 900 mortos ou feridos. Entre os primeiros está o Coronel Thierry; e nos ultimos o Brigadeiro gen. Valentine, e Coronel Ecpent. (Aqui se seguia o louvor dos differentes generaes e divisoens Francezas.) O campo de batalha fôra ja de muito tempo escolhido pelo inimigo, que determinou manter-se nesta bella posiçaõ. Aos 15 foi apertadamente perseguido sobre o caminho de Comorn e Pest. Os habitantes do paiz ficáram tranquilos, e naõ tomáram parte na guerra. A proclamaçaõ do Imperador tem aquietado os espiritos de todos os homens que pênsam. He cousa bem sabida, que a naçaõ Hungara sempre desejou a sua independencia. A parte da insurreiçaõ, que está agora com o exercito foi levantada pela ultima Dieta; está em armas, e faz o serviço.

Buletim 20. Vienna, 20 de Junho, 1809.

Quando chegáram a Buda as noticias da victoria de Raab, deixou a Imperatriz logo aquella cidade.—O exercito inimigo foi perseguido nos dias 15 e 16, passou o Danubio na ponte de Commorn.—A cidade de Raab foi in-

vestida; e esperamos fazernos senhores della em poucos dias. Tomamos ja o campo entrincheirado de Raab, que conterá 100.000 homens. O inimigo tem inundado o paiz com noticias falsas; isto he parte do systema adoptado para mover a classe baixa do povo.—Mr. De Metternich deixou Vienna aos 18. Será elle trocado por Mr. Dodun, e mais officiaes da Legaçaõ Franceza.—O Principe Gallitzin entrou na Gallicia aos 3, em tres columas.

Buletim 21. Vienna, 22 de Junho, 1809.

Um ajudante de campo do principe Joseph Poniatowski chegou aqui do quartel general do exercito do Gram ducado. Aos 10 do corrente o Principe Sergio Galitzin deverîa estar em Lublin, e a sua guarda avançada em Sandomir. O inimigo se entretem com publicar diariamente buletins, em que falla de novas victorias. Segundo a sua conta, 20.000 espingardas, 2.000 couraças lhe caîram nas maõs, na batalha de Esslingen. Diz elle que ficou senhor do campo de batalha aos 20 e aos 24. Até tem distribuido medalhas de prata em commemoraçaõ desta batalha, representando-se como se estivesse com um pé na margem esquerda, e outro na margem direita do rio, e as suas batterias commandando, em todos os pontos, as ilhas e campo de batalha. Elle tambem inventou uma acçaõ a que chama a batalha de Kitsee, (Kitsee está na margem direita do Danubio, uma legua distante do rio) um grande numero de Francezes fôram mortos ou aprisionados. Estas pueris historias, espalhadas pelas pequenas columnas de Landwher, como fôram as de Schill, saõ uma especie de tatica empregada para agitar o paiz, e excitar a insurreiçaõ.

O general Marziani, que fôra tomado prisioneiro, na batalha de Raab, chegou ao quartel gen. Diz elle que o Archiduque Joaõ, despois da batalha de Piava tem perdido dous terços de suas forças, e que recebeo subsequentemente recrutás, que quasi preenchêram as faltas, porém

que naõ sabem o uso da espingarda. Avalia a perca dos archiduques Joaõ e Palatino, na batalha de Raab, em 12.000 homens. Segundo a relaçaõ dos prisioneiros Hungaros, o Palatino foi o primeiro que fugio naquelle dia. Avaliaram alguns as forças do exercito Austriaco, em 90.000 homens, e compáraram este numero com 80.000 homens tomados prisioneiros desde que se abrio a campanha, mas nisto se mostráram capazes de mui pouca reflexaõ. O exercito Austriaco começou a campanha com nove Corpos de exercito, cada um de 40.000 homens, e no interior havia corpos de recrutas, e Landwher; de maneira que a Austria tinha actualmente em armas 400.000 homens. Desde a batalha de Abensberg atê a tomada de Vienna, incluindo os acontecimentos da Italia e Polonia, devia o inimigo ter perdido 100.000 prisioneiros, e 100.000 mortos, feridos e extraviados. Elle deve portanto ter ainda 200.000 de resto, que estávam distribuidos da maneira seguinte.—O archiduque Joaõ, antes da batalha de Raab, tinha 50.000 homens; o principal exercito Austriaco, antes da batalha de Esslingen, consistia de 90.000 homens; ficam 25.000 do exercito do archiduque Fernando, em Warsaw; e havia 25.000 homens espalhados pelo Tyrol e Croacia, obrando como partidarios nas fronteiras de Bohemia.

Os Austriacos em Esslingen consistiam do 1º corpo, commandado pelo gen. Bellegarde (um que naõ tinha entrado em acçaõ e estáva ainda intacto) e dos restos do 2.º 3.º, 4.º, e 5.º, Corpos, que soffrêram muito nas acçoens precedentes. Se estes corpos naõ tivessem soffrido perca alguma, e na sua juncçaõ contivessem a mesma força, que tinham no principio da campanha, teriam consistido de 240.000 homens. O inimigo, porém, naõ tinha mais de 90.000 homens; d'onde fica manifesto, que tinham soffrido terriveis percas. Quando o archiduque Joaõ sahio a campo consistia o seu exercito do oitavo corpo, o que fa-

zia um aggregado de 80.000 homens. Em Raab tinha 50.000; pelo que a sua perca deve ter sido 30.000 homens. Mas entre estes 50.000 se incluiam 15.000 da insurreiçaõ Hungara, de maneira que a sua perca actual sobe a 45.000 homens. O archiduque Fernando entrou em Warsaw com o 7.mo corpo, composto de 40.000 homens, está reduzido a 25.000; demaneira que a sua perca fôram 15.000 homens. He obvio o como estas differentes avaliaçoens se supportam, e corrobóram umas ás outras. O Vice Rey derrotou 50.000, em Raab, com 30.000 Francezes. Em Esslingen 90.000 fôram derrotados e repulsados por 30.000 Francezes, que totalmente os destruiriam, se naõ fosse pelo accidente das pontes, que occasionou a falta de muniçoens.—Os grandes esforços da Austria saõ o resultado do papel moeda, e da determinaçaõ adoptada pelo Governo Austriaco, de arriscar as maiores perças pelos maiores ganhos. Exposto ao perigo de uma bancarrota, que teria produzido uma revoluçaõ, quiz antes acumular 500:000.000 á massa existente do seu papel moeda, e fazer o ultimo esforço para que fosse pago pela Alemanha, Italia, e Polonia. He provavel que ésta razaõ mais do que nenhuma outra, influisse a sua determinaçaõ.—Naõ tem voltado da Hespanha um so regimento Francez, excepto as Guardas Imperiaes.—O gen. Conde Lauriston adianta o cerco de Raab, com o maior zelo. A cidade esteve ja em chamas por 24 horas, e o exercito, que em Esslingen ganhára taõ grande victoria, que lhe cahiram nas maõs 20.000 mosquetes, e 2,000 courassas; o exercito que na batalha de Kitsee matou tantos, e fez tantos prisioneiros; o exercito que, segundo os seus mentirosos buletims obteve tantas vantagens, na batalha de Raab;—socegadamente vê a sua principal fortaleza cercada, e incendiada, e a Hungria devastada pelas partidas de batedores de campo; e manda sua Imperatriz, a sua Corte, e os effeitos preciosos de seu governo, a fim de segurança, para as fronteiras da Tur-

quia, e as mais distantes extremidades da Europa.—Um major Austriaco emprehendeo cruzar o Danubio com dous vazos na boca do Marcha. O gen. Gilly Vieux foi contra elle, com umas poucas de companhias, lançou-lhe a sua força ao rio, e fez 40 prisioneiros.

Bulletin 22. Vienna, 24 de Junho, 1809.

Raab capitulou, ésta cidade forma uma excellente posiçaõ no centro da Hungria; he defendida por Bastioens; os seus fossos estaõ cheios d'agua, e uma inundaçaõ cobre parte delles; está situada na confluencia de tres rios: em pequena escalla parece-se com a situaçaõ de um campo entrincheirado, onde o inimigo esperava ajunctar e exercitar a insurreiçaõ Hungara, e onde havia construido immensas obras. A guarniçaõ, composta de 1800 homens, éra insufficiente. O inimigo intentava deixar 5.000 homens, mas por causa da batalha de Raab ficou o seu exercito separado daquella praça. A cidade soffreo consideravelmente por um bombardeamento de oito dias, que destruio os seus mais bellos edificios. Naõ teve effeito tudo quanto se lhe disse sobre a inutilidade da defensa; enganava-se a guarniçaõ pela esperança de ser soccorrida. O Conde de Metternich, despois de estar tres dias nos postos avançados voltou para Vienna. O secretario de Embaixada Dodun, e as pessoas addidas ás Legaçoens dos alliados, que se naõ tinham retirado antes da captura de Vienna, fôram postos em liberdade nos confins da Hungria, quando se recebeo em Buda a noticia da perca da batalha de Raab.—Dous batalhoens de Landwehr, dous esquadroens de Hulans, e um batalhaõ de tropas de linha, formando ao todo 2.500 homens, entráram em Bayreuth. Tem elles, na forma do custume, distribuido proclamaçoens, e trabalhado por excitar insurreiçoens. Ao mesmo tempo o gen. Am Ende entrou em Dresden, com tres batalhoens de linha, tres batalhoens de Landwehr, e uma co-

lumna de gente levantada pelo Duque de Brunswick, e alguns esquadroens de Cavallaria tirados dos differentes corpos; formando ao todo 7 ou 8 mil homens. O Rey de Westphalia, se ajunctou ao 10mo corpo, e está em marcha. O Duque de Valmy pos em movimento a guarda avançada do exercito de reserva, que commanda, (seguia-se a capitulaçaõ de Raab, que consiste de 11 artigos, he datada de 22 de Junho, concedeo-se á guarniçaõ as honras da guerra, depositar as armas na esplanada, se naõ forem soccorridos até ás 4 horas da tarde de 24. Ao despois iraõ para Comorn, e naõ serviraõ contra a França e seus alliados, durante a guerra até serem regularmente trocados.)

Buletin 23. Vienna, 28 de Junho, 1809.

Aos 25 deste mez passou S. M. revista a um grande numero de tropas, nas alturas de Schoenbrunn. Vio-se ali uma bella linha de 8000 cavallos, de que as guardas formávam parte, e em que havîa somente um regimento de Courasseiros: havîa tambem uma linha de 200 peças de artilheria. A apparencia, e ar marcial das tropas excitáram a admiraçaõ dos expectadores.—Sabbado, 24, ás 4 horas da tarde, entraram as nossas tropas em Raab, e aos 25 sahio a guarniçaõ prisioneira de guerra. Segundo a avaliaçaõ que se fez, montam a 2.500 homens. S. M. tem dado ao general de divisaõ Narbonne o commando deste lugar, e de todos os estados de Hungria rendidos ás armas Francezas. O duque de Auerstadt está diante de Presburgh; o inimigo trabalha nas fortificaçoens. Foi-lhe intimado que desistisse das obras, se naõ queria attrahir sobre os socegados habitantes as maiores desgraças. Elle naõ fez caso disto: 4000 bombas o obrigáram a renunciar ao seu projecto; mas arrebentou o fogo na quella infeliz cidade, e varios bairros fôram queimados. O duque de Ragusa, com o exercito de Dalmacia, passou o Drave aos 22, e marchou para Gratz.—Aos 24 embarcou o gen. Vandame 300 Wurtemburguezes, commandados

pelo major Kechler, em Molk, em ordem a lançar-se na margem opposta do Danubio, e adquirir noticias, effectuouse o desembarque. Estas tropas derrotáram duas companhias do inimigo, toméram dous officiaes, e 80 homens do regimento de Milbrowski.—O principe de Ponte Corvo, e o exercito Saxonico, estaõ em St. Polten.—O duque de Dantzic, que está em Lintz, ordenou ao gen. Wrede, que reconhecesse a margem esquerda. Todos os postos do inimigo fôram repulsados varios officiaes, e 20 homens foram aprisionados. O objecto deste reconhecimento foi tambem procurar noticias.—A cidade de Vienna está plenamente provida de carne, o provimento de paõ he mais difficil, por cauza do impedimento de moer o trigo. A respeito da subsistencia do exercito, está segura por seis mezes; tem vinho, e vegetaes em abundancia. Os vinhos das adegas dos conventos fóram postos em um armazem, para fornecerem distribuiçoens ao exercito. Alguns milhoens de garrfas se ajunctaram por este expediente. Aos 10 de Abril, justamente ao tempo em que o gen. Austriaco prostituia o seu character, e armava laços ao Rey de Bavaria, escrevendo a carta que appareceo em todos os papeis publicos, o general chasteller excitava o Tyrol a insurreiçaõ; e surprendeo 700 Francezes conscriptos, que îam para Ausburgh, onde estavam os seus regimentos; e que marchávam na confiança da paz. Obrigados a render-se e feitos prisioneiros, fôram todos assassinados. Entre elles havia 80 Belgas, nascidos na mesma cidade de Chasteller. Oito centos Bavaros que fôram aprisionados ao mesmo tempo foram tambem passados a espada. Chasteller, que commandava foi testemunha destes horrores. Elle naõ somente se naõ oppos a isto, mas até o accûsam de se ter rido vendo a matança, com a esperança de que os Tyrolezes, temendo a vingança devida a um crime de que naõ podîam esperar perdaõ, se entranhassem mais na sua rebeliaõ. Quando S. M. foi informado destas atroci-

dades, se achou n'uma situaçaõ difficil. Se quizesse fazer reprezalias; 20 generaes, 1000 officiaes, e 80.000 homens, que foram aprisionados no mez de Abril, podîam haver satisfeito aos manes dos infelizes Francezes, que foram mortos com tanta covardia. Mas os prisioneiros naõ pertencem á Potencia por quem pelejáram; estaõ debaixo da salvaguarda da naçaõ que os desarmou. S. M. considerou a Chasteler como obrando sem estar authorizado; porque, naõ obstante a furiosa proclamaçaõ, e linguagem violenta dos princies da casa de Lorena, éra impossivel crêr que elles approvassem taes crimes. S. M. em consequencia, publicou a seguinte ordem do dia.

(Continuar-se-ha.)

Alemanha.

O Archiduque Carlos resignando o seu lugar de Generalissimo das tropas do Imperador, fez ao exercito a seguinte despedida. Zittau, 31 de Julho, 1809.

" Havendo-me resolvido, por mui importantes razoens, a requerer a S. M. que aceitasse a minha resignaçaõ do commando do exercito, que me fôra confiado; recebi hontem o seu consentimento, e ao mesmo tempo as suas ordens para transferir o commando em chefe ao gen. de cavallaria Principe de Lichtenstein.

" Deixando o exercito, me interesso, o mais vivamente que he possivel, na sua sorte. A perfeita convicçaõ em que estou do seu valor, a confiança que nelle sempre puz, e o constante habito de dedicar os meus esforços ao seu serviço, fazem ésta separaçaõ indizivelmente penosa. Lisonjeo-me de que o exercito participa della, e retribue estes sentimentos." " CARLOS."

França.

Paris, 30 de Agosto.

O Commandante Inglez na Hespanha tendo sido obri-

gado a deixar na sua retirada um grande numero de feridos em Talavera, escreveo a carta seguinte ao General em Chefe do exercito Francez:—

Senhor!—A sorte da guerra poz nas vossas maõs um numero de officiaes, e Soldados Inglezes. Elles saõ valerosos, e merecem a attençaõ, e o cuidado daquelles, que apreciaõ o valor. Eu tenho a honra de vollos recommendar e de requerer que hajais de permittir-me mandar a Talavera, afim de cuidar d'elles, alguns officiaes, que naõ sejaõ considerados prisioneiros de guerra, mas que teraõ licença de voltar, quando os feridos algum tanto melhorarem.

Requeiro tambem a vossa permissaõ para transmitir aos officiaes feridos pequenas sommas de dinheiro, de que devem estar em muita precisaõ.

He em nome da humanidade, que eu vos dirijo este peditorio, o qual tenho direito á fazer-vos, pois que sempre prestei particular attençaõ aos Soldados Francezes, que o acaso da guerra tem feito meus prisioneiros, e tenho mesmo suprido os officiaes com dinheiro. Tenho a honra de ser, &c. &c. *(Assignado)* "Arthuro Wellesley."

Resposta do Duque de Treviso (Marechal Mortier.)

"Quartel General, 10 de Agosto.

Senhor!—Recebi a carta aberta dirigida por vos ao Commandante em Chefe, em que requerieis a sua attençaõ pelos doentes, e feridos, que vos visteis obrigado a deixar na vossa retirada. Elles saõ tractados como os nossos doentes, e feridos; e eu tenho-me esmerado em dar todos os soccorros possiveis áquelles, que cahiram nas minhas maõs. Dividas, General, taõ estas, que as naçoens valorosas devem umas ás outras.

Eu remetterei a vossa carta ao Commandante em Chefe, que so pode responder ao vosso peditorio de mandar officiaes a Talavera, até que os doentes, e feridos de alguma sorte melhorem. Entre tanto eu terei o prazer de os supprir com o dinheiro, que elles precizarem. Tenho a honde ser, &c. &c. O Marechal Duque de Treviso.

Por occasiaõ de Festividade, Napoleaõ, o Imperador passou o decreto seguinte. Do nosso campo Imperial de Schoenbrun, 15 de Agosto.

" Napoleaõ, Imperador do Francezes, &c.

" Por quanto he nosso dezejo commemorar, por um monumento duravel, a nossa satisfacçaõ, á cerca da conducta do nosso exercito e do nosso povo, durante a campanha de Jena, e do Vistula; nos temos determinado, e aqui decretamos o seguinte:—

" I. Erigir-se-ha sobre a Ponte Nova um Obelisco de marmore de Cherbourg, de 180 pés de altura, com êsta inscripçaõ.—O Imperador Napoleaõ ao Povo Francez.

" II. Nos lados do Obelisco seraõ representadas todas as proezas, que nestas duas campanhas contribuiram para a gloria da França.

" III. O Director-Geral do nosso Museo fica encarregado da execuçaõ deste Monumento. O nosso Ministro do interior nos aprezentará o modello do Obelisco até ao 1 de Janeiro, de 1810.

" IV. Fundos particulares seraõ destinados para as despezas deste Monumento." " NAPOLEAÕ."

Hollanda.

Relaçaõ official do Marechal Dumonceau, commandante em chefe do exercito Hollandez, no Brabante e Zelandia.

SENHOR! A infanteria debaixo do meu commando chegou aqui hontem á noite ás 5 (em Wemeldinge) e immediatamente despois um batalhaõ de caçadores foi para Ter Goes, que o inimigo desocupára na manhaã antecedente. Hoje o ten. gen. Bruno tomou a seguinte posiçaõ: o 3.º regimento de linha esta em Wemeldinge, e observa os movimentos do inimigo em Keten, e toda a linha ao longo do Scheldt Oriental ante Kallendyke; o 2.º regimento possue a cidade de Ter Goes, e tem a guarda de

Beveland do norte, com duas companhias de caçadores; o 1.º regimento de caçadores occupa Neer-Arendschurch, Nisse, e Baarland, guarda o Sloe para Hoedkenschurch; o ten. gen. Bruno fortificou-se em Ter Goes; os Hussares devem tomar uma posiçaõ no districto de Ter Goes; e toda a linha de postos avançados está cheia de numerosas patrulhas, ao mesmo tempo que a artilheria se aquartellará em reserva por de traz de Ter Goes, a fortaleza de Bathz está occupada pelo 6.º regimento. O inimigo ainda naõ evacuou Walcheren, mas tudo anuncia que elle naõ tardará em abandonar a Zealandia; porque naõ trabalha nas batterias, e presume-se que está embarcando a bagagem pezada. Ajuncto a lista dos navios do inimigo, que estaõ agora á vista; recebi a dicta lista em Ter Goes, onde passei a noite, ás 11 horas. He possivel que antes da noite possa haver outro movimento. Hontem algumas pinnaças Francezas chegáram ao forte de Bathz, e fôram outravez para Lillo; eu naõ sei se o exercito Francez tem feito algum movimento. A communicaçaõ com o principe de Ponte Corvo tem-se feito mais difficultosa; e ésta he certamente a razaõ porque naõ tenho recebido resposta á minha carta de 4.

Chapeler em Ter Goes, 6 de Sept.

O Marechal da Hollanda DUMONCEAU.

Segunda relaçaõ Official.

SENHOR! Forte Bathz foi tomado aos 4; dia do anniversario de V. M. Esta entrepreza parece ter causado a maior admiraçaõ ao inimigo. Na mesma noite parti para Bergen-op-Zoom, aonde cheguei á noite com todas as minhas tropas. O almirante Ruijach, e general de Mellet, governador da praça, me déram todo o adjutorio que pudéram, a fim de ajunctar os vasos necessarios ao transporte da soldadesca, que me devia acompanhar para Beveland do Sul. Embarcamos aos 5, pelo meio dia. Ao largar do porto encalháram alguns vasos; eu prosegui com

o resto, e cheguei ás cinco da tarde ante Wemeldingen. O inimigo, que estava anchorado, na distancia de tiro e meio de peça, vio o nosso movimento sem tentar interrompêllo; e todas as minhas tropas desembarcáram sem accidente. Os nossos cavallos naõ se pudéram desembarcar até a manhaã do dia 6; e durante a noite se entretevę o inimigo em mandar alguns soldados em chalupas, fizéram fogo de musqueteria, sobre os nossos vasos que estávam protegidos por um batalhaõ do 3°. regimento de linha. Despois da desembarcaçaõ, mandei tres companhias de caçadores tomar posse do lugar de Ter Goes, e eu fui igualmente para ali com o Major-General Stedman, chefe do Estado-maior-general. A's 7 horas entramos entre repiques de sinos, em quanto o commandante da Cavallaria, e o ten. gen. Bruno, um dos melhores generaes de V. M., ajunctava as suas tropas cerca de Wemeldingen. Aos 6 ao amanhecer, procedeo o gen. com tres batalhoens para Ter Goes, em quanto dous batalhoens fôram postos por detraz de Slue.—Durante a noite e ao romper do dia, fui informado de que a força inimiga, que me cercava, éra todavia mui consideravel. Vimos 218 vasos, fragatas, brigues, e cutters; sem contar os botes, que se naõ podiam bem numerar por causa da neblina. A frota do inimigo, no Scheldt oriental, subio por Zierikzee ante Keeten, e acima por Stavenisse, em quanto 120 navios estavam anchorados ne Scheldt accidental, de Borseleu até Baarland. Sendo esta a nossa situaçaõ, nos estavamos algum tanto expostos; mas quando o inimigo percebeo que nós estavamos acima de Sloe, e que os nossos atiradores tinham chegado a Ellewoutsdyk; onde se ajunctávam em grande força; julgou-se mais exposto do que nós estavamos; porque, durante a noite, se retirou sobre um lado a Flushing, e sobre o outro para traz de Zierikzee, e para o Roompot.—Quando os nossos attiradores viéram para Ellewoutsdyk, o inimigo, que occupava aquella aldea

se retirou, e os nossos voltea̲dores fizéram alguns prisioneiros. O sargento Smit só fez prisioneiros quatro Inglezes; tal éra a sua confusaõ.—Desde hontem de manhaã que se naõ tem o inimigo opproximado a Beveland do Sul; occupa elle Walcheren, e está levantando seis ou sette batterias, de quatro peças cada uma, sobre a margem do Sloe, a fim de defender a passagem.—Deixando ao gen. Bruno o cuidado de observar o inimigo, parti hontem para Bathz, levando comigo o capitaõ de engenheiros Van. Ingens official de distincçaõ, que naõ posso recommendar assas a V. M.—As noticias, que recebemos hontem á noite, annunciam que o ininimigo está evacuando Ter Vere. V. M. pode estar seguro de que terei todo o cuidado possivel em obedecer fielmente ás instrucçoens que V. M. foi servido dar-me. Durante as poucas horas que tem decorrido depois que aqui estou, tenho preparado tudo para levar adiante as minhas operaçoens. Estou a partir daqui por momentos.

Bergen-op-Zoom, Sept. 8, 1809. Marechal DUMONCEAU.

Conta Statistica da Gram Bretanha.

Populaçaõ da Inglaterra propriamente dicta, em 1377, 2:092, 978; em 1483, 4:686.000; em 1688, 6:500,000; em 1786, e na ultima enumeraçaõ por ordem do Parlamento, cerca de 8:000.000.

Avaluaçaõ das rendas nacionaes, calculada para a imposiçaõ das taxas, e tributos.

Renda de terras - -	libras esterlinas	29:000.000
Renda de catas - - - -		8:500.000
Lucros de agricultura, e occupaçaõ de terras		6:120.000
Reditos dos trabalhadores em agricultura -		15.000.000
Lucros de Minas, canaes, carvoarias, &c. -		2:000.000
Lucros de navios mercantes, e costeiros -		1:000.000
Reditos dos proprietarios de acçoens nos fundos publicos - - -		20:500.000

De hypothecas, e outros dinheiros de emprestimo - - -	3:000.000
Lucros no negocio estrangeiro - -	11:250.000
Lucros de manufacturas - - -	14:100.000
Pagamentos do exercito, marinha, e marinheiros mercantes - - -	5:000.000
Reditos do clero de todas as descripçoens -	2:200.000
Juizes, e mais officiaes de justiça - -	1:800.000
Professores, mestres da escolha, &c. -	600.000
Mercadores de retalho - - -	8:000.000
Varias outras proffissoens, e empregos -	2:000.000
Criados e Criadas - - -	2:400.000
	132:470.000

Desta taboa se pode formar um calculo da somma de capital nacional; que monta a £1:200:272.000. Mr. Pitt no anno de 1795 avaliou toda a propriedade de raiz a 750:000.000; e a propriedade pessoal a 600:000.000, fazendo um total 1:350.000.

Reflexoens sobre as noticias deste mez.

Norte da Europa.

Os negocios do Imperador de Austria achamse a este momento involvidos em certa obscuridade mysteriosa, que naõ he mui facil explicar. O character violento de Buonaparte affiança a conjectura de que, se os Francezes estivessem seguros da superioridade de forças de que se gabam, naõ teriam soffrido prolongar-se uma negociaçaõ para ajustar pontos, que uma batalha mais ou menos podia decidir com brevidade; e deixar os exercitos Francezes livres para poderem concluir com a Hespanha, e levar a diante, o ataque da Turquia e mais planos da ambiciosa França. Tem-se querido explicar a delonga destas negociaçoens, pelo descontentamento do Imperador da Russia, o qual, segundo os rumores, naõ quer acquiescer aque Buonaparte fique senhor da Galicia; e com effeito, se nós pudessemos suppor, que o raciocinio imparcial, e naõ a intriga, que os principios da saã politica, e naõ os interesses particulares de certos cortesaõs, dirigiam os

negocios do Gabinete de S. Petersburgo, daremos grande peso a esta conjectura; porque todos os offerecimentos de Buonaparte de ceder á Russia a maior parte da Turquia Europea, ainda suppondo o improbabilissimo caso de que Buonaparte, por um exemplo raro, cumpria com a sua palavra, a acquisição de parte da Turquia Europea offereceria mais um ponto de contacto entre a França e Russia; e que junto á posse da Galicia, confinante com o imperio Russiano obrigaria ao Czar ou a manter em todas estas vastas fronteiras um exercito, capaz de vigiar e embaraçar todos os movimentos hostis dos Francezes; o que lhe deve custar mais do que o imperio pode pagar; ou a não fazer isto he preciso, que o Czar se abandone inteiramente á discripção de Buonaparte. Mas a razão porque não suppomos que estes rationios são os que determinam as resoluções do Gabinete de S. Petersburgo; he, que passou ja o momento em que o Imperador da Russia se podia declarar pela Austria, e combinando os seus exercitos tentar a fortuna das armas, para obrigar Buonaparte a ceder de suas extravagantes pretensoens. Que estes não sejam os motivos da prolongação do armisticio, mas sim o conhecimento que Buonaparte tem de que não he assas forte para levar os seus planos á execução sem o auxilio da intriga, se prova pelas continuadas levas que se fazem em França, e até pela formação de novos corpos de exercito. Infelizmente, porém a resignação do archiduque Carlos, e outras medidas da Corte de Austria indicam, que a discordia de opinioens no Gabinete Austriaco não da lugar a que se aproveite da fraqueza relativa de Buonaparte, o qual no entanto amadurece os seus planos, e ajuncta os meios de os pôr em execução.

Negocios da Peninsula.

Ha dous mezes passados depois que as esperanças sobre os successos da Hespanha, pareciam tão bem fundadas, que apenas haveria quem pudesse conjecturar o resultado actual. Os exercitos Francezes divididos em pequenos corpos, e obrigados, a estar separados, como unico meio de tomarem posse effectiva das Provincias que havíam tomado. O exercito Portuguez, debaixo de Beresford, o Inglez commandado por Lord Wellington; tres exercitos Hespanhoes, sob Romana, Cuesta, e Vanegas; tudo era plena marcha para Madrid, sem que se tivesse alguma intervenção. Tal prospecto seguramente não deva lugar a crêr que seria permittido aos Francezes reunir todos os seus corpos, sem que nenhum delles fosse attacado separadamente; para cumulo de admiração, diz-se que os Francezes não ganhárom a victoria em Talavera; que foram obrigados a dispersar-se outra vez para as posiçoens que

d'antes occupávam; e naõ obstante isto os exercitos alliados abandonáram o plano de marchar a Madrid, e poem-se tudo, em plena retirada!! As causas que se tem assignado publicámente para ésta retirada, naõ a ruindade dos caminhos, a falta de viveres, e ainda uma culpa formal ao gen. Hespanhol Cuesta. Mas se a Hespanha tem maos caminhos, se tem escacesa de mantimentos; naõ soffrem os Francezes taõbem os mesmos inconvenientes? A causa pois de se frustrarem taõbem fundadas esperanças deve existir em outro principio até aqui naõ explicado ao publico. Venegas teve um attaque com os Francezes em que se diz que ficára victorioso: mas ganhar ou perder uma acçaõ he quasi indifferente; o politico olha para o resultado geral. O chamamento de Cortes, que todos os partidos confessam agóra ser uma medida necessaria; se tivesse sido executado ha um anno teria feito mais bem á causa da Peninsula do que vinte batalhas ganhadas. O Marquez de La Romana foi chamado para Sevilha, e diz-se que he para ajudar com sua influencia á meditada reforma do Governo Hespanhol.

O Decreto da Juncta Suprema, em Sevilha, datado do 1o. do Corrente mez, comparado com outros que se tem publicado, mostra clarissimamente a necessidade que ha de organizar uma forma de governo, que adoptando por baze a justiça, e o bem da naçaõ, destrua os abusos antigos, e mostre aos povos, que elles podem esperar de um governo de nacionaes, reformas uteis; quando os Francezes naõ faraõ mais do que illudillos com promessas de beneficios, que nunca realizam. Os canaes e estradas que Junot prometteo a Portugal, ainda naõ chegáram, a contribuiçuõ forçada, essa realizou-se logo: em uma palavra he necessario que os governos ouçam a voz da philosophia e da humanidade para ter a affeiçaõ dos povos; he ésta a unica barreira que se pode oppor á guerra actual, que he justamente uma guerra de opiniaõ. A Juncta Suprema diz no seu Decreto que "naõ poderia satisfazer nem aos seus desejos nem ás esperanças do povo, se naõ tractasse de corrigir os vicios que existem no interior da administraçaõ." He a Juncta Suprema quem confessa estes males, já naõ he o escriptor philantropo, aquem até agora chamavam desorganidor, por que dizia aquillo mesmo. Mas quem se enfurecia contra os amigos da humanidade, que notavam a necessidade da reforma? Corrupçaõs viciosas, interessados no mal.

Inglaterra.

A mudança de Ministerio neste paiz, he a mais importante novidade do dia. A naçaõ Ingleza tinha formado grandes esperanças

sobre o resultado da expediçaõ a Walcheren, e porque esses resultados, que cada um se imaginava, naõ acontecêram, lançou-se a culpa toda sobre os ministros, a opiniaõ publica descreditou-os; e elles fôram obrigados a renunciar os seus lugares. A conducta destes homens será indubitavelmente objecto de inquiriçaõ judicial, e por tanto he necessario differir até entaõ o nosso juizo, para fallar com exacçaõ; mas ao mesmo tempo que naõ suppomos os ministros passados de nenhuma maneira responsaveis por certos accidentes imprevistos, como foi o armisticio de Austria, que desconcertou os seus planos, ventos contrarios, &c; naõ podemos deixar de louvar o character da naçaõ Ingleza, que bem longe de acquiescer a tudo quanto fazem os homens publicos, exige delles até o explicar as falhas, que, sendo imputaveis ao acaso, naõ fôram previstas. Esta feliz ilha, portanto, naõ pode deixar de prosperar, em quanto a naçaõ continuar á fazer responsaveis as pessoas a quem encarrega da administraçaõ dos negocios publicos. O Inglez he livre; porque considéra os ministros, naõ como semideozes, mas como os ministros, isto he os servos da naçaõ.

Portugal.

Deste paiz, graças á actividade dos Governadores do Reyno, nada temos a dizer senaõ, que estaõ fazendo o processo a um homem morto (o gen. Freire) e que continuam a ter nas prizoens da Inquisiçaõ alguns dos prezos de quem ja fizemos mençaõ por mais de uma vez. Uma de duas, ou este systema de procedimentos illegaes hade acabar; ou a causa da Peninsula se hade ultimamente perder. As nossas esperanças fundamentam-se na primeira alternativa.

America Meredional.

As ultimas noticias, recebidas do Rio da Prata, fazem mençaõ de que Linieres, despois da chegada do novo Governador, nomeado pela Juncta Suprema da Hespanha, se retirou para o interior do paiz, formou um corpo, de Hispano-Americanos, e se dispunha a fazer uma opposiçaõ decidida, contra o actual governo da Hespanha. Ainda que nós naõ custumamos nem publicar, nem fundamentar os nossos raciocinios sobre noticias que naõ saõ officiaes, com tudo ésta he taõ provavel, e taõ analoga ao que temos sempre suposto, a respeito da futura sorte das colonias de Hespanha; que temos bastante susto que naõ seja este o signal para uma guerra civil, na quelle paiz; acontecimento que repetidas vezes temos dicto ser muito para recear. Supponhamos a hypothese de que Linieres, vendo que naõ pode segurar

aquellas colonias para a França, e temendo ao mesmo tempo confiar a sua pessoa ao Governo Hespanhol, offerece aos habitantes do Paraguay e Chili, o capitaneallos na sua declaraçaõ de independencia; neste caso, uma opposiçaõ da parte dos partidistas da antiga Hespanha, he cousa summamente provavel; e eis ahi a guerra civil declarada. Agora ¿que parte deve tomar a Inglaterra nesta disputa; para ficar amada do partido vencedor, no fim da contenda? Mas naõ he só ao Governo Inglez, aquem compete o obrar com circumspecçaõ, e vistas do futuro. O Governo do Brazil tem nisto o mais immediato interesse. He agora que se podem lançar os fundamentos a uma solida amizade entre naçoens vizinhas; ou, se seguirem uma politica contraria; fomentar uma inimizade, que pode, com o andar dos tempos, produzir mui funestas consequencias. Praza a Deus que a saã politica, e naõ os prejuizos, conduza agora o Gabinete do Brazil; e que a Inglaterra naõ deixe a Linieres gritar aos do Paraguay que he da França que pódem esperar a sua independencia. Se deixarem prevalecer este grito; as consequencias saõ evidentes.

Estados Unidos.

A lei, que prohibio a communicaçaõ com a Inglaterra, e que tinha sido suspendida, pelo Presidente, na supposiçaõ de que o Governo Inglez tinha abolido as suas Ordens em Conselho; foi tornada a reviver, logo que se soube nos Estados Unidos, que a Inglaterra naõ approvára a negociaçaõ do seu Ministro, em Washington. Como quer que séja todas as noticias particulares, que temos daquelle paiz tendem a mostrar, que as cousas se accommodaraõ em bem, quando lá se ouvirem as proposiçoens do novo Ministro, que a Inglaterra lá mandou.

Brazil.

He verdade universalmente concedida, que de todos os inventos humanos nenhum tem contribuido mais para propagar as sciencias, e artes, e por consequencia dilatar a felicidade dos homens, do que he a invençaõ da imprensa. No Corr. Braz. Vol. I. p 517 se mencionou a introducçaõ da imprensa no Brazil, fazendo-se o devido elogio ao homem aquem se suppoz, que isto éra devido; mas ao depois nos chegou á maõ a seguinte Provisaõ.

D. Joaõ &c. Mando a vos Juiz da Alfandega da Cidade—que pondo em inteira observancia a minha lei de 16 de Dezembro de 1794, e as mais leis e ordens que ella

manda guardar, naõ admitaes a despacho livros nem papeis alguns impressos, que nessa alfandega entrarem, sem que se vos apresente licença da meza do Dezembargo do Paço do Brazil. E outrosim ordeno que me remetaes por naõ do meu escrivaõ da Camara que ésta fez escrever, uma relaçaõ exacta dos livros e papeis, que neste presente anno tivérem sahido, e que na conformidade das dictas minhas ordens deviam ter licença. O Principe Regente N. S. o mandou pelos seus Ministros abaixo assignados do seu Conselho, e seus Dezembargadores do Paço. Joaquim Jozé da Silva a fez no Rio de Janeiro a 14 de Outubro de 1808. Joaquim Jozè de Souza Lobato a fez escrever.—Jozé Pedro Machado Coelho Torres.—Jozé de Oliveira Pinto Botelho e Mosqueira.—

A leitura desta Provisaõ naõ causou outra supposiçaõ senaõ de que êram estes os ultimos esforços de um systema agonizante de restricçoens da imprensa; que naõ poderia prevalecer contra o vigor de um Ministro illuminado, em quem suppunhamos boas intençoens. Mas a publicaçaõ do seguinte edictal no Rio de Janeiro, motivou a indagaçaõ, e merece a exposiçaõ de seus motivos.

EDICTAL.

Paulo Fernandez Vianna do Conselho de S. A. R. Fidalgo cavalleiro de S. R. caza, proffesso na Ordem de Christo, Dezembargador do Paço, e Intendente geral da Policia da Corte, e Estado da Brazil, &c.—Faço saber aos que o presente Edictal virem, que importando muito á vigilancia da Policia, que cheguem ao seu conhecimento todos os avizos, e noticias impressas, que se affixaõ ao publico á cerca de livros, e obras estrangeiras, que se procuram divulgar, muitas vezes sem procurarem a approvaçaõ das Authoridades, a quem a P. R. N. S. tem confiado ésta particular inspecçaõ; fica de hoje em diante prohibida a liberdade, que se tem arrogado abusivamente os que fazem similhantes publicaçoens; e todos os que tiverem de dar noticias de obras, e escriptos estrangeiros, impressos, ou naõ impressos, deveraõ primeiro trazer estes

avizos, ou anuncios á Secretaria de Intendencia Geral da Policia, para nella serem vistos, e examinados, e se lhes permittir ésta liberdade, e conhecer-se se tem ou naõ obtido a approvaçaõ indispensavelmente necessaria; E os que o contrario fizerem ou sêjam Nacionaes, ou Estrangeiros, seraõ presos na cadêa publica, e pagaraõ de pena duzentos mil reis, alem das mais que se impoem aos que procuram quebrantar a segurança publica; para o que haverá inquiriçaõ aberta em que se conheça dos transgressores, e se admittiraõ denuncias em segredo. Rio de Janeiro, 30 de Maio, de 1809.—Paulo Fernandes Vianna.

Entre outras incoherencias legaes deste edictal ha duas, que se fazem mui conspicuas: uma o erigirse o Intendente da Policia em legislador, arbitrando mulctas de sua propria authoridade; outra, o admittir, contra os principios da justiça universal, as denuncias ocultas; diremos alguma cousa sobre isto; e despois veremos a tendencia politica destas medidas.

He um principio incontestavel de direito, que o designar os crimes e estabelecer-lhes as penas correspondentes he officio que unica e privativamente compete ao legislador, e por tanto o magistrado, que de sua authoridade irroga penas, commete um crime de lesa Magestade; e os ministros que tal cousa concedem que se faça, quaesquer que sêjam os seus motivos, ajudam a imprimir no espirito dos povos a falta de respeito á authoridade legislativa. As leis de Portugal saõ taõ estrictas a este respeito, e taõ sabiamente pensadas, por os antigos legisladores, que até naõ permittem que o magistrado ou juiz possa extender a sançaõ da lei criminal aos casos similhantes; devendo restrictamente limitar-se aos casos especificados na letra da lei (Ordenaçaõ do L. 2. tt. 13. in fin. pr.) se pois o magistrado naõ pode estender a lei criminal aos casos similhantes, como lhe hade ser permittido estabelecer penas a seu arbitrio, sem uma flagrante usurpaçaõ dos sagrados direitos da Soberania? E saõ os ministros que tal consentem amigos e fieis servidores de seu Soberano?

Quanto ao admittir as delaçoens occultas; com effeito admira, que se naõ evergonhem disto no Seculo XIX os promotores desta medida; porque em fim nenhum jurisconsulto criminalista, hoje em dia, deixa de reconhecer a injustiça das accusaçoens particulares; e a tendencia desta medida, em desassocegar o espirito dos povos, por-

turbando a tranquilidade até do mais inocente cidadaõ (veja-se Beccaria Dei delitti e delle pene tom. 1. pag. 28. edit. Venet. 1781. Bernardi Principes des loix criminelles III. P. § II.) E na verdade como he possivel que ninguem viva socegado, e tranquilo em seu espirito, quando se lembrar, que está no poder de qualquer malevolo o fazer uma denuncia occulta contra elle, donde o menor mal que se pode seguir ao accusado he o ser chamado perante o magistrado, ser prezo, mettido de segredo, interrogado, em uma palavra passar por immensos incommodos antes que se manifeste a sua inocencia? Como he possivel desfazer os enredos, ou escapar as ciladas de um inimigo occulto, protegido pelos magistrados, para quem o accusado olha parapedir justiça? As nossas leis conhecem tanto a necessidade disto, que nenhum depoimento de testemunha he valido, sem que o reo esteja presente para o contradizer; (Ordenaçaõ do Reyno Liv. 3. tt. 62. §. 1. e ord. liv. 3. tt. 24. §. 20. e liv. 3. tt. 32. §. 1.) Como pois se permitte a um magistrado (por um erro de nome chamado de policia,) violar assim a sabia legislaçaõ do Reyno, que em quanto foi observada literalmente fez a felicidade dos povos Portuguezes?

Sobre a tendencia politica destas restricçoens da imprensa, lembrarei um facto. Cayenna foi tomada pelos Portuguezes, e havia naquella colonia duas imprensas. Ou o Governo do Brazil as prohibe, ou as permitte: se as prohibe, dá logo a conhecer aos habitantes de Cayenna, que o governo novo, que vaõ a ter, he peior que o que tinham pois este agora lhe tira a vantagem da imprensa, cujos beneficios todo mundo conhece; isto he um principio de odio ao novo governo, cujos effeitos a força armada pode suprimir á custa de sangue e de despezas; mas naõ poderá nunca annihilar. Se deixa la existir as imprensas dá logo a conhecer ao Brazil, que estes novos subditos e vassallos adoptados, gozam de melhor tratamento que os antigos. ¿Que alternativa he peior?

He logo manifesta a injustiça, assim como a impolitica desta medida; conjecturemos pois os seus motivos occultos. He bem sabido, que existia um partido Francez em Lisboa, que aconselhando ao Governo Portuguez, medidas que faziam este governo odioso á naçaõ, alhanáram o caminho ás vistas de Napoleaõ, e se o Principe Regente tivesse seguido até o fim as insinuaçoens perfidas desse partido, em vez de reynar nos seus Estados do Brazil, estaria hoje soffrendo a sorte de Carlos IV, e de Fernando VII. Um dos principaes agentes desta facçaõ está hoje em Paris, vivendo no maior desprezo e obscuridade, digno premio da sua traiçaõ. Mas o Brazil tem a infelicidade de conter tal parte desta cabala, quanta baste para o arruinar,

se as suas tramas naõ fôrem descubertas a tempo; e como manobra desse partido considéro eu a publicaçaõ deste edictal: porque os seus promotores sabem muito bem, que naõ saõ os esforços de uma ignorante policia os que haõ de evitar (naõ obstante a tyranica medida de admittir delaçoens occultas) que se letam no Brazil as obras que se imprimem na Europa; mas com ésta medida ganha esse partido o fazer o Gôverno odioso á naçaõ; fazendo-o apparecer debaixo das cores de um governo que só dejesa manter a ignorancia dos povos; e assim prepara uma disposiçaõ favoravel aos Francezes, quando elles lá forem fazer as promessas de melhoramentos que fizéram, em Portugal; e que nunca tem tençaõ de verificar. Ganha mais esse partido o ridicularizar o Ministro, qué publicou ao mundo os seus desejos de admittir a imprensa no Brazil; e ao mesmo tempo que solàpam o amor que os povos tem ao seu Governo, fazendo-o apparecer em cores odiosas; fazem recahir a impopularidade desta medida na repartiçaõ do unico ministro, que, ao nosso modo de pensar (como máis de uma vez nos temos exprimido), he em quem se concentram todas as esperanças do melhoramento daquelle vasto imperio do Brazil. Eisaqui como debaixo da máscara de servir o Soberano se attácam indirectamente os seus interesses, para dar a uns poucos de intrigantes o prazer de arruinar um ministro, de quem naõ góstam; ou de ganhar lugares enredando a naçaõ porque, uma vez mais o repetimos, o interesse dos povos he o mesmo dos Soberanos; e só intrigantes os podem dividir.

Em uma das folhas que novamente se publicam em Lisboa (Abelha-do-meio-dia de 17 de Agosto) foi o Correio Braziliense attacado, e com alguma aspereza. Nada podia dar-nos maior prazer do que observar, que ja a liberdade da imprensa em Portugal permitte fazer invectivas ao authôr do Correio Braziliense, sem que o Censor prohibisse essas invectivas por serem um doesto. A alegria pois que nos causa este melhoramento na liberdade da imprensa, apenas nos deixa lugar para dizer outra couza senaõ agradecer ao Editor da Abelha o favor que elle fez á sua naçaõ em ser o primeiro a romper a marcha; Deus queira, que passe agora a responder a outros papeis, que aqui se imprimem continuadamente, onde tudo quanto pertenese ao governo, e naçaõ Portugueza he tractado com o maior desprezo; se lá lhe naõ respondem por serem impressos em diversa lingua, e precisarem a sua versaõ nos lhos traduziremos a Portuguez. Fazemos porém uma advertencia ao Edictor da Abelha, e he que naõ falte nunca á ver-

dade em suas accusaçoens, como o faz insinuando que nós atacamos o Soberano.

O Correio Braziliense tem tomado a seu cargo responder aos ataques que se tem feito em diversas naçoens, contra os direitos Soberanos de Portugal, sem respeitar, nisto, nem ainda a mesma Inglaterra, onde o Correio Braziliense se imprime (veja-se a refutaçaõ da obra impressa em Londres intitulada causas e consequencias, &c. Corr. Braz. V, 1. p. 120, e p. 203.) A convençaõ de Cintra foi analyzada no Corr. Braz. com a liberdade necessaria para defender os justos direitos da naçaõ Portugueza; isto nunca fizéram os Senhores que escrevem em Portugal, que até tem medo de escrever em defensa da sua naçaõ. Quanto aos principios da usurpaçaõ Franceza, ninguem os tem combatido com maior ardor do que o Correio Braziliense, vejá-se toda a sua linguagem e principalmente a refutaçaõ da obra impressa no Porto intitulada *Desengano-proveitoso*, &c. (Corr. Br. V. III. p. 149.) Alem disto jamais appareceo no Corr. Braz. uma so palavra contra o character, pessoa, ou attributos do Soberano de Portugal; e he assim que se pertende mostrar, a grandissima differença que ha entre a justa veneraçaõ devida do Soberano, e o miseravel systema de louvar a torto e a direito quantos ministros estaõ á testa das repartiçoens publicas, quantos parasitas enchem a barriga no Paço, quantos intriguistas enredaõ os negocios publicos para fazer a sua fortuna particular; pelo contrario quem dirige a edicçaõ do Correio Braziliense está persuadido que he fazer um serviço tanto á naçaõ como ao Soberano o desmascarar os ambiciosos, e avarentos que naõ obstante terem sido mandados para a Africa, voltam taõ máos como fôram, para enriquecer-se com extorsoens manifestas, e despois disto nunca se lembram mandar escrever um paragrapho contra o Correio Braziliense se naõ despois que lhe tocou por caza.

CORREIO BRAZILIENSE

DE OUTUBRO, 1809.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvêra la chegára.

CAMOENS, C. VII. e. 14.

POLITICA.

Collecçaõ de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Documentos Officiaes para servirem de complemento á historia da expulsaõ dos Francezes do Reyno de Portugal em Maio de 1809.

1.° Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

ILLUSTRISSIMO e Excellentissimo Senhor: tive a honra de communicar a V. Excellencia, em a minha carta de hontem, que eu hia seguir o inimigo sobre a sua retirada, apparentemente para o Porto. Eu possuia bem as alturas e o passo dos Padrões da Teixeira, que o inimigo naõ defendia, guardando uma forte avançada de pouco mais ou menos 500 homens, em o caminho de Amarante, a uma legoa daquelle posto. Eu naõ tinha comigo, durante o dia, senaõ o Batalhaõ de Caçadores N.° 4 de 500 homens; porque á noite he que chegáraõ as Brigadas dos Marechaes de Campo Bacelar, e Lopes de Sousa.

Segundo as minhas ordens o Brigadeiro Silveira avançou de Villa Real a Gateães, aonde elle teve uma acçaõ bastante viva com o inimigo, em a qual perdeo de 20 a 30

dos seus, tendo feridos á proporçaõ. Havendo-se-me reunido esta manhaã o resto da minha columna, me adiantei para Amarante, e recebi a uma legoa desta Villa a noticia do Brigadeiro Silveira de que o inimigo a havia evacuado, e de que o dito Brigadeiro a occupava com a sua divisaõ. O inimigo tomou o caminho de Guimaraens, e se elle tem intençaõ de passar para Braga, ou voltando sobre a esquerda, ir para o Porto, naõ tenho a respeito disto ainda informaçaõ sobre a qual possa julgar. Elle nos deixou aqui duas peças, e alguns bois.

Naõ he possivel pintar a cruel e infame conducta do inimigo; ella póde ser facilmente traçada pelos lamentos dos infelizes Paizanos, das mulheres, e das crianças, e pelo fumo das Villas, Aldeas e casas incendiadas: elle a nada perdôa: esta Villa está inteiramente destruida: a de Mezaõ-frio o está em proporçaõ do tempo que tiveraõ: infelizmente para esta elles a occupáraõ varios dias. Deos guarde a V. Excellencia. Quartel General de Amarante 13 de Maio, de 1809.

W. C. Beresford, Marechal e Com. em Chefe.

Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

2.° *Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.*

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: posto que em a tarde do dia 13, despois da minha chegada aqui, eu tive noticias de que o inimigo havia evacuado o Porto, foi á huma hora despois da meia noite de hontem que pude conseguir alguma certeza, e no mesmo instante fiz passar o meu corpo de Exercito a toda a pressa sobre Chaves, para diligenciar o avançar ao inimigo, pois que o naõ poderei apanhar seguindo-o, marchando elle sem artilheria e bagagens, que elle havia destruido perto de Penafiel, ou por causa de achar o caminho de Lamego occupado, ou por

causa da seguida marcha que lhe fazia Sua Excellencia o Marechal General.

Eu mandei com marchas forçadas a Brigada do Brigadeiro Silveira, reforçada pela Cavallaria commandada pelo Conde de Sampaio, e pelo 4.º Batalhaõ de Caçadores, para occupar a passagem de Chaves, Ruivães, e as alturas que conduzem a Monte-Alegre, em quanto o resto das Tropas se encaminha directamente a Chaves, a fim de que eu possa finalmente encaminha-las a algum ponto, por onde o inimigo venha sahir a Tras-os-Montes. Se elle se encaminhar pela estrada de Melgaço, o Brigadeiro tem ordens em consequencia. Eu parto já para Chaves. Hontem á noite recebi a informaçaõ de Sua Excellencia o Marechal General de que elle havia batido os Francezes no Porto, e entrado naquella Cidade. O portador da sua primeira carta naõ chegou senaõ esta manhaã. Deos guarde a V. Excellencia. Quartel General de Amarante, 15 de Maio de 1809.

W. C. Beresford, Marechal e Com.t em Chefe.

Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

3.º *Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.*

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: tive a honra de communicar a V. Excellencia em Amarante as minhas intençoens, e as disposiçoens que havia feito para embaraçar a retirada do inimigo, e tenho o pezar de haverem sido infructiferas, havendo-se-nos adiantado, e escapado aqui (ultimo lugar em que eu tinha algum prospecto de o interceptar) e isto por bem poucas horas; e as circumstancias me impossibilitaõ de o seguir mais tempo.

Eu parti de Amarante a 15, tendo avançado a maior parte das minhas Tropas a 14, na esperança de as ter reunido em Chaves a 16; mas o pessimo tempo, e os máos caminhos, ainda peores com as chuvas continuadas, im-

pediraõ a chegada das Tropas até 17 á noite, e a Brigada do Marechal de Campo Bacellar naõ chegou senaõ a 18.

As ordens que eu tinha dado ao Brigadeiro Silveira de occupar as embocaduras das passagens para Tras-os-Montes, o tempo lhe naõ permittio de o fazer antes que o inimigo se tivesse apoderado dellas; mas em todo o caso naõ as haveria podido defender, por ter marchado para alli só, tendo toda a sua Brigada passado na maior desordem por um caminho opposto, á excepçaõ do Batalhaõ de Caçadores N.º 4, a quem eu mesmo havia ordenado, que tomasse o caminho de Mondim. O inimigo tendo chegado a Ruivães, e vendo que se encaminhava sobre Monte Alegre, ordenei ao Brigadeiro Silveira de ajuntar o seu Corpo em Ardões, entre aquelle lugar, e Chaves, com ordem positiva de se naõ mostrar sobre o caminho por onde hia o inimigo, a fim de lhe naõ dar a conhecer, que nós estavamos sobre o seu flanco, tendo ainda a esperança de o cortar, passando de Chaves a Ginço, por onde elle de necessidade devia proximamente passar. Com este objecto sahi de Chaves a 18, com toda a força que me havia chegado, e eu tomei um caminho curto por S. Maillion, deixando Monte Rey á direita; mandando ordem aoBrigadeiro Silveira de se unir a mim naquella noite a S. Maillion; naõ pude deixar de me admirar, que este Official, contra as minhas ordens, se houvesse encaminhado sobre Monte Alegre, tanto que o inimigo o passou; pelo qual movimento eu fui privado aqui do total da sua força, e do Batalhaõ de Caçadores N.º 4; e a Brigada do Marechal de Campo Bacellar naõ havendo chegado, naõ estou aqui senaõ com pouco mais de metade das minhas forças, que estaõ bastantemente cançadás; e como uma seguida mais longe só servirá para mais fatigar as Tropas, sem probabilidade de poder alcançar o inimigo, contentei-me de mandar Cavallaria no seu alcance até um pouco alem de Alhariz, e farei entrar o resto do Exercito em Portugal.

Eu cheguei hontem aqui com a vanguarda do Exercito, e nós achámos que partidas inimigas estavaõ de posse deste lugar; porem ellas fugiraõ quando nos viraõ, assim como outras partidas que estavaõ sobre as alturas, entre este ponto, e Alhariz; e o corpo principal do inimigo chegou hontem a este ultimo sitio; e pelas descobertas de Cavallaria, que hontem mandei fazer daquelle lado, sube que estava prompto a marchar ás onze horas, e supponho que já terá chegado a Orense, se for esta a sua tençaõ. Deos guarde a V. Excellencia Quartel General em Ginço, 20 de Maio de 1809.

W. C. Beresford, Marechal e Com. em Chefe.

Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

4.° *Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.*

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: Em a minha carta de Ginço eu havia communicado a V. Excellencia o haver mandado tres Esquadroens de Dragoens, ás ordens de Tenente Coronel Talbot, do 14.° Regimento de Dragoens Inglezes, para seguir o inimigo sobre Alhariz, e além deste lugar pelo caminho de Orense, com o objecto de lhe fazer apressar a sua marcha; e a sua parte me chegou aqui de que elle executou esta ordem, e encontrou a sua retaguarda postada a meia distancia entre Orense e Alhariz, e que o grosso do seu Exercito havia passado a ponte do primeiro destes lugares, e fazendo huns 50 prisioneiros, voltou segundo as minhas ordens a Ginço. Tenho muito que louvar os serviços deste Official. Deos guarde a V. Excellencia. Quartel General de Coimbra, 26 de Maio de 1809.

W. C. Beresford, Marechal e Com. em Chefe.

Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

Hespanha.

Officio do Marquez de la Romana.

O Senhor D. Antonio Cornel, Secretario do despacho universal da guerra, me escreve o seguinte em data de 6 de Julho:

Excellentissimo Senhor: o Senhor D. Martim de Garay em data de 2 do corrente me escreveo a ordem seguinte:

No meio dos graves cuidados e continuos disvelos da Juncta Suprema Governativa do Reino, para continuar com actividade e firmeza na defensa da Patria, naõ perde de vista o grande e peremptorio interesse com que reclama toda a Naçaõ, para que empregue seus trabalhos nas saudaveis reformas, que exige a sua actual situaçaõ, e que devem servir de base á sua prosperidade futura. Hum dos mais graves negocios, que chamaõ hoje a sua attençaõ, e de que deve occupar-se com a maior actividade e madureza, he a convocaçaõ das Cortes, objecto o maior, e mais digno, em que póde e deve empregar-se a Juncta Suprema. Quanto mais importante he este objecto, tanto mais necessarias saõ as luzes, as observaçoens, e a expeperiencia dos que a compõem; e como em uma discussaõ de tanta transcendencia seria mui reparavel aos olhos da Naçaõ que naõ concorressem todos para ella, S. M. foi servido determinar que se reunaõ á Juncta todos os Vogaes, que os acontecimentos anteriores tem obrigado a ter até agora fóra do seu seio nas delicadas commissoens, e lugares que os mesmos tem exigido. Aainda que he sensivel a S. M. que o Senhor Marquez da Romana se separe das suas tropas, como o deve fazer em virtude desta soberana e leal determinaçaõ, para vir a esta Cidade exercitar as funcçoens de Representante do Corpo Nacional, pela difficuldade de pôr a sua frente um Chefe da sua experiencia e conhecimentos: com tudo, attendido o estado do Reyno da Galliza, e Principado das Asturias, necessita

a Juneta ouvillo de vagar, para que a instrua sobre os meios de tirar partido das circumstancias em que se achaõ e que de outro modo he impossivel que se inteire a fundo, para o acerto em suas disposiçoens; e por esta razaõ determinou tambem que o dito Senhor Marquez deixe o Commando do seu Exercito ao General que julgar mais conveniente. Transmitto-o a V. Excellencia de ordem de S. M. para seu cumprimento; na certeza de que o Commando do Exercito naõ póde recahir no Marechal de Campo Conde de Noronha, porque estando nomeado por segundo Commandante General da Galliza, deve permanecer sempre neste Reyno."

Em cumprimento da Real ordem precedente confiei o Commando do Exercito ao Marcehal de Campo D. Gabriel de Mendizabal, entreguei o deste Reyno ao Conde de Noronha, segundo Commandante General e Presidente da sua Real Audiencia. O que participo, a V. Excellencia para seu conhecimento e governo, e para que o faça saber ás Justiças, e ás mais Autoridades do districto do seu commando. Deos guarde a V. muitos annos.

de Agosto, de 1809.—o Marquez da ROMANA.

Proclamaçaõ.

Soldados: na Dinamarca penetrou nossos ouvidos a voz augusta de Fernando, e obedecemos até a seus écos. A Patria invocou nosso soccorro, e uma Naçaõ generosa, surcando procellosos mares, nos conduzio até unir-nos com os valentes compatriotas, de quem nos tinha affastado a atroz perfidia e a vil prostituiçaõ de um valido: á vossa frente tenho resistido desde entaõ aos mortaes golpes, com que o tyranno Napoleaõ pertendeo affogar nossa existencia: soffrestes comigo o abatimento que a sua incomparavel força diffundio na Nacaõ inteira, e em toda a Europa; porém vós sem mais auxilios do que o vosso valor,

sem mais armas do que a vossa inimitavel constancia; sem mais estimulos do que o vosso heroico patriotismo, sem mais divisa do que a de Hespanhol e sem mais ambiçaõ do que a inspirada por vossa honra e fidelidade tendes disputado as primicias do triunfo, e tendes posto os vossos nomes a par dos homens nascidos para a admiraçaõ.

Galliza fica coberta de cadaveres Francezes: nem a antiga Carthago, nem a moderna França podem comparar suas marchas com as incessantes, que em seis mezes de desnudez, fome, e miseria, tendes feito pelos impenetraveis Alpes de Castella, Galliza e Asturias, na Estaçaõ mais irresistivel aos seus rigores.

Immortaes guerreiros! Naõ tendes dado ruidosas batalhas; porém tendes annihilado o mais soberbo Exercito do Tyranno; auxiliando o patriotismo nacional, sustentando a nobre fermentaçaõ, fatigando as tropas inimigas, destruindo-as em pequenos combates e reduzindo o seu dominio ao terreno, que pizavaõ, tendes cumprido as mais altas obrigaçoens de soldado, e eu vos devo o prémio a que tem aspirado as fadigas, os cuidados e as meditaçoens, que me tem occupado como General.

A Patria tem ignorado por muito tempo os vossos melhores serviços: porém as acçoens de Villa Franca, Vigo, Campos de Lugo, Sant-Iago e Sampaio, aonde tem brilhado o vosso valor, vos libertaráõ de qualquer nota contraria, por ter recusado batalhas funestas, e vos faraõ temiveis a huns inimigos que tem sido vencidos e arrojados, quando a superioridade de suas forças naõ he um obstaculo absolutamente inaccessivel ao vosso valor.

Sim! bravos Hespanhoes! Ao contemplar-vos neste dia me falta o sangue frio, que me sobrava á vossa frente. Naõ sou ja vosso General—S. M. me separa de vós para occupar um lugar na Suprema Juncta Central. Se naõ fôra esta sua irresistivel vontade, nada me apartaria do vosso lado, nem me faria renunciar ao direito que tenho de

participar de vossas futuras victorias, debaixo das ordens do novo Chefe, e Generaes que vos mandaõ. Recebei, soldados, a ultima voz do vosso General, e contai desde hoje com o amor e gratidaõ paternal do vosso compatriota e companheiro de armas.—O Marquez da Romana.—

Conta official da batalha de Talavera, dada pelo gen. Cuesta ao Secretario de guerra. Sevilha, 7 de Septembro 1809.

Excellentissimo Sñr. Mudei o meu quartel-general para Velada, aos 21 do corrente, conforme ao que disse no meu primeiro despacho, da mesma noite. Esta communicaçaõ foi feita despois de eu ter visto, na noite daquelle dia, o valente e lustroso exercito Inglez.—Havendo-se reunido éstas forças naquelle lugar, ordenei á minha vanguarda, que se postasse diante de Velada, concluindo que o fogo, que entaõ descubri, éra uma escaramuça das nossas partidas, com o corpo avançado do inimigo, postado, na quelle tempo, no districto de Gamonal, duas leguas distante de Talavera, e que subsequentemente foi derrotado, e perseguido até Casas. Ao romper do dia 22 estando o meu exercito juncto na extensa planicie entre Velada e Talavera, mandei que a vanguarda, commandada pelo intrepido brigad. gen. D. José de Zayas, carregasse o inimigo, que tinha sido reforçado pela divisaõ de cavallaria do gen. Latour Maulbourg; e mandei que as divisoens de infanteria e cavallaria marchassem em ordem cerrada, avançançando assim para Talavera, de maneira que pudessem resistir ao attaque se os Francezes trabalhassem por forçar a sua entrada neste lugar, ao que pareciam estar determinados. O officio de Zayas N. 1., que remetto nesta occasiaõ, vos dará um perfeito conhecimento do que occurreo na quella manhaã.—Todo o exercito seguio a vanguarda, passando por Talavera, e tomou a sua posiçaõ em um olival, entre aquelle lugar, e o rio Alber-

che. O exercito Britanico marchou, na noite de 21, de Oropezo, e na manhaã seguinte se unio com nosco; e, em quanto a van-guarda attacou e repulsou o inimigo, os Inglezes tambem desfiláram por Talavera, para tomar posiçaõ na nossa esquerda, segundo o plano que se havia concordado. Foi, Excellentissimo Senhor, uma exhibiçaõ magnifica, ver os exercitos combinados, em uma planicie de duas leguas de extençaõ, avançando sobre o inimigo, o mais brilhante e agradavel era a admiravel ordem, firmeza, e valentía, com que este movimento foi executado pelos nossos alliados. Toda a noite de 22 empregámos em reconhecer o campo do inimigo, e entaõ fizemos alguns prisioneiros entre o mato, e os olivaes, os quaes naõ pudéram alcançar a sua vanguarda, tendo sido obrigados a retirar-se, em consequencia de uma carga intrepida da nossa cavallaria.—Durante todo o dia 23 nada aconteceo digno de nota. Eu me empreguei em examinar a posiçaõ do inimigo, que tinha outravez concentrado as suas forças no districto de Casalegas, e nas alturas adjacentes, conservando a sua guarda avançada, supportada por algumas peças de artilheria, sobre a ponte e margens do rio Alberche, que fizéram fogo a maior parte do dia sobre as nossas partidas que escaramuçávam,—Eu tinha concordado com o general em chefe do exercito de S. M. Britanica, Sir Arthuro Wellesley, a respeito do attaque sobre a ponte, e margens do rio, antes de amanhecer; e para este fim mandei adiante a 5ª. divisaõ de infanteria sob o commando do marechal de campo D. Luiz de Bassecourt, na noite de 23, em ordem a que, despois de haver cruzado o váo de Cardiel, tres leguas distante de Talavera, elles pudessem marchar pelas alturas contiguas de maneira que, ao romper do dia 24 cahissem sobre a retaguarda e flanco direito do exercito do inimigo, em Casalegas. Em a mesma hora me propuz a attacar em pessoa, sobre o flanco esquerdo, e parte de sua frente, em *quanto o* exercito Inglez attacava o todo da direita. A

fugida do inimigo durante a noite de 23 desconcertou este plano; e quando, ao amanhecer dos 24, vimos o campo Francez abandonado, eu julguei conveniente seguir o inimigo com o meu exercito somente (pois o exercito Britanico ficou em Casalegas e margens do Alberche) com a esperança de alcançar-lhe a retaguarda, ou alguma porçaõ de seu exercito. As noticias que obtive no caminho me informáram de que os Francezes tinham marchado em duas columnas, por Santa Olalla e Cebolla, e em consequencia dividi o meu exercito de maneira, que os pudesse seguir em ambas as direcçoens.

Naõ obstante a marcha forçada do meu exercito, que fez o seu progresso naquelle dia sem maior fatiga, nos naõ pudemos alcançar o nosso fim; porque o inimigo tinha commeçado a sua retirada mui cedo, e procedido com grande rapidez. Aos 24, tendo-me postado em Santa Olalla, ordenei ás tropas que havîam tomado o caminho de Cebolla, que se me unissem, exceptuando o 5°. corpo, o qual deixei aqui para guardar o districto; pondo a vanguarda nas vizinhanças de Alcabon, donde fôram desalojados os piquetes do inimigo, e perseguidos até Torrijos, onde uma consideravel parté estava postada.—Todo o dia 25 foi destinado a dar descanço ás tropas, e proporcionar as raçoens, que eram extremamente escaças. Durante o dia algumas partidas dos Francezes se empregáram, ja em fazer esforços para nos desalojar de nossos postos, ja em reconhecer a nossa situaçaõ, mas em ambas as tentativas fôram mal succedidos, em consequencia do valor dos officiaes que commandavam as partidas de escaramuçadores, que os attacáram de todos os lados, e impediram que se aproximassem. A's nove horas da noite do mesmo dia, tive informaçaõ de que o inimigo se avançava por Torrijos, e que todo o seu exercito estava em movimento; porem os meus avizos me naõ informávam para que ponto procedia a maior parte. Ouvindo isto, fiz saber aos ge-

neraes o que se passava, e despachei um official ao gen. Wellesley. Em consequencia de sua determinaçaõ e direcçaõ, e achando a minha vanguarda poderosamente attacada, na manhaã de 26, por uma força mui superior, e o inimigo indicando um designio de fazer um attaque geral; me resolvi a fazer um movimento retrogrado sobre o Alberche, e reunir-me com os Inglezes o que effectuei na noite do mesmo dia.—Os officios do brigadeiro gen. D. Jozé de Zagas, e do ten. gen. Duque de Albuquerque N. 2 e 3, explicam os particulares da acçaõ, na manhaã daquelle dia, em que os corpos aqui mencionados adquiriram grande credito pela sua firmeza e valor, &c.—Assim concluio a noite de 26; e despois de ter conferido com o gen. Wellesley sobre a nossa situaçaõ, na quella noite, resolvi tornar a passar o Alberche, na manhaã do dia seguinte, quando concordamos que a linha direita fosse occupada pelo exercito Hespanhol, e a esquerda pelo Inglez. A vanguarda Ingleza ficou, durante aquella noite, em Casalegas, e nas alturas contiguas, commandando o ten. gen. Sherbrooke, com ordem de retirar-se para a margem opposta do rio, o que foi obedecido na manhaã de 27.—Devo agora observar, que na manhaã de 24, o marechal Victor se retirou do posto que occupava nas margens do Alberche, em ordem a evitar o attaque intentado naquelle dia pelos exercitos alliados; e ao despois se unio, nas vizinhanças de Toledo, com as forças de Sebastiani, e com 8.000, que formávam a guarda do Impostor Real, o qual tomou o commando do todo, assim congregado, assistido pelos marechaes Jourdan, e Victor, e pelo gen. Sebastiani.—Pareceo agora, que o inimigo desejava entrar em uma acçaõ geral, pelos frequentes aproches da sua guarda avançada, e pela occupaçaõ de Santa Olalla, com todo o seu exercito, na noite de 26. Os seus postos exteriores se aproximáram entaõ do exercito alliado. Nestas circumstancias, ao amanhecer do dia 27 se concordou na *posiçaõ* que deviamos tomar; e Sir Arthuro Wellesley or-

denou ao gen. Mackenzie, com uma divisaõ de infanteria Ingleza, e uma brigada de cavallaria, que se conservassem nos olivaes sobre a direita do Alberche, onde ésta partida, que compunha a vanguarda, podia cubrir o flanco direito do exercito Britanico.—Todo o exercito combinado occupava uma extençaõ de terreno de mais de tres milhas, a direita, para a parte do Tejo, estava cuberta pelas nossas tropas nacionaes, chegando até á frente de Talavera. O terreno para a esquerda estava occupado pelo exercito Inglez, que se abria, e tinha a cavalleiro um outeiro, onde se ajunctou, em segunda linha uma divisaõ de infanteria Ingleza, debaixo das ordens do gen. Hill. Entre este outeiro e uma cadea de montes, alguma cousa distante, ha uma tapada, que ao principio o gen. Wellesley naõ mandou que se defendesse, por que tinha a cavalleiro de si o outeiro, e porque se julgava estar demasiado distante para que pudesse ser de alguma utilidade na batalha, que se esperava. Todo o terreno sobre que estava formado o exercito Hespanhol, era cuberto de olivaes, intersectado com sinuosidades, desigualdades, e cabanas. A estrada maior, que vai para a ponte do Alberche, era defendida por uma forte batteria, servida pela nossa infanteria, em frente da Hermida de N. Senhora do Prado; os outros caminhos do districto estávam defendidos da mesma sorte. Talavera estava protegida por uma guarniçaõ, nomeada para esse fim; e o resto da infanteria Hespanhola, formando duas linhas, estava postado por detras de uma aldea, que fica na extremidade do districto, e formava uma linha, em continuaçaõ da posiçaõ, que occupávam os Inglezes. No centro, e entre os dous exercitos, havia uma elevaçaõ de terreno, onde os Inglezes tinham começado a construir um forte reducto; tendo na sua retaguarda uma pequena planicie. Neste ponto estava postado o gen. Inglez Campbell, que commandava uma divisaõ de infanteria, sustentada pela brigada de dragoens do gen. Cotton, e por alguns esquadroens da nossa caval-

laria.—Arranjado assim o nosso exercito combinado, se apprezentou o inimigo em força consideravel, manifestando, ao principio, intenções de attacar a divisaõ da vanguarda, commandada pelo gen. Mackenzie. De facto, executou este designio, antes que aquelle official pudesse retirar-se para a sua propria posiçaõ, mas estas valorosas, e bem disciplinadas tropas, que compunham a brigada do gen. Mackenzie, do coronel Donkins, a brigada de cavallaria do gen. Anson, e os seus corpos, sustentados pelo gen. Payne, com 4 regimentos de cavallaria, postados na planicie, e olivaes de Talavera, se retiráram na mais admiravel ordem, mas naõ sem perca nos olivaes, particularmente dous dos corpos desta divisaõ. A regularidade, firmeza, e fortaleza de todas éstas tropas, assim como os talentos militares do gen. Mackenzie, fôram conspicuos em todos os movimentos, e este official merece os maiores louvores, e admiraçaõ, pelo seu sangue frio, e serenidade com que retirou esta divisaõ para a esquerda do exercito Britanico.—O numero do inimigo, augmentou-se sobre a margem direita do Alberche, á proporçaõ que o dia se avançou, e tudo indicou a sua determinaçaõ de dar batalha ás forças combinadas.—Aproximando-se a noite começou elle um attaque furioso, por uma canhonada, e por uma carga com toda a sua cavallaria, sobre a direita, occupada pela infanteria Hespanhola, com o designio de romper as nossas linhas, postadas como fica dicto. Este attaque foi recebido por um fogo activo, perfeitamente bem sustentado, tanto pela artilheria, como pela mosqueteria, o que desconcertou o proposito do inimigo, e o poz em fugida, a um quarto despois das oito horas. Durante este tempo uma forte divisaõ dos Francezes, se avançou pelo vale para a esquerda da altura occupada pelo gen. Inglez Hill, de que obtivéram, com grande perca, uma posse momentanea. Porem Hill tornou logo a carregar com a bayoneta calada, expulsou o inimigo,

e recobrou o seu terreno.—De noite repelliram os Francezes o seu attaque mas naõ fôram bem succedidos, e soffrêram grande perda. Ao amanhecer do dia 28, voltáram com duas divisoens de infanteria, mas fôram repulsados pelo valoroso Hill, o qual naõ pôde ser intimidado pelas suas repetidas tentativas, nem pela progressiva accumulaçaõ das forças dos assaltantes.—O gen. Wellesley, em consequencia destes renovados esforços do inimigo, pelo vale, na esquerda do outeiro; mandou para ali duas brigadas da sua cavallaria, sustentadas pelo ten. gen. Duque de Albuquerque com toda a sua divisaõ de cavallaria.

Os Francezes, vendo este movimento, mandáram attiradores para a cadea de montes á esquerda do vale, os quaes attiradores fôram assaltados pela 5.ª divisaõ da minha infanteria sob o marechal de campo D. Luiz Bassecourt, que os desalojou com muita perca.—O attaque geral commeçou pelo avanço das differentes columnas de infanteria do inimigo, com a intençaõ de attacar o outeiro occupado pelo gen. Hill. Estas columnas fôram carregadas por duas partidas de dragoens Inglezes, commandadas pelo gen. Anson, e conduzidas pelo ten. gen. Payne, e sustentadas pela brigada de cavallaria de linha do gen. Taane. Um destes regimentos de dragoens Inglezes soffreo muito; mas esta espirituoza carga produzio o effeito de desconcertar os designios do inimigo, que soffreo mui grande perca. Ao mesmo tempo os Francezes attacaram o centro do exercito, onde estava postado o gen. Inglez Campbell, tendo na sua direita o ten. gen. D. Francisco de Eguia; o inimigo foi repulsado por ambos estes generaes, os quaes tinham a sua infanteria sustentada pelo regimento de cavallaria d'El Rey, e pela divisaõ do ten. gen. D. Joaõ de Henestrosa. - Este corpo se cubrio de gloria, na carga que fez sobre a infanteria do inimigo, durante a qual voltou a columna porque tinha sido attacado; debaixo desta vantagem, a infanteria Ingleza, protegida pela Hespanhola,

se apossou da artilheria do inimigo. Ao mesmo tempo que isto succedia, attacáram os Francezes com grande furia o centro do exercito Inglez, commandado pelo gen. Sherbrooke. Os inimigos fôram recebidos com extraordinaria coragem, e fôram repulsados por toda a divisaõ Ingleza, que carregou com a bayoneta calada. Mas a brigada Ingleza das guardas, que foi levada adiante precipitadamente, no ardor da batalha, avançou demaziado para a vanguarda, e foi por consequencia obrigada a retirar-se debaixo do fogo da segunda linha, composta da brigada de cavallaria do gen. Cotton, e de um batalhaõ de infanteria destacado do outeiro pelo gen. Wellesley, logo que elle observou a remota situaçaõ das guardas. O gen. Howard, que commandava a artilheria Ingleza, se distinguio pela sua extraordinaria coragem, e executou os mais importantes serviços.—O ten. gen. D. Francisco de Eguia, meu segundo em commando, estava postado na minha esquerda, com a 3.ª 4.ª e 5.ª divisoens, commandadas pelos generaes, Marquez del Portasgo, D. Raphael Manglano, e D. Luiz Alexandro Bassecourt, mas este teve ordem para sustentar a divisaõ de cavallaria do ten. gen. Duque de Albuquerque, que foi destacada para reforçar o exercito Britanico. Os officios N.4, 5, e 6, destes generaes, vaõ aqui inclusos para informaçaõ de S. M.—Eu tomei, debaixo das minhas ordens particulares, o centro e a direita, sem me descuidar, com tudo, da superintendencia do resto; e com muita satisfacçaõ notei a conducta dos generaes do 1.º, e 2.ª divisaõ do Marquez de Zayas, e D. Vicente Iglezias, assim como D. Joaõ Bereuy, e ten. gen. D. Joaõ Henestrosa, &c.—A perca do inimigo foi mui grande. Deixáram os Francezes no campo de batalha de 4 a 5 mil homens, e o numero dos seus feridos computa-se a mais 5.000. Dous ou tres generaes fôram mortos, varios ficáram feridos; e, ao menos, 400 outros officiaes. Tomamos 12 peças de artilheria, e muitos carros

de munição, e a derrota foi uma das mais completas, considerando que nos estavamos obrando na defensiva. Os Inglezes perdêram o gen. Mackenzie, o brigadeiro general Langworth, e outros officiaes de distincto merecimento, e graduação. O total dos seus officiaes mortos e feridos he 260, e o dos soldados 5.000. A nossa diminuição he muito menor. D. Raphael Mangiano ficou ferido, e 50 mais dos nossos officiaes fôram mortos ou feridos; e 1.150 soldados. A nossa artilheria foi servida com habilidade e fortaleza, e os nomes daquelles officiaes, cujos talentos se mostráram mais conspicuamente, são mencionados nos officios dos seus respectivos generaes.—Seria uma negligencia do meu dever, se eu não communicasse a V. Ex.ª, para informação de S. M., que a conducta do gen. em Chefe Britanico, Sir Arthuro Wellesley, e a dos generaes, e officiaes subordinados, e soldados debaixo de seu commando he superior a todo o louvor. Eu tenho visto o enthusiasmo com que estes fieis alliados tem derramado o seu sangue em copiosas torrentes, na defensa da liberdade, e nenhuma linguagem póde expressar adequadamente os sentimentos de gratidão, que anîmam os nossos coraçoens. Com a maior satisfacção tenho observado o meu exercito, congratulando os nossos companheiros pela victoria alcançada, e misturando com exclamaçoens indicativas da mais ardente affeição os appellativos de "nossa patria, e Fernando," com os dos nossos poderosos, e generosos alliados. (Seguia-se a lista dos officiaes que se distinguîram.) —Quartel general, Cabana-d'Oliveira, 7 de Agosto 1809.

(Assignado) GREGORIO DE LA CUESTA.

A. S. Ex.ª D. Antonio Cornel.

Sevilha, 1 de Septembro.

DECRETO REAL.

Sua Magestade não preencheria os seus desejos, nem as esperanças do seu povo, se ao mesmo tempo, que tra-

balha por livrar o paiz da oppressaõ do seu Tyranno, naõ fizesse todos os esforços para corrigir os vicios, que existem n'administraçaõ interna; e para erguer esta magnanima, e generosa naçaõ ao alto grao de esplendor, e poder, a que ella tem direito pela fertilidade do seu terreno, benignidade do seu clima, extençaõ de suas costas, e pela possessaõ das suas ricas colonias. Entre os obstaculos, que se tem constantemente opposto aos progressos da nossa agricultura, industria, e commercio, tem o primeiro lugar as contribuiçoens, chamadas *alcabalas*, *cientos*, e *millones*; impostos, que obstruindo a circulaçaõ interior, e pezando dezigualmente sobre as producçoens das terras, sobre manufacturas, e em geral sobre todos os objectos de commercio; tem naõ somente tornado odiosa a administraçaõ fiscal, e até a mesma industria; mas, o que he ainda mais, descarregando sobre ella golpes incuraveis, tem sempre sido hum fraco recurso para supprir as necessidades do Estado. A observaçaõ, e experiencia tem mostrado os seus effeitos prejudiciaes. Tem-se gritado pelo remedio, e vista a declinaçaõ das nossas manufacturas, pelo systema mercantil, unanimente abraçado por todas as Naçoens da Europa. Mas posto que o Governo conhecesse estes deffeitos, e os reformasse parcialmente, estas reformas eraõ somente hum novo vicio, que envolvia cada vez mais o systema. A final chegou o tempo, em que os bons principios haõ de triumphar sobre a ignorancia; e a naçaõ, que se tem mostrado grande, e magestosa aos olhos de toda a Europa pelo seu valor, e pela sua virtude, se mostrará tambem tal pela liberalidade dos seus principios, e bondade da sua administraçaõ interior. A Suprema Juncta do Governo do reyno está bem convencida, que as riquezas dos individuos saõ as riquezas do Estado, e que naçaõ alguma pode ser rica sem animar a agricultura, commercio, e industria; e que a industria em geral naõ acrescenta, mas remove os obstacu-

los, que podem obstruir as Leis tanto fiscaes, como civis. Por estas consideraçoens a Juncta Suprema naõ pode deixar de occupar-se desta grande obra, começando com a mais urgente reforma, qual he a das contribuiçoens, e providenciando em Lugar das abolidas, outras sobre couzas que sejaõ mais proprias para contribuir-se, destribuindo-as igualmente entre os contribuidores, extorquindo-as em tempo, e da maneira menos offensiva, e arrecadando-as com a menor despeza possivel. Assim as contribuiçoens, que saõ sempre um mal, cahiraõ somente sobre aquelles, que podem contribuir, seraõ applicadas aos seus verdadeiros objectos, e naõ á mantença de um sem numero de sizeiros, que so saõ estereis consumadores, e outras tantas maõs perdidas para a industria. Em consequencia, pois destes principios, o Rey nosso Senhor Don Fernando VII. e em seu real nome a Suprema Juncta do Governo do reyno, decreta o seguinte.

Art. I. As contribuiçoens conhecidas com o nome de *Alcabalas, cientos, e millones*, seraõ abolidas, logo que se appropriem, e estabeleçaõ aquellas, que haõ de appropriar-se para supprir o seu lugar.

Art. II. A repartiçaõ das Finanças está encarregada de propor a Sua Magestade as contribuiçoens, que devem supprir o lugar das que haõ de abolir-se.

Art. III. O presente decreto será impresso, publicado, e correrá na maneira usual.

Do nosso Real Palacio de Sevilha, Agosto 7, de 1809.

Marquez de Astorga, Presidente,

Martin de Garay.

America.

Rio da prata.

Proclamaçaõ do Governador de Buenos Aires.

Fieis e generosos vizinhos, e habitantes de Buenos Aires! As abundantes e sinceras expressoens de

alegria, que tendes manifestado, desde o momento de minha chegada, á augusta capital do Vice Reynado, me offerecem a mais decisiva prova de vossa invencivel lealdade, e dos sentimentos de honra que vos animam. Nestes eu descubro a homenagem que vos offereceis á MAGESTADE SOBERANA, que eu represento, e os vivos sentimentos de vosso terno respeito pelo nosso Monarcha. Isto me mostra que, se vós prestais ésta veneraçaõ a mim que sou unicamente a sua sombra; he por causa do profundo do respeito pela pessoa e substancia donde essa sombra provem; a qual veneraçaõ tem sempre estado em perfeita coincidencia com o vosso character, e conducta. Finalmente isso me dá a mais authentica prova do nobre enthusiasmo que reyna em vossos peitos, da vossa firme adhesaõ á grande causa em que a metropole está empenhada, e de todas as virtudes sociaes, que vos adornam em vossas respectivas ocupaçoens. Tal he a origem, e taes saõ os effeitos destas extraordinarias demonstraçoens de alegria, que tem excedido toda a minha expectaçaõ.

Eu faltaria ao meu dever se, nestas circumstancias, naõ reconhece a agradecidá sensibilidade, e ardente satisfacçaõ, que estas affectuosas indicaçoens da vossa disposiçaõ tem produzido em mim. Nada poderá jamais riscar da minha lembrança o prazer que experimentei, na noite de 30 de Junho. Que magnifico expectaculo para um homem capaz de apreciar os sentimentos do coraçaõ, ver um numeroso povo, composto de todas as classes da sociedade, apressar-se, impellido somente pela sua fidelidade, a offerecer os seus serviços voluntarios, em termos os mais affectuosos, e acompanhados por todos os signaes de lealdade; na presença do representante do seu amado Soberano! O Tyranno, que nos opprime, nunca pode gozar tal scena de prazer, com toda a sua pompa, e circumstancias de esplendor, suas entradas publicas, e seus triumphos; porque por força e violencia elle só pode extorquir

applausos frios e fracos; ao mesmo tempo que os vossos saõ resultado natural de uma affeiçaõ desapaixonada, e ardente lealdade, que vós conferis á memoria de Vosso augusto Principe. Naõ duvideis; este acto vosso, simples como parece ser, debaixo dos characteres de energia, naõ tem nada de commum com a ostentaçaõ e vaidade; mas he simplesmente a ingenua manifestaçaõ de vossos leaes sentimentos; he este o impenetravel muro que se hade oppor aos assaltos do inimigo. Em vaõ trabalhará elle por seduzir-vos com os seus artificios; ou debilitar a vossa fortaleza, espalhando entre vós as sementes da discordia. A impotencia de sua authoridade, e a inefficacia de seus maliciosos expedientes mostar ao Mundo, que Buenos Aires naõ he o paiz, onde a perfidia pode ter a sua residencia. Eu vos asseguro, com toda esta franqueza que pertence ao meu character, que tenho a mais perfeita confiança na vossa lealdade; e que estou firmemente persuadido de que naõ tenho nada a recear desses vis agentes que o inimigo de vossa liberdade distribue por toda a parte, com o maligno fim de impor á sincera integridade do genero humano. Se a sua audacidade tentasse violar o vosso feliz terreno, com os seus asquerosos vermes, vós mesmos estarieis vigilantes para os descubrir, e destruir.

A esta grata reflexaõ, que vós taõ justamente mereceis, posso accrescentar outra igualmente desejavel. Eu naõ estou menos persuadido, de que a concordia e uniaõ de vossos sentimentos será o firme apoio do meu governo; e que a vossa subordinaçaõ á authoridade legitima dará novo vigor, e nova energia aos expedientes de segurança, que as circumstancias póssam requerer: e que todas as classes, entre este generoso povo, animado com o mesmo espirito, e cheio do mesmo enthusiasmo, me jurará defender, até o ultimo momento de sua existencia, os sagrados direitos do nosso amado Monarcha, Fernando VII.

Vivei pois tranquilos e felizes, e descançai sempre nos meus mais sinceros e cordiaes esforços; por todos os meios, que estiverem no meu poder de augmentar a vossa felicidade.—Buenos Aires, 2 de Agosto, de 1809.

D. Baltazar Hidalgo de Cisneros.

Austria.

Ordem do dia, publicada no quartel general do Imperador.

Os meus amados vassallos, e ainda os meus inimigos, sabem, que eu naõ entrei na presente guerra por motivos de ambiçaõ, nem pelo desejo de conquista. A conservaçaõ propria, e a independencia, uma paz consistente com a honra de minha coroa, e com a segurança e tranquilidade, do meu povo, constituiram a elevada, e unica mira de todos os meus esforços.

Os acasos da guerra frustraram as minhas esperanças; o inimigo penetrou o interior dos meus dominios, e correo por elles esparzindo todos os horrores da guerra; mas aprendeo, ao mesmo tempo, a apreciar o espirito publico do meu povo, e o valor dos meus exercitos. Esta experiencia que elle comprou mui cara, e o meu constante cuidado em promover a prosperidade dos meus dominios, conduzio a uma negociaçaõ de paz.

Os meus ministros, authorizados para este fim, se ajunctáram com os do Imperador Francez. O que eu dezejo he uma paz honrosa; uma paz, cujas estipulaçoens offereçam um prospecto, e a possibilidade da duraçaõ. O valor dos meus exercitos, a sua inconcussa valentia, o seu ardente amor da patria, o seu desejo, fortemente ennunciado, de naõ depôr as armas até se ter obtido uma paz honrosa, naõ me permittiam acceder a condiçoens, que ameaçávam abalar até os alicerces da monarquia; e deshonrar-nos.

O elevado espirito que anima as minhas tropas, me of-

ferece a melhor segurança de què, se o inimigo se enganar ainda a respeito dos nossos sentimentos e disposiçaõ, nós obteremos certamente o premio da perseverança.—Comorn, 16 de Agosto 1809.

(Assignado) FRANCISCO.

França.

Carta de S. M. o Imperador e Rey.

CONDE DE HONNEBOURG, NOSSO MINISTRO DA GUERRA! Os relatorios, que estaõ perante nós, contem as seguintes asserçoens.—Que o governador de Flushing naõ executou a ordem, que nós lhe demos, de cortar os diques, e inundar a ilha de Walcheren, logo que ali desembarcasse uma força superior inimiga.—Que elle rendeo a praça que lhe confiamos, antes que o inimigo tivesse passado o fosso; naõ tendo a muralha brecha aberta practicavel, estando intacta, e por consequencia sem ter soffrido assalto, e ainda quando as trincheiras do inimigo estávam 150 toesas distantes da praça, e quando elle tinha ainda 4.000 homens em armas; que em fim a praça se rendeo por effeito do primeiro bombardeamento.—Se tal he o facto, o Governador he culpado, e resta ver se a sua conducta se deve attribuir a traiçaõ, ou covardice.

Nós vos escrevemos ésta carta a fim de que logo que vós a tivereis recebido convoqueis um conselho de inquiriçaõ composto do Conde de Absville, Conde Rampou, Vice Almirante Trevenard, e Conde Sorgis.—Todos os papeis que se acharem na vossa Secretaria, na Marinha, no Interior, na Policia, ou em outra qualquer Repartiçaõ, e que disserem respeito ao rendimento de Flushing, seraõ mandados para o Conselho, para serem submettidos á nossa inspecçaõ, com o resultado da dicta inquiriçaõ. Dada no nosso campo imperial em Schoenbrunn, aos 7 de Septembro, de 1809. NAPOLEAÕ.

Proclamaçaõ.

Vienna, 9 de Septembro. Tem-se achado escondìda nesta Cidade grande quantidade de armas. Dez mil espingardas fôram tomadas ao momento, que hîam a ser transportadas para Resburg. Muitos milhoens de florins se tem enterrado despois da entrada dos Francezes. Descubrio-se o lugar em que estavam escondidos, e fôram aprehendidos.—Sabe-se tambem que bilhetes de banco, ao valorde muitos milhoens, e outros effeitos pertencentes ao thesouro do governo estaõ occultos em differentes partes. O Imperador Napoleaõ promette a quem quer que os descubrir, a quarta parte da propriedade achada, de qualquer genero que sêja.—A informaçaõ pode dar-se verbalmente, ou por carta ao Intendente das Provincias, ao Intendente Geral, ou ainda aos Governadores das Provincias &c.—Dada no Quartel General, Schoenbrunn, 7 de Septembro, de 1809.

O PRINCIPE DE NEUFCHATEL, Maj. Gen.

Inglaterra.

A frota Britanica, segundo a conta exacta do mez passado comprehende 1057 vasos; dos quaes 265 saõ navios de linha. Estaõ no mar 94 náos de linha, 15 navios de 50 peças; 186 fragatas, 159 chalupas, 79 brigues, e 147 vasos menores.

COMMERCIO E ARTES.

Suecia.

Circular.—Helsingburgo, 12 de Septembro, 1809.

O MINISTRO dos negocios estrangeiros tem a honra, em obediencia das benignas ordens de S. M., de communicar a seguinte informaçaõ.

O Brigadeiro Imperial Francez, general Landrass Governador de Stralsund, declarou aos Embaixadores de S. M. Real, destinados á corte de França, ao tempo de sua chegada a Stralsund; que, por via do general Francez Liebert, em Stetin, recebêra ordens do principe de Neufchatel, em que elle o informa, de que a communicaçaõ *commercial*, entre a Pomerania e Suecia, se deverá acabar, e que a communicaçaõ entre estes dous paizes se regulará na forma seguinte.—

Que a passagem dos paquetes entre Stralsund e Istadt, para os coreios, e cartas, será a unica que fique aberta; e que os Consules Francezes, nos portos do Baltico, tem recebido ordens similhantes, segundo o que refere o General Landrass.

O Encarregado de Negocios de S. M. Real, em Hamburgo, tem referido, em data de 25 do mez passado, que em consequencia da intercessaõ do Senador Bourienne, Ministro Imperial Francez no circulo da Saxonia Baixa, a respeito da questaõ de "até que ponto o comboy Sueco que chegou defronte de Wismar, debaixo das ordens do major Wahlstédt, lhe podia ser permittido tomar carga para bordo, naquelle lugar, e despachar para portos Suecos." Mr. Bouriene so podia dizer, que naõ recebêra ainda resposta de S. M. Imperial, mas que a esperava aos 27 ou 28 do mez passado, se as ordens de S. M. fossem logo despachadas.

America.

Consulado Americano em Londres, 28 de Septembro, de 1809.—A seguinte carta de Jaimes Simpson, Escudeiro, em Tangere, he publicada para informaçaõ dos mestres de navios Americanos, e outras pessoas aquem isto importe, para seu governo.

"Tangere, 26 de Agosto, de 1809. Aproveito ésta primeira occasiaõ de vos informar, que por uma ordem re-

cente de S. M. Imperial todos os vasos, que se aproximarem de algum porto ou bateria, nestas costas de dia, sem arvorar as suas bandeiras, ou de noite sem mostrar uma luz em lugar conspicuo, se lhe fará fogo com bala."—Tenho a honra de ser &c. *(Assignado)* JAIMES SIMPSON.

A Guilherme Lyman, Escud, Londres.

Hollanda.

Luiz Napoleaõ, pela graça de Deus e a Constituiçaõ do Reyno, Rey da Hollanda, e Condestavel da França. Visto o Relatorio do Director das rendas e despezas, datado de 8 de Septembro de 1809, temos decretado, e por este decretamos.

I. O transporte de fazendas coloniaes, manufacturas, e mercadorias, consideradas, no 10.mo artigo da lei da 31 de Maio de 1805, como mercadorias Inglezas, vindo do departamento da Zelandia, ou das ilhas de Overflakhe, e Goedereede, e dirigindo-se a outras partes do Reyno, he prohibido até ordens ulteriores, sob pena de confiscaçaõ das fazendas transportadas em violaçaõ desta prohibiçaõ, e dos vasos empregados em as transportar.

II. Os habitantes do departamento de Zelandia, e ilhas acima mencionadas; entregaraõ, dentro em 24 horas, contadas do tempo em que forem citados para o fazer; ás pessoas que forem nomeadas para a receber, uma conta da quantidade e descripçaõ de fazendas coloniaes, e reputadas manufacturas Britanicas, que tivessem em sua maõ, ao periodo da invasaõ do inimigo, junctamente com as quantidades, e sorte das fazendas importadas por elles, ou compradas a outrem, despois da invasaõ, sob pena de confiscaçaõ certa, a bem do thesouro nacional, de todos aquelles artigos, que na visita e inspecçaõ se achar, que naõ fôram completa, e veridicamente manifestados.

III. Da obrigaçaõ de entregar estas contas ficam izen-

tos todos os habitantes, que naõ tiverem maior quantidade dos dictos productos, ou fazendas do que he necessario para seu uso domestico.

IV. O director das rendas e despezas he encarregado da execuçaõ do presente decreto, e nos refirirá as descubertas, que fizer em consequencia delle.

Dado nosso palacio Real de Haerlem, aos 12 de Septembro, de 1809 : 4°. do nosso Reynado. LUIZ.

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza.

N°. 3.

Forma de governo em Portugal, e em Inglaterra.

Pareto legi quisquis lagem sanxeris.

Ausonius in Pithaci sentent.

AS leis fundamentaes de uma Naçaõ constituem os limites dentro dos quaes sómente he permittido ao Legislador, oú authoridade Suprema, promulgar leis, e governar o Estado. O legislador deve submetter-se ainda mesmo ás leis que publica de sua propria authoridade; porque assim dá o exemplo de submissaõ legal, que nunca se póde inculcar demasiado ao povo; e as frequentes dispensas e revogaçoens da legislaçaõ, produzem infalivelmente o seu desrespeito. Mas se estes motivos de politica, e prudencia devem induzir aos que possuem a authoridade suprema, a submetterem-se ás mesmas leis que promulgam; motivos de justiça, e de obrigaçaõ estricta, os deve compellir a naõ ultrapassar os limites prescriptos pelas leis fundamentaes do Estado.

Os poderes magestaticos provem immediatamente do

direito natural; ou, em outros termos, provêm da essencia e natureza da sociedade civil; saõ por consequencia inalteraveis, e por tanto os mesmos em todas as Naçoens. Naõ he porem assim a respeito da forma de governo*; depende ésta da vontade das pessoas, que constituem tal ou tal sociedade civil, isto he, ésta ou aquella Naçaõ.

Em Portugal he a forma de Governo Monarchica, e hereditaria. Tal a estabelecèram os povos, de commum accordo com seu primeiro Rey, nas Cortes de Lamego; tal foi ao despois confirmada nas cortes de Coimbra, quando se tractou de eleger um novo Rey, e nova familia Reynante, em D. Joaõ I.; tal foi a decizaõ dos povos, quando expulsando o poder de Felipe IV. de Castella, elegêram para seu Rey o Duque de Bragança D. Joaõ IV.; tal se tem mostrado ser a vontade, ao menos tacita, da naçaõ, na acclamaçaõ de todos os Reys; e tal parece ser a opiniaõ de todos os escriptores de nota em Portugal.

Alem disto o Monarcha Portuguez he absoluto; isto he, ácham-se concentrados em uma só pessoa phisica, e individual todos os poderes Magestaticos. E neste sentido se devem entender as pomposas palavras, que inventou o Marquez de Pombal para o proemio de muitos leis, publicadas em tempo d'El Rey D. Jozé; onde se diz "com meu poder Real, pleno, e supremo, que na terra naõ conhece superior; quero, mando, he minha vontade;" palavras que fôram despois imitadas por alguns successores daquelle Marquez, taõ desejosos como elle de inculcar o despotismo; mas sem duvida menos habeis, para pôr em execuçaõ suas illegaes intençoens. Quando pois digo, usando da fraze dos escriptores Portuguezes, que o Monarcha de Portugal he absoluto; naõ entendo que elle tem

* Por *forma de governo* entendo, a designaçaõ da pessoa ou pessoas, phisicas, individuaes, ou moraes, em quem hajam de residir os poderes magestaticos.

direito de obrar a seu capricho tudo quanto quizer bom ou máo; porque nem o direito natural, que estabelece os direitos magestaticos tal pode permittir; nem os povos que designáram a pessoa do monarcha, para exercitar esses direitos magestaticos, tal cousa podîam ter em vista na sua disignaçaõ; nem o mesmo monarcha, se o suppozer-mos como o devemos suppor, justo e virtuoso, quereria aceitar, caso alguem lho pudesse conferir, o direito de obrar mal.

He logo a idea de monarchia absoluta, em contraposiçaõ á de monarchia limitada, na qual algum ou alguns do poderes magestaticos podem ser exercitados por outra ou outras pessoas.

Digo pois, que o Monarcha de Portugal he absoluto, que só elle tem o direito de fazer leis para a administraçaõ interna do Reyno; só elle tem o direito de administrar a justiça entre os individuos ou corporaçoens particulares, sendo os magistrados meramente deputados do Soberano, e sem authoridade propria; que só El Rey pode declarar a guerra ou a paz; que só a elle compete o direito de impor tributos, estabelecendo rendas para as despezas publicas, e dispendendo os thesouros da naçaõ no que fôr conveniente; em uma palavra compete ao Rey de Portugal, o exercicio de todos os direitos magestaticos, sem que nenhum desses direitos possa ser exercitado por outro algum individuo ou corporaçaõ.

Mas ainda que ninguem possa exercitar os direitos Magestaticos senaõ El Rey, por ser a Monarchia Portugueza absoluta, dahi se naõ segue, que o Monarcha os possa exercitar a seu arbitro, e méra vontade, mas sim, como fica dicto, a bem dos povos. Estas restricçoens, mui compativeis com a idea, que fica explicada, da monarchia absoluta, provém, umas do mesmo direito natural; outras do direito positivo. E deixando aquellas porque pertencem ao direito publico universal; so se examinaraõ as que saõ peculiares á forma de Governo de Portugal.

Os Portuguezes quando estabeleçêram a sua Monarchia, tinham assas conhecimento do Mundo para saber, que todos os homens tem paixoens, que os podem fazer abuzar dos poderes que se lhe concedem. Indubitavelmente um pay tem o direito de castigar, e corrigir seus filhos; porém mostra a experiencia que tem havido, e ha, homens que tem abusado deste poder, até para os mais abominaveis fins. Por ésta razaõ se lembráram os Portuguezes nas Cortes de Lamego de impor certos limites áo exercicio da authoridade Real, e este direito da naçaõ foi exercitado, em outras Cortes.

Assim, por exemplo, nas Cortes de Lamego se restringio a El Rey que naõ pagasse tributo ao Rey de Leaõ, declarando-se que se o fizesse ficaria indigno de governar. E El Rey ampliou isto dizendo, que seria indigno da vida qualquer descendente seu que fizesse cousa similhante; e ésta ampliaçaõ, que El Rey fez aos casos similhantes, posto que sevéra por ser vaga, parece ter sido approvada pelos povos; visto que a naõ contrariáram.

Nas Cortes de Coimbra, em 1385, entre outras restricçoens do exercicio dos direitos Magestaticos a que El Rey se obrigou, fôram, que El Rey naõ obraria cousa de importancia, sem ouvir os de seu conselho; e que nunca faria guerra ou pazes sem consultar as Cortes.

Estas, e outras restricçoens, naõ tiram que a monarchia seja absoluta, por que naõ daõ a ninguem, senaõ ao Rey, o poder de exercitar os direitos magestaticos; simplesmente designam os casos, ou o modo, porque El Rey os deve exercitar; para previnir o abuso que podia occurrer.

A existencia destas cortes, que saõ uma assemblea da naçaõ, representada por seus deputados, ou procuradores, he ja de si mesma uma restricçaõ ao exercicio dos poderes magestaticos; podendo até alterar a forma do governo; porque se as Cortes, ellegendo o seu primeiro monarcha, pudéram estabelecer uma forma de governo; tambem he claro que a podem revogar, e estabelecer outra. Como de facto

tem revogado umas, o que outras cortes tem feito. Nas cortes de Torres Novas, por exemplo, em tempo de D. Pedro II. se revogou um artigo das Cortes de Lamego, e de tanta importancia, que dizia respeito ás leis da successaõ; porque, determinando as Cortes de Lamego, que morrendo El Rey sem ter filho ou filha, succedesse na coroa o irmaõ d'El Rey, acrescentava, que o filho desse irmaõ d'El Rey naõ pudesse succeder na coroa, sem preceder nova eleiçaõ do povo. Este importante artigo, soffrendo uma alteraçaõ, nas cortes de Torres Novas, prova indubitavelmente que as Cortes podem alterar as leis fundamentaes da monarchia.

Em Inglaterra a fórma de Governo que estabeleceo o Conquistador foi Monarchica, mas com o appendiculo dos feudos, e sem nenhuma restricçaõ saudavel. Henrique I. que subîra ao throno excluindo seu irmaõ mais velho, vendo que o melhor meio de manter o seu poder éra conciliar a affeiçaõ dos povos, mitigou o rigor das leis feudaes a favor dos Baroens, e fez com que estes extendessem aos seus vassallos as mesmas liberdades, que o monarcha lhes concedia. Em tempo de Henrique II. se reviveo o custume, commum a todas as naçoens descendentes dos Godos, do process opor *jurados*, e no reynado d'El Rey Joaõ, se estabeleceo a *Magna Charta*, que lançou solidos fundamentos á fabrica da liberdade Ingleza; prescrevendo mui claramente os modos porque El Rey deveria administrar a justiça aos individuos.* Assim se melhorou gradualmente a forma de governo em Inglaterra.

---

* " Nulus liber homo capiatur, vel imprisionetur, vel dissesiatur de libero tenemento suo, vel libertatibus, vel liberis consuetudinis; aut utlagetur, aut exuletur, aut aliquo modo destruatur; nec super eum ibimus, nec super eum mittemus, nisi per legale judicium parium suorum, vel per legem terræ. Nulli vendemus, nulli negabimus, aut differemus, justitiam vel rectum."—*Magna Charta*, cap. xxxix. 40.

He porem de notar, que nem ésta magna charta, nem os artigos das Cortes de Portugal, que impunham restricçoens convenientes ao exercício dos poderes magestaticos, estabelecêram methodos legaes, bem definidos, para impedir as transgressoens destes regulamentos uteis, falta ésta mui consideravel, e que com o andar do tempo se remediou melhor em Inglaterra do que em Portugal. Mas sempre resultou a ambas as naçoens um beneficio, que foi mais evidente pela Magna Charta; porque éra mais necessario em Inglaterra; e he, que essas maximas sobre os direitos e obrigaçoens dos principes, a que a ambiçaõ dos que governam perpetuamente se oppoem, ficáram por ésta maneira reduzidas a verdades reconhecidas por ambas as partes, servindo de fundamento legal para nelle estribarem os bons patriotas os seus projectos de melhoramentos politicos.

A segunda restricçaõ importante ao poder da coroa em Inglaterra foi feita em tempo de Duarte II. no estatuto a que chamáram *De tallagio non concedendo.* Aqui se estabeleceo expressamente a restricçaõ utilissima de que El Rey naõ imposesse tributos sem o consentimento dos Nobres e Communeiros.

He sem duvida que em Portugal tambem existio sempre ésta mesma restricçaõ, mas como nunca se deffinio com a mesma clareza que em Inglaterra, o governo pôde evadir-se muitas vezes a isto com varios pretextos, e por fim, pondo em desuso as Cortes, negaram absolutamente até a existencia de similhante restricçaõ.*

---

* El Rey D. Manuel impos um tributo no trigo, sem consultar as Cortes, dando em razaõ que se naõ podiam convocar entaõ por haver peste no Reyno. A camara de Evora oppoz-se a isto, El Rey mandou prender o procurador daquella cidade, e vendo que elle naõ cedia ao temor, mandou-o chamar para o persuadir com razoens; mas o Eborense respondeo a tudo quanto El Rey lhe disse; que naõ

Hum dos argumentos, que se tem produzido contra a authoridade das Cortes de Lamego, e principalmente contra a inteligencia dellas, que suppoem restricçoens ao poder Real, he a ignorancia dos tempos, em que essas cortes se celebráram. Mas ainda que seja mui verdade que os povos da Europa, em geral, viviam opprimidos pela tyrannia feudal; e submergidos na mais profunda ignorancia, naõ éra assim em muitas partes da Hespanha, onde a litteratura Arabe tinha feito alguns progressos, e onde as restricçoens do poder da corôa, e os limites ao orgulho dos nobres éram contemplados com maior discernimento do que se poderia esperar daquellas idades, se a Hespanha estivesse reduzida ao mesmo gráo de barbaridade em que entaõ se achava a França como a descreve Mezeray.* E

---

se lhe oppunha nem por falta de respeito ao Soberano, nem porque deixasse de conhecer a forçã das razoens d'El Rey; mas pelas consequencias que teria este exemplo do novo modo de impor tributos, sem ser em Cortes. El Rey louvou o zelo e honra deste homem, mandou-o soltar, e abolio o tributo. Veja-se Osorio *De rebus Emanuelis.*

* Darei aqui o exemplo copiando alguma passagem das leis das das sette partidas, de cuja authenticidade ninguem duvida, e que provam, com toda a evidencia, que os Hespanhoes sabiam muito bem distinguir um governo despotico ou tyrannico, de uma monarchia absoluta, mas restricta a leis fundamentaes, inalteraveis, e por consequencia superiores ao poder do Governo.

" Tyranno, tanto quiere decir como señor, que es apoderado em algun reyno ou tierra por fuerça, o por engaño, o por traycion. E estos a tales son de tal natura, que despues que son bien apoderados en la tierra aman mas de fazer seu pro, maguer sea daño de la tierra, que la procomunal de todos, porque sempre biven a la mala sospecha de la perder. E porque ellos pudiessen complir su entendimiento, mas desembargadamente: dixeron los sabios antiguos, que usaron ellos de su poder: siempre contra los del pueblo: en tres maneras de arteria. La primeira es: que estes a tales, puñan siempre que los de su señorio sean necios y medrosos, porque quando tales fuessen no osarian levantar-se contra ellos, ni contrastar sus voluntades. La

se os Hespanhoes tinham taõ exactas ideas de governo, e conheciam tambem a necessidade de quartar as prerogativas da Coroa; naõ he de suppor que seus vizinhos, os Portuguezes, deixassem de ter as mesmas ideas.

Talvez se póde dizer ainda mais que os Portuguezes continuáram por mais tempo a gozar de suas liberdades do que os seus vivinhos em Hespanha; porquanto, unindo-se os Reynos de Aragaõ e Castella, pelo casamento de Fernando e Isabel, e casando a filha destes com Maximiliano de Austria; Carlos V. que delles nasceo, concentrou em si tal poder, que pode extinguir as Cortes, sendo as ultimas que se chamáram em Hespanha as que se ajunctáram em Toledo no mez de Novembro de 1539. Mas em Portugal, continuáram as Cortes em vigor, ja com mais, ja com menos authoridade, até ao Reynado de D. Pedro

---

segunda es que los del pueblo ayan desamor entre si, de guisa que non se fien unos de outros: cá mientra en tal desacuerdo bivieren, no osaran fazer alguma fabla contra el; por miedo, que non guardariam entre si fé ni poridad. La tercera es, que puñam de los fazer pobres: e de metterles a tan grandes fechos, que los nunca puedam acabar: porque siempre ayan que ver, tanto en su mal: que nunca le venga al corazon de cuidar fazer tal cosa, que sea contra su señorio. E sobre todo esto siempre puñaron los tyrannos de estragar los poderosos, e de matar los sabidores, e vedaron siempre en sus tierras cofradias e ayuntamientos de los omes, e procuran todavia, de saber lo que se dize, o se faze en la tierra, e fian mas su consejo e guarda de su cuerpo, en los estraños, porque los sirvan a su voluntad, que en los de la tierra, que han de fazer servicio por premia. Otrosi dezimos, que maguer alguno oviesse ganado señorio del reyno, por alguna de las dichas razones, que diximos en ley ante desta (Quer dizer a ley ix, em que se enumeram os modos legaes de adquirir a coroa) que si el usase mal de su poderio en las maneras que de suso diximos en esta ley, quel pueden dezir las gentes tyranno; y tornar-se el señorio que era derecho en torticero: assi como dixo Aristoteles: en el libro que fabla del regimiento de las cibdades y de los Reynos."

II. sendo seu filho, e devoto D. Joaõ V. o primeiro, que naõ convocou as Cortes.

Deve pois entender-se, que a forma de Governo, em Portugal, he monarchica, e a monarchia hereditaria, e absoluta; em Inglaterra, a forma de governo he monarchica; e hereditaria; porem mixta; por quanto o poder legislativo reside no Parlamento; entendendo-se por esta palavra uma corporaçaõ composta de tres ramos differentes; a saber; El Rey, a Casa dos Lords, e a casa dos communs. E como o poder de fazer leis existe nesta corporaçaõ colectiva, á que o Rey pertence; a ella attribuem graves Juris consultos Inglezes á suprema, e absoluta authoridade do Estado.*

He ésta a opiniaõ de quasi todos os Authores, e principalmente De Lolme, que escreveo expressamente sobre a constituiçaõ Ingleza; e eu convenho com elles; em quanto aos effeitos practicos; mas quanto aos principios theoreticos, julgo que o Rey he o unico legislador em Inglaterra; porque os Actos do Parlamento começam pedindo a El Rey em forma de petiçaõ,† e rogam que em nome e por authoridade d'El Rey se faça lei sobre tal ou tal materia, com o Conselho do Parlamento. Donde parece que, supposto El Rey para fazer a lei deva ouvir o Parlamento, a auctoridade ou força de lei de um tal acto pro-

* Vide Blackstone, Commentaries on the Law of England, book i. chap. ii.

† Os Communs se dirigem a El Rey, no principio do acto, nestas palavras—*Most Gracious Sovereign*—E despois do preambulo se explicam assim. " We therefore, your Majesty's most dutiful and loyal subjects, the Commons of Great Britain, in Parliament assembled, do most humbly beseech your Majesty that it may be enacted; and be it enacted *by the King's most Excellent Majesty*, by and with the advice and consent of the Lords Spiritual and Temporal, and Commons, in this present Parliament assembled, and by Authority of the same, &c."

vem do Rey; e portanto, concebo eu, que a lei fica nulla, no caso em que o legislador naõ siga a forma de obter o conselho; e ha casos em que El Rey faz regulamentos, ouvindo sómente o parecer de seu conselho privado; he verdade que isto succede só em couzas de menor importancia.

Se assim he, entaõ na legislaçaõ de Portugal ha uma taõ perfeita coincidencia com a legislaçaõ Ingleza, que a forma de Governo he a mesma; porque pelas Cortes de Coimbra de 1385, como acima se disse, se determinou que El Rey naõ fizesse paz ou guerra sem consultar as Cortes, restricçaõ ainda maior que a do Rey de Inglaterra a respeito do Parlamento; e que naõ obraria cousa de importancia sem ouvir os do seu Conselho; de maneira que o Rey de Portugal se obrigou, nestas Cortes, ao mesmo e mais do que o de Inglaterra; mas naõ julgo que por isso deixe de ser o Supremo Legislador, tanto em uma como em outra parte.

Alguns authores Inglezes assevéram, que a coroa em Inglaterra he naõ só hereditaria, mas que nunca pode ser electiva, ainda no caso em que, por se acabar a linha de successaõ a naçaõ escolha outra; porque o novo Rey succede a seu predecessor *jure hereditario*, e naõ pelo direito de eleiçaõ. De maneira que o successor do Rey he sempre o herdeiro, ou seja *hæres natus*, ou seja *hæres factus*.

Esta noçaõ parece demasiado metaphysica; mas se tomar-mos o principio de que toda a monarchia que naõ he electiva he hereditaria, fica claro que os mesmos principios saõ applicaveis a Portugal, que se estabelecem em Inglaterra; porque, supposto os antigos Portuguezes nas Cortes de Lamego pudessem decidir que a monarchia naõ fosse hereditaria, pois essa questaõ lhes foi proposta para sua decisaõ; com tudo quizéram e foi sua vontade, que fosse hereditaria; e prescrevêram clarissimamente as leis da successaõ.

Nisto se observa tambem uma notavel differença entre a legislaçaõ Ingleza, e Portugueza. Em Inglaterra a coroa na falta da linha descendente passa á collateral; e assim succedeo Henrique I. a Guilherme II; Joaõ a Ricardo I, e Jaimes I. a Izabel. As Cortes de Lamego porém expressamente prohibîram ésta extençaõ, recebendo na linha collateral simplesmente o irmaõ do Rey; sendo ja preciso, para o filho desse irmaõ, nova eleiçaõ, ou talvez mais propriamente, nova designaçaõ de pessoa: e, assim foi precizo a decisaõ das Cortes a respeito dos filhos de D. Affonso III. que succedêra a seu irmaõ D. Sancho II; e a respeito dos filhos de D. Pedro II. que succedeo a seu irmaõ D. Affonso VI. Este artigo porém foi alterado nas Cortes de Torres Novas; mas em tempos, seguramente, em que a naçaõ naõ éra taõ zelosa de sua dignidade, e consideraçaõ, como quando seformáram as Cortes de Lamego.

Hé pois de examinar se este direito de successaõ compete impreterivelmente ao herdeiro proximo em todos os casos, como succede nas heranças dos particulares; ou se o immediato herdeiro pode ser despojado deste direito, e outrem declarado herdeiro, ou successor á coroa.

Nem em Inglaterra, nem em Portugal ha lei positiva para este importante caso; mas o que diz um grande jurisconsulto Inglez,* da sua naçaõ; deve *pela boa razaõ* em que he fundado servir de direito subsidiario em Portugal, applicando ás Cortes o que elle diz do Parlamento.

" A doutrina do direito *hereditario* " diz o celebre Blackstone," de nenhum modo comprehende, um irrevogavel direito ao throno. Nenhum homem, julgo eu, que tiver considerado as nossas leis, constituiçaõ, e historia, sem prejuizo, e com algum gráo de attençaõ, poderá tal asseverar. Inquestionavelmente existe no seio da suprema authoridade legislativa deste Reyno, o Rey e ambas as casas do Parlamento, o poder de derogar este direito

* Blackstone's Commentaries on the laws of England, Book I. ch. 3.

hereditario: por clausulas particulares, limitaçoens, e provisoens, excluir o herdeiro immediato, e deferir a herança a outra pessoa. Isto he estrictamente conforme ás nossas leis, e constituiçaõ; como se pode colher das expressoens taõ frequentemente usadas no nosso codigo de Estatutos," a Magestade d'El Rey, seus herdeiros, e Successores;" em que podemos observar, que a palavra " herdeiros" necessariamente comprehende herança, ou direito hereditario, que subsiste geralmente entre as pessoas Reaes; assim como a palavra " successores," tomada distinctamente deve comprehender, que esta herança pode algumas vezes ser interrompida; ou que pode haver um successor, sem que seja o herdeiro do Rey. E isto he taõ racionavel, que, sem haver um tal poder depositado em alguma parte, a nossa politica seria mui deffeituosa. Por que supponhamos meramente o triste caso, em que o herdeiro apparente fosse um lunatico, ou idiota, ou de outra maneira incapaz de reynar; que miseravel seria a condiçaõ da naçaõ; se taõ bem se naõ pudesse por de parte um tal herdeiro! He por tanto necessario que este poder esteja depositado em alguma parte; e, com tudo a herança e dignidade Real, seriam bem precarios na verdade, se este poder existisse expressa, e reconhecidamente nas maõs dos subditos somente, para o exercitárem todas as vezes que o prejuizo, o capricho, ou descontentamento, quizessem ser directores. Consequentemente em parte nenhuma pode estar taõbem preservado, como nas duas casas do Parlamento, por e com o consentimento do Rey reynante; o qual se naõ pode suppor que concordará em cousa nenhuma impropria e prejudicial aos direitos de seus mesmos descentes. E por tanto no Rey, Lords, e Communs, junctos em Parlamento, o tem as nossas leis depositado."

Em Portugal, nem este caso está providenciado pelas leis, nem ha factos historicos, que servindo de exemplo se *podessem* alegar como aresto; mas como quer que sêja •

monarcha reynante deve ter o principal voto, senaõ o unico, em decidir este caso, quando aconteça; porque seria taõ perigoso deixallo nas maõs dos subditos, quanto he racionavel suppor que o monarcha reynante naõ injuriará seu filho primogenito, privando-o de succeder na corôa, se naõ estiver persuadido de que tal successaõ será ruinosa a elle e ao reyno. E uma cousa he certissima, que o direito de decidir este delicado caso naõ compete em Portugal a nenhum individuo, ou tribunal do reyno; nem se pode presumir, que compita á naçaõ em geral; porque se assim fosse se seguira o absurdo de que o povo, sempre regulado pelas paixoens do momento; muitas vezes guiado por Demagogos artificiosos, seria o jogo dos fins dos intriguistas; e se precipitaria em a ruina que se houvesse preparado a si mesmo. Nenhuma maxima he mais verdadeira que ésta, em politica. Deve-se fazer tudo a bem do povo; mas nada deve ser feito pelo povo.

Continuaçaõ da serie de buletims Francezes.

Continuaçaõ de *Buletim* 23.

Ao Major General do Exercito Austriaco.

Schoenbrunn, 6 de Junho, 1809.

Senhor! S. M. o Imperador foi informado, de uma ordem dada pelo Imperador Francisco, que declara, que os Generaes Francezes Durosnel e Foulers, a quem as circúmstancias da guerra puzéram em seu poder, responderaõ pelo castigo que as leis da justiça podem infligir a Mr. Chateller, que se poz á frente dos insurgentes do Tyrol, e que permittio a matança de 700 prisioneiros Francezes, e de entre 18, a 19 centos de Bavaros: um crime inaudito na historia das naçoens, e poderia ter causado uma represalia de 40 Tenentes Marchaes de Campo, 36 Majores generaes, mais de 300 coroneis ou majores, 1200 officiaes, e 80.000 soldados; se S. M. naõ considerasse os prisioneiros como protegidos pela sua fé, e honra, e naõ tivesse alem disso provas de que os officiaes Austriacos no Tyrol se indignáram tanto com está acçaõ como nos mesmos.—S. M. porém ordenou que o Principe Colloredo, Principe Metternich, Conde Frederico Haddick; Conde Per-

geu fossem presos e levados para a França, para responder pela segurança das generaes Durosnel e Foulers, ameaçados pela ordem do dia do vosso Soberano. Estes officiaes, Senhor, poderaõ morrer; mas elles naõ morreraõ sem serem vingados; Esta vingança naõ cahirá sobre prisioneiros alguns, senaõ sobre os parentes daquelles que ordenárem a sua morte. Quanto a Mr. Chasteller, elle naõ está ainda no poder do exercito; mas se for apanhado, podeis estar seguro, que será entregue a uma commissaõ Militar, e se fará o seu processo. Peço a V, Ex.ª creia nos sentimentos de minha alta consideraçaõ. (*Assignado*) ALEXANDRE, Major-gen.

A cidade de Vienna e os Estados da Austria baixa, solicitáram a clemencia de S. M. e requereram permissaõ para mandar uma deputaçaõ do Imperador Francisco para o convencer da impropriedade do procedimento a respeito dos generaes Durosnel e Foulers; para lhe representar que naõ estava prezo, mas somente accusado ante os tribunaes, que os pais, mulheres, e filhos, e propriedade dos gen. Aústriacos, estávam nas maõs dos Francezes: e qne o exercito Francez estava determinado, se fosse morto um so prisioneiro, a fazer um exemplo de que a posteridade conservaria por longo tempo a lembrança. A estimaçaõ que que S. M. faz dos bons habitantes de Vienna, e dos Estados, o determinou a acceder a este petitorio. Elle concedeo permissaõ aos Senhores Colloredo, Metternich, Haddick, e Pergen, para ficárem em Vienna, e á deputaçaõ para ir ao quartel general do Imperador de Austria. Esta deputaçaõ voltou. O Imperador Francisco respondeo a éstas representaçoens, que elle ignorava a morte dos prisioneiros Francezes no Tyrol; que se compadecia das miserias da Capital, e das provincias, que os seus ministros o tinham enganado, &c. &c. &c. Os deputados lhe lembráram que todos os homens prudentes viam; com pezar, a existencia de um punhado de intrigantes, que pelas medidas que aconselhávam, proclamaçoens, ordens do dia, &c, que faziam adoptar, trabalhavam somente por fomentar as paixoens e o odio, e exasperar um inimigo, que

está senhor da Croacia Carniola, Carinthia, Styria, Austria alta e baixa, capital do Impeiro, e grande parte da Hungria; que os sentimentos do Imperador pelos seus subditos, o devîam inclinar antes a acalmar do que a irritar o conquistador; e a dar á guerra o character que lhe he natural, entre as naçoens civilizadas; visto que está no poder do conquistador fazer mais pezados os males que opprimem metade da monarchia. Diz-se que o Imperador Francisco respondêra, que a maior parte dos papeis, mencionados pelos Deputados, éram ficçoens; e que aquelles, cuja existencia se naõ negava, éram moderados; que, alem disso, os editores éram clerigos Francezes, e que, quando esses papeis contivessem algumas cousas desagradaveis, naõ se conheciam se naõ despois do mal estar feito. Se ésta resposta, que se referio publicamente, he authentica temos uma observaçaõ a fazer. He impossivel naõ perceber nisto a influencia da Inglaterra; porque este pequeno numero de homens traidores á sua Patria, saõ certamente pagos por aquella Potencia.—Quando os Deputados fôram para Buda, viram a Imperatriz; ella tinha sido obrigada a deixar ésta cidade alguns dias antes; acharam-na desanimada, e em consternaçaõ, com os males que ameaçavam a sua casa. A opiniaõ da naçaõ he extremamente desfavoravel á familia desta Princeza.—Foi ésta familia que excitou a guerra. O archiduque Palatino, e o archiduque Renier, saõ os unicos principes Austriacos, que insistîram na continuaçaõ da paz. A Imperatriz estava bem longe de prever os acontecimentos que tivéram lugar. Ella tem derramado muitas lagrimas, e tem mostrado grande susto pela densa nuvem que cobre o futuro; élla fallou da paz; desejou a paz. Elles referîram que a conducta do archiduque Maximiliano, fôra desapprovada, e que o Imperador o mandára para o interior da Hungria.

Bulletin 24. Vienna, 3 de Julho.

O general Broussier tinha deixado dous batalhoens do regimento 84 de linha na cidade do Gratz, e marchou para Vildon, a ajunctar-se com o exercito de Dalmacia. Aos 26 de Junho, appareceo o general Giulay diante de Gratz, com 10.000 homens, compostos he verdade de Croatas, e dos regimentos fronteiros. O 84, que estava acantonado em um dos suburbios da cidade, repellio todos os attaques do inimigo, derrotou-o em toda a parte, tomou-lhe 500 homens prisioneiros, dous estandartes, e manteve-se na sua posiçaõ 14 horas, dando tempo ao gen. Broussier para vir em seu soccorro. Este conflicto de um contra dez, cubrio de gloria o regimento 84, e seu Coronel Gambin. Os estandartes fôram apresentados a S. M. na parada. Temos de lamentar que 20 destes valorosos homens fossem mortos, e 92 feridos.—Aos 30, o duque de Auerstadt attacou uma das ilhas do Danubio, a pouca distancia da margem direita opposta a Presburgh aonde o inimigo tinha alguma tropa. O gen. Gudin dirigio as suas operaçoens com habilidade; e fôram executadas pelo Coronel Decouz, e pelo regimento 21 de infanteria de linha, que este official commanda. A's duas horas da manhaã, este regimento, parte em botes, e parte a nado, crusáram um braço estreito do Danubio, tomáram a ilha, derrotáram 1500 homens que estávam nella, fizéram 250 prisioneiros, entre os quaes se acham o coronel, e varios officiaes do regimento St. Juliaõ, tomáram tres peças d'artilheria, que o inimigo ali tinha desembarcado para defensa da ilha.—Por fim ja naõ existe um Danubio, pelo que diz respeito ao exercito Francez. O gen. Conde Bertrand levantou obras que excitam admiraçaõ.—Em uma largura de 400 braças, e sobre um rio rapido, fez elle em 15 dias uma ponte, formada de 60 arcos, sobre que podem passar tres carruagens emparelhadas; fez outra sobre estacadas de oito pes de largo, mas esta he sómente para a infanteria. Despois

destas duas pontes está a ponte de barcas; nos podemos assim passar o Danubio em tres columnas. Estas tres pontes estaõ seguras contra todos os insultos, e até contra os effeitos dos barcos incendiarios, ou machinas combustiveis, por estacadas, erigìdas sobre estacas, entre as ilhas, em differentes direcçoens; a mais distante das quaes está a 250 braças das pontes. Quando se contemplam éstas immensas obras, se poderìa julgar que ellas éram resultado do trabalho de muitos annos; e com tudo fôram feitas em 15 ou 20 dias. Estas obras saõ defendidas por cabeças de ponte, cada uma de 1600 braças de extençaõ, formadas de redutos, cercadas por palissadas, frizas, e fossos cheios d'agoa. A ilha de Lobau he um posto forte; contem armazens de provisoens, 100 peças de artilheria pezada, 20 morteiros, e obuzes. Defronte de Esslingen, no braço esquerdo do Danubio, está uma ponte que o duque de Rivoli ali fixou. Está cuberta por uma cabeça de ponte, que ali se fez ao tempo da primeira passagem do rio.— O gen. Legrand occupa os bosques em frente da cabeça de ponte. O exercito inimigo está em ordem de batalha, cuberto com redutos; a esquerda está em Enzerdorf, a direita em Gross Aspern; tem havido algumas descargas. —Agora que a passagem do Danubio está segura, e que as nossas pontes estaõ ao abrigo de toda a tentativa, será decidida a sorte da Monarchia Austriaca, em uma só batalha. As aguas do Danubio estávam, no primeiro de Julho, quatro pés acima do ponto mais baixo, e treze pés abaixo do ponto mais alto. A rapidez do rio, nesta parte, quando as aguas estaõ altas, he de 7 até 12 pés; e quando as aguas estaõ moderadas de 4 pés e seis polegadas, cada segundo, e mais forte do que em nenhum outro ponto. Na Hungria diminue muito, e, no lugar em que Trajano edificou a ponte, he quasi insensivel: o Danubio tem ali 450 braças de largo, aqui tem somente 400. A ponte de Trajano éra uma ponte de pedra, obra de muitos annos.

He verdade que a ponte de Cesar, sobre o Rheno, foi feita em oito dias, mas naõ podîam passar por ella carruagens pezadas. As obras do Danubio saõ as mais bellas obras militares que jamais se fizéram.—O principe Gazarin, ajudante de campo, general do Imperador de Russia, chegou a Schoenbrunn, esteve dous dias acampado; as suas barraças saõ mui lindas, e feitas á maneira das barracas Egypcias.

Buletim 25. Wolkersdorf, 8 de Julho, 1809.

Os trabalhos do gen. Conde Bertrand, e do corpo que elle commanda, tinham, nos principios do mez, domado inteiramente o Danubio. S. M. resolveo logo reunir o seu exercito na ilha de Lobau; saîr sobre exercito Austriaco, e dar-lhe uma batalha geral. A posiçaõ do exercito Francez era excellente em Vienna; senhor de toda a margem direita do Danubio, tendo em seu poder a Austria, e uma grande parte da Hungria, se achava na maior abundancia; so se experimentávam algumas difficuldades para prover a populaçaõ de mantimentos; isso procedia da má organizaçaõ da administraçaõ, e de alguns embaraços que de dia em dia se removerîam, e das difficuldades que naturalmente resultam de circumstancias taes como as presentes, e em um paiz em que o commercio dos graõs he um commercio exclusivo do governo. Mas como se podia ficar assim separado do exercito inimigo, por um canal de 300 ou 400 toezas, quando os meios da passagem estávam ja preparados e seguros? Seria dar credito ás imposturas que o inimigo tem espalhado, com tanta profusaõ, no seu paiz, e nos paizes vizinhos; serîa deixar em duvida os successos de Esslingen; serîa em fim authorizar uma supposiçaõ, de que havia uma igualdade de consistencia entre dous exercitos taõ differentes, dos quaes um estava animado, e de alguma sorte reforçado pelos bons successos, e victorias multiplicadas; e o outro desanimado pelos

vezes os mais memoraveis.—Todas as noticias, que se tinham recebido do exercito Austriaco, concordávam em que elle éra consideravel, que tinha sido recrutado por reservas numerosas, pelas levas da Moravia e Hungria, por todas as Landwehrs das provincias; que tinha remontado a sua cavallaria, por meio de requisiçoens em todos os circulos; e triplicado o seu trem de artilheria, fazendo immensas levas de carretas, e cavallos na Moravia, Bohemia, e Hungria. Para ter mais partidos a seu favor, estabecéram os generaes Austriacos obras de campanha, cuja direita estáva apoiada em Gross-Aspern, e a esquerda em Enzersdorf. As aldeas de Aspern, Esslingen, e Enzersdorf, e os intervallos que as separam, estávam cubertos de redutos, com palissadas, e frizas, e armados com mais de 50 peças de posiçaõ, trazidas das praças de Bohemia, e de Moravia. Naõ se pode conceber como fosse possivel, que, com a sua experiencia de guerra, quizesse o Imperador attacar obras taõ poderosamente deffendidas, sustentadas por um exercito que se avaliava a 200.000 homens, tanto em tropas de linha, como milicias, e da insurreiçaõ; e que estavam apoiadas por uma artilheria de 800 ou 900 peças de campanha. Parecia mais simples lançar novas pontes sobre o Danubio, algumas leguas mais abaixo, inutilizando assim o campo de batalha preparado pelo inimigo.

Mas neste caso naõ se sabia como se podiam remover os inconvenientes, que tinham ja sido funestos ao exercito, e chegar em dous ou tres dias a pôr éstas novas pontes ao abrigo das machinas do inimigo. Por outra parte, o Imperador estava tranquilo. Viam-se elevar obras sobre obras na ilha de Lobau, e estabelecer sobre o mesmo ponto, muitas pontes sobre estacas, e muitas fileiras de estacadas. —Esta situaçaõ do exercito Francez, entre éstas duas grandes difficuldades, naõ tinha escapado ao inimigo. Convinha-se em que o seu exercito, demasiado numeroso e naõ facil de manejar, se exporía a uma perca certa se

tomasse a offensiva; mas ao mesmo tempo se cria que éra impossivel desapossallo da posiçaõ central, d'onde cubria a Bohemia, a Moravia, e uma parte da Hungria. He verdade que ésta posiçaõ naõ cubria Vienna, e que os Francezes estavam de posse desta Capital; mas ésta posse éra, até certo ponto, disputavel; porque, conservando-se os Austriacos senhores de uma margem do Danubio, impediam a chegada das cousas mais necessarias á subsistencia de uma taõ grande cidade. Taes éram as razoens de esperança e de temor, e a materia da conversaçaõ dos dous exercitos.—No primeiro de Julho, ás 4 horas da manhaã, passou o Imperador o seu quartel general para a ilha de Lobau, que os ingenheiros tinham ja denominado ilha de Napoleaõ; uma pequena ilha a que se tinha dado o nome de Montebello, e que batia Enzersdorf, tinha sido armada com 10 morteiros, e 20 peças de 11: outra ilha, chamada ilha Espagne, tinha sido armada com 6 peças de posiçaõ de 12, e 4 morteiros. Entre estas duas ilhas se éstabeleceo uma bateria, igual em força á de Montebello, e batendo igualmente Enzersdorf. Estas 62 peças tinham o mesmo fim, e deviam, em duas horas, arrazar a pequena cidade de Enzersdorf, expulsar della o inimigo, e destruir-lhe as obras. Sobre a direita estava a ilha Alexandre, armada de 4 morteiros, de 10 peças de 12, e de 12 peças de 6 de posiçaõ, tinham por fim bater a planicie, e proteger a envoluçaõ e desenvoluçaõ de nossas pontes.—Aos 2, um ajudante de campo do duque de Rivoli passou com 50 volteadores á ilha do moinho, e tomou posse della. Armou-se ésta ilha, e unio-se ao continente por uma pequena ponte que iá ter á margem esquerda. Ao depois construio-se uma pequena frecha, a que se chamou o reduto pequeno. A' noite os redutos de Esslingen parecêram zelozos disto; naõ duvidando que esta éra a primeira bateria, que se faria jogar contra elles; e começaram a attirar com grande actividade. Era precisamente a intençaõ, que se tinha

tido apossando-se desta ilha; queria-se attrahir para aqui a attençaõ do inimigo, para o desviar do verdadeiro ponto de operaçaõ.

Passagem do braço do Danubio para ilha de Lobau.

Aos 4; pelas dez horas da noite, fez o geneaal Oudinot embarcar, no grande braço do Danubio, 1.500 volteadores, commandados pelo gen. Couroux. O coronel Baste, com dez chalupas canhoneiras, os comboiou, e os desembarcou alem do pequeno braço da ilha de Lobau, no Danubio. As batterias do inimigo fôram logo destruidas, e elle foi expulsado dos matos até a aldea de Muhlleuren.—A's onze horas da tarde, as batterias dirigidas contra Enzersdorf recebêram ordem de começar o fogo. Os obuzes queimáram esta infeliz cidadezinha, e em menos de meia hora ficáram extinctas as batterias inimigas. O chefe de batalhaõ Dessales, director das equipagens das pontes; e um engenheiro de marinha tinham preparado, no braço da ilha Alexandre, uma ponte de 80 toezas de uma só peça, e cinco grandes barcos de passagem.—O coronel Sainte Croix, ajudante de campo do duque de Rivoli, se lançou aos barcos, com 2.500 homens, e desembarcou na margem esquerda.—A ponte de uma so peça, a primeira deste genero que se construio até o dia de hoje, foi colocada em menos de cinco minutos; e a infanteria passou por ella a passo dobre.—O cap. Bazelle, lançou uma ponte de bateis, em hora e meia. O capitaõ Payerimosse lançou uma ponte de jangadas em duas horas. Desta forma ás duas horas da madrugada tinha o exercito 4 pontes; e tinha desembocado, na esquerda 1500 toezas abaixo de Enzersdorf, protegido pelas batterias, e a direita sobre Vittau. O corpo do duque de Rivoli formou a esquerda, o do conde de Oudinot o centro, e o do duque de Auerstadt a direita. O corpo do principe de Ponte corvo, do Vice Rey, e o duque de Ragusa, a guarda e os Couras-

seiros, formávam a segunda linha e as reservas. Uma profunda obscuridade, uma tempestade violenta e uma chuva que cahia a torrentes, faziam ésta noite taõ tenebrosa, quanto éra propicia ao exercito Francez, e lhe devia ser gloriosa.—Aos 5, ao nascer do sol, reconhecêram todos qual tinha sido o projecto do Imperador, que se achava entaõ com o seu exercito em batalha, sobre a extremidade esquerda do inimigo, tendo-lhe voltado todos os seus campos entrincheirados, fazendo-lhe assim inuteis todas as suas obras, e obrigando por esta maneira aos Austriacos a saîr de suas posiçoens, e a dar-lhe batalha no terreno que lhe convinha. Este grande problema estava resolvido; e sem passar o Danubio em outra parte, sem receber nenhuma protecçaõ das obras que se tinham construido, se forçou o inimigo a pelejar a tres quartos de legua distante dos seus redutos. Desde logo se pressagiou que haveriam os maiores, e mais felizes resultados.—A's oito horas da manhaã, as batterias, que atirávam sobre Enzersdorf, tinham produzido um tal effeito, que o inimigo se limitou a deixar, na occupaçaõ desta cidade, quatro batalhoens. O duque de Rivoli fez marchar contra ella o seu primeiro Ajudante-de-campo Sainte-Croix, que naõ encontrou grande resistencia; e apoderando-se da cidade aprisionou tudo quanto la se achava. —O Conde de Oudinot cercou o castello de Sachsengang, que o inimigo tinha fortificado, fez capitular 900 homens, que o defendiam, o tomou 12 peças de artilheria.—O Imperador desdobrou entaõ todo o exercito na imensa planicie de Enzersdorf.

Batalha de Enzersdorf.

Entre tanto o inimigo, confundido em seus projectos, se recobrava pouco a pouco da surpreza em que estivéra; e tentava lançar maõ de algumas vantagens, neste novo campo de batalha. Para esto fim destacou muitas colum-

nas de infanteria, e um bom numero de peças de artilheria, e toda a sua cavallaria, tanto de linha como insurgentes, para tentar o tomar pelo flanco a direita do exercito Francez. Em consequencia disto, veio occupar a aldea de Rutzendorf. O Imperador ordenou ao gen. Oudinot, que fizesse tomar ésta aldea, para cuja direita fez passar o duque de Auerstadt, para se dirigir contra o quartel general do principe Carlos, marchando sempre da direita para a esquerda.—Desde o meio dia até ás 9 horas da noite, se manobrou nesta immensa planicie, occupáram-se todas as aldeas, e á medida, que se chegáva á altura dos campos entrincheirados do inimigo elles caîam por si mesmos, como por encantamento, o duque de Rivoli os fazia occupar sem resistencia. Foi assim que nos apoderamos das obras de Esslingen, e de Gross Aspern, e que o trabalho de 40 dias naõ foi de utilidade alguma ao inimigo. Elle fez alguma resistencia na aldea de Raschdorf, que o principe de Ponte Corvo fez atacar e tomar pelos Saxonios. O inimigo foi por toda a parte repelido, e esmagado pela superioridade de nosso fogo. Este immenso campo de batalha ficou cuberto de suas ruinas.

Batalha de Wagram.

Vivamente assustado com os progressos do exercito Francez, e dos grandes resultados que alcançava, quasi sem esforços, o inimigo fez marchar todas as suas tropas; e ás 6 horas da noite occupou a posiçaõ seguinte: a sua direita de Stadelau a Gerarsdorf; o centro de Gerarsdorf até Wagram; e a esquerda de Wagram até Neusiedel. O exercito Francez tinha a sua esquerda em Gross Aspern, o centro em Rachdorf, e a direita em Glinzendorf. Nesta posiçaõ parecia que estava a jornada acabada, e éra preciso esperar que se veria na manhaã seguinte uma grande batalha. Mas evitava-se ésta, e occupava-se a

posiçaõ do inimigo, impedindo-o de conceber algum systema, se tomasse naquella noite a aldea de Wagram. Entaõ a sua linha ja immensa, tomada á pressa, e pelos acasos do combate, deixavam andar errantes os differentes corpos do exercito sem ordem, e sem direcçaõ; e ter-se-hia ganhado bastante, sem nenhuma acçaõ séria. Fez-se o attaque de Wagram; as nossas tropas tomáram ésta aldea; mas uma columna de Saxonios e uma columna Franceza se tomáram uma á outra por inimigos, com a obscuridade da noite, e falhou assim ésta operaçaõ.—Preparou-se entaõ a gente para a batalha de Wagram. Parece que as disposiçoens do gen. Francez e do gen. Austriaco fôram inversas. O Imperador passou toda a noite a ajunctar as suas forças, no centro, onde estáva em pessoa a tiro de peça de Wagram. Para este fim passou o duque de Rivoli á esquerda de Alterklaa, deixando sobre Asperne uma unica divisaõ, que teve ordem de se concentrar sobre a ilha de Lobau, se succedesse alguma cousa. O duque de Auerstadt recebeo ordem de ir á aldea de Grosshoffen, para se approximar ao centro. O general Austriaco, pelo contrario, enfraquecia o centro para guarnecer e augmentar as extremidades, a que dava maior extençaõ.—Aos 6 ao romper do dia occupou o principe de Ponte Corvo a esquerda, tendo na segunda linha o duque de Rivoli. O Vice-rey o ligava com o centro; onde formávam sette ou oito linhas o corpo do Conde Oudinot, o do duque de Ragusa, os da guarda imperial, e as divisoens de Courasseiros.—O duque de Auerstadt marchou da direita para chegar ao centro; o inimigo, pelo contrario, punha o corpo de Bellegarde em marcha sobre Stadelau. O corpo de Collowrath, de Lichtenstein, e de Hiller uniam ésta direita á posiçaõ de Wagram, onde estava o principe de Hohenzollern, e á extremidade a Neusiedel, onde desembocava o corpo de Rosenberg para flanquear igualmente o duque de Auerstadt. O corpo de Rosenberg e

o do duque de Auerstadt faziam um movimento inverso, quando se encontráram ao nascer do sol, e deram o signal da batalha. O Imperador marchou logo para este ponto, mandou reforçar o duque de Auerstadt pela divisaõ de courasseiros do duque de Padua, e fez tomar o corpo de Rosenberg em flanco por uma bateria de doze peças da divisaõ do general conde da Nansouty. Em menos de tres quartos d'hora o bello corpo do duque de Auerstadt daria conta do corpo de Rosemberg; derrotou-o, e o repulsou para alem de Neusiedel, despois de lhe ter feito muito mal.—Durante este tempo se jogou a artilheria em toda a linha, e as disposiçoens do inimigo se desenvolviam de momento em momento. Toda a sua esquerda se guarnecia de artilheria. Dizem que o gen. Austriaco naõ combatia pela Victoria, mas que só tinha em vista os meios de se aproveitar della. Esta disposiçaõ do inimigo parecia taõ insensata, que se temia alguma cilada, e o Imperador differio, por algum tempo dar as ordens para as faceis disposiçoens que tinha a obrar, com as quaes annullaria as do inimigo, e lhas faria funestas. Elle ordenou ao duque de Rivoli, que fizesse um attaque sobre a aldea, que occupava o inimigo; e que apertava um pouco a extremidade do centro do exercito. Ordenou ao duque de Auerstadt, que voltasse a posiçaõ de Neusiedel, e a repulsasse para Wagram; e mandou formar em columna o duque de Ragusa, e o gen. Macdonald, para tomar Wagram ao momento em que o duque de Auerstadt desdobrasse. A este tempo se recebeu avizo de que o inimigo attacava com furor a aldea, tomada pelo duque de Rivoli; que a nossa esquerda estava excedida de flanco a 3 mil toezas; que ja se ouvia em Gross Aspern uma violenta canhonada, e que o intervallo de Gross Aspern a Wagram parecia cuberto de uma immensa linha de artilheria. Naõ houve mais que duvidar. O inimigo commettia um erro enorme; naõ era preciso mais que aproveitar-se delle. O

Imperador ordenou immediatamente ao gen. Macdonald que dispusesse as divisoens Broussier e Lamarque em columna de attaque. Fellas sustentar pela divisaõ do gen. Nansouty, e pela guarda de cavallo, e por uma batteria de 60 peças da guarda, e 40 peças de differentes corpos. O gen. Conde Lauriston, á frente desta batteria de 100 peças de artilheria marchou a trote ao inimigo; avançou sem atirar até meio alcance da artilheria, e começou entaõ um fogo prodigioso, que extinguio o do inimigo, e levou a morte aos seus renques. O general Macdonald marchou entaõ a passo de attaque. O gen. de divisaõ Reille, com a brigada de fuzileiros, e de atiradores da guarda, sustentou o gen. Macdonald. A guarda tinha feito uma mudança de frente, para fazer este attaque infalivel. Em um fechar d'olhos o centro do inimigo perdeo uma legua de terreno. A sua direita assustada conheceo o perigo da posiçaõ em que estava, e retrogradou apressadamente. O duque de Rivoli attacou entaõ em frente. Em quanto a derrota do centro punha em consternaçaõ o inimigo, e forçava os movimentos da sua direita, éra a esquerda attacada e flanqueada pelo duque de Auerstadt, que tinha tomado Neusiedel, e subido á planicie, marchando sobre Wagram. A divisaõ Broussier e a divisaõ Gudin cubriram-se de gloria.—Eraõ entaõ dez horas da manhaã, e os homens, que menos previam, conhecîam ja que a jornada estava decidida, e que a victoria éra nossa.—Ao meio dia o conde de Oudinot marchou sobre Wagram, para ajudar o attaque do duque de Auerstadt. Conseguio isto, e tomou ésta importante posiçaõ. Desde as dez horas começou o inimigo a pelejar em retirada; ao meio dia ja estava ésta declarada, e se fazia em desordem; e muito antes da noite ja se naõ via o inimigo; a nossa esquerda estáva em Jetelsee, e Ebersdorf, o nosso centro em Obersdorfs e a cavallaria da nossa direita tinha postos até Shonkirken.—Aos 7, ao romper do dia, estava o exercito em

movimento, e marchava sobre Korneuburg, e Wolkersdorf, e tinha adiantado partidas atè Nicolburg. O inimigo, cortado da Hungria, e da Moravia, achava-se encantoado da parte da Bohemia.

Tal be a narraçaõ da batalha de Wagram; batalha decisiva e para sempre celebre, em que 300 ou 400 mil homens, 1200, ou 1500 peças de artilheria combatiam por grandes interesses, n'um campo de batalha estudado, meditado, fortificado pelo inimigo havìa muitos mezes. Dez bandeiras, 40 peças de artilheria, 20.000 prisioneiros, 3 ou 4 centos de officiaes, e um bom numero de generaes, coroneis e majores, saõ os tropheos desta victoria. Os campos de batalha estaõ cubertos de mortos, entre os quaes se acham os corpos de muitos generaes; e com outros um tal Normann, Francez, traidor á sua Patria, que tinha prostituido os seus talentos contra ella.—Todos os feridos do inimigo cahîram em nossas maõs, os que tinhaõ sahido no principio da acçaõ fôram achados nas aldeas vizinhas. Pode-se calcular que o resultado desta batalha será o reduzir o exercito Austriaco a menos de 60.000 homens. A nossa perca foi consideravel; e avalia-se a 1.500 mortos, e 3 ou 4.000 feridos.—O duque de Istria ao momento em que dispunha o attaque da cavallaria, teve o seu cavallo morto por um tiro de peça, a bala deo na sella, e fez-lhe uma leve contusaõ na coxa.—O gen. de divisaõ Lassalle foi morto de uma bala; éra um official do maior merecimento, e um dos nossos melhores generaes de cavallaria ligeira.—O gen. Bavaro de Wrede, e os gen. Seras, Grenier, Vignole, Sahuc, Frere, e Defrance, ficáram feridos. O coronel principe Aldobrandini foi ferido no braço por uma bala. Os majores da guarda Dausmeuil, e Corbineau, e o coronel Sainte Croix fôram tambem feridos. O ajudante commandante Duprat foi morto. O coronel do 9 de infanteria de linha ficou no campo de batalha. Este regimento cubrio se de gloria

O Estado maior fez resenhar o estado de nossas perças.— Uma circumstancia particular desta batalha he que os coroneis mais proximos a Vienna naõ distávam della 1.200 toezas. A numerosa populaçaõ desta capital cubria as torres, os sineiros, os telhados, e os outeiros, para ser testemunha deste grande espectaculo.—O Imperador d'Austria tinha deixado Wolkersdorf, aos 6 pelas 5 horas da manhaã, e subido a um mirante, d'onde via o campo de batalha, e onde ficou até a meia noite. Partio entaõ a toda a pressa. O quartel general Francez chegou a Wolkersdorf, na manhaã de 7.

Buletim 26. Wolkersdorf, 10 de Julho.

A retirada do inimigo he uma derrota. Recolhe-se uma parte de suas equipagens. Os seus feridos cahîram em nosso poder, contam-se ja mais de 12.000; todas as aldeas estaõ cheias de doentes. So em cinco dos seus hospitaes se acham mais de 6.000.—O duque de Rivoli, perseguindo o inimigo por Stokerum, chegou ja a Hollabrunn. O duque de Ragusa o tinha seguido pelo caminho de Brunn, que elle deixou em Wulfersdorf, para tomar o de Znaim. Hoje, ás 9 horas da manhaã, encontrou em Daa, uma retaguarda que derrotou, e lhe tomou 900 prisioneiros. A manhaã chegará a Znaim.—O duque de Auerstadt chegou hoje a Nicholsburg.—O Imperador de Austria, o principe Antonio, um trem de perto de 200 caleças, carroças, e outras carruagens pernoitáram, aos 6, em Erensbrunn, aos 7 em Hollabrunn, e aos 8 em Znaim; d'onde partîram aos 9 pela manhaã, segundo o que diz á gente do paiz que os conduzîa, o seu abatimento éra extremo.— Um dos principes de Rohan se achou ferido no campo de batalha. O tenente marechal de campo Wussakowicz está prisioneiro.—A artilheria da guarda cubrio-se de gloria. O major d'Abville, que commandava, ficou ferido. O Imperador o fez general de brigada. O chefe de esqua-

draõ d'artilheria Grenner perdeo um braço. Estes intrepidos artilheiros mostráram todo o poder deste terrivel exercito.—Os caçadores de cavallo da guarda carregáram, no dia da batalha de Wagram, tres quadrados de infanteria, que penetram. Tomáram 4 peças d'artilheria. Os cavallos ligeiros Polacos da guarda carregáram um regimento de lanceiros. Fizêram prisioneiro o principe de Auersperg, e tomáram 3 peças d'artilheria.—Os hussares Saxonios d'Albert carregáram os courasseiros d'Albert, e lhe tomáram uma bandeira. Foi uma cousa singularissima, ver dous regimentos pertencentes ao mesmo coronel combater-se um contra o outro.—Parece que o inimigo abandona a Moravia e a Hungria, e se retira pára a Bohemia.—As estradas estaõ cubertas de gente da Landwehr, e da leva em massa, tudo isto se retira a suas càsas.—As percas que a desersaõ ajuncta ao que o inimigo tem ja perdido em mortos, feridos, e prisioneiros, concorrem para a annihilaçaõ deste exercito.—O numero de cartas interceptadas fórmam um tocante quadro do descontentamento do exercito inimigo, e da desordem que nelle reyna.—Agora que a monarchia Austriaca está sem esperança, seria conhecer mui mal o character daquelles que a tem governado, o naõ esesperar que elles se humiliariam, como fizéram despois da batalha de Austerlitz. Naquella epocha estávam, como estaõ hoje, sem esperanças, e elles esgotáram as protestaçoens, e os juramentos.—Durante a jornada de 6, lançou o inimigo á margem direita do Danubio algumas centenas de homens dos postos de observaçaõ: elles fôram obrigados a re-embarcar-se, perdendo alguns homens, mortos, ou aprisionados. O calor tem sido excessivo estes dias. O thermometro tem estado, quasi constantemente em 26 gráos. Ha vinho em abundancia; tal aldea se tem encontrado em que se acham 3 milhoens de canadas; felizmente naõ tem nenhuma qualidade nociva.—Vinte aldeas, as mais consideraveis da bella planicie de Vienna, taes como se custumam

ver nas circumvizinhanças de uma grande capital fôram queimadas durante a batalha. O justo odio da naçaõ se pronuncia contra os homens culpados, que trouxéram sobre ella estes males.—O gen. de brigada Laroche entrou, aos 28 de Junho com um corpo de cavallaria, em Nuremberg, e se dirigio a Bareuth, encontrou o inimigo em Besentheim, fello carregar pelo regimento provisorio de dragoens, passou á espada tudo que se lhe poz diante, e tomou dûas peças d'artilheria.

Buletins do exercito da Hespanha.

O attaque de Montjuy, que se pode considerar como a cidadella de Girona, principiou pela tomada dos tres redutos que a defendîam. A pezar das difficuldades, que apresenta o terreno, que por toda a parte he uma rocha viva, e demóra necessariamente as operaçoens; desde os 25 que havîa batterias promptas a jogar; fizéram fogo aos 26, e continuáram com actividade o trabalho da batteria de brecha. Uma horrorosa tempestade, que succedeo aos 29, seguida de outras muitas, e de continuadas chuvas, retardou a conclusaõ; mas esperava-se, que aos 5 de Julho, ao mais tardar, estivesse a batteria em estado de jogar, he de crêr que, em duas vezes 24 horas, será a brecha practicavel; e entaõ a reducçaõ do forte se seguirá promptamente ou de uma maneira ou de outra. Uma vez que Montjuy esteja em nosso poder pode-se considerar a praça como tomada; he ésta a opiniaõ mesmo dos Hespanhoes; ja se teve uma prova disto nas cartas, que os sitiados procuráram fazer passar ao seu general em chefe Blake, e que fôram interceptadas pelos nossos postos avançados. Elles solicitam soccorros que naõ está no poder delle o ministrar-lhe, como se verá no relatorio dirigido a S. Ex.ª o o ministro da guerra, pelo general Souchet, commandante em chefe do 5.º Corpo em Aragaõ.

Carta do gen. Souchet, a S. Exª. o Ministro da guerra; datada de Alcaniz, 19 de Junho, 1809.

Monseigneur! A batalha de Saragoça havia libertado ésta capital, e forçado o gen, Blake a retirar-se; e de Belchite mudou a sua retirada em derrota, e libertou Aragaõ de sua presença. Aos 15 pela tarde, pôs a noite fim ao perseguimento. Aos 16 parou o inimigo em Bolerita, donde foi expulsado, e continuou a sua retirada.—Eu entrei a perseguillo aos 17; e nesta marcha se ajunctáram 500 homens dos attiradores de Murcia, entre os quaes havia 45 officiáes; matáram-se alguns centos d'homens. Eu pernoitei em Puebla d'Alborton. A'uma hora da manhaã deixei o meu campo, e me apresentei diante de Belchite, aos 18 ao amanhecer; Os regimentos 116, e 117 ainda se me naõ tinham unido. O inimigo, que recebêra nessa noite um reforço de 4.000 homens, occupava as alturás, tendo o centro em Calvario, defendido por um fosso, e protegido pela cidade, que he murada; a esquerda e direita por detras de intrincheiramentos e de um convento, e quasi toda a frente cuberta por olivaes, e vinhas, cortadas por valados. Eu desdobrei as minhas columnas na planicie, fiz avançar um batalhaõ de infanteria ligeira, para o centro, nos olivaes, a fim de occupar somente os atiradores inimigos; e em quanto o gen. Houbert passava á esquerda, em columna, dirigindo-se ás alturas entre Belchite e Codo, ordenei ao gen. Musmer, que marchasse em columna por batalhaõ, sobre a esquerda dos Hespanhoes, flanqueando os, logo, despois de os ter abalado com vinte tiros de artilheria. Este movimento foi executado com grande precisaõ. O primeiro batalhaõ do reg. 114, o primeiro regimento do Vistula, carregáram vigorosamente por entre a mêtralha. Blake tentou parallos com uma carga de cavallaria, e dous esquadroens de hussares o repulsáram. No mesmo instante uma das nossas balas pegou fogo a um de seus caixoens de obuzes, arrebentou com estrondo no meio das fileiras, levando a toda a parte a morte, e o espanto. Toda ésta linha se abalou, e confundio, e atravessou a cidade na mais terrivel desordem. Nos atravessamos com elles, homens, cavallos, caixoens, peças, tudo de roldaõ. Esta torrente levou comsigo o campo de cavallaria, e todo o resto da linha. O gen. Hubert, que a apresentou, accelerou a fugida geral.—Toda a planicie está inundada de fugitivos, que largam as mochilas, espingardas, e petrechos; se eu tivesse neste ponto mais cavallaria, a pezar da rapidez da fuga teria feito muitos prisioneiros.—Um so reg. o 1.° de Valencia, conseguio tornar a formar-se,

tancia do campo de batalha; e tentou defender-se. Os hussares do 4.° o derrotáram passando-o á espada; so se aprisionáram aqui 2 ou 3 centos; de resto uma bandeira, 9 peças (as ultimas deste exercito) 23 caixoens, um milhar de cartuchos Inglezes, çapatos, capotes; e 3.000 prisioneiros ficáram em nosso poder. Ajunctáram-se mais de 3.000 fuzis, e os campos estaõ ainda cubertos delles; mandam-se agora procurar. Temos achado immensos rebanhos, armazens de arroz e de biscoito; e queimado 25 carros de muniçaõ. Eu prosegui em varias columnas, e cheguei hoalem a Alcaniz, Calanda, e Caspe, o numéro dos prisioneiros se augmenta a cada instante. Tenho a honra de vos dirigir algumas relaçoens, que pintam o estado do exercito inimigo, e de seus chefes. Ajuncto um mappa da formaçaõ deste exercito; eu vou dirigir uma Proclamaçaõ aos Aragonezes.—A minha perca nestas duas jornadas merece apenas ser computada; naõ passa de 40 mortos, e 200 feridos. Os Hespanhoes, logo que fôram penetrados, deixáram as suas posiçoens com tanta precipitaçaõ, que o seu fogo naõ foi demasiado destructor. Sou &c.

(*Assignado*) O Conde Soucket.

Ha muito tempo que os corpos dos insurgentes, postados na serra Morena, se continham nas montanhas, pela presença do 4.° corpo; commandado pelo general Sebastiani; e postado alem do Guadiana. Em vaõ tinha este general deixado aos inimigos a facilidade de cahir sobre elle, para os puchar á planicie: contentávam-se com algumas tentativas sobre os nossos postos avançados; e feito isto fugîam outra vez para os seus retiros inacessiveis. Em fim o general para lhe dar mais confiança, repassou o Guadiana, e marchou para Consuegra a jornadas curtas. O inimigo adquirindo atrevimento com este movimento retrogrado desembocou ultimamente da Serra Morena, e foi para o Guadiana, cruzando este rio para se aproximar ao corpo do gen. Sebastiani. El Rey, que tinha preparado toda ésta manobra, partio de Madrid aos 22 de Junho, acompanhado da sua guarda, e de uma brigada da divisaõ Dessolles. S. M. foi por Illescas, Toledo, e Mora, até Consuegra, para onde acabava de avançar o 4.° corpo; e, continuando este movimento progressivo,

veio El Rey estabelecer o seu quartel general, aos 23, em Villa-Rubia-de-los-ojos. Uma divisaõ inimiga occupou este posto dous dias antes; mas ella naõ esperou as nossas tropas. Apenas os insurgentes soubéram da chegada d'El Rey a Consuegra, abandonáram Villa Rubria, na maiór desordem, e tornaram a passar o Guadiana a toda a pressa. Aos 29 de Junho, foi El Rey para Daymel onde estabeleceo o seu quartel general; e, havendo-lhe chegado os reforços, que julgava necessarios, ordenou S. M. um movimento geral avançando, no dia seguinte. O inimigo ferido do medo, se tornou a lançar nas montanhas de Serra Morena; e naõ defendeo posto algum. A prolongada estada d'El Rey em Moral, onde estabelecêra o seu quartel general, aos 30 de Junho, naõ tinha agora fim algum, e por tanto tomou S. M. o partido de voltar a Toledo; fazendo porém que o 4.º Corpo ocupasse Consuegra; tanto pela facilidade das subsistencias, como pela das operaçoens ulteriores, que os acontecimentos pudessem exigir.

Buletim 27. Aos 10, o duque de Rivoli derrotou, ante Hollabrunn, a retaguarda do inimigo. No mesmo dia, ao meio dia, chegou o duque de Ragusa ás alturas de Znaim; e vio as bagagens e artilheria do inimigo, que desfilávam para Bohemia; o gen. Bellegarde lhe escreveo, dizendo-lhe, que o principe Joaõ de Lichtenstein, ía ter com o Imperador, com uma missaõ de seu amo; para tractar de paz, e pedio em consequencia uma suspensaõ d'armas. O duque de Raguza respondeo, que naõ estáva na sua maõ responder a este petitorio; mas que dava conta disso ao Imperador. No emtanto attacòu o inimigo, tomou-lhe uma bella posiçaõ, fez alguns prisioneiros, e tirou lhe duas bandeiras. No mesmo dia pela manhãã passou o duque de Auerstadt o Saya, em frente de Cicolsburg, e o gen. Grouchy tinha derrotado a retaguarda do principe de Rosenberg; aprisionando 450 homens do regimento do principe Carlos.—Aos 11, pelo meio dia, chegou o Imperador

ante Znaim. O combate estava principiado; o duque de Ragusa tinha flanqueado a cidade, e o duque de Rivoli, se havia apoderado da ponte, e occupado a fabrica de tabaco. Tomáram-se ao inimigo, nas differentes acçoens desta jornada, tres mil homens, duas bandeiras, e tres peças de artilheria. O gen. de brigada Bruyeres, official de grandes esperanças, foi ferido. O gen. de brigada Guiton fez uma bella carga com o 10mo. de couraceiros. O Imperador, sendo informado de que o principe de Lichtenstein, que lhe fôra enviado, tinha entrado nos nossos postos, mandou cessar o fogo. O armisticio, aqui juncto, foi assignado á meia noite, em casa do principe de Neufchatel. O principe de Lichtenstein foi apresentado ao Imperador na sua barraca ás duas doras da manhaã.

Suspensaõ d'armas, entre S. M. o Imperador dos Francezes Rey da Italia, e S. M. o Imperador d'Austria.

Art. 1.° Haverá suspensaõ d'armas, entre os exercitos de S. M. o Imperador dos Francezes, e S. M. o Imperador d'Austria.

Art. 2.° A linha de demarcaçaõ será, da parte da Austria alta, a fronteira que separa a Austria da Bohemia, o Circulo de Znaim, o de Brunn, e uma linha traçada da fronteira de Moravia, sobre Raab, que commeçará no ponto, em que a fronteira do Circulo de Brunn toca o March: até o confluente do Taya; dahi a S. Joaõ, e estrada até Presburgh, e uma legoa em torno da Cidade; o gram Danubio até a fronteira da Styria, a Carniola, a Istria, e Fiume.

Art. 3.° As Cidadellas de Brunn, e de Gratz, seraõ evacuadas immediatamente, depois da assignatura da presente suspensaõ d'armas.

Art. 4.° Os destacamentos das tropas Austriacas, que estaõ no Tyrol, e no Voralberg, evacuaraõ estes dous paizes: o forte do Sacksenburg será entregue ás tropas Francezas.

Art. 5.° Os armazens de victualhas, e fardamentos, que se acharem nos paizes, que devem ser evacuados pelo exercito Austriaco, e que lhe pertencem; poderaõ ser evacuados.

Art. 6.° Quanto a Polonia, os dous exercitos tomaraõ a linha que occûpam no dia de hoje.

Art. 7.° A presente suspensaõ d'armas durará um mez; e, antes de começar as hostilidades, se dará uma noticia previa de 15 dias.

Art. 8.º Serão nomeados Commissarios respectivos, para a execução das presentes disposiçoens.

Art. 9.º Ao datar de amanhaã 13, as tropas Austriacas evacuarão os paizes designados na presente suspensão d'armas, e se retirarão por jornadas ordinarias.—O forte de Bruna será entregue aos 14, ao exercito Francez; e o de Gratz aos 16 de Julho.

Feito e acordado entre nos abaixo-assignados, munidos de plenos poderes dos nossos Soberanos respectivos, S. A. I. o Principe de Neufchatel, major general do exercito Francez, e M. Barão de Wimpfen, major general e Chefe do Estado maior do exercito Austriaco. Campo ante Znaim, 12 de Julho 1809.

(Assignado) Alexandre.
O Barão de Wimpfen.

Buletim 28. Vienna, 14 de Julho, 1809.

O Danubio subio seis pés. As pontes de bateis, que se tinham estabelecido juncto a Vienna, depois da batalha de Wagram, fôram quebradas pela enchente; mas as nossas de Ebersdorf, solidas e permanentes, naõ soffrêram com isto cousa alguma. Estas pontes e as obras da ilha de Lobau, saõ o objecto da admiraçaõ dos militares Austriacos. Confessam elles que, desde o tempo dos Romanos, saõ sem exemplo similhantes trabalhos de guerra. O archiduque Carlos enviou o major general Weissenvof a cumprimentar o Imperador; e ao depois o baraõ Wimpffen, e o principe de Lichtenstein, fizéram a mesma civilidade em seu nome; S. M. julgou a proposito enviar-lhe o duque de Frioul, Gram Marechal do Palacio, que o achou em Budweis, e passou uma parte da jornada de hontem no seu quartel general.—O Imperador partio hontem as nove horas da manhaã do seu campo de Znaim, e chegou ao Palacio de Schoenbrunn ás tres horas depois do meio dia.—S. M. visitou os arrabaldes de Spitz, que fórmam a cabeça de ponte de Vienna. Ordenou S. M. ao gen. Conde Bertrand, que fizesse varias obras, as quaes se traçaraõ, e começaraõ hoje —A ponte sobre estacadas de Vienna será restabelecida com a maior brevidade possivel.—S. M. nomeou

marechaes do Imperio, o gen. Oudinot, o duque de Ragusa, e o gen. Macdonald. O numero dos marechaes éra de onze; ésta nomeaçaõ os leva a 14; ha ainda dous lugares vagos: os postos de coronel general dos Suissos, e coronel general de caçadores estaõ ainda vagos.—Segundo as nossas constituiçoens, o corónel general dos caçadores he Gram Official do Imperio. S. M. testemunhou a sua satisfacçaõ da maneira porque a cirurgia tinha servido, e particularmente dos serviços do Cirurgiaõ em chefe Hourteloup. Aos 7, atravessando S. M. o campo de batalha fez ajunctar um grande numero de feridos, e deixou ali o duque de Frioul, Gram Marechal do palacio, que passou naquelle lugar toda a jornada. O numero de feridos Austriacos, que estaõ em nosso poder, he de 12 a 13 mil. Os Austriacos tivéram 19 generaes mortos ou feridos. Nota-se como um facto singular, que os officiaes Francezes, seja da antiga França seja das novas provincias, empregados no serviço de Austria, fôram pela maior parte mortos. Interceptáram-se muitos correios, e achou-se nas cartas de que elles éram portadores, uma correspondencia seguida de Gentz, com o Conde Stadion.

A influencia deste miseravel, nas grandes decisoens do Gabinete Austriaco, se tem assim materialmente provado. Eis aqui os instrumentos de que a Inglaterra se serve, como de uma nova caixa de Pandora, paça assoprar as tempestades, e espalhar os venenos no Continente. O corpo do duque de Rivoli formou os seus campos no circulo de Znaim; o do duque de Auerstadt, no circulo de Brunn; o do marechal duque de Ragusa, no circulo de Korn-Neuburg; o do marechal Oudinot, adiante de Vienna em Spitz; o do Vice Rey, sobre Presburg e Gratz. A guarda Imperial torna a entrar nos orredores de Shœnbrunn. A colheita he mui bella, e por toda a parte de uma grande abundancia. O exercito está acantonado em

soberbos paizes, ricos em generos de toda a qualidade, e sobre tudo em vinhos.

Buletim 29. Vienna, 22 de Julho, 1809.

Os generaes Durosnel e Foulers voltáram para o quartel general. Todas as nossas conjecturas, a respeito da sua sorte, fôram erroneas. Elle naõ foi ferido, nem teve o cavallo ferido debaixo de si; mas, a tempo que voltava de haver levado ao duque de Montebello a ordem para concentrar os seus movimentos, por causa da destruiçaõ das pontes aos 22 de Mayo, cruzou uma baixa, onde achou 25 hussares, que elle julgou que formávam um dos nossos postos avançados. Naõ percebeo que éram Austriacos, se naõ despois de o terem feito prisioneiro. Como estivemos tanto tempo sem saber novas delle, e como tinhamos outras razoens provaveis, por isso o julgamos morto.—O gen. de divisaõ Regnier tomou o commando dos Saxonios, e occupa Presburg.—O marechal Macdonald foi tomar posse da cidadella de Gratz, onde se espera que entre hoje.—O marechal duque de Ragusa, se encampa com o seu corpo, nas alturas de Keims.——S. M. I. passa revista a sua guarda todas as manhaãs. Os *Velites*, e granadeiros de pé da guarda Italiana saõ notaveis pela sua excellente ordem.—O principe Joaõ de Lichtenstein, voltando de Buda, foi apresentado a 18 do corrente a S. M. Imperial: foi o portador de uma carta do Imperador de Austria.—O Conde Bubna, major-general, e ajudante-de-campo do Imperador de Austria, tem jantado varias vezes com o Conde Champagny. Os botes de Commercio, que os acontecimentos da guerrra espalháram em varias direcçoens, foram junctos, e concertados, nas margens do Danubio. Elles chegam todos os dias carregados de madeira, vegetaes, trigo, e farinha. O exercito está ja todo acampado.

Buletim 30. Vienna, 30 de Julho, de 1809.

O nono corpo do exercito, que éra commandado pelo Principe de Ponte Corvo, foi desbandado aos 8 do corrente Os Saxonios que formávam parte delle estaõ debaixo das ordens do gen. Reymen. O principe de Ponte Corvo foi tomar aguas. Na batalha de Wagram, a aldea deste nome foi tomada aos 6, entre as 10 e 11 horas, e a gloria desta bem succedida empreza he devida ao corpo do marechal Oudinot. A casa de Austria entrou desta vez em campanha, com 62 regimentos de linha; 12 regimentos de cavallaria; 12 regimentos de granadeiros; 4 corpos livres de legioens, fazendo ao todo 310.000 homens. E 150 batalhoens da milicia Landwehr, commandados por officiaes velhos, exercitados por 10 mezes; 4.000 homens da insurreiçaõ Hungara, e 60.000 de cavallo artilheria, e mineiros; compondo ao todo de 5 a 600.000 homens. Com esta força se suppoz a Casa d'Austria segura da victoria. Mantinha a esperança de abalar o poder da França, se jamais se ajunctasse toda a sua força. Mas, isto naõ obstante, os seus exercitos estaõ reduzidos á quarta parte das forças que tinham, ao mesmo tempo que o exercito Francez se tem augmentado ao dobro do numero de que constava em Ratisbona.—Acháram-se no castello de Gratz 20 peças de artilheria.—O castello de Sachsenburg, situado nas fronteiras do Tyrol, rendeo-se ao Gen. Rusco.—O duque de Dantzick entrou no Tyrol com 25 mil homens, occupou Lofers, e desarmou todos os habitantes. Por este tempo deve estar ja em Inspruch. O gen. Thielman entrou em Dresden.—O duque de Abrantes está em Bayreuth, e tem adiantado a sua guarda avançada até as fronteiras da Bohemia.

França.

Carta do Ministro dos Negocios estrangeiros ao General Armstrong, Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos d'America.

" SENHOR! Sendo informado que vós estais a ponto de despachar um navio para a America, sua Magestade me encarregou de fazer-vos saber os principios immutaveis, que tem regulado, e continuaraõ a regular a sua conducta, no grande ponto de differença a respeito de Neutraes.

" A França admitte o principio, de que a bandeira protege a mercadoria. Um navio mercante, tendo um certificado do seu Governo, deve considerar-se como uma colonia fluctuante. A violaçaõ de tal navio por buscas, perseguiçoens, e outros actos de poder arbitrario, he a violaçaõ dõ territorio de uma colonia, e um attaque á independencia do seu Governo. Os mares naõ pertencem exclusivamente a Naçaõ alguma; saõ a propriedade commum dos Estados, a possessaõ de todos.

" Navios mercantes de um inimigo, sendo a propriedade de individuos particulares, deve ser respeitada. Individuos, que naõ tomaõ parte nas hostilidades, naõ se devem fazer prisioneiros. Em todas as suas conquistas a França tem respeitado a propriedade particular. Loges, e armazens tem sido deixados na posse dos seus proprietarios. Elles tem tido a faculdade de dispor das suas mercadorias, como bem lhes tem parecido; e neste momento ha cargas, particularmente de algodaõ, passando em carros pelo meio do exercito Francez, e pela Austria, e Alemanha, que vaõ para onde quer que as destina o commercio. Se a França adoptasse a practica da guerra maritima, todas as mercadorias do continente teriaõ sido accumuladas em França, e constituiriaõ muitas vezes um manancial de incalculaveis riquezas.

" Taes teriaõ sido indubitavelmente as arrogaçoens de Inglaterra, se a Inglaterra possuisse a mesma superiori-

dade por terra, que tem no mar. Nos teriamos visto, como nos tempos do barbarismo, os prisioneiros vendidos como escravos, e as suas terras divididas entre os vencedores. A cubiça mercantil monopolizaria tudo; e o Governo de uma Naçaõ illuminada, que tem levado as artes da civilizaçaõ ao mais alto gráo de aperfeiçoamento; teria dado o primeiro exemplo da renovaçaõ dos costumes practicados nas idades de barbaria. Aquelle Governo conhece muito bem a injustiça do seu codigo maritimo. Mas que lhe importa a injustiça? Naõ he a sua mira unicamente o que he util?

"Quando a França tiver adquirido uma força naval proporcionada á extençaõ das suas costas, e da sua populaçaõ o Imperador reduzirá gradualmente estes principios á practica; e se empregara elle mesmo em procurar a sua geral adopçaõ. O direito, ou antes a pretençaõ de bloquear rios, e costas, por meio de proclamas, he da mesma sorte insolente, e absurda. Nenhum direito pode possivelmente resultar da mera vontade, e caprixo de uma das partes interessadas, mas deve originar-se da natureza actual das couzas, aque pertence. Nehuma praça está propriamente em estado de bloqueio, senaõ quando he investida por terra, e por mar. Poem-se em bloqueio, para cortar todos os meios de soccorro, pelos quaes a entrega pode retardar-se; e neste cazo somente ha direito de evitar, que navios neutros entrem n'ella; por quanto a praça assim attacada está em perigo de ser tomada, o seu dominio indecizo, e ainda em disputa, entre o Commandante da Cidade, e aquelles, que o bloqueiaõ, e a investem: daqui nasce o direito de prohibir á neutros a entrada da praça.

"A Soberania, e independencia da bandeira, como a a soberania, e independencia de um territorio, he a propriedade de todos os neutros. Um estado pode entregar-se a outro, despojar-se da sua independencia, e provar

uma mudança de Soberanos; mas os direitos da Soberania saõ indivisiveis, e inalienaveis; a mais pequena parte d'elles naõ pode ser cedida.

" A Inglaterra proclamou a França em estado de bloqueio. O Imperador, pelo seu decreto de Berlin, declarou, que as ilhas Britanicas estavaõ em estado de bloqueio. A primeira medida exclue os navios neutros de França; a segunda prohibe-os de irem a Inglaterra.

" A Inglaterra por ordens do seu Gabinete de 11 de Novembro, 1807 poz uma taxa sobre todos navios neutros, e compellio-os a entrar nos seus molhes antes de procederem para o lugar das suas destinaçoens. Pelo decreto de 17 de Dezembro do mesmo anno, o Imperador declarou *desnacionalizados* todos os navios, cuja bandeira fosse violada, escarnecida, e espezinhada.

" Para abrigar-se das espoliaçoens, com que um tal estado de couzas ameaçava o seu commercio, a America poz um Embargo nos seus portos; e posto que a França, a qual havia somente exercitado o direito de taliaõ, sabia, que os seus interesses, e os das suas colonias deviaõ soffrer por tal medida; o Imperador contudo applaudio a magnanima resoluçaõ de ella renunciar antes a todo o seu commercio, do que reconhecer a Soberania, e o despotismo dos mares.

" O embargo tem sido tirado, e substituido um systema de exclusaõ. As Potencias do Continente em alliança contra a Inglaterra fazem cauza commum; ellas tem o mesmo objecto nesta guerra; devem colher as mesmas vantagens; devem tambem correr os mesmos riscos. Os portos de Hollanda, o Elbo, o Weser, Italia, e Hespanha, naõ gozaraõ vantagem, da qual França deva ser privada. Elles seraõ todos abertos, ou fexados ao mesmo tempo, relativamente a toda a conrespondencia commercial com elles.

" Assim, Senhor, quanto aos principios a França, re-

conhece a Liberdade do commercio neutral, e a independencia das Potencias maritimas, que ella respeitou até ao momento, em que a tyrannia maritima de Inglaterra, que nada respeita, e os procedimentos arbitrarios do seu Governo, a compellîram a adoptar medidas de taliaõ, ás quaes recurreo com pezar. Revoque a Inglaterra o seu bloqueio de França, e França revocará a sua declaraçaõ de bloqueio contra a Inglaterra. Revoque a Inglaterra as suas ordens de Gabinete de 11 de Novembro, de 1807, e o Decreto de Milaõ expirará por si mesmo. O commercio Americano recobrará a sua completa Liberdade, e estará seguro de achar nos portos da França, favor, e protecçaõ. Cumpre porem aos Estados Unidos o attingir este feliz objecto pela sua firmeza. Pode uma naçaõ, resolvida a ser Livre, hesitar entre certos interesses momentaneos, e a grande cauza de manter a sua independencia, sua honra, sua Soberania, e sua dignidade.

Hespanha.

Parte do General D. Joaquim Blake.

Excellentissimo Senhor: Tenho a honra de participar a V. Excellencia que o comboi de viveres destinado para Gerona se introduzio hontem na Praça, conduzido pelo Marechal de Campo D. Jayme Garcia Conde, a pezar dos esforços feitos para o estorvar, contribuindo a facilitar a entrada do comboi o movimento geral deste Exercito, que manteve os inimigos em incerteza. Naõ posso dar a V. Excellencia noticia circumstanciada desta operaçaõ; porque ainda naõ recebi parte do General Garcia Conde, que entrou na Praça com toda a Divisaõ, que escoltava o comboi; e sahirá, deixando nella a tropa, que o Governador julgar necessaria para reforço, e auxilio da guarniçaõ.

Remetto a V. Excellencia o Monitor de 19 de Agosto, porque talvez ainda naõ terá chegado ás suas mãos, onde terá a satisfaçaõ, de ver o elogio, que arranca aos inimigos a brilhante defensa do Castello de Montjuich, por occasiaõ da evacuaçaõ daquelle ponto, communicada ao Ministro da Guerra pelo General Verdier, Commandante das tropas do cerco.

Deos guarde a V. Excellencia. Campo do Pedrol, 2 de Septembro, de 1809. Excellentissimo Senhor: Joaquim Blake—Excellentissimo Senhor D. Antonio Coronel.

Copia da intimaçaõ feita pelo General inimigo á Praça de Mequinenza no dia 26 de Junho as 8 da noite.

Por ordem de S. Excellencia o General em Chefe reconheci hontem os montes sobranceiros a esta Praça, que V. m. commanda, e que naõ conheciamos, V. m. vio com que facilidade só os meus caçadores os tomaraõ, fazendo fogo ate chegar aos muros do castello: dei conta ao meu General, o qual quer mandar artilheria de grosso calibre, porta-machados, e mineiros; porém por supplica minha o suspendeo, e me deo faculdade para offerecer a V. m. huma convençaõ honrosa, e desejo muito evitar, os males inevitaveis do cerco, e dar a V. m. huma prova da minha consideraçaõ. Eu terei para com V. m. e seus Officiaes os mesmos sentimentos de bondade, que tive com a guarniçaõ de Jaca, e autoridades Civis desta Praça: espero a sua resposta para determinar as ordens definitivas de S. Excellencia, o General em Chefe, Governador do Reino de Aragaõ. Deos garde a V. m. muitos annos.

Praga, 26 de Junho, 1809. O Gen. Fabre,

Senhor Governador do Castello de Mequinenza.

Resposta do Commandante militar da Praça.

Li a intimaçaõ que se fez a esta Praça; sinto a supplica que fez ao seu General, e lhe rogo se interesse com elle, para que lhe confie a sua grossa artilheria, os seus porta-machados, e mineiros, e experimentará o que he huma guarniçaõ valorosa, e habitantes que naõ conhecem senaõ vencer ou morrer. Deos guarde a V. m. muitos annos. Castello de Mequinenza 20 de Junho, de 1809.

Senhor General Fabre. Joaõ Maria d'Angulo.

Copia da intimaçaõ feita pelo Commandante General de Engenheiros do Exercito Francez ao Governador de Gerona.

Senhor Governador: tenho a honra de participar-vos que Sua Excellencia o General em Chefe do Exercito Francez o Conde de S. Cyr, me authorizou para attender ás proposições que me podeis fazer, conforme as circumstancias em que vos achais. Podeis vir ou mandar hum Official de Graduaçaõ e de que vos confiardes, para conferenciar comigo nos postos avançados, onde me deixa ficar o

prizioneiro que vos ha de entregar esta Carta; e para evitar alguma interpretação errada, podereis vir com algum dos membros da Juncta, ou dos principaes chefes do clero. Tenho a honra ser, &c.

KINGENES.

Barão de Plumtu, Commandante General dos Engenheiros do Exercito.

Resposta.

Excellentissimo Senhor: nada tenho que tractar com Vossa Excellencia, conheço muito de sobejo as suas intençoens; e daqui a diante não admittirei, nem ouvirei Parlamentario algum ou Trombeta. Deos guarde a Vossa Excellencia, &c. Gerona, 2 de Julho, de 1809.

MARIANNO ALVAREZ,

Excellentissimo Senhor Commandante General do Exercito Francez.

Sevilha, 30 de Agosto.

O General D. Francisco Venegas dirigio ao Senhor Secretario d'Estado e do despacho geral de guerra o seguinte detalhe da batalha de Almonacid.

" Excellentissimo Senhor, concluida a acção de Aranjuez e rechaçados os inimigos, os seus continuos movimentos entre aquelle Real sitio, e a Cidade de Toledo me fizeraõ suspeitar que tractavaõ de sahir por esta, e atacar-me pela retaguarda. Por este respeito, e para fazer um movimento retrogado, se o pedissem as circumstancias, mudei de posiçaõ situando as Divisões em escala desde Aranjuez até Tembleque, aonde assentei o meu quartel general ao meio dia de 6. A 8 me participou o General Zeraim, que se achava sobre Toledo com a quinta Divisaõ do seu commando, ser-lhe noticiado que os inimigos acabavaõ de receber um reforço de 8.000 homens, e recear que o attacassem. Para o auxiliar mandei sahir a quarta divisaõ, o que se executou na mesma noite transitando para Almonacid pàra se reunir com a quinta, tomado o necessario descanço; verificando-se porém o suspeitado ataque antes de amanhecer do dia 9, Zeraim fôra obrigado depois de uma honrosa resistencia a retirar-se em boa ordem para Sonseca, quatro legoas distante do Mosteiro de Sisla aonde foi atacado. Dalli por minha prevençaõ voltou para Almonacid a reunir-se com a quarta divisaõ; e para acautelar que naõ fossem ambas atacadas com desproporçaõ, certificando-me de que os inimigos tinhaõ juncto todas as suas forças em Toledo, me dirigi a Almonacid com a terceira divisaõ, aonde por minha ordem chegáraõ tambem no mesmo dia 10, poucas horas depois, a primeira e a segunda. Por todas as noticias que pude alcançar me persuadi de que os inimigos naõ passavaõ de 14.000 ho-

mens: esta perguntaõ, a boa disposiçaõ das tropas, que eu sabia se desgostariaõ com uma nova retirada, a repugnancia que ao me offerecia de abandonar por esta retirada os infelizes Povos da Mancha, que com tanto praser o patriotismo receberaõ o exercito, e a importancia de provar o valor e agilidade dos nossos soldados, eraõ outros tantos motivos que me inclinavaõ a combater. A pezar desta minha inclinaçaõ quiz assegurar-me do seu fundamento ouvindo o parecer dos chefes de divisoens, escandendo cuidadosamente o meu sentir, para que votassem com prevençaõ. Porêm achei-taõ conformes e unanimes os seus pareceres, e razoens em que os firmavaõ com as que ficaõ ponderadas, que naõ duvidei da resoluçaõ de atacar os inimigos na madrugada de 12, para dar lugar a que no dia 11 as tropas descançassem da sua affadigada marcha, para adquirir, se fosse possivel, mais pontual e segura noticia do numero dos contrarios, e dar as convenientes disposições.

O inimigo anticipou-se á minha tençaõ, e ás 5 e meia da manhaã do dia 11 começáraõ os tiros entre as nossas, e as suas avançadas, crescendo progressivamente pelos reforços com que os Generaes das nossas divisoens apoiáraõ aquellas, até que a concurrencia das columnas inimigas nos confirmou de que era um serio e geral ataque contra toda a nossa linha. O general Giron me avisou disso, e corri a dar as convenientes disposiçoens, enchendo-me de satisfaçaõ o ver o esforço, e alegria com que os nossos Generaes, Chefes e soldados viaõ chegado o momento de combater. A segunda divisaõ commandada pelo brigadeiro D. Gaspar Vigodet formava o lado direito; a esta se seguia a quarta commandada pelo Marechal de Campo D. Francisco Gonçalves del Castejon; logo a quinta encarregada ao Marechal de Campo D. Thomaz de Zerain; depois a primeira, em caja frente se achava o Brigadeiro D. Luiz Lacy, e a terceira, que era mandada pelo Marechal de Campo D. Pedro Agostinho Giron, estava collocada na retaguarda do centro de todas, formando a reserva, bem que destacados desta os Batalhoens de Baylen, e o segundo de Jaen occupavaõ um cerro na esquerda de toda a linha; e o de Velez, Malaga e Alpujarras foraõ destinados, o primeiro para sustentar uma bateria avançada, e o segundo sobre o cerro do castello na retaguarda do povo, ficando Giron com os tres batalhoens restantes da sua divisaõ, o primeiro das Guardas Reaes Hespanholas, Ecija e o segundo de Cordova.

A cavallaria dividida em duas secçoens á direita, e á esquerda da linha, ordenei que ficasse ás ordens dos Marechaes de Campo, o Marquez de Gelo. D. Thomaz Zerain, e o Visconde de Zolina. Neste es-

tado avançáraõ as columnas inimigas sobre toda a extensaõ da nossa linha, apoiadas por 40 peças de artilheria entre obuzes e canhoens, sendo os ultimos até ao calibre de 16. A's sete e meia se tornou geral um reciproco, e horroroso fogo sustentado de ambas as partes com o maior encarniçamento; porém foi facil de conhecer que o ataque principal se dirigia sobre a nossa esquerda. Descoberto o designio, acodi áquella parte, e observando que o Coronel D. José Olabazal com os granadeiros e caçadores da primeira divisaõ se achava muito mettido no perigo, e obrigado a redobrar os batalhoens de Baylen e Jaen, e prevendo que estes naõ seriaõ bastantes para conter o impeto das grossas columnas inimigas, que se dirigiaõ contra elles, mandei ao meu Ajudante de Campo D. Torcato Truxillo com ordem para que o general Giron os viesse reforçar com os tres batalhoens da sua reserva. Neste meio tempo um Ajudante de Baylen veio ponderar-me da parte do seu chefe que eraõ excessivas as forças inimigas, e impossivel resistir-lhes com as que alli se achavaõ; porém respondi-lhe que immediatamênte o mandaria soccorrer, e que entretanto sustentasse o posto até ao ultimo extremo. Giron acodio com a maior presteza, e tendo subido a altura, e dado mui boas descargas contra as columnas inimigas, começaraõ a perder terreno, e neste successo póde ter parte a desgraçada casualidade de haver sido ferido de um tiro de peça o tenente coronel de Baylen, D. Joaõ da Silva; e aquelle desordenado movimento occasionou a confusaõ dos batalhoens da terceira divisaõ, que hiaõ sustentallas, apoderando-se os inimigos do cimo da altura, a pezar do fogo vivissimo que começou a fazer-lhes o primeiro batalhaõ de guardas Hespanholas.

Protegidas as outras columnas inimigas pelas que haviaõ alcançado a altura, continuára a marchar contra o nosso lado esquerdo, e para as deter dispuz que a primeira divisaõ desdobrasse na sua frente para reprimillas, o que se conseguio, obrigando-as a que se occultassem por detraz de um combro para se cobrirem do fogo da nossa fuzilaria. O da artilheria inimiga era infernal pelo maior numero, e calibre das suas peças, ainda que 200 cavallos dos esquadroens de Fernando VII., e dragoens de Granada atacassem uma columna inimiga, o que cumpriraõ mui denodadamente do esquadraõ D. Nicoláo Chacon: tendo-se porém aquella consolidado em massa, e rompido contra elles um vivissimo fogo, em que perdemos valentes soldados, e o benemerito e valoroso Capitaõ D. Francisco Soto, matando tambem o cavallo ao valente Commandante D. Nicoláo Chacon, foi preciso desistir da empreza, que fez com tudo muita honra a este pequeno corpo de cavallaria.

Entretanto a segunda, a quarta e quinta, divisoens estavaõ mais ou menos mettidas no perigo; a quarta soffria pelo lado direito o fogo das baterias, conservando o posto com a maior firmeza e constancia, e o Regimento de Xerez se sustentava com esforço, apoiado em um olival. O tenente coronel D. José Charon, capitaõ de artilheria de cavallo, foi ferido mortalmente naquelle instante, e o segundo batalhaõ de guardas Hespanholas, que cobria a esquerda desta divisaõ, começou a ceder ás muitas forças que o atacavaõ. Castejon mandou que o sustentasse com o seu regimento de Cordova o brigadeiro D. Francisco Gonzalez de Carbajal, que reunindo as guardas, e atacando ambos os corpos, fizeraõ retroceder o inimigo, que começado a carregar por trezentos soldados de cavallo do commando do Marechal de Campo o Visconde de Zolina tivera sido derrotado, a naõ acontecer a desgraça de affrouxár o ataque, sendo morto o cavallo em que montava Zolina. O inimigo se aproveitou deste momento para acometter com todo o vigor pela frente e pelo flanco as guardas e o batalhaõ de Cordova, desdobrando-se este com a melhor ordem sobre o quinto de Sevilha avançado sobre a estrada real para conter o inimigo, que se dirigio por ella: este regimento se portou com a maior honra, esperando o inimigo até ao alcance de baioneta, fazendo-lhe opportunissimo e aturado fogo, e soffrendo o do inimigo com a maior constancia.

Continuando pela nossa esquerda as columnas inimigas fiz formar uma segunda linha ás divisoes primeira e terceira, apoiadas na fralda e cume do cerro contiguo ao do Castello, donde soffrêraõ um cruel fogo de artilheria e fusilaria, sendo de toda a consideraçaõ o que da sua parte lhes oppozeraõ a primeira divisaõ e alguns batalhoens da terceira, pela mortandale que fazia no inimigo. Porêm nem isto nem um novo ataque de cavallaria, que ordenei, e commandáraõ o mesmo Zea, o coronel de Sant-Iago D. Manoel Cisternes e o tenente coronel de granadeiros de Fernando VII. D. Lino Orbina para desbaratar um dos corpos inimigos, que sustentado de outros se tinha adiantado mais, foi bastante, ainda que executado bisarramente, para detellas. O coronel de artilheria e commandante do parque D. Manoel Llano me pedio para acompanhar esta cavallaria, o que lhe concedi, e executou intrepidamente.

A multidaõ dos inimigos, que, segundo se soube depois, passava de 27.000 homens, lhes proporcionava o dobrarem a nossa linha, e assim o intentavaõ sempre pela esquerda; por cujo motivo e para lhes

inverter o plano, fiz que Giron baixasse com tres batalhoens a sitiar-se em um olival, e apenas o tinha verificado, quando appareceraõ tres vanguardas de columnas inimigas pela direcçaõ em que se achava o regimento de Ecija, que mandado pelo seu Coronel o Marquez de Las Cuevas del Becerro, se distinguio muito, sustentando-se com a maior firmeza e desordenando a columna mais proxima com um vivo e bem dirigido fogo.

Neste estado e conhecendo a necessidade de emprehender uma retirada, despachei o meu Ajudante de Campo Truxillo com ordem para que a segunda divisaõ, que estava entaõ menos mettida no perigo, viesse formar-se na retaguarda do exercito para o cobrir na sua marcha; e se por acaso ao atravessar a linha podesse ser morto ou ferido o meu ajudante, dei a mesma ordem ao brigadeiro D. Antonio de Rojas, que seguia o meu Estado maior. Vigodet cumprio a minha ordem e as minhas intençoens, com o maior sangue frio e acerto, sendo sempre perseguido, quando emprehendeo a sua retirada, pela infantaria, cavallaria e artilheria inimiga: teve diversos choques, em que as suas tropas se houveraõ sempre bem, distinguindo-se em um delles a companhia de granadeiros de Ronda, que recobrou uma peça tomada ja pelos inimigos e a deixou encravada: tudo isto mandado pelo tenente da mesma D. Antonio Espinosa. O voarem alguns carros de muniçoens sobre à direita desta divisaõ espantou a pouca cavallaria, que cobria a sua retaguarda: daqui resultou alguma desordem, e aproveitando-se della o inimigo ferio alguns soldados, e chegáraõ os seus dragoens até á vanguarda da mesma; porém foraõ rechaçados pelo fogo de fuzilaria feito com firmeza e uniaõ, no que teve muita parte o acreditado brigadeiro D. Francisco de Reyna, segundo commandante da mesma divisaõ.

Neste acto se deteve Vigodet, e ordenou que os commandantes de artilheria e engenheiros D. Joaõ de Molina e D. Euzebio Rodrigues, o capitaõ de sapadores D. Antonio Remon del Valle, e o sargento mór de infantaria de Guadix D. Antonio Falces reunissem varias partidas de cavallaria, que andavaõ dispersas, com o que alcançou ajuntar quasi 1.000 homens, que cobrissem a sua retaguarda. Por este modo, adiantadas outras divisoens, se dirigiraõ todas por diversos caminhos a Herencia para dalli continuarem até Manzanares, Membrilla e Solana sem que até esse ponto occorresse mais dispersaõ do que a occasianada pelos cançados e sequiosos, que, tendo de acudir á necessidade em um paiz taõ seco com poços distantes, se atrazavaõ

dos seus corpos. Porém achando-se os primeiros em Manzanares e outros nas suas vizinhanças, alguns cobardes soldados de cavallaria ou mal intencionados derramáraõ a voz de que os inimigos se tinhaõ adiantado pelo caminho do Valle de Penas a cortar a retirada, e esta infame voz, cujos authores se investigaõ para que soffraõ o digno castigo, motivou que as tropas se debandassem e que destrocassem em certo modo o brilhantismo com que se tinhaõ portado na batalha. Este incidente funesto e sensivel se tem já remediado, achando-se o exercito reforçado e reconcentrado nas posiçoens da serra, a que foi necessario acolher-se por naõ ser possivel que entre os póvos e paiz aberto da Mancha podesse recobrar a sua serenidade e conveniente ordem. Tudo está já conseguido, e os soldados desejaõ animosos nova occasiaõ para combater pela Patria.

Estou muito satisfeito da pericia e valor com que se comportáraõ em Almonacid todos os generaes e chefes tanto do meu estador maior, e reaes corpos de artilheria e engenheiros, que constantes a meu lado me auxiliariaõ com as suas luzes, como em geral das divisoens e corpos, que se portáraõ com o maior acerto e honra. A infanteria pelejou com a maior firmeza sendo poucos os corpos, de que se naõ possa fazer honrosa mençaõ.

A referida dispersaõ naõ permitte com tudo particularisar a V. Excellencia a perda que soffreo o nosso exercito, e só posso dizer que a primeira divisaõ teve 12 officiaes mortos, um dos quaes foi D. Vicente Martines, digno coronel do regimento de Hespanha, e 18 feridos, sendo proporcionada a perda da tropa. A segunda divisaõ teve 2 officiaes mortos e 3 feridos, e entre estes o digno coronel de dragoens de Granada D. Diogo Ballesteros, que tambem foi prisioneiro; outros 5 officiaes prisioneiros ou mortos; 23 sargentos, cabos e soldados mortos, 78 da mesma classe feridos e 237 mortos ou prisioneiros. As outras divisoens especificaraõ a sua perda, e farei mappa geral para conhecimento de V. Excellencia. A perda do inimigo foi muito mais consideravel, e por noticias alcançadas por diversas vias a fazem chegar a 8.000 entre mortos e feridos, contando-se entre os ultimos tres generaes, um dos quaes expirou 6 horas depois de entrar em Madrid.

Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Quartel-general da Carolina, 22 de Agosto de 1809.—Excellentissimo Senhor.—Francisco Venegas.—Excellentissimo Senhor D. Antonio Cornel.

Sevilha, 5 de Septembro.

Carta dirigida ao Commissario Amores, em que se refere

que os Patriotas ultimamente fizeraõ prisioneira a guarniçaõ da cidade de Haro.

" EXCELLENTISSIMO SENHOR! Hontem pelas sette da tarde veio aqui Dom Ignacio Alonzo, commummente chamado Cuibillas, Director da Companhia dos Exploradores, de Dom Joaõ Dias Poslier, e tambem um certo Dom Constantino, frade Bernardo do mosteiro de Honora, o qual foi surprendido, sendo acompanhado de outra partida de baixo das suas ordens. Ambos elles compunhaõ pelo menos 200 de cavallaria armados, que com os seus commandantes procedêram para o convento de S. Agostinho, depois de terem postado centinellas na entrada das ruas, e passagens do districto. Sem dilaçaõ elles pediraõ a entrega de todas as tropas Francezas, que estavaõ naquelle convento, e em breve tempo o tecto foi encendiado. Durante toda a noite seguinte áquelle dia e este dia, a acçaõ continuou com grande espirito, mas a destruiçaõ do fogo artificial, e o grande numero das forças Hespanholas obrigou o Official Francez a capitular, depor as armas, e a entregar os 43 homens, que commandava. O resultado foi, que n'um quarto de hora depois de entregues os Francezes, procederaõ como prisioneiros na direcçaõ de Naxera, e Logroño. O commandante Francez se conduzio com o maior valor, pelo que foi accumulado de comprimentos pelos Chefes Hespanhoes, e tractado com o respeito, que merece.

(Official).

Sevilha, 4 de Septembro.

Despachos, que o Brigadeiro General Marquez de Atalayuelas, Commandante Militar da Provincia de Cuenca, e parte de Castella, enviou ao Ministro da guerra.

" EXCELLENTISSIMO SENHOR! Eu tenho a satisfacçaõ de informar a vossa Excellencia, que, conforme ao que vos annunciei aos 18 deste mez, se me deo informaçaõ por

um espia das costas de Fuentedueña, e Villamanque, as quaes eraõ guardadas por bo, ou 70 Francezes em um Lugar, e perto de 50 n'outro. Ao receber esta noticia, sem tardar um momento, ordenei ás tropas, que passassem os vaos, para que o inimigo naõ conhecesse, e frustrasse os nossos designios. Tendo mandado, que a minha partida se formasse em tres divisoens, duas d'ellas attacáram ambos os pontos a um tempo, em quanto a outra ficava inactiva, mas prompta a reforçar qualquer d'ellas que fossé repelida, e a cortár a retirada do inimigo a travez do rio. Assim disposto, fes-se o attaque, e agora recebo os particulares de D. Leandro Antonio Garcia, datados de Nelichon, em que me informa, que elle destroçou a partida em Fuentedueña, e fez do total prisioneiros, com um official. Nos tivemos somente doze cavallos feridos, postó que o inimigo tivesse nove homens mortos, e tres feridos; e o negocio se executasse sem o soccorro das tropas de D. Jozé Philipe Mongudo.

" Na mesma hora, e do mesmo lugar, eu tenho outra communicaçaõ de D. Affonso Octavio, que attacou 300 homens na villa de Maurique, e fez 61 prisioneiros.

" O total dos mortos, feridos, e prisioneiros monta á tres officiaes, um cadete, e mais de 100 homens; tenho agora pre-enchido o designio que formei na minha retirada de———

" Vos tereis a bondade de aprezentar este despacho a Sua Magestade, e informalla tambem que tenho tençaõ de partir com os prisioneiros para a vossa corte. Deus vos guarde, &c.

(Assignado) MARQUES DE LAS ATALAYUELAS.

Cuenca, 23 de Agosto.

Sevilha, 7 de Septembro.

Despacho da Jùncta de Placencia, datado de 16 de Agosto, de uma parrochia d'aquelle destricto.

" EXCELLENTISSIMO SÉNHOR! Aos 11 do corrente, communiquei a vossa Excellencia as occurrencias, taes como tiveraõ Lugar relativamente ás operaçoens do inimigo. Desde entaõ, so somos informados, que a maior parte do seu exercito fica em Placencia, e que, d'ali, numerosas partidas saõ destacadas a saquear, e a devastar os lugares vizinhos. D'ali nós vimos, por tres dias, uma conflagraçaõ em Serradilla, onde elles queimáram alguns celleiros, productos, e curraes, quasi 80. cazas, e entre ellas um convento de freiras. Matáram um grande numero de pessoas, e mesmo os animaes, que encontráram no caminho, deixando o paiz reduzido a ultima ruina. Referio-se tambem, que os seguintes lugares foraõ queimados, alem de outros; Pasanon, Arroyo, Molenos, el Barrado, Garganta, La Olla, Taxada, Richobos, Malpartida, e La Oliva. Elles registraõ com o maior cuidado os pequenos acampamentos, que fazem nos desfiladeiros, e sobre as montanhas; e naõ contentes com roubarem por toda a parte, na sua brutalidade feroz, atiraõ sobre pessoas indefezas, e mátam toda a creatura, que cahe nas suas maõs. Como Salteadores, despojaõ o viajante da sua propriedade. Juncto a Serradello ataraõ de maõs, e péz, e roubaraõ 11 almocreves, os quaes depois assassinaram. Taes saõ as mostras de valor, e taes os effeitos horriveis da policia destruidora do cruel heroe. Parece que o director de taes mortandades he o seu Marechal Imperial o Duque de Dalmacia, em cujo nome nós vimos hontem uma ordem, que foi enviada á cidade de Coria pelo Commissario Le Noble, para que á 14, 16, e 18 do corrente se mandassem a Placentia, aos armazens militares, uma quantidade de provisoens, e outros artigos, que iam particularmente

circumstanciados, e entre estes uma arroba de Quina. Esta requisiçaõ naõ foi feita sem o agradavel acompanhamento das ameaças usuaes em caso de desobediencia. Achamos tambem, que hontem veio o inimigo examinar çom grande attençaõ a ponte de Cardinal, que tinha sido quebrada, e mandou buscar madeira a cidade real de S. Carlos afim de a reparar. A Juncta deo immediata informaçaõ destas circumstancias aos Generaes do nosso exercito, e determináram, que se empregassem exploradores da cidade de Torrejon para espreitar os movimentos do inimigo."

Madrid, 26 *de Septembro.* O Ministro do Interior dirigio aos Directores das livrarias publicas uma ordem, que em substancia se reduz ao seguinte.

" Como se naõ deve fazer caso das prohibiçoens arbitrarias do extincto tribunal da Inquisiçaõ, que tem sido taõ fatal aos progressos de civilizaçaõ, conhecimentos, &c. vós observareis a seguintes regras."

" ART. I. Naõ se fará uso algum do index ou catalogo de livros prohibidos pelo extincto tribunal da Inquisiçaõ."

" ART. II. Os unicos livros que se naõ devem publicar saõ aquelles em que se attaca directamente a religiaõ do Estado ou o Governo : as obras obscenas que corrompem e estrágam a moral: as que contem maximas de impiedade e libertinismo : e ultimamente as que recommendam a practica de devoçoens supersticiosas."

Napoles.

Joachim Napoleaõ Rey das duas Sicilias, &c. Considerando que os motivos que induzîram o nosso illustre predecessor a supprimir certas ordens religiosas, pela lei de 13 de Outubro, de 1807, ainda tem a mesma força relativamente ás instituiçoens religiosas, que existem.— Considerando que a suppressaõ destas ordens he medida que imperiosamente exigem as presentes circumstancias,

e que deve operar naõ somente sem prejuizo dos individuos que as compoem, mas ainda melhorando a sua condiçaõ, concedendo-lhes a maior pensaõ que permittirem as finanças do Estado, e proporcional á propriedade, que os bens nacionaes adquirirem com essa suppressaõ.—Em consequencia do relatorio dos nossos Ministros do Culto, de Justiça, e de Finanças, temos decretado, e decretamos o seguinte.

Em todo o nosso Reyno ficam supprimidas as seguintes ordens religiosas.—Os Dominicanos, e todos os frades originados desta ordem. Os Menores da terceira ordem de S. Francisco. Os Minimos. As duas Ordens Carmelitanas. Os Irmaõs de S. Pedro de Pisa. Os Servitas. Os Irmaõs de S. Joaõ de Deus. Os Trinitarios das Merces Hespanhoes e Italianos. Os Agostinhos. Os Silvestreanos. Os Basilicos. Os Theatinos. Os Minoritas Regulares. Os Cruciferos. Os Clerigos da Mãy de Deus. Os Bamalitas. Os Samaschianos. Os Padres de S. Roque.

Russia.

Ao Governador Civil de Livonia, e Conselheiro effectivo de Estado, Repiel.

Aos 5 deste mez se concluio um tractado de eterna paz e amizade, entre a Russia e Suecia, assignado em Fredericksham pelo nosso Ministro Plenipotenciario, o Conde de Romanzow, e pelo Baraõ Stedink da parte de Suecia.

Todas as proposiçoens que fizemos, relativamente á dicta paz, fôram aceitas, e a incorporaçaõ do Gram Ducado de Finlandia com o Imperio Russiano foi confirmada. Formam a fronteira dos Estados a Cidade de Torneo, e o rio do mesmo nome.

Assim se concluio uma guerra, cujos acontecimentos varios tem cuberto de immortal gloria aos exercitos Russianos; e cuja terminaçaõ tem addido ao Imperio Russiano um paiz habitado por povos industriosos, celebres

pelos seus progressos na agricultura, seus mercados, fortificaçoens importantes; e fortaleza de Sweaborg, que tem augmentado, e segurado para sempre as fronteiras do nosso paiz natal, por aquella parte.

Em quanto offerecemos as nossas acçoens de graças ao Ente Divino, que foi servido favorecer a Russia, e coroar as suas armas com o bom successo, nos damos pressa a participar-vos este feliz acontecimento, sentindo-nos perfeitamente satisfeitos com que todos os nossos fieis subditos se unam com nosco em dar graças ao Altissimo, pela feliz conclusaõ da taõ desejada paz.

Quanto ao resto, despois das ratificaçoens serem trocadas se fará o tractado de paz publico, em um distincto manifesto.

Fico sendo Vosso affeicoado, &c.
S. Petersburgo, (*Assignado*) ALEXANDRE.
Sept. 7, 1809.

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

America Hespanhola.

A p. 393 deste numero dêmos uma proclamaçaõ do Governador de Buenos Aires, em que se póde ver quaes éram as ideas da Suprema Juncta de Sevilha, relativamente ás colonias Americanas. Depois recebemos gazetas de CARACAS, e na de 28 de Maio passado vem uma carta official do Secretario da Juncta Suprema D. MARTIN GARAY, ao Governador de Caracas: em que D. Martin faz mençaõ de uma carta escripta pelo GENERAL MIRANDA á Camara de Caracas, e depois de invectivar muito contra os sentimentos do General diz; que mandára aos embaixadores Hespanhoes em Londres, que fizessem ao governo Inglez uma queixa formal deste sujeito.

Nos teremos occasiaõ de publicar para o futuro naõ só ésta carta por inteiro, mas as outras aque ella se refere; por serem documentos mui essenciaes á historia do novo Mundo. Por ora contentamo-nos com dizer; que a carta do general Miranda, para os habitantes de Caracas, tinha por fim o recommendar-lhes o estabelicimento de algum governo provisional para se oppor á usurpaçaõ dos Francezes.

O General Miranda um natural de Caracas, residente em Londres, assim obrava, quando em Hespanha, mesmo alguns dos que agora figuram com a Juncta, estávam em Madrid acclamando rey de Hespanha e das Indias a José Bonaparte. A confusaõ das ideas politicas ou de D. Martin, ou de quem quer que noteu aquella carta, he conspicua em dizer elle; que se queixaraõ do general ao Governo Inglez, quando o general de acórdo com éste governo tratava de salvar a sua Patria das maõs dos Francezes; ¿quem se lembraria de chamar a este acto crime em Londres? se D. Martin lhe chamasse crime, em Paris, seria melhor attendido. Como este sugeito continua ainda a ser em Londres o advogado dos Hispano-Americanos, he de esperar, que na crise actual sêjaõ naõ so efficazes, mas summamente importantes, os serviços que elle fará ao seu paiz: a pezar da imbecilidade daquelles que tinham mais obrigaçaõ, e meios de se aproveitar das circumstancias.

Austria.

Chegou por fim o termo da ruina desta antiga monarchia. O infeliz armisticio de Znaim despois da batalha de Wagram abrio a porta ás negociaçoens, que findáram pela humiliaçaõ do Imperador Francisco. Nos nunca duvidamos que a Austria éra capaz de pôr em campo, um numero de tropas sufficiente para arrostar os Francezes; principalmente quando se considera a vastidaõ de suas milicias de Landwehr: mas ¿quereria essa Landwehr brigar, para deffender os interesses da caza d'Austria? Quem offerecia mais vantagens aos povos ¿ os Francezes, ou o Gabinete Austriaco? A resposta a estas perguntas conteriam a decizaõ do que deveria resultar da campanha; mas quanto á força numerica naõ podia haver duvida.

França.

A carta de Champagny ao Ministro Americano, que publicamos a p. 409 contem uma especie de recapitulaçaõ dos argumentos, que os Francezes tem produzido, para justificar a sua atroz conducta em atacar todas as naçoens do mundo; para fazer mal á Inglaterra, com quem estaõ em guerra. Este manifesto, alias bem escripto, só tem um defeito; e he, naõ conter uma palavra que seja verdadeira. Diz elle, que a França reconhece o principio de que a bandeira protege a carga; isto seria uma theoria mui agradavel ao Governo Francez; porque naõ tendo marinha da guerra, faria o seu commercio em navios neutraes; mas ainda que este principio fosse admittido por In-

glaterra ¿ como seria elle respeitado pelos mesmos Francezes? Do mesmo modo que respeitam os direitos soberanos das naçoens independentes: exemplo Portugal, Roma, Hespanha, &c. &c. &c. Querem os Francezes que um navio mercante, com passaportes de seu governo, seja considerado como uma colonia fluctuante; nisto naõ convem Watel, nem Grotio; mas conviria muito aos Francezes em sua desmedida ambiçaõ de governar o Mundo. Diz Champagny, que os mares naõ pertencem a ninguem; he verdade; e por isso mesmo tem os Inglezes o direito de se apoderar, no mar alto, dos bens de seus inimigos, ainda que abordo de um navio neutral. A historia dos regulamentos de guerra sobre o Commercio dos Neutraes he pervertida, neste papel, a um ponto de falsidade incrivel: os Francezes inventando um principo de direito das gentes nunca dantes admittido, declaráram bloqueadas todas as ilhas Britanicas; e por consequencia sugeitáram a captura qualquer vaso neutral que intentasse entrar em algum porto Britanico. A Inglaterra esperou um anno, a ver se as naçoens neutraes se resentiam desta injustiça, e vendo que o naõ faziam, retorquio áquelle decreto de bloqueio geral, declarando, por forma de represalias, que naõ deixaria entrar nos portos Francezes neutral algum, sem que primeiro tivesse tocado em portos de Inglaterra ¿ quem he logo o aggressor senaõ o Governo Francez? Se alguma d'estas naçoens podia declarar a outra em bloqueio he a Inglaterra, que tem effectivamente uma esquadra de mil vasos capaz de formar um cordaõ de bloqueio a todos os portos Francezes; mas a Inglaterra naõ fez isto; contentou-se com retorquir á prohibiçaõ dos Francezes declarando, que so deixaria entrar em seus portos os neutros, que houvessem tocado em Inglaterra; quando a França, incapaz de mandar ao mar outra cousa que naõ seja algum corsario, declara um bloqueio geral á Inglaterra, Taes saõ os raciocinios dos politicos Francezes!—

Nos publicamos aqui um acrostico, que nos foi communicado, por pessoa que bem conhece o objecto de sua censura e julgamos que este *jeux d'esprit* naõ será desagradavel senaõ aos apoaixonados do Usurpador, cujo nome e titulos mostram as iniciaes das palavras seguintes.

Nationibus Auctoritatem, Principibus Obedientiam, Libertatem Ecclesiæ, Omnimodo Negabit.
Bona Usurpabit Omnium, Neutrorum Aurum, Populorum Argentum Rapiet; Tyrannus Execrandus!
In Machiavello Precipue Eruditus Regnandi Aviditate Totum Orbem Reges
& Romanam Ecclesiam Xcrucciabit.

N. B. Esta mesma definiçaõ lhe poderá servir de epitaphio, mudando-lhe os futuros para preteritos. Os seus aduladores Francezes (sem atormentar o seu espirito servil) aqui acharaõ o epitaphio que convem ao idolo de que elles saõ escravos e satelites.

Hespanha.

As noticias militares deste paiz saõ de muita consolaçaõ; porque alem de Gerona ter sido soccorrida, o esperito militar da naçaõ parece augmentar em vez de diminuir, como dizem os Francezes. Naõ he porém igual a nossa satisfaçaõ, quando contemplamos os regulamentos civis da Hespanha. A Juncta Central começou a decahir de de sua popularidade; 1.° por sua falta de energia, 2.° pela sua demora em ajunctar as Cortes, instituiçaõ popular, que agradaria a todos os Hespanhoes; 3.° em naõ fomentar a introducçaõ de certos melhoramentos que todos esperávam. A Juncta pensou que se livrava destas accusaçoens impondo novas restricçoens á liberdade da imprensa; e particularmente probibindo o *Semanario Patriotico*, o melhor Periodico, que se imprimia em Sevilha. Esta medida teve o effeito que prognosticáram os membros mais illustrados da mesma Juncta, como he Calvo, e outros; e foi; o originar um grito, quasi universal, para a aboliçaõ da Juncta; e diz-se, que se vai a crear uma Regencia. Com effeito esta desapprovaçaõ da conducta da Juncta naõ he simplesmente uma noçaõ insensata da populaça; porque até foi ja expressa em uma representaçaõ do Conselho de Castella, que publicaremos no numero seguinte. Estas dissensoens saõ muito para lamentar na crise actual, mas se for elleito Regente, como se diz, o Arcebispo de Toledo, esperamos que elle, chamando as Cortes, e fazendo a bem dos povos o que todo o mundo deseja, dará a ésta guerra o character popular que ella deve ter.

Inglaterra.

Rendas Publicas. Temos a grande satisfaçaõ de poder asseverar que o excedente do Fundo-Consolidado, no quartel que acabou a 10 de Outubro, 1809, foi maior do que em nenhum outro quartel desde que se estabelecco aquelle fundo, pois chega á somma de 3:100.000 de libras esterlinas. O seguinte he um abstracto desta conta, comparada com a do quartel correspondente no anno passado.

	1808.	1809.
Rendimento	£ 9:062.117.	£ 9:845.300.
Despeza	6:347.587.	6:700.000.
Excedente	2:714,630.	3:145.300.

Alem disto as contribuiçoens de guerra produziram o quartel passado 6:688.627; o que he 285.000 libras mais do que o seu montante no quartel que acabou em 10 de Outubro de 1808.

A mudança de Ministerio, neste paiz, e as disputas particulares de alguns membros do gabinete, principalmente Lord Castlereagh, e Mr. Canning; saõ objectos de summa ponderaçaõ pelas importantes consequencias, que bem depressa se faraõ sensiveis a toda a Europa. Ainda que a dissensaõ entre aquelles dous sugeitos existisse ja muito antes de haver o negocio rompido, e terem um duelo, em que Mr. Canning ficou ferido em uma coxa, com tudo a explosaõ arrebentou pelas seguintes declaraçoens.

Carta do Lord Castlereagh a Mr. Canning.

Praça de St. Jaimes, 19 de Sept. 1809.

Senhor! Seria inutil referir por menor as circumstancias, que precedèram as resignaçoens que acabam de succeder. Basta-me, para o objecto immediato desta carta, dizer; que se havia agitado a proposiçaõ de me tirar a Repartiçaõ da guerra, sem que tal cousa se me participasse: e que, cerca do fim da Sessaõ passada do Parlamento se pedio, com instancia, uma decisaõ sobre ésta questaõ, offereçendo vós a alternativa de vos retirareis do governo; e obtivesteis do duque de Portland uma promessa positiva (cuja execuçaõ vós ao depois julgasteis que tinheis direito a reclamar) de que se effectuaria a minha demissaõ. A pezar desta promessa, pela qual acho havereis vôs pronunciado, que naõ éra conveniente, que eu continuasse a ficar encarregado da conducta da guerra; e em consequencia da qual a minha situaçaõ, como ministro da coroa, dependia da vossa vontade e e arbitrio, vós continuasteis a assentar-vos comigo no Gabinete, e naõ somente me deixasteis na persuaçaõ de que eu possuia a vossa confiança e apoio, como meu collega; porém, ainda mais, desprezando os principios de boa fé, taõto publica como particular, sabendo vós que eu estava virtualmente despedido, me deixasteis propor e executar uma nova empreza, da mais difficil e importante natureza, dando a ella, apparentemente, o vosso apoio, e approvagaõ externa.

Vós conheceis perfeitamente que, se me tivesse sido revelada a mi-

nha situaçaõ; eu naõ me houvera sugeitado a ficar, um so instante, no meu lugar, sem faltar absolutamente á minha honra pessoal, e dever publico. Vos sabieis que eu estava enganado, e continuasteis a enganar-me.

Conheço que se poderá dizer, e estou prompto a convir nisso, que, quando vós insististeis em que se decidisse a minha demissaõ; taõbem instasteis para que se me desse parte disso; e que o duque de Portland e alguns membros do governo, que se julgavam meus amigos, se oppuzéram a isso. Mas naõ posso jamais admittir que vos tinheis o direito de alegar uma razaõ similhante, para justificar uma acçaõ, que diz respeito a minha honra, nem que os sentimentos de outrem pudessem justificar a vossa acquiescencia a similhante engano, depois de havereis vos mesmo reconhecido, que éra um acto desleal. Tambem naõ posso admittir, que o chefe de uma administraçaõ qualquer, nem algum supposto amigo (quaesquer que sejam os seus motivos) pode authorizar a ninguem, ou approvar um curso de enganos taõ longo, e bem sustentado; porque se se admittisse um tal principio, a minha honra, e a minha reputaçaõ, ficariam, desde entaõ, á descripçaõ de pessoas, sem authoridade, e que vos sabieis que naõ tinham authoridade de obrar por mim em tal caso. Saõ logo as vossas acçoens, e a vossa conducta, que me enganáram, e me he impossivel estar colocado por vos em uma situaçaõ aque nenhum homem de honra se poderia, submetter, se a soubesse, e na qual elle naõ soffreria pacientemente, que o puzessem por traiçaõ, sem perder a sua reputaçaõ.

Naõ tenho nenhum direito, como homem publico de me queixar, porque vos havieis pedido, com motivos de natureza publica, a minha demissaõ do emprego particular, que eu occupava, ou ainda da administraçaõ, como condiçaõ sem a qual vos naõ quereríeis continuar a ser membro do Governo; mas certissimamente tenho o direito de esperar, que uma proposiçaõ mui justa em si mesma, naõ será posta em execuçaõ de uma maneira injusta, e á custa da minha honra, e da minha reputaçaõ. E acho que vos ereis obrigado, pelo menos, a aproveitar-vos da dicta alternativa; isto he offerecer a vossa demissaõ; para naõ ficar no caso de practicar a meu respeito este engano, de que usasteis requerendo a minha demissaõ.

Nestas circumstancias sou obrigado a pedir-vos a satisfacçaõ, que me julgo com direito de receber

Sou, &c.

(*Assignado*) CASTLEREAGH.

Ao muito Honrado George Canning, &c.

Resposta.

Gloucester Lodge, 20 Sept. 1809.

My Lord! O tom e conteudo da carta de V. S., que recebo nesta instante, me impedem o dar nenhuma outra resposta ás mas inteligencias e representaçoens mal fundadas de que ella abunda, senaõ; que darei com prazer a V. S. a satisfaçaõ que exige.

Sou, &c.

(Assignado) George Canning.

Ao Lord Visconde Castlereagh.

A 25 de Outubro entrou El Rey George III. de Inglaterra nos 50 annos de seu feliz reynado; e como este successo so aconteceo duas vezes desde que se estabeleceo a monarchia Ingleza; quiz o povo voluntariamente dar uma prova de sua lealdade celebrando por todo o reyno este dia, como dia de jubileo. As differentes corporaçoens déram muitos banquetes; os particulares illuminâram as suas casas; abriram-se subscripçoens voluntarias para libertar os prezos por dividas; e dar de comer ás pessoas necessitadas; cantáram-se hymnos da acçaõ de graças em todas as Igrejas; em fim esta demonstraçaõ espontanea dos subditos deve ser taõ agradavel ao bom Monarcha, quanto a satisfaçaõ do seu excellente governo he geral em todos os individuos. Naõ cabe nos limites deste papel descrever as particularidades desta funçaõ verdadeiramente nacional; mas daremos aqui a carta pastoral do Bispo Catholico do districto de Londres, o qual posto sêja de communhaõ differente da do Monarcha, roga a Deus pela prosperidade de um reynado, durante o qual os Catholicos Romanos tem gozado em Inglaterra tal gráo de tolerancia, que nunca obtivéram nos reynados anteriores. El Rey, protegendo igualmente todos os seus subditos contra a perseguiçaõ dos fanaticos e intolerantes, homens que pervertem e desgraçam todas as Religioens do Mundo, tem mostrado que elle naõ he o Rey de um partido, mas o Soberano de todos os seus subditos. Nos igualmente aproveitamos ésta occasiaõ de mostrar o nosso agradecimento a este Soberano, debaixo de cuja benigna protecçaõ temos a felicidade de gozar da nossa liberdade pessoal, e dos bens que procuramos com a nossa industria á sombra das sabias, e respeitaveis leis da Inglaterra. Queira a Divina Misericordia prosperar e dilatar seus preciosos dias. He o nosso mais sincero voto.

Pastoral.

A todos os fieis do Districto de Londres.

AMADOS IRMAÕS! O Todo Poderoso Senhor Deus, por quem os Reys reynam (Prov. iii. 15.) foi servido, por sua misericordia, prolongar o reynado de nosso amado Monarcha, em quanto nas revoluçoens de outros Imperios e Reynos tem acontecido terriveis catastrophes. Nestas mais venturosas ilhas nós temos gozado à invejada segurança em nossas casas, em quanto, n'outros paizes, todas as cousas, sagradas e profanas, altares, e thronos, tem sido precipitadas em um montaõ commum de ruinas. Quando olhamos para o passado, e contemplamos todas éstas bençaõs, e as muitas oppressivas restricçoens de que os catholicos tem sido libertados sob o reynado de S. M. reynante, devemos reconhecer que a gratidaõ, e as acçoens de graças, saõ a menor retribuiçaõ que podemos fazer.— Por ésta razaõ, amados Irmaõs, unamo-nos em hymnos de louvor, e jubileo ao Soberano Arbitro de todos os acontecimentos, e roguemos-lhe que prolongue os dias do nosso amado Soberano; que dê sabedoria aos seus Conselhos, e vigor á sua fortaleza, e que outra vez abençoe o paiz com a paz. Pelo que, amados Irmaõs, encarrecidamente vos exortamos a que vos ajuncteis ao redor de vossos pastores, para offerecer acçoens de graças, e oraçoens, no dia quarta feira, 25 do corrente. E consequentemente he ordenado a todos os Padres, que tem a cura de rebanhos, ou que officiam como taes; que, ao depois de cantada ou rezada a missa daquelle dia, recitem ou cantem, e façam recitar ou cantar o psalmo "Exaudiat," com o versiculo "Domine salvum faz Regem," e a Oraçaõ "Pro Rege, Quæsumus Omnipotens Deus."

Por ordem de JOAÕ, Bispo de Centuriæ. V. A. L.

JOSEPH HODGSON. V. G.

Portugal.

O numero dos Governadores do Reyno foi diminuido havendo o Principe Regente dispensado os serviços de D. Francisco Xavier de Noronha, e Francisco da Cunha e Menezes, no que diz respeito ao governo do reyno. O primeiro porém ficou continuando na presidencia da Meza da Consciencia e Ordens, e o segundo na presidencia do Dezembargo do Paço. Os Membros que restam saõ o Marquez das Minas o Monteiro Mor de Reyno, e o Patriacha Eleito de Lisboa, (Bispo do Porto.) Estes sugeitos gozam a confiança da naçaõ, e tem o credito de serem bem intencionados; assim foi ésta alteraçaõ geralmente approvada; e nós nos alegramos de vêr, que nesta escolha se attendeo á vós publica: Tambem se diz, que Lord Wellington fôra nomeado pelo Principe Regente Chefe do Governo, tanto civil como militar. As nossas cartas de Lisboa vem somente até 10 de Outubro, dia em que Lord Wellington chegou a Lisboa, vindo do exercito que deixára em Badajos; as gazetas que recebemos chegam a 11 de Outubro; mas tanto as cartas como as gazetas naõ nos referem uma só palavra sobre estes novos cargos, que se diz fôram conferidos a Lord Wellington.

Suecia.

Esta naçaõ fez a sua paz com a Russia, mais ainda se naõ fez publico o tractado; o que se sabe he que foi cedido á Russia o importante territorio que fica ao Leste do golpho de Bothnia com a importante fortaleza de Sweaborg. Alem disso a condiçaõ (impreterivel para ter amizade com a França) de fecharos seus postos á Inglaterra. A insignificancia de Suecia, confinando agora com a Russia pelo rio Tornea, reduz esta naçaõ a ponto de que a devemos suppor riscada da lista das naçoens Soberanas ou independentes.

Brazil.

Nos tivemos ja occasiaõ de observar, sobre a necessidade que ha de de uma reforma immediata no governo das provincias do Brazil; a conducta do governador da Maranhaõ D. Francisco de Mello Manuel da Camara, que nos deo motivo aquellas observaçoens; agora o mesmo governador fez que viesse ter com nosco aqui a Londres um caso, em que naõ podemos deixar de fallar. O Juiz de Fora do Maranhaõ foi prezo por aquelle desposta; e depois de acompanhar ésta vio-

encia com infinitos absurdos e illegalidades; attreve-se o Governador a mandar para Inglaterra o seu prezo remettendo-o ao ministro de S. A. em Londres, para que o enviasse ao Rio de Janeiro. Se naõ fosse a obediencia da quelle Juiz de Fora, em se submetter voluntariamente a ésta disposiçaõ e a prudencia do ministro de S. A. aqui em manejar o negocio por bem; teria aquelle governador envolvido a naçaõ Portugueza na scena mais ridicula, qual éra o exercitar um governador de negros do Brazil jurisdicçaõ criminal em um reyno estrangeiro. O tribunal de *King's Bench* aqui teria concedido immediatamente o *writt de Habeas Corpus* a favor do preso, e o escandalo que dessa transacçaõ se seguiria, havia ser da maior confusaõ e vergonha ao nome Portuguez, por toda a Inglaterra. Taes saõ as consequencias de confiar o governo dos povos nas maõs de um governador absoluto, e esse tirado de uma classe de pessoas, que de sua profissaõ naõ conhece mais lei que a da força. Os militares saõ taõ improprios para governar os povos, quanto lhes he applicavel a maxima daquelle máo Francez: *le droit que nous connaissons est le droit du canon.*

Do Brazil naõ temos outra cousa de novo senaõ que se nomeou um Intendente Geral para Cayena e Goyana Franceza, hoje um appendiculo do Brazil. O Magistrado nomeado para este lugar he o Dr. João Severiano Maciel da Costa; e se nós fossemos de opiniaõ, que seria alguma vez prudente conferir poderes taes, quaes elle tem de gozar em seu novo emprego, seria a este sugeito aquem por suas luzes, e boa moral diriamos que deviam competir. Mas bem longe de tal pensarmos julgamos, que nem os 800 homens que o acompanharaõ para á nova colonia, em reforço da guarniçaõ que lá se acha, nem a reuniaõ em sua pessoa de poderes civis, criminaes, e de fazenda poderaõ produzir outro effeito no espirito dos novos subditos, senaõ o desejo constante de volver a alguma dominaçaõ menos arbitraria

Como nos estamos na hypothese de que existe no Brazil a mesma combinaçaõ de homens, que por uma serie de medidas oppostas aos interesses do Soberano e da naçaõ dispuzeram as cousas de maneira que esteve o Reyno a ponto de ser a preza dos inimigos sem que se tomassem a esse respeito precauçoens algumas, todas as vezes que observamos medidas menos justas, ou impoliticas, no Brazil, a esse partido as attribuimos; e sem duvida em vez de um reforço de 800 homens para a guarniçaõ da nova colonia, deveriam ir 800 decretos em que se adoptassem 800 medidas calculadas a promover a industria, favorecer a liberdade do commercio, fomentar a instrucçaõ e as artes, conservar as instituiçoens saudaveis, proteger os direitos dos individuos, &c. &c. estes sim que saõ grilhoens com que se prende um povo

a seu governo, de maneira que ninguem de fora os pode romper; e ninguem de casa os deseja quebrar.

Os que promoven no Brazil as medidas que nós naõ approvamos, e que saõ justamente o que se denomina o partido Francez, quando forem convencidos por alguma terrivel evidencia phisica de sua má politica, responderaõ o mesmo que disséram ja a respeito do que succedeo sobre as negociaçoens com a França, antes da partida da familia Real para o Brazil; isto he: "enganamo-nos; naõ subiamos disso." Mas concedendo, por argumento, que a ignorancia foi a causa de seus máo conselhos; essa ignorancia he taõ crassa, que seria mais que sufficiente razaõ para similhantes homens nunca serem ouvidos nos negocios publicos do Brazil. A 27 de Outnbro de 1807, e assignava em Fontainebleau um tractado, em virtude do qual convinha o Imperador dos Francezes, e o Rey de Hespanha na partiçaõ do Reyno de Portugal (vide Corr. Braz. vol. i, p. 431.) A corte de Lisboa tinha em Paris um Ministro, o qual veio a esse mesmo tempo a Lisboa, e com lagrimas de falsario intentou persuadir ao Monarcha, que naõ deixasse a sua residencia, antes permittisse aos Francezes executar o seu plano. A 24 de Novembro seguinte fez-se conselho de Estado em Lisboa, onde foi resolvida a partida da familia Real para o Brazil; e naõ podia deixar de adoptar-se ésta resoluçaõ; porque as tropas inimigas tinham ja entrado o reyno e continuavam sua marcha; o escandalo éra universal; e assentam aquelles Ministros que ficam desculpados com dizer que estavam ignorantes do que se passava no Mundo Se a sua imbecilidade he taõ crassa como isto ¿ saõ estes os homens que o Soberano deva ja mais ouvir como Conselheiros?

Nos voltaremos outra yez a este importante artigo; por ora concluiremos com dizer, que só homens vendidos aos Francezes poderaõ, em tempos comos os nossos aconselhar outros meios ao Soberano de manter os seus justos direitos, mais do que a propagaçaõ das sciencias, a promoçaõ das artes; e a protecçaõ dos direitos dos povos, e da felecidade geral da naçaõ; o mais he tractar directamente de arruinar a confiança do governo, fazendo-o adoptar medidas odiosas aos homens bem pensantes, que saõ os que em toda a parte do mundo dirigem a opiniaõ publica

CORRESPONDENCIA.

Em uma das gazetas Francezas, que se imprimem nesta Cidade, appareceo um artigo mui disparatado; ou antes um tecido de grosseiras calumnias contra o Redactor desta obra. Elle desejára ser informado se o fullano *Correa*, que se assigna, e descreve como Encarregado-de-negocios na Succia, e viajando por causa de sua saude, he pessoa de alguma entidade, ou se he um louco que esteve algum tempo em Succia como encarregado de negocios, á quem a Corte de Portugal, a requerimento do Governo Sueco apeou da quelle lugar, pela sua conhecida incapacidade, e que agora se acha Londres reduzido a fazer o papel de caturra para subsistir. Se o author daquelle artigo fosse realmente pessoa de seriedade, que tivesse o mesmo nome (o que naõ suppomos) dariamos uma resposta réria; mas a ser o mentecapto a que alludimos como he provavel, compadecemo-nos sinceramente do seu estado de loucura; e lamentamos ao mesmo tempo; que o respeitavel editor daquelle papel fosse enganado ao ponto de manchar as suas paginas com os delirios de uma infeliz creatura, de quem se serve o despresivel agente, que aqui maneja os interesses do partido Francez no Brazil.

CORREIO BRAZILIENSE

DE NOVEMBRO, 1809.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra la chegára.
CAMOENS, C. VII. e. 14.

POLITICA.

Collecçaõ de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

EU o Principe Regente Faço saber aos que o presente Alvará com força de lei virem, que merecendo a Minha Real consideraçaõ, e estima os meus fieis vassallos habitadores do lugar do Olhaõ no reyno do Algarve pelo patriotismo, amor, e lealdade, com que no dia dezeseis de Junho do corrente anno se deliberáram com heroico valor, e intrepidez mui propria da valorosa, e sempre leal Naçaõ Portugueza a sacudir o pezado, e intoleravel jugo Francez, com que se viaõ opprimidos, e vexados, dando o signal da Restauraçaõ da sua liberdade, tyrannizada com factos injustos, e violencias insoffriveis, rompendo em vivas á Minha Augusta Pessoa, e a toda a Real Familia, arvorando a bandeira Portugueza, e propondo-se a sustentar com as armas na maõ, e á custa do seu sangue a Causa da Religiaõ, e do Throno, com tanta perfidia invadido: e querendo eu dar um testemunho de quaõ bem acceitos por mim fôram estes relevantes serviços, praticados com tanto brio, honra, e valor, que foraõ o primeiro signal para se restaurar a monarquia, de que se tinha apoderado o inimi-

go ,commum da tranquilidade da Europa, com manifesta usurpaçaõ, e ultraje dos meus Reaes direitos, e da Augusta, e Real Familia; e ao mesmo tempo distinguir entre os presentes, e vindouros o referido lugar do Olhaõ, e seus habitantes: hei por bem, e me praz erigillo em villa; e ordenar, que da publicaçaõ deste em diante se denomine villa do Olhaõ da restauraçaõ; e que tenha, e goze de todos os privilegios, liberdades, franquezas, honras, e isençoens, de que gózam as villas mais notaveis do reino, e permitto outrosim, que os habitadores della usem de uma medalha, na qual esteja gravada a letra—O—com a legenda—Viva a restauraçaõ, e o Principe Regente Nosso Senhor.

Pelo que; mando á Meza do desembargo do Paço, e da Consciencia e Ordens; presidente do meu real erario; Regedor da casa da supplicaçaõ; e a todos os tribunaes, e ministros, a que o seu conhecimentos pertencer, o cumpraõ, e façam cumprir, como nelle se contem, naõ obstante quaesquer leis, alvarás, regimentos, decretos, ou ordens em contrario, porque todos, e todas hei por derogadas para esse efféito sómente, como se delles fizesse expressa e individual mençaõ, ficando alias sempre em seu vigor: E este valerá como carta passada pela Chancellaria, ainda que por ella náõ ha de passar, e que o seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da Ordenaçaõ em contrario: registando-se em todos os lugares, onde se costumaõ registar semelhantes alvarás. Dado no Palacio do Rio de Janeiro em quinze de Novembro de mil oitocentos e oito. PRINCIPE.

ORDEM.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, Commandante em Chefe do Exercito, observando que na mesma occasiaõ, em que se marcha contra o inimigo, a deserçaõ continua a ser frequente nos soldados do

exercito, o que faz bem evidente a falta de honra, e patriotismo, e grande desprezo do juramento de fidelidade dado ao soberano, desprezo que offende gravissimamente a religiaõ, tem deliberado fazer um exemplo, tanto para evitar as perniciosas consequencias da deserçaõ, como para que a promessa feita ao soberano no juramento tenha a consideraçaõ devida, e para conservar illeso o respeito que se deve tributar á religiaõ, mandando que um dos dois desertores do regimento de infanteria nûmero sete, cujas circumstancias o favorecem menos, seja arcabuzado, e perdoa ao outro a morte conforme a sentença abaixo transcrita, persuadido que, padecendo um só, seja bastante para os soldados do exercito entrarem nos seus deveres; mas ao mesmo tempo declara o Senhor Marechal que todo o que daqui em diante desertar sera infallivelmente arcabuzado.

Outrosim declara o Senhor Marechal que em tempo de guerra naõ se deve esperar oito dias para se dar por qualificada uma deserçaõ, bastando para isto o acto de se ter ausentado do seu corpo, sem consideraçaõ a tempo, ou á distancia, ou estar ella indicada por qualquer outra circumstancia, como explica a opiniaõ, que se ajuncta do Senhor Desembargador do Paço José Antonio de Oliveira Leite, Auditor Geral do Exercito, de que recebeo confirmaçaõ o Senhor Marechal da parte dos Illustrissimos e Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjás, Secretario do Governo.

O Senhor Marechal espera que por esta explicaçaõ os officiaes do exercito naõ se persuadiraõ mais, que seja necessario oito dias de ausencia para constituir uma deserçaõ, idea, ou circumstancia que no tempo actual he taõ absurda, quanto he de um máo effeito, incalculavel para o serviço de S. A. R., e que naõ vem a ser mais do que dar tempo a um culpado para se escapar ao castigo do maior

crime. Quer o Senhor Marechal que sem a menor demora em todos os Corpos, ou Destacamentos, e em todos os Hospitaes esta Ordem seja divulgada, e explicada a todos os Soldados muito circumstanciadamente, e que todo o Official, ou qualquer outro individuo, que tiver Soldados a seu cargo, seja responsavel de que elles naõ ignorem hum momento o contheudo desta Ordem, e da resoluçaõ em que está o Senhor Marechal de executar a Lei á risca.

O Senhor Brigadeiro Blunt porá em execuçaõ a Sentença do presente Conselho da Guerra, segundo a confirmaçaõ do Senhor Marechal, e todo o Regimento do Réo, e as Tropas, que estiverem ao alcance se formaraõ em Batalha para assistirem á execuçaõ.

Edictal.

Nicoláo Trant, Commandante da Guarniçaõ da Cidade do Porto, Encarregado interinamente do Governo das Armas do Partido, etc. Faço saber, que pela Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, me foi enviado hum Aviso do theor seguinte:

Querendo S. A. R. fazer de huma vez cessar os motivos, que daõ causa, a que por parte das Authoridades se lhe dirijaõ representações sobre os Milicianos; manda declarar a V. S., que sendo da Sua Real Intençaõ, que se conservem illesos os Privilegios, que pelo Regulamento desta Arma concedeo aos Corpos de Milicias, e tanto, quanto as circumstancias o permittem; naõ quer com tudo o mesmo Senhor, que os Milicianos, debaixo do pretexto de Privilegios, pertendaõ isentar-se das Contribuições, e impostos, ou outro qualquer onus, quê seja geral, è de que ninguem póde ser isento; e naõ menos que os mesmos Milicianos procurem com os seus Privilegios cobrir aquellas pessoas, que os naõ podem, nem devem gosar; e que todas as vezes, que se reconhecerem culpados de semelhantes delictos, sejaõ exemplarmente castigados:

fazendo S. A. R. responsaveis pela pontual execuçaõ destas ordens os Chefes, e Commandantes dos sobreditos Corpos de Milicias. O que partecipo a V. S. para que fazendo-o assim constar aos mesmos Chefes, e Commandantes, fique na intelligencia, que assim como S. A. R. determina, que sejaõ castigados os Milicianos do modo que fica dito, tambem expressamente recommenda, que se lhes guardem seus Privilegios, na fórma que o declara o citado Regulamento de Milicias. Deos guarde a V. S. Palacio do Governo em 15 de Agosto, de 1809.

D. Miguel Pereira Forjaz.

Senhor Coronel Trant.

E para que chegue á noticia de todos, o mandei imprimir, e affixar em todos os lugares mais publicos desta cidade, e seu Partido. Quartel General do Porto, 24 de Agosto, de 1809.

Para Manoel Paes de Aragaõ Trigoso.

Tendo-se recolhido o Corpo Academico, que tanto se distinguio em patriotismo, valor, e desinteresse, depois da ultima invasaõ dos Francezes, para continuar os Estudos: o Principe Regente Nosso Senhor he servido que no tempo competente se abra a Universidade, que se fechou com poucos mezes de lições por causa da dita invasaõ; e manda que V. Senhoria se recolha a Coimbra para fazer os avisos e mais disposições necessarias para o dito effeito; e que antes de começarem os trabalhos Academicos V. Senhoria na presença de todo o Corpo da Universidade louve, e agradeça no seu Real Nome aos Membros daquelle Corpo, que assim se distinguíram; os seus leaes e honrados serviços, fazendo escrever os seus nomes em livro separado com a declaraçaõ dos ditos serviços, para se conservar perpetuamente na mesma Universidade a memoria destes Alumnos taõ benemeritos da Patria; e re-

mettendo V. Senhoria copia do dito livro para ser presente ao mesmo Senhor.

Deos guarde a V. Senhoria. Palacio do Governo em 11 de Septembro, de 1809.—

JOAÕ ANTONIO SALTER DE MENDONÇA.

Hespanha.

Tarragona, 4 de Septembro.

A Juncta Superior do Principado, olhando como hum dos mais sagrados deveres do seu cargo o cuidado da defensa, e conservaçaõ da importante Praça de Gerona, dirigio a S. M. as mais energicas representações a 15 de Junho, 2 de Julho, e 16 de Agosto ultimo, pedindo as ordens, e auxilios convenientes para taõ importante objecto. S. M. a Suprema Juncta do Reyno naõ tem podido deixar de olhar com interesse a sorte desta Provincia, e a defensa daquella Praça; e em consequencia da ultima das dictas representações foi servido expedir a Real ordem seguinte, que a Juncta Superior se apressa a publicar para cumprir com a vontade soberana, para satisfazer a expectaçaõ pública, e para manifestar ao Principado quanto merece do Governo Supremo da Naçaõ, e o alto apreço que tem conseguido grangear nelle—" Excellentissimo Senhor: A Suprema Juncta do Governo do Reyno lêo com a maior dôr e ternura a representaçaõ de V. Excellencia de 16 do corrente, em que com tanta viveza como verdade pinta o heroismo dos invictos Gerundezes, os males extremos que padecem, e a necessidade de soccorrer aquella importantissima Praça. Nunca foi a intençaõ de S. M. abandona-la á sua sorte, e fazer inuteis os seus incomparaveis sacrificios; saõ repetidas, e mui estreitas as ordens, que se tem dado para que se soccorra; porém naõ querendo omittir meio algum para a libertar do perigo que a ameaça, nesta mesma data se communicaõ as mais terminantes ao General em Chefe desse Exercito, para que

a custa de qualquer sacrificio, e por quantos meios forem possiveis e imaginaveis, ainda quando seja preciso levantar em massa toda a Provincia, vôe em seu soccorro; e a fim de que naõ faltem auxilios pecunarios para emprehender esta importantissima empreza, naõ só se remettem pelo navio Algesiras, que está para dar á vella de hum instante para outro, seis milhões de reales, mas, além de outros dois, que tambem se destinaõ para o Principado, se envia pelo correio que leva esta Real ordem todo o ouro, que existe disponivel na Thesouraria. S. M. estima muito ver, que essa Juncta está bem persuadida do interesse, que toma na sorte dessa distincta e benemerita Provincia; e quer que V. Excellencia faça entender aos seus habitantes que naõ perdoará sacrificio, nem fadiga para conseguir a inteira expulsaõ do inimigo, que o opprime, auxiliar a bizarria e valor dos seus esforçados defensores; e premiar o seu heroismo. De Real ordem o communico a V. Excellencia para sua intelligencia e cumprimento. Deus guarde a V. Excellencia muitos annos Real Alcaçar de Sevilha, 23 de Agosto, de 1809. Martin de Garay—Senhor Presidente e Junta Superior de Catalunha."

D. Francisco Xavier de Eguia, Tenente General dos Reaes Exercitos, Conselheiro perpétuo do Conselho Supremo de Guerra, Director e Inspector Geral de toda a Artilheria e Milicias Provinciaes, General em Chefe do Exercito de operações da Extremadura.

Tendo por huma, e a mais principal de minhas obrigações a conservaçaõ deste Exercito, cujo commando me está confiado, naõ posso deixar de fixar minha attençaõ no que por bando geral se prevenio ao mesmo Exercito em 30 de Julho passado, attendendo que saõ já mui diversas as circumstancias presentes, daquellas que entaõ motiváraõ a promulgaçaõ do referido bando, que só se

dirigio a evitar com o castigo de alguns particulares, o mal geral que reinava naquelles dias entre a Tropa, propensa a dispersar-se, ao mesmo tempo que o inimigo nos atacava, ou dava disposições para isso.

Variáram as dictas circumstancias, e por isso attendendo ás em que nos achamos, se faz preciso modificar o prevenido com motivo das primeiras; e só deve subsistir com a mesma força e vigor o indicado bando, em todos os casos e tempos que convenha quando voltem a renascer as mesmas causas; porém naõ quando sendo de todo diversas, se opporia a conservaçaõ daquelle bando, a subsistencia do Exercito e augmento de sua força: sobre cujo interesse particular, tendo houvido o parecer do Accessor Geral, e conformando-me com o que me propoz, poderia eu determinar se observe em humas e outras circumstancias; declaro e mando o seguinte:

I. Que fica sem força e vigor todo o prevenido contra os desertores por Real Ordem de 3 de Janeiro deste anno.

II. Que os dispersos e contumazes desde o dia 27 de Julho ultimo, e os que successivamente incorraõ neste delicto, estando á frente do inimigo, em acçaõ de guerra, ou marchando a ella, ou em retirada, ficaõ sujeitos ao bando de 30 do referido mez; porém os dispersos ou contumazes poderaõ voltar ao Serviço, perdendo taõ sómente o direito aos premios pelo tempo que tinhaõ servido, ficando sobcarregados com quatro annos de mais de Serviço.

III. Que saõ havidos e reputados contumazes os dictos dispersos, que dentro de quinze dias da data deste naõ se apresentem nos seus Corpos, ou naõ compareçaõ ás Justiças dos Povos donde estejaõ, pedindo seus passaportes para voltarem ao Exercito; e que pelo contrario, os que assim o executárem, e se tenhaõ apresentado ou se apresentem dentro do termo assignalado, e os actualmente prezos sómente pela dispersaõ que commettêraõ, poderaõ

voltar ao Serviço nos termos que se ordena no artigo antecedente.

IV. Que os Soldados enfermos que se retiráraõ de seus Corpo para curarem se, e naõ se apresentáraõ nos Hospitaes estabelecidos, por naõ ter-se lhes facilitado a baixa em tempo competente, porque se dispersáraõ sem que procurassem este documento, naõ se reputaõ contumazes na dispersaõ, nem estaõ comprehendidos no bando de 30 de Julho, com tanto que dentro do termo prefixo voltem ás suas bandéiras, ou se apresentem em algum dos ditos Hospitaes, donde seraõ admittidos, excepto quando a sua enfermidade naõ lhes permitta executar huma outra tra cousa; o que deveraõ entender na devida fórma, pois que esta consideraçaõ para com os enfermos dispersos, deve valer unicamente por esta só vez, pois para o futuro se ha de observar com pontualidade o que está ordenado a respeito dos enfermos que passarem ao Hospital.

Lêr-se-ha em frente das Bandeiras com a formalidade da ordem; e os Chefes dos Corpos do Exercito ordenaraõ o cumprimento dos artigos precedentes.

Dado no Quartel General de Deleitosa aos 29 de Agosto, de 1809. FRANCISCO DE EGUIA.

ovos da Galliza.

AO ver-vos cahir no poder do inimigo sem resistencia alguma: ao contemplar occupadas as Cidades maritimas, que ensoberbecem as vossas costas, e dominada de mar a mar taõ principal, e poderosa Provincia, a indignaçaõ, e a dôr fizeraõ romper a vossa Patria em queixas de maldiçaõ, e enojo; como a mãi, que se queixa ao Ceo, e á terra da degradaçaõ de huma filha, cuja virtude, e pureza idolatrava.

Seguiaõ-se entaõ huns aos outros os revézes, como dantes as felicidades. A'sbatalhas de Espinoza, de Bur-

gos, e de Tudela se tinhaõ seguido o passo de Somosierra, a tomada da Capital, e a derrota de Uclés. Vieraõ depois a consternar o coraçaõ da Patria a ruina de Saragoça, a expediçaõ de Walls, e a batalha de Medellin, com tudo nestes memoraveis acontecimentos se a fortuna nos tinha faltado, naõ se tinha a opiniaõ perdido. A portentosa resistencia da Capital de Aragaõ, o vigor, e enthusiasmo com que, a pezar da inferiordade do seu número, o nosso Exercito da Catalunha sosteve huma acçaõ de onze horas, abrindo caminho por meio do inimigo, para entrar a seu pezar em Tarragona; a porfiada batalha de Medellin, em que os Francezes se víraõ surprehendidos pela intrepidez, e ousadia dos nossos Soldados, a quem no seu coraçaõ desprezavaõ: tudo contribuia para que a Hespanha, ainda que lastimada destes desastres, naõ perdesse a confiança. Os seus Guerreiros marchavaõ pelo caminho da honra, e adquiriaõ todos os dias novos direitos, e meios mais efficazes para conseguir a victoria; mas Galliza, Galliza invadida, sem resistencia, dominada sem contradicçaõ, supportando tranquillamente a sua escravidaõ: Galliza destruia todos os calculos da prudencia, e assassinava o Estado, tirando-lhe a esperança.

Quem naquella noite de infortunios podia presumir que fosse Galliza a que désse á Patria o primeiro claraõ da alegria? Mais gloriosos cem vezes, e maiores na vossa insurreiçaõ, do que parecestes debeis na vossa quéda; mesmo a desesperaçaõ, magnanimos Gallegos, vos prestou forças, que no principio naõ conhecestes; e os inimigos víraõ que naquelles Territorios, que taõ tranquillos pareciaõ, renascia a guerra debaixo dos seus pés, e a lealdade, e patriotismo estavaõ por abater: os gritos da independencia, e da vingança começaõ a ouvir-se nas Estradas, nas Aldéas, e nas Cidades: o furor subministra as Armas, e o que naõ tem hum Sabre que esgremir, ou hum Fuzil que encarar, converte o pacifico Forcado, e a Foice cam-

pestre em instrumento de guerra, e de morte: os individuos alvoroçados se procuraõ: os pequenos Córpos se reunem: fórmaõ-se córpos de Exercito, e os vencedores já temem ser vencidos, e se recolhem ás Praças fortes. Ahi saõ procurados, accommettidos, e vencidos: Vigo se rende juntamente com os seus oppressores; e Galliza, enviando os prezos, e captivos ao outro ládo do mar, quiz que servissem de hum testemunho taõ authentico, como grande, de que os Hespanhoes naõ tinhaõ esquecido a arte de vencer, e de aprizionar os Francezes.

Foi este o primeiro dia de fortuna, que raiou á Hespanha, depois de cinco mezes de desastres. Seguiraõ se-lhe outros; e aquelles mesmos homens, que no primeiro momento da surpreza tinhaõ parecido taõ abatidos, e submissos, eraõ os que preparavaõ as palmas, que depois recolhêraõ com elles os guerreiros, que voáraõ em seu auxilio nas ruas de Sant-Iago, nos campos da Estrella, e de Lugo, e na Ponte de S. Paio. Debalde Soult, havendo escapado a duros castigos dos nossos Alliados no Porto, vem com os restos da sua Divisaõ já batida reforçar o enfraquecido Ney. Acoçados nas suas marchas, diminuidos nas suas expedições, cortados nas suas communicações, e frustrada a esperança de darem grandes batalhas, estes arrogantes Generaes desesperaõ de vencer, maldizem, e detestaõ huma guerra, que os consome sem gloria. Aonde está agora aquella altivez, aquella segurança com que vos diziaõ que tudo estava domado na Peninsula, além da Corunha, e do Ferrol? Aonde aquella janctancia com que nos seus planos ambiciosos, abarcavaõ as costas do mar da Cantabria, e as do Atlantico até á embocadura do Betis? Puderam profanar, e devastar o vosso Territorio, mas naõ dominallo, e conservar-se nelle: cançados de combater com humas forças physicas, que cada vez mais se augmentaõ, e com huma resistencia moral, que se tem já tornado invencivel, fogem finalmente do vosso Territorio,

exhaustos, destroçados, sem armas, sem fardamentos, e daõ em Castella um novo, e grande exemplo, de que naõ he possivel pór jugo a povos, que unanimes o recusem.

Naõ sabem os Hespanhoes o que seja guerra, diziaõ os infames desertores da patria, aquelles, que disfarçavaõ com a mascara de uma previdencia aleivosa o seu criminoso egoismo. Com estas vozes de desalento queriam conter os movimentos generosos da lealdade. Já sabemos o que seja guerra, homens pusillanimes, e vis; e esta liçaõ terrivel está escrita em o vosso territorio com o dedo da dessolaçaõ, e gravada em nossos coraçoens com o punhal da vingança. Os faccinorosos execraveis de quem vos tendes feito os satellites, tem excedido em suas atrocidades, quanto vossas pérfidas suggestoens poderîam ponderar, e a imaginaçaõ acobardada prevêr. Transportai-vos porém a Galliza, desgraçados, se vos atreveis a fazello; e aprendei até onde chegaõ os quilates da inteireza Hespanhola. Estende Scevola sobre a fogueira de Porcena o seu braço, que cahe desfeito nos accesos carvoens que o consomem, sem que obriguem o heroe a exalar um só gemido, nem a pedir indulto. Assim procede o patriotismo Hespanhol: sobe ainda ao ceo o vapor do sangue das victimas, levanta se nos ares o fumo das incendiadas, espanta o silencio da despovoaçaõ em um paiz dantes todo coberto de póvos, e de herdades. Perguntai com tudo a essas familias, que errantes pelos montes tem querido antes ir viver com as féras, do que communicar com os assassinos, a quem os vendestes, perguntai-lhes se se arrependem da sua resoluçaõ, buscai entre elles uma voz que vos siga, um voto que vos desculpe.

Sois por tanto já, ó póvos de Galliza; e a patria ao pronunciallo suffoca com lagrimas de admiraçaõ, e ternura as vozes dolorosas, com que se queixou de vós em outro tempo. Sois livres, e o deveis á vossa sublime elevaçaõ, ao vosso valor, á vossa constancia. Sois livres, e

a Hespanha, a Europa toda vos dá um parabem tanto mais doce, quanto mais irremediavel parecia a vossa sorte. Todos os bons cidadãos bemdizem o vosso nome; e ao propôr-vos como um modélo ás mais provincias, olham para o dia da vossa liberdade, como o presagio ventureso da salvaçaõ da patria.

Mas, ó póvos da Galliza, se quereis conservar essa liberdade, que á força de prodigios tendes sabido conseguir; se quereis manter sem mancha a gloria, que em vós resplandece, e reverbera em toda a Hespanha; se quereis conseguir sazonados, e completos os frutos de tantas lidas, e trabalhos, conservai-vos unidos, e subbordinados ás authoridades que vos regem. Lembrai-vos todos os que influis em os negocios publicos dessa grande provincia, assim os que mandaõ, como os que obedecem; assim as corporaçoens, como os particulares, de que a tranquillidade, e segurança social se fundaõ sobre as virtudes: com a força, e constancia, tendes lançado fóra ao inimigo: com a uniaõ, com o amor a ordem, e á justiça conservareis a vossa felicidade, e repararei os horriveis males, que a invasaõ Franceza vos tem causado. Fazei que renasça a serenidade com o imperio das leis: paz, e moderaçaõ nos póvos: uniaõ, e subordinaçaõ nos exercitos: guerra, odio, e furor inextinguiguivel contra os tyrannos: tal deve ser a vossa divisa. Real Alcaçar de Sevilha, 10 de Julho de 1809. MARTIN DE GARAY.

A Juncta de Hespanha publicou o Seguinte discurso e da parte introductoria damos somente o resumo, tal qual o recebemos.—

" O Conselho supremo de Hespanha, e das Indias, em que agora estaõ unidos os de Castella, das Indias, Ordens, e Finanças, dirigio uma muito energica representaçaõ á Suprema Juncta sobre o expediente, ou para melhor dizer, a necessidade absoluta de estabelecer uma Regencia, com-

posta de tres, ou cinco membros, conforme as leis do reyno. O Conselho começa por lembrar a Ordem, dada por Fernando, em Bayonna, para a immediata convocaçaõ das Cortes.

" Esta Ordem foi guardada infelizmente em segredo, e escondida ao Conselho, o qual certamente teria effeituado a sua execuçaõ, a pezar de todos os obstaculos; e desta circumstancia se originou a anarchia, que se seguio á assumpçaõ do poder Supremo pelas Junctas particulares de varias provincias; anarchia, que aplanou a estrada aos progressos dos exercitos Francezes, e que teria provavelmente terminado na completa subjugaçaõ do reyno, se os restos das tropas Hespanholas collegidas nas mais distantes provincias, a firme lealdade dos naturaes, a desconfiança do inimigo a cerca das disposiçoens da Capital, e das provincias, que elle habitava, naõ repremisse a sua impetuosa carreira, e naõ frustrasse o pleno complemento dos seus fins criminosos. Assim ignorando a vontade do Soberano, mas fortemente tocado das calamidades, que tem affligido o reyno, e dos males ainda maiores, que o ameaçavaõ, o Conselho repetidamente se dirigia ás Junctas Provinciaes, e insistia com ellas sobre a urgencia de estabelecer um Governo Legal. As suas representaçoens, todavia, nunca fôram attendidas; e posto que o Conselho conhecesse que, em tam extraordinarias circumstancias, a prudencia recommendava, e a necessidade de prover á segurança do paiz, justificava o desvio da regra proposta, de que as Junctas exercitassem poderes, que a lei lhes naõ dava; e nomeassem ellas mesmas um Governo ad interim; aquiesceo-se á esta proposiçaõ; e a Juncta Central se formou em Aranjuez. Assim o desejo de evitar maiores desastres levou tam longe o Conselho; mas lembrado sempre dos seus deveres, como guarda, depositario das leis da Monarchia, apenas foi o novo Governo organizado, quandó elle chamou a attençaõ dos seus Membros á necessidade

de substituir promptamente a formas extranhas ás instituiçoens do paiz, e oppostas diametralmente ás de um Governo Monarchico, uma Regencia composta de individuos prescriptos pelas leis das Partidas nos cazos de minoridade, ou de insufficiencia do Soberano para o desempenho dos altos deveres da sua dignidade."

Nenhuma resposta se deo a estas observaçoens; e no silencio da Juncta Central, via bem o Conselho a sabedoria, com que elle obrava, em naõ adoptar principios que provavelmente seriaõ seguidos de grandes inconvenientes, e que era preciso, de algum modo, conformar-se ás opinioens das Provincias. Entre tanto a experiencia mostrou, que os receios do Conselho eraõ bem fundados, e as suas suggestoens proprias, e correctas; e que qualquer que fosse o Governo estabelecido, naõ devia affastar-se da letra da lei.

O Discurso continua:—

" Foi pouco tempo depois que nos obtivemos victorias, que aprezentavaõ o prospecto de um rapido livramento, e da restauraçaõ feliz da nossa capital, e da Monarchia, mas hoje, nos estamos cobertos de lucto, e temos a lamentar a perda de muitos dos intrepidos filhos, e defensores da patria. Os nossos exercitos estivéram ás portas da Capital; e, hoje, nos os vemos batidos, quasi todos dispersos; compellidos a retroceder até aos mesmos pontos, donde o inimigo nos ameaçava nos ultimos fins de Março. Sustentados pelo zelo da naçaõ, e á custa dos mais dolorosos sacrificios da nossa mocidade ao amor no nosso paiz, nos podémos organizar, disciplinar, e augmentar o nosso exercito, consideravelmente reduzido pelas primeiras perdas; e, hoje, vemos as esperanças do paiz frustradas; e o saber, mérito, e authoridade dos mais dignos Commandantes, expostos ao vitepurio, e maltractados.

" Dous grandes exercitos nacionaes nos inspirávam as mais lizongeiras esperanças; e nos esperava-mos, que unidos com o numeroso, e brilhante exercito da Gram Breta-

nha, elles consummassem a destruiçaõ do inimigo, e o expulsassem alem dos altos Pyrineos; e, hoje, estamos a o ponto de sermos abandonados pêlos nossos generosos bemfeitores, e belicosos alliados.

" Tal era o quadro fiel da nossa situaçaõ a pouco tempo a esta parte, e qual he elle presentemente? Ah! os exercitos que nos defendem, o povo, que plenamente o conhece, podiaõ descrevêllo muito melhor que o Conselho: e, a ser possivel, uma representaçaõ mais correcta se deria pelos desgraçados habitantes da Estremadura, La Mancha, e Madrid, que estaõ affeitos a pagar a sua prematura exultaçaõ, pêlos novos saqueamentos das suas propriadades, e com a morte ignominiosa, que soffrem nos cadafalsos!

" Esta cruel mudança nos a vemos, he ella, que nos assombra, e nos cobre de luctò; mas nos naõ sentimos por ora os seus effeitos, e de o contemplar-mos ao longe, he que nasce a nossa incredulidade. Estes inésperados golpes naõ so deprimem o espirito do povo, mas gelaõ o seu zelo patriotico, o qual se uma vez se extinguir, ai de nós, da nossa religiaõ, e da nossa existencia!

" O povo se entrega a queixames sem medida; e os patentêam em editaes inflamatorios, e insultantes. As suas conversaçoens diarias, nos lugares dos maiores ajunctamentos, deixaõ ver differentes partidos, vistas, e interesses entre os seus Governadores, e ameaçaõ uns, em quanto insultaõ outros, esquecidos do respeito devido á suprema authoridade, e sem attençaõ ás consequencias, que dizem relaçaõ á paz publica, e uniaõ.

" O Conselho treme ao contemplar o perigo, em que vê o paiz, por quanto naõ pode prever os possiveis resultados deste fermento, o qual, ao mesmo tempo que encontra uma total desapprovaçaõ, como contrario á lei, excita os seus recios por cauza dos oppostos interesses das Junctas e da variedade, que observa nas opinioens das

mesmas, e tambem por ser geralmente conhecido, que a Lei, em casos similhantes, determina, que o Governo se confie a um, tres, ou cinco Individuos. A Juncta Suprema, portanto, he obrigada, pelos mais sagrados deveres, a por estas verdades diante de Vossa Magestade, afim de remover os perigos, que nos ameáçam, e prevenir os excessos de um povo, que pensa estar em descuido a sua protecçaõ, e defeza.

" Em vossa Magestade reside o poder Soberano—o remedio está nas vossas proprias maõs. Uma generosa renuncia de si mesma perpetuará a memoria dos Serviços da Juncta Suprema, e immortalizará os seus Membros. Apraza a Sua Magestade o restaurar á Lei a sua authoridade; e terá termo a inquietaçaõ, em que vivemos, á qual succederá a tranquillidade, e o applauso.

" A nomeaçaõ immediata de um Governo provisional pacificará o povo; a Naçaõ se entregará ás mais lisongeiras esperanças, e a Suprema vontade de Fernando VII. que assim o pede, e que muito soffre, será plenamente satisfeita.

" A naçaõ inteira applaudirá esta medida; e he opiniaõ do Conselho, que, para erguer o seu espirito, deprimido pelo pezo dos presentes males, seria proprio estabelecer um Governo Legal, com um Bourbon á sua frente. E, naõ tendo a perfidia do nosso imfame inimigo deixado outro algum senaõ o Reverendissimo Cardeal Arcebispo de Toledo, e Sevilha, parece que o Ceo o conservou para sustentar a naçaõ nas suas calamidades, e continuamente trazer á nossa recordaçaõ o amado Soberano, por quem estamos brigando.

" A politica faz ver a urgencia de occupar immediatamente aquelle assento, até a muito dezejada volta do nosso Monarcha.

" O Caracter elevado de sua Eminencia naõ dá Lugar a competencias, e emmudece todas as possiveis pretençoens

ou de naturaes, ou de extranhos. A Hespanha, e as Indias lhe obedeceraõ com enthusiastica devoçaõ; toda a rivalidade terá termo; e os Hespanhoes veraõ em sua Excellencia um ramo da familia de um Rei, que elles ámam tam apaixonadamente.

" Para melhor segurar a prosperidade da sua administraçaõ, e tambem para aliviar-lhe uma parte do pezo, quatro Adjunctos devem dar-se-lhe, das differentes ordens, e profissoens, para comporem provisionalmente o Governo até a proxima Sessaõ das Cortes—Qualquer materia, que venha á discussaõ, qualquer que seja a questaõ, deverá decidir-se pela maioridade de votos; e elles devem jurar a observancia das nossas Leis, as quaes naõ devem alterar-se sem a concurrencia das Cortes, que o Governo chamará, logo que as circumstancias o permittaõ.

" A este respeito o Conselho Supremo de Hespanha, e das Indias preparará as suas observaçoens, e as aprezentará, conforme o uso, ao Governo. He justo, e necessario que os nossos estabelecimentos Americanos tenhaõ neste corpo nacional, uma parte principal, a qual com bem fortes titulos nos lhes devemos, pela sua fidelidade, leaes serviços, donativos, affeiçaõ ao Rei, zelo patriotico, e grande importancia. Este Tribunal Supremo se reserva o dar a sua opiniaõ sobre a justiça desta intervençaõ, o que elle fará depois de uma madura deliberaçaõ.

" Esperamos, que os quatro individuos, que a Juncta Suprema nomear até a sessaõ do Congresso Nacional, tenhaõ um relevante caracter de probidade, religiaõ, lealdade, saber nas suas respectivas proffissoens, imparcialidade, e desinteresse.

" A mesma Juncta Suprema, á qual elles succedem no exercicio da Soberania, segurará a opiniaõ do publico, e providenciará pela sua segurança, nomeando individuos dotados daquellas qualidades; por quanto, se as pessoas elleitas naõ tiverem alta consideraçaõ na opiniaõ publica,

naõ poderá o Governo supprimir as suspeitas, e presentes queixumes populares. Fazendo-o assim, nenhuma duvida ficará nos espiritos do povo, á cerca das puras intençoens da Juncta Suprema; os superiores cessaraõ de exercer a sua potencia—obteraõ o applauso de toda a Monarchia—e a posteridade lhe será sempre grata pelos seus serviços.

" Queira vossa Magestade prestar um ouvido benefico á esta representaçaõ, que so tem por objecto a gloria de vossa Magestade, e o exterminio do Tyranno, por quem somos opprimidos."

Sevilha, 26 de Agosto, de 1809.

Sevilha, 7 de Outubro.

O General em Chefe do Exercito da Catalunha D. Joaquim Blake dirigio o Officio, e documentos seguintes, particularisando a introducçaõ de soccorros na Praça de Gerona.

Excellentissimo Senhor: a immortal Gerona vencida ou vencedora, fatal em todos os tempos aos Exercitos Francezes, que a tem sitiado, continúa constante na sua gloriosissima defensa; porém carecia naõ só de viveres e munições, mas até do mais necessario para os enfermos e feridos. O seu cerco estava apertado de tal modo, que só se communica com o resto deste valente Principado por algum proprio, que saia pelo meio das balas inimigas. Fazia-se pois indispensavel alliviar esta dolorosissima situaçaõ, introduzindo hum comboi capaz de remediar a escacez, como igualmente tropas de refresco para que ajudassem a valerosa, e incançavel guarniçaõ da Praça. Tanto quanto era interessante a operaçaõ era difficil, e arriscada. Ainda que o inimigo occupava huma linha bastantemente extensa, podia reduzilla com muita promptidaõ, e era natural que se oppozese com todas as suas forças á entrada de auxilios taõ importantes para uma Praça, que ha tres

mezes sitia, e bloquêa com o maior rigor. Naõ havia outro arbitrio, senaõ chamar a sua attençaõ por varios pontos, e fazer-lhe crer que sê tratava de dar huma batalha precisamente pela parte opposta á que devia tomar o comboi. Tudo se conseguio com a maior felicidade."

" O meu Quartel General estava em S. Ilario, quando comecei a dar ordens para os movimentos. Encarreguei ao Tenente do Regimento de infantaria de Ultonia, D. Manoel Llenden, que marchasse para a altura de los Angeles, situada ao norte de Gerona, com o numero competente de tropa, e os Somatenes, que podesse ajunctar no caminho, para desalojar o inimigo daquella posiçaõ guardada com pouca infantaria, e proteger os combois de viveres, que se introduziram por aquella parte: o que effectuou pontualmente. Logo depois me transferi para a Ermida do Padró, duas legoas distante de S. Ilario com as tropas de reserva para acudir ao ponto, que mais se precisasse. Daqui mandei marchar o Coronel de Ultonia D. Henrique O'Donell com 1.200 homens de infanteria, e alguns cavallos para attacar os inimigos, que estavaõ em Brunnolas, sendo o meu fim persuadir ao General Francez, que o comboi devia caminhar por esta direcçaõ. A pezar da excellente posiçaõ de Brunnolas, e de estar augmentada a sua força com entrincheiramentos, O'Donell e a sua tropa a atacáram com tanto valor, que ganháram a crista da montanha, e pozéram nos seus entrincheiramentos a bandeira Hespanhola. Os Francezes fizéram hum fogo terrivel, o qual os nossos soffrêram com o maior sangue frio, e sem lhes corresponder trepáram até o cume da altura. Nisto chegáram aos inimigos novos reforços, julgando que aquelle era o ponto que mais deviaõ guardar. O'Donell para evitar ser envolvido, baixou á planicie, e se manteve firme. Huma Divisaõ nossa ás ordens do General Loygorri chegou pouco depois ao sitio, que occupava

O'Donell. As nossas tropas teriam lançado em hum momento o inimigo da sua posiçaõ, se naõ se julgasse mais conveniente fazer varias evoluções, para fazer parecer maior o seu numero, e dar lugar a que chegasse este aviso ao General Francez, para que reforçasse este ponto com os Corpos que tinha no Ter, que era por onde se havia introduzir o comboi. Toda a tarde estivéram estas Divisões á vista de Brunnolas, abandonando os inimigos este povo, de noite, com precipitaçaõ.

" O Coronel Doutor D. Francisco Rovira, que estava a esquerda do Ter, como igualmente o Tenente Coronel D. Joaõ Claros atacáram por minha ordem os inimigos que tinhaõ á sua frente, e chamáraõ opportunamente a sua attençaõ por aquella parte.

" Entretanto 4.000 homens de infantaria e 500 de cavallaria ás ordens do General Garcia Conde escoltávam hum numeroso comboi composto de 1.500 a 2.000 azemolas, e sahindo de Amer passaraõ o Ter, dirigindo a sua marcha pela margem direita do dito rio para introduzir-se na praça. Atropéllam os inimigos que se lhes oppunhaõ, queimando-lhes varios acampamentos; e conseguem entrar em Gerona. Immediatamente os Francezes abandonaõ todos os seus pontos remotos, e estreitam a sua linha, para impedir que saiaõ as azemolas, almocreves e cavallaria, que se achavaõ dentro. Foi preciso pois variar as nossas posições e fazer movimentos para nos pôrmos em estado de proteger a sua sahida. Hum dia e duas noites estivéram dentro na praça, e depois verificáram a sua marcha com tanta felicidade, que naõ perdemos nem hum homem, e nem se quer huma bagagem cahio em poder dos inimigos."

O Governador de Gerona ficou com 3.000 homens para guarniçaõ. Logo que receber a parte detalhada de Garcia Conde, a remetterei a V. Excellencia; entretanto mando

o extracto das de O'Donell, Rovira, Clarós, e Llanden. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Quartel General de Olot 13 de Septembro, de 1809.

JOAQUIM BLAKE.

Ex. Senhor D. Antonio Cornell.

Catalunha.

Tarragona, 21 de Septembro.

Desejando S. M. a Suprema Juncta Central Governativa do Reyno, que os grandes esforços com que os honrados habitantes deste Principado móstram a sua adhesaõ á causa pública, tenhaõ huma direcçaõ uniforme, e que toda a força armada se organize de fórma, que possa produzir effeitos mais decisivos para arrojar do nosso territorio os usurpadores, se conformou com o plano proposto pelo nosso General D. Joaquim Blake, para a formaçaõ de hum Exercito Catalaõ, dividido em quatro legiões, com os regulamentos que tem parecido mais convenientes para o melhor serviço e prosperidade destes corpos. Ao publicar o General Blake este regulamento *(Acha-se na Gazeta militar e politica de Catalunha de* 18 *de Septembro)* acrescenta a exhortaçaõ seguinte aos Catalães: " A opposiçaõ animosa deste Principado contra os attentados da tyrannia se declarou com rasgos de valor taõ eminente, que naõ póde vacilar o mais desconfiado sobre o exito da luta que emprehendeo. A constancia tem sustentado na sua independencia huma Provincia inundada de Exercitos inimigos, senhores das melhores Praças, e depois de hum anno de agitações, e soçobros brilha o enthusiasmo inextinguivel pela Patria, arde o rancor jurado a nossos aleivosos inimigos, e temos poderosos meios para satisfazer o odio, e assegurar a nossa gloria.

" Catalães: seria vaidade minha pertender animar-vos, quando vós dais exemplos de fortaleza; e só aspiro a me-

reber a vossa confiança. Assim naõ conto os recursos inexgotaveis de huma Naçaõ, que naõ quer ser escrava, nem a perspectiva lisongeira que nos apresenta a situaçaõ da Europa; só declaro singellamente os meus desejos de unir a minha sorte com a vossa; viver livres, ou morrer com gloria foi a nossa generosa resoluçaõ; e se a providencia quizesse provar a nossa constancia, affligindo-nos com repetidas desgraças, eu perecerei com aquelles de vós, que apreciaes a honra, e a nobre independencia, mais que huma vida servil, e vergonhosa; pereceremos junctos, para que naõ sucumba a Patria, e para segurarmos á nossa posteridade o gozo de huma existencia sem o opprobrio, e as amarguras da escravidaõ. Quartel General de Manresa, 24 de Agosto, de 1809."— BLAKE.»

25 de Sep. No dia 15 do corrente depois de ter soffrido a immortal Gerona por 5 dias o mais obstinado e horrivel fogo, determináram uns 1.200 homens da sua guarniçaõ sahir da Praça, e tomar uma bateria de 8 peças, que tinhaõ collocado os inimigos mui perto da Cidade, e que os incommodava muitissimo. A ousadia e valor daquelles invictos defensores chegou a taõ alto ponto, que vencendo todas as difficuldades que offerece a obstinaçaõ do inimigo mais encarniçado, se apresentáram á sua frente com o maior sangue frio, e acomettendo á bayoneta, conseguiram fazer-se senhores da bateria, encraváram as 8 peças, e entráram outra vez na praça, quando jà um numeroso reforço vinha em soccorro dos Francezes.

Segundo Officio de D. Joaõ Clarós para o General D. Joaquim Blake.

" EXCELLENTISSIMO SENHOR: tendo observado na tarde de hoje, que os inimigos attacáram a Divisaõ, que está ás ordens do Coronel honorario Doutor D. Francisco Rovira pela altura de casa Tirolá, tendo ao mesmo tempo huma

grande columna de reserva, á qual nos estava ameaçando; mandei pôr a gente do meu commando em armas, e despachei algumas patrulhas para que a atacassem, igualmente destaquei tres Companhias do terço de Figueiras, ás ordens do Tenente D. José Buach, com o fim de se apoderar das alturas da minha direita, chamadas de S. Grau; e observassem se o inimigo intentava attacar-me pelo dicto ponto; porém tendo sabido, que naõ havia movimento algum, immediatamente mandei o resto do dicto terço de Figueiras para ajudar os valorosos, que estávam fazendo hum fogo mui vivo, e successivamente fui despachando partidas de Somatenes; o que visto pelos inimigos, e conhecendo, que, com a intrepidez da gente que hia entrando no fogo, lhe era impossivel sustentar-se; começou a retirar-se com muita ordem; porém naõ conseguio com a retirada o effeito que desejava; pois excitado com ella o ardor de todos, e cobrado novo animo, os attacáram com valor sem igual, obrigando-os a desordenar-se, e fugir precipitadamente, acompanhando-os até á planicie defronte de Gerona, e naõ se adiantáram mais por naõ ter cavallaria que os sustivesse.

" He muita a perda que soffreo o inimigo, pois no campo se contáram até 40 mortos, entre elles hum Capitaõ, e hum subalterno, e alguns cavallos; e teraõ sido muitos os feridos; pois os vimos tirallos do campo, e éram infinitos os rastos de sangue que havia pelos caminhos; fizemos alem disso 4 prisioneiros, os quaes fôram conduzidos ao acampamento do Doutor Rovira. Por nossa parte tivemos sómente 1 morto, e 2 feridos. *(Segue-se o elogio dos Officiaes, e das tropas.)*

O numero dos inimigos, segundo a relaçaõ de hum Sargento prisioneiro, era 1.500 homens, e huma grande partida de cavallaria, commandados pelo General Verdier, o qual fugio a unha de cavallo, assim como outro General, cujo nome se ignora.

" Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Campo de Porsacren, 6 de Septembro, de 1809.—

JOAÕ CLARÓS.

Excellentissimo Senhor D. Joaquim Blake.

Hespanha pelos Francezes,

Decretos de Jozé Buonaparte.

1°. " No nosso Palacio de Madrid a 12 de Septembro, de 1809—D. José Napoleaõ, &c. Temos decretado e decretamos o seguinte: ART. I. As penas estabelecidas pelas leis e ordenanças destes Reynos, contra os extractores de moeda, prata, oiro, ou alfaias, se extendem igualmente aos occultadores, compradores ou complices das pratas, oiro, e alfaias, que pertenciaõ aos Conventos supprimidos, ou ás pessoas, cujos bens tivessem sido, ou fossem sequestrados ou confiscados por nós, ou que existissem em Paizes naõ submettidos.—ART. II. Iguaes penas se imporaõ aos que venderem esta prata e oiro a qualquer pessoa que for, e as mesmas aos que extrahirem as dictas especies destes Reynos, ou busquem meios para isso.—ART. III. Os que denunciarem qualquer destes extravios, ou extracções, serão premiados com uma terça parte do seu valor.—ART. IV. Exceptuaõ-se das disposições deste Decreto as pessoas que tirassem a moeda Franceza, ou alfaias pertencentes aos indivividuos do Exercito, e do seu uso pessoal, por naõ se dever reputar isto como extracçaõ, por haverem sido trazidas de França. ART. V. Naõ se derroga pelo presente a *pena de morte*, imposta aos que levarem soccorro aos *insurgentes*, em cujo sentido se comprehendem com particular razaõ a moeda, prata, oiro e alfaias.—ART. VI. Os nossos Ministros de Justiça, Policia geral, e de Fazenda ficaõ encarregados, &c.

Extracto do segundo decreto. Considerando que pelas actuaes circumstancias falta a prata nas Casas da moeda, e que as necessidades do commercio exigem imperiosa-

mente que se augmente quanto for possivel a sua circulaçaõ em moeda, manda que, todos os que tiverem prata ou em barra, ou manufacturada, cujo valor exceder 8.000 réis, á excepçaõ de garfos, facas, e colheres, fáçam a sua declaraçaõ por escrito, no termo de tres dias, ao Superintendente Geral das casas de moeda do Reyno, em Madrid, relativamente aos seus habitantes, e nas Provincias aos respectivos Intendentes, Corregedores, &c. A casa da moeda pagará immediatamente aos portadores da prata de Madrid a quarta parte do seu valor em moeda, e as outras tres no termo de 4 mezes: receberáõ além disso, 40, 80, ou 120 réis por onça, em recompensa do feitio, conforme o avaliar o perito, em commissaõ para este effeito. Os que a entregarem nas Provincias receberáõ o mesmo, calculando desde o dia em que se entregar em Madrid. Exceptuaõ-se destas disposições os ourives, aos quaes se deixa em seu poder a prata que tiverem, e que lhes pertencer; ficaõ porém prohibidos de comprar mais, á excepçaõ de garfos, facas e colheres, e no termo de tres dias faraõ a declaraçaõ assim da prata que for sua propria, como daquella que naõ consistir em garfos, facas e colheres, e pertencer a qualquer pessoa, a quem a naõ entregaráõ de modo algum, e debaixo da responsabilidade do contrario, pois deveraõ, acompanhados com ella, depositalla nas authoridades citadas. A prata que pertencer ás pessoas, que contravierem a este decreto, será confiscada; o denunciante terá a quarta parte do seu valor. Desde o dia desta publicaçaõ nenhuma pessoa poderá dar ou alienar de maneira alguma a prata que possuir; se contravier pagará o valor da vendida ou alienada. Toda a pessoa, que judicial, ou extrajudicialmente por via de deposito, ou qualquer outro modo, tiver em seu poder prata, fica obrigada á sua entrega, como os outros possuidores.—

França.

Sessaõ do Senado Conservador de 3 de Outubro. Discurso de S. A. S. o Archichanceller do Imperio.

Senhores! S. M. Imperial e Real, abraçando de um golpe de vista a situaçaõ presente dos negocios, tem reconhecido a necessidade de ordenar uma leva de 80.000 homens. — Tal he o objecto do Senatus-consulto, que vai a ser submettido á vossa deliberaçaõ, e que distribue ésta nova leva, pelas classes de conscripçaõ dos annos 1806, 1807, 1808, 1809, e 1810.—A vossa sabedoria aprecia ja tudo quanto ha de util n'esta disposiçaõ. Bem depressa ficareis seguros de que ella he o resultado de uma sabia previdencia, e da constante solicitude de S. M. pelos interesses da naçaõ.—Qualquer que seja, Senhores, o exito das negociaçoens de Altenburg, tudo annuncia, que os Inglezes, repulsados do nosso territorio, se vaõ esforçar em prolongar a guerra na Hespanha. Os numerosos batalhoens, que S. M. lhe oppoem, neste reyno, naõ terão necessidade senaõ de ser mantidos no seu estado completo, para fazer vaãs todas as tentativas do inimigo.—Se a paz se restabelece entre a França, e Austria, naõ será possivel, sem grandes inconvenientes transportar subitamente os valorosos, que a conquistáram, das margens do Danubio, ás ribanceiras do Guadalquivir. Esta observaçaõ naõ escapou á attençaõ paternal de S. M. e crêmos que, depois de tantos e taõ gloriosos trabalhos, elle quer, com razaõ, que os vencedores póssam vir receber a expressaõ do reconhecimento publico, e da admiraçaõ geral.—As consideraçoens, Senhores, que acabo de indicar, serão desenvolvidas pelos oradores do Conselho de Estado, e mais particularmente em um relatorio do Ministro de guerra, cuja communicaçaõ quiz o Imperador que vos fosse feita.—Alem disto a leva, que se requer, he mui inferior á que S. M. poderia tirar ainda das classes que a fornecerão; e se

achará rodeada de meios que a devem tornar mui facil.— Nesta conjunctura, o Senado se dará pressa, como sempre em feito, em apoiar as intençoens de nosso Augusto Soberano, para a felicidade, e para a gloria do nome Frances.

Relatorio feito a S. M. o Imperador e Rey, pelo Ministro da guerra Conde de Huneburg, aos 15 de Septembro, 1809.

Senhor! Se as numerosas victorias de V. M. e os immensos successos de suas armas, saõ, ao mesmo tempo, obra de seu genio, e resultado das mais sabias combinaçoens militares, de sua propria intrepidez, e da coragem de tantos valorosos, estas victorias, e estes successos naõ menos saõ devidos á sua sabia previdencia. He ella que tem inspirado a V. M. a idea de ajunctar, primeiramente, no interior do Imperio, quaesquer que fossem os acontecimentos, os moços Francezes successivamente chamados a servir; fazendo-os contribuir assim constantemente á segurança do Estado, ao mesmo tempo que se instruiaõ no exercicio das armas.—O abandono momentaneo deste systema, exporia o Imperio a alguns perigos; e seria presumir demasiado do futuro, quaesquer que fossem as apparencias de prosperidade, com que as victorias alcançadas até hoje, o condecóram neste instante, o deixar os depositos do interior da França privados do seu custumado recrutamento, logo que uma parte dos novos soldados, que os preenchem, fosse chamada para os exercitos activos.—Um golpe de vista rapido, sobre a situaçaõ dos exercitos de V. M. lhe fará conhecer que, a leva, que eu creio dever-lhe propor, he sufficiente para o momento actual.—Senhor de Vienna e de mais da metade do territorio da Monarchia Austriaca, V. M. está á frente do exercito mais formidavel que ja mais teve a França alem do Rheno; e para julgar do que ella pode empreender ¿naõ

basta lembrar que este exercito estava apenas formado, quando venceo a Austria nos campos de Thann, d'Abensberg, e de Eckmuhl? Por tanto, quer as negociaçoens d' Altemburg se terminem pela paz, quer a guerra continue, V. M. tem nos seus depositos homens bastantes, em estado de combater, para reclutar o seu exercito d'Alemanha.—No mez de Janeiro perseguia V. M., em Galiza, o exercito Inglez; no meio deste perseguimento soube V. M. que a Côrte de Vienna meditava um perjurio; ainda que tal acontecimento parecesse que chamava para a Alemanha as nossas forças principaes, V. M. naõ menos crêo que devia deixar em Hespanha o seu exercito veterano; naõ que a totalidade deste exercito fosse effectivamente necessaria, para acabar de sugeitar os Hespanhoes rebeldes; mas a fim de tirar á Inglaterra a possibilidade de prolongar ésta rebeliaõ, que he obra sua. Esta potencia, vendo, no novo systema, que se estabelece em Hespanha, o presagio de sua propria ruina, naõ desespéra com tudo de o derribar, e os seus esforços, nesta occasiaõ ultrapassáram muito tudo quanto se lhe tinha visto fazer em occasioens similhantes.—O general Moore naõ pode retirar da Galiza a metade de suas tropas: as percas immensas, que tinha experimentado o seu exercito, naõ despersuadîram ao governo Inglez de enviar outro de novo a Lisboa, com a força de 40.000 homens. Vio-se a este exercito, até o meio da Hespanha, ajunctando ao redor de si os diversos corpos de insurgentes.

As margens do Alberche, e do Tejo fôram testemunhas da sua fugida e confusaõ. Obrigados a lançar-se alem deste rio, e perseguidos com a espada sobre as costas, evacuáram todas as Hespanhas, e os Portuguezes os viram voltar, em desordem, ao seu territorio.—Na mesma epoca um exercito, naõ menos forte, appareceo repentinamente á embocadura do Scheldt, com o projecto de incendiar os estaleiros de Antuerpia; la foram outravez os nossos ini-

migos confundidos. Quando elles se approximáram, Flessingen havia sido munida com uma forte guarniçaõ: 12.000 homens escolhidos haviam partido de Sancto Omero, debaixo das ordens do Senador-general Rampon; e oito meias brigadas de reserva, que se achávam em Boulonha, em Louvaina, e em Paris, se passáram, pela posta, aos pontos ameaçados.—Estas tropas somente eram bastantes para defender Antuerpia. Esta praça coberta por um bom cerco, e pelas obras protegidas por vastas inundaçoens; e sobre a margem esquerda do Sheldt o forte da Cabeça de Flandres, cercado este por uma inundaçaõ de 2.000 toezas, segura as communicaçoens d'Antuerpia com as nossas praças do norte.—A expediçaõ Ingleza tinha sido calculada, na supposiçaõ de que Antuerpia éra uma praça aberta, e ésta praça naõ pode ser tomada senaõ depois de um longo cerco.—Alem das tropas de linha, V. M. tem visto, ao primeiro signal, 150.000 guardas nacionaes promptas a marchar, e á sua frente os majores de sua infanteria, officiaes dos quintos batalhoens, e officiaes veteranos, e tem contado nos seus renques muitos soldados velhos.—Numerosos destacamentos de cavallaria de linha tinham sido precedidos pela *gend'armerie* de França. Os Inglezes ignorávam, que este exercito somente podia levar, á primeira ordem, sobre qualquer ponto, 60 esquadroens, compostos de homens, que, tendo 16 annos de serviço, e sendo todos experimentados, e taõbem exercitados, e taõbem armados como estes valentes Courasseiros, que, debaixo das ordens de V. M. tem elevado taõ alto a gloria da cavallaria Franceza.—Como se fosse por encantamento, as disposiçoens prescriptas por V. M. tem feito apparecer no mesmo instante sobre as margens do Sheldt, e nos centros de reserva de Lillo, e de Maestricht, quatro exercitos differentes, debaixo do commando do Marechal Principe de Ponte Corvo, dos Marechaes duque de Valmy, duque de Conegliano, e duque de Istria.—Esta desenvo-

luçaõ subita de tantas forças, e a commoçaõ nacional, que as multiplicava, ferio os inimigos com um golpe de estupor. A sua entrepreza, calculada sobre principios falsos, esbarrou completamente.—A Europa vio realisar-se o que a penetraçaõ de V. M. tinha percebido anticipadamente, quando pronunciou, que a ignorancia, e impericia tinhaõ dirigido ésta expediçaõ; e quando avarenta do sangue Francez me escrevia. " Nos somos felizes em ver que os Inglezes se engólpham nos pantanos da Zelandia, conservem-nos somente ameaçados, e bem depressa o máo ar, e as febres, peculiares a este paiz, destruiraõ o seu exercito."—Em quanto as nossas tropas estávam repartidas por bons acantonamentos, cerca de Antuerpia ou estabelecidas nesta praça, o exercito Inglez acampado nos pantanos, e sem agoa para beber, perdeo mais de um terço de seus soldados. Mas a facilidade que tem os Inglezes de se passarem de um lugar a outro, por mar, pode fazer calcular que tudo quanto escapar ao desastre desta expediçaõ irá a reforçar o seu exercito em Portugal.—Senhor, os diversos campos de batalha, onde se illustram as vossas armas, acham-se demasiado distantes, entre si, para que se possa, sem expor os soldados, fazer marchar um destes campos de batalha ao outro, e V. M. que está taõ satisfeito com a affeiçaõ das tropas que commanda alem do Danubio, quer evitar-lhes as fatigas da guerra da Hespanha. Os exercitos Francezes alem dos Pyrineos saõ outrosim fortes com 300 batalhoens, e 150 esquadroens. He logo bastante, sem que se enviem novos corpos, o manterem-se completos os que lá se acham. Trinta mil homens, juntos em Bayonna, offereceraõ os meios de preencher este objecto e de repellir as forças, que os Inglezes puderem fazer avançar.—Neste estado das cousas, parece-me que entrava nas vistas de V.M. limitar o reclutamento necessario, neste momento, ao contingente indispensavel para substituir nos quadros do interior, o que o movimento ordinario faz sahir. As

contas que estaõ debaixo dos olhos de V. M. lhe faraõ conhecer que sobre a conscripçaõ dos annos de 1806, 1807, 1808, 1809 e 1810, réstam ainda mais de 80.000. que tendo concorrido ao sorteamento, naõ fôram chamados ao exercito. Este immenso recrutamento podia marchar contra os vossos inimigos, se um perigo imminente do Estado o exigisse. Eu proponho a V. M. de naõ chamar senaõ 36.000 homens, e de declarar estas classes inteiramente libertas —Por este meio os vossos exercitos, Senhor, seraõ mantidos no respeitavel estado em que se ácham, um consideravel numero de vossos vassallos será diffinitivamente livre do dever da conscripçaõ. V. M. terá mais á sua disposiçaõ os 25.000 homens que offerece a classe de 1811, sobre a qual eu naõ proporia a V. M. que faça chamamento, senaõ no caso em que os acontecimentos enganarem as suas esperanças, e as suas intençoens pacificas.—Os exercitos de V. M. saõ taõ temiveis pelo seu numero, quanto o saõ pela sua coragem, Mas ¿quem poderîa aconselhar á França de naõ proporcionar os seus esforços aos seus inimigos? Dando este conselho, dictado pela mais imprudente segurança, éra preciso esquecer que a Anstria tinha, pouco ha, um pe de exercito de 700.000 homens, e que para fazer este esforço, ésta potencia naõ receiou o expor a sua populaçaõ a uma quasi total annihilaçaõ, e attacar as bases da sua propriedade. Serîa preciso esquecer igualmente, que a Inglaterra tomou parte na guerra continental, apresentando-se no mesmo instante com tres exercitos differentes nas costas de Napoles, nas da Hollanda, e em Portugal.—A agitaçaõ dos homens zelosos da França redobrou; porque elles conhecîam que este momento fixou a sua grandeza. Os seus esforços seraõ infructiferos, pois a França pôde chegar ao cumulo de suas felicidades, e de sua gloria, sem fazer nenhum destes ruinosos sacrificios que arruînam os seus inimigos. Com effeito, apesar das appellaçoens successivas, feitas até o dia de hoje,

ás differentes classes de conscriptos, apenas a quarta parte destes homens tem marchado. Considerando a situaçaõ dos exercitos de S. M. e o resultado das expediçoens Inglezas ¿poder-se-ha ver, sem uma especie de satisfacçaõ, o fazer a Inglaterra, a exemplo da Austria, esforços alem de proporçaõ de seus meios, e das necessidades de sua marinha? Que pode ella esperar desta luta em terra, e corpo a corpo com a França, que naõ se volte em sua desvantagem, e sua vergonha?—Senhor, o povo Francez deveria a V. M. o inexplicavel beneficio, e a gloria da paz, conquistada sem expediçoens maritimas, a um inimigo, que, pela sua situaçaõ, se suppunha alem de todo o alcance. Cada tentativa séria da parte dos Inglezes, no continente, he uma caminhada para a paz geral.—Os ministros Inglezes, que precedêram os membros do governo actual, mais habeis que estes, estávam bem convencidos desta verdade; elles se acautelláram bem de empenhar-se em uma luta desigual; elles naõ perdêram de vista que para fazer uma guerra dilatada, éra preciso que ella pezasse pouco sobre o povo, que a devia sustentar.—Ha um anno a ésta parte tem a guerra custado á Inglaterra mais sangue, do que lhe havia custado, desde que ella rompeo a paz d'Amiens. Empenhada em combates da Hespanha e de Portugal, de que o seu dever e o seu interesse lhe prohibe o arredar-se, ella verá que estes paizes vem a ser o tumulo dos seus mais valentes guerreiros. A dôr da sua perca fara nascer em fim, no espirito do povo Inglez, um justo horror aos homens crueis, cuja ambiçaõ, e odio delirante os fez atrever-se a pronunciar a palavra de *guerra eterna*. Essa dôr trará a este povo o desejo da paz todo o homem de bom senso pode predizer como mui proxima, se os Inglezes se obstinam a empenhar-se em uma luta no Continente.

Sou com todo o respeito, &c. &c.

O Ministro da guerra, CONDE de HUNNEBOURG.

Exposiçaõ dos motivos do Projecto de Senatus consulto, relativo a uma leva de 36.000 conscriptos, sobre as classes de 1806, 1807, 1808, 1809, e 1810, pelo Conde de Cessao, Orador do Conselho de Estado.

MONSEIGNEUR, E SENADORES! Vou a ter a honra de vos communicar um projecto de Senatus consulto, cujas principaes disposiçoens S. A. I. o Principe Archichanceller, e S. Ex.ª o Ministro de guerra, vós tem ja exposto.— Se S. A. S. o Principe Archichanceller, e S. Ex.ª o Ministro de guerra naõ tivessem desenvolvido perante vós, com a dignidade da eloquencia, e com a força da razaõ, os motivos que decidîram a S. M. o Imperador e Rey a fazer um chamamento de 36:000 conscriptos, eu deverîa, Senadores, mostrar-vos que uma previdencia filha do genio, e d'uma alta sabedoria, que um amor ardente, mas racionavel, da paz, tem unicamente dictado as resoluçoens de S. M. I. e R. Com effeito outro qualquer principe, que naõ fosse Napoleaõ o Grande, que tivesse nas Hespanhas forças taõ capazes como as suas de combater e vencer os Inglezes; e que se achasse á frente de um exercito o mais bello, que ja mais viram as margens do Danubio, que estivesse senhor da capital do inimigo, e demais da metade das suas bellas provincias, que tivesse alcançado um montaõ de victorias esplendidas, ainda quando este exercito estava apenas reunido, em seus primeiros elementos; que tivesse visto aos seus povos levantar-se quasi em massa, mas com socego, e com ordem, para repellir, durante a sua auzencia, um inimigo, que se atrevêra a ameaçar o territorio do seu Imperio; outro qualquer Principe, digo, naõ vos terîa pedido que puzesseis novas forças á sua disposiçaõ, e o primeiro capitaõ do Mundo, o maior homem do seu seculo vollo pede!— Mas como vós conheceis, tambem como elle, o odio inveterado e implacavel de um dos nossos inimigos, como vós naõ ignoraes que o outro tem muitas vezes consultado as suas paixoens, em vez dos eus verdadeiros interesses; como vos sabeis que o cha-

racter do nosso Imperador he a previdencia; como vós o tendes visto fazer fortificar as margens do Rheno, quando se achava sobre as do Niemen, vós pensareis, com elle, que importa fazer uma nova leva, e vós vos apressareis a pôr á sua disposiçaõ os conscriptos, que elle reclama.—Se fosse possivel, Senadores, haver entre vós algum, que tivesse necessidade de motivos, extranhos aos que vos ficam expostos, eu lhe mostrarîa que ésta leva naõ imporá ás classes de 1806, 1807, 1808, 1809, e 1810 senaõ um pezo que ellas podem supportar, com facilidade, e que supportaraõ com anxiedade de prazer.—Os inimigos da França, vendo que nós tinhamos tirado levas das classes de 1809 e 1810, antes da epocha em que ellas devîam ser chamadas, imagináram sem duvida, que nos recorriamos a este meio porque nos naõ restavam recursos nos annos anteriores.—Qual era o seu erro! Se o governo Francez tomou este partido, he porque naõ podia, nem devia entrar na ordem dos pensamentos, nem no coraçaõ de S. M., que o governo Inglez tivesse intençaõ de fazer uma guerra perpetua á França; he porque naõ devia entrar na ordem dos pensamentos, nem no coraçaõ de S. M., que o goveno Austriaco, a quem a paz éra taõ importante, e taõ necessaria; que este governo a quem elle tinha concedido uma paz taõ liberal, e taõ inesperada, tivesse o direito de medir-se de novo com os exercitos Francezes, dirigidos por Napoleaõ o Grande, electrizados pela sua presença.—O nosso Imperador, calculando por tanto sobre uma paz proxima e longa, tinha querido dividir o pezo da guerra por muitas classes, a fim de que fosse menos sensivel a cada uma dellas. Elle quereria tambem que os Francezes, que compoem éstas duas classes, e que, segundo estes calculos, poderîam ser privados da sua porçaõ de gloria militar, achassem occasiaõ de a adquirir.—Enganado em suas justas esperanças, o Imperador devia recorrer a este thesouro d'homens, que tinha, por prudencia, deixado em reserva. Duas vezes lhe tem elle pedido soccorro, e duas vezes os

contingentes, que elle julgara necessarios, lhe fôram rapidamente ministrados.—A nossa moderaçaõ tinha dissimulado as nossas forças; a nossa moderaçaõ quer hoje em dia, que nós as façamos conhecer. Dissipemos um erro, fatal aos nossos inimigos, e que poderîa vir-lhes a ser ainda mais funesto. Quando elles conhecerem bem os nossos recursos, sem duvida ficaraõ convencidos, que uma paz franca, e solida, he o unico porto, em que elles podem achar a sua salvaçaõ.—Os governos fracos he que podem procurar a sua segurança na dissimulaçaõ de sua fraqueza, ou na exaggeraçaõ de suas forças. A França deve e pode fazer conhecer aos seus amigos, e aos seus inimigos, a sua verdadeira situaçaõ. Esta situaçaõ he bem propria a dar aos primeiros mais energia, e a ensinar aos outros que, recorrendo ás armas, elles correm a uma perda infalivel.—Eis aqui, Senadores, o estado da verdadeira força conscripcional da França; eu me atrevo a garantir-vos a sua exactidaõ.

A classe de 1806 fez entrar nos quadros da conscripçaõ 523.000 homens.

Esta classe compunha-se de 15 mezes—	423.000
A de 1807 forneceo - -	352.000
A de 1808 - - - -	361.000
A de 1809 - - - -	362.000
A de 1810 - - - -	360.000
Total	1:867.000

Destas classes se tiráram, até hoje, 520,000 homens: a saber; Da de 1806 - - - 102.500

— 1807 - - -	102.500
— 1808 - - -	102.500
— 1809 - - -	102.500
— 1810 - - -	110.000
	520.000

Restam nos seus lares destas 5 classes 1:357.000

S. M. pede hoje, que estas mesmas classes forneçam um contingente de 36.000 homens; assim depois desta leva, que será a ultima, restaraõ ainda a estas 5 classes cerca de 1:300.000 homens. Deste numero, devo dizer, ha alguns, a quem a natureza negou a estatura ou forças necessarias para a guerra; deste numero ha alguns, que os regulamentos da administraçaõ publica retem, pelo interesse das sciencias, da agricultura e das artes, do culto, do commercio, e das manufacturas, izentos do serviço. Ha alguns que os Senatus consultos tem libertado: taes saõ todos os que se tinham casado, antes da promulgaçaõ do decreto que os chamava.—Mas feitas todas as deduçoens os nossos registros estaõ ainda carregados com 466.000 nomes de conscriptos, que devem concorrer para formar o contingente, que S. M. pede; neste numero se acharaõ ainda algum homens a quem saõ devidas izençoens. Este numero será infinitamente pequeno, vistas as reformas que ja se tem pronunciado, e as izençoens que se tem concedido.—Acabais de ver, Senadores, que as classes de 1806, 1807, 1808, 1809, e 1810, forceceraõ com facilidade o contingente que lhes he pedido. Naõ me resta senaõ mostrar-vos, que ellas o forneceraõ com alacridade. Afiança-me isto o exemplo recente, e taõ memoravel d'Antuerpia.—Vós tendes sido testemunha do ardor, com que os Francezes voáram ao encontro do exercito Inglez; vós tendes visto quam pezarosos se mostráram os que naõ fôram chamados.—Em outros paizes os administradores tem-se visto obrigados a excitar o zelo; aqui elles fôram obrigados à moderallo; todos querîam marchar, para ir combater estes implacaveis inimigos da França.....Mas elles nos negáram a gloria de vencellos.—Consideraçoens de uma ordem differente contribuiram tambem a fazer ésta leva prompta e facil.—Com razaõ se crêrá, que, se ésta leva naõ dispensa as classes de 1811 e 1812 de fornecerem os seus contingentes, estes contingentes se enfraqueceraõ pro-

vavelmente, e naõ seraõ requeridos senaõ em epocas distantes.—A libertaçaõ absoluta das classes anteriores tocará outros espiritos: outros sentiraõ a bondade paternal, com que S. M. confirma as reformas legalmente feitas, e aperta mais, se he possivel, os nós que átam os jóvens esposos. —Mas o que tocará mais, e mais vivamente; he a esperança bem fundada de que ésta leva forçará os Negociadores Austriacos a assignar a paz que se lhe propoem. He alem disso a esperança de ver os Inglezes humilhados em Antuerpia, vencidos em Hespanha, enfraquecidos pelas enfermidades, exhaustos pelos seus esforços, divididos em suas opinioens, bem instruidos da nossa unanimidade de sentimentos e de votos, pedir em fim para tractar de uma paz, que nos he sem duvida necessaria, mas que lhes he indispensavel; porque a sua existencia lhe está unida.—Se todos estes motivos naõ existissem, ainda assim se faria esta leva com rapidez e alacridade. Todas as vezes que o Senado abrir aos Francezes a carreira da gloria; todas as vezes que elle os chamar para deffender a Patria, todas as vezes que elle os convidar a seguir a Napoleaõ o Grande; isto he, a marchar á victoria; vellos-heis executar os vossos decretos com este enthusiasmo, com ésta rapidez, que só os Francezes sabem dar á sua obediencia.

Relatorio feito ao Senado, pelo Conde de Lacepede, em nome de uma commissaõ especial, composta dos Senadores Laplace, Semonville, Garnier, e d'Harville, sobre o projecto da leva de 36.000 *conscriptos.*

Monseigneur, e Senadores! Tendes enviado á vossa commissaõ especial o projecto de Senatus consulto, que vos foi apresentado a 3 deste mez, o relatorio do Ministro da guerra, e o relatorio dos oradares do Conselho de Es-

tado.—O Principe, que preside esta sessaõ, Senadores, o ministro da guerra, e os ministros oradores do Conselho de Estado, tem desenvolvido os grandes motivos deste Senatus consulto. Elles recapituláram os extraordinarios acontecimentos que alguns mezes antes succedêram. Perante vos se discutîram os grandes interesses do Imperio: estes interesses estaõ ligados com os destinos da Europa, ou antes com os de todo o Mundo. Com effeito, Senadores, que epoca a em que nos achamos!—Tocamos a meta de paz continental; e talvez ésta paz geral, que o Imperador quer fazer taõ duravel, e que formará uma éra taõ notavel na serie dos seculos. Entre tanto se nos transportamos, com o pensamento, á posteridade; e consideramos o que se acaba de passar desde a abertura desta memoravel campanha ¿ que objecto d'admiraçaõ e de reflexoens profundas naõ temos nós debaixo dos olhos?—A Austria fazendo um destes esforços extraordinarios, que mudam a face do Mundo, ou levam apoz de si a perca do Estado, que se atreve a tentallos, poem em movimento toda a sua populaçaõ, ajuncta 700.000 homens debaixo de suas bandeiras, precipita-os em todas as direcçoens, como para invadir a terra. Tres exercitos Inglezes apparecem nás costas de Napoles, desembárcam em uma parte da Hollanda, e penétram o interior da Hespanha. Napoleaõ, naõ tendo com sigo, de certo modo, senaõ as vanguardas de seus exercitos, triumpha nos campos de Thann, d'Abensberg, e d'Eckmuhl. Vienna, Presburg, e mais de metade da monarchia Austriaca, todos os portos e praias porque ella se poderîa communicar com o seu alliado, saõ conquistados, occupados, submissos, e apaziquados. Os decretos, porque o Imperador governa os seus vastos estados, saõ datados daquelle mesmo palacio, em que tantas vezes se tem concertado a ruina da França. As ondas do Danubio correm por baixo de pontes construidas, ou restabelecidas á vóz do Imperador; e defendidas

por muralhas, ornadas com os tropheos de Esslingen, e de Wagram. Os Francezes, victoriosos no Tejo, e no Alberche, recolhem milhares de feridos, recommendados á sua generosidade, por essas cohortes Inglezas, que fogem nos trabalhos, evacûam a Hespanha á pressa, refugîam-se nas montanhas de Portugal, e lembram o destino daquelles seus compatriotas, que o inverno passado vio fugir, atravessando as Asturias e a Galiza, diante das aguias Imperiaes, sem que achassem outro azylo senaõ as suas frotas. Antuerpia oppoz á invasaõ Britanica os seus muros, os seus fortes, as suas planicies inundadas, os seus raios ameaçadores. Quatro exercitos, commandados por quatro marechaes illustres, desenvolveram, de um so golpe, ante o inimigo espantado, éstas legioens de guardas nacionaes, que acudîram, com a rapidez Franceza, ao nome da patria e de Napoleaõ; ésta *gendarmerie*, taõ digna de rivalizar os nossos temiveis courasseiros; e estes valentes retirados, á muito tempo, em seus lares, mas que lembrando-se, com orgulho, da honra que tantas vezes gozáram de vencer sob o maior dos capitaens, arder por levar novamente, ao meio das batalhas, a nobre decoraçaõ, com que a sua maõ omnipotente cubrio as cicatrizes destes homens. Uma atmosphera pestilencial attaca na Zelandia os Inglezes desconcertados, fére-os mortalmente, persegue-os até os seus navios; e estes vasos, em que tinham entrado, para realizar taõ grandes esperanças, naõ trazem ás praias Britanicas senaõ feridos, enfermos, e moribundos. A espada da guerra alcança os filhos de Albion, dissipa as suas illusoens, mostra-lhe o abismo em que o seu governo os submergio; e, por um constraste bem tocante, entre a França do nono anno do seculo xix. e a França do nono anno do seculo xviii. a aguia de Napoleaõ vôa victoriosa sobre a Europa, desde as margens do Vistula até alem das dos Tejo.

Eis aqûi, Senadores, o que tem feito o genio do Impe-

rador, eis aqui o que a sua alta providencia lhe inspira. Elle naõ operou tantas maravilhas, senaõ para conquistar ésta paz, que os nossos inimigos, ha tanto tempo, negam á França, e á Europa. O seu amor pelos seus povos naõ lhe permitte dispensar precauçaõ alguma, para acabar ésta conquista gloriosa.—O exercito, reunido debaixo de suas ordens, he sem duvida, de todos os que a França tem levado alem do Rheno, o mais numeroso, o mais bello, e o mais digno de seu augusto chefe. Sem duvida os differentes depositos militares estabelecidos no interior do Imperio, poderiam fornecer todos, os homens que necessitasse ainda éste grande exercito Imperial.—Mas he preciso que estes depositos de diversos regimentos naõ cessem de receber as levas habituáes, que lhe permittem manter facilmente os exercitos activos no seu estado completo. He precizo que os moços Francezes sêjam chamados para ali, antes do momento em que a sua coragem pode ser necessaria, alem de nossas fronteiras, a fim de que tenham tempo nestas escolas de se preparar para as manobras militares, por frequentes exercicios, e de se acustumar ás fatigas da guerra, e de se familiarizar, sem perigo de sua saude, com esta maneira de viver taõ nova para elles. He precizo que o Governo tenha á sua disposiçaõ grandes forças, sufficientes para repellir com promptidaõ todos os novos attaques, que o inimigo puder tentar; e que nada possa divertir de seus gloriosos successos; os exercitos que triumpham a 300 leguas do centro do Imperio; e 600 leguas uns dos outros.—Estes Conselhos da prudencia, a quem nada escapa, notai Senadores, como a bondade paternal do Imperador quer que elles sêjam seguidos.—Os moços Francezes que elle chama pelo Senatus-Consulto, e que estaõ casados, ficaraõ junctos á sua tenra familia.—Aquelles, que fóram ja legalmente reformados, naõ faraõ parte do contingente que se pede.—O Governo naõ tem necessidade senaõ de 36.000 homens.—Este numero he

repartido por cinco classes.—Os conscriptos destas cinco classes, que forem comprehendidos nos 36.000, naõ faraõ jamais parte de nenhum quadro de conscripçaõ; e se poderaõ applicar, sem incerteza alguma a todas as enterprezas, que convierem aos seus interesses.—E para julgar da grandissima superioridade de numero destes mancebos inteiramente libertados, em comparaçaõ dos 36.000, que deveraõ entrar nesta carreira militar, a qual sempre tem tido tantos attractivos para os Francezes, e que lhe tem produzido tanta gloria; trazei á lembrança, Senadores, este quadro taõ notavel pela sua importancia, e pela sua novidade, que o Ministro conselheiro de Estado deo do poder de nossa patria.—Que força! Que Imperio! E que effeitos se naõ devem esperar desta força temivel, quando se vê posta em movimento, pelo genio mais vasto; por aquelle que, com um olho penetrante, descobre, neste immenso todo que elle mesmo tem creado, dirigido, e mantido maravilhosamente em acçaõ, os mais pequenos destes inumeraveis recursos, que devem concurrer para o todo; a quem nenhuma circumstancia escapa nem no passado, nem no presente, nem no futuro; e que, segundo convem aos seus designios impenetraveis, escolhe os tempos, os homens, e os lugares; taõ espantozo, quando espera, com uma paciencia imperturbavel, o instante que elle tem designado como quando, com a rapidez do relampago, executa tudo quanto tem concebido.—Renunciem os nossos inimigos, ao aspecto de taõ grande poder, a seus projectos insensatos; e saibam que nenhum obstaculo impedirá que Napoleaõ chegue finalmente a este momento taõ desejado, em que achará, na paz que tiver dado á Europa, a recompensa de tudo aquillo que tem feito pela gloria, e prosperidade do povo Francez. A vossa commissaõ me encarregou, á unanimidade de votos, de vos propor, Senadores, a adopçaõ do projecto do Se-

natus Consulto, que se vos vai a apresentar. (*O projecto he adoptado.*)

Prefectura do Departamento do Sena. Leva Complementar de 36.000 conscriptos das classes de 1806, 1807, 1808, 1809, e 1810.

Em consequencia das circulares, e instrucçoens de S. Ex^a. o Ministro de Estado, Director geral das revistas, e da conscripçaõ militar, em data de 4 e 9 do presente mez de Outubro, as quaes mencionam, que por um Senatus-consulto, do dia 5, se ordenou uma leva complementar de 36.000 homens, nas classes de 1806, 1807, 1808, 1809, e 1810, e que o contingente, que deve ministrar o Departamento do Sena, foi fixado, para estas cinco classes, em 207 homens: o conselheiro de Estado, Conde do Imperio, Prefeito do Departamento do Sena, notifica aos conscriptos, que naõ fôram precedentemente chamados, as disposiçoens seguintes.

ART. I. *Reuniaõ dos Conscriptos.* Os conscriptos, que, em cada uma das cinco classes acima designadas, fôrem chamados para concorrer, a fornecer o contingente da leva complementar, se reunirão em Paris, na Casa-da-Cidade, quarta feira 18 do presente mez de Outubro; as Redondezas (*Arrondissement*) de S. Denis, e de Sceaux, ás 8 horas da manhaã; eos conscriptos de Paris ao meio dia.

ART. II. *Reformas.* Os conscriptos, que estiverem no caso de requerer a sua reforma, por enfermidades, deveraõ munir-se com o extracto de suas contribuiçoens, e da de seus pais.

ART. III. *Conscriptos casados antes da publicaçaõ do Senatus-Consulto de 5 de Outubro.* Os Conscriptos, casados antes da publicaçaõ do Senatus Consulto de 5 de Outubro, saõ izentos de marchar, senaõ estiverem viuvos, ou divorciados sem filhos. Para gozar desta izençaõ, de-

veraõ apresentar seu requirimento no mesmo dia da reuniaõ na casa-da-cidade; e exhibir: 1°. o seu acto de casamento legalizado pelo presidente do tribunal civil da primeira instancia: 2°. um certificado assignado pelo Maioral, e tres testemunhas, pais de familias, que certificaraõ a identidade dos individuos; e attestaraõ que estes conscriptos naõ saõ viuvos, ou divorciados sem filhos. Quanto aos conscriptos casados fóra do Departamento, e que naõ puderem exhibir immediatamente o seu acto de casamento, estes certificados deveraõ alem disso especificar, que o casameno he de notoriedade publica.

Art. IV. *Admissaõ do Deposito.* Os conscriptos, que pretenderem ter direito a ser postos no fim dos depositos; deveraõ tambem fazer o requirimento, per ante o conselho de recrutamento, no mesmo dia da sua reuniaõ na casa-da-cidade. O favor do deposito poderá ser concedido, ou elle naõ o tivesse sido precedentemente, por falta das peças regulares, ou porque os conscriptos so tivessem adquirido direito a elle, depois de feitas as levas em suas classes. Os certificados, necessarios para estabelecer a situaçaõ dos requerentes, deveraõ ser depositados immediatamente; seraõ entregues nas formas estabelecidas pelas instrucçoens precedentes. Os conscriptos, omittidos nas listas das suas classes, naõ poderaõ reclamar o favor do deposito.

Art. V. *Substituiçoens.* Os conscriptos, que fôram chamados, gozaraõ, até 10 de Novembro proximo, da faculdade de fornecer os seus substitutos. Os substitutos poderaõ ser tomados em todas as classes, desde a do anno 8 inclusivamente até a de 1810, inclusivamente. Com tudo naõ se poderaõ tomar como substitutos nas classes de 1806, 1807, 1808, 1809, e 1810 os conscriptos, cujos numeros forem susceptiveis de ser incluidos na leva complementar.—As substituiçoens, executadas até este dia, fîcam anulladas, se os substitutos se acharem chamados para a

leva complementar; e, neste caso, os substituidos seraõ obrigados a marchar em pessoa, ou a fornecer, antes de 10 de Novembro proximo, novos substitutos.—As substituiçoens saõ com tudo mantidas, se os substituidos próvam, que tem direito a ser exemptos, como casados antes da publicaçaõ do Senatus-consulto de 5 de Outubro; e ainda nos casos abaixo especificados:—1°. Se os conscriptos, que marchárem como substitutos, tem mais de dous annos de actividade de serviço, em qualidade de substitutos, no momento em que os seus numeros fôrem chamados para a leva complementar; e, neste caso, se deveraõ exhibir certificados dos conselhos d'administracçaõ dos corpos onde estiverem os substitutos, para constar a data da sua entrada no serviço, e a sua presença actual juncto ás bandeiras: 2°. Se estes mesmos conscriptos morrêram debaixo de suas bandeiras, se fôram reformados por feridas ou enfermidades resultantes do serviço: estas circumstanstancias deveraõ ser estabelecidas por certificados dos mesmos conselhos, attestando a morte, ou a reforma, e os seus motivos, dos substitutos.

Art. VI. *Repartiçaõ do contingente.* O contingente de 207 homens, assignado aò Departamento do Sena, para a leva complementar, he repartido pelas differentes classes, e entre as Redondezas, communs, e cantoens de justiça de paz: a cidade de Paris deverá fornecer pelo seu contingente 97 homens.

Art. VII. *Libertaçaõ deffinitiva.* Logo que o contingente da leva complementar, estiver inteiramente preenchido; os conscriptos das classes de 1806, 1807, 1808, 1809, 1810, que tiverem satisfeito á conscripçaõ, e naõ forem chamados para fazer parte do exercito, seraõ deffinitivamente libertados: nenhum outro contingente sera exigido destas classes.

Tractado de Paz entre França e Austria.

(Copiado das gazetas Francezas.)

Napolleaõ, pela graça de Deus e constituiçaõ do Imperio, Imperador dos Francezes, Rey da Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, &c.—Tendo visto e considerado o tractado concluido, terminado, e assignado em Vienna, aos 14 deste mez, pelo Sieur Nompere de Champagny, nosso ministro dos negocios estrangeiros, em virtude dos plenos poderes que para este fim lhe demos; e pelo Principe Joaõ de Lichtenstein, Marechal dos exercitos de S. M. o Imperador de Austria, igualmente munido de plenos poderes, o qual tractado he da maneira seguinte:—

S. M. O Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Liga de Suissa; e S. M. o Imperador de Austria, Rey da Hungria e Bohemia, estando igualmente animados pelo desejo de por fim á guerra, que se originou entre elles, tem resolvido negociar immediatamente um tractado diffinitivo de paz, e para este fim nomeáram como seus plenipotenciarios, a saber:—S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, ao Sieur Joaõ Baptista Nompere, Conde de Champagny, Duque de Cadore, Gram Alferes da Aguia de Legiaõ d'Honra, Commendador da Ordem da corôa de ferro, Cavalleiro da Ordem de S. Andre de Russia, Gram Dignitario da das duas Sicilias, Gram Cruz das ordens da Aguia vermelha e negra de Prussia, da Ordem de S. Joseph de Wurtemburg, da Ordem da Fidelidade de Baden, da Ordem de Hesse Darmstadt, Ministro dos negocios estrangeiros de S. dicta M:—e S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hungria e Bohemia ao Sieur Principe Joaõ de Lichteustein, cavalleiro da Ordem do Tosaõ d'Ouro, Gram Cruz da Ordem

de Maria Thereza, Camarista, Marechal dos exercitos de S. dicta M. o Imperador de Austria, e Commandante proprietario de um regimento de cavallaria no seu serviço:— Os quaes, havendo trocado os seus plenos poderes concordáram nos seguintes artigos:—

Art. I. Haverá, desde o dia da troca das ratificaçoens do presente tractado, paz e amizade, entre S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, e Protector da Confederaçaõ do Rheno, e S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hungria, e de Bohemia, Seus Herdeiros, e Successores, seus respectivos estados e subditos; para sempre.

II. A presente paz he tambem declarada commum a S. M. o Rey de Hespanha, S. M. o Rey de Hollanda, S. M. o Rey de Napoles, S. M. o Rey de Bavaria, S. M. o Rey de Wirtemberg, S. M. o Rey de Saxonia, e S. M. o Rey de Westphalia, S. A. Eminentissima o Principe Primaz, Suas Altezas Reaes o Gram Duque de Baden, Gram Duque de Berg, Gram Duque de Hesse Darmstadt, Gram Duque de Wurtemburg, e todos os Principes e Membros de Confederaçaõ do Rheno, os Alliados na presente guerra, de S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno.

III. S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hungria e Bohemia, cede; tanto por si seus herdeiros e successores, como pelos Principes de sua caza, seus respectivos herdeiros esuccessores: os principados, senhorios, dominios e territorios, abaixo-mencionados; e tambem todos os titulos que lhes podem provir da possessaõ dos mesmos; e todas as propriedades, ou de senhorio, ou havidas debaixo de algum titulo especial, que existam nos dictos territorios.

1. Cede e transfere a S. M. o Imperador dos Francezes, para formar parte da Confederaçaõ do Rheno, e para ser posta á sua disposiçaõ, para os interesses dos Soberanos da Confederaçaõ;—Os territorios de Saltzburg, e Berchtolsgaden; a parte da Austria-alta que fica situada do outro lado de uma linha, tirada do Danubio, na

aldea de Straas, comprehendendo Weissen Kirch, Wedersdorff, Michelbach, Greist, Muckenhoffen, Helst, e Jedina; e dahi na direcçaõ de Schwanstadt, sobre o Alter, e dahi subindo ao longo da margem daquelle rio, e lago do mesmo nome, até o ponto em que o lago toca o territorio de Saltzburg.

S. M. o Imperador de Austria só reterá, em propriedade, os matos pertencentes a Salz-Cammer-Gut, e que fórmam parte do Senhorio de Mondsee, com a liberdade de cortar e levar daqui o páo de vassoura, mas sem gozar direito algum de Soberania, neste territorio.

2. Elle tambem cede a S. M. o Imperador dos Francezes Rey da Italia, o Condado de Goritzia, o Senhorio de Montefalcone, o Governo e Cidade de Trieste, Carniola, com as suas dependencias sobre o golpho de Trieste, o Circulo de Willach, na Carinthia, e todos os territorios que jazem na margem direita do Save, desde o ponto em que aquelle rio deixa a Carniola, a longo de seu curso, até onde elle toca as fronteiras de Bosnia, isto he, uma parte da Croacia provincial, seis districtos da Croacia militar, Fiume, a provincia Litorale da Hungria, a Istria Austriaca, ou distiricto de Castua, as ilhas dependentes dos territorios cedidos: e todos os outros territorios, de qualquer denominaçaõ que sêjam, sobre a margem direita do Save, servindo a corrente media do dicto rio de limite entre os dous Estados.—Ultimamente o senhorio de Radzuns, que jaz em Graubunderland.

3. Elle cede e trespassa a S. M. o Rey de Saxonia, o territorio de Bohemia, dependente, e incluido no territorio do Reyno de Saxonia a saber; as parochias e aldeas de Guntersdorff, Taubantranken, Gerlochstein, Lenkersdorff, Schisgiswald, Winkel, &c.

4. Elle cede e trespassa ao Rey de Saxonia, para ser unido ao Ducado de Warsowia, todo o Wester on Nova Gallicia, um districto ao redor de Cracowia, na margem direita do Vistula, que ao depois se determinará, e o circulo de Zamou na Galicia Oriental.—O districto ao redor de Cracovia, sobre a margem direita do Vistula, na direcçaõ de Podgorae, terá por circumferencia a distancia desde Podgorze ate Wieliczka. A linha de demarcaçaõ passará por Wieliczka, e para o Oeste chegará ao Scawina, e para o Leste ao Beck, que desemboca no Vistula, em Brzdegy.—Wieliczka, e todo o territorio das salinas pertencerá em commum ao Imperador d'Austria, e Rey de Saxonia, A Justiça será ali administrada em nome do poder municipal, e seraõ aquartelladas neste territorio somente as tropas que forem necessarias para manter a policia, e consistiraõ de igual numero de ambas as naçoens. O sal Austriaco de Wieliczka, no seu

transporte pelo Vistula, e pelo Ducado de Warsovia, náõ pagará direitos nem portagens. O graõ de todos os generos, cultivado na Galicia Austriaca, será tambem livremente exportado cruzando o Vistula.—S. M. o Imperador de Austria, e S. M. El Rey de Saxonia podem formar arranjamentos, a respeito destes limites, de maneira que o Sau, desde o ponto em que toca o circulo de Zamosc, até a sua confluencia com o Vistula, sirva de linha de demarcaçaõ entre ambos os Estados.

5. Elle cede e trespassa a S. M. o Imperador da Russia, na parte mais oriental da Galicia, uma extençaõ de territorio, que contenha de populaçaõ 400.000 almas; a cidade de Brodi porem, naõ será incluida nisto. Este territorio será amigavelmente determinado, por commissarios da parte de ambos os Imperios.

IV. Havendo sido abolida a Ordem Teutonica nos Estados da Confederaçaõ do Rheno, S. M. o Imperador de Austria em nome de S. A. Imperial o Archiduque Antonio, abdica o Gram Mestrado desta Ordem nos seus Estados, e reconhece as disposiçoens, adoptadas a respeito da propriedade da Ordem, localmente situadas fóra do territorio Austriaco. Assignar-se-haõ pensoens aos que gozarem de rendas da Ordem.

V. As dividas, cuja segurança estivesse na hypoteca das provincias cedidas, e concedidas pelos Estados das dictas provincias, ou provindas de despezas que se fizessem para sua administraçaõ, unicamente, seguiraõ o destino destas provincias.

VI. As provincias que tem de ser restituidas a S. M. o Imperador de Austria, seraõ administradas, de sua parte, pelas Authoridades Constituidas Austriacas, desde o dia em que se trocar a ratificaçaõ do presente tractado; e os Senhorios Imperiaes, em qualquer parte que estejam situados, desde o 1°. de Novembro proximo futuro. Bem entendido, porém, que o exercito Francez, neste paiz, tomará para o seu uso todos os artigos que naõ puderem ser suppridos dos armazens, para a subsistencia das tropas, e precisoens dos hospitaes; e tambem tudo aquillo que for necessario para transportar os seus doentes e evacuar os

armazens.—Far-se-ha um arranjamento, entre as Altas Partes contractantes relativamente a todas as contribuiçoens de guerra, de qualquer denominaçaõ que sêjam, e que fossem impostas previamente ás Provincias Austriacas, occupadas pelas tropas Francezas e alliadas; em consequencia deste arranjamento cessará a exacçaõ das dictas contribuiçoens, desde o dia da troca das ratificaçoens.

VII. S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, se obriga a naõ obstruir a importaçaõ ou exportaçaõ de mercadorias para o territorio Austriaco, pela via do porto de Fiume: isto porem se naõ deve entender que inclua fazendas ou manufacturas Inglezas. Os direitos de transito, sobre as fazendas assim importadas ou exportadas, seraõ menores que os direitos sobre todas as outras naçoens, excepto o reyno de Italia.—Instituir-se-ha uma Inquiriçaõ para averiguar se se podem conceder ao commercio Austriaco algumas vantagens, nos outros portos cedidos por este tractado.

VIII. Os titulos de Senhorio, archivos, planos, e mappas dos paizes, cidades, e fortalezas cedidas, seraõ entregues dentro de dous mezes, depois do periodo da ratificaçaõ.

IX. S. M. o Imperador de Austria Rey de Hungria e Bohemia se obriga a pagar o juro annual, atrazados, e capital, amortizado em apolices do Governo, dos Estados, Banco, Loteria, ou outros estabelicimentos publicos por individuos, companhias, ou corporaçoens em França, Reyno de Italia, ou Gram Ducado de Berg.—Tomar-se-haõ tambem medidas para liquidar completamente a somma devida ao *Monte Saucta Theresa*, agora Monte Napoleaõ, em Milaõ.

X. S. M. o Imperador dos Francezes se obriga a obter o pleno e completo perdaõ aos habitantes do Tyrol, e Voralberg, que tomáram parte na insurreiçaõ, de maneira que naõ seraõ perseguidos nem nas pessoas, nem na pro-

priedade.—S. M. o Imperador de Austria igualmente se obriga á dar pleno e completo perdaõ aos habitantes da Gallicia, de que elle volve a ter possessaõ, sejam pessoas civis, sejam militares, officiaes publicos, individuos particulares, que tenham tomado parte na leva das tropas, ou formaçaõ de administraçoens judiciaes, ou municipaes; ou qualquer outro procedimento durante a guerra; os quaes habitantes naõ seraõ perseguidos, em suas pessoas ou propriedade.—Elles teraõ permissaõ, durante o periodo de seis annos de dispor de suas propriedades, de qualquer descripçaõ que sêjam, vender as suas terras, mesmo aquellas que se considerarem inalienaveis, taes como fideicomissos, e morgados; deixar o paiz e levar com sigo o producto destas vendas, em espècie ou effeitos de qualquer outra descripçaõ, sem pagar direitos pelos mesmos, ou experimentar alguma difficuldade ou obstrucçaõ.—A mesma permissaõ, e pelo mesmo periodo, será reciprocamente concedida aos habitantes, e proprietarios de terras, nos territorios cedidos pelo presente tractado.—Os habitantes do Ducado de Warsovia, que possuem bens de raiz na Gallicia Austriaca, ou sêjam officiaes publicos, ou individuos particulares, gozaraõ das rendas dos mesmos, sem pagar disso alguns direitos, ou soffrer alguma interrupçaõ.

XI. Dentro de seis semanas desde a troca do presente tractado, se erigiraõ marcos, para designar os limites de Cracovia, na margem direita do Vistula. Para este fim se nomearaõ commissarios Austriacos, Francezes e Saxonios.—As mesmas medidas se adoptaraõ, dentro do mesmo periodo, sobre as fronteiras da Austria Superior, Saltzburg, Willach, e Carniola, até o Saave. A corrente media do Saave determinará que ilhas daquelle rio devem pertencer a cada uma das potencias. Para este fim se nomearaõ commissarios Francezes e Austriaços.

XII. Entrar-se-ha immediatamente em uma convençaõ militar, para regular os respectivos periodos dentro dos

quaes as differentes provincias, que se restituem a S. M. o Imperador d'Austria, devem ser evacuadas. A dicta convençaõ sera ajustada sobre a baze, de que a Moravia será evacuada dentro de quatorze dias; a parte da Gallicia, que fica em possessaõ da Austria, a cidade e districto de Vienna, em um mez; a Austria baixa em dous mezes, e o resto dos districtos e territorios, naõ cedidos por este tractado, seraõ evacuados pelas tropas Francezas, e dos alliados, em dous mezes e meio, ou mais cedo se for possivel, desde a troca das ratificaçoens.—Esta convençaõ regulará tudo o que diz respeito á evacuçaõ dos hospitaes, e armazens do exercito Francez, e a entrada das tropas Austriacas, nos territorios evacuados pelos Francezes, ou seos Alliados; e tambem a evacuaçaõ daquella parte da Croacia, cedida pelo presente tractado a S. M. o Imperador dos Francezes.

XIII. Os prisioneiros de guerra tomados á Austria pela França, e seus alliados, e pela Austria á França e seus alliados, que ainda naõ fôram libertados, seraõ entregues dentro de quatorze dias depois da troca da ratificaçaõ do presente tractado.

XIV. S. M. o Imperador dos Francezes, Rey da Italia, protector da liga do Rheno, garante a inviolabilidade das possessoens de S. M. o Imperador d'Austria, Rey de Hungria e Bohemia, no estado em que ellas se acharem, em consequencia do presente tractado.

XV. S. M. o Imperador de Austria, reconhece todas as alteraçoens que tivéram lugar, ou podem vir a ter lugar, na Hespanha, Portugal, e Italia.

XVI. S. M. o Imperador de Austria, desejando cooperar para a restauraçaõ da paz maritima, accede ao systema prohibitivo, relativamente á Inglaterra, adoptado pela França e Russia, durante a presente guerra maritima. S. M. Imperial romperá toda a communicaçaõ com a Gram

Bretanha, e a respeito do Governo Inglez se porá na situaçaõ em que estava, antes da presente guerra.

XVII. S. M. o Imperador dos Francezes, Rey da Italia, e S. M. o Imperador de Austria Rey de Hungria e Bohemía, observaraõ a respeito um do outro o mesmo ceremonial, quanto á graduaçaõ e outros pontos de etiqueta, que se observáram antes da presente guerra.

XVIII. As ratificaçoens do presente tractado seraõ trocadas dentro de seis dias, ou mais cedo se for possivel.

Dado em Vienna aos 14 de Outubro, de 1809.

(Assignados) J. B. Nompere de Champagny.
Joaõ Principe de Lichtenstein.

Nós temos ratificado, e por este ratificamos o tractado acima, em todos e cada um dos artigos nelle contidos; declaramos que o mesmo he adoptado, confirmado, e estabelecido; e nos obrigamos a que o mesmo será mantido inviolavel.—Em confirmaçaõ do que temos afixado a nossa assignatura, com a nossa maõ, sendo contrasignado e sellado com o nosso sello Imperial.—Dado no nosso Campo Imperial em Schoenbrunn, aos 15 de Outubro, de 1809.

(Assignado) Napoleaõ.

Por ordem do Imperador, Champagny.
H. B. Maret.

Certificado por nos Archichanceller de Estado,
Eugenio Napoleaõ.

Confederaçaõ do Rheno.

Edicto do Principe Primàz.

Carlos pela graça de Deus, &c.

I. As boas leis saõ a razaõ escripta; e a razaõ, no sentido moral, he o sentimento do justo e do injusto, que o Creador traçou no coraçaõ do homem, com traços inextinguiveis. Quando o sophisma das paixoens, e os prejuizos da ignorancia desencaminham o espiriro do homem, o tempo dissipa o erro; mas os principios do justo saõ indestructiveis. As falsas ideas dos Romanos sobre a escravidaõ, ja naõ existem; concepçoens luminosas, sobre o direito real, existiraõ sempre, e saõ as guias immortaes de uma jurisprudencia esclarecida.

II. Todos os homens tem o direito de conhecer as leis, conforme as quaes as acçoens, e pretençoens devem ser julgadas. Um codigo em lingua vulgar, ou a traducçaõ de um codigo, adoptado como lei, produzirá ésta vantagem essencial.

III. Os principios fundamentaes do justo e do injusto saõ geraes; e como taes saõ applicaveis aos casos particulares. Serîa inutil formar codigos differentes; em cada um dos Estados, que se encérram em estreitos limites. Existem na lingua Alemaã codigos de leis civis, cujo merecimento he reconhecido. O codigo Prussiano reune o duplicado merito de ser breve e completo. O author do antigo codigo Bavaro, estava penetrado do verdadeiro espirito da jurisprudencia Romana. As leis de Austria abrevîam as delongas inuteis dos processos. Mas entfe todos os codigos existentes o de S. M. Imperial e Real, o Imperador Napoleaõ, reune vantagens, que lhe saõ peculiares.

IV. A primeira vantagem he que os maiores jurisconsultos Francezes concorrêram para a sua formaçaõ, debaixo da direcçaõ do maior homem do seculo. Os nomes de S. M.

o Principe Archichanceller, os de Portalis, Preameneu, Tronchet, e tantos outros espiritos excellentes, bástam para provar ésta verdade. As decisoens do Conselho de Estado, do Senado conservador, do Tribunado, do Corpo legislativo, dos Tribunaes de appellaçaõ, amadurecêram ésta obra.—He verdade que a Alemanha tem produzido, em todos os tempos, excellentes jurisconsultos. O eminente merecimento dos Bohemeros, Leiceros, Thomasios, Ludewigios, Mevios, Heinecios, Strichios, &c. he mui bem reconhecido. Actualmente, Goenner, Almendingen, Seindensticker, Zacaria, Grellman, Faub, Meister, Hugo, e tantos outros homens excellentes, se distinguem pela solidez da sciencia; mas na constituiçaõ das Soberanias confederadas, por mais excellente que ella seja a outros respeitos, serîa difficil reunir èm um mesmo lugar os jurisconsultos situados nas differentes soberanias para trabalhar de commum acordo na compilaçaõ de um codigo: he a reuniaõ das luzes a que aperfeiçoa uma tal obra.

V. A segunda vantagem que possue o codigo Nopoleaõ he, que as discussoens no conselho de estado, relativamente ás leis de que elle he composto, saõ publicadas; e a obra do exacto, e sabio Redactor Lovré apresenta o espirito do codigo Napoleaõ, com uma clareza luminosa.

VI. A terceira vantagem que appresenta o codigo Napoleaõ he o estabelicimento das assembleas de familia, e dos juizes de paz. Estas duas instituiçoens concorrem essencialmente á mantença da ordem, e conservaçaõ dos bons custumes.

VII. Estes motivos determináram a adopçaõ do codigo Napoleaõ nos Estados do Primaz, a sua força de lei começa no 1°. de Maio do anno proximo futuro de 1810.

A traducçaõ Alemaã do Professor Erhard, de Leipsic, he adoptada provisoriamente.

VIII. Nós nos reservamos a publicar successivamente as explicaçoens que forem necessarias para a execuçaõ practica deste codigo legislativo.

CARTAS APOSTOLICAS
em forma de Breve.

Pelas quaes se decláram excommungados, e denovo saõ excommungados os auctores, executores, e fautores da uzurpaçaõ dos Dominios de Roma, e d'outros Estados pertencentes a S. Sé.

Quando no memoravel dia 2 de Fevreiro, as Tropas francezas, depois de terem envadido as mais ricas provincias dos Estados Pontificios, fizéram uma irrupçaõ subita, e hostil na mesma Roma, de nenhum modo podemos persuadir-nos, que taes attentados se devessem unicamente áquellas razoens politicas, e militares, que os Invasores em publico espalhávam; isto he, de defender-se nesta cidade, e de expulsar os seus inimigos do territorioda sancta Igreja Romana, ou de tomar vingança da nossa firmeza, e constancia em recuzar algumas pretençoens, que o Governo Francez de nos exigira. Vimos bem depressa que este attentado tinha por objecto naõ certas precauçoens temporaneas, ou militares, nem uma simples demonstraçaõ de descontentamento com nosco. Pelo contrario vimos reviver, resurgir das suas cinzas, e tornar apparecer em toda a sua luz as impias conspiraçoens, que pareciaõ senaõ reprimidas, pelo menos adormentadas, desses homens

---

PIUS PP. VII.

AD PERPETUAM REI MEMORIAM.

Quum memorandâ illâ die secundâ Februarii Gallorum copiæ, postquam uberiores alias Pontificiæ Ditionis Provincias latè invaserant, in Urbem quoque repentinò, hostilique immissæ sunt impetu, in animum inducere minimè potuimos, ut politicis, aut militaribus illis rationibus, quæ ab Invasoribus vulgò prætendebantur, et jactabantur, ausus hujusmodi unicè tribueremus, quod scilicet aut tueri sese hîc, prohibereque hostes suos a terris S. R. Ecclesiæ, aut nostrum in nonnullis ex iis, quæ Gallicanum a nobis Gubernium petierat, recusandis propositum, atque constantiam vellent ulcisci. Vidimus statim rem multò spectare longius, quam temporariam quamdam,

enganados, e enganadores, que queriam introduzir seitas de perdiçaõ a soccorros de uma philosophia vaã, e fallax; e queas sim tramávam ha longo tempo a ruina da nossa Sancta Religiaõ. Conhecemos, que na nossa humilde pessoa se attacava, se combatia esta sancta Sé do bem aventurado Principe dos Apostolos, para que derribada esta, se de algum modo isso fosse possivel, viesse de necessidade a abalar-se desde os fundamentos, e a arruinar-se a Igreja Catholica, fundada pelo seu divino author sobre este assento, como sobre uma solidissima pedra.

Julgamos outrora nos, e esperamos, que o Governo Francez, instruido por experiencia dos males, em que se achava involta aquella poderosa naçaõ por ter largado as

---

aut militarem providentiam, irative erga nos animi significationem. Vidimus reviviscere, recalere, e latebris rursus erumpere, quæ deferbuisse, et si minus compressa, repressa saltem videbantur, impia, ac vaferrima illorum hominum consilia, qui decepti, decipientesque per *philosophiam, et inanem fallaciam* introducentes sectas perditionis†* Sanctissimæ Religionis excidium, conjuratione factâ, jamdiu machinantur. Vidimus in Personâ humilitatis nostræ Sanctam hanc Bmi. Apostolorum Principis sedem peti, ubsideri, oppugnari, quo scilicet, si ullo modo fieri posset, subruta, et Catholicam Ecclesiam super illam, tanquam super solidissimam petram a divino ejus Conditore inædificatam labefactari funditùs, et corruere sit necesse.

Putavimus olim nos, speravimusque, Gallicanum Gubernium malorum experientiâ, edoctum quibus potentissima Natio ob laxatas impietati et Schismati habenas sè involverat, convictumque unanimi longè maximæ civium partis suffragio, sibi verè, et ex animo persuasisse tandem securitatis suæ, ac felicitatis publicæ interesse maximè, si liberum Religioni Catholicæ exercitium sincerè restitueret, ac singulare ejus patrocinium susciperet. Hâc profectò opinione, ac spe excitati Nos, qui illius vices, licet immerentes, in terris gerimus, qui *Deus eſt pacis*, vix ut reparandis in Galliâ Ecclesiæ cladibus aditum patefieri aliquem persensimus, testis nobis universus est Orbis, quantâ

---

* Add Coloss. Cap. II. V. 8. † Epist. S. Petri II. Cap. II. V. 1.

redeas á impiedade, e ao Scisma; e convencido pelo unanime parecer da maior parte dos Cidadaõs, se tinha finalmente persuadido de quanto era importante para a sua segurança, e felicidade publica, o restabelecer-se de bom grado o livre exercicio da Religiaõ Catholica, e tomar-se debaixo da sua protecçaõ particular. Animados nós desta idea, e desta esperança, nos, que, indignos como somos, fazemos sobre a terra as vezes daquelle, que he Deus de paz, apenas vimos abrir-se um vislumbre de serepararem os desastres da Igreja em França; o universo inteiro he testemunha do ardor, com que nos prestamos a tractados de paz; e de quanto nos custou a Nos, e a esta mesma Igreja, o conduzir finalmente estes tractados áquelle termo que fosse possivel. Mas Grande Deus! em que terminou nossa esperança! Que fructo se tirou de tanta condescendencia, e da nossa liberalidade! Desde o momento que se promulgou esta paz, nos fomos constrangidos ás lamentaçoens do propheta "*Eis aqui na paz a minha amargura mais amarga.*" Nos naõ dissimulamos esta amargura á Igreja, nem a'nossos Irmaõs os Cardeaes da Sancta Igreja Romana na allocuçaõ, que lhes fizemos

---

cum alacritate iniverimus tractationes pacis, quantique et nobis, et ipsi Ecclesiæ steterit illas tandem ad eum exitum perducere, quem consequi licuisset. At, Deus immortalis! quorsùm spes illa nostra evasit! quis tantæ indulgentiæ, ac liberalitatis nostræ tandem extitit fructus! Ab ipsa promulgatione constitutæ hujusmodi pacis conqueri cum Prophetâ coacti fuimus; *Ecce in pace amaritudo mea amarissima:* quam sanè amaritudinem non dissimulavimus Ecclesiæ, ipsisque fratribus nostris S. R. E. Cardinalibus in allocutione ad ipsos habitâ in Consistorio diei 34 Maii anni 1802. significantes scilicet eâ promulgatione nonnullos initæ conventioni adjectos fuisse articulos ignotis Nobis, quos statim improbavimus. Iis siquidem articulis non solùm exercitio Catholicæ Religionis ea penitùs libertas in maximis, potissimisque rebus re adimitur, quæ in ipso conventionis exordio ut

cando-lhes que naquella promulgaçaõ se tinhaõ acrescentado á convençaõ que fizemos, artigos a Nos desconhecidos, que subitamente reprovamos. Com effeito, por aquelles artigos naõ somente se prohibe de todo, no exercicio da Religiaõ Catholica em os pontos mais graves, e importantes, a liberdade que fora verbalmente assegurada, pactuada, e solemnemente promettida no exordio mesmo da Convençaõ, como sua base fundamental; mas ainda, em alguns daquelles artigos se attaca de perto a doctrina do Evangelho.

O mesmo foi quasi o exito da convençaõ que fizemos com o Governo da Republica Italiana: sendo interpetrados estes mesmos artigos de uma maneira inteiramente arbitraria, e perversa, com summa, e patente fraude, as quaes arbitrarias, e perversas interpretaçoens nos com grande cuidado tinhamos procurado acautellar.

Violados por este modo, e desfigurados aquelles pactos de uma, e outra convençaõ, os quaes se tinhaõ estabelecido a favor da Igreja; e submettida a potencia espiritual á secular; tam longe estivéram aquellas convençoens de produzir effeitos salutares, que antes fomos obrigados a ver com dor crescendo diariamente os males, e os desastres da Igreja de Jezus Christo.

---

siduis basis, ac fundamentum verbis asserta, pacta, promissa solemniter fuerat, verum etiam quibusdam ipsa etiam haud procul impetitur Evangelii doctrina.

Idem ferè fuit exitus conventionis, quam cum Italicæ Reipublicæ Gubernio inivimus: iis ipsis articulis arbitrariè prorsus, ac perversè per summam, patentemque fraudem, atque injuriam interpretatis, quibus ab arbitrariis, perversisque practionum interpretationibus summopere præcaveramus.

Violatis hoc modo, pessumdatisque conventionis utriusque pactionibus illis, quæ quidem in favorem Ecclesiæ fuerant constitutæ, et potestate spirituali laicalis arbitrio subacta, tam longè abfuit, ut quod proposueramus Nobis, conventiones illas ulli salutares effectus

Nos naõ nos suspenderemos aqui a recordar, e a enumerar a um, e um estes males, e estes desastres conhecidos, e deplorados por todas as gentes de bem, que de mais amais fôram por Nos bastantemente expostos em duas allocuçoens Consistoriaes, que fizemos, uma a 16 de Março, e outra a 11 de Julho do mesmo anno de 1808, que nos trabalhamos por fazer publicas, tanto quanto nos permettia o aperto, em que estamos. Destas conheceraõ todos, e toda a posteridade verá, qual seria o nosso sentimento á vista de tantos, e tam grandes attentados do Governo Francez sobre as couzas pertencentes á Igreja; conheceraõ que paciencia, e longanimidade nos foi precizo para calar-nos por tanto tempo; porisso mesmo, que tendo firme o amor da paz, e concebido a esperança de obter uma vez o remedio a tantos males, differia-mos de dia em dia o levantar em publico a nossa vóz. Veraõ, que disvellos, que cuidados, seriam os nossos, e quanto pelas nossas acçoens, preces, rogativas, e pelos nossos gemidos nos esforçamos sem interrupçaõ a curar as feridas feitas á Igreja, e a impedir que se fizessem novas. Mas debalde esgotamos nós todos os recursos da nossa humildade, moem consistorio de 24 de Maio do anno de 1802, signifi-

---

fuerint consequuti, ut potius mala, ac detrimenta Jesu Christi Ecclesiæ augeri in dies magis, ac propagari latius doleamus.

Atque ea quidem hoc loco minimè nos singillatim enumerando recensebimus, quoniam et vulgò satis nota, et bonorum omnium lacrymis deplorata sunt, satisque præterea exposita a nobis duabus allocutionibusConsistorialibus fuerunt,quarum alteram habuimus die16. Martii, alteram die 11. Julii anno 1301.; quæque, ut ad notitiam publicam perveniant, quatenus in hisce nostris angustiis licuit, opportunè providimus. Ex iis cognoscent omnes, totaque videbit posteritas, quæ de tot, tantisque ausibus Gallicani Gubernii in rebus ad Ecclesiam spectantibus mens, ac sententia nostra fuerit: agcoscent, cujus longanimitatis, patientiæque fuerit quod tamdiu siluerimus, quoniam proposito nobis amore pacis, firmàque conceptâ spe, fore ut tanti malis remedium tandem, ac finis imponeretur, de die in diem Aposto-

deraçaõ, e brandura, com a qual procuramos ategora defender os direitos, e os interesses juncto a aquelle, que se tinha unido aos conselhos dos impios para a destruir totalmente, áquelle que tinha affectado amizade para mais facilmente trahilla; e que tinha fingido protegella, para opprimilla com mais segurança.

Muitas vezes, e por longo tempo nos fôram dadas esperanças, sobre tudo quando se dezejou, e se pedio a nossa viagem á França; desde ali começáram a illudir nossas supplicas, e peditorios com astutas tergiversaçoens, e subterfugios, e com respostas ou dilatorias, ou perfidas. Finalmente naõ fazendo conta alguma disso, pois que se approximava o tempo de por em obra as tramas contra esta Santa Sé, e contra a Igreja de Jezus Christo, começáram a attacar-nos, a vexar-nos com repetidos, exorbitantes, ou dolosos pedidos, cuja natureza indicava de sobejo, e dantemaõ, que se tinhaõ em vista dous objectos igualmente funestos, e ruinosos á Santa Sé, isto he, de nos fazer trahir vergonhosamente o nosso ministerio, se nós concordassemos nisso, ou de fazer da nossa repulsa um motivo para declarar-nos uma guerra aberta.

---

licam nostram palàm extollere vocem differebamus. Videbunt, qui labores, quæ curæ nostræ fuerint, quamque agendo, deprecando, obtestando, ingemiscendo nunquam conari cessaverimus, ut illatis Ecclesiæ vulneribus medela adhiberetur, ac ne nova ei infligerentur, deprecaremur. Sed frustra exhaustæ sunt omnes humilitatis, moderationis, mansuetudinis rationes, quibus hucusque studuimus jura, partesque Ecclesiæ apud illum tueri, qui cum impiis in societatem consilii venerat de eâ penitus destruendâ, qui eo animo amicitiam cum illâ affectaverat, ut facilius proderet; ejus patrocinium simulaverat, ut securius opprimeret.

Multa sæpe, diuque sperare Nos jussi fuimus, præsertim verò cum nostrum in Gallas iter optatum, expetitumque fuit; deinceps eludi expostulationes nostræ ceptæ sunt callidis tergiversationibus, ac cavillationibus, responsisque vel ad rem ducendam, vel ad fallendum

E por quanto nós naõ podiamos acceder a taes petiçoens, naõ o permittindo a nossa consciencia, fez-se logo da nossa repulsa um motivo para destacar, de uma maneira hostil, tropas contra esta sacra cidade: apossáram-se do castello de Santo Angelo; postáram destacamentos nas ruas e nas praças, e até o nosso Palacio Quirinal, que habitamos, foi assediado minaciozamente com numerosas tropas de infanteria, e cavallaria, e peças de artilharia. Nós porém ajudados por Deus, por quem tudo podemos, e sustentados pelos deveres da nossa consciencia, naõ nos deixamos de sorte alguma intimidar, nem mudamos de resoluçaõ a vista desse terror repentino, e belico apparato. Com serenidade de animo, e socego, como deviamos, nós celebramos as ceremonias sacras, e os Divinos officios, que eraõ proprios da solemnidade daquelle santissimo dia, e nem por temor, nem por esquecimento, ou por negligencia ommittimos couza alguma pertencente ao nosso dever no meio de taes circumstancias.

---

datis: nulla denique earum habitâ ratione, prout tempus maturandis consiliis contra Sanctam hanc Sedem, Christique Ecclesiam jamdiu initis constitutum appropinquabat, tentari Nos, vexarique novis semper, et nunquam non aut immodicis, aut captiosis petitionibus quorum genus satis superque ostendebat, ex duobus æquè huic Sanctæ Sedi, et Ecclesiæ funestis et exitialibus alterutrum spectari, nempe ut aut iis assentientes Ministerium nostrum turpiter prodercmus, aut, si abnueremus, inde causa apertè Nobis inferendi belli desumeretur.

Ac quoniam nos iis petitionibus, contradicente conscientiâ, adhærere minimè potuimus, en inde reverâ obtenta statim ratio militares copias in Sacram hanc Urbem hostiliter immittendi: en capta Arx Sancti Angeli: disposita per vias, per plateas præsidia: ædes ipsæ, quas incolimus, Quirinales, magná peditum, equitumque manu, bellicisque tormentis minaciter obsessæ. Nos autem a deo, in quo omnia possumus, confortati, officiique nostri conscientia sustentati, hoc repentino terrore, ac bellico apparatu nihil admodum commoveri, aut de statu montis dejici passi sumus. Pacato, æquabilique, par

Recordavamos com Ambrosio (de Basilio tradend, n.17.) que Naboth homem santo, propreitario da sua vinha, chamado para a dar ao Rey, que della queria fazer uma vil horta, respondeo: *Deus me Livre de ceder assim a herança de meus ante passados.* Muito menos julgamos nós sernos licito ceder uma tam antiga, como sagrada herança (queremos dizer a soberania temporal da Santa Sé, possuida desde uma longa serie de seculos pelos Pontifices Romanos nossos predecessores, naõ sem evidente disposiçaõ da Providencia Divina) ou consentir tacitamente, que qualquer se apossasse desta Capital do Mundo Christaõ, donde transtornada, e destruida a santissima forma de Governo, que Jesus Christo deixou á sua santa Igreja, e regulada pelos sagrados canones estabelecidos pelo espirito de Deus, em vez desta substituisse um codigo naõ so contrario e repugnante aos sacros canones, mas ainda aos preceitos Evangelicos, e n'elle introduzisse, como ja o fez, uma nova ordem de couzas tendentes sem duvida a misturar, e confundir todas as seitas, e superstiçoens, com a Igreja catholica.

---

est, animo statas cæremonias ac Divina Mysteria obivimus quæ Sanctissimi illius dei solemnitati conveniebant. Neque vero eorum quidquam aut metu, aut oblivione negligentia omisimus, quæ muneris nostri ratio a Nobis in illo rerum discrimine postulabat.

Memimeramus cum S. Ambrosio (de Basilio tradend. n.17.) Naboth Sanctum virum, possessorem vinæ suæ interpellatum petitione Regia ut vineam suam daret, ubi Rex succisis vitibus olus vile sereret, eumdem respondisse: *Absit ut Ego Patrum meorum tradam hæreditatem!* Multò hinc minus fas esse Nobis judicavimus tam antiquam ac sacram hæreditatem (temporale scilicèt Sanctæ hujus Sedis dominium non sine evidenti providentiæ Divinæ consilio a Romanis Pontificibus prædecessoribus nostris tam longa sæculorum serie possessum) tradere, aut vel taciti assentiri, ut quis urbe Principe Orbis Catholici potiretur, ubi perturbata destructaque Sanctissima Regiminis forma, quæ a Jesu Christo Ecclesiæ Sanctæ suæ relicta fuit, atque a Sacris Canonibus spiritu Dei conditis ordinata, in ejus locum suffieret codicem non modo Sacris Canonibus sed Evangelicis etiam Præceptis con-

Naboth defendeo a sua vinha á custa do proprio sangue (S. Ambrosio ibid) Podiamos nos (qualquer que fosse a nossa sorte) naõ defender os direitos, e as possessoens da Santa Igreja Romana, que debaixo de juramento nós somos obrigados a sustentar, tanto quanto depender de nos! e naõ revendicar a liberdade da Sé Apostolica tam ligada com a liberdade, e com as vantagens de Igreja universal!

E quam grande na realidade seja a importancia, e a necessidade deste Principado temporal para segurar á Suprema cabeça da Igreja o livre exercicio daquelle Principado espiritual, que Deus lhe concedeo em todo o mundo, o que agora acontesse, (quando faltassem outras pro-

---

trarium, atque repugnantem, inveheretque, ut assolet, novum hujusmodi rerum ordinem, qui ad consociandas confundendasque Sectas superstitionesque omnes cum Ecclesia Catholicá manifestisimé tendit. *Naboth vites suas, vel proprio cruore defendit.* (S. Amb. ibid.) Num poteramus Nos (quidquid tandem eventurum esse Nobis) non jura possessionesque S. R. E. defendere, quibus servandis, quantum in Nobis est, solemnis jurisjurandi Nos obstriximus Religione? Vel non libertatem Apostolicæ Sedis cum libertate atque utilitate Ecclesiæ universæ adeò conjunctam vindicare?

Ac quam magna reverà sit temporalis hujus Principatus congruentia, atque necessitas ad asserendum supremo Ecclesiæ Capiti tutum ac liberum exercitium spiritualis illius, quæ divinitùs illi toto orbe tradita est, potestatis, ea ipsa quæ nunc eveniunt (etiamsi alia deesscnt argumenta) nimis jam multa demonstrant. Quamobrem, et si supremi hujus Principatûs neque honore, neque opibus, neque potestate unquam Nos oblectavimus, scilicet cupiditas, et ab ingenio nostro, et ab Instituo Sanctissimo, quod ab ineunte ætate inivimus semperque dileximus, abhorret quam maximè, obtsringi tamen Officii nostri debito plane sensimus, ut ab ipsa die secundâ Februarii anni 1808, tantis licet in augustiis constituti per Cardinalem nostrum a Secretis Statûs solemuem protestationem emitteremus, quâ tribulationum, quas patimur, causæ paterent publice, et jura Sedis Apostolicæ integra intactaque manere Nos velle declararetur.

Quum interea nihil minis proficerent invasores, aliam sibi nobiscum esse ineundam rationem statuerunt. *Lento* quodam, licet molestis-

vas) bem claramente demonstra. Por cujo motivo, posto que nós nunca nos comprazessemos nem com as honras, nem com as rendas, nem com o dominio daquella Soberania temporal, cujo dezejo está bem longe do nosso caracter, e do santissimo instituto, que abraçamos, e que sempre amamos desde os nossos primeiros annos; comprehendemos contudo ser da nossa obrigaçaõ desdo mesmo dia 2 de Fevreiro do anno 1808, bem que situados no meio de tantas angustias, fazer por meio do nosso Cardeal Secretario de Estado, um Solemne protesto, pelo qual se fizessem publicos os motivos das tribulaçoens, que soffriamos, e se declarasse que nos queriamos inteiros, e intactos os direitos da Santa Sé.

Vendo entretanto os invasores que nada, tirávam dos ameaços, determináram adoptar com nosco outro systema. Por meio de um lento, mas cruelissimo genero de perseguiçaõ, se limitáram a enfraquecer pouco a pouco a nossa

---

simo atque adeò crudelissimo persecutionis genere, nostram paulatim debilitare constantiam aggressi sunt, quam subito terrore infringere minimè potuerant. Itaque Nobis in hoc Palatio nostro tamquam in custodiâ detentis vix ullus a postridie Kalendas Februarii intercessit dies, quem nova aliqua aut huic Sanctæ Sedi injuria, aut animo nostro illata molestia non insigniverit. Milites omnes, quibus ad ordinem disciplinamque civilem servandam utebamur, Nobis erepti, Gallicis copiis admixti: Custodes ipsi nostri Corporis lectissimi nobilesque viri in Romanam Arcem detrusi, diesque inibi plures detenti, tum dispersi dissolvique: Portis, locisque urbis celebrioribus præsidia imposita; diribitoria literarum et typographæa omnia præsertim nostræ Cameræ Apostolicæ et Congregationis de propagandâ Fide, militari vi, arbitrioque subjecta; nobis propterea, quæ vellimus, aut vulgandi typis, aut aliò perscribendi libertas adempta: rationes administrationis Justitiæque publicæ perturbatæ atque impeditæ: sollicitati fraude, dolo, quibusvis malis artibus subditi ad conflandas copias civicorum militum nomine nuncupatas, et in legitimum principem rebelles, et e subditis ipsis audacissimi quique et perditissimi Gallico,

constancia, que viram naõ ter podido abater com improvizo terror. Por tanto desde 2 de Feveriro neste nosso Palacio, onde estamos debaixo de custodia, apenas se passou um so dia, que naõ fosse marcado por algum novo insulto a esta S. Sé, ou por alguma tribulaçaõ dirigida ao nosso espirito. Todos os soldados, que empregavamos para conservar a ordem, e a disciplina civil, nos fôram tirados, e misturados com as tropas Francezas: as mesmas guardas do nosso Corpo, homens escolhidos, e da ordem da nobreza foram enviados ao Castello de Santo Angelo, e ahi detidos muitos dias, e afinal licenciados, e despergidos: puzeram-se guardas ás portas, e nos lugares mais frequentados de Roma: os lugares, onde se destribuem as cartas, e todas as typographias, especialmente as da nossa Camera Apostolica, e da Congregaçaõ da Propaganda, fôram tomados á força e arbitrio militar, e tirada a nós por consequencia a liberdade de imprimir, e publicar nossas ordens. Os regulamentos da administracçaõ da justica publica perturbados, e suspensos: solicitados pela fraude, enganos, e toda a especie de artificios para formar o que chamam guardas nacionaes, nossos vassalos se tornáram rebeldes ao seu legitimo Soberano. Os mais audaciosos, e corrompidos d'entre elles trazendo a cocarda tricolor franceza, e italiana, dos Magistrados Pontificios, sem excepçaõ do mesmo ga-

---

Italicove lemnisci tricoloris insigni donati, et tamquam clypeo protecti impunè hàc illàc nunc coactâ manu, nunc soli grassari et in quævis flagitia contra Ecclesiæ Ministros, contra Gubernium, contra omnes bonos erumpere, aut jussi aut permissi: Ephæmerides, seu, ut aiunt, folia periodica, frustra reclamantibus Nobis, typis Romæ imprimi, et in vulgus exterasque regiones emitti cæpta, injuriis identidem, dicteriis, calumniis vel in Pontificiam potestatem, dignitatemque referta: nonnullæ declarationes nostræ, quæ maximi momenti erant, et aut manu ipsâ nostrâ, aut administri signatæ, et nostro jussu affixæ ad consueta loca fuerant, inde vilissimorum satellitum manu, indignantibus ac ingemiscentibus bonis omnibus, avulsæ, discerptæ, proculcatæ; Juvenes incauti, aliique cives in suspecta Conventicula

e protegidos por estę signal de revolta, como por um escudo, se espalhávam de todos os ladós ora em tropas, ora sós, e commettiam toda a especie de insulto contra os Ministros da Igreja, contra o Governo, contra todas as gentes de bem, por ordem, ou permissaõ tacita. Começáram, apezar das nossas reclamaçoens, a imprimir em Roma, e a espalhar em publico, e no estrangeiro, jornaes, ou folhas periodicas, cheias de injurias, de sàrcasmos, e até de calumnias contra o poder, e a dignidade pontifical. Algumas declaraçoens da nossa parte, e assignadas por nossa maõ, ou por nosso ministro, e pregadas por nossa ordem nos lugares accustumados, foram arrancadas pelos vis satellites, feitas em pedaços e pizadas aos pés, apezar da indignaçaõ, e dos gemidos de todos os homens de bem. Mancebos imprudentes, fôram convidados com outros Cidadaõs, e inscriptos em conventiculos suspeitos, prohibidos pelas leis civis, e eclesiasticas debaixo de pena de excommunhaõ dos nossos Predecessores Clemente XII., e Benedicto XIV.; muitos Ministros, e Officiaes nossos tanto de Roma, como nas Provincias, homens integerrimos, e fidelissimos, vexados, encarcerados, e desterrados: violentas perquisiçoens de papeis, de escriptos de todo o genero, nas Secretarias

---

legibus æquè civilibus, atque Ecclesiasticis sub pœna etiam anathematis a Prædecessoribus nostris Clemente Duodecimo, et Benedicto Decimo quarto prohibita severissimè, invitati, adlecti, cooptati: Administri, et Officiales nostri complures, tum Urbanitum Provinciales, integerrimi fidissimique vexati, in carcerem conjecti, procul amandati: conquisitiones chartarum, scriptorumque omnis generis in secretis Pontificiorum Magistratuum conclavibus, ne excepto quidem primi Administri nostri Penetralis, violenter factæ: tres ipsi primi Administri nostri a Secretis Statûs, quorum alterum alteri sufficere coacti fuimus, ex ipsis nostris ædibus abrepti: maxima demum S. R. E. Cardinalium, collateralium scilicet ac cooperatorum nostrorum pars e sinu ac latere nostro militari vi avulsa, atque aliò deportata.

binete do nosso primeiro Ministro: tres nossos primeiros Ministros Secretarios de Estado, que fomos obrigados a substituir um a outro, tirados com violencia do nosso proprio Palacio! Finalmente a maior parte dos Collateraes, e Cooperadores nossos, arrancados do nosso seio pela força militar, e desterrados ao longe.

Todas estas couzas, e outros naõ menos indignos attentados, ardilosamente commettidos pelos invasores, contra todo o Direito humano, e Divino, saõ tam conhecidos ao vulgo, que naõ precizamos deter-nos em numerallos. Nem temos Nos deixado á nossa vez de queixar-nos, acre, e fortemente de qualquer daquelles actos, segundo o nosso dever, para que naõ parecesse haver alguma prestaçaõ, ou assenso da nossa parte.

Destarte despojados nós de quasi todos os ornamentos da nossa dignidade, e esteios da nossa authoridade, e privados de todos os soccorros necessarios para preencher as funçoens do nosso ministerio, e sobre tudo as que eraõ objecto da solicitude de todas as Igrejas, e finalmente vexados, e opprimidos com toda a especie de injurias, grava-

---

Hæc sane, aliaque non pauca, contra jus omne humanum atque Divinum, ab invasoribus nefariè attentata audacissimèque perpetrata notiora sunt vulgò quam ut in iis enarrandis explicandisque opus sit immorari. Neque nos omissimus, ne connivere aut quoquo modo assentiri videremur, de singulis acriter fortiterque pro muneris nostri debito expostulare.

Tali modo omnibus Nos jam ferè et dignitatis ornamentis et præsidiis auctoritatis spoliati, omnibus adjumentis ad explendas officii nostri, inprimisque sollicitudinis omnium Ecclesiarum, partes necessariis destituti, omni demum injuriarum molestiarum, terrorum genere vexati, excruciati, oppressi atque ab utriusque nostræ potestatis exercito quotidie magis præpediti; post singularem exploratamque D. O. M. Providentiam fortitudini nostræ, administratorum qui supersunt prudentiæ, subditorum nostrorum fidelitati, fidelium denique pietati debemus unicè, quod earum ipsarum potestatum simulacrum quoddam ac species aliqua hactenus remanserit.

mes, e terror ; e cada dia mais perturbados no exercicio de ambos os nossos poderes ; depois de uma singular, e clara providencia do Deus Optimo Maximo, que nos deo fortaleza, somos unicamente devedores á prudencia daquelles Ministros, que nos restáram, á fidelidade de nossos Subditos, e finalmente á piedade dos fieis, somos, disse, unicamente devedores a estes d'um simulacro, ou apparencia dos dous poderes.

Mas se o nosso Poder temporal em Roma, e nas Provincias limitrophes estava reduzido a uma vaã apparencia, nas Provincias florentes de Urbino, da Marca, e Camarino nos foi entaõ inteiramente tirado. Peloque naõ deixamos de oppor uma solemne protestaçaõ a esta evidente, e sacrilega usurpaçaõ de tantos estados da Igreja, e a premunir os nossos carissimos Subditos contra a seducçaõ de um injusto, e illegitimo Governo, mandando instruçoens sobreisso aos nossos veneraveis Irmaõs os Bispos daquellas Provincias.

O mesmo Governo pois quanto naõ tardou ; quanto naõ se apressou a provar com factos, e a fazer publico o

---

At, si ad vanam atque inanem speciem temporalis nostra in alma hac urbe finitimisque provinciis potestas redacta fuerat, in florentissimis Urbini, Marchiæ, et Camerini Provinciis nobis fuit per hoc tempus penitus sublata. Ut manifestæ huic sacrilegæque tot statuum Ecclesiæ usurpationi solemnem protestationem opponere, sic contra injusti, illegitimique Gubernii seductiones charissimos illos subditos nostros præmunire, data Venerabilibus fratribus nostris earum Provinciarum Episcopis Instructione, non prætermisimus.

Gubernium autem ipsum quàm non est cunctatum ! quàm festinavit ea factis comprobare, ac testata facere, quæ in instructione illa ab ejus essent Religione expectanda prænunciavimus ! Occupatio, direptioque Patrimonii Jesu Cristi, abolitio Religiosarum Domorum, ejectio e Claustris Virginum Sacrarum, profanatio Templorum, frena licentiæ passim soluta, contemptus Ecclesiasticæ disciplinæ, Sanctorumque Canonum, promulgatio Codicis, aliarumque legum non modo

que naquellas instrucçoens nós anunciamos antecipadamente, como consequencia da Religiaõ de um tal Governo! A occupaçaõ, o saque do Patrimonio de Jezus Christo, a aboliçaõ das cazas Religiosas, a expulsaõ das sanctas virgens dos seus claustros, a profanaçaõ das Igrejas, a soltura de todos os freios da Libertinagem, o desprezo da disciplina ecclesiastica, e dos Sacros Canones, a promulgaçaõ de um codigo, e de outras leis oppostas naõ so aos Sacros Canones, mas tambem aos preceitos do Evangelho, e ao Direito Divino; a depressaõ e vexaçaõ continua do Clero, o assugeitamento do sacro Poder dos Bispos ao poder secular, a violencia feita de muitos modos á sua consciencia, e finalmente a expulsaõ das suas proprias cadeiras, seu exilio, e outros nefandos e sacrilegos attentados contra a liberdade, immunidade, e doctrina da Igreja igualmente commettidos naquellas nossas Provincias, como em todos os outros lugares, que cahiaõ debaixo do seu poder. Eis aqui, eis aqui os penhores, os illustres monumentos daquella affeiçaõ maravilhosa pela Religiaõ Catholica, que naõ deixa ainda de fazer exaggeraçoens, e promessas.

Quanto a Nos, affeitos de longo tempo ás amarguras daquelles, de quem menos deviamos esperallas, e de toda

---

Sanctis ipsis Canonibus, sed Evangelii etiam præceptis, ac divino juri adversantium; depressio, ac vexatio Cleri, Sacræ Episcoporum potestatis laicali potestati subjectio: vis eorum conscientiæ multimodis illata; violenta denique eorum e Cathedris suis ejectio et asportatio: aliaque hujus generis ausa nefariè, atque sacrilega contra libertatem, immunitatem, et doctrinam Ecclesiæ in nostris illis Provinciis æquè admissa statim, ut pridem in aliis locis omnibus, quæ in potestatem ejus Gubernii venerant; hæc, hæc præclara nimirum sunt pignora, hæc illustria monumenta mirifici illius studii in Catholicam Religionem, quod necdum desinit jactitare, ac polliceri.

Nos verò tot amaritudinibus ab iis, a quibus minus expectare talia debebamus, jamdiu repleti, omnique prorsus ratione conflictati, non

a maneira atormentados, nos affligimos menos pela nossa sorte prezente, que pela futura dos nossos Perseguidores. *Todavia se a colera do Senhor se accendeo um pouco contra nos, de novo se reconsiliara com os seus servos. Mas aquella que pretendeo fazer mal á Igreja, como poderá fugir da maõ de Deus? A ninguem elle perdoará tal offensa, nem respeitará a Grandeza mesma; pois que elle he quem fez o grande, e o pequeno, e he sempre ao mais forte que reserva o maior castigo.* E oxalá que nos podessemos a todo o custo, mesmo ao da nossa vida, impedir a perdiçaõ eterna, e procurar a salvaçaõ dos nossos Perseguidores, que sempre amamos, e naõ cessamos ainda de amar de todo o nosso coraçaõ. Oxalá que nunca nos fosse permittido affastar-nos d'aquelle espirito de charidade, e doçura, que a natureza nos deo, e que nossa vontade poz em practica, e que nos podessemos para o futuro, assim como ategora o temos feito, absternos de empregar a vara, que nos foi dada conjunctamente com a guarda de todo o rebanho de Jezus Christo, na pessoa do bem aventurado

---

tam præsentem nostram, quam futuram persecutorum vicem dolemus. *Si enim nobis viris propter increpationem, et correptionem Dominus modicum iratus est, sed iterum reconciliabitur servis suis.** *At qui inventor malitiæ factus est in Ecclesiam quomodo effugiet manum Dei?*† *Non enim subtrahet personam cujusquam Deus, nec verebitur magnitudinem cujusquam quoniam pusillum, et magnum ipse fecit, fortioribus autem fortiter instat cruciatio.*‡ Atque utinam possemus quocunque, vitæ etiam nostræ, dispendio æternam persecutorum nostrorum, quos semper dileximus, quos diligere ex animo non cessamus, perditionem amoliri, salutem procurare! Utinam liceret nobis ab illâ charitate, ab illo *spiritu mansuetudinis*,§ ad quam nos natura comparavit, voluntas exercuit, nunquam discedere, et in posterùm etiam, ut hactenus fecimus, *parcere virgæ*, quæ Nobis in persona Beatissimi Petri, a Pastorum Principe ad correctionem, punitionemque deviarum, et contumacium ovium, et

---

* Mach. II. Cap. VII. V. 31. † *Ibid.* ‡ Sup. Cap. VI. § I. ad Corinth. Cap. IV. V. 21.

S. Pedro, para correçaõ das ovelhas perdidas, e obstinadas, e para exemplo, e terror salutar dos outros.

Mas ja naõ he tempo de uzar de indulgencia. Onde devam parar tantos attentados, que cousa pretendaõ, quando acabaraõ, se naõ se lhe faz toda a possivel opposiçaõ, so naõ pode vêllo, quem quer espontaneamente ser cego. De outra parte ningnem deixa de ver, que naõ restaõ esperanças de que os auctores de tais attentados possaõ applacar-se á força de reprezentaçoens, de conselhos, de preces, de supplicas para com a Igreja. Ha muito tempo que naõ daõ lugar, nem ouvidos a estes meios, e naõ respondem, que naõ seja accumulando injuria sobre injuria. E certamente naõ he possivel fazer, que obedeçaõ á Igreja como filhos a sua May, ou como descipulos a seu Mestre, lhe prestem ouvidos aquelles, que nada maquinaõ, nada fazem, nada tentaõ fazer, senaõ sugeitalla como uma serva a seu amo, e depois de sugeita, destruilla inteiramente.

Que nos resta pois agora a fazer? Se naõ queremos incorrer na mancha de negligencia, de inercia, e talvez na

---

ad aliorum exemplum, terroremque salutarem simul cum custodiâ universi Domini Gregis data est!

Sed jam non est lenitati locus. Tot sanè ausa quo spectent, quid sibi velint, quo evasura sint tandem, nisi iis satis maturè ea, quæ fieri potest, modo occurratur, neminem, nisi qui sponte occultat, latere jam potest. Nemo item non videt ex alterâ parte, nullam prorsus spem esse reliquam, fore aliquando, ut eorum auctores aut admonitionibus, consiliisque sanari, aut precibus, et expostulationibus placari Ecclesiæ possint. His omnibus neque aditum jamdiu, neque aliter respondent, quam injuriis cumulando. Ac fieri profecto non potest, ut Ecclesiæ, aut tanquam filii Matri pareant, aut tanquam Magistræ discipuli auscultent ii, qui nihil non moliuntur, nihil non agunt, nihil non conantur, ut eam sibi tanquam Domini ancillam subjiciant, subjectamque funditus evertant.

Quid igitur restat jam Nobis, nisi socordiæ ignaviæque aut fortasse etiam desertæ turpiter Dei causæ incurrere notam velimus, quam ut

de abandonar vergonhosamente a cauza de Deus! Que nos resta a fazer, dizemos nos, se naõ he, o affastar todo o respeito das couzas terrenas, abjurar toda a prudencia da carne, e por em execuçaõ este preceito do Evangelho. *Aquelle que naõ escuta a Igreja seja para ti como o Pagaõ, ou o Publicano,* (Math. XVIII.)

Saibaõ pois elles ainda uma vez, que estaõ sugeitos pela lei de Christo ao nosso throno e as nossas ordens. Por quanto nos exercemos tambem uma soberania, e uma soberania mais nobre, menos que se naõ repute o espirito inferior á carne, e as couzas do Ceu ás da terra (S. Greg, de Naz. Or. XVII. ad Maur.) Quantos summos Pontifices, illustres pela doctrina, e sanctidade viéram outrora a estas extremidades por defender assim a cauza da Igreja, contra Reis, e Principes endurecidos, ja por um, ja por outro crime, desses que saõ feridos de anathema pelos san-

---

terrenâ omni postpositâ ratione, abjectâque omni prudentiâ carnis, Evangelicum illud præceptum exequamur? *Si autem Ecclesiam non audierit, sit tibi sicut Ethnicus et Publicanus!** Intelligant illi aliquando *imperio* ipsos *nostro ac Throno lege Christi subjici: imperium enim nos quoque gerimus: addimus etiam præstantius nisi vero æquum sit spiritum carni, et cœlestia terrenis cedere.*† Tot olim Summi Pontifices doctrinâ, ac sanctitate præstantes, ob unum etiam quandaque vel alterum ex iis criminibus quæ anathemate a Sacris Canonibus plectuntur, sic exigente Ecclesiæ causâ, contra Reges, ac Principes contumaces ad hæc extrema descenderunt. Verebimur ne Nos eorum exemplum tandem sequi, post tot facinora, tam nefaria, tam atrocia, tam sacrilega, tam ubique cognita, tam omnibus manifesta? Nonne Nobis verendum est magis, ne jure ac meritò accusemur, qui serò id nimis, quam quod aut temerè, aut præcipitanter fecerimus; præsertim cum postremò hoc, et omnium Principatum patrata sunt gravissimo ausu admoneamur, integrum, liberumque Nobis non fore amplius, ut huic tam gravi, tam necessario Apostolorum Ministerii nostri debito satisfaciamus?

---

* Matth. XVIII. † S. Greg. Naz. Orat. XVII. ad Maur.

tos Canones! E temeremos nos seguir o seu exemplo, depois de horrores tam numerosos, tam atrozes, tam Sacrilegos, tam conhecidos por toda a parte, tam manifestos aos olhos do universo? Naõ temos nos a recear o ser accuzados com razaõ de o ter feito muĩ tarde, em vez de o ter feito temerariamente, e com precipitaçaõ? Sobre tudo logo que por este ultimo attentado, o mais grave de todos os que commetteram athé aqui contra a nossa soberania temporal, nos somos avizados de ficar-mos inhibidos daqui em diante de preencher os deveres tam importantes e necessarros do nosso ministerio.

Em virtude do que, com auctoridade de Deus todo poderoso, e de S. Pedro, e S. Paulo, e Nossa declaramos, que todos aquelles, que depois da invasaõ desta Alma Cidade, e dos Estados Eclesiasticos, e da sacrilega violaçaõ do patrimonio do bem aventurado S. Pedro, Principe dos Apostolos, pelas tropas Francezas (attentados, que nos ja

---

Hinc auctoritate Omnipotentis Dei, et SS. Apostolorum Petri, et Pauli, ac nostrâ declaramus, eos omnes, qui post Almæ hujus urbis et ditionis Eclesiasticæ invasionem, sacrilegamque B. Petri Principis Apostolorum patrimonii violationem a Gallicis Copiis attentatam peractam que, ea de quibus in supradictis duabus allocutionibus, Consistorialibus, pluribusque protestationibus, et reclamationibus jussu nostro vulgatis conquesti fuimus in præfatâ urbe, et ditione Ecclesiæ, contra Ecclesiasticam immunitatem, contra Ecclesiæ, atque hujus S. Sedis jura, etiam temporalia, vel eorum perpetrarunt, nec non illorum mandantes fautores, consultores, adhærentes, vel alios quoscumque prædictorum exequutionem procurantes, vel per se ipsos exequentes, Majorem Excommunicationem, aliasque censuras, ac pænas Ecclesiasticas a Sacris Canonibus, Apostolicis Constitutionibus, et Generalium Conciliorum, Tridentini præsertim (Sess. XXII. Cap. XI. de Reform.) Decretis inflictas incurrisse, et si opus est de novo excommunicamus et anathematizamus; necnon omnium, et quorumcumque privilegiorum, gratiarum et indultorum sibi a Nobis, seu Romanis Pontificibus prædecessoribus nostris quomodolibet concessorum

deploramos nas duas dictas Allocuçous Consistoriaes, e em muitos protestos, e reclamas publicadas por nssa ordem nesta cidade, e dominios da Igreja.) contra a immunidade eclesiastica, contra os direitos ainda que temporaes da Igreja, e desta Santa See, e aquelles que tem igualmente commettido alguns destes attentados, ou que os tem ordenado favorecido, aconselhado, ou que a isso tem adherido; e todos aquelles, que tem procurado a execuçaõ das dictas violaçoens, ou que por si mesmos as tem executado; declaramos, disse, serem incursos na Excomunhaõ Maior, e outras censuras, e penas ecclesiasticas, fulminados pelos sagrados Canones, Constituiçoens Apostolicas, e Decretos dos Concilios Geraes, especialmente do Tridentino; e se precizo for, nós os excomungamos, e anathematizamos de novo, e de mais a mais declaramos, que tem igualmente incursa a perda de todo, e qualquer privilegio, graças, e indultos concedidos de qualquer modo que seja, tanto por Nos, como pelos Pontifices Romanos nossos Predecessores; e naõ poderaõ ser absolvidos e li-

---

amissionis pœnas eo ipso pariter incurrisse: nec a censuris hujusmodi a quoquam, nisi a Nobis, seu Romano Pontifice pro tempore existente (præterquam in mortis articulo, et tunc cum reincidentiâ in easdem censuras eo ipso quo convaluerint) absolvi ac liberari posse; ac insuper inhabiles, et incapaces esse qui absolutionis beneficium consequuntur, donec omnia quomodolibet attentata pùblicè retractaverinti revocaverint, cassaverint, et aboleverint, ac omnia in pristinum statum plenariè, et cum effectu redintegraverint, vel alias debitam, et condignam Ecclesiæ, ac Nobis, et huic S. Sedi satisfactionem in præmissis præstiterint. Idcirco illos omnes, etiam specialissima mentione dignos, nec non illorum successores in officiis are tractione, revocatione, cassatione, et abolitione omnium, ut supra attentatorum per se ipsos faciendâ, vel alias debitâ, et condignâ Ecclesiæ, ac Nobis, et dictæ S. Sedi satisfactione realiter, et cum effectu in eisdem prætextu minimè liberos, et exemptos sed semper ad hæc obligatos fore, et esse, ut absolutionis beneficium obtinere valeant, eurundem tenore præsentium decernimus, et pariter declaramus. Dum

vres das censuras assim incursas porquem quer que fôr, senaõ por Nos, ou pelo Pontifice Romano, que ao tempo fôr, (excepto em artigo de morte, e logo recahindo nas mesmas censuras, uma vez, que estiverem fora de perigo:) e alem disso os declaramos inhabeis, e incapazes de obter o beneficio da absolviçaõ, até que naõ tenhaõ retractado publicamente, revogado, cassado, e abolido todos os effeitos de seus attentados; e até que naõ tenhaõ restabelecido plena e eficazmente todas as couzas no seu antigo estado, ou que naõ tenhaõ aliàs feito á Igreja, a Nos, e á Sancta Sé, a justa satisfaçaõ, que nos devem a cèrca do que fica mencionado. Por isso, e pelas presentes ordenamos do mesmo modo, que todos aquèlles ja mencionados, aquelles mesmo que mercem uma mençaõ especial, e seus successores nos officios, jamais poderaõ, debaixo de pretexto qualquer, ser livres, e exemptos da retractaçaõ, revocaçaõ, aboliçaõ, de todos os attentados supra, o que deve ser feito por si mesmos, assim como tambem da justa, e legitima satisfacçaõ devida á Igreja, a Nos, e á dicta Sancta Sé, real, e effectivamente, mas seraõ sempre obrigados á estes actos para obterem o beneficio de absolviçaõ.

Todavia porem constrangidos a desembainhar a espada da Severidade ecclesiastica, naõ nos esquecemos que occupa-

---

vero Ecclesiæ severitates gladium evaginare cogimur, minimè tamen obliviscimur tenere nos, licet immerentes, ejus locum in terris, qui cum etiam exerit justitiam suam, non obliviscitur misereri.

Quare subditis in primis nostris, tum universis populis Christianis, in virtute sanctæ obedientiæ, præcipimus, ac jubemus, ne quis iis, quos respiciunt præsentes literæ, vel eorum bonis, juribus, prærogativis, damnum, injuriam, præjudicium, aut nocumentum aliquod, earundem litterarum occasione, aut prætextu præsumat afferre. Nos enim in ipsos eo pœnarum genere, quod Deus in potestate nostra constituit, animadvertentes, atque tot tamque graves injurias Deo,

mos sobre a terra, por indignos que sejamos, o lugar daquelle, que no tempo em que exercita a sua justiça naõ se esquece da sua misericordia; pelo que mandamos, e ordenamos, primeiramente a nossos vassallos, depois a todos os povos Christaõs, em virtude da sancta obediencia, que ninguem por occasiaõ, ou pretexto de nossas presentes cartas apostolicas, presuma fazer damno, injuria, prejuizo, ou mal algum, aos bens, aos direitos, as prerogativas, e inda menos as pessoas, contra quem estas cartas saõ dirigidas, por quanto punindo-os nós com o genero de penas, que Deus poz em nosso poder, e vingando tantas, e tam graves injurias feitas a Deus, e á Sancta Igreja, nos propomos especialmente, que aquelles que agora nos atormentaõ, se convertaõ, e sejaõ tambem atormentados com nosco. (S. Aug. in. Ps. 54, v. i.) se felizmente Deos lhe concede a penitencia para conhecer a verdade.

Por cujo motivo levantando as nossas maõs ao Ceo, entre tanto que recommendamos a Deus a justa causa, que de-

---

ejus que Ecclesiæ Sanctæ illatas ulciscentes, id potissimum proponimus nobis, ut qui *Nos modo exercent, convertantur, et nobiscum exerceantur* (S. Aug. in Ps. 54. v. 1.) si forte scilicet *Deus det illis pœnitentiam ad cognoscendam veritatem* (II. ad Tim. Cap. II. v. 25.) Quare levantes manus nostras in Cœlum in humilitate cordis nostri, dum Deo, cujus est potius quam nostra, justissimam causam, pro qua stamus iterum remittimus et commendamus, iterumque gratiæ ejus auxilio paratos nos profitemur usque ad fæcem pro ejus Ecclesia calicem bibere, quem ipse prior bibere pro eadem dignatus est, Eum per viscera misericordiæ suæ obsecramus, obtestamurque, ut quas diu noctuque pro eorum resipiscentia, ac salute orationes, deprecationesque fundimus, ne despeciat, atque aspernatur. Nobis certè nulla latior illa, nulla jucundior illucescet dies, quâ videamus Divina nos exaudiente Misericordia filios nostros, a quibus tantæ nunc profiscuntur in nos tribulationum, dolorisque causæ, paternum in sinum nostrum confugere, et in Ovile regredi festinantes.

fendemos, que he mais a sua, que a nossa; e entretanto, que confessamos novamente de estar promptos, com a ajuda da sua graça, a beber até ás fezes, em defeza da sua Igreja, aquelle Calix, que elle se dignou primeiro beber pela mesma; o rogamos, e supplicamos pelas entranhas da sua mezericordia, que naõ desperze, e regeite as oraçoens, às preces, que fazemos dia, e noite pelo seo arrependimento, e Salvaçaõ. Para Nos de certo naõ pode amanhecer dia mais alegre, mais jocundo, que aquelle, em, que nos fosse concedido ver por divina Mezericordia aquelles nossos filhos, de quem agora temos tantos motivos de tribulaçaõ, e dor, refugiar-se no nosso seio, e apressados tornar ao curral.

Decretando, que as presentes Cartas, e todas as couzas àhi conteudas, naõ possaõ em tempo algum (mesmo de-

---

Decernentes præsentes literas, et in eis contenta quæcumque, etiam ex eo, quod præfati, et alii quicumque in præmissis interesse habentes seu habere quomodolibet prætendentes cujusvis status, gradus, ordinis, præeminentiæ et dignitatis existant, seu alias specifica et individua mentione, et dignitatis existant, seu alias specifica et individua mentione expressione digni, illis non consenserint, sed ad ea vocati, citati, et auditi, causæque, propter quas præsentes emanaverint, sufficienteadducti, verificatæ et justificatæ non fuerint, aut ex alia qualibet causa colore, pretextu et capite, nullo unquam tempore de subreptionis, vel obreptionis, aut nullitatis vitio, aut intentionis nostræ, vel interesse habentium consensus, ac alio quocumque defectu notari, impugnari, infringi, retractari, in controversiam vocari aut ad terminos juris reduci, seu adversus illos aperitionis oris, restitutionis in integrum, aliudve quodcumque juris facti vel gratiæ remedium intentari, vel impetrari, aut impetrato, seu etiam motu, scientia et potestatis plenitudine paribus concesso, vel emanato, quempiam in judicio vel extra illud uti, seu juvare ullo modo posse, sed ipsas præsentes literas semper firmas, validas, et efficaces existere, et fore, suosque plenarios, et integros effectus sortiri, et obtinere, ac ab illis ad quospectat, et pro tempore quandocunque spectabit, inviolabiliter et ins concusse observari: sicque, et non aliter in præmissis per quoscumque

baixo de pretexto, que as pessoas supra mencionadas, e todas, e quaesquer ahi interessadas, de qualquer modo que seja, de qualquer estado, gráo, ordem, pre-eminencia, e dignidade que possaõ ser, ou que dignas alias sejam de mençaõ ou denominaçaõ especifica, e individual, naõ tenhaõ consentido em tal; ou que tendo sido chamadas, citadas e ouvidas naõ sejaõ sufficientemente convencidas da verdade, e da justiça da cauza, pela qual as presentes tem sido emanadas, ou por outra causa, ou pretexto qualquer) naõ possaõ em tempo algum, dizemos nos, ser tachadas de subrepçaõ, d'obrepçaõ, de nullidade, de falta de intençaõ da nossa parte, ou falta de consentimento dos interessados, nem de outra qualquer falta; e que debaixo desse pretexto ellas naõ possam ter attacadas, annulladas, retractadas, postas em controversia, ou reduzidas aos termos de direito; e que naõ se possa intentar, nem obter contra ellas remedio algum, de restituiçaõ in integrum, nem outro remedio de direito, de facto, ou de graça, ou que este remedio depois de ter sido solicitado, tendo sido concedido, ou sendo emanado de nosso proprio moto, sciencia, e pleno poder, naõ possa servir de maneira alguma em juizo, e fora de juizo.—Decretamos

---

Judices ordinarios et delegatos, etiam causarum Palatii Apostolici Auditores, et S. R. E. Cardinales, etiam de latere Legatos, et Sedis prædictæ Nuncios, aliosve quoslibet quácunque præeminentia, et potestate fungentes, et functuros, sublatá eis, et eorum cuilibet quauis aliter judicandi, et interpretandi facultate, et auctoritate, judiciari, et definiri debere; ac, irritum, et inane, si secus super his a quoquam quavis auctoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari.

Non obstantibus præmissis, et quatenus opus sit, Nostra, et Cancellariæ Apostolicæ regula de jure quæsito non tollendo, aliisque Constitutionibus, et Ordinationibus Apostolicis, nec non quibusvis etiam juramento, confirmationi Apostolicâ, vel quâvis firmitate aliâ roboratis, statutis et consuetudinibus, ac usibus et stylis etiam immemorabilibus; privilegiis quoque, Indultis, et Literis Apostolicis prædictis,

mais, que estas prezentes Cartas devaõ ficar sempre firmes, validas, e efficazes, ter o seu pleno e inteiro effeito, e serem firme, e inviolavelmente observadas por todos aquelles, a quem tocaõ, e por todo o tempo que tocarem, e que devaõ ser assim, e naõ aliàs julgadas, e definidas por todos os juizes ordinarios, e delegados, mesmo pelos auditores das causas do Palacio Apostolico, e os Cardeaes da Sancta Igreja Romana, mesmo os legados *a latere*, e os Nuncios da Santa Seé, e todos aquelles que gozam, e gozarem de qualquer preeminencia, e potencia qualquer, tirando-lhes a elles, e a cada um d'elles a faculdade, e a auctoridade de os julgar e de os interpretar; declarando finalmente vaõ, e nullo tudo o que poder ser feito etentado contra ellas scientemente, ou por ignorancia, por qualquer auctoridade que seja.

Naõ obstante o mencionado, e, quanto for necessario, a nossa regra, e as da Chancellaria Apostolica *de jure quæsito non tollendo*, e as outras constituiçoens, e ordenanças apostolicas, e todos os outros estatutos, e costumes corroborados por juramento, confirmaçaõ apostolica, ou outra qualquer confirmaçaõ; naõ obstante todos os uzos, e estilos ainda immemoriaes, todos os privilegios, indultos, e cartas apostolicas publicadas precedentemente; naõ obstante toda e qualquer pessoa ainda mesmo revestida de

---

aliisque quibuslibet personis, etiam quâcunque Ecclesiasticâ, vel mundanâ dignitate fulgentibus, et alias quomodolibet qualificatis ac specialem expressionem requirentibus sub quibuscunque verborum tenoribus, et formis, ac cum quibusvis etiam derogatoriarum derogatoriis, aliisque efficacioribus efficacissimis, et insolitis clausulis, irritantibusque, et aliis Decretis, etiam motu, scientiâ, et potestatis plenitudine similibus, et consistorialiter, et alias quomodolibet in contrarium præmissorum concessis, editis, factis, ac pluries iteratis, et quantiscumque vicibus approbatis, confirmatis, et innovatis. Quibus omnibus, ea singulis etiamsi pro illorum sufficienti derogatione, de illis, eorumque totis tenoribus specialis, specifica, expressa, et individua,

qualquer dignidade ecclesiastica ou mundana, ou de qualquer modo qualificada, do que se devesse fazer especial menção, debaixo de qualquer theor, ou forma que fosse; não obstante ainda qualquer Clauzula derogatoria, insolita, e irritante, e decretos, que parecerem dimanados de nosso motu, sciencia, e pleno poder, seja em consistorio, seja de outra qualquer maneira, em opposição ao que se enunciára a cima, e que fossem publicados, e reiterados muitas vezes, quantas vezes fossem approvados, confirmados, e renovados....Todos, e quaesquer decretos, e indultos, nós derogamos expressa, e especialmente por esta vez somente; e queremos da mesma, sorte, que seja derogado, como tambem qualquer outra couza em contrario, não por clauzulas geraes, mas adherindo palavra por palavra ás prezentes Cartas; ficando porem tudo no seu vigor, fora deste cazo.

Não se podendo pois estas nossas prezentes cartas publicar com segurança em qualquer lugar, e especialmente nos lugares, em que seria principalmente necessario, como

---

ac de verbo ad verbum, non autem per clásulas generales idem importantes mentio, seu quævis alia expressio habenda, aut aliqua alia exquisita forma ad hoc servanda foret, tenores hujus modi, ac si de verbo ad verbum, nihil penitus omisso, et forma in illis traditâ observantiâ exprimerentur, et insererentur, præsentibus pro plene, et sufficienter expressis, et insertis habentes, illis alias in suo robore permansuris, ad præmissorum effectum hac vice duntaxat specialiter, et expresse derogamus, et derogatum esse volumus, ceterisque contráris quibuscumque. Cum autem eadem præsentes literæ ubique, ac præsertim in locis, in quibus maxime opus esset, nequeant tute publicari, uti notorie constat, volumus illas, seu earum exempla ad Valvas Ecclesiæ Lateranensis, et Basilicæ Principis Apostolorum, nec non Cancellariæ Apostolicæ, Curiæque Generalis in Monte Citatorio, et in Acie Campi Floræ de Urbe, ut moris est, affigi et publicari, sicque publicatas et affixas, omnes et singulos, quos illæ concernunt, et perinde arctare, ac si unicuique eorum nominatim, et personaliter intimatæ fuissent.

he patente o todos, queremos que estas, ou suas copias sejaõ pregadas nas portas da Igreja Lateranense, e da Bazilica do Principe dos Apostolos, e da Chancelleria Apostolica, e da Curia Geral no Monte Citatorio, e na Praça do Campo de Flora desta Cidade, como he costume; e assim affixadas, e publicadas obriguem todos, e quaesquer, aquem saõ dirigidas, como se a cada um nominal, e pessoalmente fossem intimadas.

Queremos mais, que aos transumptos ou Copias impressas das prezentes Cartas, assignados por algum Notario publico, e munidas do sello de alguma pessoa constituida em dignidade, ecclesiastica, se preste em qualquer lugar e Paiz, tanto em Juizo, como fora desse a mesma fé, que se prestaria ao original, se fosse exibido, e mostrado.

Dado em Roma, juncto a Santa Maria Maior, debaixo do anel do Pescador, no dia decimo de Junho de 1809. Do nosso Pontificado anno Decimo.

P. P. Pio VII.

Volumus autem, ut earundem Literarum transumptis, seu exemplis etiam impressis, manu alicujus Notarii publici subscriptis, et sigillo alicujus personæ in dignitate Ecclesiasticâ constitutæ munitis, eadem prorsus fides ubique locorum, et Gentium tam in Judicio, quam extra illud, ubique adhibeatur, quæ adhiberetur istis præsentibus, ac si forent exhibitæ, vel ostensæ.

Datum Romæ apud S. Mariam Majorem sub Annulo Piscatoris, die decimâ Junii 1809, Pontificatûs Nostri anno decimo.

PIUS PP. VII.

COMMERCIO E ARTES.

DECRETO.

POR justos motivos, que me fôram presentes, e que saõ dignos da Minha Real contemplaçaõ: Hei por bem, que todos os generos, e mercadorias estrangeiras, que derem entrada nas Alfandegas de Lisboa, e do Porto, e que seus donos fizerem embarcar para os diversos portos deste Estado do Brazil, paguem naquellas Alfandegas sómente os direitos de baldeaçaõ, devendo-se arrecadar, quando se despacharem em qualquer das deste Estado, os direitos, que se achaõ estabelecidos pela Carta Regia de vinte e oito de Janeiro do anno passado, e Decreto de onze de Junho do mesmo anno, vindo acompanhadas dos necessarios despachos. Os Governadores de Portugal, e dos Algarves o tenhaõ assim entendido, e façaõ executar. Palacio do Rio de Janeiro, em vinte e oito de Janeiro de 1809. *Com a Rubrica do P. R. N. S.*

Artigos de Acordo, entre o Major-general Hugo Lyle Carmichael, e D. Joaõ Sanchez Ramirez, governador da parte Hespanhola de S. Domingos; relativamente ao Commercio.

Nos os abaixo assignados, Major-General Hugo Lyle Carmichael, commandante das forças de S. M. Britanica na ilha de S. Domingos, e D. Joaõ Sanchez Ramirez, Governador, Intendente, e Capitaõ General, ad interim, da parte Hespanhola da ilha; em consideraçaõ da intima alliança e amizade entre as naçoens Hespanhola e Britanica, assim como tambem do adjuctorio dado por S. M. George III. de Inglaterra, aos Representantes e vassallos de S. M. Catholica, Fernando VII. de Hespanha, para o fim de res-

taurar estes territorios ao seu antigo dominio, como o estava antes do tractado de Basle, em Agosto de 1795; e havendo o Deus todo poderoso sido servido conceder bom successo ás forças unidas, alliadas, rendendo-se o exercito Francez.—Nós os Representantes de nossos respectivos Soberanos e Naçoens, em virtude dos poderes a nós conferidos, e da restauraçaõ deste paiz, pelo direito de Conquista, e antes illegalmente occupado pela naçaõ Franceza; considerando as mutuas vantagens, que podem resultar, de uma communicaçaõ commerçial entre as duas potencias; concordamos no seguinte:—

I. Que todos os navios com bandeira da Gram Bretanha, e navegados na forma da lei, teraõ livre accesso e admissaõ a todos os portos debaixo do Governo Hespanhol, e pagaraõ os mesmos direitos e impostos dos vasos Hespanhoes; gozando os direitos, liberdades, e privilegios, na navegaçaõ, e commercio, igualmente como elles.

II. Que as pessoas e propriedades de todos os vassallos Britanicos nos dominios Hespanhoes de S. Domingos, estaraõ debaixo da salva guarda e protecçaõ do Governo.

III. As partes contractantes havendo tomado sobre si concordar nos sobredictos artigos, estes deveraõ, ao mesmo tempo, considerar-se em força somente no em tanto, até serem submettidos aos respectivos Governos da Gram Bretanha e Hespanha.

Em testemunho do que affixamos aqui os nossos signaes e sellos, na casa do Governo da dicta Cidade de Santo Domingo, aos 9 de Agosto de 1809.

(*Assignados*) Hugo Lyle Carmichael.
Juan Sanchez Ramirez.

Preços correntes em Londres (15 de Novembro.)

GENEROS.	Qualidade	Direitos	Quantidade	Preços.	
Assucar	branco	——	arroba	de 1.775	a 1.960
	trigueiro	——	do.	1.620	1.800
	mascavado	——	do.	1.260	1.350
Algodaõ	Pernambuco e Seará	29	arrattel	435	457
	Bahia, e Maranhaõ	do.	do.	382	390
	Minas Novas e Rio	do.	do.	370	——
Anil	——	29	do.	360	——
Arroz	Maranhaõ	——	quintal	4.500	5.400
	Santos	——	do.	5.940	——
Café	——	——	arroba	4.250	4.500
Cacao	——	——	do.	3.150	3.330
Cebo	em marquetas	128	do.	4.500	3.680
Couros	Secos, bons	pr. couro 120	arrattel	90	112
	Salgados	do.	do.	67	——
	Vaquetas	sem dir. export.	do.	135	150
Chifres	grandes	775	cento	5.040	——
Cochinilha	——	193	arrattel	3.780	——
Cravo	——	——	do.	720	——
Ipecuacuanha	——	122	arrattel	2.160	2.700
Oleo Copahiba	——	270	arrattel	360	660
Quina	segundo a qual.	——	do.	540	1.800
Urucu	——	52	do.	810	900

Pau brazil, Topazios — Estes generos dependem da qualidade, a qual, sendo inferior, lhes torna a venda mui difficultoza.

Observaçoens sobre estes generos.

Algodaõ he o principal genero para estes portos, em razaõ do grande numero de fabricas, que trabalham neste artigo; e como nestas fabricas se emprega grande numero de artistas, o preço do algudaõ augmenta ou diminue consideravelmente logo que se recebem noticias politicas, das quaes se possa deduzir novas obstrucçoens, ou falicidades na importaçaõ deste genero. A America da Norte, como exportadora da maior quantidade, influe muito neste mercado; é èsta he a razaõ porque o algodaõ subio a um preço extraordinario, no tempo do embargo Americano, e abaixou logo que aquella medida foi revogada; e os novos embaraços politicos, entre a Inglaterra e America, vaõ fazendo subrir outra vez o preço do algodaõ.

Cebo, he um genero indispensavel para o consumo da Inglaterra: a Russia lhe fornecia a maior quantidade; o que agora naõ tem lugar, tanto pelas suas relaçoens politicas com este paiz, como pelo gelo do Baltico; que impede até a pequena navegaçaõ que simuladamente havia para aquella parte.

Arroz. Este genero, cujo consumo tem principalmente lugar na Marinha, soffre variedade no preço, pelas mesmas razoens do algudaõ; porque a maior porçaõ, que se importa para a Inglaterra, vem dos Estados Unidos da America.

Tabaco. O tabaco em folha, que se pode comparar com o de James-River, e Rappahannock, mui uzados no paiz; terá sempre um preço favoravel, naõ vindo da quelles lugares em quantidades demasiado grandes; porque sempre he preferido em razaõ de sua melhor qualidade. O tabaco de rolo he totalmente desconhecido, nem o sabem manufacturar; pelo que depende o seu preço das especulaçoens da Hollanda, Hespanha, Gibraltar, Genova, &c. lugares para onde se reexporta.

Couros. Este genero, pela grande abundancia que ha delle no mercado, tem dado grande prejuizo. O paiz tem o seu consumo ordinario; mas sendo um artigo sobre que se fazem grandes especulaçoens para o Continente, principalmente para a Suecia, tem, por esta causa, soffrido grande abatimento no preço.

Caffe. A importaçaõ deste artigo, na Inglaterra, so he permittida para reexportaçaõ; e, sendo de grande consumo em todo o Norte da Europa, as noticias politicas daquella parte tem sempre uma influencia directa nos preços deste genero; pará o que tambem concorre a situaçaõ actual dos portos da Hollanda.

Assucar, está na mesma situaçaõ do caffé. A grande abundancia, que ha egora deste genero em Inglaterra; o modo da sua exportaçaõ do Brazil, em caixas de 50 e 60 arrobas, demaziado volumosas para o Commercio do Continente; e as grandes despezas que, seriam precizas para o reduzir a caixas de 20 e 25 arrobas, saõ as causas principaes do baixo preço em que este artigo se acha, naõ obstante ser procurado.

Anil, pela extracçaõ, que tem no paiz, e pouca quantidade que vem do Brazil, tem um preço favoravel, fallando comparativamente, e em attençaõ á sua inferior qualidade.

Quina: a do Brazil he taõ inferior á quina Peruviana, que nunca achará preço conveniente, em quanto houver desta no mercado; como agora acontece, pois ha em abundancia; aliàs he um negocio vantajoso exportando-se para a França, e Hollanda: o Governo tem prohibido toda a exportaçaõ, ficando, por isso, unicamente o negocio por contrabando, mui sujeito a contingencias.

Chifres formam um artigo de grande consumo nas fabricas de Birmingham e Shefield, para cabos de facas, pentes, e outros usos: a proporçaõ da quantidade deste genero, que se acha em Inglaterra, regula o seu preço.

As partidas de chifres grandes, e escolhidos tem sempre prompta venda.

DROGAS AROMATICAS tem preços favoraveis, mas as suas qualidades decidem da preferencia.

AGOA ARDENTE, naõ he artigo que convide ao negocio para este paiz.

Generos de exportaçaõ.

FAZENDAS D'ALGODAÕ. Os preços destas fazendas augmentam ou diminuem, conforme o algodaõ está por alto ou baixo preço; e algumas vezes tambem altera o mercado, a grandeza das exportaçoens; como aconteceo em parte, nos mezes de Septembro e Outubro, pelas grandes exportaçoens para os portos de Alemanha. Sua exportaçaõ he livre de direitos; e nas fazendas de algodaõ estampadas concedem as alfandegas *Drawback*, para animar as dictas exportaçoens, visto que daqui resulta a continua laboraçaõ das fabricas.

FAZENDAS DE LAÃ. Estas fazendas dependem do mercado das laãs; e como da Hespanha se impôrtam as maiores porçoens, e da melhor qualidade, os seus preços sobem ou abaixam, segundo saõ as noticias do estado politico daquelle paiz. A sahida he geralmente permittida pagando quatro por cento de direitos.

FAZENDAS DE LINHO. As manufacturas de linho, neste paiz, saõ de pouca monta, relativamente ás outras. As fazendas de linho, aqui manufacturadas, saõ de ordinario destinadas ao consumo do paiz. Ha porem, nos mercados de Inglaterra, toda a qualidade de fazendas de linho, importadas de Hamburgo e outros portos; e se admittem aqui para reexportaçaõ; agóra tem preços altos.

FAZENDAS DE SEDA. As fazendas deste genero, fabricadas no paiz, saõ muito caras; pelos grandes direitos que paga a seda; e ainda que a alfandega concede Drawback, nas quantidades que se expórtam, querendo por ésta via facilitar este ramo de manufactura, com tudo, aos seus

preços podemos chamar caros. Tem livre sahida, bem como as fazendas d'algodaõ. As manufacturas de seda do estrangeiro saõ contrabando neste paiz.

PETRECHOS de guerra, e de Marinha. A sua exportaçaõ para negocio he inteiramente prohibida; e apenas se concede o precizo á marinha mercantil.

COBRE E FERRO he precizo ser exportado debaixo de fiança, para paiz amigo, conseguindo-se para esse fim uma ordem do Conselho. Os seus preços saõ regulares, na rotina do commercio.

CHUMBO. O preço he muito favoravel, e a sua exportaçaõ concedida.

FERRAGENS E QUINQUILHARÎA. He bem conhecido a todo o Mundo, quanto saõ commodos os preços deêtes artigos em Inglaterra. Portugal e Hespanha dávam grande consumo a elles, e a sua exportaçaõ he amplamente concedida.

Sugestoens para os Negociantes do Brazil.

TEM sido particular cuidado do Redactor do Correio Braziliense o apontar os defeitos das pessoas que governam, em tanto quanto isso he compativel com os limites da prudencia; e isto por duas razoens; uma para ver se assim se obtem directamente remedio aos males do Estado, outra para mostrar practicamente a justa distincçaõ, que se deve fazer, entre o respeito devido ao Soberano, e o desprezo que merecem os homens publicos, que saõ assaz infatuados para exigir dos seus concidadaõs uma veneraçaõ estupida, e uma obediencia cega, que ninguem he obrigado a prestar. Este paragrapho agora he dirigido, de alguma sorte, contra os governados, e naõ contra os que governam; e mui principalmente tenho em vista a classe mercantil da naçaõ, certamente a mais attendivel, depois dos agricultores.

He notorio que se está negoceando um tractado de commercio, entre a corte do Rio de Janeiro e a de Londres; e he taõbem manifesto que, apenas S. A. R. se mudou com a familia Real para o Brazil, se formou em Londres uma associaçaõ de Negociantes Inglezes, dos que commerceam, ou intentavam commerciar para o Brazil; com o fim de combinar entre si o modo mais vantajozo de fazerem seus inter-

esses, de requerer ao seu governo o que lhes fosse util, de informar e instruir os seus ministros diplomaticos, sobre o modo mais conveniente de fazer estipulaçoens de tractados, favoraveis ao commercio Inglez, &c. &c.

Os negociantes do Brazil naõ tem até agora dado a menor mostra de sua existencia, senaõ submettendo-se mui pacificamente ao que o acazo trouxer; e esperando tranquilamente o futuro, para depois lamentar em segredo os males que o tempo lhe descubrir, e que talvez sêjam sem remedio. A accusaçaõ de indolencia, que faço aqui contra os particulares, se funda em muitos exemplos, mas citarei alguns para servirem como de guia. O Governo Inglez estabeleceo um paquete para o Brazil, que deveria sahir de Falmouth todos os mezes; mas naõ sahe snaõ quando faz conta ao Governo Inglez. Isto he muito justo: o paquete he seu; á sua custa o navegam; e portanto só faz viagem quando convem aos seus interesses, e naõ quando isso importa aos negociantes do Brazil. Os navios particulares, que levam cartas de Inglaterra para o Brazil, tem muitos delles mandado o saco para o fundo, porque isso assim convem em algumas occasioens ao dono do navio; de tudo isto deve resultar uma grandissima desavantagem aos negociantes do Brazil, de que a elles imputo inteiramente a culpa, e naõ ao seu Governo; porque os Ministros de Estado, recebendo as suas cartas de officio pelos navios de guerra, e outras vias seguras, naõ podem fazer idea das faltas, na conrespondencia, que soffrem os particulares: estes deverfam naõ só fazer representaçoens, mas até apontar os meios que a sua experiencia e practica lhe suggerisse, para obviar os males; mas o silencio he o unico remedio que vejo que lhe oppoem. Nada ha mais facil doque o fazer-se um arranjamento temporario, e até sem ser necessario tractado, para que todos os navios, que sahirem de Inglaterra para o Brazil, levem do correio saco de cartas, sellado, e dem caução de que na volta entregaraõ as cartas do porto donde voltarem, e um certificado de que entregaram lá as que lhes foram confiadas; alem disso o Governo do Brazil podia ter um ou mais paquetes, que correndo a costa do Brazil viessem tambem á Inglaterra; mas aos que governam, naõ lembra tudo, e he culpa dos que nisso saõ interessados naõ se ajunctarem, combinar entre si o que lhes convem, e fazer ao governo as suas representaçoens.

Sobre o tractado de commercio, que se está negociando, muito ha que dizer; mas fallando geralmente ha uma reflexaõ mui obvia. A Corte do Brazil (ou com razaõ ou sem ella) está summamente dependente da Inglaterra: emprestimos, e outras circumstancias, devem

dar aos Inglezes grande vantagem nesta negociaçaõ, e os seus ministros saõ obrigados, em razaõ do seu officio, a tirar partido do estado actual das cousas. He logo evidente, que, se os negociantes do Brazil tractassem de representar, e recorrer ao seu governo, paraque taes e taes clausulas fossem introduzidas no tractado, éstas mesmas representaçoens servirîam de disculpa ao Ministerio, para recusar aos Inglezes alguns petitorios, que, sem isso, o Governo do Brazil deve conceder; attendendo ás circumstancias mencionadas.

Dir-me-haõ que isso se naõ poder fazer, no Brazil, como em Inglaterra: aqui he um paiz livre, os homens podem associar-se, e cuidar do que lhe convem; em Portugal he prohibido até requererem em corporaçaõ mais de tres pessoas. Respondo a isto, primeiramente, que Inglaterra naõ he um paiz livre senaõ porque o povo quer que o seja; depois disso os requirimentos de mais de tres pessoas, que saõ prohibidos em Portugal, so se entendem pelos requirimentos tumultuarios. Ajunctando-se os negociantes, com o fim de cuidar dos seus interesses, e do commercio, ou em geral de sua patria, ou em particular da praça ou porto em que residem, e fazendo as suas representaçoens com o decoro e submissaõ que se deve ao Governo, e com os fins legaes, que unicamente devem influir na conducta de homens honrados, ninguem chamará a isto crime. Em outro numero se daraõ algumas noçoens geraes sobre o modo porque estas associaçoens de negociantes se podem legalmente organizar no Brazil. Por hora bastará lembrar aos negociantes do Brazil, que ainda no caso de haverem lá pessoas, que fossem do systema de abater toda a energia, dos individuos, e reduzir a naçaõ a rebanho de carneiros, devem saber que superior a todo o Ministro está o Soberano; e recorrendo a elle directamente naõ acharaõ senaõ justiça; porque, possuindo legitimamente todo o poder, naõ preciza do falso esplendor, que arrógam a si os homens ambiciosos, que brilhando sómente, em seus lugares publicos, com uma luz emprestada, nunca se fartam de acumular em si poder, sêja porque meios for.

Tambem naõ deve satisfazer aos negociantes do Brazil, a consideraçaõ de que o seu Governo consultará pessoas habeis, antes de formalizar o tractado; porque, em primeiro lugar, naõ he de suppor que se encontrem a montoens, no Rio de Janeiro, homens assas instruidos nos negocios da Europa, e interesses commerciaes da Inglaterra. Em segundo lugar ¿ em quem descançam os negociantes dos differentes portos do Brazil, que informará para o Rio de Janeiro das necessidades particulares do commercio, em cada uma das capitanias? Será o Governador militar? Este naõ: pois o seu cargo o tenta a tudo

quanto ha de mao, e a sua classe o incapacita para conhecer o que he util aos povos. Nisto naõ he precizo dizer mais, senaõ appellar para a consciencia dos infelizes, que tem a desgraça de viver sugeitos ao arbitrio daquelles homens. Alem disto ¿ quem assegura aos negociantes que a pessoa ou pessoas, que a Corte consultar no Rio Janeiro sobre os interesses do commercio, será alem de bem informada, imparcial? Os negociantes do Brazil devem por tanto procurar, que suas ideas a este respeito naõ só se representem aos ministros; mas que se manifestem ao publico por meio da imprensa, o que até servirá de justificar o seu mesmo governo. E se as intrigas de alguns individuos, interessados em conservar o povo na ignorancia, fizerem com que naõ deixem lá imprimir ou publicar, o que os negociantes julgarem ser de seu interesse, lembrem-se que existem no Mundo paizes, livres onde essas couzas se podem publicar, sem que os intriguistas o possam atalhar. Agora, cada um em particular espere lá no Brazil porque os outros façam o seu dever, em quanto elle fica em casa, embrulhado na sua roupa de chambre; e ouvir-me-haõ ao depois, quando eu lhe citar, para o futuro, o que acabo de escrever aqui.

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza.

N°. 4.

Das prerogativas d'El Rey e poder da coroa.

Decet timeri Cesarem.

Seneca in Octavia.

HAVENDO estabelecido, que a monarchia Portugueza he hereditaria e absoluta, mas naõ despotica; segue-se examinar os direitos e obrigaçoens pertencentes, ao Monarcha, pois he elle o primeiro, e mais essencial membro da naçaõ. Neste numero, mais do que em nenhum outro desta serie de ensaios, se achará materia para despertar uma grande porçaõ de opponentes ás minhas opinioens;

porque os partidistas do poder arbitrario me chamaraõ democrata, revolucionario, e nivelador, pois eu naõ julgo, como elles, que o Soberano possa tudo, em toda a parte, e em todas as occasioens: e os partidistas da democracia acharaõ, sem duvida, que eu sou um afferrado defensor do despotismo; porque inculco o respeito e obediencia, que julgo ser devidos ao Soberano, em um governo Monarchico, tal qual he o de Portugal.

Quaesquer que sêjam as opinioens dos que naõ concordarem comigo, a respeito da preferencia que merece ésta ou aquella forma de governo; ninguem poderá com verdade negar estes dous factos, que a historia de Portugal prova com a maior evidencia; a saber: primeiro, que a forma de governo em Portugal he de Monarchia, hereditaria e absoluta; segundo, que debaixo desta forma de governo fôram os Portuguezes felizes, que se assignaláram com victorias, e feitos grandes, dignos da admiraçaõ do Mundo, e que Portugal, como naçaõ, fez sempre, entre as potencias da Europa, uma figura muito mais brilhante do que se podia e devia esperar, da estreiteza de limites de seu territorio; e pequenhes de sua populaçaõ.

Daqui me supponho authorizado a deduzir; que todo o bom Portuguez deve trabalhar pela conservaçaõ e pureza desta forma de governo, que os tem feito felizes; e adianto mais, que taõ traidores saõ á naçaõ e ao Soberano, os que trataõ de inculcar maximas de democracia, ou destructoras da Monarchia, como aquelles que se esfórçam, em promover o despotismo, cujas fataes consequencias podem alcançar a todos os individuos da naçaõ, sem excepçaõ alguma.

Uma das mais essenciaes prerogativas do Rey de Inglaterra he, que elle naõ pode errar. O estabelecimento desta maxima nos principios de direito-publico Inglez, teve em vista o assegurar um profundo respeito á pessoa e dignidade d'El Rey, que promove effectivamente a obediencia

ás leis, de que o Monarcha he o grande administrador. Mas como a intelligencia literal deste principio naõ he applicavel a nenhum humano; por isto se entende, no Direito Inglez, que El Rey deseja e procura sempre obrar bem, sendo o seu interesse o mesmo, e identico dos povos; e se alguma cousa succede naõ ser bem determinada, a culpa he de seus ministros, que a aconselháram, ou executáram; e elles saõ os responsaveis.

Naõ se acha em Portugal cousa alguma que se assimelhe a ésta utillissima prerogativa do Rey de Inglaterra; e se a houvesse, he mui natural que as perturbaçoens, que succedêram no reynado de D. Affonso VI, teriam em grande parte sido evitadas. He verdade, que ao depois da infeliz batalha de Alcacer, em que, com El Rey D. Sebastiaõ, se pode dizer que pereceo o Reyno, o Cardeal Rey quiz fazer responsaveis os Ministros de D. Sebastiaõ por aquella perda, e effectivamente passou um Decreto em que mandou a um corregidor, que fosse fazer perguntas a dous Ministros de D. Sebastiaõ; por lhe naõ terem impedido a jornada de Affrica. Este procedimento porem naõ foi, nem podia ir avante; porque ainda que sêja mui util fazer os Ministros responsaveis pelas acçoens do Soberano, com tudo he ainda mais util o executar as leis á risca, e evitar os procedimentos arbitrarios; e arbitraria éra, neste caso a conducta do Cardeal Rey; por boas que fossem suas intençoens; porque seguramente em Portugal naõ ha lei alguma, que attribua, ésta responsabilidade aos Ministros, nem elles podem legalmente obrar de outra maneira, quando recebem as ordens do Soberano, senaõ executar os seus mandados. Ha sim em Portugal o que se chama Conselho de Estado, e conselho de Gabinete, mas naõ tem os Ministros modo nenhum legal para obrigar a El Rey a seguir o que este conselho julgar conveniente. Assim, no exemplo propósto de D. Sebastiaõ, fôram todos obrigados a obedecer a El Rey, e veio o reyno a ser sacrificado,

sem que tivessem os ministros meio algum legal de o remediar, posto que a empreza fosse decidida contra a opiniaõ geral.

Assim, a El Rey mesmo se attribuiram estes erros do governo; como ao depois se attribuiram outros a D. Affonso VI. de que he a minha opiniaõ elle naõ fôra o primeiro culpado. Em Inglaterra teriam aquellas medidas sido imputadas aos ministros, contra elles se attreverîa a naçaõ, e os males que vexáram os povos, e igualmente o monarcha, teriam sido atalhados, antes de se fazerem irremediaveis.

Outra prerogativa goza El Rey de Inglaterra, e he o ser considerado como o chefe da Religiaõ, o que serve de algum modo para augmentar a veneraçaõ devida ao Monarcha. Em Portugal naõ poderîa o Rey gozar desta prerogativa, por ser ella incompativel com os principios da Religiaõ Chatolica Romana; que he a unica que se admitte no Reyno; nem julgo que ésta falta séja de algum detrimento ao poder Real, no estado actual dos conhecimentos de direito publico. Em tempos de ignorancia e superstiçaõ se attrevêram alguns Papas ambiciosos a intrometter-se nos direitos dos Soberanos, chegando até a commetter o sacrilego attentado de desthronizar, por uma bulla, a El Rey. He verdade que a Corte de Roma ainda naõ declarou nullas as falsas decretaes de Isidoro Mercador, em que estes pretendidos direitos se fundávam; e por tanto talvez fosse de summo interesse nesta occasiaõ, que por um acto de Cortes, ou outro instrumento mais authentico do que uma lei passada pela Chancellaria, se marcassem distinctamente os limites entre o Sacerdocio e o Imperio; os quaes, para confessar a verdade, se acham summamente confundidos na legislaçaõ de Portugal; e delles se fallará em um ensaio separado. Mas ou isto se faça com ésta solemnidade, ou naõ, he certo, que os Ecclesiasticos para tornar a chegar ao estado de pisar impunemente o Sobe-

rano, como de antes fizéram, precizam que o reyno torne atraz ao estado de ignorancia, em que entaõ se achava, o que só pode conseguir-se, pondo entraves á propagaçaõ das sciencias, debaixo do pretexto de censuras, e outros motivos especiosos, que nunca faltam aos homens mal intencionados para fazer monopolio das sciencias, e deixar a naçaõ no estado de ignorancia, que foi tantas vezes em Portugal a unica causa dos desgostos, que os Papas causaram aos Soberanos.

Como quer que séja, naõ hesitamos em dizer, que as leis e ordenaçoens do Reyno, que se fizéram em consequencia de concordatas com os Ecclesiasticos, e saõ ou podem ser interpretadas em algum sentido opposto aos imprescriptiveis direitos do Soberano, saõ nullas, e de nenhum vigor; por falta de poder, de liberdade de obrar, e de conhecimento de causa das partes contractantes. Por falta de poder; porque o Soberano naõ tem direito de alienar nenhum dos direitos Magestaticos, concentrados em sua pessoa, pela expressa vontade da naçaõ, representada em cortes por seus procuradores. Por falta de liberdade de obrar; porque os Soberanos de Portugal fôram muitas vezes obrigados a fazer concessoens aos Papas, aterrados pela consideraçaõ dos males, que de sua recuzaçaõ resultarîam ao Reyno, vistos os interdictos, excommunhoens, e outros meios de que se valiam os ecclesiasticos para obter os seus fins. Por falta de conhecimento de causa; porque as falsas decretaes de Isidoro Mercador, e outros escriptos apocriphos, em que os papas fundamentávam as suas decisoens, naõ éram entendidos naquelles tempos de ignorancia; e os ecclesiasticos tinham feito tal monopolio das sciencias e literatura, que os Reys mal podîam achar, entre os leigos de seu partido, pessoas assas instruidas, que os informassem da extensaõ dos males e da falsidade das asserçoens, que produziam os ecclesiasticos.

Uma prerogativa goza El Rey de Portugal, que lhe he indisputavel, e que se disputa ao Rey de Inglaterra; e he o direito de fazer leis. Nas ordenaçoens Affonsinas, que he a compilaçaõ mais antiga de leis que ha em Portugal, se acha este principio admittido em toda a sua extensaõ, dizendo-se, que "El Rey he lei animada sobre a terra, e pode fazer lei, e revogalla, quando vir que he cumpridouro." *

Em Inglaterra porém a maior parte dos Jurisconsultos dizem, que o poder de legislar reside no Parlamento, e naõ no Rey.

Mas ainda que o poder de legislar pertença inquestionavelmente ao Rey de Portugal, e só a El Rey privativamente, com tudo a legislaçaõ Portugueza tem estabelecido regras, sobre o modo de exercitar este poder, e as leis feitas pelo Soberano saõ nullas, quando naõ saõ feitas com as formalidades necessarias. Assim por exemplo em certos casos he El Rey obrigado a consultar as Cortes; em outros, a lei para ser valida he necessario que passe pela Chancellaria Mor do Reyno, onde se pode embargar.† Este custume he muito antigo nas Hespanhas; de maneira que segundo as leis das partidas, o Chanceller Mor do Reyno, quando se lhe apresenta uma ley assignada por El Rey, para que elle a publique, pode rasgalla, e naõ a publicar, achando que he injusta, ou contra a honra d'El Rey.‡ Os Secretarios de Estado, que desejam sempre governar a seu arbitrio, começaram a dispensar neste requisito de se examinarem as leis na Chancellaria; e talvez esta circumstancia sêja uma, das que mais tenha contribuido para a confuzam da legislaçaõ de Portugal.

Outra prerogativa d'El Rey de Portugal, inteiramente denegada ao Monarcha Inglez, pelos seus publicistas, he o direito de impor taxas e tributos. A grandissima im-

* Ord. Aff. L. 3. tt. 78. §. 1. † Ord. do L. ‡ Lei. 2 tt. 9.

portancia desta prerogativa, e suas consequencias politicas, fazem necessario, que se dedique a este assumpto um ensaio particular; ou ao menos que se torne a fallar na materia em outro lugar; por agora baste o dizer que, em Portugal, só a El Rey compete o direito de impor tributos; mas os povos de Portugal tivéram tanto cuidado de que este direito fosse exercitado com discriçaõ, e a bem dos povos; que nenhuma outra parte das prerogativas Reaes foi mais quartada, ou mais restricta a formalidades, no seu exercicio.

O direito de administrar a justiça, he tambem uniformemente concedido ao Rey, tanto em Portugal como na Inglaterra; isto he, todas as causas saõ sentenciadas em consequencia, de poderes delegados por El Rey aos Magistrados. Em Inglaterra porem ha muitos casos, em que está expressamente determinado, que El Rey naõ interponha a sua authoridade, extraordinariamente, nos processos, de maneira que as cauzas haõ de necessariamente correr o curso ordinario das leis. Em Portugal naõ ha causa nenhuma, que seja izenta de poder ser avocada á Secretaria de Estado, para ser revista por El Rey; mas este remedio extraordinario mui poucas vezes tem lugar; e a fallar a verdade este remedio he, o mais das vezes, peior que o mal; porque dá isto occasiaõ aos intrigantes e validos de se intrometterem, com o nome d'El Rey, na ádministracçaõ da justiça, cujos procedimentos devem nunca soffrer interrupçaõ.

O direito de perdoar compete igualmente ao Rey de Portugal, e ao de Inglaterra; ainda que este, em certos casos, está inhibido de o fazer. E deixando de parte a opiniaõ de alguns authores,* que negam ser justo ou util a existencia desta prerogativa, o certo he que em Portugal, bem como na Inglaterra, o Monarcha naõ julga as causas

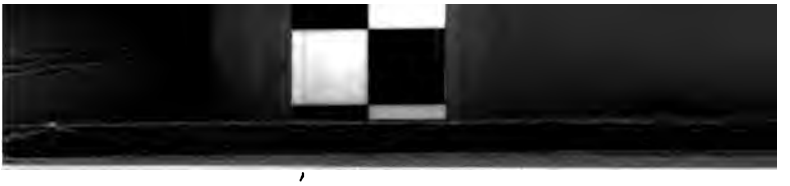
* Bech. Dei deliti e dele pene Cap. 46.

per si, mas obra em uma esphera superior: e posto que regule todo o governo, como primeiro movel, com tudo naõ apparece na parte desagradavel ou odiosa da administracçaõ; dos juizes provem o rigor do castigo; do Soberano a mizericordia do perdaõ. Em Inglaterra até faz isto uma parte do juramento, que El Rey presta em sua coroaçaõ, pois se obriga expressamente a administrar a justiça com mizericordia, o bem que dahi resulta he, que os repetidos actos de bondade, dimanados immediatamente da maõ d'El Rey fazem o Soberano amavel a seus subditos, e contribuem, mais do que nenhuma outra couza, para radicar no coraçaõ dos vassallos a affeiçaõ fillial, que fazem a baze mais solida do poder do Soberano.

Este direito de perdoar so se extende aos casos crimes, e de nenhuma sorte ás acçoens civis; e nos casos crimes, só comprehende o perdaõ aquella parte, que diz respeito ao castigo da offença, em quanto ella he injuriosa á sociedade em geral, de quem o Soberano he cabeça, e, neste sentido, he o representante; porque aquella obrigaçaõ, em que incorre o criminoso, de satisfazer á parte offendida o damno que lhe causou, naõ pode o Soberano dispensar; porque aliàs serîa elle o arbitro das propriedades dos particulares, no que naõ tem direito algum, senaõ em quanto, na imposiçaõ dos tributos, applica parte da propriedade individual, para as despezas da naçaõ em geral.

A historia de Portugal, assim como a de Inglaterra, offerece alguns exemplos em que o Rey, per si, mandou justiçar delinquentes, ou absolver reos, a seu mero arbitrio; tal he D. Pedro I. mandando em Santarem justiçar dous dos assassinos de D. Ignez de Castro, e vendo a execuçaõ de sua janella; porém este proceder deo áquelle Rey o nome de Crû ou Cruel, estigma que acompanhará a sua memoria em quanto delle as historias fizerem mençaõ; e, em uma palavra, os actos arbitrarios, ou injustos, deste ou daquelle monarcha, nunca se poderaõ alegar como prova

de direito; naõ mais do que a rebeliaõ de um povo se pode alegar, como prova de que o povo tem o direito de rebelar-se contra o Soberano, todas as vezes que o puder fazer impunemente. Na ordem natural das couzas he mui possivel, que as circumstancias mêttam nas maõs do Rey tal força phisica, que elle possa obrar injustiças, sem que o seu povo tenha forças para o atalhar; assim tambem a historia nos refere inumeraveis exemplos de que os povos se acharam em circumstancias de se oppor, e ainda arruinar o poder do Soberano, mas este poder phisico, ou as acçoens, que ao abrigo delle se obráram, nunca produziraõ direito. O Soberano, que naõ observa as leis do direito natural, ou as fundamentaes do Reyno, que saõ como outras tantas condiçoens com que o povo lhe entregou a coroa, he um tyranno, e renuncia ao direito que tinha. Assim tambem o povo, que aproveitando-se das circumstancias infrige, de qualquer forma que sêja, os direitos do Soberano, he um rebelde, que da o direito ao Soberano de usar de todos os modos possiveis para o subjugar. Ha quem diga, que o povo tem sempre o direito de mostrar a sua opiniaõ, e que, sendo ésta conhecidamente a da maioridade da naçaõ, deve reconhecer-se como lei suprema, e o mesmo Soberano he obrigado a obedecer-lhe; porque os governos fôram instituidos a beneficio dos povos e naõ dos que governam; mas se isto assim fosse ¿ quem quereria ser Rey ? Que validade teriam os pactos e ajustes das naçoens ? Se o Rey he obrigado a cumprir com o que promette em seu juramento; o povo tambem o he; a obrigaçaõ he mutua. As leis de Lamego fôram feitas com a maior solemnidade possivel; por ellas se obrigam o Soberano e os povos; só com outras leis publicadas com igual solemnidade, e igual concurrencia do Rey e dos povos, se poderiam derrogar. Tudo o mais he, de uma parte tyrannia; da outra rebeliaõ.



Situaçaõ do Tyrol durante ésta guerra.

[Os Tyrolezes, vendo-se abandonados pelo Imperador de Austria, em cujo favor tinham tomado as armas, mandáram Deputados ao Governo Inglez, a fim de pedir auxilios a esta naçaõ, para continuar na guerra contra os Francezes. Para fazer a sua cauza popular em Inglaterra, publicáram estes Deputados uma narrativa dos negocios do Tyrol, que por ser um papel interessante á historia do tempo damos aqui em resumo; naõ sendo compativel com os limites do nosso periodico o inserillo por extenso.]

O Condado do Tyrol, e os sette Principados de Voralberg, tem, por uma serie de seculos, constituido uma porçaõ hereditaria da Casa Imperial de Austria. Os habitantes destes paizes se distinguîram em todas as guerras por seu valor intrepido, de maneira que os Imperadores lhes conferîram successivamente privilegios consideraveis. Nos seculos 17 e 18, quando os Suecos, Francezes, e Bavaros fizéram taõ rapidos progressos no Imperio de Alemanha, éstas provincias repulsáram sempre o inimigo, com perca consideravel. Particularmente no anno de 1703, quando o exercito Bavaro penetrou o Tyrol, foi taõ mal recebido, que apenas restàram alguns para acompanhar o Elcitor de Baviera em sua retirada. A affeiçaõ dos Tyrolezes e Voralbergas aos seus Imperadores foi sempre firme; porque estes os governáram sempre com assignalada e paternal brandura, guardando-lhe fielmente os seus privilegios. Assim posto que naõ abençoados com um clima delicioso, ou terreno fertil, estas naçoens pastoras, sem sentir a sua pobreza, vivîam contentes e felizes em suas cabanas, até que arrebentou a guerra da revoluçaõ Franceza. Os valles éram habitados por milhares de pessoas, que, antes daquelle periodo nunca tinham visto um soldado; mas dahi em diante exercitos inteiros atravessáram o seu paiz; uns marchando para o interior da alemanha; outros indo para a Italia. Os pobres habitantes lhes fornecîam gratuitamente provimentos, e toda a sorte de cousas que necessitávam, submettendo-se, por

isso, a grandes inconvenientes. Com tudo, naõ somente deixáram de murmurar, mas até patenteáram a sua lealdade erigindo um corpo de Caçadores no Tyrol, e outro no Voralberg, a que déram o nome de *Tyrol Fieldyagers*: todos voluntarios, e naturaes do paiz; os quaes, alem da sua paga, recebiam do paiz nove creutzers por dia, a cada homem. Deve observar-se, que a populaçaõ masculina destas montanhas he, desde os oito annos de idade, exercitada no uso da espingarda, caçando, e attirando ao alvo. Esta práctica os faz taõ superiores no uso da espingarda, que estes homens saõ sempre de summa utilidade em qualquer exercito. De facto elles se tem assignalado extraordinariamente nas guerras d'Austria. A pezar disto naõ pudéram fazer parar a torrente dos desastres, que derrotou as armas do seu governo, e em 1794, se aproximou o inimigo ás suas fronteiras.—Entaõ chamou o Imperador o seu valente e amado povo do Tyrol e Voralberg, lembrando-lhes, a sua antiga fama, em atirar ao alvo. Mas elles havîam anticipado aquelle chamamento organizándo-se, de seu motu proprio, fazendo uma leva em massa. Apressáram-se á defeza das fronteiras, e preserváram assim o seu paiz, livre de invasaõ.

Em 1798 tentou o inimigo outra vez fazer correrias da Italia, Suissa, Grizoens, e Suabia, por onde os passos estávam fracamente guardados; porque a força principal tinha sido despachada para a Suabia e Italia, onde o inimigo era tambem mais forte. Ainda assim os invasores so estivéram quatro dias de posse de Pfintschgau, quando fôram vigorosamente repulsados para os Grissons, e para Engadina; postoque em sua retirada saqueassem e queimassem os lugares de Malo e Glurens.

Havendo-se outra vez começado a guerra em 1799, as suas fronteiras fôram tambem ameaçadas, os habitantes immeditamente fôram ali ter, para as guardar; e em 1800, quando o marechal Massena cruzou o Rheno juncto a Feldkirk, no Voralberg, com uma força mui superior e

victoriosa, foi ali, assim como juncto á quasi impregnavel fortaleza de S. Luciensteg, taõ completamente derrotado, que perdeo alguns milhares, em mortos e prisioneiros, alem de uma grande quantidade de peças de campanha, e muniçoens. Elles tambem o desapossáram dos Grisoens, e perseguiram, em companhia de outras tropas, até Zurich.

Depois de alguns annos de socego, se tornáram a acender as chamas com maior furia, em 1801. Os habitantes do Tyrol e Voralberg fôram outravez attacados por todos os lados, demaneira que fizéram duvidar a que parte se devia levar primeiro o soccorro. Naõ obstante, foi o inimigo valorosamente repellido em todos os pontos, e soffreo, especialmente nas margens do Scharnitz, uma terrivel descompostura. Infelizmente a sua valentia individual naõ podia salvar a cauza geral. Pelos termos do armisticio, em que se entrou depois da dezastrosa batalha de Hoheinlindem, o Tyrol e Voralberg, paizes que tinham constantemente desafiado as victoriosas tropas da França, fôram rendidos como penhor! Foi entaõ que principiáram os verdadeiros tabalhos destes pobres montanhezes. Ás suas estereis terras, ja d'antes despojadas de sua pequena renda, fôram agora obrigadas a manter um corpo de tropas Francezas, alem de um corpo de Austriacos. Os selvagens estrangeiros estávam destituidos de tudo, e todas as suas necessidades fôram providas. Esta terrivel calamidade durou tres mezes; calamidade, que os indomaveis Tyrolezes, e Voralbergas imaginávam ter mui pouco merecido, pela sua firme affeiçaõ a seus Imperadores.

A insaciavel ambiçaõ de Buonaparte excitou outra vez a guerra, em 1805, e mandou que os Tyrolezes e Voralbergas fossem attacados em todos os pontos. O marechal Ney, nas margens do Scharnitz, repetio os seus attaques tres vezes: foi repulsado com immensa mortandade. A mesma sorte tivéram os generaes Bavaros Deroy e Siebbem, que fizéram um vigoroso assalto sobre Kufstein, e passo de Strub.—Estes esforços, porem, fôram ineficazes

para contrabalançar o desastroso rendimento de Ulm pelo general Mack; e o calamitoso exito da batalha de Austerlitz; em consequencia da qual, Buonaparte, na paz de Presburg, fez que a cessaõ do Tyrol e Voralberg entrasse em uma condiçaõ expressa.—Naõ ha linguagem com que se possam descrever os sentimentos dos honrados Tyrolezes e Voralbergas, quando recebêram ésta triste informaçaõ. Desde 1794, quando principiou a guerra da revoluçaõ, naõ tinham ja mais sido as suas brilhantes victorias obscurecidas por derrota alguma. Eram elles um povo heroico, no sentido litteral da palavara. E com tudo a remuneraçaõ de sua lealdade foi a sorte que ordinariamente cabe aos covardes. Para fazer a sua calamidade ainda mais penetrante, estes indigentes pastores se acháram involvidos com a immensa divida de 20 milhoens de florins.—O Imperador de Austria fez o que pôde para alleviar ésta pezada desgraça; estipulou, que os privilegios dos Tyroles, e Voralbergas se conservarîam intactos. Porem ¿ ha alguem taõ credulo, ou taõ mal instruido nos acontecimentos deste tempo, que supponha que Buonaparte podîa ser ligado por ajustes? Fiel somente á sua usual traiçaõ, assim que teve os invenciveis Tryoleves Voralbergas debaixo das garras, lhes impoz contribuiçoens de todas as sortes, sem remittir um só kroutzer; e, tendo tomado esta barbara vingança, entregou-os ao seu novo feito Rey de Bavaria. Este Principe, por sua parte fez timbre em emprobrecer, e opprimir a sua nova acquisiçaõ. Naõ satisfeito com impor pezadas contribuiçoens, derribou a sua antiga Constituiçaõ, que elles tinham observado por uma serie de seculos; abolio os Estados representativos, em ordem a destruir o caminho e via das representaçoens populares; apossou-se dos fundos provinciaes, dos orfaõs, e da divida publica. Alem disto confiscou toda a propriedade ecclesiastica; abolio as prelacias e conventos; e vendeo todos os edificios publicos, para encher os seus vazios cofres. O que foi mais penoso aos habitantes, do

que todas estas oppressoens, foi a allienaçaõ do antigo, e original castello dos Condes do Tyrol. Cada mez éra marcado com uma nova lista de exaççoens, e tributos, que se cobrávam com o maior rigor. A moeda fez-se extremamente rara, e o governo Bavaro augmentou o embaraço, que se originava desta circumstancia depreciando os billhetes do banco de Austria, que até entaõ estávam em circulaçaõ, á metade do seu valor nominal. Esta operaçaõ causou a estes paizes novas percas, que subîram ao menos a vinte milhoens de florins. Para coroar todas estas medidas oppressivas, tinha a Bavaria em contemplaçaõ mudar até os nomes das provincias do Tyrol e Voralberg, appelidando-as segundo os rios principaes, e incorporando-as com os seus dominos.—Estas excessivas durezas existiram por tres annos. As petiçoens e queixas raõ sómente éram regeitadas, mas absolutamente prohibidas por uma lei expressa.—Pelo que, quando, no principio do corrente anno, pareceo inevitavel uma nova contenda, entre a Austria e França, foi a noticia recebida com alegria pelos pobres Tyrolezes e Voralbergas, como o sol he bem vindo quando nasce ao pastor. Apenas havîam elles recebido a noticia do movimento actual dos dous exercitos inimigos, quando se levantáram em massa. A primeira partida foi brilhante alem de toda a esperança. As tropas do inimigo, mandadas contra elles, consistîam em 27,000 homens, que elles resolutamente attacáram em todos os pontos. A suà victoria foi completa; os do inimigo, que escapáram com as vidas, ou ficáram feridos, ou prisionerios. Entre estes havia dous generaes: os atiradores tomáram, alem disto, muita artilheria, munições, armas, e varias bandeiras. Esta memoravel batalha foi pelejada aos 10, e 11 de Abril proxime passado. O merecimento da victoria pertenceo unicamente aos valorosos habitantes do Tyrol e Voralberg; porque o exercito regular Austriaco, que se appressava a dar-lhe

soccoro, naõ se lhe unio senaõ a 13 de Abril; e foi recebido pelos conquistadores com bandeiras soltas, e tambores batendo a marcha; ao mesmo tempo que as vozes de alegria gritávam "Viva o nosso amado Imperador Francisco." Quem conhece a brandura de tempera de Buonaparte, pode conceber uma idea da impressaõ, que a nova destes successos fez sobre o seu espirito. Elle instantaneamente ordenou ao marechal Lefebvre, apoiado pelos marechaes Bavaros Wrede, Deroy, e Siebben, á frente de 24,000 homens, que marchasse contra os Tyrolezes, pelo caminho de Saltzburg. O general Rusca, com 8000 homens, teve ordem de avançar da Suabia, em quanto o general Perron se aproximava da Carinthia, e o general Marmont da Bavaria, e Suabia, com seis ou sette mil homens. Era ésta força na verdade formidavel, e terîa naõ so conquistado, mas até annihilado duas outras naçoens de igual numero. O conflicto foi sem duvida obstinado e terrivel; mas os inimigos fôram derrotados: todos, excepto Lefebvre, cuja força éra demasiado grande, e cujas devastaçoens e crueldades éram taes, que espalhávam terror por toda a parte. Queimou elle cidades e aldeas; e naõ deo quartel a ninguem. Os velhos éram suspendidos nas arvores, e entaõ se lhe fazia fogo. As mulheres prenhes éram escaladas, e lhe cortávam depois os peitos, em quanto o embriaõ lhe éra introduzido pela boca, para suffocar os gritos e gemidos destas miseraveis victimas. Se um Tyrolez ou Voralberga, armado, tinha a desgraça de cahir em suas maõs, elles immediatamente lhe arrancávam a lingoa. s crianças éram decepadas sem misericordia, e frequentemente levadas de uma parte para outra espetadas nas bayonêtas. Succedendo em certa occasiaõ que um numero destas infelizes victimas vinha da escola, a tempo que passávam estes monstros, elles mettêram todas as crianças em um palheiro, e lhe pegáram fogo, queimando-as a todas vivas.

Lefebvre e os Cannibaes imagináram, que podîam

intimidar aos Tyrolezes e Voralbergas, com taes crueldades; mas estas produzîram o effeito contrario. Os atiradores Tyrolezes parecîram agora leoens afaimados; e avançáram sobre Lefebvre, e totalmente o derrotáram; milhares de inimigos fôram mortos; e o general acompanhado somente por alguns restos destas grandes forças procurou a sua segurança em uma ignominiosa fugida, dirigindo-se para Vienna.—O resultado desta completa victoria foi, que o Tyrol e Voralberg, ficando agora livre de seus invasores, servio como de azylo aos prisioneiros Austriacos, que tinham sido tomados pelos Francezes em Ratisbona, Aspern, e Esslingen, e que acháram pouca difficuldade em escapar-se. Cerca de 10.000 se aproveitáram desta occasiaõ, e achando-se quasi nûs, fôram vestidos e armados, com grande incommodo de seus hospedes e amigos.

Outra vantagem desta victoria se mostrou, na coragem superior, que ella inspirou aos conquistadores. Agora sahîram elles alem de suas fronteiras, em busca do inimigo. Na Bavaria avançáram até Munich, cidade capital. Na Suabia tomáram Kempton, adiantando-se até alem de Memming e Ulm. Na Italia marcháram até poucas milhas distante de Verona; e alguns corpos fizéram correrias na Carinthia e Saltzburg, que entaõ ja estáva em poder do inimigo, de maneira que se fizéram em certo gráo senhores daquelles paizes. Naõ obstante estes successos, naõ commetteram os conquistadores actos alguns de crueldade, ou de oppressaõ. Nem uma só casa foi saqueada por elles, nenhum palheiro queimado; nenhum paizano foi tomado prisioneiro, ou insultado. Os inimigos feridos fôram tractados com particular cuidado. O custume usual éra levallos ás costas para alguã casa. Os Tyrolezes e Voralbergas obráram, em tudo, movidos por uma honroza ambiçaõ de envergonhár os seus crueis inimigos, e convencêllos da superior humanidade dos montanhezes Ale-

maens. Nem a França, nem algum de seus alliados póde mostrar um só exemplo de que os seus prisioneiros fossem mal tractados, seja pelos Tyrolezes, sêja pelos Voralbergas; ainda que os prisioneiros de ambos estes paizes fossem postos a tormento, assassinados, e maltractados pelos Francezes.

Todos estes gloriozos feitos, porém, naõ pudéram impedir o progresso do inimigo, em outras partes. Por fim concluio-se um armisticio segunda vez. O corpo de tropas Austriacas, que se deixou no Tyrol; e consistia pela maior parte dos acima mencionados fugitivos, foi repentinamente chamado, e levou com sigo toda a artilheria, e muniçoens, que os Tyrolezes havîam tomado. Desta maneira se acharam os Tyrolezes obrigados a abandonar as suas conquistas, e satisfazer-se com guardar as suas fronteiras.—Lefebvre, Rusca, Ferron, e outros generaes penetráram outra vez até Inspruck, capital do Tyrol; repettindo as suas primeiras devastaçoens, e crueldades. Mas a indignaçaõ, que excitou o apparecimento destes inhumanos chefes foi tal, que até as mulheres, cujo emprego até entaõ se limitára a conduzir os prisioneiros para lugares seguros, se ajunctáram em grandes numeros, e matáram 640 dos inimigos, juncto a Landeck; e ainda que toda a força do inimigo éra de cerca de 30.000 homens, fôram estes attacados pelos Tyrolezes e Voralbergas, que se levantáram em massa, com taõ irresistivel furia, que aquelles, que se salváram com a fugida, fôram perseguidos a taõ grande distancia; que naõ pudéram durante o espaço de 24 horas apagar a sede com uma gota d'agua. Em vaõ Buonaparte, ouvindo este novo desastre de suas armas, destacou aos marchaes Macdonald, e Bessieres com tropas escolhidas, contra os Tyrolezes; elles fôram derrotados, e obrigados a voltar as costas. Do testemunho concurrente das gazetas Hollandezas, Alemaãs, e Francezas, que saõ copiadas constantemente para os jornaes de Londres,

fica fóra de toda a duvida, que os Tyrolezes e Voralbergas persevéram em sua obstinada resistencia aos Francezes e seus alliados.—Elles na verdade estaõ agora livres, porém á custa de inumeraveis sacrificios. Grande numero delles chóram a perda de seus pais, irmaõs, e filhos, naõ mortos na batalha, mas pela maior parte assassinados na mais inhumana sorte. Quatro cidades, e 26 florecentes aldeas estaõ reduzidas a montoens de cinzas; naõ fazendo mençaõ da destruiçaõ de grande numero de cabanas solitarias. Estas calamidades se fazem mais sensiveis em um clima, que está bem longe de ser brando. As montanhas do Tyrol e Voralberg tem, desde o principio de Outubro, estado cubertas de neve, e gelo. Os habitantes, ainda que acustumados a subsistir com o mais grosseiro mantimento, apenas poderaõ, depois de tantas devastaçoens, pilhagens, incendios, e crueldades de toda a casta, obter daqui em diante com que satisfazer as necessidades da natureza. A este momento, multidoens de gente se julgariam felizes, se tivessem um pequeno canto em um apertado palheiro, estrebaria, ou choça.

A pezar de todos estes soffrimentos, elles estaõ plenamente determinados a naõ prestar ouvidos a accommodaçaõ alguma com Buonaparte, ou consentir em ser outra vez governados com o sceptro de ferro da Bavaria. Esta determinaçaõ, ainda que pareça temeraria; pode cabalmente explicar-se pelas sobredictas crueldades, exacçoens, e oppressoens. Todos, até o ultimo homem, exercitados no mais experto uso da espingarda; enrigecidos com as inclemencias das estaçoens; defendidos por altas montanhas, inaccessiveis excepto a elles; cercados em todas as direcçoens pelos seus alliados, montanhezes tambem, que estaõ animados pelo mesmo amor da independencia; educados em uma feliz pobreza; religiosos; virtuosos por habito; inteiramente estranhos ao luxo; preferindo as suas estereis montanhas aos mais ferteis terrenos; e, sobre

tudo, lembrando-se dos horriveis ultragens, commettidos por ordem de Buonaparte, aquem elles tem para oppor 150.000 atiradores, em um paiz em que naõ podem obrar exercitos regulares, e onde só elles sabem os desviados caminhos, porque podem ser supridos, se tiverem meios de comprar o que necessitam. Taõ rija, obstinada, e athletica raça de homens, saõ inimigos formidaveis. Taes se tem elles mostrado ser aos Francezes, e nenhuma paz, em que o seu amado Principe fosse compellido a entrar, os induzirá a ser compartes della.

Elles estaõ firmemente resolvidos a vencer ou morrer. Londres, 13 de Novembro 1809.

SCHOENECHER.
MULLER, Major.

Abstracto da nova Constituiçaõ de Suecia.

SECÇAÕ 1.ª, até 9. O Governo de Suecia será monarchico e hereditario, com limitaçaõ á linha masculina. O Rey deve ser da verdadeira Religiaõ evangelica; e deve governar conforme a esta Constituiçaõ; e com e por conselho de um Conselho de Estado (Stats Rad,) cujos membros seraõ nomeados por El Rey; o qual he inteiramente izento de toda a responsabilidade; mas os membros saõ responsaveis pelos seus conselhos. Os membros devem ser naturaes de Suecia, e da verdadeira fé evangelica. O Conselho consistirá de nove membros; a saber, o Ministro de Estado para os negocios de justiça, o Ministro de Estado dos negocios estrangeiros, seis conselheiros, dos quaes ao menos tres devem ser officiaes civis, e o Chanceller da Corte. Os Secretarios de Estado teraõ assento no Conselho, todas as vezes que entrar em deliberaçaõ algum caso, pertencente á sua respectiva Repartiçaõ. Um pay e seu filho, ou dous irmaõs, naõ poderaõ ser membros do Conselho simultaneamente. Ha quatro Secretarios de Estado; convem a saber, um da repartiçaõ estran-

geira, um da repartiçaõ do interior, um da repartiçaõ das finanças, em da repartiçaõ ecclesiastica. Todos os negocios do governo (exepto as relaçoens com o estrangeiro, e o immediato commando do exercito e marinha) serão submettidos á consideraçaõ, e decisaõ, d'El Rey, que em virtude de sua prerogativa pode assentir ou dissentir de qualquer medida, em opposiçaõ aos votos ou opinioens de todos os membros. Mas no possivel acontecimento de que a decisaõ de S. M. sêja repugnante á Constituiçaõ e leis; os membros saõ requeridos, pela mais solemne obrigaçaõ, a representar, e no caso de que a opiniaõ de algum membro naõ sêja devidamente registrada, tal membro se julgará culpado de aconselhar e fautorizar a El Rey na sua decisaõ inconstitucional.

De 9 até 13. Antes que se possa appellar para El Rey em Conselho, deve a causa ser submettida ao Secretario de Estado e a um Conselho, especificamente chamado para a ouvir. Os negocios ministeriaes, ou politicos, devem ser considerados e decididos por El Rey, o qual no exercicio de sua prerogativa deve ouvir o parecer de seu Ministro de Estado dos negocios estrangeiros, e o Chanceller do Conselho, os quaes saõ responsaveis pelo conselho que derem. El Rey pode concluir tractados com as potencias estrangeiras, depois de consultar o dicto Ministro de Estado e Chanceller. El Rey antes de declarar a guerra, ou concluir a paz, deve referir ao Conselho os seus motivos para assim o fazer, e os membros daraõ a sua opiniaõ sobre a materia, debaixo de sua responsabilidade.

13 até 15. O supremo commando da marinha, e exercito está no poder d'El Rey, assim como a ultima decisaõ em todas as materias, que lhe fôrem relativas; assistido elle pelo Ministro de Estado, daquelle serviço, o qual será responsavel pelo seu conselho.

16. El Rey naõ pode privar ou fazer que sêja privado algum vassallo seu, de sua vida, liberdade, honra, ou pro-

priedade, sem processo, e sentença; nem poderá embaraçar ou perseguir pessoa alguma por suas opinioens religiosas, com tanto que a promulgaçaõ dellas, ou o exercicio de sua religiaõ naõ sêja injurioso á sociedade.

16 até 27. Diz respeito ao estabelicimento de um Conselho de justiça, que deve consistir de seis maioraes, e seis communeiros, e que decidiraõ os negocios de justiça. El Rey tem tambem dous votos, e pode perdoar aos criminosos, e mitigar ou commutar os castigos.

27 até 31. El Rey, no Conselho de Estado, nomea as pessoas que tem de servir os officios civis e militares: assim como os Arcebispos, e Bispos, na forma que de antes se practicava.

32. Os embaixadores, &c. para as cortes estrangeiras, saõ nomeados por El Rey, na presença do Ministro de Estado dos negocios estrangeiros, e Chanceller da Corte.

32 até 35. Descreve-se a maneira de nomear os officiaes civis e militares; e que officiaes, em situaçoens conspicuas de encargo e confiança, podem ser admittidos a arbitrio d'El Rey, tendo previamente significado a sua vontade ao Conselho.

35 a 38. El Rey naõ pode tirar a um Juiz o seu lugar, salvo com justa causa, e prova de seu crime. El Rey tem o privilegio de crear nobres, cujos filhos mais velhos, e herdeiros somente, herdaraõ o titulo da familia. Todos os decretos devem ser contrassignados por um Secretario de Estado.

38. até 40. El Rey naõ deixará o reyno sem consultar o Conselho, o qual, no caso de sua auzencia, deverá governar.

40. até 48. Declara, que a maioridade, no Principe ou Rey, será aos 21 annos; e se elle naõ tiver herdeiro macho, a Dieta se ajunctará, e escolherá um successor. Nenhum principe de sangue poderá casar sem consentimento d'El Rey, nem o Principe hereditario, ou outros

principes poderaõ ter officio algum hereditario. El Rey nomea todos os seus officiaes da Corte, e Casa.

49. Os Estados do Reyno se devem ajunctar todos o cinco annos, em Stockholmo.

49. até 90. Regulam o modo de eleger os membros da Dieta. El Rey naõ pode impor tributo algum, sem o consentimento da Dieta; e o banco está debaixo da inspecçaõ immediata dos Estados do Reyno. El Rey naõ pode negociar emprestimos dentro do Reyno, nem nos paizes estrangeiros; nem pode vender, dispor, ou alienar provincia alguma, pertencente ao Reyno, nem alterar o valor da moéda corrente.

90. até 94. Providencea que se El Rey, continuar auzente mais de doze mezes, se poderá ajunctar a Dieta, de que se dará parte a El Rey. Quando o successor do Reyno naõ for de maioridade, se deverá ajunctar a Dieta, e nomear uma Regencia, que deve governar durante a minoridade. Quando El Rey for de 18 annos de idade, deverá assistir aos diversos tribunaes de justiça, sem com tudo tomar parte nas decisoens.

94. até 107. Explica-se o que se deve fazer no caso em que os Membros do Conselho sêjam negligentes em ajunctar a Dieta, ou obrem contra o seu dever; e se determina, que em cada Dieta se nomêe um Commité para inquirir sobre a conducta dos Ministros, Conselho, e Secretarios de Estado.

108. Tracta de um Commité para ter a seu cargo a liberdade da imprensa.

108. até 114. Estabelece, que nenhuma Dieta durará mais do que tres mezes, excepto se os negocios assim o requererem. Nenhum homem, em quanto for membro da Dieta pode ser accusado, ou privado de sua liberdade, por suas acçoens ou expressoens, no seu respectivo Estado, menos que o Estado particular a que elle pertença assim

o requeira. Nenhum official da coroa poderá influir, com sua authoridade, na eleiçaõ dos Membros da Dieta.

Noticias deste mez.

Hespanha por Fernando VII.

Londres, 11 de Novembro. Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Recebeo-se hoje uma carta pelo Conde Bathurst, Principal Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros de Sua Magestade, do Tenente Coronel Carrol com data de 19 de Outubro, de 1809, do Exercito do Campo da esquerda sobre as alturas de Tamanes, cujo extracto he do theor seguinte.

Tenho a honra de informar-vos, que o exercito do Marechal Ney, agora commandado pelo General Marchant se avançou na manhaã de hontem, com a força de 10.000 homens de Infanteria, 1.200 de cavallaria, e 14 peças de artilheria para attacar este exercito, que estava judiciosamente postado naquellas alturas. O inimigo dividio a sua força em tres columnas, que se avançáram contra a direita, centro, e esquerda da nossa linha; foi depressa evidente que o principal objecto do seo attaque era forçar a nossa esquerda, sendo o ponto, em que a nossa posiçaõ era amais fraça. O inimigo, ao principio, ganhou algumas vantagens de posiçaõ sobre a nossa esquerda, em consequencia da retirada de uma pequena partida da nossa cavallaria, destinada a cobrir a esquerda da nossa linha. Esta vantagem, todavia, foi momentanea, por quanto a vanguarda, conduzida pelos Generaes Mendizabal, e Carfera, carregou com o maior espirito, e intrepidez, derrotou o inimigo, e retomou a ponta da bayoneta, seis peças, das quaes o inimigo se appossara durante a retirada da divisaõ da nossa cavallaria. A vanguarda nesta carga fez

grande mortandade entre o inimigo, tomando-lhe uma peça de oito, com quantidade de muniçaõ. Depois de um longo, e obstinado conflicto, o inimigo naõ podendo ganhar um palmo de terreno, começou a recuar em todos os pontos. Pelas tres da tarde, fez o inimigo uma confusa, e precipitada fugida.

A perda do inimigo, tanto quanto nos podemos determinar, excede 1.000 em mortos, e prisioneiros. O numero dos feridos deve ser consideravel. A nossa perda comparativamente foi bagatela, naõ excedendo 300; uma Aguia Imperial uma peça de bronze de 8, tres carros de muniçaõ, 12 tambores, 4 ou 5.000 armamentos completos carros de provisoens, mochillas carregadas de saque, cahiram nas nossas maõs. Nenhuma linguagem pode fazer sufficiente justiça á valorosa, e intrepida conducta das tropas neste memoravel dia; seria impossivel fazer distincçaõ no zelo e ardor dos corpos differentes, porque todos suspirávam igualmente pela peleja. A vanguarda, e primeira divisaõ, todavia, tivéram a fortuna de occupar aquelles pontos contra os quaes o inimigo dirigia os seus principaes esforços, e de acrescentar novos louros ás coroas, que alcançaram em Lugo, S. Jago, e San Paio. A firme intrepidez dezenvolvida pela 2ª divisaõ, por cujas fileiras passava a partida de cavallaria, que se retirava, e o espirito, e a promptidaõ com que se avançava contra o inimigo, que naquelle momento atravessava a nossa esquerda, he digna do mais alto louvor. O total da cavallaria, á excepçaõ da partida pertencente á vanguarda, perto de 300, que em razaõ de serem muito excedidos, foraõ obrigados a retirar-se, mostrou a maior firmeza, e resoluçaõ em manter o seo posto, e repremir a cavallaria do inimigo. He contudo para lamentar, que a nossa cavallaria se naõ achasse em situaçaõ de aproveitar-se da fuga desordenada do inimigo atravez da planicie entre aquellas alturas, e a aldea de Carrascalejo, uma legoa em comprimento; porquanto a victoria

teria cido deciziva, se 5 ou 600 cavallos carregassem os fugitivos. Avanguarada da divizaõ do General Ballasteros está avista; nos somente esperamos a sua chegada para perseguir, e annihilar o destroçado iinimigo. Dos prisioneiros sabemos, que o General Marchand proclamou em Salamanca as suas intençoens de annihilar as duas horas no 18°, 30,000 paisanos insurgentes; as suas ordens ao seu exercito eraõ, sob pena de morte, apossar-se das alturas as duas horas, porquanto se propunha a hir destruir a divizaõ de Ballasteros, depois de ter despergido, e annihilado este exercito. O General Francez parece de certo ter tido em pouca conta este exercito, a julgar pelo seu attaque, que longe de ser judicioso, foi executado, ate certo ponto, com o maior valor, e intrepidez que inspira a confiança do bom successo. As nossas tropas Ligeiras perseguiram, e fatigaram a recta guarda do inimigo; muitas partidas das quaes, e entre ellas 300 do regimento de Ballasto, naõ voltaram ainda, na determinaçaõ de acossarem os flancos do inimigo, em quanto assim lhe permittisse o abrigo dos bosques. O numero dos mortos do inimigo achados, e enterrados monta acima de mil, e cento, e muitos ainda vivos, se acharam nos bosques.

Hespanha pelos Francezes.

Madrid, 11 *de Outubro.* Aos 4 do corrente S. M. publicou os seguintes decretos.

I. Os Arcebispos, Bispos, Governadores Ecclesiasticos, Cathedraes, e Cabidos Collegiaes do Reyno, admittiraõ a concurso abertó, nas suas Igrejas, e dioceses respectivas, para a collaçaõ de Conegos residentes, curas beneficiados, e outros ampregos ecclesiasticos, de que se deve dispor nesta maneira, os exregulares das congregaçoens suppressas, que pelos seus exercicios, talento, e conducta, tiverem igual titulo que os seculares, á collaçaõ de taes beneficios.

II. As parochias, que até agora estavam sugeitas à jurisdiçaõ espiritual dos exregulares, seraõ postas sob a dos Arcebispos e Bispos, segundo os limites territoriaes, dentro de que se acheõ situadas, e seraõ governadas e administradas, na mesma forma, que o forem as outras partes das suas dioceses.

Um terceiro decreto ordena, que as velas de sera pertencentes aos conventos supprimidos, fiquem á disposiçaõ do Ministro dos negocios de Religiaõ, a fim de serem appropriadas ás igrejas, pertencentes aos dictos conventos, que se deixarem abertas; ou distribuidas pelas parochias pobres.

O quarto decreto, estabelece que "Sendo injasto que os perturbadores do Reyno gozem do beneficio das disposiçoens, relativas á divida publica; todos os credores ao Estado, que naõ apresentarem os seus titulos, dentro de um mez, para serem vistos pelos Intendentes das provincias, teraõ as suas pertensoens declaradas nullas, e perdidas as dividas a beneficio do Estado."

França.

Napoleaõ pela graça de Deus, e a Constituiçaõ, Imperador dos Francezes Rey da Italia, &c. &c. &c.

A todos os que as presentes virem saude.—Nos temos decretado, e decretamos o seguinte:—O corpo Legislativo abrirá a sua assemblea, para a Sessaõ do anno de 1809, no primeiro dia de Dezenbro, proximo futuro.—Nos ordenamos e dirigimos, que o precente decreto seja inserido no buletim das Leis.—Dado no nosso Palacio de Fontainebleau, aos 31 de Outubro, de 1809.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Visto por nós Vice Gram Eleitor.

(Assignado) Principe DE BENEVENTO.

Pelo Imperador; o ministro secretario de Estado.

(Assignado) H. B. MARET.

Inglaterra.

Londres, 27 de Novembro. O Muito Honrado Mr. Herskine, ex Ministro de Inglaterra juncto ao Governo dos Estados Unidos, chegou aqui sabbado 25 do corrente. A discussaõ dos varios pontos, que fazem as differenças entre este paiz e os Estados Unidos, principiou a tratar-se entre Mr. Jackson, Enviado Britanico, e o Secretario de Estado Americano; mas naõ se esperava resoluçaõ alguma deffinitiva até a Sessaõ do Congresso, e a este corpo se suppoem que haõ de ser submettidas as matterias em disputa, antes de se tractar com o Ministro Inglez. Dizem que, tanto o Governo como o povo Americano, naõ desejam um rompimento com os Inglezes.

Por uma proclamaçaõ d'El Rey, datada de 25 de Novembro, se devera ajunctar o Parlamento aos 23 de Janeiro de 1810.

Alemanha.

A obstinaçaõ em que tem continuado os Governos da Europa em naõ querer promover as reformas uteis, tem dado e continûa a dar aos Francezes amplos meios de obter os seus fins propondo elles ás naçoens, que conquistam, vantagens que os povos deviam esperar de seus governos nacionaes. A incorporaçaõ de muitas pequenas Soberanias nos Reynos de Westphalia, Bavaria, Wurtemberg, &c. posto que fundada em roubos, e extorsoens matifestas, tem com tudo melhorado, em certo ponto de vista, a sorte dos povos, os quaes sem duvida alguma, quererîam ántes que taes reformas lhes proviessem de seus governos naturaes. A primeira vantagem he a igualdade de direitos aos olhos da lei, abolindo-se os direitos de escravidaõ e vassallagem que existiam, em muitas partes da Alemanha. Depois o importante direito da liberdade de escolha, e exercicio da religiaõ de cada individuo, sem que os pontos de crença produzam inhabilidade para os empregos publicos. A forma geral da administraçaõ de justiça, e introducçaõ do processo por jurados nos casos crimes. E finalmente a introducçaõ de um systema uniforme na imposiçaõ dos tributos. Pouca noticia do estado publico da Alemanha, retalhada, na sujeiçaõ,

a inumeraveis condes, marquezes, duques, baroens, soberanos, privilegiados, coutadas, mosteiros, jurisdiçoens ecclesiasticas, custumes particulares, &c. bastará para conhecer que estes paizes novamente organizados sahiram, para assim o dizer, de um cahos, e entráram em uma certa ordem regular, mais ou menos perfeita.

Mas os beneficios desta apparente reforma saõ absolutamente nullos, em quanto durar a oppressaõ Franceza, que Buonaparte trabalha em perpetuar, tanto quanto delle depende. O plano das conscripçoens he uma verdadeira escravidaõ das naçoens, sugeitas á França, a qual naõ conserva os Soberanos, a quem chama alliados, senaõ para os fazer instrumentos da oppressaõ dos povos; por meio destes chamados Soberanos impoem á França as contribuiçoens, que recolhe a titulo de subsidios, &c. por meio delles obtem as levas de violentos conscriptos, com o nome de tropas auxiliares; em uma palavra a escravidaõ destas naçoens he tanto mais insupportavel, quanto vem com as apparencias de independencia e liberdade nacional.

A representaçaõ em uma assemblea de Deputados do povo, tal qual se estabeleceo no Reyno deWesphalia, he ao presente mera farça; com tudo, uma vez admittido este principio, de que o povo deve ter parte na formaçaõ das leis e imposiçaõ dos tributos, facilmente, deixando de existir a presente oppressaõ, se poderaõ por as couzas em melhor estado; por outra parte, durante o governo antigo dos baroens, e jurisdicçoens separadas, naõ so se negava que fosse bom admittir os conselhos dos representantes da naçaõ em caso algum, mas até se naõ admittia que a naçaõ ou o povo pudessem nomear representantes ou procuradores seus, o que fechava a porta a toda a reforma, a toda a representaçaõ da parte da naçaõ, e á desenvoluçaõ dos talentos, que poderiam ser uteis á patria. Mas estas vantagens remotas, que só os vindouros poderaõ gozar, saõ compradas, pelos presentes, a preço demasiado alto; pois no estado actual das couzas está perdida a felicidade domestica: supprimidos, com o terror da bayoneta, os sentimentos dos individuos; e os exercitos a quem se encarregáram estas execuçoens compostos da vil escoria de toda a Europa, commettem taes violencias, que naõ so enfurecem os espiritos contra toda, e qualquer reforma util, que elles fossem mandados proteger; mas até fazem temer, que este terror universal, se for duradouro, levará, a Europa outra vez no estado de barbaridade. Que este susto naõ he mal fundado se pode conhecer desta circumstancia que a Universidade de Gottingen, antigamente contava entre os seus alumnos de 8 a 9 centos estudantes; Halle de 100, a 1.200, Helmstedt de 2 a 8 centos Rinteln 100 a 150, Marburg de 3 a 4 centos Paderborn de 50 a 60; em

1808 o numero total de estudantes em todas estas seis Universidades naõ passava de 1.128. A medida das conscripçoens, e a oppressaõ geral executada pelos militares faz com que a mocidade olhe para o exercicio das armas como o unico em que pode achar alguma protecçaõ; unindo-se tambem com os oppressores. Aonde pois naõ irá ter esta cadea de desgraças, se o systema actual continua? He mui possivel que na reducçaõ da Europa ao barbarismo!

Austria.

Damos neste numero a integra do tractado concluido entre a Austria e França a 14 de Outubro. As condiçoens naõ saõ seguramente taõ arduas como se esperava, mas bastante está feito para que a Austria fique encerrada por todos os lados, pelos Francezes, ou seus alliados, e por consequencia entregue á disposiçaõ de um conquistador, cuja ambiçaõ até aqui naõ tem admittido limites. O artigo 14 estabelece a garantia da França aos Estados do Imperador d'Austria; mas quando se considéra a conducta dos Francezes, a respeito do Reyno de Etruria, naõ será difficil o julgar que valor tenham estas palavras do tractado. Alem disto ha muito quem digna, que as condiçoens mais arduas saõ comprehendidas em artigos secretos.

Confederaçaõ do Rheno.

Os vassallos de Buonaparte, que se intitulaõ Soberanos e pertencem a esta chamada Confederaçaõ, tivéram agora do seu Principe Primaz um edicto, que publicamos a pag. 490 para introduzir o Codigo Napoleaõ, em seus Estados, e começa por um cabeçalho de sermaõ, inteiramente de gosto Francez; isto he, maximas geraes de moral: nada de virtudes practicas. Atreve-se o Primaz a dizer que "as falsas, ideas dos Romanos sobre a escravidaõ ja naõ existem," ao mesmo tempo que Buonaparte mandou distribuir os seus prisioneiros de guerra pelos lavradores da França, para trabalharem a beneficio de quem os tinha. ¿ E naõ he isso a escravidaõ fundada nos mesmos principios dos Romanos?

A palavra Confederaçaõ ou Liga, com que se denomina esta associaçaõ de Principes, que se suppoem independentes; por forma nenhuma diz respeito á administraçaõ interna dos Estados que entram em Confederaçaõ. Assim este passo de Buonaparte de lhes impor a aceitaçaõ do seu codigo, he negar-lhes directamente o direito de Soberania, a cuja essencia pertence o poder de legislar. Mas alem de provar isto a falta de Soberania nestes mal-chamados Soberanos

prova mais o systema da Monarchia universal, a que a França aspira; pois seguindo a vereda dos Romanos, vai fazendo adoptar a sua legislaçaõ particular a todos os povos, sobre que tem influencia. He verdade, que este Edicto parece limitar se somente aos Estados do Primaz, mas o começar por elle, he penhor seguro de que se têm de extender aos mais; e no Reyno de Westphalia foi ja introduzido, no principo do anno de 1808. Nos naõ diremos por agora cousa alguma sobre o merecimento intriseco deste corpo de legislaçaõ; mas naõ podemos deixar de observar, que, no estado actual dos conhecimentos de jurisprudencia, ésta compilaçaõ fica muito áquem das nossas esperanças. O systema de legislaçaõ particular sobre contractos, testamentos, tutellas, &c. he tirado do direito Romano; e em alguns exemplos mui mal applicado aos custumes actuaes; a forma da administraçaõ de justiça, he uma má imitaçaõ da legislaçaõ Ingleza, de quem tiráram o estabelicimento de juizes de paz; entretanto para a França, que tinha o peior systema de legislaçaõ da Europa; e para os Francezes, onde se acha menor numero de escriptores bons em jurisprudencia, do que em nenhuma outra naçaõ, este codigo deve ser estimavel; porque em fim he um resumo, que elles naõ tinham; e derroga muitas das leis absurdas, que regulavam na antiga França.

Dinamarca.

As negociaçoens de paz entre Suecia e Dinamarca começáram em Jonkopping. O Conde Aldersberg e o Baraõ Taube saõ os Plenipotenciarios Suecos: o Baraõ Rosencrantz, Baraõ Selby, e Conde Molke saõ os Dinamarquezes. Dizem que a primeira proposiçaõ de Dinamarca fôra, requerer que a Suecia lhe pagasse dous milhoens de rixdollars; como indemnizaçaõ pela esquadra, que os Inglezes tomáram; dando em razaõ desta extraordinaria pretençaõ, que o deposto Rey de Suecia foi quem informou primeiro aos Inglezes dos artigos secretos do tractado de Tilsit. Diz-se tambem que a França exige, que se consinta ter Consules nos portos de Suecia, e que estes Consules tenham vóz e assento nas alfandegas. A injustiça destes petitorios he taõ evidente, e a impossibilidade da Suecia, em satisfazer ao que pede a Dinamarca, he taõ clara, que naõ se pode suppor nestas potencias outras intençoens, senaõ as de privar a Suecia da pouca independencia e Soberania que lhe resta.

França.

Nós dissemos, tempos ha, que os Soberanos vassallos de Buonaparte,

formariam um Congresso em Paris, a que Napoleaõ presidiria. Com effeito o Rey de Saxonia chegou a 14 deste mez a Paris, onde ja se acháva o Rey de Westphalia, e se espéram outros dos Soberanos, membros da liga do Rheno. As ideas de honra saõ differentes nos homens; mas nós prefeririamos, quanto ao ponto de honra, ser çapateiros, e tidos por bons mestres do nosso officio, servindo aos nossos freguezes em nossa loge; do que ser Soberano de um povo, passando pela humiliaçaõ de sahir fóra do Reyno, para ir tributar vassallagem ao Usurpador das Soberanias, e ao tyranno e algoz dos Povos.

O Imperador acha-se ainda em Paris, mas todos espéram vello partir, em breve, para a Hespanha; entretanto ha negocios de muita supposiçaõ, que requerem a sua presença, na capital da França; por algum tempo; tal he a leva dos conscriptos, que supposto nas contas officiaes a limitassem a 36.000, he nossa opiniaõ que na practica haõ de ajunctar um muito maior numero; outro negocio que exige a sua presença he a nomeaçaõ, em que se falla de novo papa; e se a escolha recahir no Cardeal Fesch, como todos espéram, he evidente que havemos ver a religiaõ Catholica Romana modellada por este papa, e seu sacro colegio, á medida dos desejos do exturco Napoleaõ. O grande exercito Francez, que se deixou na Alemanha, para fazer executar o tractado, com Austria, e para dispor as couzas para as operaçoens futuras na Turquia, e talvez mesmo na Bohemia e Hungria, tazem necessaria, senaõ a presença, ao menos a proximidade do Imperador dos Francezes, até que se finalizem os seus arranjamentos.

Hespanha.

Os exercitos de Hespanha continúam no mesmo estado de fraqueza tanto em numero como em disciplina; mas bem longe ainda de estar annihilados, como pretendem os Francezes: e a disposiçaõ do povo, em manter a sua independencia, está taõ firme como no principio da contenda. O exercito da Estremadura, antes commandado por Cuesta, e agora por Equia, marchou para La Mancha, havendo destacado 10.000 homens para a Estremadura, debaixo do commando do duque d'Albuquerque. O exercito de La Mancha, que Vanegas commandava, e agora commanda Arisoga, adianta-se para juncto dos Francezes, e dizem consta de 45.000 homens. O exercito que commandava o marquez de La Romana, e agora he commandado pelo duque del Parque tem obtido algumas vantagens sobre os Francezes, mas Blake parece ter padecido alguma cousa nas vizinhanças de Gerona, praça esta, que ainda se mantem com todo o vigor, apezar do vigoroso sitio que lhe fazem os Francezes. O general Venegas pedio

e obteve ser governador de Cadiz. Às forças Francezas se julgam estar em La Mancha 70.000 homens, em Madrid 5.000, para o Norte 10.000, em o cerco de Gerona 26.000, na Catalunha 9.000, juncto a Burgos 10.000, em Pampelona 5.000; o que tudo monta a 135.000 homens. Nos porém só damos isto como provavel; porque o numero de tropas dos exercitos he couza que todos os generaes ocultam, como um dos mais interessantes segredos. Isto pelo que diz respeito ao militar. Quanto ao civil.

A opiniaõ geral, e generalissima, tanto na Hespanha, como fóra della he, que os Hespanhoes precizam outro governo mais energico, e mais legal ¿qual elle será? Eis aqui a difficuldade; porque os actuaes naõ querem largar o poder que tem nas maõs; apezar de prometterem repetidas vezes á naçaõ, que chamariam as Cortes, para que ellas, como representantes da naçaõ, decidissem legalmente o que se devia fazer. Ultimamente o clamor foi taõ geral, e os males da procrastinaçaõ taõ evidentes, que está resolvido chamar as Cortes para o 1° de Março, de 1810. No entanto nomearam um committé para o executivo dos negocios, e posto que as pessoas que o compoem estejam ainda em segredo, assevera-se que saõ os seguintes. Marquez d'Astorga; Marquez de la Romana, Marquez de Villel; D. Joseph Nicholas Garcia de la Torre; D. Rodrigo Riquelme (estes dous saõ letrados) D. Francisco Xavier Caro; D. Sebastiaõ de Jocano. A maior parte destes, e principalmente os dous letrados dizem que saõ aversos ao chamamento de Cortes, e aversissimos á liberdade da imprensa. Porém como o maior patrono destes abuzos antigos resignou ja o seu lugar, he de esperar que os outros cedam, e conheçam a necessidade que ha de attender aos direitos, liberdades, e bem da naçaõ, se querem que essa naçaõ peleje, e se deffenda; do contrario he melhor dar a cauza por perdida sem effusaõ de sangue; porque em geral para os homens deffenderem a patria, he preciso que estejam persuadidos, que tem patria a deffender; que tem direitos a proteger, ou bens que perder se se naõ deffendem. Nos esperamos que éstas consideraçoens sejam attendidas, e se o fôrem os Francezes naõ acharaõ a conquista da Hespanha taõ facil como se lhe pinta.

Inglaterra.

Com o maior prazer annunciamos a victoria, que acabam de obter os Inglezes no Mediterraneo; no numero seguinte daremos as rela-

pa." A ambiçaõ de Buonaparte teve origem na facilidade que se offereceo a tal homem; mas esa facilidade foi-lhe subministrada pela corrupçaõ dos outros governos.

As pessoas empregadas nos officios publicos, e que tem interesse em enganar o Soberano, e disfructar o povo, foram comparados por um celebre jornalista Inglez, a certos matadores de toupeiras que aqui ha, que nunca vaõ destruir estes animaes no tempo em que estaõ criando, para naõ extinguir de todo a raça; porque do contrario acabava-se-lhes o officio; por similhantes razoens aquelles perversos Portuguezes, que fizéram a sua fortuna, como foi Manique, e os da sua panella, a gritar, que havia jacobinos e traidores no Reyno, naõ cessaram nunca de inculcar esta crença, para que o governo os empregasse e lhe pagasse para perseguir estes pretendidos jacobinos, que elles sabiam, e criam que na verdade naõ existiam: mas o gritar que havia tal couza, servia naõ só de indispor a naçaõ contra o governo, mas de animar o inimigo a tentar a invasaõ do Reyno, na esperança de achar partidarios. ¿Ora quantos homens podia eu notar, que fizéram a sua fortuna na corte intrigando a naçaõ com o soberano? E saõ estes mesmos homens de quem depende a reforma dos abusos, que por isso mal se pode esperar. Se as minhas informaçoens me naõ enganam vai-se estabelecendo no Rio de Janeiro uma boa imitaçaõ do systema do Manique.

Mas he necessario que os Soberanos se desenganem, da necessidade que elles tem de naõ ouvir estes intriguistas, mas sim de ouvir a naçaõ em geral, representada em cortes; taõbem os povos devem conhécer, que os homens que estaõ á testa dos negocios publicos, segundo o systema actual, saõ os mesmos que tem interesse em conservar esses abuzos, que conhecem muito bem, mas que naõ lhe faz conta remover.

Ponhamos um exemplo no Principe da paz. Deixava elle de conhecer, que, dando os lugares publicos a seus viciosos parciaes, perseguindo os homens de merecimento, favorecendo o monopolio, fazendo-se instrumento, da intriga Franceza, &c. &c. naõ só arruinava a naçaõ mas conduzia o Soberano directamente ao precipicio? Sim: o Principe da paz conhecia isto muito bem; mas se elle propuzesse chamar Cortes, deitar fora dos empregos os homens indignos delles; em fim a palavra reformar os abusos e promover o bem da patria, esse principe da paz era o primeiro que havia ser despido de todas as honras, cargos, e rendas, que obteo sem outro merecimento ou titulo, se naõ o de intrigar os homens honrados com o Soberano, e promover a ruina da patria. He por tanto a falta de reflexaõ quem faz esperar, que similhantes homens fallem a verdade ao Soberano nem promo-

vam reformas uteis; porque he o mesmo que esperar que estes homens, que vivem como zangaõs de chupar a substancia do estado, deixem tudo por maõ, e vaõ cavar com uma enchada, e isto he a mais credula esperança, que a imbecilidade pode suggerir.

Mas, diraõ, visto isso naõ ha nem remedio, nem espèrança; o povo deve entrar na desesperaçaõ. Naõ. Se o povo realmente deseja ver-se livre das oppressoens, e esse povo julga que vale a pena de ver reformados os abusos, deve fazer deligencia por isso, e naõ obrar como o carreteiro da fabula, que, em vez de trabalhar por desembaraçar o seu carro, implorava ao deus hercules, que milagrosamente lhe valesse. Eu lembra-me de haver um tempo em Portugal em que éra taõ geral a queixa contra a administraçaõ de Jozé de Seabra, que apenas havia um homem de reflexaõ, que naõ tivesse alguma cousa a notar naquelle homem: entre tanto nem o Senado da Camara de Lisboa, nem o Juiz do povo, nem corporaçaõ ou tribunal algum requereo ao Soberano que deitasse fora aquelle ministro. Pergunto eu agora ¿de quem éra a culpa de continuar este homem em seu emprego contra a vontade do povo, e com a desapprovaçaõ geral? Esse mesmo povo: a naçaõ; porque o Soberano, que vé que niaguem se queixa do Ministro, assenta que estaõ todos contentes com elle, e naõ o muda. No exemplo proposto, o Ministro Seabra foi em fim despedido; e o merecimento disto, so compete ao Soberano, o povo nada contribuio para a demisçaõ. Em Lisboa quando re restabeleceo a Regencia, causou um descontentamento geral, que cessou agora com a expulsaõ della de alguns membros de quem a naçaõ naõ gostava, e posto que o Secretario Salter naõ seja muito estimado, por se julgar ter os mesmos principios dos que sahiram com tudo olham para elle como em emprego secundario; eo toléram; mas ¿a quem se deve agradecer esta mudança que tanto agradou? Ao Soberano, naõ ás representaçoens, que se lhe fizessem; porque as naõ houve.

Chegou S. A. R. ao Brazil, e he de suppor que seus ministros soubessem mui pouco das circumstancias locaes do paiz, para onde se mudaram; mas até agora ainda naõ ouvi que alguma das camaras, ou corporaçoens, fizessem petiçoens ao Soberano pedindo-lhe o que lhes convem. Logo naõ he de suppor, vista a deligencia do Soberano em remediar os males quando chegam ao seu conhecimento, que elle naõ attenda aos povos se elles lhe representarem suas necessidades; e he preciso saber, que a naõ ser alguma descuberta do acaso, o Soberano he o ultimo que sabe os males do seu Reyno, porque no curso ordinario das cousas os que o cercam estaõ continuadamente a dizer-lhe que tudo vai bem.

Que mais provas disto que os successos ultimos em Portugal, antes da partida de S. A. R. Que poucas horas seriam bastantes para ver a naçaõ submergida na ultima desgraça. A Europa naõ se esqueceo ainda da infamia com que o Ministro, que o devia informar de tudo o que se passava, occultou factos essenciaes, que se faziam necessarios para bem julgar do Estado das cousas. Negue esse ex-ministro, se he capaz, que a ter S. A. R. seguido os seus conselhos estaria hoje em França soffrendo a sorte do infeliz, e illudido Carlos IV. Eis aqui como os homens, que desejam atraiçoar o Soberano, começam por insinuar-lhe que se deve quartar a liberdade da imprensa, e que se naõ deve deixar saber ao publico nem verdades nem novidades algumas: porque a ignorancia geral he o seu melhor escudo.

Entre as medidas, pois, que devem trazer um prompto remedio he representar ao Soberano, a importancia de executar aquella parte das leis, e custumes antigos dos Portuguezes de terem uma corporaçaõ que represente a naçaõ, e cujos membros sejam elleitos pelo povo. As Cortes he uma instituiçaõ nacional, e a populaçaõ do Brazil he taõ consideravel, que com toda a justiça pode requerer o entrar com seus procuradores nesta respeitavel Juncta. E se os povos do Brasil naõ tiverem agora, ao principio, o cuidado de requererem isto ao Soberano, podem estar certissimos que nenhum parasita da Corte aconselhará esta medida ao governo. O naõ serem os povos do Brazil representados em Cortes, he a primeira origem de seus males presentes, e será causa de muitos outros para o futuro.

Nos estamos promptos para dar os descontos necessarios aos actuaes Ministros no Brazil, nos naõ desejamos fazellos responsaveis pelos erros dos antigos; nos conhecemos o systema mal pensado de seus predecessores, na creaçaõ do grande Imperio do Brazil. Uma infancia tempestuosa, e acompanhada de convulsoens violentas e crueis naõ promettiam-ás colonias senaõ uma vida languida. As colonias eram formalizadas em sua origem por aventureiros sem moral, por soldados ferozes, que naõ recebiam a sancçaõ do Governo se naõ depois de ter feito conquistas, que nada consolidava senaõ as riquezas e a inclinaçaõ á pilhagem. Aquelles homens sanguinarios, influidos por uma falsa gloria, so tinham em vista o amor das conquistas; mas estes tempos estaõ passados. Olhemos agora para o bem da humanidade.

Suecia.

O tractado de paz entre Russia ja se fez publico, e o inseriremos no numero seguinte. Considerando as circumstancias actuaes da Sue-

cia, e tractado he-lhe mais favoravel do que se podia esperar; mas absolutamente fallando, pode dizer-se que a Suecia, perdendo a Pomerania, e a Finlandia, vendo aniquilado o seu exercito, e os seus recursos pecuniarios esthauridos, so conserva o titulo da Soberaria, e uma sombra de independencia.

Roma.

Entre os documentos officiaes inserimos o original, e a traducçaõ de uma bulla do Papa, que appareceo impressa em Italiano e Latim. Como estamos acustumados a naõ offerecer aos nossos leitores senaõ as noticias de cuja veracidade estamos convencidos, somos obrigados a declarar aqui, que naõ respondemos pela authenticidade da quelle papel, em quanto naõ formos satisfeitos das duvidas, que se nos offrecem a este respeito.

O Summo Pontifice acha-se prèzo em Avinhaõ; e corre de plano, que Buonaparte convocou a Paris os Cardeaes que lhe ficam ao çapto. Julga-se que o motivo desta convocaçaõ he nomear Papa ao Cardeal Fesch, tio de Napoleaõ, pretextando alguma renuncia de Pio VII; a qual sem duvida será taõ authentica e valida, como a dos Reys de Hespanha. Mas os Estados Catholicos debaixo do poder de Buonaparte, lhe chamaraõ eleiçaõ canonica, como aquelle Pontifice chamou valida a usurpaçaõ de Buonaparte, coroando-o, e servindo assim de instrumento á sua ambiçaõ; mas o Pontifice, com aquella humiliaçaõ, naõ fez mais do que alimentar o lobo, que o devia devorar, como a triste experiencia demonstra.

Accrescentam como outro motivo desta convocaçaõ de Cardeaes, o desejar Buonaparte obter uma sentença de divorcio de sua mulher, para se casar com uma princeza Bavara. Mas isto parece naõ ter fundamento; porque segundo as leis actuaes da França o divorcio depende unicamente dos tribunaes da Naçaõ, e Buonaparte naõ pediria a outrem o que tem no poder de seus ministros, a quem governa, com despotismo absoluto.

CONRESPONDENCIA.

Senhor Edictor do Correio Braziliense.

Eu espérava no Correio do mez passado ler alguma cousa sobre a nomeaçaõ do novo inspector da Cavallaria, em Portugal, como uma prova da influencia do partido Francez no Brazil; e do vergonhoso procedimento de alguns dos nossos Nobres Portuguezes; que, em quanto a patria está taõ seriamente ameaçada, elles, em vez de vir do Brazil para a Europa, debellar o inimigo, se deixam ficar vergonhosamente no Rio de Janeiro, intrigando juncto á Corte, para obter influencia que naõ merecem, e ajudar a arruinar a causa publica. Eu senhor Edictor, ingennamente lhe declaro, que naõ approvo muitas das suas reflexoens, mas sem duvida creio, que as suas intençoens saõ honradissimamente boas a favor de sua patria; e de certo ninguém ainda se lembrou de taõ bom plano como he escrever um jornal em Portuguez n'um paiz livre, onde se podem dizer as verdades; prouvéra a Deus, que todos os Portuguezes patrocinassem, como devem o seu jornal; assim rogo-lhe em nome do patriotismo, que naõ omitta factos taõ essenciaes, cuja manifestaçaõ pode contribuir tanto para o bem da patria.

Se continuar a guardar silencio nestas materias, naõ só eu que sou um obscuro individuo, mas outras pessoas, cujo voto he summamente attendivel, accusaraõ a vm^ce^ se naõ de parcialidade, ao menos de negligencia em procurar informar os seus patricios do que lhes convem; visto que tomou sobre si a ardua empreza, que até aqui tem desempenhado, con geral approvaçaõ dos homens sensatos de sua Patria.

Sou com todo o respeito, &c.

Londres, 15 de Novembro, 1809. } HUM PORTUGUEZ.

Resposta.

Agradecemos a um PORTUGUEZ a sua intimaçaõ. Provamos, ao que nos parece, a nossa imparcialidade, com publicar a sua carta. Naõ nos julgamos culpados pela ommissaõ de nossos correspondentes, em transmittir-nos as informaçoens de que precisamos, e que continuamente solicitamos, e he esta a primeira noticia que temos de tal nomeaçaõ. A respeito dos nobres Portuguezes, que em vez de vir defender a partia, se conservam no Brazil, fazendo o officio de intrigantes da Corte, temos recebido algumas noticias; mas n'um jornal, patriotico, naõ desejamos inserir senaõ factos, que nos provenham

de authoridade, em cuja boa fé tenhamos razão de descançar; pelo que no numero seguinte diremos o que se nos offerece a este respeito. Nos só enganaremos o publico, se formos primeiramente enganados: as paginas do nosso jornal saõ francas a todos os partidos; daremos a palma, aquem julgarmos que tem a razaõ de sua parte.

Depois de termos findado a publicaçaõ deste numero, nos chegáram algumas noticias de Lisboa, que nos obrigam a fazer mais este additamento. A carta do pobre Correa, que appareceo no *Courrier* de Londres, foi traduzida em Portuguez; e inserida nas magras paginas da gazeta do Governo em Lisboa. Nós mui sinceramente nos agleramos com este segundo attaque, que se nos faz por meio da imprensa em Portugal, segunda vez damos graças a Deus, que já reflexoens pessoaes naõ séjam, a torto e a direito, chamadas docesto; e a publicaçaõ desta carta, na mesma gazeta do Governo, he, ao nosso modo de pensar, um motivo de reiterar-mos os nossos elogios aos actuaes Governadores do Reyno; porque se elles desèjam principiar a dar á sua naçaõ a liberdade de discutir por meio da imprensa, a conducta, e os principios dos homens publicos, nada ha mais justo do que começar por attaques ao Edictor do Correio Braziliense, que como escriptor, e jornalista he tambem em certo modo homem publico: e alem disto he quem mais grita pela liberdade da mesma imprensa. Até qui he excellente, e esperamos, que ninguem negue ao Governo de Portugal o elogio, que justa e devidamente lhe compete por este principio de reforma. Agora pelo què nos toca, tambem assentamos, que devemos dizer alguma couza em nossa defeza.

Primèiramente quanto ao Author da Carta. Nos faziamos tenção de deixar este miseravel no ignominiozo desçanso, em que elle se acha, e o faziamos a naõ ter sido a sua carta copiada para a gazeta do Governo de Lisboa, com a falsa assignatura de "Encarregado dos negocios em Suecia, viajando por causa da sua Saude." Esta falsidade descarada naõ podia ser averiguada em Inglaterra pelo Edictor do Courier de Londres, mas o gazeteiro do Governo em Lisboa devia saber, que o ministro Portuguez em Suecia he M.ºJoze Lobo; e naõ admittir tal assignatura sem comento, dando assim outra prova de que lá copeiam indiscriminademente e sem criterio, quantas petas encontram nas gazetas de fora. Mas voltando ao tal Correa; parece que este desgraçado se valeo do meio de attacar ao Edictor do Correio Braziliense, para poder queixar-se de que o Governo Portuguez naõ faz caso delle; conjecturo assim; porque elle, no fim da sua carta diz, que continuará a desacreditar o Editor desta obra "ainda,"

diz elle; "que me neguem os soccorros que me saõ devidos." Uy, senhor ENCARREGADO DOS NEGOCIOS, pois quem lhe nega esses soccorros, se naõ he o Governo Portuguez? Nos negamos, mas he o principio em abstracto, que lhe sejam devidos soccorros alguns; porque vm^ce naõ he, como diz, encarregado de negocios, foi apeado daquelle lugar por queixas que fez a corte de Suecia, e a compaixaõ nos obriga a naõ dizer de vm^ce. senaõ que anda aqui pelas ruas de Londres no maior desamparo, e que quando o quizêram prender pelas dividas de Suecia achou, quem lhe valesse, e fallasse no seu negocio em pessoas que naõ saõ indifferentes ao Correio Braziliense. Mas diz o Quixote Correia, quando lhe fallam em que naõ he tal Encarregado, "Eis aqui uma Carta de Antonio d'Araujo em que me promette que o Governo Portuguez me conservaria metade dos meus ordenados;" mas isto mesmo prova, que o pobre Correa foi apeado do lugar; e prova mais, que elle naõ tem titulo para cobrar aquella pensaõ; porque a promessa do exministro, de que se lhe daria alguma cousa, naõ he a merce ja feita: logo; como se queixa elle de que lhe negam os soccorros que lhe saõ devidos? Compare-se agora esta carta de Antonio d'Araujo que o miseravel Correa mostra, com as que se publicaram pelo mesmo Correa nas gazetas Inglezas deffendendo a Araujo e com a carta que publicou agora contra o Edictor do Correio Braziliense, o mesmo Correa, e com o mal que nesta obra se tem dicto do partido Francez, e ver-se-ha por tudo isto, que, este instrumento da facçaõ Franceza dá o fio de Ariadna para nos guiar no labyrintho da intriga, que sua estupidez naõ soube ocultar. Basta de Correa, e demâziado dissemos para taõ desprezivel adversario.

Vamos ao contheudo da carta. Nós naõ podemos responder ás accusaçoens vagas de incendiario, envenenador, &c. &c. porque naõ se fundando em factos, nem particularizando circumstancias, só se pode responder em geral, que saõ calumpias o que se diz; e appellar para o leitor, que o lhe para ás paginas desta obra; mas podemos, e devemos justificar-nos a respeito das observaçoens que fizemos sobre o edictal do Intendente da Policia do Rio de Janeiro. Primeiramente he uma falsidade, na carta de que se tracta, o dizer que aquelle ministro, alem de prohibir a circulaçaõ de todas as obras, em geral, probibira em particular o Correio Braziliense; o Edictal vem no Corr. Braz. Vol. III. p. 340, e lá se naõ diz uma só palavra sobre esta obra. Como medida publica analizamos o edictal, e nelle, pòr forma nenhuma, nos suppozemos particularmente aggravados.

O Confundir o ministro com o Soberano, quando aquelle e naõ

este he o censurado, he velhacaria ja mui trilhada para que todos á naõ conheçam, ate o mesmo Correo. Mas para dar uma prova, de que o Corr. Braz. naõ tem em vista senaõ o bem da Patria, e que faz a justa e verdadeira distincçaõ entre o Soberano, e os vassallos, que se acham encarregados deste ou daquelle ramo da administracçaõ publica, declaramos aqui, que taõ longe estamos de suppor que S. A. R. no Brazil quer embraçar a circulaçaõ das obras impressas, em geral, ou do Corr. Braz. em particular, que as nossas informaçoens do Rio de Janeiro nos dizem mui positivamente o contrario. E pedimos venia para mencionar aqui o respeitavel nome de S. A. R. quando se tracta de uma producçaõ do objecto Correo, porque julgamos ser devido esse tributo á verdade. Informam-nos do Rio de Janeiro, que mencionando-se a S. A. R. que se devia prohibir certa folha periodica, elle respondera; que "*Naõ era esse o seu modo de pensar, e que quem naõ as queria, estava que as naõ fizése.*" Depois de sabermos isto, he impossivel que sêja das nossas intençoens, comprehender o Soberano nas observaçoens que fazemos, a respeito dos homens publicos; e desafiamos, a quemquer que sêja, a citar uma só passagem do Correio Braziliense, em que se mostre alguma expressaõ de censura, que ainda indirectamente, se possa attribuir ao soberano. Poderaõ dizer-nos que a escolha dos homens publicos he do soberano; e assim naõ se deve dizer nada contra elles; porque he attacar indirectamente quem fez a escolha. Se este argumento vale, entaõ naõ se pode dizer, que Judas foi traidor, porque Jesus Christo o escolheo para o Apostolado. O soberano pode escolher um homem bom, e este tornar-se máo, com os grandes empregos; nada ha mais commum do que a prosperidade conromper o coraçaõ dos homens; e mais; os soberanos podem escolher um homem máo, que por saber insinuar-se por ser hipocrita, ou por ter quem o recommende se apresenta com o exterior de homem honrado e sabio. Assim, na nossa opiniaõ, estamos taõ longe de querer reflectir no soberano, quando fallamos dos homens publicos; que julgamos fazer-lhe nisto, tanto a elle, como á naçaõ, o mais essencial serviço, do qual naõ esperamos outra paga, senaõ attrahir-nos um exercito de inimigos:

Sed licet arma feras et vulnera sæva minetis
Non tamen efficies ut timeare mihi.

CORREIO BRAZILIENSE

DE DEZEMBRO, 1809.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra lá chegára.

CAMOENS, C. VII. e. 14.

POLITICA.

Collecçaõ de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Carta de S. A. R. o Principe Regente aos Governadores do Reyno.

GOVERNADORES do Reyno de Portugal, e dos Algarves, amigos, eu o Principe Regente vos envio muito saudar, como aquelles que amo, e prézo. Sendo o meu principal cuidado procurar, por todos os modos possiveis segurar a independencia dos meus dominios, e libertallos completamente do cruel inimigo, que taõ inhumanamente, e contra a boa fé dos tratados invadio os estados da minha coroa na Europa, e naõ cessa de mover contra elles a mais injusta guerra; sendo por uma parte reconhecido, que em uma taõ difficil crise, nada póde tanto concorrer para a defeza do reyno, como um governo composto de um pequeno numero de individuos; e por outra parte indispensavel conservar com o meu antigo e fiel alliado, Sua Magestade Britanica, naõ só a melhor intelligencia, mas ainda mostrar-lhe do modo mais evidente, que as minhas vistas naõ saõ differentes das que o animaõ a favor da causa commum, e isto com o objecto de que Sua Magestade

Britanica continue com a mesma efficacia a soccorrer Portugal, e toda a Peninsula; naõ podendo duvidar-se, que só com a mais extensa, firme, e reciproca confiança he que se póde conseguir o glorioso fim, que tanto desejo promover: e havendo-me Sua Magestade Britanica feito conhecer os seus principios em tal materia, o que mais julgava poder concorrer para um feliz resultado, e o que considerava como essencial para o objecto da defeza do reino, e da Peninsula: sou servido ordenar-vos, que desde logo reduzais ao numero de tres o dos governadores, com voto deliberativo em todos os objectos de administraçaõ publica, e que estes sejaõ o Patriarcha eleito de Lisboa, o Marquez das Minas, e o Marquez Monteiro Mór; ficando empregado na Presidencia da Meza da Consciencia e Ordens Dom Francisco Xavier de Noronha, e exercendo o cargo de presidente da meza do desembargo do paço Francisco da Cunha e Menezes, de que lhe fiz mercê, por decreto da data desta; e sendo estes dois membros do actual governo desobrigados como taes de assistirem ás sessoens do novo governo, em que naõ teraõ parte daqui em diante; reconhecendo com tudo o seu zelo, e fidelidade, e esperando, que dispensando-os deste gravoso serviço, em attençaõ á sua idade, e máo estado de saude, que lhes naõ permitte uma fadiga taõ laboriosa, como se exige neste momento, continuem a servir-me no novo destino, que sou servido dar lhes, com a mesma reconhecida intelligencia, e prestimo com que até aqui o tem feito. Igualmente sou servido ordenar-vos, que reconheçais por marechal general dos meus exercitos a Sir Arthuro Wellesley, em quanto elle se conservar no commando das forças alliadas Portuguezas, e Inglezas, tomando assim o passo sobre o marechal Beresford, como commandante em chefe das forças combinadas; e logo que assim for reconhecido, o chamareis a todas as sessoens do governo, em que se tratar de organizaçaõ militar, ou objectos concernentes ao

mesmo fim, de materias de fazenda, e das grandes resoluçoens, que for necessario tomar sobre a defeza do Reyno, e da Peninsula, ouvindo em todos esses pontos o seu parecer: E nas occasioens em que elle se achar ausente no exercito, e naõ puder assistir ás vossas sessoens, entaõ o ouvireis do modo possivel por escrito, participando-lhe tudo, a fim de que elle esteja perfeitamente informado do que se resolver sobre taes materias. Deste modo procederá tudo com a maior energia, e de commum acordo, em quanto desgraçadamente se naõ puder concluir uma paz sólida, e geral; e Sua Magestade Britanica ficará convencido de que eu desejo destruir radicalmente o vicio das coalisaçoens, que he o do ciume entre as potencias, que fazem causa commum; pois que será perfeitamente informado das activas ordens, que tenho dado, e continuarei a dar, para que se façaõ os maiores esforços por conseguir o fim desejado de obter uma paz segura, e permanente, por meio de um grande desenvolvimento de todas as forças, e recursos, que possue a minha coroa, a qual só assim posso lisongear-me de vêr completamente restaurada. Assim o tereis entendido, e cumprireis, fazendo-o executar na fórma que deixo ordenado. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro em seis de Julho de mil oitocentos e nove.

Para os Governadores do Reyno de Portugal e dos Algarves. PRINCIPE.

Decreto dos Governadores do Reyno.

TOMANDO na Minha Real e immediata consideraçaõ o miseravel estado em que ficáraõ estes reynos, e os cofres reaes pela invasaõ dos Francezes, a diminuiçaõ das rendas publicas, e o extraordinario augmento das despezas com os exercitos; e tendo mandado por isso fixar uma época, de que se principiasse a pagar para diante, liquidada a divida atrazada, para entrar em pagamento depois de satisfeitas as despezas correntes, e absolutamente necessarias,

da mesma sorte que se praticou no anno de mil setecentos sessenta e dous: hei por bem fixar a dita época no primeiro de Janeiro do presente anno, para se pagarem do dito dia em diante os soldos e mais despezas dos exercitos, praças, marinha, ordenados, juros, tenças, e as outras despezas correntes que forem indispensaveis, com a devida regularidade, e sem preferencia alguma pessoal, na forma da lei de vinte e dous de Dezembro de mil setecentos sessenta e um: e mando que logo que houverem sobejos, todos elles se appliquem para pagamento das folhas atrazadas com a mesma regularidade, e debaixo de regra invariavel, para se evitarem queixas justas, e preces importunas. O Conde de Redondo, presidente do real erario, o tenha assim entendido, e o faça executar. Palacio do Governo em trinta de Outubro de mil oitocentos e nove. Com as Rubricas dos Governadores do Reyno.

EDITAL.

A' Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegaçaõ destes Reynos, e seus dominios baixou o Aviso do theor seguinte: Constando ao Principe Regente Nosso Senhor, que a contribuiçaõ do corpo do commercio para a defesa destes reynos se naõ tem pago, com a promptidaõ que exige a subsistencia dos exercitos a que fora applicada: e sendo da real intençaõ do mesmo Senhor que na arrecadaçaõ e entregas deste subsidio naõ hajaõ demoras prejudiciaes ao bem do estado: he servido que pela Real Juncta do Commercio se promova esta cobrança com o maior cuidado e efficacia, avisando-se os contribuentes, que tem deixado de pagar, para que em prazo breve concorraõ á fazer as entregas das suas quotas partes, a fim de serem remettidas semanariamente ao Real Erario, como está determinado, ficando a dita Juncta na intelligencia de que, no principio do mez de Dezembro proximo futuro,

deve remetter ao mesmo erario uma relaçaõ dos collectados, que naõ tiverem pago, para ser presente a Sua Alteza Real· O que V. Senhoria fará presente na referida Juncta, para que assim se execute.—Deos guarde a V. Senhoria. Lisboa 8 de Novembro de 1809.—Conde de Redondo. — Senhor Geraldo Wenceslão Braamcamp de Almeida Castel-Branco.—E para assim constar se mandáram affixar Editaes. Lisboa 14 de Novembro de 1809.

Hespanha.

DECRETO.

" Hespanha elevada presentemente ao cume da gloria, que lhe tem adquirido o seu valor e magnanimidade, naõ póde já, sem comprometter a sua honra, olhar por mais tempo com indifferença para os aggravos, e actos hostis do Governo Dinamarquez, ao qual naõ póde servir de excusa ou justificaçaõ, para com a Corte de Hespanha, a falta de liberdade, e a oppressaõ que soffre por parte da França.

" Hum dos meios de que esta se valeo, para conseguir o seu intento, foi affastar de Hespanha uma parte do Exercito Hespanhol, mandando-o para Hamburgo, e dahi para Dinamarca, aonde prestou ao Soberano deste Reyno, e aos mesmos Francezes na guerra, em que estavaõ empenhados, os serviços que toda a Europa testemunhou, e que deviaõ esperar-se da sua disciplina e valor com tanta gloria sua, como detrimento proprio, de que he bom testemunho a perda de gente, que teve naquellas geladas regioens. No momento que a parte do Exercito Hespanhol, que estava em Dinamarca, teve noticia da nobre resoluçaõ dos seus compatriotas de sacudir o jugo da França e declarar-lhe a guerra, tomou a resoluçaõ nobre, e mui rara na historia, de abandonar aquelle paiz, e embarcar-se parase reunir a seus Concidadaõs na sua mesma Patria; voando em soc-

corro de seus irmaõs, arrostando perigos para participarem da gloria, que estes adquiriaõ: exemplo memoravel da unanimidade e concordancia de sentimentos, que reyna entre os Hespanhoes, ainda quando se achem divididos por immensas distancias.

" O Marquez da Romana, que commandava este Corpo, naõ duvidando do valor, constancia e patriotismo dos soldados, auxiliado pelo zelo dos officiaes, e pelo seu geral consentimento, conseguio sahir com a maior parte das suas tropas, reunindo-as na Ilha de Langeland, aonde se embarcáraõ para Hespanha, mediante os efficazes auxilios, que lhe prestou o Commandante das forças navaes Inglezas estacionadas naquelles mares.

" A delicadeza de proceder do Marquez da Romana, e o seu cuidado em evitar tudo o que podia ter sombra de hostilidade contra o Governo Dinamarquez, e em manter pela sua parte a boa harmonia que reynava entre aquella Corte, e a sua, chegou ao extremo de que, sendo indispensavel atacar alguns barcos Dinamarquezes para se apoderar da fortaleza de Niborg, que devia proteger a fuga do seu Exercito, tomou a seu cargo o Almirante Inglez a empreza de os atacar e render.

" Se a Dinamarca tivesse ficado neutral a estes successos, naõ se oppondo á sua sahida, nem fazendo esforços para reter esta porçaõ de tropas, a Hespanha constante no seu systema de delicadeza e escrupulo naõ tomaria ainda medidas fortes contra a Dinamarca, nem romperia os vinculos de boa harmonia e amizade, que existiaõ desde hum tempo immemorial entre as duas Naçoes; porém os successos posteriores patenteaõ a parte activa, que, ou seja por vontade ou força, S. M. Dinamarqueza tem tomado, e toma na guerra da Hespanha contra a França.

" A Dinamarca se oppoz á sahida das tropas Hespanholas do seu territorio; e se naõ conseguio impedillo, mais se deve attribuir á falta de meios para o alcançar, ou

aos esforços das tropas Hespanholas para executar a sua resoluçaõ, do que á vontade daquella Corte em naõ aderir ao systema da coalliaõ com a França, e naõ obedecer cegamente ás ordens, que lhe dictava o Imperador dos Francezes.

" Huma prova bem clara disto he ter-se negado a receber um Encarregado de Negocios de Hespanha em Copenhague, e a resposta do Conde de Bernstorff, reduzida a declarar que as circumstancias naõ permittiaõ conservar com elle correspondencia alguma: isto era ajuntar a injustiça ao insulto. D. Edmundo Bourke, Ministro de Dinamarca, estava em quanto isso succedia tranquillo, e respeitado em Madrid ; e só sahio desta Capital, abandonando o seu emprego, para seguir os Francezes nos ultimos de Julho de 1808; o que provava com evidencia, além do exposto, a sua adhesaõ á França, e renuncia de correspondencia com a Hespanha.

" A Dinamarca cedeo as suas forças navaes e terrestes ao serviço da França: suas fortalezas lhe servem de antemural e asylo: os navios Hespanhoes naõ podem navegar livremente por seus mares, e menos entrar em seus portos para commercear, nem ainda para se recolherem nelles em caso de temporaes; e uma porçaõ de Hespanhoes estaõ retidos em suas fortalezas como prisioneiros. Em uma palavra, Dinamarca está, sem declaraçaõ preventiva, em guerra com a Hespanha. Que mais pode fazer uma Potencia, que declara guerra a outra que julga sua inimiga? A Hespanha está convencida que a Dinamarca nem por interesse, nem por inimizade, nem por motivos que para isso tenha, entra gostosa nesta contenda. Está persuadida a Hespanha que dominada a Dinamarca pela força ou pela influencia da França, naõ póde sacudir o jugo, que ella lhe tem imposto: jugo taõ duro e arbitrario, como se fosse um Reyno conquistado; e que a Dinamarca livre nunca obraria contra huma Potencia, de que naõ tem resentimento

algum, mas antes muitos motivos de cultivar uma boa correspondencia.

" Porém a Hespanha deve, responder á Europa, ao mundo inteiro, pela sua conducta: julga naõ dever ter deferencia, nem consideraçaõ com huma Potencia, de quem tem recebido e recebe aggravos, e que tem commettido actos hostís contra os individuos da sua Naçaõ, contra o seu commercio, e navegaçaõ.

" A Hespanha, consultando a sua generosidade, esperou um anno para que a Dinamarca tomasse hum partido mais conforme a seus interesses e deveres; e a Hespanha consultando a sua dignidade, naõ póde differir por mais tempo dar hum passo, a que a impelle a sua honra, o seu decoro e grandeza.

" Ou que a Dinamarca se considere independente, e com faculdades para obrar com liberdade, ou que a Dinamarca esteja opprimida, e sujeita á vontade de Napoleaõ, a Dinamarca naõ está já em paz com a Hespanha. A Hespanha lhe declara a guerra; no primeiro caso, como a uma Potencia, de quem se acha aggravada; no segundo lha faz, e fará como a uma Provincia da França. A Dinamarca he responsavel a Deos, ao mundo, e á humanidade, pelo sangue que nesta luta se derramar: he responsavel pelos damnos e prejuizos que se causarem: he responsavel pela sorte do resto dos Hespanhoes, que permanecem violentamente em seu territorio. A Hespanha, e o seu Governo em nome do seu mui amado Soberano D. Fernando VII., perfidamente detido, em França, declara que tem cessado toda a communicaçaõ com a Dinamarca, e que se tem roto os vinculos de amizade que a unîam; dá liberdade e autorisa as tropas Hespanholas, navios de guerra, e de particulares, para atacar as forças Dinamarquezas em qualquer parte que se achem, aprezar os seus navios nas paragens aonde os encontrarem, vingar os insultos recebidos, e naõ cessar nas hostilidades que se lhe

fizerem, antes que, precedendo um mutuo ajuste entre as duas Cortes, num tractado, em que se estipulem as condições da paz, ponha fim a uma guerra, em cuja provocaçaõ declara altamente a Hespanha ao Universo naõ ter a menor parte, mas antes tella procurado evitar, e de cujos males naõ he responsavel senaõ o aggressor, que taõ injustamente deo lugar ás desavenças que a tem suscitado. Tenha-se assim entendido no Conselho e Camara de Castilla para os effeitos convenientes. Dado nó real Palacio do Alcaçar de Sevilha a 18 de Septembro, de 1809.—Ao Decanó do Supremo Conselho Real."

MARQUEZ DE ASTORGA, Presidente.

O Arcebispo do Mexicó respondendo ao Officio da sua nomeaçaõ de Vice-Rey da Nova-Hespanha, escreve o seguinte ao Secretario de Estado de Graça e Justica: " Excellentissimo Senhor: pela fragata Veloz, e pelos despachos que chegaram á noite a esta Capital, recebi a Real ordem de V. Excellencia de 29 de Fevereiro passado, em que me participa, que El Rey nosso Senhor D. Fernando VII. e em seu Real nome a Suprema Juncta Central Governativa destes e desses dominios, foi servido nomear-me Vice-Rey e Capitaõ General da Nova-Hespanha: dou graças á Suprema Junta Central e a V. Excellencia, porque quizeram depositar em mim o Governo destes vastos dominios: contemplo-me com mui poucos merecimentos para tal; mas asseguro a V. Excellencia e a essa Soberana Suprema Juncta Central, que redobrarei o meu zelo e patriotismo pela justa causa de Fernando VII. e obediencia á Suprema Juncta Central, que o representa; e com minhas fracas forças procurarei cumprir, com exactidaõ e justiça, o amor e respeito, que tenho ao Soberano.

" Cedo em beneficio de S. M. a Suprema Juncta Central todos os ordenados do Vice Reynado, porque as rendas do Arcebispado saõ sufficientes para manter com de-

coro ambos os Lugares; e deixo por Governador do Arcebispado a meu Primò carnal, o Inquisidor e Prebendado D. Isidoro Sainz de Alfaro, por ser de toda a minha confiança, e mui practico nos negocios.

" Nosso Senhor guarde a V. Excellencia muitos annos. Mexico, 17 de Julho, de 1809. " Excellentissimo Senhor—FRANCISCO, ARCEBISPO DO MEXICO.

Excellentissimo Senhor D. Benito de Hermida.

Proclamaçaõ da Junta Suprema para o chamamento das Cortes.

HESPANHOES! Por uma combinaçaõ de acontecimentos taõ singulares como felizes, aprouve á divina Providencia, que, nesta terrivel crise, vós naõ adiantasseis um só passo para a independencia, sem avançar igualmente outro para a liberdade. Uma fraça, e louca tyrannia, em ordem a fixar os vossos ferros, e fazer mais pezadas as vossas cadeas, preparou o caminho para o despotismo Francez, que, com o terrivel apparato de suas armas e victorias, trabalhou por submetter-vos a um jugo de ferro. Mostrou-se ao principio, como toda a tyrannia nova, debaixo de uma forma lisongeira; e os seus impostores politicos presumîram que ganharîam o vosso favor, promettendo-vos reformas na administraçaõ, e annunciando, em uma constituiçaõ formalizada a seu arbitrio, o imperio das leis: contradiçaõ barbara e absurda, digna certamente de sua insolencia! Querîam elles fazer nos crêr, que o edificio moral da liberdade e fortuna de uma naçaõ se pode fundar com segurança sobre a usurpaçaõ, iniquidade, e traiçaõ. Mas o povo hespanhol, que foi o primeiro entre as naçoens modernas, que conhecêo os verdadeiros principios do equilibrio social—aquelle povo que, antes de nenhum outro, gozou das prerogativas e vantagens da liberdade civil; e soube oppor ao poder arbitrario uma barreira

eterna dirigida pela justiça, naõ tem precizaõ de adoptar de outras naçoens maximas de prudencia, e precauçaõ politica, e declara a esses imprudentes legisladores, que naõ reconhecerá como leis os artificios de intrigantes, nem os mandados de tyrannos.

Animado por este generoso instincto; e inflamado com a indignaçaõ excitada pela perfidia com que fosteis invadidos, corresteis ás armas; sem temer as terriveis vicissitudes de taõ desigual combate; e a fortuna, submettida pelo vosso enthusiasmo, vos tributou homenagem e vos concedeo a victoria, em premio de vosso valor. O effeito immediato destas primeiras vantagens foi a reorganizaçaõ do Estado, dividido, naquelle tempo, em tantas facçoens, quantas éram as provincias. Os nossos inimigos pensáram que tinham semeado entre nos as sementes pestiferas da anarchia; e naõ advertiram, que o juizo, e circumspecçaõ Hespanhola fôram sempre superiores ao machiavelismo Francez. Sem disputa, sem violencia, se estabeleceo uma authoridade suprema; e o povo, depois de ter admirado o mundo com o espetaculo de sua sublime exaltaçaõ e suas victorias, o encheo com a admiraçaõ e respeito, pela sua moderaçaõ e descriçaõ.

A Junta Central foi com effeito inaugurada; e o seu primeiro cuidado foi annunciarvos, que, se a expulsaõ do inimigo éra o primeiro objecto de sua attençaõ, a felicidade interna, e permanente, do Estado, era a principal em importancia. Soffrer que estivesse submergido em um diluvio de abuzos, preparados para sua ruina pelo poder arbitrario, terîa sido aos olhos do vosso governo actual um crime taõ enorme como entregár-vos nas maõs de Buonaparte; por tanto quando os disturbios da guerra o permittîram, fez o mesmo governo que soassem em vossos ouvidos o nome de vossas Cortes, que, para nós, tem sempre sido o antemural da liberdade civil, e o thtono da magestade nacional—um nome pronunciado até aqui com mys-

terio pelos sabios, com receio pelos politicos, e com horror pelos tyrannos; porém que, daqui em diante, significará na Hespanha a indestructivel base da Monarchia; e o mais seguro apoio dos direitos de Fernando VII. e de sua familia, um direito do povo, e uma obrigaçaõ do governo.

A resistencia moral, taõ geral como sublime, que tem reduzido os nossos inimigos á confuzaõ, e á desesperaçaõ, no meio de suas victorias, naõ deve receber menor premio. Aquellas batalhas que se perdêram, aquelles exercitos que fôram destruidos, naõ sem produzir novas batalhas, crêar novos exercitos, e de novo tornar a mostrar o estandarte da lealdade, sobre as cinzas e ruinas que os inimigos abandonam; aquelles soldados que, dispersos em uma acçaõ, voltam a offerecer-se para outra, aquella populaça, que, despojada de tudo quanto possuia, voltou para suas casas para repartir os miseraveis restos de sua propriedade com os defensores de sua patria, aquelle concerto de lamentaveis, e desesperados gemidos, e patrioticas cantigas; aquella luta, finalmente, da ferocidade e barbaridade, por uma parte, e da resistencia e invencivel constancia, pela outra, apresentam um todo taõ magnifico como terrivel, que a Europa contempla com admiraçaõ, e que a historia recordará algum dia em letras d'ouro, para admiraçaõ e exemplo da posteridade.

Um povo taõ magnanimo e generoso devia somente ser governado por leis, que séjam verdadeiramente taes, e que tenham o grande character do consentimento publico e utilidade commum; character este que ellas so podem receber emanando da Augusta Assemblea, que vos tem sido annunciada. A Juncta tinha proposto que se convocasse no decurso de todo o anno proximo fucturo, ou mais para o diante se as circumstancias o permittissem; mas no tempo, que tem decorrido depois desta resoluçaõ, uma variedade de acontecimentos publicos tem agitado os espiritos do povo, e a differença de opinioens relativamente á or-

ganizaçaõ do governo, e ao restabelicimento de nossas leis fundamentaes attrahiram a attençaõ da Juncta a estes importantes objectos, com que ella se tem profundamente occupado.

Tem-se recommendado, por uma parte, que o Governo actual, fosse convertido em uma Regencia de tres ou cinco pessoas; e ésta opiniaõ foi representada como fundamentada em uma dc nossas antigas leis, applicavel á nossa situaçaõ actual. Porém a situaçaõ em que estava o Reyno quando os Francezes tiráram a mascara da amizade, para executar a sua atraiçoada usurpaçaõ, he singular na nossa historia, e naõ podia ser prevista nas nossas instituiçoens. Nem a infancia, nem a loucura, nem ainda o cativeiro do Principe, na maneira usual, em que estes acontecimentos occorrem, saõ comparaveis com o nósso caso presente, e a deploravel situaçaõ a que elle nos tem reduzido. Uma posiçaõ politica inteiramente nova, requer, formas e principios politicos, tambem inteiramente novos. Expellir os Francezes, restabelecer á sua liberdade e ao seu throno o nosso adorado Rey, e estabelecer bazes solidas e permanentes de um bom governo, saõ as maximas que dêram impulso á nossa revoluçaõ; e saõ as mesmas que a sustentam, e dirigem; e aquelle governo será o melhor que promover, e preencher estes tres desejos da naçaõ Hespanhola.

A Regencia, de que falla a lei, promettenos ésta segurança? Que inconvenientes, que perigos, quantas divisoens, quantos partidos, quantas pretensoens ambiciosas, dentro e fóra do reyno; quanto e quam justo descontentamento nas nossas Americas, que saõ agora chamadas para ter parte no presente governo! Que viria a ser das nossas cortes, nossa liberdade, nossos agradaveis prospectos de felicidade futura, e da gloria, que se nos apresenta agora? Que viria a ser do objecto mais precioso e sagrado para a naçaõ Hespanhola, a conservaçaõ dos direitos de

Fernando ? Os advogados desta instituiçaõ devem tremer do immenso perigo aque se expoem ; e lembrar-se que, por elle, daõ ao tyranno nova opportunidade de os comprar e vender. Veneremos a respeitavel antiguidade da lei ; porém aproveitemo-nos da experiencia dos seculos. Abramos os nossos annaes, e tracemos a historia das nossas regencias ; Que acharemos ? Uma pintura igualmente melancholica, e terrivel, da desolaçaõ, de guerras civis, de roubos, e de depravaçaõ umana na desgraçada castella.

Sem duvida, nos grandes Estados, he o poder exercitado em mais beneficio, por poucos do que por muitos. Segredo na deliberaçaõ ; unidade em concerto ; actividade nas medidas ; e celeridade na execuçaõ, saõ requisitos indispensaveis para o exito favoravel dos actos do governo, e saõ propriedades unicamente de uma authoridade concentrada. A Juncta suprema, portanto, concentrou a sua authoridade, com aquella prudente circumspecçaõ, que nem expoem o estado ás vacilaçoens consequentes a todas as mudanças de governo, nem affectam materialmente a unidade do corpo, aquem ella está confiada. Daqui em diante uma secçaõ, composta de membros removiveis, será especialmente revestida da authoridade necessaria para dirigir éstas medidas do poder executivo, que de sua natureza requerem segredo, energia, e expediçaõ.

Outra opiniaõ, inimiga da Regencia igualmente contradiz qualquer inovaçaõ que se possa tentar fazer na forma politica, que o governo tem presentemente, e se oppoem ás premeditadas Cortes, como uma representaçaõ insufficiente, se ellas fôrem constituidas segundo a sua antiga formalidade ; como medidida intempestiva, e talvez como arriscada, em relaçaõ ás presentes circumstancias ; em uma palavra, como inutil, visto que suppoem que as Junctas superiores, eleitas immediatamente pelo povo saõ de facto representantes delle.

Mas a Juncta tinha expressamente declarado á naçaõ,

que a sua primeira intenção no grande objecto, seria occupada com o numero, modo, e classe, com que o ajuntamento desta augusta assemblea, na presente situação dos negocios, seria posto em execução, e depois desta declaração he inteiramente superfluo, por não dizer malicioso, o suspeitar que as futuras Cortes tem de ser limitadas ás rigidas, e exclusivas formas das antigas.

Sim Hespanhoes; vós ides a ter as vossas Cortes; e a representação nacional será nellas taõ perfeita, e plena como pode e deve ser, em uma assemblea de taõ alta importancia, e de taõ eminente dignidade. Vós ides a ter Cortes, e a têllas immediatamente; porque a urgente situação em que a nação se acha, imperiosamente o exige. E em que tempo, grande Deus, se póde adoptar ésta medida melhor do que no presente? quando uma guerra obstinada tem exhaurido todos os meios ordinarios; quando o egoismo de alguns, e a ambição de outros, debilita, e paralyza os esforços do governo pela sua opposição ou indifferença; quando este procura radicar o principio essencial da monarchia, que he a união; quando a hydra do federalismo taõ felizmente destruida o anno passado, pela creação do poder central, se attreve a erguer de novo a sua venenosa cabeça, e trabalha por precipitar-nos na dissolução da anarchia, quando a subtileza de nossos inimigos está vigiando o momento em que as nossas divisoens nos desunam, para destruir o Estado, e erigir o seu throno sobre as ruinas, que lhe offerecem as nossas inchoerencias! Este he o tempo de reunir em um ponto a honra e dignidade nacional; e quando o povo Hespanhol quizer e decretar o uso dos extraordinarios sobre excedentes, que uma naçaõ poderosa sempre tem dentro em si para a sua salvação, só elle os pode haver, e por em acção; só elle pode animar a timidez de alguns, e refrear a ambição de outros; só elle pode supprimir a importuna vaidade, pretensoens pueris, e furiosas pai-

xoens, que, a naõ serem reprimidas, quebrarão em pedaços o Governo. Em fim elle dará á Europa um novo exemplo de sua religião, sua circumspecção, e sua discrição, no justo e moderado uso, que vai a fazer da gloriosa liberdade, em que está constituido.

He assim que a suprema Juncta, a qual immediatamente reconheceo, como um direito, ésta representação nacional, e a proclamou, como uma remuneração, agora invoca, e a implora como o mais necessario, e efficaz remedio; e tem portanto resolvido, que as Cortes geraes da Monarchia, annunciadas no decreto de 22 de Maio, serão convocadas no 1° dia de Janeiro, do anno proximo futuro, em ordem a entrar nas suas augustas funcçoens no primeiro dia de Março seguinte.

Quando chegar aquelle feliz dia, a Juncta dirá aos representantes da nação; " Vos estais congregados, Oh pais de vossa pátria, e restabelecidos em toda a plenitude de vossos direitos, depois de um lapso de tres seculos, quando o despotismo e poder arbitrario vos dissolvêram; em ordem a sugeitar ésta nação a todos os males da escravidão. A aggressão, que soffresteis, e a guerra que sustentais, são os fructos da mais vergonhosa oppressão, e da mais injusta tyrannia. As Junctas provinciaes, que pudéram resistir a repulsar o inimigo, no primeiro impeto de sua invasão, revestîram a Suprema Juncta com a authoridade suprema, que ella exercitou por certo tempo, para dar unidade ao Estado, e concentrar o seu poder. Chamados para o exercicio desta authoridade, naõ pela ambição e intriga, mas pela vós unanime das provincias do reino, os individuos da Suprema Juncta se mostráram dignos da alta confiança que nelles se puzéra, empregando toda a sua vigilancia e esforços na conservação e prosperidade do Estado. A magnitude dos nossos esforços ficará manifesta, pela consideração da enormidade dos males que precedêram; quando o poder o foi collocado

em nossas maõs, os nossos exercitos, meio-formados, estávam desprovidos, e destituidos de tudo: o nosso thesouro estava vazio, e os nossos recursos incertos e distantes. O despota da França, aproveitando-se da tranquilidade, em que então se achava o norte, derramou sobre a Peninsula o poder militar, que tem debaixo de seu commando, e o mais formidavel que jamais se conheceo no mundo. As suas experimentadas legioens, melhor providas, e sobre tudo mais numerosas, investiram por todos os lados ainda que muito a sua custa, os nossos exercitos, destituidos da quella sciencia e confiança. Uma nova inundaçaõ de barbaros, que levava com sigo a desolaçaõ por todas as provincias de que tomávam posse, foi a consequencia destes revezes; e as mal cerradas feridas da nossa infeliz patria, principiávam dolorosamente a abrir-se, e a derramar sangue em torrentes. O Estado perdeo assim metade das suas forças; e quando a Juncta, obrigada a salvar a honra, a independencia, e a unidade da naçaõ, da impetuosidade do tyranno, se refugiou na Andaluzia, uma divisaõ de 30,000 homens foi ter aos muros de Saragoça, para sepultar-se debaixo de suas ruinas. O exercito do centro, privado assim de grande parte de suas forças, naõ deo ás suas operaçoens aquella actividade e energia, que teriam produzido resultados, mui differentes dos que produzio a batalha de Ucles. Os passos da Serra Morena e as margens do Tejo fôram somente defendidas por um punhado de homens mal armados, aquem apenas se podía dar o nome de exercito. A Juncta, porém, com actividade, e fazendo sacrificios, os reduzio a uso. Derrotados, e dispersos, nas duas batalhas de Ciudad-Real, e Medelin, em vez de desesperar da causa da patria, redobrou os seus esforços, e em poucos dias ajunctou, e oppos ao inimigo 70:000 infantes; e 12.000 de cavallo. Estas forças tem ao depois pelejado, he verdade, com mao successo, porém sempre com valentia e gloria. A creaçaõ, repa-

raçaõ, e subsistencia destes exercitos, tem mais do que absorvido os consideraveis provimentos, que nos mandáram nossos irmaõs da America. Temos mantido nas provincias livres, a unidade, ordem, e justiça; e naquellas, que estaõ occupadas pelo inimigo, temos posto em acçaõ os nossos esforços, para preservar, posto que secretamente, o fogo do patriotismo, e os laços de lealdade: temos mantido a honra nacional, e a nossa independencia, nas mais complicadas, e difficultosas negociaçoens diplomaticas; e temos arrostado a adversidade, sem soffrer-mos que ella nos abatesse, confiando em que a venceriamos pela nossa constancia. Nos temos, sem divida commettido erros; e se fosse possivel, nós voluntariamente os remiriamos com o nosso sangue. Mas na confusaõ dos acontecimentos, entre montes de difficuldades, que nos cercam; quem poderia estar seguro de que obrava sempre o melhor? Seriamos nós responsaveis porque um corpo de tropas naõ teve valor; e outro naõ teve confiança; porque um general teve menos prudencia, outro menos boa fortuna? Hespanhoes: muito se deve attribuir á nossa falta de experiencia, muito ás circumstancias; porem nada á nossa falta de attençaõ. Esta tem sido sempre de libertar da escravidaõ o nosso infeliz rey; conservar-lhe um throno por quem o povo Hespanhol tem feito taes sacrificios; e manter a naçaõ independente, livre, e feliz. Nós temos desde o tempo da nossa instituiçaõ, promettido uma patria; temos decretado a aboliçaõ do poder arbitrario, desde o tempo que annunciamos o restabelicimento de nossas Gortes. Tal he, Hespanhoes, o uso que temos feito do poder illimitado e da authoridade, que nos foi confiada: e quando a vossa sabedoria tiver estabelecido a base, e forma do Governo mais proprio para promover a independencia e bem do Essado, nós resignaremos a authoridade nas maõs que vós nomeardes; contentes com a gloria de ter dado aos Hespanhoes a dignidade da naçaõ

legitimamente constituida. Praza a Deus que ésta solemne, e magnifica ássemblea produza efficazes meios, energia, e fortuna; que seja um immenso e inextinguivel volcano de que possam correr torrentes de patriotismo, reviver todas as partes desta vasta monarchia: inflamár todos os espiritos com aquelle sublime enthusiasmo, que produz a segurança, e gloria das naçoens, e a desesperaçaõ dos tyrannos! Levantai-vós mesmo, nobres pais da patria, à elevaçaõ de vossos sublimes deveres; e a Hespanha exaltada com vosco a um destino igualmente brilhante, verá voltar a seu seio, para sua felicidade, Fernando VII. e a sua infeliz familia; verá os seus filhos entrarem nos caminhos da prosperidade e gloria, que elles devem da qui em diante proseguir; e receber a coroa dos sublimes, e quasi divinos esforços que elles estaõ fazendo.

Real Alcacer de Sevilha, 28 de Outubro, 1809. } Marquez de Astorga, Presidente. Pedro de Rivero, SecretarioGeral.

Russia.

Tractado de paz entre Suecia e Russia.

Art. I. Havera daqui em diante paz, amizade, e boa intelligencia, entre sua Magestade o Rei de Suecia, e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias. As partes contractantes faraõ o seu principal estudo em manter uma perfeita harmonia entre si, seus estados, e vassallos, e evitaraõ cuidadosamente tudo aquillo que poder para o futuro interromper uma uniaõ tam felismente restabelecida.

II. Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, tendo manifestado a invariavel resoluçaõ de naõ separar os seus interesses dos seus alliados, e Sua Magestade Sueca desejando dar, a favor de seus vassallos, toda a extensaõ possivel ás vantagens da paz, promette, e empenha-se, na mais solemne, e obrigatoria maneira, naõ desprezar nada dá

sua parte, que possa tender á prompta conclusaõ da paz entre elle, e sua Magestade, o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, e sua Magestade, o Rei de Dinamarca, e Norwega, por meio de negociaçoens directas ja começadas por aquellas Portencias.

III. Sua Magestade o Rei da Suecia a fim de dar uma evidente prova do dezejo de renovar as relaçoens mais intimas com os augustos alliados de Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, promette adherir ao systema continental, com aquellas modificaçoens, que mais particularmente se estipularem na negociaçaõ, que vai abrir-se entre Suecia, França, e Dinamarca.

Entretanto, Sua Magestade Sueca se empenha, pela troca das ratificaçoens do prezente tractado, a ordenar, que os portos do reino da Suecia se feixem tanto aos navios de guerra como mercantes da Gram Bretanha, a excepçaõ da importaçaõ do Sal, e produçoens coloniaes, que o costume tem feito necessarias ao povo da Suecia. Sua Magestade o Imperador de todas as Russias promette d'ante maõ consentir em todas as modificaçoens, que seus alliados considerarem justas, e admissiveis a favor de Suecia, relativamente ao commercio, e navegaçaõ mercantil.

IV. Sua Magestade o Rei da Suecia, tanto por si como por seus successores ao throno, e reino da Suecia, renuncia irrevocavelmente, e em perpetuidade a favor de Sua Magestade, o Imperador de todas as Russias, seus successores ao throno, e imperio da Russia, todos os direitos, titulos aos Governos ao diante especificados, que foram conquistados da coroa da Suecia, pelas armas de sua Magestade Imperial na prezente guerra, a Saber.

Os Governos de Kymenagard, Nyland, e Tavastchus Abo, e Bjorneborg, com as ilhas. Aland, Savolax, e Corelia. Waza, Ulcaborg, e aparte da Botnia, que se extende até ao rio Torneó, como no seguinte artigo se fixar na demarcaçaõ das fronteiras.

Estes governos com todos os habitantes, cidades, portos,

fortalezas, aldeas, e ilhas, como tambem todas as suas dependencias, prerogativas, direitos, emolumentos pertencerão daqui em diante em plena propriedade, e Soberania ao imperio da Russia, e ficarão incorporados com elle.

Para este effeito Sua Magestade o Rey de Suecia promette, na maneira a mais solemne, e obrigatoria, tanto por si, como por seus successores, e todo o reyno de Suecia, nunca fazer directa, ou indirectamente reclamação alguma, sobre aquelles Govérnos, Provincias, Ilhas, e territorios, cujos habitantes ficarão todos, em virtude desta renuncia desligados da homenagem, e juramento de fidelidade, pelo qual estavão ligados á coroa da Suecia.

V. O mar de Aland (Alands Haf) o golpho de Botnia, e os rios Torneo, e Muonio formarão daqui em diante a fronteira entre a Russia, e o Reyno de Suecia.

As ilhas mais proximas a uma igual distancia do continente de Aland, e Filand pertencerão a Russia, e as mais vizinhas á costa Sueca pertencerão á Suecia.

Os pontos mais adiantados do territorio Russo na boca do rio Torneo, serão a ilha de Bjorkin, o porto, de Rentehamn, e peninsula, onde esta á cidade de Tornea.

A fronteira se extenderá pois ao Longo do rio Torneo até o confluente dos dous braços daquelle rio juncto a Kengis. Seguirá o curso do rio Muonio, passando á frente de Muonioniska, Muonio Osreby, Palajocus, Rultane, Enon Kelottijorfoi, Paifiko, Nuimaka, Ramula, e Kilpijaure até a Norwega.

No curso dos rios Torneo, e Muonio, tal como se tem descripto, as ilhas situadas ao este de Talwage pertencerão a Russia, e as ao oeste de Talwag á Suecia.

Immediatamente depois da troca das ratificaçoens, se nomearão engenheiros d'ambas as partes, que partirão para os mencionados Lugares em ordem a fixar os limites ao longo dos rios Torneo, e Muonio, segundo a linha acima descripta.

VI. Sua Magestade o Imperador de todas as Russias tendo ja dado as provas mais evidentes de clemencia, e justiça, com a qual se tem resolvido a governar os habitantes dos paizes, que adquirira, assegurando-lhes generosamente, e de seu moto espontaneo, o livre exercicio de sua religiaõ, direitos, propriedade, e privilegios, Sua Magestade Sueca se considera por tanto dispensada de executar os deveres, aliás sagrados, de fazer reservas nos artigos acima, a favor dos seus antigos vassallos.

VII. Na assignatura do prezente tractado, se transmittirá a sua informaçaõ immediatamente, e com a maior celeridade, aos Generaes dos respectivos exercitos, e cessaraõ inteiramente as hostilidades de ambas as partes, tanto por mar, como por terra. Os actos de hostilidade que possaõ entretanto ser commettidos, se olharaõ como nullos, e naõ infringiraõ este tractado. Tudo aquillo que se tomar durante este intervallo, de um lado, ou de outro, será fielmente restituido.

VIII. Dentro de quatro semanas depois da troca das Ratificaçoens do prezente tractado, as tropas de Sua Magestade o Imperador da Russia evacuaraõ o oeste da Botnia, e repassaraõ o rio Torneo. Durante as ditas quatro semanas naõ se fará requisiçaõ alguma sobre os habitantes, e o exercito Russo só tirará as suas provisoens, e subsistencia dos seus proprios armazens estabelecidos nas cidades ao oeste da Botnia.

Se durante as negociaçoens as tropas Imperiaes tiverem penetrado em outra direcçaõ no reyno da Suecia, evacuaraõ o paiz, que tiverem occupado, em virtude das condiçoens antecedentemente estipuladas.

IX. Todos os prisioneiros de guerra feitos de ambos os lados, por mar, ou por terra, e todos os refens entregues durante a guerra, seraõ restituidos em massa, e sem resgate com toda a brevidade possivel, quando muito dentro de tres mezes, contando des da troca das ratificaçoens,

mas se alguns prisioneiros, em razaõ de molestia, ou outro motivo, naõ poderem voltar ao seu paiz dentro do periodo especificado nem por isso seraõ considerados, como se tivessem faltado ao direito acima estipulado. Elles seraõ obrigados apagar ou a dar fiança pelas dividas, que tiverem contrahido com os habitantes do paiz durante o seu tempo de prisioneiros.

As despezas, que tiverem sido feitas pelas Partes Contractantes para subsistencia, e manutençaõ dos prisioneiros, seraõ reciprocamente renunciadas; e far-se-ha a provisaõ respectiva para a sua subsistencia, e a despeza da jornada ás fronteiras de ambos os lugares, onde commissarios de ambos os Soberanos seraõ mandados para os receber.

Os Soldados da Filandia, e marinheiros saõ, da parte de Sua Magestade o Imperador da Russia, exceptuados desta restituiçaõ, em referencia ás capitulaçoens, que tem tido lugar, se lhes for concedido differente direito. Os officiaes militares, e outros naturaes da Finlandia que dezejarem ficar, gozaraõ daquelle privilegio, e do pleno exercicio dos seus direitos a cerca das suas propriedades, dividas, e effeitos quaesquer, que agora tenhaõ, e para o futuro no reino da Suecia, sobre a baze do artigo 1°. do presente tractado.

X. Os Finlandezes que estaõ na Suecia, e os Suecos, que estaõ na Filandia, ficaraõ na plena liberdade de voltar áos seus respectivos paizes, e dispor de sua propriedade movel, e immovel sem pagar direito algum ou imposto devido em taes occasioens.

Os vassallos das duas altas potencias estabelecidos em qualquer dos paizes, Suecia, où Finlandia, teraõ a plena liberdade de se estabelecer no outro, durante o espaço de tres annos, des da data da troca da ratificaçaõ do prezente tractado; mas seraõ obrigados a vender, ou transferir a sua propriedade durante o dito periodo—a qualquer vassallo da potencia, cujos dominios elles dezejaõ deixar.

A propriedade daquelles, que, ao expirar do dito prazo, naõ tem comprazido com esta regulaçaõ, será vendida em hasta publica por authoridade do Magistrado; e o seu producto entregue aos proprietarios.

Durante os tres annos acima prefixos, será permettido a todos o fazerem o uso, que bem lhes parecer, da sua propriedade, cuja pacifica fruiçaõ lhes foi formalmente segura, e guarantida.

Elles podem, ou seus agentes, passar livremente de um Estado para outro, afim de tractar dos seus negocios, sem experimentar detrimento algum, em razaõ de serem vassallos de outra potencia.

XI. Haverá daqui avante um perpetuo esquecimento do passado, e uma amnestia geral para os respectivos vassallos, cujas opinioens a favor de uma, ou d'outra das partes contractantes durante a aprezente guerra, os fizessem suspeitos, ou os expozessem a castigo. Nenhum processo por taes motivos se formará contra elles; e se algum, se tem começado, ficará nullo, e cassado, e nenhum novo proseguimento se começará. Todos os sequestros de propriedade ou rendas, seraõ por consequencia removidos immediatamente, e a propriedade será reservada aos proprietarios, bem entendido que aquelles que ficaõ sendo vassallos de qualquer das duas Potencias, em virtude do artigo precedente, naõ teraõ direito de pretender do Soberano, de quem cessaõ de ser vassallos, as rendas annuaes, ou pensoens, que lhes fossem dividas em virtude de actos de gratificaçaõ, concessoens, ou soldos por serviços precedentes.

XII. Os titulos, possessoens, archivos, e outros documentos, publicos, e privados, os planos, e mappas de fortalezas, cidades, e territorios devolvidos pelo prezente tractado a Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, incluindo os mappas, e papeis, que possaõ estar depositados na Secretaria dos inspectores, seraõ fielmente entre-

gues no espaço de seis mezes; ou se aquelle periodo se julgar curto, pelo menos dentro de um anno.

XIII. Immediatamente depois da troca das ratificaçoens, as partes contractantes removeraõ todos os sequestros, que se tenhaõ posto sobre a propriedade, ou rendas dos respectivos habitantes dos dous paizes, e publicos estabelecimentos nelles situados.

XIV. As dividas tanto publicas, como particulares, contrahidas pelos Finlandezes na Suecia, e vice versa, pelos Suecos, na Finlandia, seraõ satisfeitas nos termos, e condiçoens estipuladas.

XV. Os vassallos de qualquer das partes contractantes, a quem toquem heranças nos estados de um, ou de outro, podem, sem obstaculo, tomar posse das mesmas, e gozallas debaixo da protecçaõ das leis. O exercicio deste direito, contudo, na Finlandia, fica sugeito ás estipulaçoens do Artigo X. em virtude do qual o proprietario fixará a sua residencia no paiz, ou venderá a herança dentro de tres annos.

XVI. A duraçaõ do tractado de commercio entre as partes contractantes sendo limitada até 17 (29) de Outubro; de 1811, Sua Magestade o Imperador da Russia promette naõ interrompêllos durante a guerra: e o dicto tractado continuará em força até o 1°. (13) de Fevereiro, de 1813, relativamente a tudo áquillo, que naõ for contrario ás disposiçoens do Manifesto Commercial proclamado em Petersburgo no 1 de Janeiro de 1809.

XVIII. Os territorios encorporados ao Imperio Russiano em virtude deste tractado, sendo ligados a Suecia por vinculos commerciaes, que a longa communicaçaõ, vizinhança, e reciprocas necessidades tornaraõ quasi indispensaveis; as Partes contractantes dezejosas de conservarem á seus vassallos estes meios de vantagens mutuas, concordaõ em fazer os arranjos necessarios para os consolidar entretanto, até que venhaõ a uma intelligencia a este respeito,

os Finlandezes poderaõ importar da Suecia metaes nativos, ferro fundido, cal, pedra para edificios, fornalhas fusorias, e em geral todas as demais producçoens do terreno da Suecia.

Em retorno, os Suecos podem exportar da Finlandia gado, peixe, graõs, pano, pez, taboas, utensis de pao de toda a especie, madeira para edificios, e em geral todas as mais producçoens do terreno do Graõ Ducado.

Este trafico será restabelecido, e sustentado até ao 1°. (13) de Outubro, de 1811, precizamente sobre a mesma baze, em que estava antes da guerra, e naõ ficará sugeito a interrupçaõ, ou gravame, a excepçaõ daquellas restricçoens, que as relaçoens politicas dos dous Estados fizerem necessarias.

XVIII. A exportaçaõ annual de 50.000 tschetverts de trigo comprados nos portos do golpho da Filandia ou do Baltico, pertencentes á Russia, será concedida a Sua Magestade o Rey de Suecia; livre dos direitos de exportaçaõ, mostrando-se provas, que a compra he feita por sua conta, ou em virtude da sua authoridade.

Annos de escassez, em que a exportaçaõ for prohibida, seraõ exceptuados, mas a quantidade dos attrazados em consequencia de tal ordem, será preenchida logo que se remova a prohibiçaõ.

XIX. Relativamente ás salvas no mar, as duas partes contractantes assentaõ em as regular sobre a baze da mais perfeita igualdade entre as duas Coroas. Quando os seus vazos de guerra se encontrarem no mar, as salvas se faraõ segundo o gráo dos Commandantes, de maneira, que aquelle que tiver gráo superior receberá a primeira salva, a qual será correspondida peça por peça. Se os Commandantes forem de igual patente, nenhuma salva terá lugar de parte a parte; defronte dos Castellos, fortalezas, e a entrada dos portos, a parte,

que chega, salvará primeiro, e á salva se responderá peça por peça.

XX. As difficuldades, que nascerem dos pontos naõ determinados neste tractado, seraõ discutidas e aplanadas por Embaixadores, ou Ministros Plenipotenciarios nomeados respectivamente, os quaes seraõ guiados pelo espirito de conciliaçaõ, que dictara este tractado.

XXI. Este tractado será ratificado pelas duas Potencias Contractanets; e as ratificaçoens trocadas em propria, e devida forma dentro de quatro semanas, ou mais cedo se for possivel, contando des do dia da assignatura do prezente tractado.

Em fé do qual, nos, os abaixo assignados, em Virtude dos nossos plenos poderes, temos assignado o prezente tractado, e márcado com os nossos Sellos.

Feito em Friedricksham aos 5-17 de Septembro, do anno da Graça, 1809.

Conde NICHOLAO DE ROMANZOFF.
David ALOPEUS.
Conde STEDINCK.
A. S. SEJOLDEBRAND.

França.

Falla do Imperador Napoleaõ ao Corpo Legislativo em 3 de Dezembro, 1809.

SENHORES DEPUTADOS DOS DEPARTAMENTOS AO CORPO LEGISLATIVO.

Depois da vossa ultima sessaõ, tenho reduzido á submissaõ Castella, e Aragaõ; e expulsado de Madrid o falso governo, organizado por Inglaterra. Marchava eu sobre Cadiz e Lisboa, quando me vî na necessidade de tomar um caminho retrogrado, e arvorar as minhas aguias nas muralhas de Vienna. Em tres mezes se vio o principio

e fim desta quarta guerra Punica. Ainda que acustumado á affeiçaõ e coragem dos meus exercitos, devo, naõ obstante isso nas presentes circumstancias, reconhecer as particulares provas de devoçaõ a mim, que me déram os meus soldados de Alemanha.

O genio da França conduzio o exercito Inglez; elle terminou os seus projectos nos pestiferos pantanos de Walcheren. Neste importante periodo estava eu na distancia de 400 leguas, certo da nova gloria, que o meu povo adquiriria, e do grande character, que elle mostraria. Naõ se frustráram as minhas esperanças. Devo eu agradecimentos particularmente aos cidadaõs dos departamentos do Passo de Calais, e do Norte. Francezes! Quem quer que se vos oppozer, será conquistado, e reduzido à submissaõ. A vossa grandeza será augmentada pelo mesmo odio de vossos inimigos. Tendes, diante de vós, longos annos de gloria e prosperidade. Tendes a força, e energia do Hercules dos antigos.

En tenho unido a Toscana ao Imperio. Os Toscanos éram dignos disto pela doçura de seu character; pela affeiçaõ que seus antepassados sempre nos tivéram; e pelos serviços que elles fizéram á civilizaçaõ da Europa.

A historia me apontou a linha de conducta, que devia seguir a repeito de Roma. Os papas, vindo a ser soberanos de parte da Italia; se tem constantemente mostrado inimigos de toda a potencia preponderante na Peninsula; elles tem impregado o seu poder espiritual para lhes fazer mal. Foi-me pois demonstrado, que a influencia espiritual, exercitada nos meus Estados por um Soberano estrangeiro, éra contraria á independencia da França, e á dignidade e segurança do meu throno. Com tudo como eu reconheço a necessidade de uma influencia espiritual dos descendentes do primeiro pastor naõ posso conciliar estes grandes interesses se naõ annulando a doaçaõ, que

fizéram os Imperadores Francezes meus predecessores, e unindo os Estados Romanos á França.

Pelo tractado de Vienna, todos os Soberanos meus alliados, que me tem dado tantas provas da constancia da sua amizade, tem adquirido, e adquiriraõ novo augmento de territorio.

As provincias Illiricas estendem as fronteiras do meu grande Imperio até o Save. Contiguo ao Imperador de Constantinopola, eu me acharei em situaçaõ de vigiar sobre os primeiros interesses do meu commercio no Mediterraneo, e mar Adriatico, e Levante. Eu protegerei a Porta, se ella se subtrahir á fatal influencia da Inglaterra. Eu saberei castigalla, se ella soffrer ser governada por astutos, e perfidos conselheiros.

Eu tenho desejado dar á naçaõ Suissa nova prova da minha estimaçaõ, addindo aos meus titulos o de seu Mediador; e pondo desta maneira fim a todas as inquietaçoens, que se trabalhava por espalhar entre este valoroso povo.

A Hollanda; collocada entre a Inglaterra e a França, he igualmente apertada por ambas. Com tudo he ella o desembocadouro das principaes arterias do meu Imperio. Seraõ necessarias algumas mudanças: a segurança das minhas fronteiras, e os bem entendidos interesses dos dous paizes, imperiosamente o requerem.

Suecia tem perdido pela sua alliança com a Inglaterra, depois de uma desastrosa guerra, a mais bella, e mais importante de suas provincias. Teria sido felicidade para aquella naçaõ se o sabio Principe, que a governa presentemente, tivesse subido ao throno ha mais tempo. Este exemplo prova, de novo, aos Reys, que a alliança da Inglaterra he o mais seguro pressagio de ruina.

O meu Alliado e amigo, o Imperador da Russia, tem unido ao seu vasto imperio a Filandia, Moldavia, Walachia, e um districto da Gallicia. Eu naõ tenho zelos de

cousa alguma, que possa ser de beneficio áquelle Imperio. Os meus sentimentos pelo seu illustre Soberano, saõ unissonos com a minha politica.

Quando eu me mostrar alem dos Pyrineos, o assustado leopardo correrá para o oceano, para evitar a vergonha, a desfeita, e a morte. „O triumpho de minhas armas será o triumpho do genio bom, sobre o genio mao—da moderaçaõ, ordem, e moralidade, sobre a guerra civil, anarchia, e paixoens perversas. A minha amizade e proteçaõ, espero que restabelecerá a tranquilidade e felicidade ao povo das Hespanhas.

Senhores Deputados dos Departamentos ao Corpo legislativo, eu tenho ordenado ao meu Ministro do Interior, que vos apresente a historia da legislaçaõ, da administraçaõ, e das finanças, do anno que acaba: vós vereis que todas as ideas, que concebî, para o melhoramento do meu povo, tem sido seguidas com a maior actividade—que em Paris, assim como nas mais distantes partes do meu Imperio, a guerra naõ produzio demora alguma, nas obras publicas. Os Membros do meu conselho de Estado submetteraõ á vossa consideraçaõ os differentes projectos de leis, e especialmente a lei sobre as finanças: vós vereis nella a sua prospera condiçaõ. Eu naõ peço ao meu povo novos sacrificios, ainda que as circumstancias me tem obrigado a duplicar os meus recursos militares.

Inglaterra.

Londres Secretaria do Almirantado.

O honrado Tenente Guilherme Waldegrave, da Ville de Paris, chegou aqui esta manhaã com despachos do Vice Almirante Lord Collingwood, commandante em Chefe dos navios, e vazos de Sua Magestade, no Mediterraneo, dirigidos ao honrado Guilherme Wellesley Pole, cujo extracto he do theor seguinte:—

Ville de Paris, de S. Sebastiaõ, Outubro , de 1809.

Senhor!—Pela minha carta de 16 de Septembro, Suas Senhorias seriaõ informados da noticia, que eu recebi, relativa aos intentados movimentos da esquadra Franceza, e das minhas razoens em mudar o meo posto para S. Sebastiaõ.

Estando sobre este posto, na noite de 22 do corrente veio ter a elle a Pomona, e o Cap^m^. Barrie (que com infatigavel constancia tinha, com o Alceste, vigiado o porto de Toulon) me informou, que no dia dantes, diversos vazos da esquadra inimiga tinhaõ dado á vela, que outros estavaõ sahindo quando elle os deixou, e que havia apparencia de toda a esquadra dezafferrar do ancoradouro. Elles tinhaõ consigo um numeroso comboi, e como este movimento foi feito á primeira aragem de um vento leste, pouca duvida havia, que a sua direcçaõ fosse para oeste. Immediatamente fiz os necessarios signaes para que a esquadra se preparasse a recebelos, e puz as tres fragatas, e chalupa (Pomma, Hydra, Voluntaria, e Minstrel) a barlavento para dar noticia da chegada do inimigo.

Na manhaã seguinte (23) logo depois das outo, a Voluntaria fez signal de uma esquadra para o leste. Em quanto continuavaõ a descer a feiçaõ do vento, nenhuma alteraçaõ se fez na esquadra, a excepçaõ do avanço de dous navios veleiros, o Tigre, e o Bulwark. A's dez a Pomona fez signal, que o inimigo tinha velejado para o vento, e o comboi se separava dos navios de guerra (os quaes se descobrio, que constavaõ de tres naos de linha somente, duas fragatas, outras duas mais pequenas, ou navios de mantimentos, e um comboi de quasi 20 navios.) Ordenei ao Vice Almirante Martin, que lhes desse caça, e a outo navios dos mais veleiros, que, por estarem pairando, tirassem vantagem das mudanças do vento, que era entaõ variavel.

As duas P. M. a Pomona tendo-se prolongado para barlavento, recebeo signal para destruir aquella parte do comboi, que podesse abordar; e á noite queimou dous brigues, duas bombardeiras, e uma galeota. O inimigo antes de anoitecer estava fora de vista, e os navios de caça naõ se tendo adiantado muito ficavaõ para o norte, em quanto a esquadra comigo se estendia para o Sul. Na manhaã seguinte, nem os Francezes, nem os nossos navios de caça eraõ visiveis.

Esta manhaã, o Vice Almirante Martin se ajunctou com a sua divisaõ, designada como se ve na margem, tendo outra vez encontrado o inimigo a 24, fora da entrada do Rhona, e a 25 o lançou sobre a praia. O Robusto, de 84 peças, com a bandeira do Vice Almirante Boudain, e o Leon, de 74, de Frontignan, foraõ na manhaã seguinte incendiados pelo inimigo. A Borée, de 74, e uma fragata, encalharam no porto de Cette, onde ha pouca probabilidade de qualquer dellas se ter salvado.

Eu naõ posso exprimir sufficientemente a grande satisfacçaõ, que senti pela intrepida constancia do Vice Almirante Martin, e dos Capitaens, que foram com elle no alcance. Nada menos ardente, menos habil podia ter produzido um resultado tam feliz, aonde a costa juncto ao Rhona he excessivamente chea de baixos, e perigosa, tanto que alguns dos navios estiveraõ a cinco, e seis braças d'agoa, o tempo cerrado, e um vento Sul forte.

Eu vos remetto incluza, Senhor, a carta do Vice-Almirante Martin; e espero, que Suas Senhorias se congratulem por tres grandes naos do inimigo serem assim destruidas, sem a mais pequena resistencia da sua parte, ou sem um tiro dos navios Britanicos, excepto alguns do Tygre sobre a Borée, quando roçava na praia de Cette; das suas duas fragatas, a Pomona, e Paulina, uma por algum tempo da noite fez toda a força de vela na derrota de Marselha.

A outra parte da esquadra Franceza achou-se ficar em Toulon pelos navios, que depois examináram aquelle porto

Eu tenho a honra de ser, &c. &c.

(*Assignado*) COLLINGWOOD.

Canopus, Renown, Tygre, Sultan, Leviathan, e Cumberland.

Canopus no mar, Outubro 27, de 1809.

MY LORD—Em obediencia ao signal para que o Canopus desse caça á E. N. E. Eu estive daquelle modo toda a noite de 23, e o dia seguinte, de companhia com o Renown, Tygre, Sultan, Leviathan, e Cumberland. Pela tarde se avistáram quatro vazos, aos quaes immediatamente demos caça, e os perseguimos atê depois de escuro; quando, em consequencia d'agoa ser baixa, e o vento de travessia, junto da entrada do Rhona, foi necessario puxar para barlavento durante a noite. Na manhaã seguinte, de 25, se tornáram a avistar os mesmos navios, e foram caçados entre Cette, e Frontignan, aonde encalharam; dous d'elles (uma náo de 80 peças, com bandeira do Vice Almirante, e outra de 74) no ultimo destes lugares, e uma náo de linha, e uma fragata no primeiro. Pela agoa ser baixa, e embaraçada a navegaçaõ, foi impossivel chegar bastante ás duas linhas de batalha das náos inimigas juncto á Frontignan, para as attacar sobre a praia; pois que pertendendo fazello, um dos navios de Sua Magestade esteve em cinco braças de agoa, e outro em menos de seis.

A 26, mandei os botes sondar, intentando, se possivel fosse, entrar o canal, (se algum se achasse) pelo qual se podessem attacar os navios do inimigo; mas á noite tivemos a satisfacçaõ de os ver-mos incendiados.

Pelas circumstancias, com que o navio, e a fragata encalharam na entrada do porto de Cette, pouca duvida te-

nho, que o primeiro se perdesse; e a fragata certamente deve ter recebido consideravel prejuizo; mas naõ se lhes pôde chegar em razaõ das batterias.

Vossa Senhoria deve conhecer muito bem, que a naõ ser a grande presa, que possuem os navios de Sua Magestade, e as boas vigias, que tem, nada podia habilitalos a hir attacar o inimigo na distancia em que se achavaõ, quando começaraõ a caça.

Eu tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) G. MARTIN.

Ao Vice Almirante Lord Collingwood,
Commandante em chefe, &c. &c.

Ville de Paris, de Rozas, 1 de Novembro, de 1809.

SENHOR! Quando o comboi inimigo foi caçado a 23 do do passado, seus transportes se separáram das náos de guerra, e, protegidos por um navio de matimentos armado, duas bombardeiras, e um rebeque, se fizéram para a bahia de Rozas. Quando as náos de guerra se disposeram, da maneira que se refere na minha carta de hontem, o comboi se tornou o objecto da minha attençaõ, e a 29 o Appollo foi mandado á altura de Rozas, para examinar que vazos ali estavaõ, e se era ou naõ attacavel a sua posiçaõ.

No outro dia nomiei os navios, como se ve na margem, para este serviço, debaixo das ordens do Capitaõ Hallowell, para trazellos para fora, se o vento fosse favoravel, ou aliás destruillos. O estado do vento, e do mar naõ permettio esta operaçaõ até a noite passada, na qual, depois de escuro, os navios se encaminharam para a Bahia, e fundearaõ quasi a seis milhas do castello de Rozas, debaixo da protecçaõ de cujo castello, do Forte Trindade, e de varias outras batterias novamente erigidas, o comboi, que

constava de onze vazos, cinco delles armados, como se ve da lista que mando, estava amarado.

Arranjados os botes em divisoens separadas, o total foi posto debaixo das ordens do Tenente Tailour, Primeiro Tenente do Tygre, e procedeo a attacar o inimigo, o qual ainda que naõ pode ter previa intimaçaõ de tal empreza, se mostrou vigilante, e completamente acautelado. O navio, que era uma especie de pequena fragata, foi mettido nas redes de abordagem ; e uma barca canhoneira se avançou a sua frente para a espiar. Ao tiro da salva e ao do rebate, os nossos botes se estenderam, mostrando a tripulaçaõ o mais alto gráo de vivacidade, e enchendo o ar dos seos gritos de alegria. Cada divisaõ tomou a parte, que lhe foi previamente destinada; o navio armado se abordou em todos os pontos, e foi conduzido em poucos minutos, naõ obstante a viva, e porfiada resistencia do inimigo; todos os seus navios armados se defenderam mui bem ; mas os marujos Britanicos, e os marinhas, determinados a submettellos, naõ podéram ser repellidos, nem mesmo por uma força que se achou ser o dobro do que se esperava, e alem da opposiçaõ feita pelos vazos, as peças do castello, os fortes da bahia, as barcas canhoneiras, e a musquetaria de terra, faziam um fogo constante sobre elles. Ao romper do dia, todos os navios ou vazos foram ou queimados, ou trazidos para fóra, a favor dos ventos ligeiros, que sopravam da terra, e o todo do comboi, que viera de Toulon, para supprir o exercito Francez na Hespanha, foi destruido, a excepçaõ da fragata, que escapou para Marselha, e um navio de mantimentos, do qual se naõ soube mais.

Eu naõ posso concluir esta narrativa sem uma expressaõ do sentimento, que a execuçaõ desta atrevida empreza me inspirou, e o respeito, e admiraçaõ que eu sinto pos aquelles, que a effeituaram!

Em primeiro lugar, o successo dependeo grandemente

dos arranjos previamente feitos pelo cappitaõ Hallowell, com o juizo, e perspicacia, que destingue aquelle official em todo o serviço, em que he empregado. A divisaõ dos botes, a preparaçaõ dos materiaes de fogo; o provimento de todo o precizo para as contingencias, lhe attrahiram a confiança geral; e nisto elle foi habilmente ajudado pela experiencia, e zelo dos Cappitaens Wodehouse, Bullen, Tailor, Hope. Os brigues estiveram sobre vela, tam perto dos vasos attacados, quanto os ligeiros ventos o permettiaõ, e o Cappitaõ Hallowell fala em altos termos de louvor da conducta dos seus commandantes Crawly, Raitt, e Wilson. O Primeiro Tenente, Tailor, dirigio o assalto da maneira a mais intrepida, e foi seguido pelos outros officiaes, como se cada um d'elles fosse ambicioso do seu lugar, e dezejasse ser o primeiro: toda a partida manteve o caracter, que os marinheiros Britanicos se tem estabelecido.

Tigre, Cumberlund, Voluntaire, Apollo, Topaze, Philomel, Scout, e Tuscan.

Sinto accrescentar, que a perda tem sido consideravel, da qual remetto a Lista. O Tenente Tait, do Voluntaire, excellente, e intrepido official, e M. Caldwell, Primeiro Piloto do Tygre, moço de grandes esperanças, foram os unicos officiaes mortos.

Muitos Officiaes da esquadra dezejaram ser voluntarios neste serviço. Eu naõ pude rezistir ás fervorosas rogativas dos Tenentes Lord Visconde Balgonie, o Honrado S. A. Maud, e o Hon. W. Waldegrave, da Ville de Paris, para ter o commnado dos botes, em que dezenvolveram aquelle espirito, que lhes he inherente.

Transmitto tambem a carta do Cappitaõ Hallowell, referindo o seu procedimento, com a lista dos officiaes, que commandaram os botes, e foram nomeados para este serviço, e dos vazos tomados, e queimados.

Tenho a honra de ser &c.

(*Assignado*) COLLINGWOOD.

Praga.

Ordem geral do Imperador Francisco.

Tenho posto fim a guerra, a fim de restituir ao meu povo as bençaõs da paz, e de naõ continuar a expor a sua propriedade ao risco de acontecimentos incertos. Vós tendes mostrado a vossa fidelidade, e a vossa inconcussa affeiçaõ, no meio de todos os perigos; e assim tendes apertados mais, e feito mais indissoluveis os laços, que lîgam o Soberano á felicidade de seu povo. No meu exercito, sobre cujas proezas sempre reflectirei, com satisfacçaõ cordeal, reconheço os apoios do meu throno, e os protectores, e garantes da futura tranquilidade de meus vassallos. Nas tres ultimas sanguinolentas batalhas, adquiriram elles a estimaçaõ, e admiraçaõ do mundo. As vossas inumeraveis provas de inflexivel fidelidade, e affeiçaõ á minha pessoa, vos daõ os mais fortes direitos ao meu affecto; saõ ellas o mais seguro penhor, que podeis ter da minha gratidaõ.

Os meios de promover a vossa prosperidade, e de vos distinguir, seraõ consequentemente o mais importante objecto de meus cuidados futuros. Remunerar os serviços de cada individuo, segundo os desejos de meu coraçaõ, ao mesmo tempo que a felicidade de todos me he igualmente chara, vem a ser impossivel, neste momento. Mas, no entanto, o meu exercito receberá as maiores provas de gratidaõ e satisfacçaõ, que, nas presentes circumstancias, me he possivel dar-lhe. Alem das promoçoens, que ja tem tido lugar, e das gratificaçoens distribuidas ás tropas; tenho ordenado que um numero de cruzes da ordem de Maria Thereza, e medalhas de distincçaõ de ouro e prata, juncto a presentes particulares, sêjam distribuidos em cada um dos meus exercitos. Tenho tambem convocado um Capitulo geral da Ordem, e nomeado Commissarios para dispor das medalhas, em cuja presença todos os in-

dividuos, que estiverem persuadidos de ter o merecimento de se haver distinguido em actos de valor, poderaõ demonstrar as suas pretensoens. Todos experimentaraõ igual Justiça.

Eu espero confiadamente, que elles continuaraõ a ter em estimaçaõ o mesmo espirito de disciplina, que sempre esteve ligado ao verdadeiro valor: o mesmo patriotismo, e harmonia com os seus concidadaõs, que até aqui os tem animado: que a sua bem adquirida consciencia de seu merecimento, e dignidade, naõ diminuirá: e que todos os seus commandantes cooperaraõ zelosamente comigo, para manter este espirito de ordem, regulamento interno, que he somente quem pode segurar-nos uma paz permanente, e a estimaçaõ de nossos vizinhos.

Praga, 1 de Novembro, 1809.

(*Assignado*) FRANCISCO.

COMMERCIO E ARTES.

Dinamarca.

COPENHAGEN, 11 de Novembro. Aqui se publicou a seguinte notificaçaõ. O consulado Francez na Dinamarca faz saber aos negociantes, que, em obediencia de um novo decreto promulgado pelo governo Imperial, nenhum certificado de origem será daqui em diante passado no dicto consulado, para as fazendar aprezadas; nem para os productos coloniaes de qualquer genero que séjam, e de qualquer parte que séja, ou em qualquer vazo que fossem importados para a Dinamarca. A mesma prohibiçaõ, he applicavel ao producto dos Estados da America Septentrional; á excepçaõ de algodaõ e potassa, os unicos

artigos, que se póde soffrer que passem a linha Franceza das alfandegas, em Hamburgo, havendo prova sufficiente de sua origem. Dado em Copenhagen, aos 7 de Novembro, 1809.

DESAGULIERS, Senior.

Decreto Imperial.

Hamburgo, 17 de Novembro, 1809.

Por etse se faz publico, e notifica, que todo o psodcuto colonial he prohido de ser importado ou exportado desta, ou para esta nossa cidade de Hamburgo, desde a data deste. Se isto se tentar fazer em contravençaõ deste Decreto, transportando de, ou para a dicta nossa cidade, taes productos, ou por mar ou por terra, as carruageńs, ou embarcaçoens, nisso empregadas, e a mercadoria assim transportada, seraõ confiscadas. O ministro das Finanças fica encarregado de pôr este Decreto em execuçaõ.

Dado no nosso Palacio Real em Fontainebleau, aos 29 de Outubro, de 1809.

Assignado &c. na forma do custume

LITERATURA E SCIENCIAS.

Reflexoens sobre o Correio Braziliense, N. 1.° *Lisboa, na Impressaõ Regia. anno* 1809.

ESTA obra he periodica, e neste primeiro N.° se propoem a fazer reflexoens sobre o N.° 1.° 2.° e 3.° do Correio Braziliense e promette a continuaçaõ.

A modestia e civilidade de quem o escreve se poderá conjecturar dos epithetos, que nos applicam, logo na introducçaõ, de charlataõ indigno, insolente descaramento, incendiario, malvado, carraco do genero humano. A crescenta depois o que chama duas palavras bruscas; e dirigindo-se ao Redactor do Correio Braziliense diz—Amigo fallar do que se ignora he ser tolo, occultar o que se sabe he ser velhaco. He fraqueza d'alma, ou d'almas negras derramar o fel da satyra sobre quem só merece compaixaõ—&c. &c.

Se nos estivéramos taõ bem instruidos na linguagem das regateiras de Lisboa; como o parece estar o escriptor anonymo, que usa daquellas frazes; talvez nos sentissemos inclinados a fazer uma retorsaõ similhante; porque nada serîa resposta mais apropriada, do que usar de uns poucos de nomes vulgares, com que a gente infima se descompoem entre si em suas rixas; mas use cada qual da civilidade, que os seus custumes lhe inspîram. Isto pelo que diz respeito á sua expressaõ. Quanto á materia: desde ja declaramos, que naõ responderemos a observaçoens pessoaes; conhecemos a finta, que he desviar-nos de tractar dos negocios publicos, obrigando-nos a defender-nos em particular; e por tanto, satisfeitos com a estimaçaõ, que merecemos ao circulo das pessoas, com quem temos a honra, e o prazer, de viver em habitos de amizade; julgamos naõ vale a pena de tractar de justificar-nos con-

tra a mordacidade de um escriptor anonymo que, como assassino nocturno, crava o punhal á sombra da obscuridade da noite. Tractaremos porem de responder áquella parte da obra, que vem com apparencia de racionios, ou de argumentos.

Quem saõ as pessoas que " só merecem compaixaõ, e em que nós derramamos o fel da satira," he o que nos devia o A. dizer, para que o naõ tivessemos nós de explicar; porque as pessoas que tem sido objecto de nossa censura, saõ os partidistas francezes, e egoistas, os homens corrompidos, &c. estes naõ podem ser objectos da nossa compaixaõ senaõ da mesma forma que o he o criminoso, que vai a soffrer, pelo rigor das leis, o ultimo supplicio.

Mas naõ será difficil conjecturar de quem o A. falla; que saõ os infames partidistas Francezes, de quem elle he o apologista, e nós somos os perseguidores; isto se conhece mui bem das passagens que vamos a citar. O theor da obra nos faz crêr que seo author, ou he o mesmo do *Desengano Proveitoso* impresso no Porto, e que nós refutamos, com a vehemencia, que nos inspirou o justo abhorrecimento, que temos aos vis sectarios de Napoleaõ; ou he este author algum digno herdeiro daquella atraiçoada pena.

P. 9. linha 31. diz " Naõ he menos evidente, que os homens de letras da minha patria, saõ ja em maior numero do que talvez pedia a proporçaõ da nossa povoaçaõ, meios, e misteres."

P. 21. linha 17, analizando o que o Correio Braziliense reprova no Governo Francez (V. I. p. 118 e 119) de querer extender a sua tyrannia até ao monopolio das sciencias, com o estabelecimento da Universidade Imperial; diz elle " Posta de parte a applicaçaõ, que o Governo Francez póde fazer daquelle estabelicimento literario, e da uniformidade de instrucçaõ: os principios que o Author, reprova estaõ mui longe de serem falsos, &c." Assim

este mascarado defensor dos Francezes, quer suavizar o mal que nós julgamos que estes despotas da Europa estaõ fazendo á humanidade, dizendo, " que poem de parte o abuso que o Governo Francez pode fazer daquelle estabelicimento." Naõ, Partidista Francez mascarado, naõ ponhas de parte o mal que elles meditam fazer-nos, he delle que nos queixamos; e tu para suavizares a idea horrorosa dos males, que elles intentaõ fazer á tua patria, com uma candura atraiçoada, pedes que ponhamos de parte os males que elles nos podem fazer, ¿ pois de que nos queixamos nòs, vil sectario do tyranno Napoleaõ, senaõ desses males que elles nos tem feito, e intentam fazer-nos? Quando os Francezes perseguiram no Porto as pessoas que tinham ou liam o Correio Braziliense, quando desejáram colher ás maõs o Redactor desta obra, que tanto os tem exposto, acháram um perverso, que escreveo o *Desengano Proveitoso*; e déram ao mesmo tempo o signal a seus atrozes conrespondentes em Lisboa, para que escrevessem tambem contra o Correio Braziliense, e louvassem as instituiçoens Francezas, para suavizar e alhanar o caminho á volta desses infernaes Canibaes: eis aqui porque o nosso adversario attacando-nos, passa a louvar ao mesmo tempo esta instituiçaõ Franceza, que so tende a fixar os grilhoens de seu intoleravel despotismo. Naõ, author falaz, naõ nos enganas; louvas como boa esta instituiçaõ Franceza; porque esperas ser por elles pago; e por isso em todas as tuas paginas nem uma só palavra dizes, contra esses perfidos oppressores de tua patria; cujas instituiçoens louvas, para indirectamente lhes estabeleceres o character.

De p. 28 até 33, tracta de desculpar os partidistas Francezes descarados, taes como D. Lourenço de Lima, Conde da Ega, e outros, que o Correio Braziliense taõ justamente censurou; e com a piedade fingida, e moderaçaõ affectada, que as circumstancias lhe permittem, diz (p. 29

linha 23.) *naquellas circumstancias se houve condescendencia criminosa* (innocente! *se houve* condescendencia em D. Lourenço no querer persuadir ao Principe, que naõ fosse para o Brazil, e se deixasse levar prisioneiro dos Francezes) *em alguns, o que se deve provar e naõ suppor, nesse caso, elles saõ por dobrados motivos dignos da minha compaixaõ; deixemos aos seus remorsos, ás suas penas, ao odio publico, á Authoridade legitima o cuidado de os punir, e naõ aggravemos com as nossas censuras inadequadas e intempestivas o pezo de seus males, e da sua desgraça, e confusaõ, e a dor das suas familias.*"

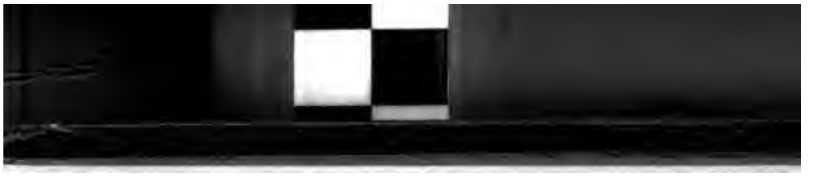
Malvado defensor de traidores. Se tu naõ fôras dos cumplices, ousarias propor que se tractassem com tal brandura os reos dos maiores crimes imaginaveis? He possivel que haja quem se attreva a publicar pela imprensa, agora, em Lisboa, similhante doutrina a respeito dos perfidos a seu Rey e a sua Patria? Dize author; que mais escreverias tu se estivesses em Paris, defendendo a causa daquelles malvados?

Exaqui os motivos porque attacam o Correio Braziliense, porque o partido Francez he nelle exposto, em suas verdadeiras cores; mas atê agora sempre os nossos adversarios se tem procurado cubrir com especiosos motivos; attacarnos á cara descuberta, porque censuramos aquelles do partido Francez, e propor que elles naõ tenham outra pena senaõ o *serem deixados aos seus remorsos*, quando a nós se nos insulta, pelos expormos, com todo o ardor de que he capaz o espirito de partido, hê impudencia, que naõ esperavamos em um escripto licenciado pelo Dezembargo do Paço em Lisboa. Resta-nos averiguar se a licença para esta impressaõ, em defeza do partido Francez foi dada depois de posta em execuçaõ a Carta Regia que referimos a p. 69.

O Author com a mais vil e criminoza ousadia, se atreve a censurar a S. A. R. (como ja fez o *Dezengano*

proveitoso) por ter ido para o Brasil, e presume sacrilegamente attacar o Principe com esta sarcastica expressaõ. Queixando-se de que o Redactor do Correio Braziliense censurasse alguns dos Governadores por naõ soccorrer as Provincias, quando ellas começáram a levantar-se, diz p. 31 linha 34. " Resistir? Naõ podiam; porque a Hespanha se naõ havia ainda declarado, e existiam ainda os mesmos motivos das instrucçoens Regias; e as mesmas razoens por que S. A. *se lançou aos mares, em quanto passava a onda.*" Insolente declamador! e queres assim comparar a preciosa vida do Soberano, e a liberdade da familia Real, de que depende a existencia da Monarchia, com o risco de vida, que podiam passar esses poltroens, que se submetteram aos Francezes sem o menor murmurio? Usa este homem da equivoca phrase, *em quanto passava a onda*; para insinuar que o Principe deixára Lisboa para evitar o perigo, e que durando elle, *pelos mesmos motivos* se submettiaõ os Governadores, que elle intenta justificar, ao Governo Francez. Todas estas phrazes nos daõ bem a entender de que covil sahio esta produçaõ. Nós louvamos a liberdade da imprensa; mas de certo nos admiramos de que em taõ poucos mezes tenha ella em Portugal feito taõ rapidos progressos, que se permittam similhantes expressoens, que a serem publicadas aqui em Inglaterra, onde he grande a liberdade de imprensa, seriam indubitavelmente objecto de um severo castigo legal. O Author poderá quando nos replicar a isto torcer quanto quizer a expressaõ, *em quanto passava a onda*, mas naõ illudirá a nenhum leitor sobre o sentido sarcastico que aqui se implica.

O Soberano tinha tanto o direito de sahir do Reyno (como ja dissemos respondendo ao Desengano Proveitoso) que, se por um excesso de zelo, ou por outros motivos, quizesse ficar em Lisboa, o povo devia instar aque Elle se puzesse em salvo, porque de sua vida, e de sua liberdade,



depende a mesma existencia da naçaõ. Que comparaçaõ tem isto, com o risco que podiam correr nenhuns dos individuos que ficáram no Reyno? Se Junot mandasse prezos para a França os Governadores do Reyno, teriam elles cooperado menos do que o fizêram para a restauraçaõ de Portugal? Que fizéram elles, nem directa, nem indirectamente? O Bispo do Porto poz o peito á balla, e mais he um ecclesiastico idoso, o Marquez Monteiro Mor fez uma boa figura no Algarve, o Marquez das Minas mostrou o seu patriotismo de maneira, que todo o povo poz nelle os olhos; Que fizéram os Governadores antes destes? outra vez pergunto? Nada, pela mesma confissaõ do nosso author; entaõ? com que attrevimento compara a retirada de S. A. R. necessaria, justa, importante, e approvada por todos, excepto pelos que o queriam vender a Napoleaõ, com que attrevimento digo compara o A. ésta retirada, com a indolencia dos outros?

Provados, com estes extractos, os motivos atraiçoados, e fins sinistros do A. vamos a examinar o contexto da obra taõ mal concebida, quanto he perverso o objecto a que se propoem. Eis aqui o seu primeiro paragrapho: p. 7.

" O Redactor do *Correio Braziliense* desde o 1°. Num. " da a conhecer o seu vivo resentimento por certos peca- " dos velhos, e sacrifica a reputaçaõ de sua Patria ao pra- " zer malígno de se vingar dos que julga seus inimigos. " Para o conseguir mais a seu salvo elle adoptou desde " logo o systema de dizer bem e mal da mesma cousa e " com o mesmo rasgo de penna, destruindo assim o que " parecia edificar. Deste modo illude o simples, que o " julgará escriptor de perfeita imparcialidade; serve as " gentes de seu partido, que mui bem o entendem; e " tem prompta, em todo o caso, huma menos má resposta " para os que se queixarem delle: vós naõ vedes que eu " tambem fallei de vós, n'alguma occasiaõ, com honra, e " dignidade? Se nem sempre disse bem, se naõ mais,

" ou melhor, a culpa he vossa, ou das couzas, e naõ mi-
" nha."

Accusa-se o Redactor do Correio Braziliense de dar a conhecer o seu resentimento particular; porque em uma obra periodica como esta, dedicada a registrar e reflectir sobre os acontecimentos politicos dos tempos; se reprova a conducta de algumas pessoas, se censuram algumas medidas publicas, ou se desapprovam alguns actos dos homens constituidos em dignidade. Mas, perguntáramos nós ¿ de que deve constar uma obra desta natureza, senaõ da exposiçaõ dos factos, e das reflexoens, que se offerecem ao Redactor sobre elles? Mas essas reflexoens naõ agradam, ou naõ saõ justas: isso he cousa differente. Que naõ agradem ás pessoas censuradas, ou seus partidistas, he mui natural; se com effeito naõ saõ justas ellas saõ patentes ao juizo do publico, e nos curvamos em obediencia á sua decisaõ. Mas ¿ em que se mostra aqui o resentimento particular? Por outra parte ¿ naõ podemos nos queixar-nos de resentimento particular contra nós, o começar-se a imprimir uma obra, publicada em numeros, naõ com o intento de recordar os acontecimentos do tempo, naõ para fazer as reflexoens obvias sobre os successos, naõ para os fins ordinarios de um jornal; mas unica, e positivamente para attacar o Redactor do Correio Braziliense? Naõ será isto uma prova decidida de resentimento contra nós?

Esta obra foi annunciada na gazeta de Lisboa N. 154, (28 de Novembro, 1809) por este modo " O seu Author tem por objecto responder critica e judiciosamente aos erros e falsas imputaçoens, inseridas naquelle periodico (o Corr. Braz.) que se imprime em Londres em lingoa Portugueza." E naõ he isto prova de que se tem em vista algum resentimento pessoal? Em fim he um periodico só contra o Correio Braziliense.

Diz que o Redactor " Sacrifica a reputaçaõ da patria

ao prazer maligno de se vingar dos que julga seus inimigos." Mas nós naõ vemos, que a reputaçaõ da patria sêja attacada ou sacrificada, quando accusamos individuos, que nos parecem culpados. Acaso um juiz sacrifica a reputaçaõ de sua patria, quando declara um de seus concidadaõs reo de um crime, pelo qual lhe impoem uma pena infame? Todos devem lamentar, que existam em sua patria homens fácinorosos, mas apontallos, punillos, expollos ao oprobrio publico, nunca se suppoz que fosse acçaõ em desabono da Patria. Se he infamia para Roma ter um Cidadaõ tal como Catilina, he honra para os Romanos, que possuissem um homem taõ virtuoso como Cicero, que o expoz justa, e devidamente. O modo de proceder de Cicero naõ podia agradar a Catilina mas naõ sei que fosse interpretado como fazendo sacrificio da reputaçaõ da Patria.

Diz ali o A. que se adoptou o systema de dizer bem e mal da mesma cousa; mas isto he o de que elle naõ produzirá um só exemplo; salvo se, conhecendo nós que o nosso juizo fôra errado em algum caso, nos retractassemos ao depois, o que naõ teriamos, nem temos duvida a fazer, todas as vezes que se nos mostrar o erro. O dizer umas vezes bem, outras vezes mal, de uma mesma pessoa, he consequencia necessaria da imparcialidade; todos os homens, os mais sabios, os mais justos, saõ sugeitos a errar; e por tanto como nos obrigariamos nós a louvar sempre, ou a vituperar sempre, as acçoens de homem algum? O leitor decidirá se ésta linha de conducta, a que nos propuzemos, he digna de reprehensaõ. Talvez as nossas observaçoens naõ tenham sido justas; estimaremos ser corrigidos; mas no systema, que adoptamos, de louvar a acçaõ que nos parece boa, onde quer que a observamos; e vituperar a acçaõ que nos parêce má, ainda naquelle mesmo homem que acabamos de louvar; naõ julgamos que vamos errados.

Diz o nosso adversario (p. 9) que he uma contradicçaõ

no Correiro Braziliense, asseverar a p. 82 do V. I. que as perseguiçoens aos homens de letras tenhaõ sido cauza da decadencia da literatura, e ao mesmo tempo confessar, que ha homens em Portugal de talentos, e instrucçaõ, e exprime o seu argumento nestes termos; " Mas se o Redactor conhece em Portugal muitas pessoas capazes de emprehender composiçoens literarias, com successo, como se creáram estes homens de letras no meio daquellas constantes perseguiçoens?" Se o nosso adversario naõ sabe com isso se fazia, eu lho explico. Em Portugal formáram-se esses homens, ja sahindo do Reyno, para aprender em paizes estrangeiros; ja obtendo a muito custo livros, a que na phraze dos perseguidores se chamam prohibidos; ja tractando com os homens verdadeiramente sabios; e tudo isto; para ser feito, sem incorrer no odio daquellas pessoas inimigas da literatura, que o nosso adversario defende; feito em segredo, e com muitas cautellas.

Diz o A. (p. 9.)—"Mas a verdade he que as letras nunca fôram aqui perseguidas; punio-se alguma vez, e sempre com grande moderaçaõ o abuso dellas; cohibio-se a leitura de alguns livros perniciosos, &c."

A resposta a isto para ser cabal, devia conter o cathalogo dos livros prohibidos em Portugal; mas ao depois fallaremos desta matteria; por ora diremos somente, que sendo prohibidos em Portugal Montesquieu, Beccaria, Bielfeldt, com tantos outros, que a Europa respeita como luminares do nosso seculo, naõ pode isto entender-se de outro modo senaõ como uma perseguiçaõ directa ás sciencias contra os interesses, e contra as tençoens mesmo do Soberano.

O Author (a p. 10 e 11) seguindo o plano de todos os partidistas da ignorancia, e conformando-se com as vistas dos que fazem uma perseguiçaõ systematica ás sciencias, attribue as calamidades, que a Europa soffre, ao progresso dos conhecimentos. O nosso adversario, ainda que nisto incorra o crime de inimigo das sciencias, naõ tem com tudo o merecimento da invençaõ. Esta acusaçaõ ás scien-

cias; e aos conhecimentos, tem sido repetidas vezes feita por homens, que, se saõ sinceros, naõ tem mais discernimento que o ideota, que observando o movimento do ponteiro do relogio, e ignorando inteiramente a machina occulta, que o produzia, suppunha ser o effeito milagroso, dos caracteres do mostrador. Levar-nos-hia a uma longa discussaõ, alheia do nosso fim, desenvolver as causas da revoluçaõ espantosa, que tem opprimido a Europa com desgraças. Mas para que estes inimigos das sciencias, e partidistas do systema da ignorancia, soubessem que hiam enganados, bastava que reflectissem, que a Inglaterra; o paiz da Europa onde as sciencias gozam da maior liberdade imaginavel, onde toda a leitura he permettida, onde a propagaçaõ dos conhecimentos humanos encontra com a mais decidida protecçaõ tanto no Governo, com nos particulares, na Inglaterra, dizemos, he onde tem feito menos abálo as ideas revolucionarias, que naõ proviéram de homens sabios, mas de ignorantes, e fanaticos; na Inglaterra he onde a tyrannia Franceza tem encontrado uma opposiçaõ efficaz; e ás sciencias, á instrucçaõ, e civilizaçaõ dos Inglezes, como naçaõ, deve o nosso adversario agradecer o respirar agora em Lisboa, livre do jugo de Junot. A gratidaõ pelo menos o deveria induzir á naõ tomar o partido da ignorancia contra as sciencias.

Se o Senhor defensor da ignorancia attribue ás sciencias, e ao estado dos conhecimentos da Europa a invasaõ dos Francezes; dirá tambem, que a espantosa revoluçaõ de Mahomet foi devida aos conhecimentos da Asia e Africa? dirá que as conquistas de Tarmelaõ foram apoiadas pela sciencia dos Asiaticos; que a irrupçaõ de Gengiskan foi devida á literatura daquelles paizes? Similhante idea seria irrisoria; pois igualmente o he o suppor que a sugeiçaõ da Europa por Buonaparte he devida ás sciencias; ou que as atrocidades, commettidas pela revoluçaõ Franceza, tinham ou tem a menor relaçaõ com as scien-

cias, salvo se suppozer-mos, que tendêram éstas a moderar os effeitos da convulsaó politica, sempre mais terrivel, quando os povos saó mais ignorantes.

O A. depois de ter dicto (p. 11.) que "promover as couzas humanas á sua maior perfeiçaõ, he o mesmo que promover a sua ruina," conclue o paragrapho a p. 12, com uma apostrophe, digna companheira de taõ manifesto absurdo. "Naó lastimeis portanto, diz este partidista da ignorancia, o mao estado da literatura da vossa patria; Senhor Redactor, desejai antes aos vossos compatriotas os melhores custumes, e a maior probidade de que for susceptivel, sem extremos, a condiçaõ humana. Sobejanos Sciencia; e pelo menos para o que nos he preciza; naõ vola iremos pedir emprestada."

Convenho de mui boa vontade, quam essencialmente util sêja a melhora nos custumes; e me alegro de que até este advogado da ignorancia, tribute o respeito devido á virtude: mas dizer que a sciencia he sobeja em Portugal, he pavonada taõ ridicula, que apenas se faz necessario responder-lhe.

A p. 12. Suppoem o A. um crime atroz, uma prova das ideas revolucionarias ao Correio Braziliense, que a p. 77 do Vol. I. se julgàsse impolitica a providencia que deo o Governo do Brazil, contida no decreto de 28 de Janeiro de 1808; e com a sua moderaçaõ custumada chama a esta reflexaõ "foguete incendiario." Ora he de saber, que a opiniaõ do Correio Braziliense de que se devia fazer differença entre bandeira nacional e estrangeira, quanto aos direitos da alfandega; foi depois adoptada por S. A. R. revogando aquelle regulamento de 28 de Janeiro; agora resta que o nosso digno partidista da ignorancia assevere, que S. A. R. he tambem jacobino, e revolucionario, porque adoptou a mesma e identica medida, que, só pella suggerir, nos mereceo do nosso adversario o titulo de incendiarios.

O A. debaixo do pretexto de suppor, naquella passagem do Correio Braziliense, ideas revolucionarias que desenvolve (p. 13.) faz uma falla aos povos do Brazil verdadeiramente terrivel, e que a decencia nos impede transcrever aqui: neste exemplo se vê mui claramente a malevola intençaõ do A., de inventar estas fallas sediciozas, com a capa de hypoteses, que nunca existiram, para alienar o povo de seu Soberano; porque naõ he citar passagens ou alegar opinioens; he compor discursos sediciosissimos, e com a mais decidida ma fé o inserir periodos, palavras, e notas, no que cita do Correio Braziliense a p. 13, e 15 de maneira que perverta o sentido do original; e faça uma composiçaõ inteiramente sua, e adaptada a seus iniquos fins.

O. A. escandaliza-se muito, do Correio Braziliense se queixar, de que os Governadores do Brazil tenham commettido injustiças, e espérar, que a mudança da Corte para lá remedeie muitos destes males.

Ora acabe com isso, senhor defensor da ignorancia, ja o entendemos: ja sabemos o fio que nos póde levar a seus patronos, elles naõ querem que nós fallemos dos que tem sido governadores do Brazil. Sabemos pois as *Forjas* em que se fundem as setas, para attirar ao Correio Braziliense: pede-nos provas do que dizemos? Olhe, de que os Governadores todos (em regra geral, mas com as excepçoens a que no lugar citado chamamos honrosas) commettêram e commettem injustiças, appello para os habitantes do Brazil, e em especial, (para mostrar que sei a quem o author serve) os habitantes de Minas; se naõ me entende, algumas pessoas da secretaria de guerra lho podem explicar. Que a proximidade da Corte la deva produzir melhora na condiçaõ do povo he verdade, que so um defensor da ignorancia pode disputar; quando naõ fossem mil vantagens, que o povo deve esperar;

quando naõ houvesse outra, bastava a de passar de colonia a metropole.

O nosso defensor da ignorancia, depois de longas declamaçoens, para desculpar o mao governo das Potencias Europeas, a respeito de suas colonias; que o Correio Braziliense censurou, vê-se obrigado a citar as mesmas palavras do mesmo Correio a p. 121. vol. I. onde se disse, que, "no tempo em que os Portuguezes fizéram os seus estabelecimentos ultramarinos, naõ havia na Europa nem se quer idea do que éram estabelecimentos de colonias; nem havia eschola, onde Portugal aprendesse o modo de tractar estas chamadas conquistas." O A. devia ter a sinceridade de reconhecer que, com este argumento, justificamos o melhor que he possivel os nossos antepassados; ainda que desapprovamos a linha de conducta, que elles seguíram; e desejamos sinceramente o melhoramento do systema: mas naõ he a sinceridade a qualidade de um partidista Francez.

A p. 16, volta o A. a fallar da Carta Regia de 28 de Outubro, e se esforça em mostrar, que se naõ devia com effeito fazer differença entre bandeira nacional e estrangeira, quanto aos direitos de alfandega no Brazil. Primeiramente, como S. A. R. revogou aquelle regulamento? naõ poderíamos nos dizer aqui, que este ignorante Jacobino está desauthorizando as medidas que o Governo acaba de adoptar no Brazil; para produzir revoluçoens? Tentando o A. mostrar, que se naõ deve fazer differença entre bandeira nacional e estrangeira; differença que S. A. R. tem feito, naõ vai elle a oppor-se directamente ás disposiçoens do Soberano?

Mas, que agradecidos naõ devem ficar os nossos negociantes do Brazil, a este defensor da ignorancia por querer sustentar, que os navios estrangeiros devem entrar em igual competencia com os nacionaes! Eis aqui as palavras, que o nosso defensor da ignorancia

escreve a p. 17 " Naõ se tractava apenas (na Carta Regia de 28 de Janeiro) de minorar os progressos dos males causados ao Commercio do Brazil, arruinado pela sua estagnaçaõ? Naõ se promettia um systema e regulamento geral sobre estes importantes objectos? E para naquelle primeiro momento facilitar a circulaçaõ das especies, e dar-lhes o mais rapido movimento, naõ éra opportuno excitar a concurrencia dos navios estrangeiros até pela igualdade das imposiçoens? &c."

Ja que este homem se mette a fallar em materias de politica e ecconomia, de que naõ entende; porque naõ repara ao menos na practica constante de todas as naçoens commerciaes; onde sempre os navios nacionaes saõ mais favorecidos, para promover a marinha mercantil, que he o seminario da marinha de guerra; para favorecer a industria, na construcçaõ dos vazos; para equilibrar as vantagens dos preços entre as mercadorias, que se exportám, com as que se importam &c. &c.?

(*Continuar-se-ha.*)

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza.

N°. 5.

Comparaçaõ das Cortes em Portugal com o Parlamento em Inglaterra.

Inde data leges, ne fortior omnia posset.
Ovid. lib. 3. Fast.

SOUBERAM os antigos Portuguezes combinar as suas instituiçoens politicas de maneira, que puséram barreiras

legaes ao poder mais forte, que he á authoridade suprema; e tivéram a felicidade de encontrar Monarchas de assaz probidade, para cooperàr, com os povos, no estabelecimento, e mantença dos direitos nacionaes.

He o fim a que me proponho, nesta serie de ensaios, o mostrar, que os Portuguezes devem estar satisfeitos com a forma de Governo que possuem; porque ella naõ só he boa, mas até he superior á maior parte das outras que existem na Europa. Para melhor o demonstrar tratei de fazer o parallelo da constituiçaõ Portugueza com a Ingleza, porque ésta he reconhecida pela melhor; e se eu mostrar que a Portugueza ainda a excede, em muitos pontos, parece-me que tenho conseguido o provar que os Portuguezes devem amar á sua Patria, como aquella que he capaz de os fazer felizes, e naõ prestar ouvidos a essa facçaõ de reformadores Francezes, que naõ fazem se naõ accumular miserias, sobre as naçoens, que tem a infelicidade de os ouvir. Devem pois os Portuguezes respeitar e estimar o Monarcha, como a pedra fundamental de sua sabia constituiçaõ; o menor abalo a ésta pedra, só pode produzir a ruina de taõ bello edificio: a veneraçaõ e obediencia aó Soberano he o modo mais efficaz de conservar a felicidade da naçaõ; o respeito ás leis he o unico caminho para chegar a gozar da liberdade civil; e havendo os Soberanos de Portugal contribuido tanto para fazer os seus povos felizes, faltar-lhe ao amor e veneraçaõ que se lhes deve; seria ao mesmo tempo mostrar á mais odiosa ingratidaõ; e cavar a ruina da Patria

Os direitos que sempre gozáram as Cortes da naçaõ, e que os Reys de Portugal cuidáram sempre de defender e conservar, faz o objecto deste numero dos meus ensaios E deve o leitor considerar, que uma serie de Reys, que taes prerogativas mantivéram ao seu povo; que uma familia reynante que por seculos tem cooperado para a existencia de taes direitos he digna da maior estimaçaõ.

Os Reys de Portugal concordando com a naçaõ na promulgaçaõ de leis, que só tendiam a limitar o poder dos grandes e poderosos; sem exceptuar nem o monarcha, mostráram que éram Portuguezes de coraçaõ; e que se um tal Rey éra o primeiro Portuguez por sua alta dignidade; devia ser respeitado como o primeiro cidadaõ por suas virtudes civicas, obrando a beneficio de seus compatriotas. Sem duvida se achará isto, examinando a constituiçaõ das Cortes, em Portugal, sua origem e poderes.

A primeira idea de Cortes, e de Parlamento inquestionavelmente se deduz das Naçoens do Norte da Europa, que se estabelecêraõ em Portugal, e em Inglaterra. Em nenhuma daquellas naçoens custumávam os povos entregar ao seu primeiro magistrado, chefe, ou Soberano, todo o poder de governar, sem reserva ou restricçaõ. Era custume de todos estes povos congregar-se em assembleas, onde se discutiam, e decidiam os negocios de maior importancia para a naçaõ; naõ se confiando jamais, nestes casos, de um só homem, o qual pode succeder, que obre contra o interesse dos povos e venha o mal, a ser ao depois irremediavel.*

Na verdade a historia naõ apresenta um so exemplo ainda entre as naçoens mais barbaras, de que povo algum se ajunctasse para deliberar sobre a forma de seu governo; e que elegesse um monarcha, dando-lhe todos os poderes, sem restricçaõ alguma. Com effeito, só o cumulo de ignorancia do que he o coraçaõ humano podería, a naõ ser a força, induzir qualquer povo a que puzesse as suas leis á disposiçaõ de um só homem, o qual por isso mesmo que he o seu executor, existe na situaçaõ das maiores tentaçoens, para se lhe fazer superior.

Em todas as Monarchias, que se formáram na peninsula de Hespanha depois da expulsaõ dos Mouros, os re-

* *De minoribus rebus principes consultant, de majoribus omnes.* Tacit. de morrib. Germ. c. 11.

presentantes dos Communeiros formávam parte das assembleas Supremas, a que chamáram Cortes: e só um seculo ao depois he que as outras naçoens da Europa imitáram este custume. Zurita faz menção das Cortes, no anno de 1133, onde estavam presentes os procuradores das cidades e villas. Gil Gonzales de Avila, traz a carta de convocação para a cidade de Abula, em 1390, e por ella se vê que éram chamados para as Cortes os Bispos, Duques, Marquezes, Mestres das tres Ordens Militares, Condes, e Ricos Homens. Nesta occasião quarenta e oito cidades mandáram procuradores ás Cortes, ajunctando-se 125 representantes. Os poderes destas cortes éram, quanto á mim demaziado extensos; mas como quer que fosse, o certo he que se ajúnctávam annualmente, durava a sua sessão 40 dias; e El Rey nem podia dissolver, nem prorogar a assemblea. Durante o Seculo 14 e 15, em que se concentrou o poder da Hespanha, a influencia das Cortes começou a declinar: mas ainda no anno de 1503 se acha memoria de que as Cortes de Aragão concederam a El Rey permissão de nomear os officiaes para um corpo de tropas, que se destinava a ser empregado na Italia.

Em Inglaterra, ficáram estas assembleas em desuzo pela Conquista, mas gradualmente se estabelecêram; e progressivamente fôram adquirindo mais pôder; em Portugal ao contrario, estávam em uso ao principio, e fôram as Cortes, que lançáram os fundamentos da Monarchia, mas pouco e pouco fôram cahindo de sua consideração, e por fim dispensáram-se os Reys de as convocar, ainda nos negocios da ultima, e mais decidida importancia.

A primeira apparencia de Communeiros no Parlamento de Inglaterra, foi no Reynado de Duarte I. No de Duarte II. principiáram os Communeiros a unir petiçoens aos aos seus bills,† porque concedíam subsidios; e este foi o começo de sua ingerencia nos negocios legislativos.

† Bill he o instrumento que contem as resoluçoens do Parlamento, antes que tenham força de lei.

Em Portugal, porém logo nas primeiras Cortes o povo ajudou a legislar, como se vê das leis particulares, alem das fundamentaes de direito publico, que se fizéram nas Cortes de Lamego. Ali propunha El Rey, deliberávam os nobres e prelados, e approvava o povo: differença ésta mui essencial e que mostra terem os povos em Portugal maior parte na legislaçaõ, do que os Communeiros em Inglaterra.

No Reynado de Duarte III. de Inglaterra declaráram os Communeiros, que naõ reconhecerîam lei alguma para o futuro, a que naõ tivessem dado o seu consentimento expresso. Pouco depois puzéram em vigor o privilegio de acusar perante os Lords, os primeiros Ministros de Estado; e em tempo de Henrique IV. recusáram abertamente dar subsidios alguns, sem que se attendesse a suas petiçoens.

As guerras civis entre as casas de York e Lancaster puzéram toda a Inglaterra em confusaõ; e envolvidos nestas calamidades se perdêram os privilegios dos communeiros; sem que por isso a naçaõ se esquecesse, que os tinha possuido, e que naõ tinha consentido em que elles se abrogassem; esperávam unicamente occasiaõ favoravel de os pôr em exercicio.

Em Portugal succedeo, que as guerras civis, occasionadas pelos ecclesiasticos desde D. Sancho I. até D. Affonso IV; o intoleravel despotismo na administracçaõ da justiça de D. Pedro I. a fraqueza caprichosa de D. Fernando; e a ambiçaõ cega da Raynha D. Maria sua mulher, trouxéram muita confusaõ aos direitos das Cortes; até que sendo preciso decidir a questaõ de quem tinha de succeder ao Reyno, e achando-se os povos com forças e animo, capazes de sustentar a decisaõ que se adoptasse, houve recurso ás Cortes, as quaes, exercitando agora um taõ importante direito, qual foi o julgar a cauza da successaõ da corôa, em nomear um Rey, como fizéram em D.

João I. naõ podiam deixar de adquirir grande influencia, e obter tanto dos povos como do Governo, o respeito devido a uma assemblea, que practicamente mostrava ter o jus de decidir causas, em que nada menos se interessava do que a disposiçaõ da Corôa.

As tyrannicas leis de Henrique VIII. em Inglaterra sobre os crimes de alta traiçaõ, fôram abrogadas por Duarte VI; mas de algum modo restabelecidas com as perseguiçoens religiosas da Raynha Maria; mitigadas pela Raynha Isabel; mas continuando sempre o poder do tribunal intitulado a Camara da Estrella (*star chamber*) que fôra o mais efficaz instrumento da tyrannia dos dous Henriques. Até que Jaimes (ou Jacob) I. com suma imprudencia fez publicas muitas usurpaçoens, que seus predecessores occultavam em segredo. Este monarcha asseverou publicamente,* que a authoridade dos Reys naõ pode ser limiada senaõ pela de Deus: como elle saõ os Reys omnipotentes; que os privilegios, que os povos clamorosamente reclamávam, naõ éram mais do que graciosos favores de seus Reaes antepassados. A asseveraçaõ publica destes principios assustou mais a naçaõ, do que a practica dos mesmos, nos Reynados precedentes; e começou a ajunctar-se uma tempestade, que arrebentou no reynado de seu successor Carlos I. com toda a força de que he capaz uma explosaõ politica.

Este infeliz Rey perdeo a vida em um cadafalso, e a naçaõ Ingleza, depois de haver passado por todos os males que uma similhante desgraça traz com sigo, tornou a pór no throno o filho daquelle monarcha; mas, querendo este assumir direitos ou pregorativas, que cauzáram originariamente as revoltas precedentes, estabelecêram os Inglezes varios estatutos, que seguráram para sempre a

* Vejam-se as suas declaraçoens ao Parlamento nos annos de 1610, e 1621.

sua liberdade; abolîram-se os restos dos feudos; revogáram-se as leis crueis que authorizávam perseguiçoens religiosas; fixou-se a convocaçaõ do Parlamento ao menos uma vez cada tres annos; e promulgou-se o famoso acto do *Habeas Corpus*, este invencivel baluarte da liberdade Ingleza.

O successor de Carlos II, tentou imprudentemente desfazer estes principios, e naõ hesitou em assustar um povo livre, e espirituoso, com as expressoens de "poder absoluto," e "obediencia illimitada" arrogando-se o direito de dispensar nas leis. Desta maneira obrigou Jaimes os Inglezes a recorrer ao unico remedio que a razaõ e a natureza mostra a um povo, quando aquelle, que deve ser o protector das leis, he o seu destructor; retrahio pois a naçaõ a homenagem e fidelidade ao Rey Jaimes, e nomeou outro.

A historia de Portugal offerece um exemplo mui analogo. D. Sancho II. por uma serie de factos, que naõ he necessario aqui o desenvolver, incorreo de tal maneira no desprazer da naçaõ, que foi deposto; e seu irmaõ, o Conde de Bolonha, foi acclamado Rey com o nome de D. Affonso III. Outro exemplo ha disto mais moderno; mas naõ taõ similhante; porque, tirando-se o governo a El Rey D. Affonso VI. se contentou seu irmaõ D. Pedro com o titulo de Regente, e só foi acclamado Rey depois da morte de D. Affonso.

Os Portuguezes porém, depondo a El Rey D. Sancho II. e nomeando para Rey D. Affonso III. naõ déram providencias algumas para que o novo monarcha, ou seus successores naõ commettessem as mesmas faltas, que se imputavam ao Rey deposto; ou ficassem mais seguros os direitos das cortes.

Os Inglezes pelo contrario tem aproveitado todas as occasioens de melhorar a sua constituiçaõ; nomeando novo Rey para succeder a Jaimes II. exigiram delle, em

sua coroaçaõ um juramento mais preciso, do que o dávam seus predecessores. Determinou-se, que o impor tributos sem o consentimento do Parlamento, he contrario ás leis, assim como he conservar um exército permanente em tempo de paz. Abolio-se expressamente o direito, tantas vezes reclamado pela coróa, de dispensar nas leis; e outros regulamentos saudaveis expressos em um acto aque chamáram (*Bill of Rights*) " Bill dos direitos;" nos quaes se poz a pedra do fecho deste sublime arco, que foi o estabelicimento permanente da liberdade da imprensa.

As Cortes em Portugal, naõ obstante que tenham exercitado prerogativas mui importantes, e até disputado estrenuamente aos Reys pontos, que naõ valia a pena de contender por elles, naõ se lembráram jamais de reduzir a escripto declaraçoens formaes, que deixassem claros e indisputaveis os direitos que pertencem aos povos junctos em Cortes.

Cinco vezes tem a naçaõ Portugueza, por meio de seus procuradores, em Cortes nomeado Rey. Primeira em D. Affonso Henriques fundando a Monarchia; segunda, em D. Affonso III. excluindo o Rey entaõ Reynante, e ainda vivo D. Sancho II: terceira, em D. Joaõ I: privando do direito ao throno a filha do ultimo Rey D. Fernando, e os filhos do seu antecessor D. Pedro I: a quarta, em D. Joaõ IV. declarando nullo e usurpado o poder que tinham exercitado os Reys de Castella, que governaram Portugal em tres geraçoens, ou Reys successivos, Fellipe II. Fellipe III. o Fellipe IV; a quinta em D. Affonso VI; que foi privado do governo, mandado para a ilha Terceira, de onde foi outra vez trazido ao Reyno, mas nunca mais governou até sua morte.

E naõ obstante estes exemplos do poder das Cortes em Portugal, de que o Parlamento em Inglaterra naõ produz maiores provas, saõ os direitos das cortes disputados, mal interpretados ou negados pelos aduladores, e para-

sitas; naõ por outra razaõ senaõ porque, em Portugal, naõ cuidáram em passar a escripto, como se fez em Inglaterra, estas resoluçoens e declaraçoens supremas de toda a naçaõ, que, abaixo do direito natural, fórmam a mais respeitavel authoridade, que pode prescrever limites á liberdade natural do homem.

O parlamento Inglez compoem-se do Rey, da casa dos Lords, e da Casa dos Communs. As Cortes em Portugal compõem-se dos Communeiros, ou procuradores das Cidades e villas que tem assento em Cortes, segundo os regulamentos antigos; dos Nobres, que tem direito de assistir, e dos Prelados.

Os procuradores das cidades e villas em Portugal, ainda que mandados separadamente, depois de junctos representam todo o Reyno; bem como acontece na Inglaterra com os membros da Casa dos Communs; o que faz uma grande differença dos deputados das Provincias Unidas, em quanto esse Governo existio; ou dos Cantoens Suissos; porque em ambas estas partes os deputados só representávam os que os havîam immediatamente eleito; e dos eleitores recebîam instrucçoens sobre o modo porque devîam dar o seu voto.

Em Inglaterra se tem adoptado muitas precauçoens, para que a eleiçaõ sêja o effeito da livre escolha dos eleitores, prohibindo-se as peitas; e que nenhum membro da Casa dos Lords nem Governador de Condado, ou official de Fazenda pudesse ter intervençaõ nas eleiçoens; e que os soldados que estiverem aquartelados no lugar em que tiver de haver alguma eleiçaõ se mudem dali ao menos um dia antes, e para uma distancia ao menos de duas milhas daquelle lugar, e naõ voltem a elle se naõ ao menos um dia depois da eleiçaõ; e outras muitas cautellas.

Em Portugal decuidáram-se tanto destas precauçoens, que até se adoptou o custume de nomear El Rey os pro-

curadores de algumas cidades ou villas; o que faz inteiramente nulla a existencia de taes deputados do povo; e he absurdo este taõ ridiculo, que admira, naõ digo ja que houvesse um povo que o soffresse; mas, que houvesse um governo que se atrevesse a tentar um attaque taõ directo á mais sublime instituiçaõ popular de uma naçaõ.

A casa dos Pares ou Lords em Inglaterra, he composta dos Lords espirituaes; que saõ os Arcebispos de Canterbury e York, e 24 Bispos; e dos Lords temporaes; isto he daquelles Duques, Marquezes, Condes, Viscondes, e Baroens, que tém a preeminencia de serem pares do Reyno, o que nem todos os titulares gozam em Inglaterra.

Em Portugal naõ ha nada que se compare a esta caza dos Lords; porque os Titulares, e Prelados que assistem ás Cortes, deliberam, e vótam na mesma caza dos procuradores das villas, e cidades.

Esta differença he naõ só essencial, e importante; mas constitue a principal vantagem, e superioridade que tem o Parlamento Inglez sobre as Cortes em Portugal; porque a distincçaõ das duas casas, dando aos Communeiros o poder de oppor a sua negativa ás decizoens dos Lords; e estes vice versa de se opporem ás decisoens dos Communeiros; assim como El Rey á de ambas as casas: faz impossivel que uma das ordens do Estado usurpe os direitos da outra. Em todas as sessoens do Parlamento se discutem em ambas as casas os negocios de maior importancia da naçaõ; como saõ limitaçoens, que se intentam por a authoridade Real; estabelecimento de novas leis, ou revogaçaõ de outras antigas; exames dos abuzos na Administraçaõ do Governo, e seus remedios, imposiçaõ de tributos, e applicaçaõ das rendas publicas ás necessidades da naçaõ; e he aqui mui de notar, que estas deliberaçoens sobre o que diz respeito ás rendas, e despezas da naçaõ podem somente principiar na caza dos

communs; e obter depois o convenio da casa dos Lords, e dahi o d'El Rey: a decisaõ de todos os demais pontos podem principiar em qualquer das casas, com tanto que se obtenha a approvaçaõ da outra, antes de se apresentarem a El Rey para a sua approvaçaõ; e ficar portanto com a força de leis.*

Algumas pessoas tem querido mostrar, que a existencia das Cortes denota limitaçaõ, ou mixtura de Democracia na forma do Governo Portuguez; porém a mais geral opiniaõ he que a forma de Governo he de Monarchia pura. Mas sem duvida as Cortes fôram instituidas para modificar a plenitude do poder monarchico ao menos quanto ao modo de exercitar os direitos Magestaticos; e portanto as Cortes fazem uma parte senaõ essencial da forma do Governo, com tudo necessaria, no modo da administraçaõ, no que o Rey naõ pode dispensar; naõ mais do que pode fazer na forma da Successaõ. Respondem a isto os partidistas do poder arbitrario. 1º Que as leis fundamentaes naõ prescrevem tal limitaçaõ nem fallam em authoridade das Cortes: 2º Que as Cortes dependêram sempre do arbitrio dos Principes. 3º Que as Cortes naõ tinham voto algum decisivo.†

Mas a isto respondemos: ao 1º. argumento, que se as leis de Lamego naõ falláram das Cortes he, porque ésta constituiçaõ provem do direito Consuetudinario, que tem tanta força de obrigar como o direito expresso. Tambem

* El Rey de Inglaterra custuma dar o seu assenso, aos Bills que se passam no Parlamento, em Francez; custume que se introduzio com a Conquista de Guilher-me; e tem tres formulas differentes. Se o negocio he de natureza publica, a resposta de approvaçaõ he *le Roy le veut*; a um bill de natureza particular; *soit fait comme il est desiré*: nos bills para os subsidios; *le roy remercie ses loyaux sujets, accepte leur benevolence, et aussi le veut.* A negativa d'El Rey he dada nos brandos termos de, *le roy s'avisera.*

† Prelecçoens de direito patrio de S. Paio. P. I. § 28.

estas Cortes de Lamego naõ determináram expressamente, que a forma do governo éra monarchia pura; mas de nomearem um rey, de prescreverem a forma da successaõ se conclue, que a forma de governo que queriam éra a monarchia, e de essas cortes legislarem, mesmo em pontos particulares, se conclue, e deve concluir, que a existencia dessas Cortes he essencial á forma da administraçaõ. E se naõ? porque naõ dissolveo El Rey D. Affonso I. as Cortes, logo que ellas o nomeáram Rey? Pelo contrario, sendo nomeado, pelas Cortes, e aceitando a nomeaçaõ, disse, "Eu sou rey, e façamos leis pelas quaes se mantenha, em nossa terra, a publica tranquilidade." Que o verbo façamos comprehende tanto a approvaçaõ d'El Rey como das Cortes, se conhece do que replicáram os povos a El Rey, dizendo-lhe "Queremos estabelecer leis, que vos pareçam boas,"* A existencia pois das Cortes se deduz do direito consuetudiario da quelle tempo, assim como delle se deduz que a forma de governo he monarchia pura.

Quanto ao segundo argumento de que as Cortes dependêram sempre do arbitrio dos Principes, he asserçaõ que se a tomar-mos com a latitude que sôa, he absolutamente falsa. O Principe tinha a seu arbitrio convocar as Cortes, isto he determinar segundo o seu juizo quando ésta convocaçaõ era conveniente; mas naõ podia cassar ésta instituiçaõ, deixando absolutamente de convocar Cortes em caso algum; porque isto vem a ser manifestamente um abuzo do poder, que se lhe confiou, de chamar Cortes, quando isso fôr conveniente.

Em Inglaterra El Rey tem a seu arbitrio, igualmente, convocar o Parlamento, e dissolvêllo, qnando o julgar conveniente; mas nenhum Jurisconsulto Inglez jamais sus-

* O original diz "*Volumus, Domine Rex, et placet nobis* CONSTITUERE *leges, quas vobis bene visum fuerit.* El Rey tinha usado da mesma expressaõ, *constituamus leges.*

tentou, que neste poder, que se deixa á discriçaõ do Principe, conforme o seu juizo, e consciencia, se comprehende o direito de abolir a instituiçaõ pela naõ convocaçaõ do Parlamento; e muito menos o direito de substituir outra instituiçaõ em seu lugar; como pretendem alguns escriptores Portuguezes, que El Rey instituira em lugar das Cortes varios Tribunaes, que consulta, quando lhe apraz.

O dizer, que em Portugal a convocaçaõ ou existencia das Cortes depende do mero arbitrio do Monarcha he, quanto a mim, um grosseiro erro de facto; porque, alem de ser isso contra a praxe constante que a historia nos demonstra, he igualmente contra uma expressa determinaçaõ das Cortes de Coimbra de 1385, onde se determinou em termos clarissimos, que El Rey naõ pudesse fazer pazes ou guerra, sem consultar as Cortes, nem obrar cousa de importancia sem ouvir os de seu Conselho.

Poderaõ aqui retorquir-me, que deixar isto ao juizo do Principe, he o mesmo que deixar ao seu arbîtrio; e que, tendo o poder em sua maõ, naõ preciza mais que dizer simplesmente, que naõ julga conveniente chamar Cortes; e logo ninguem se lhe póde oppor. Mas a isto respondo, que eu estou tractando de um Principe bom, que desêja executar as leis do reyno, e custumes, que tem força de lei, e que elle se obrigou com juramento a guardar, segundo os dictames de sua consciencia; porque se, tractando do que he justo ou injusto, me appéllam* para a força, entaõ por direito natural me justifico appellando eu tambem para a força.

O terceiro argumento he, que as Cortes naõ tinham voto algum decisivo. Se por esta palavra "decisivo" se entende o direito de fazer executar, por authoridade propria as resoluçoens das Cortes, convenho nisso; porque, sendo a monarchia de Portugal pura, a authoridade de resolver, e executar só existe no Soberano; mas se por

" decisivo" se entende, o direito de decidir em Cortes de qual he a vontade da naçaõ nesta ou naquella materia, para que o Principe tome as suas resoluçoens conforme á vontade da naçaõ, legitimamente representada em Cortes, entaõ digo, que segundo as leis e custumes de Portugal, as Cortes tem voto decisivo, e que El Rey he obrigado a ouvir esse voto nas materias de importancia, para tomar as suas resoluçoens.

Convenho, que os actos practicados pelo Soberano sem consultar as Cortes, naõ saõ nullos;* porque a Jurisdicçaõ existe no monarcha, e só no monarcha; mas, faltando elle a seguir, no exercio de seu poder, as formas, que no Juramento, que dá em sua corôaçaõ, se obrigou a seguir, he certo que infringe as leis fundamentaes; em virtude das quaes he Rey.

Este custume de ligar El Rey ao Conselho e parecer dos povos, junctos em Cortes, sem com tudo obstar aque a monarchia sêja pura, foi plano adoptado, como ja se disse, por todas as naçoens do Norte, que se estabelecêram nas Hespanhas, e de cujos custumes necessariamente havemos deduzir as leis fundamentaes de Portugal; nos pontos em que as naõ temos expressas.

Os Reis de Leaõ, posto que absolutos, éram obrigados a ouvir naõ só as Cortes,* mas um conselho de doze homens sabios;† e nem por isso deixava de ser Soberano absoluto; isto he de gozar em toda a plenitude dos direitos Magestaticos.

---

* Puffendorf. Jur. nat. & gent. Lib. III cap. 6.

* Leis das sette Partidas feitas na Cidade de Toro em cortes convocadas em Compostella por D. Affonso.

† Leis fundamentaes de Navarra. 4.

Novidades deste mez.

Ilhas do mar Ionico.

Corfû, 15 de Outubro. Estando os Inglezes ao ponto de ameaçar as nossas ilhas, se publicou aqui a seguinte.

Proclamaçaõ

Em nome do Imperador dos Francezes Rey da Italia, e Protector da Confederaçaõ do Rheno.

Aos Habitantes das ilhas Ionias.

Os inimigos do genero humano, os Inglezes, cuja ambiçaõ tem, por 20 annos conservado a Europa submergida em todos os horrores da guerra, estaõ agora voltando as suas armas contra vós. Depois de haver por dous annos limitado os seus esforços á aprehensaõ de alguns poucos navios, e roubar-lhes os marinheiros e passageiros, como piratas, tem elles a audacia de aproximar-se de vossas praias ¿ Que querem estes inimigos de todas as naçoens ? Vem elles como generosos conquistadores trazer-vos boas leis, e uma sabia administraçaõ ; para destruir os vicios e os crimes, que portanto tempo manchâram o vosso bello paiz ; destruir o espirito de partido que reyna entre vós ; prevenir que uma classe sêja opprimida pela outra ; fazer que todos os cidadaõs sêjam iguaes aos olhos da lei ? Naõ ; estes inimigos vem a tirar-vos todos estes beneficios, que vòs tendes começado a gozar debaixo do Governo de Napoleaõ, o protector da vossa Religiaõ, e que vos está preparando ainda maiores bençaõs. A ésta amizade, que elles vem offerecer-vos com perfida maõ, saõ unidos a venalidade dos tribunaes, o abuso do poder publico, os assasinios e as divisoens intestinas, o despotismo de poucos, e a oppressaõ do maior numero, com todos os males, que só tem deixado de affligir-vos por estes ultimos dous annos. Mas ¿ que lhes importa a elles que vós sejais felizes ou desgraçados ? Interessám-se elles na vossa sorte ? Devolver sobre outras naçoens a tempestade, que está a

ponto de cahir sobre elles; retardar a sua destruiçaõ inevitavel, causando a de todos os reys, e de todas as naçoens, que elles podem seduzir; este he todo o objecto que elles tem em vista. Mas attendei ás seguintes terriveis liçoens da experiencia. Elles seduzîram El Rey de Sardenha, e aquelle Soberano foi riscado da lista das Potencias Europeas. Elles seduzîram o rey de Napoles, e elle perdeo a sua coroa. Elles seduzîram o rey de Prussia, e elle perdeo metade de seus dominios. Elles seduzîram o Imperador de Alemanha, que está ao ponto de perder uma porçaõ consideravel do que ainda lhe restava. Elles seduzîram os nobres, e os frades de Hespanha, e em breve tempo estes nobres e frades deixaraõ de existir. E desta maneira, segundo o decreto pronunciado por Nápoleaõ, pereceraõ todos os cegos partidistas de uma naçaõ, que a Europa tem proscripto.

Habitantes das ilhàs Ionias! lembrai-vos quaes fôram os vossos soffrimentos ha alguns annos; quando a mesma potencia, que ao presente vos governa, deixou entaõ de vos reger; e nelles vede os soffrimentos, a que os Inglezes vos desêjam outra vez sugeitar. Contemplai na sorte de tantos reys, e de tantas naçoens, que elles enganáram; e vede ahi a sorte que elles vos preparam. Oh! Lançai para longe de vossas praias estes inimigos do genero humano, e da vossa religiaõ, a quem a França, Russia, Dinamarca, Prussia, Hespanha, Italia, todas as Potencias, e todos os paizes, com que vôs tendes connexaõ, ou relaçoens commerciaes, os tem expulsado de seus portos. Os nomes daquelles, que, neste exemplo, assignalarem a sua fidelidade e a sua affeiçaõ, seraõ inseridos em uma lista e apresentados ao grande Napoleaõ, que remunéra estas virtudes com tanta magnificencia. Os nomes dos covardes e traidores seraõ tambem inseridos em uma lista, e seraõ sacrificados a um rigoroso castigo, e a eterna infamia. Estai socegados e confiai nas medidas, que se

tem tomado, para seguar-vos os provimeutos necessarios. Tudo está providenciado para a vossa segurança. Os nossos inimigos saõ poderosos por um valoroso exercito, commandado por um habil general. Se resistis ás seduçoens de vossos inimigos, naõ tendes outro perigo que temer. JULIANO BESSIERES.

Corfu, 14 de Outubro, 1809.

Londres, 8 de Dezembro. Despachos do General Stuart ao Ministro da guerra.

Messina, 20 de Outubro, 1809.

MY LORD! Uma casta de officio, que tive a honra de dirigir-vos aos 26 do passado, vos informaria das representaçoens, que se tinham feito ao Vice Almirante Lord Collingwood, e a mim, e das solicitaçoens dos habitantes de Zante, Cephalonia, e outras dependencias do Governo Ionico, para receber o adjuctorio de uma força Britanica, para os libertar da appressaõ Franceza.—Ao mesmo tempo se referio a V. S. o armamento de uma expediçaõ, debaixo das ordens do brigadeiro general Oswald, para obrar cooperativamente com uma esquadra, commandada pelo Cap. Spranger do navio de S. M. Warrior; e que essa expediçaõ déra á vella, de Messina em proseguimento de de seu objecto, aos 33 do mez passado.—As relaçoens que trouxe aqui hontem de Zante o Cap. Oswald do regimento 35, e que eu tenho agora a satisfacçaõ de transmittir a V. S. mostraraõ a habil maneira porque este serviço foi executado pelos officiaes que o conduziram: e eu espero que S. M. sera benignamente servido approvar a adopçaõ de um projecto, cuja execuçaõ abre tantos meios de oppor ao inimigo futuros obstaculos ás provaveis vistas do inimigo, assim como a frustrar-lhe as esperanças que elle tinha fundado sobre a sua presente usurpaçaõ naquella parte. Tenho a honra de ser, &c.

(*Assignado*) J. STUART, Conde de Maida,
Tenente general.

Bahia de Zante, 3 de Outubro, 1809.

Senhôr! Em consequencia da Communicaçaõ de V. Ex^a. ao Contra Almirante Sir Alexandre Ball, em Malta, tivemos a boa fortuna de encontrar a fragata Spartan, na paragem das ilhas, abordo da qual estava Mr. Foresti, Ministro de S. M. na Republica Septinsular. Em consideraçaõ do estado avançado da estaçaõ, e da instabilidade do tempo, se moveo o Cap. Spranger a nomear Zante como objecto primeiro de áttaque. Tendo obtido de Mr. Foresti a mais ampla e correcta informaçaõ; a respeito daquella ilha, a expediçaõ parou, e deo fundo no seu anchoradouro ao anoitecer do dia 1 de Outubro. O Cap. Stranger, e eu, estavamos igualmente desejosos de evitar o envolver os habitantes nas desgraças, que deveriam occasionar um attaque directo á cidade. Pelo que foi resolvido, que no dia seguinte, pela manhaã cedo, desembarcassem as tropas em uma bahia conveniente, a tres milhas de distancia, protegidas pelas fragatas e barcas canhoneiras. A primeira divisaõ das tropas (notadas a margem*) debaixo das ordens immediatas do Tn. Cor. Lowe, effectuáram a mais regular desembarcaçaõ, no ponto determinado, e procedêram immediatamente em duas columnas para uma posiçaõ, que voltava a defensa da cidade, e lhe cortava a communicaçaõ com o castello. O Ten. Coron. Lowe conduzio a sua columna para a esquerda, varrendo uma eminencia sobre que se dizia estar postado o inimigo, e por este movimento de uma batteria, que estava destacada, se fizéram alguns prisioneiros,

* Artilheria Real-com duas peças
O reg. 35 de infanteria ligeira
2 Companhias de granadeiros dos Royal Corsican Rangers.
2 Comp^as. do reg. 44. Tudo 600 homens.

Seguiam-se as relaçoens da tomada das ilhas de Cephalonia, Ithaca, e Cerigo.

estabelecendo-se tambem uma mais directa communicaçaõ com os navios. O corpo, que eu acompanhava, marchou por um vale, até que subio a um Outeiro contiguo ao castello, que as tropas ligeiras fóram investir. Logo que nos approximamos, o inimigo deixou a cidade, retirando-se para uma fortaleza naturalmente forte, mas sem nenhuma razaõ negligenciada: trabalhando por levar comsigo dous obuzes de 6 polegadas, que foram obrigados a abandonar, pelo rapido avanço dos nossos flancos.—Os termos que entaõ se offerecêram; e depois de alguma hesitaçaõ da parte do Commandante Francez, foram os dictos termos concordados naquella noite. Espero que elles encontraraõ a approvaçaõ de V. Exª.; e peçovos que me permittais offerecer-vos os parabens, de se haver expellido o inimigo desta bella e fertil ilha; com quem, ha longo tempo, tinha havido as mais proveitosas relaçoens commerciaes; e cujos habitantes taõ anxiosamente desejávam as vantagens que lhe resultam da connexaõ, e protecçaõ Britanica.

Tenho a honra de ser, &c.

(*Assignado*) J. Oswald, Brig. Gen. Commandante das tropas nas ilhas Ionicas.

A S. Exª. O Tn. Gen. J. Stuart, &c. &c.

Hespanha.

Sevilha, 6 de Novembro.

Na Secretaria do despacho da guerra se recebeo a parte seguinte do General Blake. " Excellentissimo Senhor— Estabelecido apenas este Corpo de tropas, que se acha ás minhas ordens immediatas, nas alturas, e campo de Brunnolas, na noite de 18 do corrente, na manhã de 19 se apresentaram algumas descobertas inimigas em numero de 500 a 600 homens; porém naõ lhes sendo permittido avizinharem-se como desejavaõ, retiráraõ-se logo, e vol-

táram no dia seguinte em numero de 2.500 a 3.000 homens com 250 cavallos pela parte de S. Dalmay. Penetrando pelos densos bosques, que cobrem todo o terreno, chegaram ao pé das nossas avançadas, que romperaõ o fogo diante de Brunnolas. O Marechal de Campo D. Martin Garcia Loygorri, que commanda aquelle posto, mandou adiantar logo as guerrilhas da sua Divisaõ, que julgou necessarias, e desde o centro se adiantou o Brigadeiro D. Henrique O'Donnell com parte das tropas do seu commando. As guerrilhas, compostas pela maior parte de granadeiros provinciaes de Castella a Nova, e de granadeiros, e caçadores de guardas Walonas fizeraõ retroceder o inimigo desde o ponto em que começaram o fogo, e o perseguíraõ até á visinhança dos seus campos, donde se retirou O'Donell depois de anoitecer, e de ter queimado os acampamentos que os inimigos tinhaõ abandonado.—A perda destes foi consideravel pela precipitaçaõ da sua retirada; a nossa consistio em hum Capitaõ de granadeiros provinciaes ferido, 4 ou 5 soldados mortos e alguns feridos.—O que participo a V. Excellencia para que se sirva elevalo a S. M. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Campo de Brunnolas, 22 de Outubro, de 1809. Excellentissimo Senhor.

(*Assignado*) D. Joaquim Blake.

Excellentissimo D. Antonio Cornell.

Sevilha, 13 *de Novembro.*

O General em Chefe do Exercito da Mancha escreve entre outras cousas ao Ministro da Guerra, em data de 9 *do corrente, o seguinte:*

" Pela copia inclusa do Officio do General Freire verá V. Excellencia os resultados da acçaõ, que hontem teve a cavallaria com os inimigos; e ainda que este General dará nos Officios posteriores informações mais detalhadas, des-

de já posso assegurar a V. Excellencia que cumprio as minhas ordens com a mais completa satisfacçaõ da minha parte, e que a cavallaria fez extraordinarios esforços, e o mais brilhante serviço, do que estou summamente satisfeito."

Excellentissimo Senhor :—Na marcha do dia de hontem desta Villa para a de Dos-Barrios, cujo Povo devia occupar segundo as instrucções de V. Excellencia, achei os inimigos situados em hum posto mui vantajoso, meia legoa mais para lá da Guardia, que he hum barranco, ou garganta profunda, que formaõ dois cerros, por onde passa a estrada real, sem que houvesse outro sitio para passar a columna, e muito menos a artilheria. Postados os inimigos no cerro, que circunda a estrada, em huma altura, a que naõ alcançavaõ as nossas armas de fogo, naõ havia outro arbitrio, senaõ romper com a arma branca, e subir apressadamente. Assim o mandei, e o executáram com a maior intrepidez os Regimentos de granadeiros a cavallo de Fernando VII., e dragões de Lusitania. Logo que os inimigos viram este movimento, formáram-se em batalha no alto da garganta, carregáram sobre a nossa columna, que naõ tinha lugar para se desenvolver, e a acutiláram bastantemente; porém chegando outros Regimentos, e fazendo-os trepar por hum cerro immediato, do modo que o permittia o quebrado do terreno, os inimigos se detiveram, e deram lugar a que desembocassem os Regimentos. Apenas o executáram, quando fóram carregados em batalha por forças muito superiores, que já estavaõ desenvolvidas; mas a continuaçaõ da columna que hia subindo, os esforços de muitos homens valorosos, que ali se achavaõ, deraõ lugar a que se affastassem os inimigos certo espaço, e se foram formando successivamente varias linhas. As primeiras os attacáraõ com o maior denodo, e ainda que por huma larga carreira se desordenaram alguma vez, e foram carregados e rechaçados, as outras continuavaõ a

avançar na melhor ordem; e aquellas se reuniaõ e formavaõ immediatamente. Assim foraõ attacando os dous mencionados Regimentos e o de dragões da Reyna, que foi o primeiro que se formou no cume, depois daquelles. Posteriormente se seguiaõ os Regimentos de Farnesio, Sant-Iago, e do Principe, cuja linha veio a servir de primeira, para os ataques successivos, que naõ tiveram effeito; porque os inimigos escarmentados dos primeiros se affastáraõ demasiadamente. Assim marchamos até chegar ás visinhanças de Dos-Barrios, em cujo sitio se achou tambem o Coronel D. Vicente Osorio com os Regimentos de Hespanha, e dragões de Granada, que tinha sido destacado da Guardia para atacar os inimigos pelo seu flanco esquerdo na sua posiçaõ de Dos-Barrios. Assim o executou com resoluçaõ, ao mesmo tempo que o faziaõ pela frente os que hiaõ pela estrada; porem os inimigos começaram a sua retirada em muita distancia, e tivemos de nos contentar com perseguillos. Os Regimentos que levava D. Vicente Osorio, tomaram entaõ a vanguarda, e as linhas o seguiram, conforme se lhes prevenio, ate chegarem á visinhança de Ocanha, aonde se detiveram os inimigos, e nos fizeram fogo de artilheria com bastante viveza: a tropa o soffreo sem a menor alteraçaõ, até que tendo anoitecido, ordenei a retirada para occupar a posiçaõ de Dos-Barrios, que me estava destinada. O Esquadraõ de caçadores francezes que commanda D. Rafael Santisteban só

nha, pois tinha sido destacado pelo outro lado da garganta, e teve de fazer um grande rodeio para chegar. Os regimentos de Alcantara e Montesa ficáram guardando a artilheria, que naõ me pareceo conveniente levar pela estreiteza do desfiladeiro; porém depois a fiz avançar, e chegou a tempo de lançar algumas granadas antes de anoitecer.

" Tivemos perda de homens e cavallos; porém naõ a posso determinar; porque os Corpos naõ tiveraõ tempo,

nem facilidade para me communicarem as informaçoens. Disto, e das acçoens particulares, que tem havido dignas de especial menção, darei a V. Excellencia parte, logo que me achar bastantemente instruido.

" Entre os mortos e feridos se contão alguns officiaes, e sargentos dignos de singular memoria.

" A's 8 da noite evacuáram os inimigos Ocanha, dirigindo-se para Aranjuez, conforme a noticia que recebi daquelle povo na manhã de hoje.

" O valor da tropa, o dos chefes e officiaes, o zelo e intelligencia destes se tem manifestado singularmente nesta acçaõ. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Tembleque 9 de Novembro de 1809.—Excellentissimo Senhor—Monoel Freire.—Excellentissimo Senhor D. Joaõ Carlos Areizaga."

Abstracto das relaçoens circumstanciadas, e officiaes do cerco de Gerona, publicadas no Diario daquella cidade.

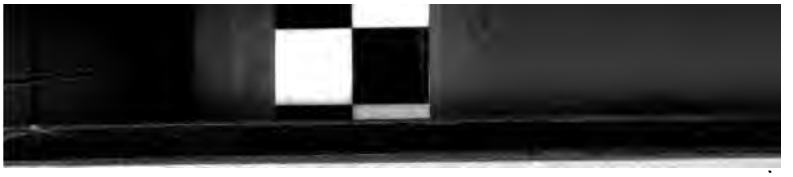
O inimigo tinha continuado a fazer fogo sobre as tres brechas de S. Luzia, S. Cristovaõ, e Alemanes, por mais de um mez, depois que ellas éram practicaveis. A consequencia foi, que as muralhas fôram demolidas e arrazadas em grande extensaõ, e as casas reduzidas a um montaõ de ruinas. Elles conservâram um incessante fogo de artilheria, morteiros, e obuzes, aos 17, 18, e 19, de Septembro. Neste ultimo dia ajunctáram a maior parte de suas forças, nas alturas de Campadura, e Montjuich, e pela tarde, uma columna de 2.000 homens desfilou pelo caminho entre Montjuich, e a torre de S. Daniel. Outra columna da mesma força decampou de S. Miguel; e terceira de igual numero avançou pela estrada grande de Montjuich. Nos observamos ao mesmo tempo algumas tropas em movimento nos matos de Palau.—No instante, em que o Governador D. Mariano Alvares foi informado por um

signal da torre da cathedral, e recados verbaes de outras partes, de que o inimigo estava avançando, fez as suas disposiçoens para o receber, com o seu characteristico sangue frio, promptidaõ, e intrepidez. Tocou-se a generala, e ás quatro da tarde tocou o sino a rebate, o General deo as suas ordens em todas as direcçoens; e as tropas procedéram a occupar os seus respectivos postos, com tal alacridade e disciplina, que teria feito impressaõ no mesmo Napoleaõ, se elle o tivesse visto. A brecha e quartel de Alemanes, foram reforçados pela maior parte do regimento de Ultonia, commandado por D. Guilherme Nasch, e uma parte do de Baza, commandado por D. Miguel de Haro: distribuindo ambos elles as suas tropas de maneira que cooperassem alternativamente com a reserva, postada no centro das obras nesta parte; e composta de uma porçaõ do regimento de Bourbon, commandando D. Joze de la Iglesia; 50 homens de cada um dos outros regimentos e a companhia de reserva do General. Na brecha de S. Luzia, estávam postadas as guardas do General, e consistiam de uma parte do regimento de Ultonia, destacamentos dos regimentos de Baza e Bourbon, o segundo batalhaõ de Barcelona, o primeiro de Gerona, o primeiro de Vique, e os outros corpos, tendo a sua reserva postada nas portas de S. Pedro. A brecha de S. Cristovaõ estava occupada por parte do segundo batalhaõ de Vique, e segundo de Talarn, reforçado por destacamentos do segundo de Barcelona, primeiro de Gerona, e companhia de granadeiros de Hiberia, e a companhia ecclesiastica dos cruzados. A porta de Sarracinas estava guardada por um destacamento do primeiro de Talarn, e alguns corpos de reserva, que lhe ficavam contiguos. Uma parte do regimento de Baza, guardava a porta de França, O resto da guarniçaõ com as companhias de regulares, as da Cruzada, e a massa dos habitantes, defendia as muralhas e parapeitos da cidade. A Illustrissima Juncta do

districto congregada no seu acustumado lugar das sessoens, esperava o resultado dos acontecimentos, e dava o adjutorio necessario na sua repartiçaõ. A companhia de S. Barbara, consistia de Senhoras, e fôram ellas distribuidas nos differentes pontos mais convenientes para assistir aos feridos; e se publicou uma proclamaçaõ convidando o auxilio voluntario de todas as outras mulheres, que estivessem resolvidas a ajudallas em seus charitativos trabalhos.

A columua do inimigo que se approximou pelo pé da torre de Gironella, fazendo um deseperado esforço, entre repetidos gritos de *avança*, conseguio montar as extensas brechas de Alemanes, e S. Cristovaõ; e, nos primeiros momentos uns poucos delles penetráram até ás casas contiguas. Neste instante uma partida dos heroes de Ultonia lhes viéram ao encontro, e, com a maior intrepidez se plantáram na brecha, depois de matar o official Francez que por gestos, e gritos instigava as suas tropas á victoria. Um forte destacamento de Bourbon, chegou agora mui opportunamente, e logo depois alguns reforços destacados pelo Governador. Estes corpos unidos, capitaneados por aquelle veterano official D. Braz de Fournas, repulsáram os *invenciveis*, e a maior párte daquelles que havîam penetrado para alem da brecha fôram mortos no mesmo lugar. Outra columna, reforçada pelos Westphalianos, fez segunda tentativa, mas ao momento em que viéram a contacto com os nossos valorosos, que estavam sobre a brecha firmes como uma muralha, foram aterrados como o susto, e os que sobrevivéram ao golpe, se puzéram em fugida. O inimigo avançou terceira, e quarta vez, com um grao de furia, que chegava a frenezi: mas o unico resultado de seus repetidos esforços foi engrandecer a gloria de Gerona. D. Braz de Fournas no seu relatorio ao Governador, esma o numero dos assaltantes a 2.500. O conflicto durou por tudo duas horas. Os officiaes Fran-

cezes e Hespanhoes se attacáram, varias vezes, homem a homem. Muitos Francezes fôram mortos por lhe cahir em cima uma parte da muralha. Dizem que 300 delles, incluindo um coronel, jazem mortos junto as brechas; os que nellas se acharam pertencem ao regimento 55.— Em quanto estes acontecimentos succediam nas brechas de Alemanes, e S. Cristovaõ, a columna que se approximava ao caminho de Montjuich attacou a brecha de S. Luzia, onde D. Rodulpho Márshal commandava. O inimigo, a cuberto de um vivo fogo, tentou duas vezes penetrar, e foi duas vezes repulsado com grande perca. Um coronel, que teve a ardideza de se plantar na brecha, pagou com a vida este crime. D. Rodulfo Marshal foi severamente ferido, repellindo o inimigo. Uma partida de nossas tropas postadas na torre da igreja, ajudou muito aos defensores da brecha, conservando um fogo incessante das frestas, e simalhas.—O forte do calvario foi ao mesmo tempo attacado por uma columna de 200 a 300 homens, que acommettéram o pé das tres brechas, que ali havia; porém encontráram taõ galharda recepçaõ, que instantaneamente fugîram, levando comsigo grande numero de seus feridos; e dixando atraz de si as escadas, e ganchos que traziam para escalar as muralhas.—No emtanto D. Joze Campos, tenente do segundo de Barcelona, sahio pela porta do Soccorro, com uma partida de escaramuçadores, nas obras exteriores, e molestou o inimigo tanto no seu avanço como na sua retirada, traçando com as mais activas, e habeis manobras dar ao inimigo uma magnifica impressaõ da força, que tinha debaixo de seu commando. Matou 30 do inimigo, incluindo um capitaõ, e trouxe comsigo 51 espingardas, 2 escadas, 6 machados, 4 picoens, e um tambor.—Todas as brechas, e os caminhos do Cabido, Calvario, e subida de Monjuich, estávam cubertos de inimigos mortos. Tal era a furia com que os nossos valorosos obrávam, á vista dos vis escravos do Usurpador,



que em algumas occasioens elles naõ paráram para fazer uso dos seus mosquetes. Armáram-se com pedras, que acháram na brecha, e atirávam-nas aos assaltantes. Segundo a informaçaõ dos prisioneiros, desertores, e outras circumstancias a perca do inimigo em mortos somente chegou a 800, incluindo tres coroneis, e grande numero de officiaes inferiores.—O valoroso Governador estava incessantemente occupado, durante o conflicto, em visitar os differentes portos, olhando sempre como scena d'honra o lugar, em que o inimigo parecia fazer mais vigorosos esforços. Quando se vereficou a retirada final do inimigo, foi elle de redor a todos os corpos, e agradeceo aos officiaes e soldados os seus valorosos esforços; assim como tambem s senhoras de S. Barbara, que heroicamente fôram ter a brecha, para ministrar aos feridos, e conduzillos ao hospital.—O inimigo depois do seu primeiro encontro com os nossos soldados, naõ pode ser persuadido a carregar outra vez, senaõ á força de pranchadas que seus officiaes lhe dávam; e todas as vezes que éram repulsados fugîam em desordem, sem distincçaõ de officiaes ou soldados. O Sub tenente D. Antonío Bivern, e o tenente D. Jozé Campos, com uma pequena partida, de nossas tropas, passáram a noite procurando ao pe das muralhas, e nos campos, os inimigos feridos, e levando-os para os hospitaes. Elles acháram um, que tinha sido despido por um miquelete, por julgar que estava morto. O que elle referio foi que se tinha fingido morto, para evitar o ser morto pelos seus compatriotas ou pelos nossos. Diz elle que he muito commum entre os Francezes, despachar assim aquelles dos seus feridos que naõ podem levar comsigo; e os seus officiaes lhes persuadem que os nossos miqueletes paizanos nunca daõ quartel.

Lista geral dos mortos e feridos no dia 19. Mortos: 2 subalternos 3 sargentos 5 cabos 33 soldados; tot. 44

Feridos: O coronel Inglez D. Rodulfo Marshal. D. Ricardo Macartney, Major de Ultonia, que depois morreo de suas feridas: 2 capitaens; 3 subalternos; 12 sargentos; 2 tambores; 30 cabos: 118 soldados; tot. 137.

Extracto da gazeta extraordinaria do Governo, em Sevilha, de 23 Novembro.

Acabam de receber-se dous despachos do General D. Joaõ Carlos de Areizaga, datados de 19 e 20 em Turleque, e Daimiel; ambos chegáram ao mesmo tempo. No primeiro, diz, que havendo o inimigo attacado o nosso exercito, no centro e flancos, em Ocaña, porem fazendo o seu principal esforço contra a nossa direita, em ordem a voltalla, se lhe fez uma obstinada resistencia por tres horas, e entaõ fôram repulsados pela divisaõ do valente brigadeiro Lacy; porém a superioridade da artilheria do inimigo causou uma dispersaõ, que obrigou o nosso exercito a retirar-se a cuberto da nossa vanguarda, e da 6ª divisaõ; que a nossa perca he consideravel, mas que a do inimigo naõ he menor; pois foi elle repulsado varias vezes pela nossa infanteria, e pelo vivo fogo de nossa artilheria.

O segundo despacho he o seguinte.

Excellentissimo Sñr! Cheguei aqui ésta noite, e amanhaã marcharei para Santa Cruz, onde tenho ordenado que se ajunte a infanteria; e a cavalaria deste exercito disperso, se ajunctará em Manzanares, á excepçaõ de uma parte, da segunda divisaõ, debaixo do commando do brigadeiro D. Gaspar Bigodet, em ordem a ameaçar o inimigo (cujos postos avançados chegáram hoje a Madrilegos, e de cujo corpo principal nada sei) naõ lhe permittindo approximar-se á Serra Morena, e preservando os meus fornecimentos de la Mancha. Entaõ, se me for possivel, darei a V. Exª. uma conta da nossa

perca. Posso comtudo, no emtanto, informar a V. Exª. que foi muito consideravel, em bons generaes, e officiaes; o que he a melhor prova de que elles se distinguîram nesta occasiaõ com a maior honra; seguindo o exemplo dos generaes de divisoens, que tem dado provas de sua habilidade, e boas disposiçoens, e de sua characteristica intrepidez. Deus guarde a V. Exª. Quartel General de Daimiel 20 de Novembro de 1809.

(Assignado) JOAÕ CARLOS DE ARRIZAGA.

Inglaterra.

A esquadra de S. M. Britanica empregada no Baltico, debaixo do commando do Vice Almirante Sir James Saumares, e os corsarios pertencentes a ésta repartiçaõ, tem tomado, ou destruido 430 vasos de varias descripçoens, dentro do presente anno, a somma total de suas cargas excede 25.000 tonelladas, e as suas equipagens constavám de 2.300 homens, com 130 peças de varios calibres.—Deste grande total 340 vasos, com 1.909 homens, e 180 peças; incluindo 14 grandes corsarios, e mais de 30 escunas armadas, saõ Dinamarquezes, cujo Governo havia esquipado grande numero de vasos desta ultima classe para supprir a Norwega com trigo, durante a extraordinaria escassez, que lhe occasionou a presente guerra; o que elles éram obrigados a tentar, a todos os riscos. Os outros 90 vasos, com 430 homens e 30 peças, pertenciam á Russia, e fôram capturados no golpho da Filandia, durante a breve estaçaõ do veraõ; neste numero se incluem uma escuna Imperial, 10 barcas canhoneiras, e outros tantos transportes armados, para levarem provimentos ao exercito Russo na Filandia, e Bothnia, alem da perca, que sustivéram, nos severos ataques sobre as flotilhas Russas em Percols; e Aspo, aos

7, e 55 de Julho, no que perdêram em mortos, e feridos 200 homens.

França.

Paris, 4 de Dezembro. Relatorio do Marechal, Duque de Dalmacia, a S. Exª. o Ministro da guerra.

Los Barrios, 19 de Novembro, 1809.

As tropas de S. M. Imperial tem ganhado uma victoria assignalada. A batalha foi pelejada nas vizinhanças de Ocaña, onde os insurgentes haviam ajunctado uma força de 55.000 homens, 7.000 dos quaes éram de cavallo, com um numeroso parque de artilheria. O quarto corpo, juncto com o quinto, debaixo das ordens do Marechal Duque de Treviso, a divisaõ de dragoens, commandada pelo general Milliaud; a divisaõ de Cavallaria ligeira, do general Paris, as Guardas Reaes, e dous batalhoens de tropas Hespanholas, marchâram hontem de Aranjuez, para encontrar o inimigo, o qual, segundo todas as noticias que se recebêram havia tomado posto em Ocaña. Cerca das nove horas ésta manhaã, as nossas guardas avançadas avistáram o exercito inimigo. A's 11 horas começou a acçaõ, e as duas horas estava decidida em nosso favor, os hespanhoes, animados pela sua superioridade em numero, fizéram uma vigorosa resistencia, mas fôram attacados com taõ irresistivel valor pelas nossas tropas, que depressa cedêram, tomou-se-lhes a sua posiçaõ, e elles fôram lançados na maior confusaõ. Toda a sua artilheria, e equipagem de campanha cahio em nossas maõs. Mais de 50 peças de artilheria se recolhêram ja; 15 bandeiras e muitos prisioneiros fôram tomados entre os quaes ha tres generaes, seis coroneis, e 700 officiaes inferiores. O terreno está cuberto de mortos, e de mais de 40.000 espingardas. Os que escapáram fugîram sem armas, e sem saber para ondé se dirigîam.

Esta manhãa El Rey deo o commando da cavallaria ao general Sebastiani; e a admiravel maneira em que elle manobrou, e fez as suas cargas, plenamente justificou a escolha de S. M. O general Milhaud tambem se distinguio muito, e todos os differentes commandantes de cavallaria mostráram a maior intrepidez e valor. O marechal duque de Treviso commandou o 4º., e 5º. corpo. He inteiramente impossivel o comportar-se com maior bizarria, do que elle fez; recebeo uma contuzaõ n'um braço, mas isto o naõ embaraçou de continuar no commando. A nossa perca, na minha estimaçaõ, naõ excede de 400 homens. O marechal duque de Belluno teve ordem esta manhãa de cruzar o Tejo, entre Villamaurique, e Fuente Dueña. Elle deve attacar o inimigo na posiçaõ que tomou juncto a Santa Cruz, e perseguillo em qualquer direcçaõ que elle queira retirar-se. Foi esta manhãa informado, por uma carta de que o inimigo havia concentrado as suas forças juncto a Ocaña, e teve ordem de dirigir a sua marcha para aquelle ponto. Como elle tinha de fazer uma longa marcha naõ pôde chegar a tempo de ter parte na acçaõ; e El Rey naõ recebeo noticias delle todo o dia, pelo que S. M. ignora inteiramente o que o duque de Belluno está obrando. Eu porem, terei de fazer a minha relaçaõ ulterior, logo que for possivel.

Séde servido aprezentar ante S. M. Imperial o meu relatorio, e aceitar as seguranças da minha maior consideraçaõ.

O Marechal Duque de Dalmacia.

Em Madrid se publicou aos 20 de Novembro a seguinte Ordem do dia.

Hontem El Rey ganhou, em Ocaña uma victoria assignalada e decisiva.—Duas horas fôrám bastantes para dispersar o exercito dos insurgentes, os quaes esperávan

fazer em dous dias a sua entrada em Madrid. Fôram inteiramente dispersos ou destruidos.—4000 homens ficáram mortos no Campo de batalha; 20.000 fôram feitos prisioneiros; entre os quaes ha 200 officiaes, 30 ou 40.000 espingardas, 20 estandartes, 30 peças d'artilheria, e uma incrivel quantidade de bagagem. Foi isto o resultado desta esplendida victoria.

AUGUSTO BELLIARD, Governador General.

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

America.

As ultimas noticias recebidas dos Estados Unidos referem, que as negociaçoens entre aquelle paiz e a Inglaterra se acham interrompidas; mas ao mesmo tempo se affirma, que o Governo mostrára simplesmente uma aversaõ a tractar com a pessoa de Mr. Jackson, mas que naõ teria duvida aceitar, e conferir com outro negociador.

Brazil.

Quando contemplamos a excellencia do terreno, que he conhecido por este nome, as suas vantagens phizicas, a sua independente situaçaõ; em fim a multiplicidade de circumstancias favoraveis, que a natureza lhe tem conferido, e ao mesmo tempo observamos a naçaõ, que o habita, privada de tantas vantagens, que deverá gozar, quando se conseguir o fazer cessar os effeitos da ignorancia, os abusos da administraçaõ local, que a natureza do systema antigo favorecia, o que vemos que entra nas boas intençoens do Soberano; quando vemos a dependencia em que aquelle paiz se acha de outras naçoens, que pelo contrario deverîam depender delle; nos sentimos obrigados, por sympathia, quando naõ fosse pelos vinculos que a elle nos ligam a fazer todos os nossos esforços, por apontar osmales que ali se soffrem trabalhar por descubrir-lhes as causas, e indicar-lhes o remedio.

Fallando dos abusos da administraçaõ local naõ queremos só entender por exemplo, o Governador do Para; o General do Maranhaõ; ou o Intendente da policia do Rio de Janeiro; fallamos dos vicios essenciaes da antiga administraçaõ. De nenhum homem publiço do Brasil nos tem chegado á noticia peiores informaçoens do que do Intendente Geral da Policia do Rio de Janeiro Paulo Fernandes; naõ he nada dizer, que elle segue os passos de Manique; demais aquelle éra um

despejado violador das leis, um baixá togado: e este he um homem, que á attrever-se a exercitar o menor dos factos, que se lhe imputam no Brazil, com o povo deste bem aventurado paiz, onde temos a felicidade de viver, ja teria sentido todo o rigor das sabias e bem executadas leis Inglezas.

Mas fazendo, como fazemos este conceito daquelle homem, assim mesmo naõ desejamos, que elle seja tirado do seu lugar como remedio aos males, que se lhe imputam. Quem nos diz a nós que seu successor hade ser menos desejoso de abuzar do poder que tem em sua maõ? O que temos em vista he a abolição daquella monstruosa jurisdicçaõ, que tantos males causou em Portugal; e que por isso mesmo que o Brazil he mais ignorante deve ha produzir ainda mais funestas consequencias.

O poder arbitrario he em si mesmo taõ odioso, por naõ dizer taõ horrivel, que até os mesmos que o exercitam, se naõ atrevem a dizer que he máo o detestallo; porque elles nunca concedem que o exercitam. Pelo contrario a inclinaçaõ a usar de sua vontade, segundo as proprias luzes, he impressa desde o nascimento no fundo do coraçaõ de todos os homens. O homem he taõ essencialmente livre, como he homem; e se a ignorancia pode fazer com que por algum tempo desconheça os meios de defender-se, toca a um Governo sabio prevenir os effeitos da desesperaçaõ.

A lei da policia fez taõ detestavel o Marquez de Pombal, durante o seu ministerio, a outros respeitos util, que o povo quiz antes ser chamado ingrato esquecendo-se dos beneficios, que naquelle ministerio recebêra, do que deixar de lembrar-se da oppressaõ de que aquella lei fôra instrumento. Eu refiro este exemplo taõ proximo para mostrar a differença que ha entre o Ministro honrado, que servindo ao seu Soberano tracta de conservar a liberdade da patria; e o Ministro adulador, que lisongeando a parte fraca de seu amo, estabelece um despotismo de que elle mesmo, e ao mais tardar seus filhos saõ victimas, que ninguem lamenta. Todo o povo se regozijou de ver a Perillo, atormentado no boy de metal, que elle inventára para o tyranno Phalaris queimar os que desejava punir com crueldade.

Os muitos, e mui severos males, que affligem ainda o Brazil, e que atrazaraõ a sua prosperidade por muitos seculos, só poderaõ remediar-se com restituir aos nossos Soberanos o poder reformativo que elles gozávam, convocando os seus povos; so assim se poderaõ colligir informaçoens authenticas de todos os pontos daquelle vasto Imperio, só assim se poderaõ reunir as vontades, e os talentos portuguezes; e sem duvida o Ministro que aconselhar ao Soberano uma tal medida,

[redacted]

França.

Os fatuos Parisianes ficam agóra divertidos com uma festa em honra de Napoleaõ ter voltado á sua capital incluindo esta celebraçaõ o anniversario de sua coroaçaõ, e o restabelecimento da paz com a Austria. O Imperador foi ter á caza da cidade onde se havia preparado o festim, accompanhado dos Seguintes Reys, Wurtemburg, Saxonia, Hollanda, Westphalia, e Napoles; e das Rainhas de Hespanha, Hollanda, Westphalia, e Napoles, &c. &c. Eis aqui a vaidade insolente, que entretem aos vadios Parisienses, e lhes faz esquecer que saõ escravos de um usurpador, que para infamia dessa que pretendem dominar a Europa, nem ao menos he Francez.

O ridiculo destes reys de Napoleaõ nos excitaria a riso, se a sua influencia nas miserias da Europa, naõ fosse um objecto de maziado sério para nos permittir gracejar com elle.

Os 36.000 Conscriptos, que produzio a ultima leva passáram ja para a Hespanha; mas ficaraõ em Victoria até que estejam assas exercitados para fazer numero no exercito.

Hespanha.

Se jamais houve um desastre, que se deva recordar com louvor dos vencidos, he a batalha em que o general Arcizaga ficou derrotado: o destroço da cavallaria Hespanhola fez decidir o dia a favor dos Francezes; mais isto está taõ longe de lhes ser glorioso, que os vencidos tem todo o merecimento. A cavallaria dos hespanhoes he formada de soldados bisonhos, e o que mais he de cavallos naõ exercitados; um cavallo de tropa, dizia o Rey de Prussia, naõ se disciplinava assaz em menos de 7 annos; eis aqui toda a vantagem dos Francezes. Segundo a conta, que estes nos daõ tinham os Hespanhoes 55.000 homens, nesta acçaõ; destes ficaram prisioneiros 20:000 e mortos 4.000; suppondo pois, que os Francezes naõ exaggèram (suppoziçaõ que ninguem me concederia) restam ainda, somente neste exercito da Manoha, 31:000 homens; e he isto um exercito annihilado? Mas os Francezes tinham aqui concentradas todas as suas forças, que segundo elles mesmos naõ passam de 30:000 homens; e he com isto que haõde conquistar toda a Hespanha?

Os Francezes depois da batalha de Rio Seco, de Medellin, de

Saragoça, &c. &c. dêram por aniquilados os exercitos Hespanhoes, que poderam ingloriamente oppôr-lhe em um só ponto 55.000 homens. Poderá alguem negar aos Hespanhoes a gloria de defender Saragoça até a ultima extremidade? Poderá alguem negar a esta nação a constancia, com que tem defendido Gerona?

O nosso temor era, que o povo desgostoso do seu governo, se não quizesse defender; mas o manifesto da Junta de Sevilha, sobre a paz de Austria he tão bem concebido, e tão cheio de patriotismo, que he impossivel o deixar de produzir effeito. Na nossa opinião a resolução Hespanhola ainda não apresentou uma peça igual; e lamentamos que a falta de lugar nos obrigue a differir a sua insersão para o numero seguinte.

He mui natural, que os novos esforços da nação Hespanhola sejam produzidos por essa tal ou qual reforma que ja se fez no governo; porque nomearam um committé para os negocios executivos, de que he cabeça o Arcebispo de Toledo, o qual por sua dignidade facilitou a venda da prata das Igrejas, para remir as necessidades publicas. Fizeram um tractado com os mouros, para se suprirem de Africa com mulas, e gado vacum; e ultimamente parecem sinceros em sua resolução de convocar as cortes.

Hollanda.

Este desgraçado paiz, victima de sua credulidade em acreditar as promessas de reforma dos Francezes, depois de haver perdido a sua liberdade civil, parece que vai agora a ser tambem despojado de sua existencia nacional, e incorporado com a França. Napoleão fallando ao Senado teve o despejo de proferir, que a Hollanda era opprimida de uma parte pela Inglaterra, e de outra pela França. A Inglaterra naõ oppõe a Hollanda antes promove, e tem interesse em promover, o Commercio Hollandez: mas supponhamos que a opprime, naõ tem ella o direito do assim obrar, estando em guerra aberta? Que differença, que o Imperador dos Francezes declare, que a França opprime a Hollanda por uma parte, porque a Inglaterra, a opprime por outra; eis aqui os fructos da amizade dos Francezes.

Inglaterra.

Temos de mencionar aqui a chegada dos restos da expedição de Walcheren, havendo abandonado aquella ilha, demolido as suas fortificaçoens, e destruido o porto. Ja antes sahio das costas da Gran-

Bretanha uma expediçaõ taõ brilhante, que taõ pouco cheirasse a beneficio da naçaõ Ingleza, ou em auxilio das naçoens suas alliadas. A proxima sessaõ do parlamento, que terá lugar a 22 de Janeiro, nos mostrará os documentos officiaes relativos a este singular acontecimento; e entaõ ficaremos em estado de ajuizar de quem teve a culpa, com a ajustesa que convem.

O Embaixador da Persia fez a sua entrada publica, quarta feira 20 de Dezembro, e foi admittido á Audiencia de S. M. Britanica, com todas as formalidades. A alliança entre estas duas naçoens deve ser de summa importancia á Inglaterra; porque assim assegura o seu Imperio no Oriente; e pode frustrar todos os planos de Napoleaõ, relativamente ao commercio da India.

Nos temos de annunciar que em celebraçaõ do dia dos annos de S. M. Fidelissima a Raynha D. Maria I que Deus guarde, deo o Ministro de S. A. R. um jantar publico ao corpo Diplomatico, nobreza, e muitos dos Portuguezes que se acham nesta capital. Depois da meza, na forma do custume deste paiz, propoz o Ministro, como presidente da meza, varios brindes ou saudes, apropriados á occasiaõ, ja a varias pessoas da Familia Real de Portugal, ja a outras da Familia Real de Inglaterra. Copiamos aqui porém em particular um brinde que o dicto Ministro propoz, como o tem referido as gazetas, para inscrirmos a falla que o accompanhou.

Brinde annual.

" Que todos os Portuguezes da Europa, das Ilhas, do Brazil, da Asia, e Africa, nunca percam de vista o nome Augusto da casa de Bragança, que ja foi, e será sempre, o signal para a restauraçaõ da liberdade e independencia de Portugal."

" Este brinde, continuou o Ministro a dizer, que acabamos de dar, foi por nos bebido com enthusiasmo nos tenebrosos dias de 1803—1804—1805—1806, quando apenas se podia adivinhar algum meio de evitar males immensos á nossa Patria, quando nuvens negras appareciam sobre ella, annunciando-lhe um futuro de calamidades, prolongadas e dolorosas; em uma palavra, prognosticando-lhe a quasi certeza da extincçaõ do nome Portuguez, como Monarchia, e como Naçaõ.

Este brinde era, naquelles tempos, a expressaõ prophetica do nosso patriotismo ardente; e o que entaõ éra predicçaõ he, hoje, facto historico.

Naõ pódem ja os Francezes duvidar, que, em todas as partes do globo, que estaõ sugeitas á Dominaçaõ Portugueza, nunca cessará a Casa de Bragança de reynar sobre os coraçoens Portuguezes; e se a Providencia se comprazer outra vez, e em nosso favor confundir os conselhos dos impios e poderosos, talvez a Caza de Bragança poderá pagar as ameaças dos Francezes, do modo que o practicou agora em Cayenna.

Esta mudança feliz de posiçaõ he, pura, e unicamente, o effeito da gloriosa resoluçaõ, que S. A. R. executou a 29 de Novembro de 1807.

Mas naõ he este o unico motivo, que pode excitar hoje a nossa lealdade a beber segunda vez á sua preciosa saude.

A Concentraçaõ do Governo de Portugal em um menor numero de pessoas, que parecia ser o desejo geral dos Póvos, he um novo beneficio que devemos ao Soberano. O Governo de Portugal será por consequencia mais vigoroso, e mostrará mais energia na execuçaõ das Reaes Ordens, e na realizaçaõ dos desejos, que o mesmo Augusto Senhor tem muitas vezes manifestado "que as tropas Portuguezas sêjam mandadas em soccorro dos nossos valorosos vizinhos os Hespanhoes." E se, por uma parte, os nomes dos Membros actuaes, taõ respeitaveis pelas suas virtudes, e pelas suas acçoens, nos daõ a bem fundada esperança, que o Governo terá por si a confiança dos póvos; taõbem S. A. R. assenta sobre uma base immutavel a cooperaçaõ cordeal de todos os nossos meios com os do nosso Poderoso Alliado, prescrevendo, que o Governo de Portugal naõ tomasse resoluçaõ alguma militar, ou de Fazenda, se naõ de accordo com o Marechal General das nossas tropas, que he tambem o Commandante em Chefe do exercito Britanico.

Accresce agora terceiro motivo, que eu tenho a satisfacçaõ de pôder communicar neste dia, consagrado á lealdade, e á respeituosa gratidaõ.

Appareceo o anno passado em Inglaterra um Jornal escripto em Portuguez, cujo Redactor assignalou o principio de sua carreira, pela censura que fez de varias pessoas empregadas no serviço de S. A. R. Eu fui do humero daquelles, que elle tomou para alvo de sua critica.

Poucos mezes depois veio-me aos ouvidos, vagamente, e sem que eu pudesse traçar a origem destes voatos, que ésta obra periodica tinha sido prohibida no Brazil.

Eu julguei entaõ que éra um dever, rigoroso para mim, de representar humildemente, como fiz, ao nosso Augusto Amo; que, visto ser impossivel, por entaõ, publicar cousa alguma, que servisse como de resposta ás objecçoens mal fundadas do Redactor; a prohibiçaõ da sobredicta obra periodica éra uma deshonra para mim; porque naõ faltaria quem dissesse, que eu a havia solicitado; tendo alias razaõ para crêr, que o tempo somente, e subsequentes factos, bastarîam para convencer o publico, e até o mesmo Redactor de quam pouco merecida fôra a sua censura.

A resposta, que recebî do Conde de Linhares, em data de 31 de Julho proximo passado foi ésta.

" Aqui naõ se prohibio o *Correio Braziliense* o que só " se fará *se o seu Author* o escrever de maneira, que pos- " sa excitar sediçoens, ou ser vehiculo de calumnias; o " que elle naõ deve practicar."

Observando constantemente estas duas estréllas (se me he licito a metafora) póde este e qualquer outro author navegar com segurança. e como he presumivel que todo o author, que quizer que a sua obra sêja lida, com interesse, pelos Portuguezes, naõ a ha de escrever contra a Religiaõ de nossos Maiores, contra os bons custumes, ou contra um Principe, que he taõ obedecido como amado dos seus vassallos, temos a perspectiva lisonjeira de nos

ver restituidos á quella decente e favoravel facilidade de communicar os pensamentos, que a cada um occorrem para ultilidade publica, da mesma maneira que nossos antepassados practicávam, sem pertubar a ordem social, e sem faltar ao respeito devido ao Soberano, cuja authoridade nunca foi maior, dentro de Portugal, do que nos tempos em que os seus monarchas éram mais poderosos no exterior—facilidade que de muito tempo a ésta parte tem sido interrompida, com mil obstaculos, que talvez o interesse pessoal persuada como necessarios, encubrindo ao mesmo tempo ao Soberano a consequencia funesta e inevitavel, que elles trazîam com sigo. Porque, fazendo-se difficil e quasi imposivel a publicaçaõ de obras interessantes, e de fonte verdadeiramente Portugueza, vinha a conceder-se de facto o maior premio que éra possivel para promover a liçaõ de livros estrangeiros; e como a lingua Franceza he a mais familiar aos povos Meredionaes, a mocidade Portugueza, que desejava instruir-se, e que se desgostava de vér, que em Portuguez naõ se imprimîam senaõ obras insignificantes, ou más traducçoens, vinha, digo naturalmente a mocidade Portugueza a correr apóz da liçaõ de livros Francezes; o que em todo o tempo serîa um resultado pouco honroso á naçaõ; mas que veio a ser um absurdo manifesto, quando nò principio da Revolucçaõ Franceza se empregou como meio politico, para sustentar a authoridade Real.

Nos sabemos que ja se annuncia ao publico em Lisboa, um novo Jornal em opposiçaõ directa ao que se imprime aqui; e se o novo author se conformar ás regras estabelecidas pela Real sabedoria, naõ ha duvida, que tem a liberdade de publicar as suas ideas, differentes ou conformes as ideas do Edictor de Londres; e que Nós teremos o direito de julgar do merecimento de ambos.

Ouço que ha cartas particulares, em que se referem expressoens, de que se diz que S. A. R. se servîra a este

respeito—expressoens por certo dignas da nobreza de seu Real animo; porém como eu naõ vî essas cartas, naõ posso responder pela sua veracidade. De uma cousa estou eu bem certo e he, que o complexo de todos estes motivos de gratidaõ nacional nos fará beber, com enthusiasmo, um segundo brinde particular ao dia de hoje.

Brinde.

" Goze o Principe Regente N. S. por largos annos de uma prosperidade inalteravel; e que os seus fieis vassallos possaõ gozar de todos os beneficios que a sua alma sublime lhes prepara."

Nós recommendamos a leitura desta bem concebida falla, naõ aos estupidos———para esses saõ escusadas razoens; naõ aos malvados partidistas do despotismo, porque esses so desejam ouvir doutrinas, que pareçam alhanar o caminho ao seu idolo Napolcaõ, Archidespota do Universo; naõ aos defensores da ignorancia; porque esses so louvam (como faz o Author das Reflexoens sobre o Correio Braziliense) a Universidade Imperial de Buonaparte, e todos os outros estabelicimentos que tendem a favorecer as vistas do novo Tamerlaõ. Recommendamos sim, e mui particularmente a leitura desta falla aos amigos da Patria; aos leaes vassallos; aos homens bem intencionados; estes naõ poderaõ deixar de regozijar-se vendo os sentimentos de veneraçaõ ao Soberano, que um Ministro Diplomatico desenvolve com a franqueza que lhe he natural, misturados com as ideas liberaes; com o desejo da instrucçaõ dos seus compatriotas, e com a tolerancia das opinioens dos outros, ainda quando lhe saõ oppostas individualmente.

Muitas cousas temos a notar nesta bem pensada falla, em que o Ministro de S. A. R., de um golpe justificou o seu Soberano contra os rumores que espalhou o partido Francez, para fazer odioso o nome do Principe Regente; pintando-o como perseguidor da literatura; e ao mesmo tempo aquelle Ministro estabeceo o seu proprio character, pela brandura de expressoens com que notou a opposiçaõ que fizemos a algumas de suas medidas; e nos serve de prazer o lembrarmo-nos de que em tudo quanto dissemos, ainda antes de sabermos o que agora se nos patentea, nunca accuzamos a pureza de suas intençoens.

Quanto aos zoilos do Correio Braziliense; aos saletites do partido Francez; aos defensores do systema da ignorancia, extrahimos da quella falla o documento official, que nella se contem, e lhe pomos em letra grossa, para que no caso de serem faltos de vista naõ tenham precizaõ de seus oculos.

NAM SE PROHIBIO O CORREIO BRAZILIENSE O QUE SO SE FARA' SE O SEU AUTHOR O ESCREVER DE MANEIRA, QUE POSSA EXCITAR SEDIÇOENS, OU SER VEHICULO DE CALUMNIAS; O QUE ELLE NAM DEVE PRACTICAR.

Como nós realmente estimamos de coraçaõ os principios da Constituiçaõ Ingleza, aqual suppomos mais analoga á de Portugal do que ordinariamente se pensa, o maior elogio que podemos fazer ao ministro que fez aquella falla he; que, pelo que dice, tem provado assas, que durante a sua residencia em Inglaterra, naõ tem sido um espectador estupido das vantagens que os povos aqui recebem de sua legislaçaõ politica; e que a semente do exemplo achou terreno fertil em que fructificasse. Aqui estiveram outros antes delle que voltaram peiores do que viêram.

Norte da Europa.

As ultimas noticias do Baltico serfam consideradas como de grandissima importancia, em tempos menos ferteis de revoluçoens extraordinarias, agora fôram recebidas e attendidas sómente como objectos de segunda importancia, e a fallar a verdade naõ saõ mais do que consequencias dos arranjamentos universaes, dictados pela insaciavel ambiçaõ, que opprime a Europa. As noticias aque alludimos saõ a paz entre Dinamarca e Suecia, e entre Suecia e França; os termos desta saõ similhantes aos do tractado com a Russia, saõ dictados em ambas as partes pela mesma maõ exterminadora da independencia das naçoens. As restricçoens commerciaes multiplicam-se por todo o Norte, e executam-se com maior rigor do que nunca. O Autocrata da Russia proclamou tambem a sua paz com a Austria, tendo a fraqueza de declarar expressamente, que o fazia em consequencia da paz da França: he até onde pode chegar a condescendencia de um Soberano legitimo, e poderoso; para com o Usurpador manifesto!

Portugal.

Deste paiz temos mui pouco a dizer. Neste numero publicamos o Decreto porque o Principe Regente reduzio a tres o nnmero dos Governadores; e concedeo ao Lord Wellington voto nas sessoens do Governo, que disserem respeito ás cousas da guerra. Nos manifestamos ja a nossa opiniaõ a respeito desta mudança que, quando naõ tivesse outra cousa de boa, tinha o ser agradavel ao povo, e ja isto he grande vantagem.

Nos temos porém de lamentar que, das tropas Portuguezas, nem um sô homem tenha ido para a Hespanha ajudar a causa de seus nobres vizinhos; ou para melhor dizer a sua mesma. Porém como Lord Wellington tem voto na Regencia, sobre estas materias; naõ podemos decidir por agora, quem he o culpado; as batalhas de Portugal devem ser pelejadas na Hespanha; o naõ ter mandado para la as tropas, ou poucas ou muitas, he falta essencialissima; e logo que puder-mos averiguar os authores della de maneira, que naõ tenhamos sobre isso alguma duvida, vingaremos a causa da justiça, apontando ao opprobrio publico, os motivadores de taõ flagrante desmazello. Os nossos leitores podem ficar certos, que nem o respeito que actualmente entretemos pelos actuaes Governadores; nem o luzidio dos galoens de Lord Wellington nos obrigaraõ a suspender a severidade da critica, sobre os authores dos males da pátria. Naõ nos esqueceremos, que escrevemos em Inglaterra; onde, graças á Providencia! mais que as leis ninguem pode.

Suissa.

Ninguem duvidou nunca, que o motivo de Napoleaõ para se intitular Mediador da Suissa, era trazer aquelle paiz a o dominio de seu jugo de ferro; naõ tardou muito que se naõ declarasse. Por noticias de Schaffhausen, de 27 de Novembro se sabe, que a Divisaõ Lagrange tivèra ordens do Imperndor dos Francezes para marchar para aquella Cidade, e districto; e outro corpo de tropas deverá entrár nos Cantoens menores.

Partido Francez no Brazil.

Uma vez que aquellas pessoas, a cujas opinioens politicas somos bppostos, se contentassem em responder aos nossos argumentos, nós tambem nos limitariamos a replicar-lhes còm as nossas razoens boas ou más, e quando nos faltassem éstas, cederiamos, e nos dariamos por vencidos. Mas attacando-se pessoalmente alguns dos individuos, que coopéram para esta obra, devem os nossos opponentes preparar-se para nos ouvir; porque de certo nós havemos desenvolver quem elles saõ, muito pelo mindo.

Nós prevemos bem a objecçaõ que se nos pode fazer de que, se julgamos injustos os attaques pessoaes que se nos fazem; tambem devemos conceder que he injusto attacarmos nós, como temos feito pessoalmente alguns individuos; promettendo ainda mais attacar a outros. Este argumento he na nossa opiniaõ um sophisma; porque as circumstancias saõ mui differentes. O effeito ou influencia, que

pode ter no publico um periodico, cujos authores naõ saõ nelle mencionados, só pode limitar-se á extensaõ que poderem ter os raciocinios nelle inseridos, ou factos ahi referidos. Se esse effeito he máo ou pernicioso uma resposta solida áos argumentos deve produzir o effeito contrario, e corrigir por tanto o pretendido mal. Naõ he porém assim o homem publico; porque do character moral da pessoa; da habilidade do individuo; do seu modo particular de pensar, depende a felicidade ou infelicidade da naçaõ, e como para remover o mal he necesario remover a causa, naõ ha outro meio senaõ apontar os vicios do individuo constituido em dignidade publica, para que ficando conhecido sèja deposto de seu lugar, e dessa maneira possa obter o publico ao menos a esperança de que o cargo será preenchido por pessoa mais capaz: assim tractando de um jornal; cujos redactores naõ publicam nelle o seu nome, o character individual dos escriptores he de todo indifferente, porque os seus raciocinios saõ os que importam; mas este character individual he o objecto primario nos homens publicos; porque as qualidades pessoaes e naõ a authoridade intriseca de seus raciocinios saõ os que influem na prosperidade da naçaõ.

O escrevedor deste partido Francez aqui em Londres he, como temos visto, Jozé Anselmo Correa, e cõmo elle para dar mais pezo e authoridade ás calumnias, que escreveo contra o Correio Brazilicnse, se assignou e contima a assignar com o falso titulo de Encarregado de Negocios na Suecia, viajando por sua saude; he absolutamente necessario, para desfazer o effeito que elle pretendia que tivessem suas accusaçoens, dar a conhecer, que elle naõ he o que diz, e o que a seu respeito se passa aqui em Londres depois que elle chegou de Suecia.

Chegára o Correa a Londres, vindo do Continente, em Março de 1808; e naõ obstante o cuidado que tinham em o sustentar seus dous irmaõs (os legitimos) estes mesmos honrados sugeitos pediram ao Enviado de S. A. R. nesta cidade, que naõ desse ao Corrêa soccorros alguns pecuniarios, porque elles sabiam a má applicaçaõ que delles fazia: ao mesmo tempo que o dicto ministro cuidava aqui de todos os Portuguezes, aquem a invasaõ Franceza obrigou a refugiar-se em Inglaterra. Formalizáva-se entaõ aqui a legiaõ Lusitana; e nella se offereceo a Correa um lugar de official; pois estando elle aqui vadio nada lhe convinha mais do que ir deffender a patria a tempo que ella taõ necessitada estava. Cuidaria alguem que o Correa aproveitando-se deste offericimento do Ministro de S. A. iria para Portugal exercitar uma proffissaõ, em que ja tinha servido; mas naõ; deixou-se aqui ficar no quartel da saude e entrou a fazer

requirimentos para que lhe continuassem os soccorros que se davam aos refugiados. Seus irmaõs, talvez porque se envergonhassem de o ter aopé de si; fizéram com que se propuzesse a Correa ir para Portugal, Madeira, Brazil, ou Suecia; e que se lhe desse uma mezada em qualquer destas partes, e mais se lhe promettêo pagar-lhe as dividas que havia contrahido; porem naõ se fiando elles na palavra do Sñr. Corrêa o obrigáram a assignar um papel de condiçoens, que elle effectivamente assignou em 25 de Janeiro de 1809; e como aqui se lhe deixava a seu arbitrio o ir para Gothemburgo, Brasil, ou Madeira escolheo elle ir para Suecia. Logo que deo á vella no paquette, se lhe pagaram aqui suas dividas, que chegaram a £189-5-8; e elle quando soube, que tudo estava pago, naõ obstante ter subscripto o seu nome solemnemente naquelle papel, perante o mesmo ministro de S. A. R. volta a Londres, e começa a requerer de novo que lhe dessem os soccorros, que se franqueávam aos que aqui se refugiavam de Portugal, e entra a escrever cartas, que mostrava pelas ruas, e dizia as tinha enviado ao ministro de seu Soberano, cartas em que a insolencia éra igual ao despejo; Seguio-se de tudo isto, o ficar no total desampro de seus irmaõs; e no justissimo desprezo do mesmo Ministro Portuguez, que até nos consta, que o naõ admitte á sua presença.

Mais uma anecdota. Estando elle em Suecia remetteo por via de Londres um officio ao Ministro, entaõ dos negocios estrangeiros, Araujo; em que participava com grande emphasis, e pedanteria historica, certo corte de madeiras em Suecia, que segundo a sua imaginaçaõ esquentada tinha por fim a construcçaõ de immensos vasos, que em combinaçaõ com outros da Russia, se destinavam á conquista do Brazil. E depois de dar por certa ésta expediçaõ acaba a sua importante descuberta recommendando que se admitta na màrinha de guerra Portugueza ao Almirante Sueco Baraõ Steading. He quasi desnecessario o dizer que éste officio foi olhado com todo o desprezo, que merecia a extravagancia com que tal projecto fôra concebido.

Ora eis aqui o Correa, que naõ quiz ir brigar com o inimigo em Portugal, e pretende ser agora o defensor do Principe Regente, que chama seu amo; para com esta mascara defender o partido Francez no Brazil, e calumniar o Correio Braziliense, que o exposem em suas justas Cores. A mentira descarada, que espalharam os partidistas Francezes, e que o seu humilde servidor Correa asseverou de que o Correio Braziliense fôra prohibido no Brazil; ja foi por nós refutada

no N$_o$. passado; mas quem naõ tem vergonha naõ lhe importa ser desmentido. Como sustentará elle a sua mentira, contra a prova authentica que lhe damos a p 661? Da exactidaõ das noticias particulares, que nos recebemos sobre isto naõ temos a menor duvida; porém o Correa, ou o seu partido Francez, podiam affectar que duvidávam dellas; mas como duvidaraõ agora de uma asserçaõ officialmente communicada ao Ministro? Nos sabemos como elles se haõ de portar; naõ fallam mais nisto, e passam a inventar outra mentira.

Naõ obstante isto temos de observar, que nesta historia succinta do Correa naõ referimos a sua escandalosa conducta em Suecia; por mera Commiseraçaõ: porque destes factos assim como do acima exposto conservamos em nossa maõ as provas documentadas.

INDEX

DO TERCEIRO VOLUME.

N.º I.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

DECRETO dos Governadores do Reyno, impondo uma contribuiçaõ para as despezas da guerra ..... p. 1
Mappa da distribuiçaõ da dicta 8
Ratificaçaõ condicional do Capitaõ General do Pará, á capitulaçaõ de Cayenna 9

Documentos officiaes relativos á Hespanha.

Carta do Auditor do Conselho de Navarra 12
Formula da participaçaõ da inauguraçaõ da Suprema Juncta Central, dirigida aos Presidentes dos Tribunaes 15
Decreto da Juncta Central sobre a distribuiçaõ dos empregos publicos, e abusos do Governo antigo 16
Decreto da mesma dirigido a todos os Conselhos 17
Austria. Manifesto da Corte de Vienna em 1809. Continuado de p. 55' Vol. II. 22
Suecia. Communicaçaõ official entre os Ministros Sueco e Russiano 40
Proclamaçaõ do novo Rey de Suecia 41
Roma. Decreto de Napoleaõ extinguindo as temporalidades do Papa 43
Proclamaçaõ da Consulta estabelecida para o governo de Roma 44
Turquia. Firman do Gram Senhor dirigido ao Bacha de Romelia 45

COMMERCIO E ARTES.

Ukase do Imperador de Russia 46
França. Decreto sobre o commercio com a Hollanda 48

Hollanda. Decreto sobre o commercio, datado de 30 de Junho p. 94
Outro Decreto da mesma data 48

LITERATURA E SCIENCIAS.

Analize do folheto impresso no Rio de Janeiro, sobre o Commercio franco do Brazil, continuada de p. 477. Vol. II. 49

MISCELLANEA.

Buletins Austriacos 56
Relaçaõ da batalha de Aspern 59

Continuaçaõ da serie de buletins Francezes.

Buletim 9 80
Proclamaçaõ do Conde de Wallis aos habitantes de Bohemia 83
Carta do Conde de Goess, ao Conde de Zichi 85
Carta do Archiduque Joaõ ao commandante dos postos avançados Francezes 88
Proclamaçaõ do Archiduque Joaõ 88
Acontecimentos militares em Warsovia 90
Carta do Archiduque Fernando ao Principe Poniatowski 91
Proclamaçaõ do Archiduque Fernando 92
Convençaõ para a evacuaçaõ de Warsovia 93
Buletim 10 94
Hespanha. Decreto para o chamamento de Cortes 100
Reflexoens sobre as novidades deste mez. 102
Alemanha e França 102
Hespanha 103
Inglaterra 104
Brazil 104
Portugal 105
Rio da prata 108

N20. 15.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

Diario das operaçoens militares do gen. Silveira 109

Documentos officiaes da Hespanha.

Proclamaçaõ da Juncta Central, publicada em Santa Maria e Cadiz ..... p. 121
Memorial do Corregedor de Madrid aprezentado ao Imperador dos Francezes 122
Resposta do Imperador ao dicto 123
Falla de Joseph Napoleaõ, como Rey da Hespanha, entrando em Madrid 126
Carta circular aos Bispos 127
Decreto da Juncta Central por occasiaõ da tomada de Saragoça 128
Decreto da mesma para solemnizar os martyres de 2 de Mayo 130
Decreto sobre os partidistas dos Francezes 132
Proclamaçaõ do Marquez de la Romana 132
Inglaterra. Despachos officiaes relativos á expediçaõ contra os paizes baixos 134
Capitulaçaõ de Midleburg 138
Capitulaçaõ da Fortaleza de Veer 139

LITERATURA E SCIENCIAS.

Analize de folheto intitulado os pedreiros livres, &c. 141
Analize do folheto intitulado Desengano proveitoso, &c. .. 149

COMMERCIO E ARTES.

França. Decizaõ Imperial sobre o commercio 173
Hollanda. Carta sobre as suas relaçoens commerciaes 174
America. Medida do Congreso sobre o Commercio 174

MISCELLANEA.

Parállelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza.

N. 1. Introducçaõ 175

Continuaçaõ da serie de buletins Francezes.

Buletim 11 182
Combate de Ursar 183
Exercito da Italia 184
Buletim 12 185
Carta do Archiduque Joaõ ao duque de Ragusa 187
Relaçaõ official dos operaçoens da divisaõ de Wrede no Tyrol 188
Buletim 13 192

Operaçoens do exercito da Italia ..... p. 196
Buletim 14 199
——— 15 201
Hespanha. Officio do gen. Venegas 202
Officio do gen. Blake, attaque de Belchite 204
Inglaterra. Expediçaõ Ingleza no Scheldt 207
Capitulaçaõ de Flushing 213
Exercito Inglez na Hespanha, officios do gen. Wellesley 216

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

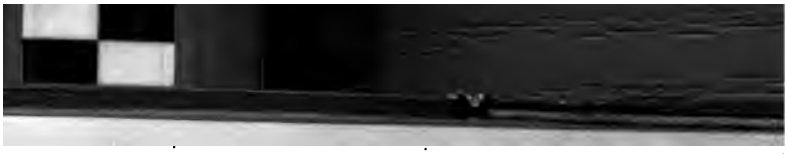
Alemanha 226
França 227
Hespanha 230
Inglaterra 231
Portugal 232
Roma 235
Brazil 235
Correspondencia 236

No. 16.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

Carta Regia, dirigida do Rio de Janeiro ao Juiz Procurador e Vereadores de Villa nova de mil Fontes 237
Hespanha. Qrdem do dia em Madrid 238
Gazeta official de Madrid, noticias sobre os procedimentos do exercito Francez 239
Proclamaçaõ d'El Rey 240
Noticias do exercito pelo Governor de Madrid 241
Decreto da Juncta Central 242
Carta official do exercito da Estremadura 244
Officio segundo do gen. Cuesta 245
Carta de D. Francisco Venegas ao Ministro da guerra .. 247
Carta do governador de Gerona á Suprema Juncta Central 248
França. Carta do gen. Fauconel ao Ministro da guerra sobre a invasaõ da Hollanda 250
Carta do Ministro da guerra ao Imperador 251



Carta do gen. Chamberlou ao Ministro da guerra, datada de Antuerpia ..... p. 251
Relatorio do Ministro da guerra ao Imperador. 251
Inglaterra. Expediçaõ aos paizes baixos 258
Carta do gen. Wellesley ao Secretario de guerra. 259
Extractos de outras cartas do mesmo 261
Carta do mesmo 262
Outra carta do mesmo 264
Outro officio do mesmo 266
America. Proclamaçaõ do Presidente dos Estados Unidos 266

LITERATURA E SCIENCIAS.

Analize do folheto intitulado os podreiros livres &c. continuada de p. 149 269
Historia Geographica, Natural e Civil do Chili por D. Ignacio Molina 276

COMMERCIO E ARTES.

America. Carta circular do Secretario do thesouro aos Collectores das alfandegas 299
Dinamarca. Ordem sobre os vasos neutraes 309
Hollanda. Suspençaõ do embargo 302

MISCELLANEA.

Parrallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza N. 2. Legalidade do estabelicimento do governo de D. Affonso Henriques, e de Guilherme o Conquistador 303

Continuaçaõ da serie de buletins Francezes.

Buletim 16 311
——— 17 312
Carta do duque de Ragusa 313
Outra do mesmo 314
Buletim 18 318
Occurrencias em Polonia 318
Proclamaçaõ do Principe Galitzin, entrando com os Russos na Gallicia 319
Buletim 19 320
——— 20 322

Buletim 21 ..... p. 323
22 326
23 327
Alemanha. Despedida do Archiduque Carlos deixando o commando de exercito 329
França. Carta do gen. Wellesley ao Marechal Mortier 329
Resposta a dicta carta 330
Decreto de Napoleaõ para erigir um obelisco em Paris 331
Hollanda. Relaçaõ official do exercito 331
Segunda relaçaõ official 332
Inglaterra. Conta estatistica da Gram Bretanha 334

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

Norte da Europa 335
Negocios da Peninsula 336
Inglaterra 337
Portugal 338
America Meredional 338
Estados Unidos 339
Brazil 339
Edictal prohibindo a propagaçaõ de noticias impressas, e livros 340
Resposta ao attaque feito ao Correio Braziliense, pela Abelha do meio dia 343

No. 17.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

Documentos para servirem de complemento á historia da expulsaõ dos Francezes de Portugal.
1°. Officio do Marechal Beresford 345
2°. Officio do Do. 346
3°. Do. do Do. 347
4°. Do. do Do. 349
Hespanha. Officio do Marquez de Romana 350
Proclamaçaõ do Do. 351
Conta official da batalha de Talavera pelo gen. Cuesta 353
Decreto para a aboliçaõ das alcabalas, &c. 361

America. Proclamaçaõ do Governador de Buenos Aires ... P. 362
Austria. Ordem do dia, pelo Imperador Francisco 366
França. Carta de S. M. o Imperador e Rey 366
Proclamaçaõ, pelo Principe de Neufchatel 368
Inglaterra. Estado da Frota Britanica 368

COMMERCIO E ARTES.

Suecia. Circular sobre a Communicaçaõ entre a Suecia e Pomerania 368
America. Carta Official sobre Tangere 369
Hollanda. Decreto sobre os productos coloniaes 370

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Ingleza N. 3°. Forma do Governo em Portugal e em Inglaterra 371

Continuaçaõ da serie de buletims Francezes.

Buletim 23 continuado 338
——— 24 386
——— 25 388
——— 26 398
Buletims do exercito da Hespanha 400
Buletim 27 403
Suspensaõ d'armas entre França e Austria 404
Buletim 28 405
——— 29 407
——— 30 408
França Carta de Champagny ao Ministro da America 409
Hespanha. Parte do gen. D. Joaquim Blake 412
Intimaçaõ do gen. Francez á Praça de Mequinenza 413
Resposta do Commandante da Praça 413
Intimaçaõ do gen. Francez á praça de Gerona 413
Resposta do Commandante da praça 414
Officio do gen. Vanegas 414
Carta Official, sobre a captura de Haro 420
Despachos do Marquez de Atalayuelas 420
Despacho da Juncta de Placencia 422
Napoles. Decreto para abolir certas ordens religiosas 424
Russia. Carta do Imperador ao governador de Livonia 424

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

America Hespanhola ..... p. 425
Austria 426
França 426
Hespanha 428
Inglaterra 428
Pastoral do Bispo Catholico de Londres 432
Portugal 433
Brazil 433

N20. 18.

POLITICA.

Collecçaõ de documentos officiaes relativos a Portugal.

Decreto do Principe Regente premiando a villa do Olhaõ 437
Ordem ao exercito pelo Marechal Beresford 438
Edictal do general Trant, governador da Cidade do Porto 440
Aviso ao Reitor da Universidade para abrir os estudos 441
Hespanha Carta da Juncta Central: Juncta da Catalunha 442
Regulamentos sobre as desercoens pelo general Eguia 443
Proclamaçaõ aos Povos da Galiza pelo Secretario da Juncta Central 445
Representaçoens do Conselho de Castella á Juncta 449
Officios do general Blake 455
Officio de D. Joaõ Claros ao gen. Blake 459
Hespanha pelos Francezes. Decretos de José Buonaparte 461
França. Secçaõ do Senado Conservador 463
Relatorio a S. M. o Imperador pelo Conde Hunebourg 464
Exposiçaõ dos motivos de Senatus consulto para a conscripçaõ de 36.000 homens 470
Relatorio feito ao Senado pelo Conde Lacepede 464
Procedimentos da Prefectura do Sena, sobre a Conscripçaõ .. 479
Tractado de paz entre França e Austria 482
Confederaçaõ do Rheno. Edicto do Principe Pimaz 490
Cartas apostolicas em forma de breve excommungando ao Imperador Napoleaõ 492

COMMERCIO, E ARTES.

Decreto do Principe Regente sobre o negocio entre Portugal e o Brazil ..... p. 519
Artigos de acordo entre o commandante Inglez nas ilhas da America, e o governador Hespanhol de S. Domingos 519
Preços correntes em Londres, a 15 de Novembro 521
Observaçoens sobre os generos acima 522
Sugestoens para os negocianies do Brasil 524

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Portugueza com a Inglesa N. 4. Das prerogativas d'El Rey, e poder da Coroa 528
Situaçaõ do Tyrol durante esta guerra 537
Abstracto da nova Constituiçaõ de Suecia 546
Noticias deste mez.
Hespanha por Fernando VII. Batalha de Tamames 550
Hespanha pelos Francezes. Decreto de Jozé Buonaparte sobre a Collaçaõ dos beneficios ecclesiasticos 552
França. Decreto de convocaçaõ do Corpo Legislativo 553
Inglaterra. Relaçoens com os Estados Unidos 554
Reflexoens sobre as novidades deste mez.
Allemanha 554
Austria 556
Confederaçaõ do Rheno 556
Dinamarca 557
França 557
Hespanha 558
Inglaterra 559
Portugal 560
Suecia 563
Italia 564
Correspondencia Carta ao Editor 565
Resposta 565
Addictamento; sobre uma carta publicada contra o Editor por um fulano Correa 565

No. 19.

POLITICA.

Documentos officiaes relativos a Portugal.

Carta de S. A. R. O Principe Regente aos Governadores do Reyno, diminuindo o seu numero ..... p. 569
Decreto dos Governadores do Reyno sobre os pagamentos do Erario 571
Edictal sobre as contribuiçoens de guerra 573
Hespanha. Decreto de declaraçaõ de guerra á Dinamarca 573
Officio do Arcebispo de Mexico 577
Proclamaçaõ da Junta para chamamento de Cortes 578
Russia. Tractado de paz com a Suecia 587
França. Falla do Imperador ao Corpo Legislativo 595
Inglaterra. Despachos do Almirante Collingwood 598
Praga. Ordem geral do Imperador Francisco 605

COMMERCIO.

Dinamarca. Regulamentos do Consulado Francez 606
Hamburgo. Decreto Imperial 607

LITERATURA E SCIENCIAS.

Exame das—Reflexoens sobre o Correio Brazilicnse—obra impressa em Lisboa 608

MISCELLANEA.

Parallelo da Constituiçaõ Ingleza com a Portugueza N. 5º 621
Comparaçaõ das Cortes em Portugal com o Parlamento em Inglaterra 621

Novidades deste mez.

Ilhas do mar Ionico 635
Proclamaçaõ de Bessieres 635
Tomada de Zante pelos Inglezes 637
Hespanha. Despachos do gen. Blake 639

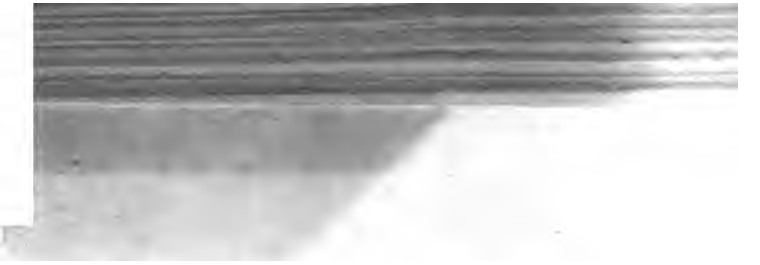
Despachos do Gen. do exercito da Mancha 640
Abstracto da relaçaõ sobre o cerco de Gerona 643
Extracto da gazeta de Sevilha, derrota de Ansiaga ..... p. 649
França. Noticias do exercito na Hespanha 650
Ordem do dia em Madrid 651

Reflexoens sobre as novidades deste mez.

America 652
Brazil 652
França 653
Hespanha 653
Hollanda 655
Inglaterra 655
Falla do Ministro Portuguez na funçaõ dos annos da Raynha de Portugal 656
Norte da Europa 661
Portugal 661
Suissa 662
Partido Francez no Brazil 662

FIM DO TOM III.

Impresso por W. LEWIS, Paternoster Row, Londres.



Stanford University Libraries
3 6105 124 439 410

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due